

Kyara Morkigan

EA

GUERRA DE SHADOWFALLS



JULIANA CHERNI



Kyara Morkigan

CA

GUERRA DE SHADOWFALLS



JULIANA CHERNI

JULIANA CHERNI

Kyara Morrigan
CA
GUERRA DE
SHADOWFALLS

1ª edição

Florianópolis - SC
Juliana Guimarães Cherni
2018

Copyright © 2018 Juliana Cherni

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra em formato digital pode ser apropriada, reproduzida ou transmitida por nenhum meio sem a prévia autorização por escrito. Qualquer duplicação ou exploração não autorizada constitui violação de copyright e estará sujeita a penalidades.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) **(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C521kc

Cherni, Juliana.

Kyara Morrigan e a guerra de Shadowfalls [recurso eletrônico] / Juliana Cherni; ilustrações Leandro Oliveira. – Florianópolis (SC): Ed. do Autor, 2018.

Formato: ePUB

Requisitos de sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-924858-1-8

1. Ficção brasileira. 2. Literatura brasileira – Romance. I. Oliveira, Leandro. II. Título.

CDD B869.3

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Copyright Ilustrações © 2018 **Leandro Oliveira**

CAPA, PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO - **Leandro Oliveira**

REVISÃO - **Andréa Tostes Rabello Freitas**



www.facebook.com/julianagcherni/



www.instagram.com/julianagcherni/

Ao meu pai, Sergio Cherni, que olha por mim lá de cima. À minha mãe, Angela Martins, e à minha irmã, Maria Pia Cherni, que, desde cedo, incentivaram-me a ler. Ao meu marido e companheiro de todas as horas, Leandro Oliveira, que muito me apoiou e, pacientemente, ouviu-me ler mil vezes o mesmo parágrafo. Ao meu filho, Arthur, que me ensinou a ver o mundo com outros olhos. Aos meus amigos que sempre acompanharam de perto a minha louca trajetória. E, claro, a vocês, meus leitores, pois, sem vocês, o meu trabalho não faria sentido.





O sol finalmente se pôs em Ardhem, e a linda noite cobria a aldeia com o seu véu negro. Da janela do meu quarto, o mar se iluminava pela luz prateada da lua cheia, e eu suspirava com a linda visão que ele me presenteava noite e dia. A cama não era confortável, mas era minha, e nada tinha no quarto além dela e o pouco espaço até a porta. O fino cobertor quase não me protegia das noites frias, mas, ao olhar para a casa dos escravos, eu agradecia o pouco que tinha.

De todos os inúmeros territórios de Valdällen, poucos se localizavam entre a floresta e o mar mais lindo de todo o continente, onde os raios solares refletiam como pequenos fragmentos de cristais ao beijarem a sua água. Perfeito para nadar, pescar e realizar pequenos passeios de barco no fim da tarde; ou pelo menos era assim que gostaríamos de desfrutá-lo, se não fosse pelas sereias que atacavam impiedosamente qualquer um que ousasse se aventurar em suas águas.

Por conta disso, o lindo mar passou a ser considerado por todos como sombrio. Mas, para mim, esse fato o tornava ainda mais fascinante. Assim como todos, eu as temia, mas, ao mesmo tempo, sentia uma estranha ligação. Só havia uma que assombrava os meus piores pesadelos, a única que seria a minha pior punição caso os Deuses me castigassem. Contudo, mesmo assim, na quietude do meu quarto escuro, eu a observava com uma estranha admiração.

Era comum ela aparecer nas noites de lua cheia, e eu sempre a via a distância, sentada na mesma rocha. Todos a conheciam como Maleena, a sombra das águas. Ela era a sereia mais diferente que eu já vi... Era solitária e não cantava para hipnotizar as suas presas; aliás, acho que nunca a ouvimos cantar. Dizem que ela é inteligente, ágil, estrategista e forte, matando suas vítimas em segundos, bem mais rápido do que qualquer outra sereia.

Talvez por isso, há quem diga que, cansada de ser somente uma sombra, deixou o corpo da sua dona e, com o tempo, sofreu uma mutação. Para mim, ela é apenas uma espécie única, talvez a última delas. A sua forma permite se camuflar nas sombras das rochas e dos cascos de navios que navegavam outros mares, facilitando o ataque surpresa. Os seus olhos são de um verde vivo tão fascinante que há quem duvide de que ela não os use para hipnotizar. É sempre vista nos rondando na esperança de nos atacar. De todas, é a que mais se aproxima, sem medo das flechas de nossos arqueiros, que nunca conseguiram acertá-la. As outras casas com vista para o mar agora se encontravam de janelas fechadas, evitando olhá-la, pois, mesmo

de longe, um simples olhar já bastava para intimidar mesmo o mais forte dos guerreiros. Já eu, mesmo com medo, perguntava-me se ela um dia notou a única janela aberta, levemente iluminada pelo toco de uma vela. Como seria ver a aldeia de lá?

Nós nos dividimos em quatro grupos: os sábios, guerreiros, cidadãos livres e escravos. Os sábios são anciões com cabeças raspadas, cobertas por tatuagens e barbas brancas, que às vezes preveem o futuro, mas só enxergam até onde os Deuses permitem. Considerados os mais importantes e respeitados do meu povo, tinham direito às melhores casas, como as feitas de pedra que aguentavam mais a ira de Airya, nossa Deusa dos ventos.

Eles também selecionavam as crianças e as classificavam por seu porte e tamanho, decidindo o seu destino. Os maiores e mais fortes para sua idade se tornariam guerreiros e começariam o seu treinamento desde cedo. Homens e mulheres que lutavam para defender ou conquistar territórios, não criavam animais, pois gostavam de caçar a sua própria comida, e, como os sábios, também possuíam as melhores casas.

Os cidadãos livres eram aqueles a que lhes foram atribuídas habilidades específicas, como artesãos, agricultores, etc. Realizavam serviços dentro da aldeia, criavam os seus animais, juntando-se aos guerreiros quando necessário. Tinham direito às casas de madeira que não eram as melhores, mas ainda assim eram boas.

Por último, havia aqueles que os sábios não previam habilidade alguma, sendo rejeitados e rebaixados a escravos. Não possuíam bens nem direito a nada, a não ser servir famílias específicas. Não tinham casas e moravam em um enorme galpão feito de madeira bem gasta.

Apesar das diferenças, o desprezo e ódio pelas aldeias vizinhas eram comuns. Eu lamentava, principalmente porque havia um povo específico que eu adoraria poder conhecer melhor...

Os anciões os chamam de elfos. Não são humanos e já nascem com poder de cura, mas, há anos, desde que o meu povo e eles se tornaram rivais, deixaram de usar os seus poderes para nos ajudar. Os elfos se sentiam na obrigação de usar os seus dons para combater o estrago causado pelos humanos, que, sabendo dos poderes dos elfos, aproveitavam para desmatar mais do que o necessário.

Os cidadãos livres que moravam em casas de madeiras derrubaram todos os carvalhos para construir as suas casas, uma vez que a sua madeira era mais resistente. Enquanto os elfos choravam as mortes das dríades que morriam com eles, os humanos não demonstravam nenhum tipo de compaixão, as vendo apenas como um empecilho para que pudessem dar casas melhores às suas famílias. Então os carvalhos, que antes eram inúmeros, agora inexistiam, motivo mais do que suficiente para que os elfos dessem um basta em nos ajudar. Os humanos passaram

a odiá-los, mas foram obrigados a engolir sua arrogância e forçados a diminuir a quantidade de recursos que retiravam da floresta, porque, por mais que fossem excelentes guerreiros, ninguém era tolo o suficiente para enfrentar um elfo. Eles eram mais numerosos, viviam por muito mais anos, possuíam armaduras mais resistentes e técnicas de luta bem mais avançadas. Talvez por isso os humanos os odiassem ainda mais.

Um dia, essa rivalidade foi posta à prova quando um elfo se deparou com uma das melhores guerreiras da minha aldeia pela primeira vez em territórios afastados para a caça. O seu nome era Alda Morrigan, possuía cabelos negros ondulados e um par de olhos azuis tão lindos que, segundo Grand, um dos sábios e aquele que eu tinha como meu pai, deixariam um céu azul em dia de sol com inveja. Nenhum aldeão, seja da minha aldeia ou de outra, conseguia ignorar a sua beleza, nem mesmo certo elfo chamado Ranfel Woodgreen, ou pelo menos é assim que Grand se lembrava do seu nome. Alda já o havia notado, e, ao contrário, recusava-se a demonstrar qualquer tipo de sentimento, a não ser indiferença. No entanto, Grand sentia a sua luta interna em ignorar os seus cabelos prateados e olhos cor de mel.

Então o inevitável aconteceu, surgindo o único romance entre um elfo e uma humana. Conseguiram manter o seu relacionamento em segredo até Alda engravidar. Quando a sua barriga começou a crescer, todos da aldeia perguntaram quem era o pai. Foi difícil para ela esconder toda a verdade, pois Alda jamais havia dado qualquer chance de aproximação íntima com os aldeões. Como nenhum veio a ter relações com ela, perceberam que se tratava de alguém de fora. Esse dia foi marcado como um dos mais revoltantes na aldeia, pois não conseguiram aceitar que alguém tão importante como Alda os tivesse rejeitado dessa forma e sequer desconfiavam de um elfo! Quiseram castigá-la, arrancando o bebê da sua barriga para pendurar como alerta a qualquer mulher que ousasse se relacionar ou procriar com outros de aldeias diferentes; só não o fizeram porque os sábios não permitiram.

Já haviam previsto o amor entre ela e um elfo, mas nada puderam fazer, pois acreditavam que não se deve interferir no destino. Por ela ser uma das melhores guerreiras, a pouparam, não só guardando o seu segredo mas a deixando em segurança para ter a criança. No entanto, o seu castigo foi tirar o que ela mais amava, que era a caça e a guerra. Virou escrava dos sábios, sem direito algum de sair da aldeia para encontrar com o elfo novamente. A criança também serviria de escrava, independente de possuir algum dom de luta ou profissão. Grand me contou que, nas suas visões, Ranfel quis ir à procura de Alda após dias do seu desaparecimento, mas Báhlgor o impediu.

Báhlgor era o Deus da floresta, cultuado pelos elfos. A sua forma mais comum era a de um cervo branco, mas poderia assumir a forma que quisesse. Assim como os elfos, não gostava dos humanos, portanto, não aparecia para eles. Os humanos,

por sua vez, já tinham ouvido falar dele, mas, por ser um Deus dos elfos, não acreditavam na sua existência.

Apesar de a criança de Alda ser metade elfo, Báhlgor se recusou a perdoar Ranfel. O seu castigo seria jamais conhecer essa criança, pois Báhlgor o proibira de ir novamente ao encontro de Alda. Inconformado, mas sem poder ir contra as ordens do seu Deus, Ranfel não teve escolha a não ser tentar esquecê-las. Grand dizia sentir a frustração de Báhlgor por não conseguir ignorar o fato de a criança ser metade elfo e a preocupação com a sua cruel sentença entre os humanos, prometendo, para si mesmo, que a protegeria.

Os olhos de Grand ainda se enchem de lágrimas ao lembrar que, meses depois, Alda morreu ao dar à luz uma menina com cabelos prateados como o pai e os olhos azuis da mãe. As suas orelhas tinham pontas finas e longas como as dos elfos (não tão evidentes – porém seriam facilmente notadas pelos humanos).

A menina cresceu como uma das escravas dos sábios, escondendo as suas orelhas, prendendo os cabelos para baixo e usando um gorro, feito pela própria mãe, para não ser notada.

O meu nome é Kyara Morrigan e eu sou essa menina, mistura entre duas espécies diferentes que tiveram uma história de amor que me fez alvo de ódio no local em que nasci. Felizmente, não herdei a longevidade do meu pai, pois não gostaria de ter uma existência longa vivendo da forma que eu vivo. Quanto a Báhlgor, não sei se posso dizer que creio na sua existência, pois nunca o vi ou sequer senti a sua presença. Talvez, assim como meu pai, ele tenha me esquecido...



Capítulo 01

– Acordem!!! Venham ver!!!

Gritaram, acordando o resto da aldeia, e, com certeza, não era para comemorar o meu décimo oitavo aniversário (Grand me lembrara desse fato há alguns dias). Eram gritos e barulhos do alvoroço que as pessoas faziam ao correr, e, mesmo sem saber o que era, percebi que não teria tempo de me vestir. Ainda descalça, saí com a minha camisola bege e desbotada, enquanto botava o meu gorro marrom nos cabelos soltos e despenteados. Chovia forte, os meus pés afundavam levemente na terra molhada e fria, exalando um cheiro que eu adorava. Mas nem pude desfrutá-lo devido à pressa que eu e os outros escravos tínhamos em chegar à casa dos sábios.

Alguns escravos passavam por mim com recipientes diversos nas mãos, enquanto outros, assim como eu, iam de mãos vazias sem saber o que estava acontecendo. Como de costume, eu recebia olhares hostis, mesmo daqueles que pertenciam à mesma classe que eu.

A única diferença entre nós era que eu tinha uma cama, mesmo não sendo muito confortável, para dormir à noite e uma proteção extra de Grand. Mas, em termos de trabalho, éramos todos iguais. O meu quarto foi construído quando a minha mãe virou escrava, pois, como último desejo, apenas concedido por ela ter sido uma grande guerreira, ela pediu para ter o seu espaço, que acabou passando para mim. Já quis desistir do meu quarto, dormindo na casa dos escravos, mas o problema ia além disso. Eu era filha de um cidadão de outra aldeia, e dormir no mesmo espaço que eles tornaria a situação ainda pior. Ninguém me quis por lá nem para dormir, portanto, não tive outra opção a não ser manter o meu quarto, onde me isolo no meu silêncio e no meu mundo particular.

Eu e os outros escravos chegamos à entrada da casa dos sábios, e, no meio do grande corredor principal, Grand, ao me ver, não conseguiu esconder a ansiedade nos seus olhos, sempre tão serenos. Olhou em direção à sala dos tronos, enquanto batia o seu cajado no chão duas vezes, apressando-nos.

– O que está acontecendo? – perguntei sem obter resposta – e fui praticamente empurrada pelos outros escravos para a sala dos tronos, onde os sábios costumavam

ficar.

Havia cinco tronos de madeiras escuras, forrados com peles de urso cobrindo o assento. Os tronos ficavam há oito degraus do chão, em uma sala de pedra simples, com um grande mapa da nossa aldeia e dos arredores desenhado no chão, possibilitando aos sábios e aos guerreiros traçarem planos de caças e conquistas territoriais.

Sentados aos pés de cada trono, estavam os cinco meninos escolhidos pelos Deuses como futuros sábios e, assim como os seus mestres, possuíam as mesmas expressões apáticas ou azedas – menos Jonsin, aprendiz de Grand. Ele parecia ansioso e quase implorava em silêncio para poder ir lá fora, mesmo com a Deusa Raina fazendo uma das suas presenças mais marcantes.

Norár, o líder dos sábios, era o único que estava sentado no seu trono, que ficava no centro, uns três degraus mais alto que os outros. Me surpreendi ao vê-lo sem aquela expressão azeda de sempre. Ele estava apenas quieto, tentando esconder algum tipo de ansiedade.

Vougan, um dos sábios, apontou para os vários baldes perto dos degraus, fazendo sinal para que cada um de nós pegasse dois e saísse o mais rápido possível.

O espaço do corredor não era grande o suficiente para todos nós, que corríamos com baldes nas mãos enquanto tentávamos nos desvencilhar dos outros escravos que entravam. Fui esmagada e praticamente empurrada para fora de tal forma que nem sei como consegui sair sem perder um dos baldes na confusão.

Com um recipiente em cada mão, novamente senti a chuva caindo enquanto ouvia os gritos de comemoração do povo que corria, gritava, dançava e pulava sem parar, quase em um estado delirante. Andei poucos metros entre a multidão sem entender o motivo de tanto alvoroço, até que finalmente olhei para cima. Raina não poderia ter se manifestado em um dia melhor.

Corri com meus baldes até encontrar um bom espaço e parei por dois segundos olhando para o céu completamente coberto por eles. Os contemplei não resistindo a sorrir e fechei os olhos para desfrutar das gotas sagradas que escorriam pelo meu rosto. O dia que eu nunca imaginei viver para presenciar caiu justamente no meu aniversário, dando-me o melhor presente que eu poderia receber.

Abri os meus olhos para vê-los novamente, e lá estavam eles, magníficos e voando todos em uma mesma direção. Dragões de várias cores e tamanhos, que muito raramente saíam do seu território sagrado e sobrevoavam as cidades. Há muitas especulações e dúvidas sobre eles... Todos acreditam que os dragões saem para trazer boa sorte, mas nunca se soube ao certo para onde eles iam ou por que demoravam tanto para migrar. A única certeza era que eram animais sagrados e benevolentes. Quando migravam em dias de sol, realizariam todos os nossos desejos. Se migrassem em dias de chuva, a mesma água que tocasse as suas peles e

caísse sobre o nosso solo atingiria as nossas plantações, trazendo-nos uma excelente safra. Se tocasse os nossos corpos, curariam enfermidades. Muitos também gostavam de beber dessa água por acreditar que purificariam a alma.

Grand me contou sobre uma lenda de que há uma pedra dos dragões, capaz de conceder poderes incomensuráveis àquele que puser as mãos nela. Essa pedra seria capaz de abrir um portal para o local onde os dragões moram e, por isso, eles a protegem para que não caia em mãos erradas. Nada disso me parecia importante no momento, portanto, posicionei os baldes no chão e, enquanto eram preenchidos, comecei a saltitar e rir como raramente fazia – afinal, os escravos só poderiam se contentar com o banho de chuva, pois toda a água coletada ia para as famílias que servíamos.

Continuava a comemorar até que o vi parado, caindo de joelhos, com os braços abertos, cabeça para cima, olhos fechados e aquele sorriso que eu não conseguia ignorar. Luke era dois anos mais velho que eu, possuía pele clara, olhos castanho-escuros, cabelos pretos e lisos até os ombros, jogados para trás. Alto e forte como todo guerreiro, mas não tão arrogante. Os seus pais também eram guerreiros e grandes amigos da minha mãe, e costumavam lutar juntos no passado. Por duas vezes, ela os salvou em batalha. Talvez por isso, tratavam-me um pouco melhor.

Eu sabia que um guerreiro nunca se apaixonaria por uma escrava e vê-lo daquele jeito, sorrindo e de olhos fechados, desejei fortemente para os dragões que lhe concedessem o amor de uma mulher que o mereceria.

As minhas lembranças se voltaram para o dia em que os sábios me mandaram pegar um galão de hidromel na taberna, e lá estava ele, bebendo e comemorando alguma vitória com os outros guerreiros, quando eu entrei. Os olhares hostis se voltaram para mim, e os sorrisos cessaram, a não ser o de Luke, que, ao me ver, sem deixar de sorrir, voltou o seu olhar para o copo de cerveja antes de tomar um belo gole.

Lugh, o taberneiro, isento de paciência e de conhecimentos de higiene pessoal, fez um gesto apressado para eu me aproximar. A sua escrava Megan se esforçava para segurar o barril, que, apesar de pequeno, era pesado. Franzi o rosto e torci o nariz ao sentir de perto aquele cheiro tão fétido do taberneiro, imaginando se o esforço de Megan era somente pelo peso do barril ou se estava tendo dificuldades para respirar. Tentando me equilibrar com o peso do barril nos meus braços, dei uns cinco passos e já estava ofegante. Botei-o no chão por um momento a fim de recuperar o meu fôlego e tentar novamente. O suor escorria pelo meu rosto já quente, e os meus braços e as minhas costas começavam a doer. Mesmo ofegante, respirei fundo três vezes e peguei o barril do chão tentando andar o mais rápido possível, mas acabei andando toda desengonçada. A taberna foi tomada pelas risadas de deboche, menos Luke, que apenas continuou bebendo a sua cerveja.

Todos aqueles homens fortes que poderiam facilmente carregar o barril para mim se recusavam a me ajudar. Humilhada, quis sair dali o mais rápido possível, mas não conseguia andar muito rápido com todo aquele peso.

Passava pela mesa de Luke quando um deles me deu um forte tapa no traseiro, fazendo-me cair no chão e deixar o barril rolar, o que causou mais gargalhadas. Megan, visivelmente perturbada pela cena, tentou me ajudar, mas Lugh a puxou pelos cabelos, dando-lhe três tapas na cara. Aqueles tapas que nem foram em mim me doeram mais que as risadas, mas nada poderia fazer, a não ser alcançar o barril antes que batesse em algum local e danificasse alguma propriedade da taberna ou o próprio barril, o que resultaria em um castigo – como se tudo o que eu estava passando não fosse o suficiente.

Peguei-o, reunindo as minhas últimas forças para levantá-lo e sair logo daquele lugar, até que alguém puxou o barril das minhas mãos e o levou para fora. Era Luke! Ele o posicionou a uns poucos metros depois da taberna em direção à casa dos sábios, e eu corri atrás dele, não só para fugir dali e daquelas pessoas, mas também para que pudéssemos ter uma chance, mesmo que rápida, de ficarmos a sós. Pensei que pudesse falar algo longe daquelas pessoas, mas a voz não saiu. Apenas abaixei a cabeça em um gesto de agradecimento, e ele consentiu com a cabeça, voltando para a taberna. Só faltou ter beijado a minha mão, mas isso seria sonhar mais alto do que eu poderia.

E, falando em sonhar alto, devo ter perdido a noção do tempo em que fiquei olhando para ele na chuva sagrada. Sabia que seria impossível um romance entre nós, mas eu tinha o meu direito de sonhar. Perdi completamente a noção do tempo... Os meus baldes já estavam quase transbordando, e tive de correr para entregar e pegar mais dois. Por sorte, Odo, um dos escravos que também trabalhava para os sábios, voltava com dois baldes vazios para começar a encher. Mas, ao ver os meus, encarregou-se de levá-los, deixando os vazios comigo.

Sempre gostei dessa atitude que os escravos tinham de um ajudar o outro. Eram todos uma grande família, tentavam se ajudar ao máximo. Odo era um dos que mais ajudava o nosso grupo. Ele era careca, olhos castanho-claros, e, às vezes, eu me surpreendia com o fato de ele ter sido predestinado a escravo, visto que era alto e tinha um físico de um guerreiro. Me perguntava se os sábios, ao olharem para ele, poderiam reconsiderar o seu destino. Na verdade, eu torcia para que isso acontecesse. E por que não agora? Aproveitei a ocasião e, após posicionar os meus baldes, fechei os meus olhos, sentindo aquela chuva que ficava cada vez mais forte e pedi que Odo pudesse ter uma chance entre os guerreiros.

Abri os meus olhos e voltei a minha atenção para Luke, que murmurava os seus pedidos. Curiosa em saber o que um homem como ele desejava, aproximei-me para conseguir ouvi-lo quando ele abriu os olhos e me viu.

A situação foi constrangedora devido à pequena distância entre nós. Ele me olhou sério, franzindo a testa, e eu, envergonhada, apenas abaixei a cabeça, dando uns passos para trás, fitando o chão. Em seguida, Luke saiu. Eu me senti mal ao pensar que eu pudesse ter, de alguma forma, atrapalhado os seus pedidos. Mal consegui me perder nos meus pensamentos enquanto fitava os meus dedos dos pés que mexiam na terra molhada, quando fui distraída pelos gritos de Dórken.

Ele era um dos melhores ferreiros da nossa aldeia, mas completamente louco. Corria pelado, com os cabelos castanhos encharcados cobrindo boa parte do rosto, levantando os joelhos na altura da cintura e os braços para cima, gritando feito uma criança.

– Uhuuuuuuuuuuu!!! Uhuuuuuu!!!

Passou por um casal que se beijava debaixo da chuva e abraçou o homem por trás, que tomou um susto e o empurrou.

Dórken caiu de costas numa poça com as pernas para cima e, para minha falta de sorte, exatamente na minha direção, dando-me uma visão nada agradável das suas partes baixas. Não pude evitar rir. Outros escravos prenderam o riso como puderam, mas os cidadãos livres teciam comentários nada amigáveis em relação a ele. Apesar de ter rido do seu tombo, eu me senti mal ao ver o quanto debochavam dele. Entre todos da minha aldeia, poucos eram como Dórken. Se eu pudesse citar algum cidadão com quem eu me identificasse, com certeza seria ele. Enlouqueceu após perder a sua esposa e filha e, desde então, assim como eu, sentiu-se prisioneiro em um mundo falso e injusto, onde ninguém se importa.

Pessoas começavam a voltar com vasilhames vazios, barris, cuias entre outros recipientes para encher novamente com a chuva, e, nessa multidão, perdi Luke de vista. Só me restou aproveitar cada momento debaixo da chuva para reforçar os meus poucos desejos... até que eu as vi, girando de mãos dadas com seus cabelos loiros que, mesmo molhados pela chuva, não perdiam a beleza. As suas longas camisolas brancas de babados nas mangas compridas eram tão lindas quanto as meninas que as vestiam.

Brenda era filha de guerreiro; Alyra, filha de agricultor. Ambas eram livres. Excelentes costureiras, faziam roupas para os guerreiros e outros aldeões. Brenda se sentia superior à Alyra por ser filha de guerreiro, mas, mesmo assim, eram melhores amigas e trabalhavam juntas. A única semelhança entre nós três era os olhos azuis.

Queria muito ser como elas... tão lindas, livres e extrovertidas. Grand sempre me dizia que eu possuía uma beleza rara, mas não por ser uma mistura de espécies, e sim por eu ter puxado a beleza da minha mãe, que foi uma linda mulher.

Infelizmente, não conseguia acreditar em suas palavras, pois ninguém, nem mesmo os escravos, olhava-me de forma diferente, enquanto outras moças recebiam diversos olhares e sorrisos. Os meus longos cabelos brancos e lisos eram sem graça,

pois, diferente das outras mulheres, eu não podia fazer penteados. Precisava esconder as minhas orelhas, restando-me um simples rabo de cavalo baixo ou deixá-los soltos sem nada, apenas com o gorro bege.

Voltei o meu olhar para as duas que riam feito crianças e se abraçavam até caírem de costas no chão. Deitadas, elas gargalhavam devido à queda e, após um tempo, levantaram-se ajudando uma à outra até que me viram. Fiz aquela comparação em minha mente: a minha camisola remendada, marrom, com a barra suja da terra molhada, parecia mais suja que as suas camisolas com as costas cobertas de lama. Abaixei a cabeça, e as duas notaram a minha comparação, enquanto eu, sem graça, passava as mãos pelas minhas coxas, ajeitando a minha roupa. Ainda riam pelo estado de êxtase devido à chuva, até que Brenda puxou Alyra para outro lugar.

Alyra deu uma última olhada para trás e parecia triste ao me ver. Sempre desconfiei de que ela simpatizava comigo, pois o seu irmão mais novo foi destinado a escravo, morrendo cedo, aos seis anos, por exaustão. Cada criança tinha um destino diferente... filhos de guerreiros já viraram escravos e vice-versa, mas pior do que ter um filho predestinado a escravo era o fato de que, quando isso acontecia, os laços de família eram cortados. Mães não poderiam viver com os seus filhos ou sequer ajudá-los com teto e comida. Ainda me lembro da cerimônia quando foi dado o destino de Eoghan, com poucos dias de vida. Os olhos de Alyra expressavam uma indignação tão grande que parecia estar mais inconformada do que os seus próprios pais.

A chuva começou a cessar, e, aos poucos, todos voltavam para suas casas, seguidos dos seus escravos que carregavam os recipientes. Não daria tempo de os baldes encherem novamente, então despejei um balde no outro enchendo um pouco mais da metade. Voltei para a casa dos sábios, chegando com Odo e os outros. Nós nos dirigimos para o salão central, ou o salão dos cinco tronos, como era chamado.

Alguns guerreiros estavam ao fundo da sala, e, a julgar pelas expressões nos seus olhos, não eram boas as notícias. Todos os aprendizes estavam de pé, ao lado dos tronos dos seus mestres. Kenneth era o aprendiz de Norár e, assim como o seu mestre, aprendeu a ser frio e cruel. Os seus olhos ansiavam por algo não muito bom que estava para acontecer, enquanto Jonsin estava tenso, fitando o chão.

Um a um fomos colocando os recipientes no chão à nossa frente. Os nossos corações quase saltaram para fora quando percebemos os olhares de indignação dos sábios, pois, naquele momento, sabíamos que alguém havia tomado da sua água sagrada. Quem poderia ter sido? Os guerreiros que ali estavam aguardavam ansiosamente por levar alguém para a punição ou morte. Eu me desesperava só de imaginar qualquer um dos escravos sendo punidos e, mesmo sabendo que ele jamais trairia os sábios, torcia para não ser Odo.

Nós nos enfileiramos um pouco afastados dos degraus e tremíamos de medo, tanto de Norár quanto dos outros guerreiros que ansiavam por poder torturar ou matar um de nós. Norár olhou-nos um a um daquele jeito peculiar e, mesmo acreditando que não tínhamos tomado a água, não podíamos evitar sentir o nosso sangue gelar como se fôssemos culpados prestes a serem descobertos. Grand estava bem descontente como os outros, mas deu um breve sorriso ao me ver, pois ambos sabíamos que não era eu a culpada.

Era a penúltima da fila. Todos os escravos estavam sem camisa, com suas calças marrons sujas, e as escravas de camisolas em pior estado que as minhas mal podiam se mexer. A tensão trazida pelo suspense que Norár criara propositalmente era de matar, e os diversos tipos de respirações faziam o meu coração acelerar a ponto de senti-lo em minhas têmporas, mesmo entendendo que eu não seria punida. Ouvia a respiração de alívio de cada um quando Norár passava para o próximo, mas, cada vez mais, ele se aproximava e nenhum ainda havia sido descoberto. Uma mulher bem magra entre Odo e eu tentava em vão esconder o seu choro. Com os seus cabelos ondulados presos para baixo, deixando alguns fios mais curtos soltos em seu rosto cansado, respirava fundo tentando ser forte, mas as suas pernas e os seus braços tremiam, fungando baixinho. Odo a olhava espantado, perguntando-se por que ela teria feito uma idiotice dessas. O seu nome era Lana, e sempre tentou fazer os seus serviços da melhor forma. Então, o que a teria levado a cometer tamanho deslize? Era uma pena ver alguém ser castigado, ainda mais ela, com a sua camisola deixando à mostra os seus braços tão finos, dando uma aparência frágil.

Norár passou direto por Odo, posicionando-se em frente à Lana, e ela chorava a ponto de mostrar os seus dentes, mesmo sem emitir um som sequer. Ele a olhou por uns bons segundos (que pareceram uma eternidade) enquanto ela tentava se controlar... E, para a surpresa de todos, inclusive a minha, deu um passo mais firme, fincando o seu olhar repleto de ódio em mim. Espantados, os escravos exclamavam levando a mão à boca, proporcionando-me os segundos mais aterrorizantes que já tivera. Os guerreiros vinham na minha direção. O meu estômago se revirou em pânico, mas, se eu vomitasse no chão deles, seria pior. Ignorava a saliva quente, tentando me focar no meu equilíbrio para me manter em pé. Eu não fiz nada! Por que seria punida? Norár me desafiava com o olhar, mas ele sabia que eu era inocente! Por que fazia isso comigo? Kenneth sorria maliciosamente, e foi então que bastou um dos guerreiros pôr as mãos em mim para que eu suplicasse por ajuda.

– Owen!!! – gritou Norár, ainda me encarando.

O menino à minha direita tremeu e soluçava em pânico.

– Nããão!!! – gritou Lana desesperadamente, caindo de joelhos.

O guerreiro me largou, agarrando Owen pelo braço, e só então os escravos lamentaram.

Não conseguia sentir alívio e lamentaria a morte ou punição de qualquer um aqui dentro. Mas ele? Ah não... não ele! Por quê?

Owen era irmão mais novo de Lana, e ela parecia saber desde o início, por isso, não se conteve antes.

– Tem algo que queira nos contar, rapazinho? – perguntou olhando-o de cima.

Owen sacudia a cabeça rapidamente.

– Ora, mas não é você o destemido garotinho que pensou poder enganar os seus mestres? – ironizou.

Owen tinha apenas oito anos e chorava, encolhendo os seus ombros amedrontado.

– Perdão, senhor; por favor. – implorava com os olhos repletos de súplicas.

– Então você quer perdão? – ironizava. Por um acaso pensou em nós enquanto bebia a nossa água? NÃO! – esbravejou. Achou que poderia se safar ao desobedecer às nossas regras? NÃO!!!

Jonsin tremeu, os seus olhos ameaçavam derrubar as primeiras lágrimas, mas Grand, também visivelmente perturbado, tentava acalmá-lo.

Norár fez um gesto para que outro guerreiro se aproximasse, enquanto outros dois seguravam Owen para não fugir, repetindo as regras, o que ele fez com o maior prazer devido à ênfase em sua voz.

– Primeiro castigo: açoitamento perante todos da aldeia como um alerta para que não haja novamente nenhuma traição tanto aos sábios quanto aos outros aldeões.

– Continue... – falou Norár, com leve sorriso sarcástico.

– A morte! – sussurrou, ajoelhando à sua altura, fitando-o nos olhos, amedrontando-o.

Owen, de cabeça baixa, apertava os seus olhos, fazendo as lágrimas rolarem. Perdeu as forças ao ponto de cair no chão, mas os guerreiros brutalmente o impediram, forçando-o a ficar de pé.

Norár e o seu aprendiz sorriam maliciosamente, enquanto via uma criança entrando em desespero.

– Não!!! – gritou Lana novamente com as mãos no rosto, enquanto Odo abaixou ao seu lado tentando fazê-la levantar.

– Deixe-a aí! Quem sofre com a morte de um traidor pode acabar tendo o mesmo fim. Lana, recomponha-se imediatamente!

Vi nos olhos de Odo que, como eu, por um segundo, teve mais pena dela do que de Owen. Lana nunca roubou nada, e ele já havia sido açoitado por roubar comida dos sábios. Era um banquete de comemoração após os guerreiros conquistarem um território. Owen estava realmente fraco aquele dia e apenas queria um pedaço da

carne para poder ter forças para realizar os seus serviços naquela noite. Eu me lembro que Grand queria poupá-lo, mas Norár, Vougan, Torik e Aran não.

Virando-se para os outros sábios, Norár perguntou:

– O que acham que devemos fazer com ele?

– Enforcamento! – gritou Vaugan, ficando de pé.

– Pois eu acho que poderíamos açoitá-lo até a morte pelo seu atrevimento! – esbravejava Torik, expelindo saliva.

De repente, todos os sábios, com a exceção de Grand, começaram a dar sugestões diferentes enquanto os escravos ouviam assustados. Owen tentava em vão se manter forte perante aquela situação em que discutiam de qual forma severa ele iria morrer. Grand falou algo, mas não consegui entender devido aos gritos dos sábios entre espanto e murmurinho dos escravos. Sem contar Lana, que aproveitou a situação para chorar novamente.

– Silêncio!!! –finalmente, gritou Norár.

O silêncio tomou conta do local quando ele anunciou qual seria a punição. Owen quase surtou, e até Kenneth, o mais cruel dos aprendizes, estava assustado. Lana, assim como todos, calou-se pelo choque ao ouvir a sentença, enquanto Owen suplicava por outro tipo de morte.

Norár se retirou, seguido pelos outros sábios e os seus aprendizes em silêncio, deixando todos nós, inclusive os sábios, chocados. Ele havia, naquele momento, criado uma nova forma de punição, e ninguém ousaria ir contra.

Lana tentou abraçar Owen quando dois guerreiros brutalmente os separaram, levando-o embora, enquanto ele implorava incansavelmente por não querer morrer dessa maneira.

Não sei o que mais era de partir o coração: uma criança em desespero por saber que vai morrer ou a sua sentença em si.

As sereias teriam um belo banquete no dia seguinte.



Capítulo 02

Poucas horas se passaram após a cruel sentença de morte de Owen, e todos os aldeões ansiavam por vê-lo ser executado na manhã seguinte. Vigiado pelos guerreiros que se revezavam, Owen foi obrigado a construir uma jangada perto da beirada do mar, sem direito a descanso, comida ou água. Ele não conseguia aceitar esse destino tão cruel a que foi sentenciado. Pelos Deuses... era uma criança e, mesmo que tivesse tomado um só gole da água dos sábios, isso era realmente necessário?

Não teve permissão para assistir à celebração de hoje à noite e, se não fosse pela festa que faríamos devido à visita dos dragões, Owen seria morto em alguns minutos.

Escravos e aldeões que passavam por Owen não deixavam de parar por um segundo para observá-lo. Uns os criticavam severamente, enquanto outros sentiam pena.

– Kyara! Venha já aqui! Tenho um serviço para você. – gritou Vaugan.

Sem disfarçar a minha tristeza por Owen, dirigi-me a ele e a Ludwig, o seu aprendiz.

– Vá até a casa de Alyra e me traga as capas de lã que ela nos fez. O frio não vai demorar a chegar!

– Sim, senhor! – respondi olhando para baixo.

Já ia me retirando quando ele me chamou a atenção:

– Kyara!

Parei sem me virar para ele.

– Como Norár disse, não pense que lhe pouparemos se continuar a demonstrar pena ou qualquer compaixão pelos traidores. Agora vá e, quando voltar, não quero ver essa cara.

Gelei só de pensar na possibilidade de ser açoitada. Eu me recompus, erguendo a cabeça, e fui buscar as capas.

– Se não impusermos respeito, não irão lhe respeitar futuramente. Lembre-se: eles servirão a você! – ouvi-lo dizer a Ludwig.

Vaugan também era bem severo e, depois de Norár, era quem mais me assustava. Não concordava com a maioria das suas decisões, porém me via na obrigação de servi-los sem contestá-los, uma vez que pouparam a minha vida e a da minha mãe.

Caminhava em direção à casa de Alyra enquanto chutava as pequenas pedras no caminho de terra batida. Os escravos colhiam, plantavam e alimentavam os animais em silêncio, com os seus pensamentos em Owen. Eu podia sentir as suas frustrações em ter de arrumar forças para trabalhar sabendo que um deles, ainda mais uma criança, morreria de forma tão cruel.

À esquerda, eu via a taberna e, mais na frente, à direita, a casa de Alyra. Ela acreditava ser protegida pelo fato de a sua casa ser a primeira da aldeia, perto das flâmulas com o nosso brasão. Nos dias em que a Deusa Airya se manifestava, Alyra era vista na janela olhando extasiada para as flâmulas que balançavam fortemente.

Estava quase chegando à porta quando Alyra apareceu. Eu já havia trocado de roupa. Estava com uma calça bege encardida que ia até os meus joelhos, sapatilhas de couro de boi e uma blusa branca furada nas mangas e barras. Alyra, ao contrário, vestia um longo vestido de mangas curtas, azul claro, preso por um cinturão de couro marrom, com um manto de lã cinza. Estava realmente começando a esfriar. Os seus cabelos louros estavam presos em um coque com alfinetes grossos, marcando as suas lindas e finas feições.

Simpática como de costume, sorriu e fez um gesto para que eu a acompanhasse. Demos a volta por fora da sua casa e fomos para o jardim detrás, onde havia o local em que ela e Brenda trabalhavam.

Vários tecidos dobrados com perfeição nas prateleiras do lado esquerdo mostravam o quanto era caprichosa e organizada. Abaixo, encontrava-se o tear onde ela tecia as suas roupas e uma grande mesa de pedra plana com peles esticadas. À direita, Brenda encontrava-se virada para o seu tear, concentrada enquanto trançava uns fios de algodão.

Alyra cuidadosamente retirou os cinco mantos perfeitamente dobrados da prateleira ao lado de Brenda. Eu me ofereci para ajudá-la, pondo todos os mantos em cima das peles esticadas na mesa. Fizemos dois montes, um com três e outro com dois, amarrados por um fio grosso de tripa para que eu pudesse carregá-los. Saí com tanta pressa depois das ordens de Vaugan que me esqueci de levar um cesto para ajudar a carregar os mantos.

– Mal posso esperar por hoje à noite! Estou tão ansiosa! – falou Alyra enquanto amarrava um dos montes.

Apenas sorri pressionando os mantos para baixo a fim de ajudá-la a amarrar. Pensei que ela falava com Brenda, que sequer ouviu devido à sua concentração com o algodão.

– Nem me lembro de quando foi a última vez que ouvi sobre os dragões migrando e pensei que, se um dia os visse, já estaria velha e cega – riu da sua própria brincadeira e continuou: – Você imaginou que um dia os veria?

A sala foi tomada pelo silêncio. Arrastei o outro monte para perto de mim.

- Kyara?
- Sim? – respondi surpresa
- Então, está animada para hoje à noite?
- Será uma bela comemoração. – dei um sorriso amarelo.

Nunca ninguém demonstrava interesse em nada além dos meus serviços, e não seria capaz de celebrar como ela. Poucas vezes comemorávamos quando terminávamos os nossos serviços após alguma celebração na aldeia, pois os nossos corpos cansados não permitiam. Não podíamos fazer barulho para não acordar nenhum cidadão, então todos nos reuníamos, conversando e rindo baixinho. Gostávamos das músicas e das sobras das comidas, mas só podíamos comer depois de limparmos tudo. Tentei me juntar aos outros algumas vezes, mas, a julgar por alguns olhares de desaprovação e outros que me ignoravam, eu ia embora para não estragar a festa. Nunca mais me juntei a eles em nada.

Eu nunca comemorava, mas não ia ficar contando essas coisas para Alyra. Além disso, pela primeira vez, não estava focada nas comemorações, e sim no triste destino de Owen no dia seguinte.

Alyra olhava para minhas roupas, um olhar de compaixão como nunca esperei receber de alguém como ela, tão linda e sempre bem-vestida.

- Você tem o que vestir para a festa de hoje?
- Alyra!!! – Brenda gritou, quase saltando do seu banquinho.
- Temos tantas roupas sobrando... poderíamos doá-las para os escravos, não é mesmo?
- Escravos são escravos! Se fôssemos escravas, teríamos de nos contentar com o que tivéssemos. Além disso, essas roupas não lhes servem, pois logo as estragariam se as usassem para fazer os seus serviços.

Brenda era fria, como a maioria dos cidadãos de Ardhem, porém tenho certeza de que, se ela fosse escrava e vivesse o que eu vivo no dia a dia, também apreciaria um pouco de compaixão.

Alyra olhou para mim, sorrindo, fazendo um gesto com as mãos, pedindo que eu não ligasse para o que Brenda acabara de dizer.

- Está tudo bem. Essas roupas não serviriam para alguém como eu. – disse humildemente, olhando para os meus pés. Alyra estava desconfortável com a situação.

Peguei os dois montes de mantos pelos fios grossos, agradeci e já ia me retirando quando notei, perto da sua máquina de tear, o pequeno manto cinza de Eoghan. Ela ainda o guardava.

Caminhava em direção ao portão do cercado de madeira quando ouvi as risadas e os gritos de comemoração dos guerreiros que chegavam com suas caças. O alvoroço era tão grande que os animais agitados corriam de um lado para o outro nos seus

cercados. Devido às comemorações, eles quiseram caçar mais que o suficiente para o grande banquete. Assim, algumas famílias poupariam os seus animais de sacrifícios esta noite. E, claro, sobraria tudo para nós, escravos, que deveríamos preparar a comida.

Eles vinham sem camisa pela estrada de terra batida que dava para a floresta, todos com suas caças e redes de pescas cheias, onde alguns poucos ainda se debatiam. Luke estava no grupo da frente e acenou sorrindo na minha direção. Muito surpresa, tentei ao máximo conter a minha felicidade, sorri e estava prestes a acenar de volta até que ouvi um suspiro. Alyra, que, com certeza, ouviu os gritos, correu para a porta e estava atrás de mim, acenando para ele com um largo sorriso. A troca de olhares não deixou nenhuma dúvida, e, por serem boas pessoas, seriam perfeitos juntos. Mas, mesmo feliz por eles, não pude evitar ter o meu coração levemente partido.

Caminhava a poucos metros atrás dos guerreiros, que eram recebidos com sorrisos e aplausos dos outros aldeões enquanto eu era ignorada. Não que eu quisesse ser aplaudida por carregar mantos, mas, ao ver os sorrisos trocados entre Luke e Alyra e o destino de Owen, isso era apenas mais um indício de que a vida segue o seu caminho como deve ser. Infelizmente, pessoas como Owen e eu tínhamos destinos bem diferentes de pessoas como Luke e Alyra.

Suspirei e continuei caminhando um pouco afastada dos guerreiros, fitando o chão, até que vi Megan caminhando na direção contrária. Ela seguia em direção à taberna, com um cesto em suas mãos e um enorme hematoma no rosto. Lugh, aquele porco nojento, batia nela e nos seus outros escravos. Se eu já achava um absurdo fazer isso com homens, imagina com uma menina?

Diferente de todas as moças de Arnhem, ela não nascera aqui. Megan tinha nove anos quando foi capturada. Kendrick, um dos filhos de Lugh, matou a sua família em batalha e a levou de presente para servir de escrava ao seu pai. Ela era de uma aldeia bem próxima, muito pequena e com poucos recursos, que foi incendiada pelos guerreiros por puro domínio territorial. Mataram todos com requintes de crueldade, deixando Megan viver apenas porque o filho de Lugh quis dar uma escrava bonita para o pai.

Olhei para ela procurando alguma maneira de confortá-la, mas a única coisa que pude fazer foi sorrir quando ela passou por mim. Mesmo não estando bem, sorriu um sorriso amarelo, seguindo o seu caminho, cabisbaixa. Suspirei. Pobrezinha! Ela parecia ser uma boa pessoa e alguém de quem eu gostaria de ser amiga, mas os nossos serviços nos impediam. Quase nunca conseguia vê-la e, quando a via, ou o porco nojento estava por perto ou ela estava afastada, na casa dos escravos, rodeada por outros que a consolavam enquanto ela chorava. Mesmo sendo de fora, ódio algum pelas outras aldeias impediram os escravos de acolhê-la como um deles, não

somente devido à crueldade que os guerreiros a fizeram passar mas também pelo que Lugh fazia com ela.

Estava quase chegando à casa dos sábios quando vi Owen e a sua jangada na metade. O mar estava tão calmo que nem parecia que amanhã seria cenário de um destino tão cruel. Um guerreiro dava ordens, empurrando covardemente as suas costas com o pé, fazendo-o cair de cara na areia. Em seguida, pegou-o pelo colarinho, fazendo-o sacudir o rosto enquanto limpava a areia dos olhos. O guerreiro esbravejou algo que o fez, mesmo sem forças, voltar ao trabalho.

Perto dali, um grupo de jovens guerreiros estava sendo treinado pelos mais velhos. Foi triste ver meninos da idade de Owen com destinos completamente opostos. Eles o olhavam de canto de olho, e fiquei feliz em ver que alguns ficaram sentidos com a situação de Owen, não somente por ele ser castigado mas também por serem da mesma idade. Um se descuidou ao ver Owen se arrastando para terminar a jangada, fazendo com que abaixasse o seu escudo um pouco, porém suficiente para levar um corte de raspão da lança do adversário. Um dos guerreiros mais velhos que os treinavam chamou a sua atenção, posicionando o seu escudo na altura certa, ordenando que continuasse. A sua expressão tentava em vão ignorar a dor do corte que sangrava.

A muitos metros de distância dali, a maré baixa deixava à mostra algumas rochas. Em cima de uma delas, uma linda sereia os observava. Cabelos ruivos, jogados para trás, de postura ereta, com o início do que seria a sua cauda, mesmo escondida atrás da rocha, balançando ansiosamente. Pressionava as suas mãos nas rochas e podia-se sentir a necessidade que ela tinha de atacar, até que se virou e pulou na água, sumindo de vez.

Levei os mantos com certa pressa para os sábios, temendo que eles estivessem impacientes pela demora da minha chegada. Entrei no grande salão com os mantos. Grand era o único sentado no seu trono, com os ombros curvados sob um manto de seda bege e túnica branca impecável. Jonsin não estava ao seu lado, o que significava que ele, provavelmente, o dispensara por hora.

Fraco, passava os seus dedos na pele de urso que cobria o encosto do braço, mas sorriu ao me ver, fazendo um gesto para que eu me aproximasse. O seu olhar cansado me preocupava e, por ser o mais velho dos sábios, senti que os seus dias estariam chegando ao fim. Tossiu algumas vezes a ponto de quase perder o ar, mas se recompôs em seguida. Cuidadosamente, o ajudei a tirar o seu manto, substituindo-o pelo novo que eu acabara de trazer. Enquanto dobrava o manto, sentada perto dos seus pés, Grand tossiu novamente, ainda mais forte. Em um salto, levantei para buscar lhe um pouco da água sagrada, mas ele segurou o meu pulso e fez um gesto com a cabeça para que eu sentasse. Obedeci.

– Está voltando da casa de Alyra?

– Sim. Elas fazem um belo trabalho, não é mesmo? – tentava disfarçar a minha tristeza, mas Grand nem precisava usar os seus dons para saber quando eu não estava bem.

– Você também, Kyara. Pena que não são os que eu gostaria que fizesse. Teria sido uma excelente guerreira, assim como a sua mãe. Lamento que não seja feliz como merece ser.

Grand acariciou o meu rosto, levantando o meu queixo para que eu o olhasse.

Aquelas palavras me doeram, pois me fizeram pensar nas chances que teria com Luke se eu fosse um deles.

– Sei que não se sente parte de nenhum grupo, nem mesmo do seu, mas sei mais ainda como sofre o seu coração por não poder ter o amor de um jovem guerreiro.

Abaixei a cabeça em uma mistura de timidez e tristeza, e a balancei enquanto uma lágrima escorria pelo meu rosto. Seria a primeira vez em que eu falaria sobre isso, e não havia ninguém melhor que Grand para me ouvir.

– Por mais que eu queira vê-lo feliz, dói saber que não posso ser a pessoa a estar com ele. – lamentei.

– Nem sempre podemos ter tudo aquilo que queremos. – disse enquanto limpava as minhas lágrimas. – Mas acredito que sempre há algo à nossa espera, e somente assim compreenderemos por que não tivemos sucesso em obter o que almejávamos no passado.

Grand era de fato um homem muito sábio, talvez o mais sábio que eu tenha conhecido. Mas não desta vez, afinal, que futuro alguém como eu poderia ter?

– Não acredito que há algo para mim. – falei descrente.

– Somente os Deuses sabem o que guardam para nós. O destino pode dar voltas de impressionar até os mais céticos.

– E você prevê algo para mim? – perguntei com um pinga de esperança.

– Prevejo que não passará fome hoje à noite. – sorriu. – Feliz aniversário, Kyara!

Grand botou a mão por dentro do bolso da sua túnica, retirando uma maçã.

– Não é muito, mas é só para lhe mostrar que não esqueci.

– Muito obrigada, Grand! – abracei-o.

– Guarde para depois das comemorações, caso as sobras não lhe sejam suficientes. – falou enquanto acariciava as minhas costas.

Voltei a sentar no chão, fitando-o com o seu semblante triste. Se dependesse dele, eu sempre teria comida o suficiente, mas Norár jamais aceitaria que escravos comessem a mesma quantidade que eles.

– Onde está Jonsin? – perguntei.

– Deixei-o ir almoçar com a mãe, mas pedi que voltasse logo em seguida. Sabe como um sente a falta do outro.

– Ele tem muita sorte em tê-lo como mestre, Grand.

– Eu também tenho sorte por tê-lo como meu aprendiz. Dói em mim ser severo com ele às vezes, mas não posso deixar que a sua bondade atrapalhe o seu mandato, assim como deixei acontecer comigo.

– Como foi o dia da escolha? – perguntei, dando-me conta de que nunca havíamos conversado sobre isso.

Ele sorriu ao lembrar.

– Era um dia em que Fyra, a Deusa sol, brilhava como nunca, deixando o céu limpo e o solo quente. Os Deuses nos mandaram caminhar pela aldeia para iniciarmos a busca pelos futuros sábios. Cada um recebia um chamado quando passava pela escolhida.

– Mas eles apareceram para vocês? – perguntei maravilhada.

– Não, não... – sorriu tossindo um pouco, mas rapidamente se recompondo. – Eles nunca apareceram, mas sempre sussurram em nossos ouvidos. Quando saímos para iniciar a busca, todos estavam do lado de fora, pondo as grávidas na frente. É um momento muito importante, mas também muito triste.

– O que tem de triste em escolher os futuros sábios?

– Veja bem! Toda mulher adoraria dar à luz a um de nós, e ver as expressões decepcionadas daquelas por quem passávamos direto era triste. Pelo menos para mim. Mas pior ainda foi quando os Deuses disseram o nome da mãe de Jonsin, a única que eu não gostaria de ter ouvido.

– Não entendo... ela é uma pessoa tão boa, talvez uma das poucas que ainda restam aqui em Ardhem.

– Ela sempre quis ser mãe, desde garotinha, e, quando finalmente engravidou, fora-lhe dada a notícia de que o seu filho seria entregue a mim quando completasse dez anos. Ela tentou sorrir e demonstrar estar lisonjeada, mas ambos sabíamos que o que ela realmente queria era poder criá-lo. Os Deuses a abençoaram depois, dando-lhe três filhos que serão excelentes guerreiros, mas, mesmo assim, nunca esquece o seu mais velho. Por isso, às vezes, eu permito que ele vá almoçar com a sua família. Mudando de assunto, já te contei sobre como Raina e Airya viraram Deusas? – disfarçou sorrindo, ansioso por me contar uma história.

Grand sabia exatamente como me animar. E começou:

– Eram duas lindas mulheres. Raina era mãe de um guerreiro; Airya era esposa de outro. Ambas eram muito queridas e respeitadas em suas aldeias.

Arregalei os olhos com um largo sorriso, abraçando os meus joelhos, ansiosa por ouvir mais.

– Infelizmente, pertenciam a aldeias rivais. O líder da aldeia do filho de Raina queria a posse da aldeia do marido de Airya. Depois de planejar uma guerra, finalmente a aldeia de Raina atacou a aldeia de Airya. Uma grande batalha se iniciou e, enquanto Raina ficara no conforto da sua casa se preocupando com o seu

filho em batalha, Airya, em meio ao caos, preocupava-se com a segurança do seu marido e do seu povo. Como os seus guerreiros eram mais numerosos que os invasores, conseguiram evitar a perda da posse da aldeia para os rivais. Contudo, não impediram a morte de muitos, incluindo o filho de Raina e o marido de Airya.

Ao voltarem para a aldeia derrotada, Raina esperava ver o seu filho entre os sobreviventes. Mas, ao invés disso, recebera a notícia da sua morte. Inconformada, chorou por dias e noites até morrer, levando todos aos prantos com a sua morte. Em seguida, a primeira chuva se iniciou, o que os fez acreditar que eram as lágrimas de Raina, que, mesmo morta, ainda chorava. Dias depois, outras chuvas caíram, e os aldeões ficaram tristes novamente pelo sofrimento da sua nova Deusa, dizendo que o dia chuvoso era um momento de luto para uma grande mulher que sofria a morte do filho.

Já na outra aldeia, Airya procurava pelo corpo do seu marido entre os mortos, pois perdera a esperança de encontrá-lo entre os vivos. Como não o encontrou, esperançosa, correu sem rumo para tentar achá-lo, desaparecendo para sempre. O vento que sentiram quando ela passou correndo aumentou, iniciando uma forte ventania.

Até hoje, Raina chora pela morte do seu filho, e as suas lágrimas caem sobre a terra, dando-nos os dias de chuva. Já os dias de ventania são dados quando a incansável Deusa Airya sai à procura do seu marido na esperança de encontrá-lo. Os dias de chuva e vento se dão do encontro de duas mulheres rivais, embate em que uma culpa a outra por perderem quem mais amavam. É por isso que ficamos em casa quando elas duelam, em respeito ao sofrimento de duas Deusas ligadas a grandes guerreiros.

De repente, Grand deu início a uma sequência de tosses fortes e sufocantes, e eu, cansada de vê-lo assim, resolvi levantar para pegar um pouco da água sagrada para curá-lo. No entanto, Torik, que acabara de entrar, proibiu-me ao perceber os meus planos.

— A água sagrada é para emergências, e não para mudar o que já está escrito! — ordenou.

Não consegui conter o meu pranto ao ter as minhas suspeitas confirmadas. Os dias de Grand estavam chegando ao fim.



Capítulo 03

A noite finalmente chegou, e Yuim, a Deusa lua brilhava lindamente entre as estrelas. Os aldeões gritavam de alegria, ansiando pelas comemorações. Da minha janela, via a casa dos escravos, e todos estavam a caminho da festa, não como gostariam, mas pelo menos veriam as comemorações.

Alguns olharam para mim com uma insatisfação no olhar. Eu não conseguia me acostumar com essa rejeição.

Odo, um dos poucos que não me rejeitavam, passou perto da minha janela e apontou com o queixo em direção à aldeia, para onde eu já deveria estar a caminho. Eu me juntei a eles, e juntos caminhávamos em silêncio, cansados do dia árduo de trabalho e desanimados por termos de ficar em pé por horas. O único barulho eram os soluços de Lana. Alguns tinham pena, outros raiva por ela sofrer por um traidor. Havia também aqueles que não esboçavam opiniões por medo, mas todos mantinham o silêncio. O único que a consolou foi Odo, passando a mão no seu ombro.

A aldeia estava decorada com flores e tochas por todos os lados. Mesas de madeira estavam ao ar livre, forradas com grandes pedaços de pano bege e detalhes arredondados em bronze nas bordas. As decorações foram feitas com flores e velas, colocadas próximas às carnes de caça e aos peixes enfeitados com frutas e legumes. Os aldeões erguiam os seus chifres de metal cheios de vinho, hidromel, cerveja e até leite de vaca ou cabra, enquanto riam, conversavam e dançavam ao som de um grupo de colonos que se reuniam para tocar gaitas de fole, flauta, lira e harpa. Alyra e Brenda dançavam juntas, próximas à banda.

As aldeãs tinham flores e pedras preciosas nos cabelos, presos por alfinetes, e os vestidos de linho ou algodão até os pés ou as canelas. Já os homens vestiam camisas de mangas compridas com calças e botas até os joelhos. Os guerreiros usavam as suas couraças, mas alguns escolheram ficar sem camisa, querendo exibir o corpo.

Alyra, que era dotada de vários talentos, começou a cantar e dançar, rapidamente virando o centro das atenções. Ela estava linda em seu vestido bege de alças e com os cabelos impecavelmente trançados ao redor da sua cabeça. A sua desenvoltura para a dança era tanta que o seu vestido parecia complementar os seus movimentos.

Os guerreiros berravam ao erguer os seus chifres ornamentais em um brinde e batiam os pés no chão. Outros apenas bebiam, mas sempre analisando Alyra no

desejo de levá-la para suas camas. Encantados, os escravos tentavam se manter os mais discretos possíveis. Brenda, que também estava linda em seu vestido cinza com os cabelos jogados para trás com alfinetes, não atraía os olhares como Alyra, mostrando-se visivelmente incomodada.

Luke finalmente apareceu, exibindo o seu peito nu, bebendo em seu chifre. Eu suspirei fitando o chão, forçada a aceitar a dura realidade em que eu vivia. Alyra era linda e livre, uma costureira respeitada. Luke era um dos melhores guerreiros. Quanto a mim, bem... eu era uma escrava, um mero nada presa a um mundo onde não há chances. Não doía vê-la sendo desejada pela metade da aldeia, mas sim ser desejada por Luke, ainda mais quando eu percebia em seu olhar um sentimento que ia além de levá-la para cama – era como uma faca no meu coração.

Percebendo que ele a olhava, Alyra dançou de forma levemente sensual, como se o convidasse a ir falar com ela.

As minhas pernas doíam pelas horas em pé, e a fome batia forte pelo tempo em que estávamos sem comer. Ficávamos enfileirados um pouco atrás das mesas de comida enquanto víamos os aldeões parando nas mesas para comer algo na nossa frente, sem ao menos nos oferecer. Servíamos os nossos donos da melhor forma possível, mas eles sequer nos davam comida.

Tentei focar na festa para ignorar a raiva, a dor e a fome. A música tocava, e agora vários aldeões dançavam. Alyra já havia parado de cantar e só dançava quando Luke se aproximou e balbuciou algumas palavras em seu ouvido que a fizeram corar. Brenda, que dançava perto de Alyra, parou quase que instantaneamente ao ver os dois saindo de mãos dadas e os outros homens se dissiparem. Enquanto Brenda se recompunha, tentando em vão esconder a sua inveja, um aldeão passou por ela sorrindo. Brenda retribuiu o sorriso, e o aldeão, ao tentar dizer algo, vomitou tão forte, que respingou na barra do seu vestido. Ela saiu berrando indignada, mas ninguém a ouviu. Alguns escravos, inclusive eu, prenderam o riso ao ver a cena, mas os cidadãos livres nem tentaram evitar as risadas. Brenda era uma das mais arrogantes da aldeia, e até o bêbado que vomitou riu, sendo segurado, em seguida, por outros dois que o impediram de cair.

Muitos haviam bebido – podíamos ver parte do vômito nas suas barbas misturada com o líquido que bebiam. Era uma mistura de nojo com vontade de rir ao ver alguns dos guerreiros cambaleando de bêbados, humilhados por não conseguirem se levantar. Eu ria por dentro pensando na ressaca que eles teriam no dia seguinte e como seria difícil para eles realizar as suas tarefas nessas condições. Mas a minha alegria logo cessou quando avistei Luke e Alyra conversando ao pé do ouvido, de mãos dadas.

Era uma combinação de felicidade e dor, mas confesso que, no momento que os vi, a dor falou um pouco mais alto.

– Dórken!!! Nããããã!!! – gritou um aldeão, indo na sua direção seguido por vários homens.

– Sereias, onde estão vocês? Apareçam para mim! – dançava, tirando a roupa completamente bêbado, de braços abertos em direção ao mar.

– Pare, Dórken!!! Você está louco?

Um dos guerreiros o colocou em seu ombro e saiu, enquanto Dórken mandava beijos virado para o mar, de olhos fechados e sorrindo feito uma criança.

– Eu vou voltar, eu vou voltar para vocês!!!

– Você vai é voltar para casa, isso sim!

– Não sei de quem eu teria mais pena, do Dórken ou da sereia que se alimentaria dele. Imagine só... o Dórken!!! – comentou um dos aldeões próximo a nós, com semblante enojado.

– Podia ser pior, podia ser o Owen! Pelo menos Dórken não é um traidor.

Indignada, perguntava-me como ele poderia falar isso de uma criança? Será que não dava para esquecer Owen e focar na festa? Pelo menos Lana não estava lá para ouvir aquilo.

De repente, Dórken voltou rindo como uma criança e correndo o mais rápido que podia, quando uns cinco pularam em cima dele para imobilizá-lo.

– Bebeu demais! Tragam um balde de água! – falavam entre risadas e preocupação.

– Nada... dê uns bons socos nele que ele acorda!

– O amarrem em uma árvore! Não podemos deixar a sua loucura estragar uma festa como a de hoje. – disse Luke de mãos dadas com Alyra, que levava a mão à boca para não rir da situação.

Começaram a tentar levar Dórken, que se debatia feito louco. Luke gentilmente pôs os seus braços em volta de Alyra, a puxando para fora do caminho, como se a estivesse protegendo daquele grupo que lutava contra um bêbado que parecia ter mais força que todos.

Dórken foi finalmente amarrado numa árvore perto da taberna, e já não podíamos mais ouvir os seus gritos devido à distância entre a taberna e a festa. Víamos um louco completamente amarrado só com a cabeça para fora, que chacoalhava tanto em protesto que o cabelo cobria a sua cara. Se existisse alguma lenda sobre um espírito maluco da floresta, com certeza, teriam se inspirado em Dórken naquele momento.

Owen havia sido amarrado também, mas estava longe de todos, virado para o mar. Os sábios resolveram, por conta das comemorações, deixá-lo dormir e descansar para o seu triste destino no dia seguinte.

Horas se passaram, e a festa já havia acabado. Dórken adormecera, e a sua cabeça caía para frente enquanto os seus escravos tentavam desamarrá-lo.

Luke voltava de braços dados com Alyra, sob os olhares enciumados de Brenda.

E quanto a mim, tentava me convencer de que eles foram feitos um para o outro, mas duvidava de que algum dia iria me acostumar a vê-lo com alguém.

Os sábios assim como os outros aldeões nos liberaram, mas só poderíamos comer depois de limpar toda a bagunça. Apesar da fome e de a mesa estar praticamente vazia, Odo e outros escravos nos pediram que levássemos tudo para dentro de casa para que pudéssemos dividir as sobras.

Foram horas de trabalho que pareciam não ter fim. Os nossos corpos já cansados e doloridos mal nos permitiam continuar. Mas, se não terminássemos, seríamos açoitados por incompetência.

Finalmente terminamos e nos arrastamos até a casa dos escravos com tudo e mais um pouco do que poderíamos carregar. Eram restos de comida misturados aos líquidos que derrubaram sobre a mesa e a algumas flores já sem pétalas ou amassadas. Os grandes pedaços de pano bege que cobriam as mesas foram gentilmente retirados e dobrados para serem lavados no dia seguinte.

Todas as noites quando o frio se aproximava, os escravos faziam uma grande fogueira para se aquecerem, visto que não tinham muito que vestir. Mesmo os ajudando, nunca me atrevi a sentar com eles.

Apanhei a minha parte e fui para o meu quarto. Pude vê-los da minha janela. A fome e o cansaço eram tão grandes que eles mal conversavam. Comiam em silêncio, olhando para as suas refeições ou para o chão com a expressão de dor nos olhos e a preocupação de ter poucas horas para dormir.

Comecei finalmente a comer a minha metade de peixe e alguns legumes. Era pouco, mas, contando com a maçã que Grand havia me dado, seria o suficiente para evitar que eu fosse dormir com muita fome. Retirei a maçã de baixo do meu travesseiro, deixei-a de lado e mastiguei o peixe bem devagar para poder saborear ao máximo, até que alguém bateu na minha porta. Era Odo, estendendo-me um pedaço de carne de javali e cinco uvas roxas.

– Não posso aceitar a sua parte. Você precisa tanto quanto eu.

Odo entrou, colocou a sua parte na minha cama e saiu sem dizer nada.

Eu ficava impressionada com a sua bondade. O vi fazer o mesmo com os escravos mais novos. Ele apenas comeu da sua parte um pedaço de carne do tamanho da metade da palma da sua mão e meia maçã. Não sei se era ou não suficiente para ele, mas sabia que as pessoas que ele havia ajudado precisavam comer mais.

O complemento de Odo seria perfeito para mim, mas estava com a cabeça cheia de pensamentos que me fariam morrer de remorso se comesse. Pensei em Owen e no quanto ele deveria estar morrendo de fome, pobrezinho.

Agora, a aldeia toda dormia. Os escravos já haviam se retirado para aproveitarem as poucas horas de sono que lhes restavam e, mesmo assim, tomei cuidado para que não fosse vista ao ir ao encontro de Owen com a carne de javali e as cinco uvas nas mãos.

Lá estava ele, amarrado em um tronco, com a cabeça caída para frente, mas não estava dormindo. Chorou tanto que seus olhos estavam fundos; havia desistido de vez. Era horrível vê-lo naquela situação, ainda mais sendo tão novo. A alguns metros, vi a simples jangada feita por troncos de madeiras amarrados por cipós.

Eu me abaixei à sua frente pensando que ele ficaria feliz em me ver, mas, para a minha surpresa, estava tão fraco e desesperançado que sequer ligou para a comida.

– Por favor, vai embora! Alguém pode te ver.

– Não, Owen. Ninguém vai me ver. – estendi-lhe a comida. – Vamos, coma um pouco.

– Que diferença vai fazer? Vou morrer amanhã mesmo... – disse, fitando a areia.

Já havia presenciado inúmeras atrocidades, mas condenar uma criança à morte dessa forma era de longe a pior delas. Senti como se ele fosse o meu irmãozinho e eu tivesse falhado em protegê-lo. Tudo o que eu queria naquele momento era, de alguma forma, redimir-me, mesmo sem ter feito nada de errado. Se ao menos eu pudesse fazer alguma coisa, qualquer coisa para ajudá-lo... A comida ele não queria. Permanecer ao lado dele até amanhecer poderia resultar na minha morte, portanto, um gesto de carinho, talvez o último que ele iria receber, foi a única coisa em que eu pude pensar. Com o coração repleto de compaixão e os pensamentos elevados aos Deuses, acariciei o seu rosto e, no exato momento em que eu o toquei, senti um leve choque que pareceu confortá-lo.

Ambas as mãos ficaram levemente dormentes, e algum tipo de energia parecia sair delas. Owen fechou os olhos, apoiando o seu rosto na minha palma como se sentisse algo além do meu toque. Mesmo me questionando sobre o que poderia estar acontecendo, não me movi. Ele, assim como a comida que eu segurava, absorvia toda essa energia que parecia sair das minhas mãos. Quanto mais ele relaxava, mais elas formigavam, até que passou por completo. Owen então ergueu a cabeça, desencostando-a das minhas mãos e estranhamente, naquele momento, ele era outra pessoa.

A sua expressão e postura mudaram completamente. Parecia mais saudável e bem-disposto, como se nada tivesse acontecido.

Atônita, tentava entender o que eu acabara de fazer, e o mais impressionante era que Owen sequer havia notado algo estranho. Não aparentava mais ter medo do que aconteceria no dia seguinte tampouco parecia notar a diferença. Aproveitei para tentar mais uma vez convencê-lo a comer.

– Owen, por favor, coma um pouco. Não estou pensando em amanhã, e sim no agora. Você está fraco, e não sairei daqui enquanto não comer!

– Por que não dá essa comida para algum escravo que esteja com fome e precisará de forças para trabalhar amanhã? Por que se preocupar comigo? É desperdiçar comida!

Estrategicamente, botei a carne perto do seu nariz, e, ao sentir o cheiro, a fome acabou falando mais alto que a sua falta de esperanças. Como suas mãos estavam para trás, eu o ajudei, segurando o pedaço de carne à sua frente para que ele pudesse morder, arrancando os pedaços. Os seus olhos brilharam ao mastigar aquela carne que, mesmo um pouco dura, aparentava apetitosa.

La pedir que comesse devagar, mas a voracidade com a qual comia me fez perceber que seria algo impossível de pedir. Então chegou a vez das uvas, e fui dando uma a uma para que ele não passasse mal por comer tão rapidamente. Depois peguei um pedaço de pano e passei levemente ao redor da sua boca para que não notassem os restos de comida.

Owen aparentava agradecido. Tive vontade de chorar pelo que aconteceria no dia seguinte, mas evitei fazer isso na frente dele.

– Obrigado, Kyara!

Apenas sorri e me levantei para ir embora, quando o ouvi me chamando.

– Kyara...

– Sim? – virei-me para ele.

– Você acredita que as sereias possam ser boas? – perguntou desesperançado, mas na expectativa de que eu, de alguma forma, pudesse dar-lhe isso.

Por mais que eu quisesse que elas fossem, não iria mentir para ele, não nas suas últimas horas de vida. Percebendo, ele balançou a cabeça sem esperanças.

– É melhor você ir antes que alguém a veja.

Parte de mim queria ficar com ele, fazendo companhia e lhe dizendo as últimas palavras de conforto, mas a outra parte sabia que seria pior se eu ficasse, tanto para mim quanto para ele. Dei-lhe o último abraço, e Owen deitou a cabeça no meu ombro.

– Que os Deuses estejam ao seu lado amanhã. – abaixei, beijando-lhe a testa, e saí antes que começasse a chorar.

Voltei a andar pela aldeia onde nem parecia ter havido uma festa, a não ser por alguns arranjos de flores nas cercas das casas. Luzes de velas ainda acesas podiam ser vistas em poucas janelas. Os animais dormiam tranquilamente, e o silêncio junto com o cheiro de grama, que poderiam facilmente me fazer relaxar para dormir, pareciam não fazer efeito. A minha cabeça estava em Owen e nas minhas mãos que formigavam de uma forma estranha.

O céu, que já havia começado a clarear, fez com que eu percebesse que não teria muito tempo para dormir, mas, mesmo assim, continuei andando, porque sentia que algo estranhamente me puxava em direção à floresta. Era como se eu não tivesse controle do meu corpo. Comecei a temer o que acontecia. Primeiro, as minhas mãos, e agora isso?

Descalça, trilhei todo o caminho de terra batida e, mesmo que meus pés doessem ao pisar nos pedregulhos, continuei. Eu me virei para a esquerda para poder entrar na floresta e, quando menos percebi, senti o contraste de sensações dos pedregulhos da estrada com a grama macia. Fui guiada por uma melodia relaxante que ouvia ao longe e parecia vir do rio, mas não de um que ficava perto, e sim de outro que corria próximo ao território dos elfos.

Nunca pensei que veria tal imagem e não pude evitar ficar tocada com aquela visão. Sempre os vi na floresta, caçando ou apressados, mas, desta vez, era completamente diferente. Uma linda elfa de cabelos loiros e vestido vermelho de mangas compridas se sentava recostada em um carvalho, próximo às margens do outro lado do rio. Tocava a sua música em uma pequena harpa enquanto fitava a água corrente. Era como se o barulho das águas e a harpa se completassem. Lágrimas corriam pela sua face tão clara quanto a minha, mostrando que ela estava em sofrimento.

Percebia que ela tinha saudades de alguém que já se foi e, mesmo lamentando a sua dor, estava tocada com a cena mais linda que eu já havia visto. A harpa continuava a tocar, e a melodia que me fazia sorrir a fazia chorar pelas tristes lembranças a que parecia remetê-la.

Não senti que ela me atacaria se me notasse ali, portanto, não me preocupei em me esconder. Mas também não queria atrapalhar o seu momento, com receio de ela ir embora se notasse a minha presença. Sentei em silêncio ao lado de uma árvore afastada, recostando-me no seu tronco enquanto a observava. Por que tínhamos de ser inimigos? Ela parecia ser um ser tão bondoso que comecei a pensar em todo o bem que poderíamos fazer juntos se as nossas espécies se unissem e lamentei mais do que nunca essa rivalidade.

Naquele momento, não éramos diferentes ou rivais, e sim duas mulheres que sofriam por amor. Ela chorava por alguém que havia amado, mas já havia partido, enquanto eu amava em segredo alguém que estava aqui, mas que eu nunca poderia ter. A música começou a pesar e, quando menos percebi, eu chorava junto com ela. Então ela colocou a harpa em seu colo, cessando a música enquanto levava as mãos ao rosto para chorar. Foi quando, do tronco da árvore, um corpo feminino, feito da mesma casca, surgiu acariciando gentilmente os seus cabelos. Então percebi como era especial essa fidelidade entre as dríades e os elfos. Como fazia anos que eu não as via, preendi o fôlego encantada por ter esquecido o quão lindas elas eram. Assim

que ela se recompôs, em um segundo de silêncio como se tomasse forças para voltar a tocar ou ir embora, funguei alto, fazendo-as notar a minha presença.

Elas me olhavam fixamente, mas não consegui desvendar o sentimento em seus olhos. Apenas pararam na mesma posição. Tudo o que eu pude fazer foi sorrir e abaixar a cabeça, desculpando-me por tê-las incomodado. Ao virar de costas para ir embora, a harpa voltou a tocar. Então dei a minha última olhada, e a elfa havia voltado o seu olhar para o rio. Fiquei feliz em ver que não a atrapalhei e deixei-a terminar de ter o seu momento, pois eu já havia tido o meu.

Ao voltar para a aldeia, pela primeira vez, eu tive a sensação de estar sendo seguida, mas não por elfos ou humanos, e sim pelos espíritos das dríades que eu vira de relance e que me acompanhavam com o olhar, em pé, de onde os seus carvalhos foram derrubados. Apertei o meu passo o mais rápido que pude, pois o sono batia tão forte, que acreditava estar vendo coisas.



Capítulo 04

Dormi pouco, o meu corpo pesava e doía. A minha mente repleta de pensamentos e sentimentos diferentes não me deixavam ter forças para trabalhar hoje, ainda mais depois da cena que veríamos nesta manhã.

Os aldeões se reuniam, gritando para expressar as suas emoções. Uns vibravam de prazer ao estarem prestes a ver a morte de um traidor; outros xingavam por ele ter traído os sábios. Desde quando beber um mísero gole d'água de tantos baldes ou outros recipientes era considerado uma traição?

Ele vinha arrastando a sua jangada, seguido por um grupo de guerreiros que o escoltava até certa distância do mar, e os arqueiros ficaram na frente dos aldeões caso as sereias chegassem muito perto.

Escravos e aldeões se misturavam formando uma enorme multidão, debatendo-se ou empurrando para poderem ver a morte de Owen. Muitos dos escravos não queriam ver, mas foram obrigados por seus patrões para aprender a nunca tentar algo. Para o meu azar, fui sendo jogada cada vez mais para frente. O meu corpo doía tanto que tentei sair e ir para o fim da multidão, mas não consegui, pois ninguém dava espaço.

Finalmente, o silêncio.

– Daqui você vai sozinho. – disse um guerreiro para Owen.

– Por favor, não!!! – suplicava com as mãos em uma oração. Nesse momento, levei a mão à boca para abafar o meu pranto e evitar gritar para que o deixassem em paz.

– Vá! Cumpra a sua sentença! – esbravejou Norár, sem um pinga de compaixão.

Aterrorizado pelo tom da sua voz e sem esperanças, caminhou em direção ao mar, botando o seu primeiro pé na água, o que nos causou calafrios, mesmo sem nenhuma sereia à vista. Ao longe, elas começaram a surgir.

– Pare!!! – ordenou Norár.

O silêncio cessou com o espanto de todos, e eu torcia para ele ser perdoado. Alívio e esperança estavam estampados nos olhos de Owen, e indignação nos olhos de alguns aldeões. Norár chamou Luke, cochichando algo no seu ouvido. Luke então lhe jogou uma lança, que Owen desviou por não querer pegá-la.

– Se conseguir derrotar as sereias, estará livre da sua sentença. – disse com um sorriso sarcástico.

Até mesmo o maior dos tolos saberia que uma criança assustada não as venceria, e talvez nem mesmo o mais valente dos adultos. Norár, em toda sua maldade, queria apenas tornar aquilo mais interessante.

Ainda chorando, Owen andou de cabeça baixa, enquanto limpava as lágrimas. Passou direto pela lança que era muito pesada para ele carregar, deixando-a exatamente onde estava. Paralisou em frente à jangada, e as ordens de Norár para que ele prosseguisse não surtiam efeito. Todos os aldeões esbravejavam, mas Owen simplesmente não conseguia dar um passo sequer.

Norár chamou dois guerreiros, ordenando que fossem na sua direção. Um o pegou bruscamente, forçando-o a entrar na jangada. Ele relutou no início, mas depois nem tentou se mover. Os dois o empurraram, e a corrente se encarregou de levar Owen para longe. Ele abraçava os seus joelhos em pânico, chorando de soluçar.

As sereias já tinham desaparecido, e eu desejava fortemente que elas pudessem desistir, mas infelizmente uma delas surgiu, apoiando-se com os cotovelos dos braços cruzados na borda da jangada. O que nos deixou surpresos foi que ela se aproximou mais do que deveria, sem temer as flechas dos arqueiros, que rapidamente ergueram os seus arcos à espera do comando de Norár. Ele ergueu a sua mão, pedindo que aguardassem.

Todos fizeram silêncio, era a hora do derramamento de sangue.

Como a distância não era muita, pude perceber melhor as suas feições e os seus detalhes. Os seus cabelos castanho-claros eram tão longos que pareciam passar da cintura. Estavam jogados para trás, com uma concha de formato espiral pontuda. Ela o olhava enquanto Owen se mantinha encolhido, sem notar a sua presença. Esticou a sua mão esquerda, e nossos corações aceleravam. Toda a aldeia foi tomada pela exclamação dos aldeões, aguardando o momento de sua morte. Contudo, aquela mão de que todos ansiavam por violência surpreendeu em um gesto carinhoso ao afagar a sua perna.

Ao vê-la, o menino se arrastou para trás, amedrontado, mas a sereia fez um gesto gentil, como se demonstrasse não querer lhe fazer mal. De forma doce e serena, falou algo que o acalmou. Então Owen começou a se explicar, e a sereia, com os olhos repletos de compaixão, ouvia tudo atentamente. Ela disse algo que o fez consentir e, à medida que conversavam, as suas expressões pareciam suavizar, como se ele não tivesse mais medo. Owen finalmente se aproximou, e a sereia acariciou o seu rosto. Ele olhou para a concha nos seus cabelos, e ela retirou cuidadosamente. Depois lhe estendeu, fazendo um gesto para que ele a encostasse em seu ouvido, e ele assim o fez. Parecia atento e surpreso, como se ouvisse algo. Então outras sereias começaram a surgir, aproximando-se da mesma forma calma e serena da primeira.

Elas o cercaram, e todas conversavam com ele de forma que podíamos ouvir as risadas como se tivessem feito um amigo. Ele olhou para todas elas e, voltando o seu olhar para a primeira, pegou a sua mão que se estendia para ele, encorajando-o a pular na água. Owen se levantou para saltar, virou-se para nós e, suspirando, deu o seu último sorriso de despedida. Ele não sabia nadar, portanto, sentou-se na beirada da jangada. A sereia, em um gesto maternal, o ajudou, segurando-o nos seus braços, como um abraço tenro. Ambos mergulharam e desapareceram de vez de nossas vistas. Não houve gritos ou movimentação brusca na água ou nada que indicasse a sua morte, o que acabou causando muita indignação nos aldeões que esperavam ver um show de horrores.

Mesmo chorando pela morte do irmão, Lana parecia aliviada por não tê-lo visto sofrer.

Então me lembrei da sua última pergunta sobre as sereias serem boas. As suas atitudes foram tão surpreendentes, que me fez questionar se realmente haveria bondade nelas ou se foi tudo uma grande mentira ao fazê-lo acreditar que estaria salvo, tornando-as piores do que poderíamos imaginar. Mesmo não o tendo visto sofrer, o meu coração estava em frangalhos pela sua morte.

A multidão foi se dispersando, protestando por ele ter morrido de forma tão sem graça, enquanto os arqueiros permaneciam ali por mais um tempo a pedido dos sábios, caso as sereias ainda estivessem por perto.

Claro que os sábios previram que a sua morte não seria um espetáculo macabro, mas percebi que Norár havia armado tudo aquilo para amedrontar Owen, usando todos os aldeões para isso.

Lana via a jangada aos poucos ser levada pela corrente, balançando com as pequenas ondulações, como se Owen ainda estivesse nela. Com os olhos fundos de tanto chorar e as mãos juntas ao seu peito, tentava em vão não soluçar para não ser castigada. Pobrezinha, como teria forças para seguir com o seu dia, fazendo os seus serviços sem demonstrar qualquer sentimento? Queria abraçá-la, mas não poderia demonstrar compaixão ou seríamos severamente castigadas.

Estava nublado, o frio começava a se aproximar, e os sábios nos entregaram dois cestos com mantos de seda para lavarmos na floresta. Fiquei feliz de irmos juntas, pois, afastando-nos da aldeia, ela poderia extravasar melhor a sua dor. Só me preocupava com Lana lavando os mantos, visto que não estava acostumada. Se danificasse o tecido nobre, a sua punição seria bem cruel. Quanto a mim, estava exausta pela noite mal dormida e seria difícil me concentrar para não estragá-los.

Lana já havia parado de chorar, mas carregava o seu cesto ao meu lado em silêncio. Não parecia conformada com a morte do irmão, e eu sentia a sua luta interna na tentativa de esquecer o que havia acontecido. Não me conformava em não podermos sofrer a morte de um ente querido e me perguntava várias vezes por

que não tínhamos esse direito. Lana havia perdido um irmão. Por que não poderia ser deixada em paz para extravasar a sua dor?

Os meus pensamentos eram tantos que nem notei a distância que caminhávamos e, quando menos percebi, já estávamos perto do rio. A lembrança da elfa me veio à cabeça, e eu a imaginei tocando a sua harpa para Lana que também sofria por perder alguém.

Retirávamos os mantos dos cestos quando ouvimos passos e conversas do outro lado do rio. Um grupo de oito elfos, homens e mulheres, caminhava perto da margem, e, a julgar pelos seus arcos, flechas e lanças, estavam indo caçar. Os seus cabelos eram brancos iguais aos meus, menos os de uma das mulheres, que eram castanho-claros. Duas escravas dos humanos não seriam ameaças, portanto, eu estava calma. No entanto, talvez por sermos novas e não sabermos lutar, Lana se assustou.

– Calma, só estamos lavando roupas. Não estamos fazendo nada de errado ou ameaçador, não é mesmo? – passei a mão no seu braço para acalmá-la, mas falando alto o suficiente para que pudessem nos ouvir.

A elfa de cabelos castanhos me olhou por uns segundos enquanto iam embora, até sumirem das nossas vistas.

– Você é louca??? Como fala assim com um elfo? E se eles tivessem atacado a gente? – desesperou-se Lana.

– Elfos não são covardes para atacar duas meninas que lavam roupas à beira do rio. – tranquilizava-a

– E se tivessem nos atacado?

– Mas não o fizeram! Somos escravas, não guerreiras.

– Como você sabe tanto assim sobre os nossos inimigos? – questionou-me como se desconfiasse que eu escondera algo.

– Lana, apenas estou dizendo que eles só atacam quando são atacados. Algum já te atacou? Quantos deles você já viu?

Ela engoliu em seco, deixando escapar algumas lágrimas.

– Lana? – toquei o seu ombro, buscando o seu olhar.

Ela voltou rapidamente para lavar os mantos e esfregava com raiva sem temer danificá-los. Segurei a sua mão para que ela parasse e a fiz olhar para mim. Percebi que ela escondia algo, e as minhas suspeitas foram confirmadas quando ela voltou a chorar, e não era por Owen.

– Eu estava saindo do rio quando ele apareceu.

– Ele? Ele quem?

– Vim fazer o meu serviço. Vaughan me mandou pegar lenha. Era um dia quente, e eu estava muito cansada. O rio estava tão calmo e solitário que resolvi dar um rápido mergulho, mas não o notei atrás de mim, observando-me. Ele então entrou

no rio com um sorriso malicioso. Eu quis sair, mas ele me puxou, dizendo que não iria me machucar se eu cooperasse, mandando-me relaxar enquanto me tocava. Tentei relaxar, mas era impossível, e, quando menos esperei, ele já estava dentro de mim. A dor era tanta que tentei gritar, mas ele tapou a minha boca e continuou até que terminasse. Um elfo passou com o seu arco e flecha na hora, e o olhei implorando por ajuda. Ele poderia tê-lo matado para acabar com o meu sofrimento, mas simplesmente ignorou. Elfos são tão nojentos quanto os humanos. Ele terminou e vestiu as suas roupas, indo caçar em seguida. Eu fui deixada no rio sangrando e chorando de medo.

Era estarrecedor saber que mulheres, ainda mais uma menina tão nova, tinham de passar por isso, principalmente com um guerreiro, intocável pelo seu status na aldeia. Status algum lhes daria o direito de realizar atos tão cruéis. Algo precisava ser feito.

– Lana, quem fez isso com você? – perguntei amparando-a, mas ela balançou a cabeça se recusando a dizer.

– Lana! – insisti.

– Foi Luke! – disse relutante.

Soltei o seu braço boquiaberta. Eu ouvi direito? Luke? Não, não podia ser! Não ele! Por que, por quê??? Essa pergunta se repetia na minha mente inúmeras vezes, enquanto várias lembranças contrárias ao seu depoimento passavam em flash na minha memória. Ao mesmo tempo em que estava indignada pelo que acabara de ouvir, outra parte de mim se recusava a aceitar tamanha decepção com aquele por quem eu nutri sentimentos por anos.

– Lana, calma... tem certeza de que era ele?

– Claro que eu tenho certeza! Acha que eu não saberia dizer quem me violentou? – esbravejou incrédula.

– Você nunca contou para ninguém? Nem mesmo para os sábios?

– Para que contar, Kyara? Somos escravas! Quem se importa com a gente? Acha mesmo que os sábios iriam contra os guerreiros para nos defender? E outra... acha que os sábios não saberiam que isso aconteceria?

– Mas isso é errado! Eles nunca poderiam concordar com uma coisa dessas!

– Não existe errado para o que fazem conosco! Não é só porque você tem um canto para dormir e porque Grand gosta de você que ficaria livre de uma punição severa por tentar falar mal de uma ação de um guerreiro. Acha mesmo que Norár iria lhe poupar? – esbravejava.

– Tudo tem limite, Lana, e nenhum aldeão, seja guerreiro ou livre, poderia fazer isso com qualquer mulher da aldeia!

– Esses seus sonhos com um mundo perfeito onde todos se respeitam me dá nojo!

– desprezou, voltando a lavar os mantos, sem querer me olhar nos olhos.

As suas palavras me desagradaram, mas acabei por tomar a sua reação agressiva como mais uma forma de extravasar a sua dor. Eu me calei, mas, em minha mente, recusei a me conformar com a história que acabara de ouvir. Não conseguia imaginar alguém como Luke sendo capaz de fazer algo tão cruel. Em seguida, um choro interrompeu os meus pensamentos, e não era o de Lana.

Segui aquele som, e lá estava Alyra ajoelhada na frente da pedra dos sussurros com o manto de Eoghan nas mãos.

A pedra dos sussurros era comprida e oval, e ficava na parte rasa, próximo à margem do rio. Quando as cinzas de alguém eram jogadas, a correnteza se encarregava de levá-las em direção à pedra. Ao baterem nessa pedra, as suas almas ficavam presas até que evoluíssem e seguissem o seu caminho. Muitos a visitam na tentativa de falar com os seus entes queridos, mas há quem diga que a linguagem dos mortos é inaudível para os vivos.

Alyra era doce e frágil, e temi por ela em relação a Luke. Parte de mim lutava para esquecer a pessoa que eu acreditava que ele era, mas, ao vê-la tão desamparada, percebi que alguém como ela não mereceria tal monstro. E essa foi a palavra que acabei usando para definir aquele que amei por tantos anos em segredo.

Ela me viu, mas se manteve imóvel com a minha presença, como se não se importasse de chorar na minha frente, ao contrário, parecia precisar de um ombro amigo. Eu me aproximei cautelosa, pisei na água e a ajudei a se levantar. Depois a conduzi gentilmente para a grama. Abaixei e retorci a barra do seu vestido para tirar o excesso d'água enquanto ela parecia enxugar as lágrimas com o manto cinza.

– Obrigada. – a sua voz era rouca devido ao choro.

Sorri, quando ela me surpreendeu em um abraço, caindo em prantos.

– Sinto tanto a falta dele!

Não conheci os meus pais, tampouco tive irmãos, portanto, não conseguia entender essa dor. Mas, ao ver Lana e Alyra sofrendo a morte dos seus irmãos, estranhamente as invejei.

– Conseguiu ouvir alguma coisa?

– Posso confiar em você? – olhou para os seus pés, abaixando o manto cinza.

Apenas olhei para ela e, antes que pudesse dizer que sim, ela continuou:

– Sabe... desde que Eoghan foi sentenciado a escravo, eu passei a ver todos vocês de forma diferente. Ele foi tirado de mim, e nunca consegui deixar de vê-lo como meu, entende?

Balancei a cabeça.

– Eu o olhava de longe enquanto via as outras mulheres escravas cuidando das crianças que haviam acabado de ser rejeitadas. Elas o tratavam com carinho, mas estava errado! Não eram mães ou irmãs dele! O lugar dele era com a minha família! Não ali! Não com elas! – disse inconformada – Ele foi crescendo e brincando com

outros escravos da sua idade. Nem parecia saber quem eu era quando passava. Não podia culpá-lo, mas não aceitava aquilo.

Quando soube que ele estava doente, tudo o que eu queria era levar um pouco de comida e água para ele, mas os meus pais me proibiram e os sábios me castigariam. Antes eu tivesse ido, porque, mesmo tendo sido castigada, ao menos hoje Eoghan estaria vivo! – caiu em prantos novamente.

– Pelos Deuses, Alyra. Nem sei o que dizer, a não ser que lamento muito pelo seu irmãozinho. – abracei-a com força, mostrando o meu apoio.

– Ele não era o meu irmão. Era o meu filho!

– O quê???

– Por favor, confio que você guardará o meu segredo!

– Mas os sábios estavam cientes disso?

– O tempo todo. Cedric era o pai do meu filho. Foi apenas um dia, um descuido, e acabei engravidando. Sempre fui muito correta, mas cometi um erro ao me entregar para alguém que não seria o meu marido.

Os sábios nos chamaram e quiseram me poupar dessa vergonha, uma mãe com um filho que não tinha pai. Cedric era muito respeitado entre os guerreiros e, mesmo tendo morrido em batalha, já sabia que, caso tivesse sobrevivido, não iria querer assumir. Os sábios já haviam previsto e mandaram que eu e a minha mãe nos escondêssemos em casa até o dia do nascimento, com a desculpa de que a minha mãe estava com uma gravidez delicada e eu a estaria ajudando.

As minhas lembranças se voltaram ao dia que anunciaram o triste destino de Eoghan e à reação de Alyra ao ver o seu único filho lhe sendo tirado dessa forma. Claro, agora tudo fazia sentido. Mas me surpreendi de os sábios terem feito isso por ela.

– Mas por que os sábios quiseram te poupar? Não estou dizendo que você não merecia, mas o que os fez ter essa atitude?

– Por que ele havia sido gerado por um guerreiro. Se fosse filho de um cidadão livre, nem sei se poderia estar viva agora.

Enquanto eu a via chorando no meu ombro, mais uma vez, lembrei-me do que Lana acabara de me contar. Alyra é uma boa pessoa, que já sofreu muito e, com certeza, não merecia alguém como Luke. Quis contar a ela, mesmo que Lana pudesse me odiar pelo resto da vida, mas não poderia fazer isso agora devido à forma tão fragilizada em que ela se encontrava.

Ouvi uns passos... era Lana, que veio ver o motivo da minha demora. O seu semblante logo se igualou ao de Alyra ao vê-la chorando com o manto cinza que ela, assim como todos, acreditava ser de seu irmãozinho. As duas se olharam e consentiram com a cabeça, respeitando a dor uma da outra. Como me viu

consolando Alyra, sentiu-se à vontade para fazer o mesmo, aproximando-se e pegando na sua mão.

Tínhamos de voltar para lavar os mantos de seda, e Alyra esperou sentada perto de nós, aproveitando para se acalmar. Lana também aproveitou para chorar tudo o que poderia. Assim, voltariam para a aldeia mais tranquilas.

Caminhamos de volta em silêncio. A minha cabeça chegava a doer de tantos pensamentos distintos, mas o que mais me pesava era que nós três tínhamos algo em comum: Luke. Isso não iria ficar assim.



Capítulo 05

Andávamos lado a lado. Mal estávamos perto da aldeia, ouvimos gritos vindos da praia. Corremos o mais rápido que pudemos, mas foi em vão. Toda a aldeia havia se juntado em uma multidão, impedindo-nos de passar. Começaram a içar algo, mas a corda arrebentou, o que causou gritos. Alyra entrou na sua casa, deixando a curiosidade para depois. Não tivemos escolha a não ser aguardar que se dissipassem, pois não conseguiríamos passar com os cestos entre as pessoas.

Aos poucos, começaram a dispersar, mas, mesmo assim, ainda havia muitos aldeões cobrindo quase toda a parte da areia. Mal chegamos à casa dos sábios, Vaughan apareceu impaciente na porta, ordenando-nos que levássemos os mantos e estendêssemos para secar. Trememos só de pensar que pudéssemos ser castigadas, tamanha era a fúria em seu olhar.

Chegamos à frente da casa dos escravos. Fiquei pensando sobre o ocorrido... Lana, sem conseguir esconder a sua ansiedade, retirava os mantos para serem estendidos.

– O que está acontecendo? O que foi tudo aquilo? – perguntou Lana.

– Você não viu? – respondeu um dos escravos com olhar arregalado.

– Acabamos de chegar. – respondi.

Ele me deu um rápido olhar de tédio, voltando-se para Lana com um semblante mais amistoso. Mas, quando ia contar, Odo apareceu dizendo que os sábios queriam vê-lo. Ficamos sem saber. Outros escravos traziam lenhas para a fogueira e uns restos de comida que os seus patrões não comeram no almoço. Enquanto as escravas separavam todas as porções igualmente, os homens faziam o fogo. Eu e Lana continuávamos colocando os mantos para secar. A minha curiosidade não passava, e nenhum escravo comentava o acontecido. O bom foi que o tempo correu e grande parte da multidão já havia se espalhado. Assim poderíamos tentar ver do que se tratava tudo aquilo.

Depois de pendurarmos os mantos, Lana e eu fomos matar a curiosidade e seguimos em direção à praia.

De repente, a minha atenção mudou o foco quando vi Luke trazendo Alyra. Por trás, ele a envolvia em um braço, tapando os seus olhos com o outro para lhe fazer uma surpresa.

Foi estranho vê-lo pela primeira vez após o que eu soube, mas Alyra era a maior das minhas preocupações. Lana também voltou a sua atenção a ele e encolheu os ombros discretamente, enquanto fitava o chão para evitar encará-lo.

Luke cochichava algo em seu ouvido, e os dois riam. Alyra tentava tirar a sua mão dos seus olhos em uma brincadeira, mostrando ansiedade de ver o que Luke tinha para mostrar. Quando ele tirou a mão, Alyra arregalou os olhos, congelando o seu sorriso. Lana e eu rapidamente nos voltamos para finalmente olhar o que içaram e nos deparamos com uma sereia que havia sido capturada.

Estava sentada, amarrada com as mãos para trás de um largo tronco de madeira, assim como Owen. Os seus olhos e a sua boca foram vendados. As flechas ainda fincadas na cauda e no ombro direito comprometiam os seus movimentos, causando-lhe dor e agonia. A sua cabeça caía para frente, e as lágrimas ainda corriam pelo seu rosto. Não sei quanto a Lana e Alyra, mas, em meio a tanto medo que elas nos causavam, eu tive compaixão. Os seus cabelos loiros estavam quase secos, mas se mantinham belos e brilhantes.

– Ela achou que poderia se aproximar mais depois que mandamos o traidor para as águas, mas agora pagará caro pelo seu atrevimento. – fazia pouco caso da sua dor. – E que sirva de lição para as outras! – encarou-a, e ela rosnou abafado pelo pano. – Pensei em empalhá-la e pôr na nossa sala como um troféu, afinal, fui eu quem a avistei e dei as ordens para os arqueiros atirarem. – estufou o peito orgulhoso.

A sereia se contorcia e grunhia ao ouvir o seu destino.

Um escravo veio seguido por um guerreiro, carregando um jarro grande que despejou nela, evitando que a sereia se ressecasse, prolongando a sua dor e agonia de estar machucada e amarrada.

– Pobrezinha... – suspirou Alyra.

– Não se deixe enganar pela sua beleza, afinal, são seres malignos. Pensei que gostaria de ver uma sereia de perto sem precisar temê-la. – acariciou as suas mãos, as beijando em seguida.

Alyra deixou de lado o sentimento de pena por um largo sorriso tímido ao ouvir aquelas palavras.

– Acho que tem razão. – sorriu.

Luke passava os seus braços ao seu redor e a levou para longe dali. Agora, com os dois longe da minha vista, a minha atenção se voltou para a sereia. Que direito ele tinha de chamá-las de seres malignos depois do que fez com Lana? Luke agora me enojava. Ao mesmo tempo, eu temia por Alyra.

A sereia começava a se acalmar, até o arqueiro chutar areia no seu corpo molhado em um gesto covarde. Ela rosnava e se debatia, e parte de mim queria que ela o

matasse. Os arqueiros que a vigiavam estavam agora voltados para o mar, caso alguma outra sereia tentasse se aproximar para salvá-la.

O seu corpo curvado de cansaço me remeteu a Owen mais cedo, e, à medida que ela respirava, sentia a mistura de dor e derrota. De repente, foi como se eu tivesse sido tomada por alguma bravura e, em um ato de coragem repentino, peguei o lenço que Lana usava para prender os seus cabelos e me aproximei cautelosamente. Pensei que ela fosse se assustar ou reclamar depois de tudo o que passou, mas, para a minha surpresa, permaneceu calma e imóvel ao sentir que eu me aproximava. Foi como se ela soubesse, de alguma forma, que meu gesto era de ajuda. Não poderia retirar a flecha, portanto, apenas pressionei um pouco abaixo do seu ombro, limpando o sangue que escorria pelo seu braço.

Ninguém era completamente bom ou mau, e, ao lembrar-me de Luke, entre tantas outras coisas que já vivi, concluía que os humanos não eram diferentes do ser “tão maligno” que acabavam de capturar. Lana olhava apavorada e, temendo que fôssemos pegas, correu em direção à casa dos escravos, deixando-me levar a culpa sozinha. A sua atitude não me surpreendeu, mas, quando a sereia tentou falar, o meu coração quase parou. Eu sabia que era um ato muito perigoso, mas foi como se alguém acalmasse o meu medo, encorajando-me a fazer o que eu fiz. Retirei o pedaço de pano que tapava a sua boca para ouvir o que ela ia dizer.

– Não preciso te ver para saber quem você é. – disse de forma serena.

Atônita, paralisei com o braço no ar, perto do seu rosto e, após segundos de silêncio, vendo que não obteria nenhuma resposta de minha parte, ela insistiu:

– Foi você quem ajudou o garoto, não foi?

Quando dei por mim, já havia tapado a sua boca com o lenço novamente e, aterrorizada, corria em disparada, em direção à casa dos escravos. Enrolei e escondi o lenço de Lana com o seu sangue debaixo da minha blusa e, ao olhar para trás, o seu rosto ainda estava virado na minha direção, como se pudesse me ver fugindo. Será que ela ia tentar me manipular como fizeram com Owen? Fingir ser bondosa para ganhar a minha confiança e depois me matar? Só parei com as minhas especulações porque pensei nos sábios e no castigo que eu levaria se descobrissem o que eu fiz. Como nem sempre os Deuses os permitiam ver, torcia para que esta fosse uma dessas vezes.

Cheguei à casa dos escravos receosa em transparecer algo. Os olhares tortos de sempre pareciam me julgar pelos meus atos de agora há pouco, como se todos tivessem me visto. Respirei fundo, ignorando como de costume, mas, por dentro, eu tremia só de pensar nas consequências que poderia sofrer se descobrissem que tentei ajudar a sereia. E se Lana tivesse contado? Calmamente, dirigi-me em direção a uma escrava para oferecer ajuda. Ela torceu o nariz de leve e fez sinal para eu ir

para o outro lado da casa, onde Lana separava cuidadosamente uns grãos para plantação.

Ao me ver, o seu semblante mudou de concentração para raiva, dando um enorme tapa na mesa ao pegar os grãos, trazendo-a para perto de si e assustando a escrava ao seu lado, que saltou do seu banquinho.

– Pensei que fosse fazer tudo sozinha enquanto você cuidava da sua amiga. – sussurrou sarcasticamente.

A escrava, que já havia voltado para o seu banquinho, levantou o olhar curiosa, mas nenhuma de nós disse uma palavra sequer. Eu me juntei a elas, ajudando a separar uns grãos de cevada, e o silêncio teria tomado conta da mesa se não fosse pela respiração pesada de Lana, visivelmente incomodada, e o barulho que a escrava fazia ao se remexer no seu banquinho na esperança de saber o que havia acontecido entre a gente. Incomodada com as atitudes das duas, ignorava-as tentando me concentrar nos grãos. Quando finalmente elas se aquietaram, um escravo entrou em disparada, avisando que tínhamos visitas. Imediatamente, largamos os nossos serviços, correndo para perto da entrada e, claro, nós nos surpreendemos ao ver os cavaleiros de Weston, com as suas armaduras metálicas e túnicas vermelhas com o famoso lince bordado em dourado.

Os guerreiros taparam a entrada da vila a fim de saber o que queriam, e Luke, que estava com Alyra perto da porta do seu jardim, arrogantemente se pôs na frente de todos.

O líder deles então se aproximou calmamente. Primeiro, empurrou para cima a aba do elmo e, em seguida, retirou o capacete e levou o seu punho ao peito, inclinando levemente a cabeça em um gesto de respeito. O seu gesto repercutiu como um alívio para nós, visto que eles vinham em maior número, mas não o suficiente para baixar o ego de Luke e dos outros, que mantiveram a postura arrogante.

– O que vieram fazer aqui? – perguntou Luke de modo nada amigável.

– Viemos convocá-los em nome do rei.

Os guerreiros riram das suas palavras, interrompendo-o. Não era para menos, pois o nosso rei nunca nos ajudou nem a qualquer outra aldeia que ficasse longe de Weston.

– E por que o rei nos convocaria?

O líder respirou fundo, tentando ignorar a arrogância de Luke, e deu prosseguimento.

– Tenho de lembrá-los que Ardhem está sob o domínio do rei e que não lhes cabe questionar as suas ordens!

Luke e os outros, indignados, viram-se forçados a engolir a sua arrogância perante aquela afirmação.

– Não viemos lhes perguntar, e sim convocá-los. Weston fica a dez dias daqui, por terra. Portanto, em nome dos nossos exaustivos dias de viagem, apreciaríamos um pouco da sua hospitalidade. – disse, mantendo um tom mais sereno. – E, para mostrar a boa vontade do nosso rei, ele lhes envia caixotes repletos de bebidas, carnes e especiarias. – apontou para trás, enquanto dois dos seus cavaleiros descobriam uma enorme carroça, repleta de caixas.

Todos exclamaram felizes com os generosos presentes, mas Luke e os guerreiros, embora baixassem o seu tom de voz, ainda pareciam relutantes em querer servi-lo. Os escravos se entreolhavam felizes, na esperança de que pudesse sobrar, mesmo que um pouco, daquela comida para repartirmos. Luke pegou fôlego para falar, mas foi interrompido pelos cascos dos cavalos dos guerreiros montados que vieram da nossa aldeia.

– Os nossos líderes pedem desculpas pela recepção pouco amistosa. – disse ao descer do cavalo, depois inclinou levemente o seu corpo para frente.

O líder deles fez o mesmo, aceitando as desculpas. Luke estava indignado.

– Eles os convidam para entrar e desfrutar da nossa hospitalidade. Por favor, venham comigo. – disse fazendo sinal para que os seguissem.

Luke, muito a contragosto, esquivou-se para o lado para deixá-los passar. O líder ainda consentiu com a cabeça para Luke, que se viu forçado a retribuir o gesto. Então, um a um, foram entrando, seguidos do seu líder e dos olhares curiosos. Um guerreiro que estava na porta ordenou a um grupo de escravos que pegassem os caixotes e levassem para a casa dos sábios, sob a ameaça de açoitamento se deixassem cair. Quanto ao resto de nós, mandaram-nos voltar aos nossos serviços. No entanto, as nossas mentes se inquietavam querendo saber o motivo da convocação. Grand sempre me falou de Weston, pois era um dos locais que ele mais sonhava conhecer. Diferente daqui, era cercado por um enorme e alto muro de pedras, que ajudava a protegê-los. Nesse muro, estátuas que tomavam vida à noite ceifavam a vida de invasores.

A minha curiosidade cessou ao ver um grupo de Weston que olhava impressionado para a sereia capturada. Imediatamente, todos os meus pensamentos se voltaram para ela. O que ela queria me contar? Nem consegui vê-la direito, mas imaginei o quanto ela poderia estar amedrontada escutando os comentários ao seu redor. Agora, tudo o que eu queria era que ela fosse devolvida ao mar.

Alguns dos visitantes aguardavam do lado de fora da casa dos sábios, e as suas posturas eretas mostravam o quão sério era o motivo da visita. O que mais me intrigava era por que os Deuses não permitiram aos sábios enxergarem a convocação do rei. Às vezes, desconfio de que eles nos veem como peças de um enorme tabuleiro em que se divertem ao brincarem com as nossas vidas e os nossos destinos.

Luke voltava sorrindo da casa de Alyra e olhava para o céu agradecido como se tivesse conseguido algo. Estava tão cheio de si que nem notou o meu olhar de ódio para ele. O que desfez o seu sorriso, infelizmente, não fui eu, e sim um dos guerreiros que saía da casa dos sábios, chamando-nos com urgência. Pensei em Grand e no seu estado de saúde. Então corri o mais rápido possível.

Todos os sábios estavam nos seus tronos. Grand não aparentava nada bem, mas tentava se mostrar forte. Alguns dos nossos guerreiros estavam enfileirados no final da sala, atrás da mesa de madeira maciça. No chão, em frente ao desenho da nossa aldeia, alguns dos melhores guerreiros estavam de pé, e Luke se juntara a eles. Os meninos aprendizes estavam de pé em respeito aos visitantes, e, na frente dos tronos, o líder deles, que estava com uma vestimenta diferente. Os seus cabelos loiros estavam trançados para trás, a sua barba era curta, porém bem grossa, e usava uma blusa vermelha com mangas até os cotovelos, por baixo de uma armadura peitoral cobre. Usava também calças e botas marrons até os joelhos e, nas costas, um manto vermelho preso com uma corrente dourada às suas ombreiras.

– Uma proposta muito interessante essa do nosso rei de Weston – disse Norár ao lado do suposto líder.

Então havia uma proposta junto com a convocação? – pensei.

– Kyara! – apontou para mim.

Engoli em seco, e todos os olhares se voltaram para mim. Um dos guerreiros me puxou pelo braço, conduzindo-me com grosseria para perto do líder dos guerreiros de Weston.

– O motivo da convocação é, de fato, muito interessante para nós. Os Deuses não estão permitindo enxergar o futuro, mas tenho um ótimo pressentimento quanto a isso e, em agradecimento pela sua tão generosa oferta, estou lhe dando uma escrava de presente.

– O quê??? Não!!! – protestei. Ardhem era o meu lar, não queria partir! Implorava para que me deixassem ficar.

Grand quase saltou do seu trono, e os seus olhos cansados mostravam uma enorme preocupação, enquanto apertava forte os pelos de urso nos encostos do braço.

Norár me puxou pelo braço com força, posicionando-me bem na frente do estranho que me olhava de cima abaixo assustado, enquanto Norár fazia um gesto para que Luke e outros dois guerreiros se aproximassem. Eles me seguraram enquanto eu me debatia para que me soltassem, até que Luke, por trás, imobilizou o meu rosto com a mão na minha testa e, com a mão livre, apertou a minha mandíbula, fazendo-me abrir a boca.

– Bons dentes, ótimo estado para uma escrava ou para algo mais se preferir. – completou com um sorriso malicioso, passando a mão no meu traseiro.

Indignada, eu chorava de ódio por ter sido tocada daquele jeito. As minhas mãos começaram a arder de forma estranha, tamanha era a minha adrenalina. Era assim que ele nos via? Se não estivesse sendo segurada por dois guerreiros fortes, eu teria lhe dado um soco. Poderia morrer por isso, mas seria melhor do que ir embora ou deixá-lo ter essa liberdade com o meu corpo. O líder parecia sensibilizado com a minha dor, respirou fundo, olhando-me de forma a tentar me confortar.

Grand chorava tentando conter o seu desespero, enquanto os outros sábios ficaram imóveis sem parecer se incomodarem. Jonsin tocou o seu ombro para acalmá-lo.

– Se ela agora pertence a mim, então não a machuquem! É apenas uma jovem! – ordenou.

Os guerreiros afrouxaram as suas mãos, mas não me soltaram. Estava sem o meu gorro, apenas com o rabo de cavalo baixo quase se desfazendo, e em pânico só de pensar nas minhas orelhas aparecendo.

– Mas me digam... o que ela tem de tão especial além dos dentes em bom estado? Muitos escravos estão assim. Por que querem se desfazer de uma escrava que, segundo vocês, está em perfeitas condições de trabalho?

Os sábios arregalaram os olhos sentindo o que Norár contaria, e, nesse exato momento, eu soube que o meu segredo seria finalmente revelado. Norár subiu lentamente os degraus, seguido do silêncio repleto de ansiedade que causara, esparramou-se no seu trono e apontou para mim desleixadamente:

– Ela não é humana!

Perplexa, a sala inteira exclamou, enquanto eu me encolhia e fechava fortemente os meus olhos, aguardando a reação final que não seria nada fácil.

– Não entendo. O que quer dizer com “ela não é humana”? Está claro para mim que...

– Shh! – pediu Norár, levando o dedo indicador à boca. Em seguida, sussurrou uma ordem no ouvido de Kenneth, que desceu as escadas rapidamente e, bruscamente, puxou o meu cabelo para trás das minhas orelhas. Quando as pontas apareceram, os guerreiros que me seguravam soltaram-me enojados, fazendo com que eu caísse no chão de joelhos.

– Ela é metade elfo! A sua mãe traiu a nossa espécie com um elfo nojento, e, como punição da sua traição, a filha foi sentenciada à escravidão.

A sala foi tomada pelos gritos, protestos e xingamentos, enquanto o estranho me encarava boquiaberto.

– Aberração!!! É isso que você é! – rosnou Luke, expelindo saliva, cuspiendo no chão, próximo a mim.

Em pânico, chorava, tapando o meu rosto de vergonha, soluçando em meio a tantas ameaças. Um dos guerreiros me empurrou bruscamente, e eu caí de rosto no

chão. Depois pressionou o meu pescoço com o seu cotovelo, imobilizando-me. Olhei para Norár com olhar de súplica, implorando para que mandasse parar, mas ele parecia estar adorando. A fúria deu lugar às gargalhadas, e agora eu seria a diversão.

Luke se aproximou por trás e rasgou as costas da minha blusa, e, ao tentar tirar a minha calça para me despir e humilhar, fez com que o meu desespero se transformasse em ódio. Indignada, recusava-me a ser alvo de tamanha humilhação, e então uma força estranha tomou conta de mim, fazendo as minhas mãos queimarem como se tocassem ferro quente. Uma energia estranha e incomensurável parecia formar uma bolha gigantesca dentro de mim, prestes a explodir, até que Grand se pronunciou.

– Pelos Deuses, parem com isso imediatamente!!! – esbravejou, retorcendo-se na cadeira, juntando as suas últimas forças.

O silêncio então tomou conta da sala, e os dois finalmente me soltaram, levantando em um salto em respeito à ordem de Grand. Permaneci sentada e, por mais que aquela sensação começasse a desaparecer, as minhas mãos ardiam e meu sangue borbulhava enquanto corria pelo meu corpo. Foi uma mistura de muitos sentimentos que nunca sonhei em sentir e, mesmo desconhecendo essas sensações, eu tinha certeza de que eu queria sair dali. Eu me abraçava, evitando que a minha blusa caísse deixando os meus seios à mostra, e me curvei fitando o chão para não olhá-los nos olhos.

Norár friamente ameaçou falar algo, mas se conteve. As lágrimas desciam dos olhos de Grand. Jonsin encarava o chão desconfortável, e até Kenneth estava assustado. Após ter-se recobrado do choque, o líder dos soldados de Weston demonstrou compaixão.

– Claro que devem estar se perguntando por que escondemos isso por todos esses anos, mas achamos que ela nos seria útil um dia, e esse dia chegou. Não pensem que gostei de proteger uma espécie rival, mesmo escravizando-a. – olhou-me enojado.

Luke me puxou bruscamente pelo braço para que eu me levantasse, fazendo com que um dos meus seios ficasse à mostra por um segundo.

– Tire as mãos dela! – gritou o líder. – Eu a levarei comigo, juntamente com os outros escravos que me prometeram.

Outros??? Mais escravos iriam também?

Norár olhou para Luke e, com um gesto de cabeça, consentiu as ordens do líder de Weston, fazendo ele me soltar.

– Quando pretendem partir? – perguntou Norár.

– Assim que os navios estiverem prontos, conforme acordado anteriormente.

Norár desceu do seu trono em direção ao desenho no chão.

– A viagem pelo mar, de fato, seria mais rápida. Uns dois dias, eu presumo. – disse traçando o caminho no chão com a ponta do seu cajado. – Isso se já tivéssemos os navios prontos, pois, se tivermos de contar os meses que demoraremos para construí-los, será mais rápido vocês irem por terra.

– De fato! No entanto, nós de Weston já estamos construindo os nossos e necessitamos que vocês contribuam trabalhando também. Não esqueça que a única entrada é pelo mar de Tornuár, território dos centauros.

Norár tentou buscar algo na sua visão, mas os Deuses não responderam.

– Então será feito! Vamos reunir os nossos homens para construírem quantos navios forem necessários, mas o que te faz acreditar que os centauros irão concordar?

– Acredite, as nossas propostas sempre são generosas. – sorriu.

– Ótimo! Daremos prosseguimento às construções imediatamente. Você! – apontou para mim. – Não é mais uma de nós, portanto, siga as ordens do seu novo dono!

Ele parecia ser uma boa pessoa, mas ainda tentava me acostumar com a ideia de que não mais serviria a Grand. Olhei para ele com a cabeça baixa e consenti aguardando uma ordem.

– Apenas fique por perto no momento. – disse gentilmente, enquanto fez um gesto para que outro guerreiro de Weston se aproximasse com uma túnica em mãos. Ele me vestiu com o lince dourado, e eu finalmente pude relaxar os meus braços sem medo de ficar despida. Aproveitei para refazer o meu rabo de cavalo, escondendo as minhas orelhas novamente. Depois sussurrei um agradecimento, e ele sorriu um sorriso tenro como os que Grand costumava me dar. Em seguida, fui para o canto da sala onde os guerreiros de Weston estavam.

Os guerreiros de Arnhem me conheciam desde criança e se afastaram enojados para que eu passasse sem encostar neles. Já os guerreiros de Weston não esboçaram nenhum sinal de repúdio. Eu me posicionei ao lado de um guerreiro que estava segurando o seu escudo do lado direito, onde eu ficaria. Para a minha surpresa, mudou o seu escudo de lado. Nesse curto caminho silencioso e tenso, o gesto desse estranho me confortou. Mas ainda estava triste em ter de partir.

– Então, como faremos para cruzar os mares em segurança? – perguntou o meu novo dono. – Acredito que tenha um plano.

– As águas são os territórios das sereias, e, se precisarmos entrar no seu território, teremos de fazer um acordo. A minha proposta é uma troca de favores. Elas nos deixam navegar nas suas águas, e nós daremos uns escravos como oferta. – disse Norár.

Eu me remexi ao lado do guerreiro em protesto. Não!!! Pensei comigo mesma. Isso é um absurdo! Não haveria outro jeito de se chegar a um acordo sem acabar

com vidas inocentes?

– Se me permite que lhe dê uma última ordem. – perguntou Norár para o meu novo dono, referindo-se a mim. Ele consentiu.

– Venha aqui! – ordenou, apontando para o chão perto dos seus pés.

Eu me aproximei e, mais uma vez, todos se afastaram, mas agora esboçavam raiva.

– Dê uma lança à sereia, solte-a e a peça que leve para as outras a nossa proposta. A lança fincada em uma pedra distante amanhã significa que aceitaram o nosso acordo, caso contrário...

– Caso contrário, partiremos a pé pela manhã. – completou o meu novo dono.

A primeira coisa que veio a minha mente era que a sereia seria libertada e teria outra chance para saber o que ela tinha a me dizer, mas, ao mesmo tempo, ter de lhe dar essa proposta me matava por dentro. Precisava cumprir a minha tarefa, mas me confortava saber que esta seria a última vez em que Norár mandaria em mim. Eu me curvei para ele aceitando a ordem enquanto ele fazia um gesto para que Luke se aproximasse com uma lança. Estendi a mão para pegá-la, e ele simplesmente jogou no chão. Respirei fundo aos sons das risadas contidas.

– Ops! – disse sarcástico ao chutar a lança para longe quando me agachei para pegá-la.

As risadas aumentaram.

– Já chega, Luke. – Grand olhava para baixo. Estava tão fraco e triste que nem conseguia dar uma ordem direito, mas mesmo assim o fez.

Luke se recompôs, e a sua expressão mudou ao ouvir o tom na voz de Grand. Todos estavam realmente preocupados com a sua condição. Aproveitei o momento de silêncio, peguei a lança do chão e saí o mais rápido que pude, não só para me livrar de Luke e dos outros, mas porque ansiava por libertar a sereia.

A sua posição era de quem já havia desistido. Não precisava ver os seus olhos para sentir a sua dor. As flechas ainda fincadas me faziam sentir compaixão por uma espécie que eu sempre temi. Mais uma vez, ela me sentiu e, olhando na minha direção, com os olhos ainda vendados, suspirou como se a minha presença lhe confortasse. Afrouxei a lança em minha mão, que escorregou, e depois a finquei na areia. Em seguida, sem medo, abaixei perto dela, que ergueu a cabeça ansiosa. Cuidadosamente, retirei a venda dos seus olhos, um verde apagado pela dor e pelo cansaço, mas que não escondiam a sua beleza. Quando estava prestes a tocá-la, o seu olhar, que me fitava de forma agradecida, logo se arregalou ao ver o que vinha por trás de mim.

Uma mão agarrou bruscamente o meu ombro, jogando-me para trás. A venda na sua boca abafava os seus rosnados até que um soco a fez ficar quieta. Olhei para o arqueiro que estava em pé na nossa frente, com um olhar nem um pouco amigável.

– Mas o que pensa que está fazendo???

– Norár me deu ordem para soltar a sereia!!! – respondi amedrontada.

– E por que ele iria querer que a soltasse? – perguntou sem acreditar.

– Ele quer que naveguemos até Weston. O acordo será dar uns escravos como oferenda. A lança é para ser fincada em alguma pedra amanhã, caso aceitem a nossa proposta.

Outros arqueiros se aproximaram.

– Ouviram isso? Escravos como oferenda! – gargalhavam.

O arqueiro pegou a lança do chão e a segurou perto do pescoço da sereia.

– Você! – apontou para outro arqueiro. – Precisamos tirá-la do tronco. Desamarre-a, e eu assegurarei de que ela não tentará nada. Em seguida, amarre as suas mãos para trás novamente.

– Mas como ela vai conseguir nadar com as mãos amarradas? – perguntei preocupada.

– Não é da nossa conta!

Livre do tronco, com os braços novamente amarrados para trás, o arqueiro a pegou pelo braço, ignorando a flecha fincada em seu ombro, enquanto a arrastava bruscamente até a água, deixando um rastro de sangue gerado pela flecha em sua cauda. Ela se contorcia e rosnava de dor, e então tentei me aproximar para levantar a sua cauda evitando que arrastasse, mas fui impedida por outro arqueiro.

Outras sereias surgiram ao longe, em um misto de raiva por terem-na capturado e ansiedade por tê-la de volta. Os arqueiros rapidamente ergueram os seus arcos em alerta, enquanto o outro arqueiro a jogou próximo à água como um pedaço de lixo.

– Não se esqueça de levar a nossa proposta para as outras! – ordenou, jogando a lança.

Ela se arrastava com dificuldade, quase desmaiando de dor, e eu não podia fazer nada para ajudá-la. Ela me deu uma última olhada, e eu consenti com a cabeça lhe mostrando apoio. Depois de muito se arrastar, conseguiu finalmente chegar a uma parte mais funda, mergulhando e sumindo das nossas vistas.

Ia voltando para a sala dos tronos, quando os guerreiros estavam saindo. A reunião havia acabado e me mantive longe enquanto eles se dispersavam. Escravos e cidadãos livres perceberam a túnica que eu vestia e, ao verem o lince dourado, sussurravam comentários nada agradáveis. Geralmente, eu fitava o chão para não encará-los, evitando os seus olhares e as suas palavras inamistosas, mas hoje, após tudo o que eu passei, encarei-os nos olhos, fulminando toda a minha indignação. Estava farta de tudo isso!

Finalmente, todos os guerreiros de Ardhem pareciam ter deixado a sala dos tronos, e então eu arrisquei entrar. Norár estava conversando com o meu novo dono

e, quando me viu, parou de falar. Eu me curvei diante dele, ignorando Norár, aguardando alguma ordem.

– Deu o nosso recado? – perguntou o meu novo dono.

– Sim.

– Muito bem. – sorriu. – Vá descansar. Amanhã, dependendo da resposta das sereias, terá um árduo dia de trabalho.

Eu me inclinei, pedindo licença para me retirar, e dei uma olhada para os sábios. Nenhum esboçava reação, a não ser Grand, que chorava inconformado. Queria poder servi-lo nos seus últimos dias de vida, mas nem conseguiria dar adeus a ele como gostaria.

Quando saí, Luke vinha na minha direção, e resolvi ignorá-lo. Mas ele apertou o passo e me empurrou.

– Aberração!

O meu corpo inclinou para frente, mas eu me equilibrei, evitando a queda. Voltei à minha postura, virando meu corpo curvado para ele.

– Aberração é você! Pensa que eu não sei o que você fez? – retruquei.

Ele me olhava com raiva e, ao mesmo tempo, sem saber do que eu falava.

– Lana me contou tudo, e agora Alyra vai saber! Prefiro ser metade elfo a ser completamente a sua raça nojenta. – esbravejei.

Tomei um tapa tão forte que o meu rosto virou, quase me fazendo cair. Botei a mão na minha maçã do rosto, que latejava e ardia a ponto de eu não saber se era por causa do tapa ou do ódio que eu sentia naquele momento.

Ele avançou para cima de mim, mas, ao invés de recuar, fui de encontro a ele, com os punhos e dentes serrados. As minhas mãos novamente queimavam, pulsando forte. Tentei dar-lhe um golpe, mas ele se esquivou e voltou para me dar um soco... Soco que eu parei no ar ao segurar o seu punho, e foi como se eu tivesse forças para esmagar cada osso da sua mão. Mas, em vez disso, senti a energia que queimava passando para ele, como se eu pudesse queimá-lo vivo. Luke gritou de dor e espanto, e acabei soltando-o, afastando-me para manter uma distância segura entre nós. Não sabia o que era, mas algo muito estranho estava acontecendo comigo. Perplexa, eu tentava não surtar enquanto Luke abria e fechava a sua mão repetidamente, tão incrédulo quanto eu.

– O que fez comigo, sua bruxa, aberração, maldita? O que é você afinal? Deixa para lá, nada me surpreende mais em relação a você, sua elfa! E não se atreva a abrir a sua boca para Alyra, ela é minha! Ou acha mesmo que ela vai preferir acreditar em você? – desdenhou.

– Acha mesmo que ela não vai, no mínimo, ficar balançada depois de ficar sabendo do seu ato desprezível? Ela não te merece! – rosnei.

– Ora, mas o que há com você, Kyara? Ciúmes? – ironizou. – Pensa que eu não percebia os seus olhares ou como ficava na minha presença? Todos riam, inclusive eu, de como a ingênua escrava sonhava. Até então nunca lhe destratei, pois, apesar de escrava, eu tinha respeito pela grande mulher que eu pensei ter sido a sua mãe, aquela vagabunda! – cuspiu enojado.

O ódio voltou a me corroer, e peguei fôlego para falar, quando Alyra se aproximou correndo em desespero. Luke e eu nos vimos obrigados a nos recompor, enquanto ela corria de braços abertos para ele. Luke a tomou nos seus braços, e depois Alyra gentilmente se afastou.

– É verdade o que eu ouvi? Todos comentavam sobre isso na taberna.

O meu coração disparou. Se ela sabia, então todo o resto da aldeia também saberia!

– O que você ouviu? – a fez olhar para ele.

– Você vai para Weston pelo mar?

– Se formos pelo mar é porque teremos um acordo com as sereias, e elas não nos farão mal algum. – disse beijando o topo da sua cabeça.

– Nossa, Luke! Estou tão assustada! Nem quero pensar se algo acontecer a você... Promete para mim que vai voltar são e salvo?

– Ora, ora! Alguém está duvidando das minhas habilidades? – brincou.

– Claro que não. – deu um sorriso tímido – Eu só me preocupo. Só isso... – finalizou com um sorrisinho que demonstrava os seus sentimentos.

– Acredite, o que mais me preocupa não são as sereias, e sim ficar longe de você, Alyra. – sorriu da mesma forma. – Você já tem o meu coração, e prometo que voltarei, pois quero me casar com você e construir uma linda família.

– Casar??? É sério? – levou a mão ao peito boquiaberta.

Ele balançou a cabeça sorrindo enquanto ela saltitava de felicidade.

– É tudo o que eu mais quero: uma vida inteira com você.

Luke a virou de costas para mim e a tomou nos seus braços, beijando-a enquanto os seus olhos me fitavam triunfantes, orgulhosos da sua vitória sobre mim. E sobre ela. Alyra agora pertencia a ele, e nada do que eu falasse surtiria efeito.

Inconformada, fui para o meu quarto chorar. Chorava de raiva pela petulância de Luke, por Alyra viver enganada e com medo de ele fazer com outras escravas o que fez com Lana. Sentei na minha cama e retirei o lenço de Lana de dentro da minha calça, manchado pelo sangue da sereia.

Sempre me achei uma pessoa forte, mas era em momentos como este que eu via o quão fraca eu era. Não conseguia aceitar o meu destino de deixar a minha casa, não garantira a minha palavra para Alyra e perdi uma chance única de falar com uma sereia.

Olhava para as minhas mãos, tentando entender o que foi que eu fiz com Luke, e torcia para as sereias não aceitarem o acordo. O estranho apareceu na minha porta, interrompendo os meus pensamentos.

– Então é aqui que você dorme? – olhava ao redor.

Queria mandá-lo embora, mas não poderia fazer isso com o meu novo dono. Apenas balancei a cabeça, limpando as lágrimas enquanto escondia discretamente o lenço. Percebendo a minha tristeza, ele entrou.

– Quantos anos você tem? – sentou-se na cama ao meu lado.

– Dezoito.

Os seus olhos me fitavam de forma paternal, e eu estranhei, embora tivesse gostado de ver que eu serviria a um homem tão gentil quanto Grand.

– Não se preocupe! Terá um lugar assim para dormir em Weston. Sei o quanto deve ser difícil ter de deixar a sua casa e os seus amigos, mas você gostará de lá. Eu lhe prometo. – sorriu.

Dei um leve sorriso para ele, Parecia ser uma boa pessoa, mas, mesmo assim, ainda não queria partir.

– O meu nome é Arturo. Aproveite os seus últimos dias em Arnhem. Não me fará serviços hoje.

– Obrigada. Prometo que irei cumprir com o meu dever em Weston.

– Sei que sim. Boa noite, Kyara! – sorriu, deixando o meu quarto.

Não queria sair do meu cantinho, mas precisava caminhar o máximo que pudesse pela aldeia. Queria falar com Grand, mas ele estava na sala dos tronos com os sábios. Perguntei-me se conseguiria me despedir dele. Fui até a frente da casa dos escravos, e a fogueira já estava começando a ser preparada. As madeiras estalavam com o fogo, soltando fagulhas, enquanto uns escravos remexiam para aumentar as chamas. As mulheres separavam as porções de comida enquanto conversavam sem nem desconfiar do cruel destino que os aguardaria. Queria ajudá-los, mas preferi não fazer nada, pois, a cada serviço que eu cumprisse na aldeia, mais difícil seria ir embora. Não poderia olhá-los nos olhos por esconder o que eu sabia, e o brasão com o lince dourado me renderia mais olhares hostis.

Virei-me e caminhei em direção ao mar na esperança de ter alguma notícia da sereia. Então um escravo me chamou: Grand queria me ver.

Corri até a sala dos tronos, e lá estava ele, fraco... não parecia que ia durar muito. Os seus olhos estavam fundos e cansados pelo choro em excesso. Sentei-me aos seus pés e encostei a minha cabeça nos seus joelhos. Ele acariciava os meus cabelos enquanto nós dois derramávamos as nossas lágrimas em silêncio.

– Há muita coisa sobre você e sobre nós sábios que você desconhece.

– O que, por exemplo?

– Você irá descobrir em Weston.

– Mas Grand, eu não quero ir...

– Ora, Valdállen é um mundo tão grande, cheio de territórios interessantes. Por que desperdiçar essa chance para ficar presa aqui? – tentava me encorajar.

– Por que Ardhem é o meu lar. Nasci aqui. – respondi triste.

– Nem sempre nascemos nos nossos verdadeiros lares. Às vezes, você o descobre. E ainda há quem passa a vida inteira procurando por ele. O lar é onde o nosso coração habita, e o seu não está aqui com essas pessoas e leis injustas.

Suspirei. Ele estava certo quanto a isso, mas, ainda assim, era difícil deixar a aldeia.

– Não podemos ir contra o nosso destino. – suspirou, passando a mão trêmula nos meus cabelos. – O que está escrito deve ser cumprido.

Olhei para baixo, e Grand sorriu.

– E quanto aos outros escravos? Quem vai ser jogado para as sereias? Não é justo! Por que você permite isso?

Grand apertou os seus olhos e engoliu em seco ao fitar o chão. Coitado, não era ele quem tomava as decisões finais.

– Foram ordens de Norár, e todos concordaram, com exceção de mim. A maioria sempre vence. – suspirou contrariado.

Ele estava certo. Ir embora e nunca mais ter de olhar para eles novamente me animava. A ideia de me mudar começava a não ser tão ruim.

– Grand... Pode me contar pela última vez?

– Nunca se cansa de ouvir, não é mesmo? – sorriu de forma tenra ao passar a mão no meu rosto.

Sacudi a cabeça sorridente. Eu adorava ouvir essa história.

– Todas as noites, a sua mãe vinha conversar comigo e, assim como você, ela adorava ouvir os meus conselhos. – sorriu emocionado, passando a mão no meu rosto. – Sempre falava do seu pai, do quanto ele era bom e a fazia feliz, mas o meu coração partia toda vez em que ela dizia sonhar em tê-la em seus braços e ver o seu rostinho, mesmo temendo pela sua segurança. Havíamos previsto que ela não sobreviveria ao parto, mas nada dissemos a ela, até por acreditar que você morreria também. – suspirou. – Ela nunca soube de Báhlgor, tampouco que ele castigou o seu pai o impedindo de te conhecer. Norár não quis dizer a Alda, temendo que ela fosse ao seu encontro, portanto, mentiu dizendo que o elfo havia se arrependido. Mas a sua mãe era esperta e não acreditou. Ela sabia que algo estava errado e, por inúmeras vezes, perguntou-me, mas eu tive de mentir, corroendo-me em remorso, com medo do que poderia acontecer a ela se Norár soubesse que eu contei. Nas minhas visões, Báhlgor estava decidido a não deixar o seu pai te conhecer, mas prometeu que cuidaria de você. – riu. – Norár e os outros não acreditavam que você

sobreviveria, e não sei se os Deuses falaram somente comigo ou se era o meu maior desejo, pois, no fundo, eu sabia que você viria a esse mundo.

– Grand... nunca te perguntei isso, mas... como era o meu pai?

– Cabelos prateados e olhos cor de mel. – brincou.

Suspirei sentida.

– O seu pai foi um grande homem – suspirou. – Amava a sua mãe e, mesmo sem tê-la conhecido, amou você também. Tinha uma alma boa e era um excelente guerreiro.

– Grand! Por que nunca me disse nada disso?

– Porque, nas minhas visões, ele te esqueceu e se foi... – suspirou. – Achei que seria melhor não entrar em muitos detalhes e me atentei apenas para o principal. Ele se foi. Desculpe-me... – fechou os olhos arrependido.

– Não precisa se desculpar, Grand. – peguei nas suas mãos. – Mas não posso negar que fiquei feliz em ouvi-lo falando coisas boas em relação ao meu pai. Pensei que você não gostasse dele.

– Como posso não gostar de quem ajudou a lhe dar a vida? – os seus olhos se encheram d'água.

– Vou sentir saudades, Grand!

– Eu também, Kyara...

Nossas lágrimas corriam em silêncio.



Capítulo 06

A Deusa Yuim finalmente surgiu minguante, cobrindo todo o céu com o seu lindo véu negro. Mesmo podendo aproveitar para descansar, a minha cabeça não parava com tantas preocupações. Resolvi caminhar sem rumo para espairecer um pouco e, mal botei o pé para fora, esbarrei com Lana carregando um enorme rolo de tecido marrom.

Ela me olhava de cara feia, revirando os olhos ao ver que eu vestia a túnica de Weston. Farta das suas atitudes, bufei e resolvi passar reto.

– Vai fazer algum serviço? – perguntou ironicamente ao notar que não lhe daria atenção.

– Não. – respondi secamente.

– Ah! Então vai aproveitar a linda noite? – ironizou novamente.

– O que você quer, Lana? – revirei os meus olhos.

– Torik me mandou entregar esse tecido na casa de Alyra.

– E...? – dei de ombros.

Lana bufou.

– Eu já deveria saber que não poderia contar com a sua ajuda, defensora de elfos e sereias. Preocupa-se tanto com as outras espécies, mas se esquece da sua própria.

Resolvi ignorá-la e continuar seguindo o meu caminho. Ela respirou fundo, tomou força e começou a levar o enorme rolo de tecido, mas os seus braços já enfraquecidos deixaram cair a outra ponta, que arrastava no chão.

Lana levaria a noite toda se fosse nesse ritmo. Eu poderia ignorá-la, mas ainda havia um lado em mim que estranhamente se importava. Ao pensar em como ela seria castigada por danificar o tecido, resolvi ajudá-la, pegando a outra ponta. Ela sequer demonstrou agradecimento.

As pessoas passavam, olhavam-nos e, como sempre, ninguém oferecia ajuda. Por que eu ainda me impressionava? Os guerreiros teciam os mais perversos comentários e tremiam de raiva por não poderem fazer nada contra mim. Lana estava tão concentrada carregando aquele peso que nada disse, mas não hesitou em atentar aos comentários, percebendo que havia algo sobre mim que ela ainda desconhecia.

Alyra estava na porta de casa, esperando-nos completamente ansiosa. Brenda apareceu por trás, com as mãos na cintura.

– Finalmente! Estamos esperando há maior tempão! Andem logo! – gesticulava sem paciência para entrarmos.

Não conseguia ver a expressão de Lana, mas, assim como eu, não gostou do tom de voz de Brenda. Quanta audácia falar assim com a gente. Não viu o tamanho do tecido que carregávamos? Estava muito pesado, e mal aguentávamos dar mais um passo sequer.

Alyra nada disse. Só nos olhou um pouco constrangida, dando-nos passagem, mas sequer se ofereceu para pegar o enorme rolo de tecido com a gente.

Entramos na casa e nos dirigimos até o local onde ela e Brenda trabalhavam. Brenda batia palmas nos apressando e apontando para a enorme mesa de pedra no centro. Reunimos nossas forças para pôr o tecido na mesa e, devido ao peso, quando o levantamos, deixamos o rolo cair no chão.

– Cuidado com isso! Andem! Coloquem logo sobre a mesa. – surtava.

Olhei para Lana, e ela olhava para o tecido sem querer me encarar. Pegamos uma em cada ponta e, finalmente, o botamos sobre a mesa. Mal terminamos, Brenda literalmente nos empurrou para fora.

– Agora já podem ir embora e andem logo que temos trabalho a fazer! – disse ao nos conduzir bruscamente para a saída.

Alyra, que sempre reprovou essa conduta, agora nada disse. Parecia perdida no seu mundinho de fantasia perfeito com Luke. Horas atrás, eu e Lana a consolamos. Era assim que ela nos agradecia?

Voltamos para a aldeia, a caminho de casa, e, mais uma vez, os olhares enojados dos guerreiros se voltavam para mim.

– O que você fez para te olharem assim? – perguntou Lana me acusando.

– Estou cansada de você me olhar e falar comigo dessa forma tão grosseira! O que foi que eu te fiz afinal?

– Devem ter descoberto o seu amor pelos elfos. – debochou.

– Você poderia ser um pouco mais agradecida, afinal, acabei de te ajudar com a sua tarefa. Se não fosse por mim, estaria até agora arrastando o tecido no chão.

– Não te devo agradecimento algum! Não fez mais do que a sua obrigação!

– Não, Lana. Não é mais a minha obrigação. Não pertencço mais a Ardhem. – respirei fundo, tentando me manter calma.

– Ah não? Oh, coitadinha! Foi mandada para a floresta? – debochou novamente.

Antes fosse, pensei comigo mesma.

– Eu fui dada a Arturo, o líder dos guerreiros de Weston, e ele havia me liberado dos meus serviços por hoje. Queria que eu descansasse para o dia puxado de amanhã.

– Quem vai ficar com o seu quarto então? – perguntou secamente com olhar de tédio.

– O que tem o meu quarto? – perguntei incrédula.

– Ora, se você não vai mais ficar aqui, poderia cedê-lo a alguém.

Não seria para ela, com certeza.

– Lana, deixarei os sábios decidirem o que vão fazer com o meu quarto, mas, até eu ir embora, continua sendo meu. Nem você nem ninguém tem o direito de me julgar, visto que eu dou duro tanto quanto todos vocês.

– Tomara que, quando chegar a Weston, você tenha uma vida péssima.

– Lana!!!

– Isso mesmo. Alguém como você, que defende uma raça tão nojenta, não merece nada de mim. – desprezou.

Quem te violentou foi a sua própria espécie, e não um elfo! – peguei-a pelos braços. – Quanto ao meu quarto, eu terei um em Weston também, ou seja, não me jogue maldições, pois, se os Deuses não te castigarem, quem fará algo serei eu. E garanto que irá se arrepender amargamente!

Lana puxou o seu braço para se soltar de mim e nada disse, mas o ódio estampado nos seus olhos havia aumentado. Entre pisadas duras no chão e bufadas, seguimos o nosso caminho em silêncio. Depois dessa, realmente eu queria ir dormir mais cedo.

Chegamos perto da casa dos sábios, e Torik e Aran chamaram Lana para mais um serviço. Como não poderiam me pedir nada e eu me recusaria a ajudá-la novamente, continuei andando sem olhar para trás. Deitei na minha cama e, sem o mínimo remorso, adormeci.

A lança fincada na rocha veio como um soco no meu estômago, porque as sereias haviam aceitado o acordo. Escravos, cidadãos livres e todos os guerreiros de Weston se revezavam para construir os navios. Parte de mim começava a querer ir embora enquanto a outra torcia para que demorássemos a fim de que eu pudesse ficar mais tempo aqui.

Era o nosso primeiro dia de todo o processo da construção, e, como Arturo conhecia bastante sobre barcos e navios, orientava-nos sobre como construí-los. Ele e outros de Weston davam as instruções. Assim que me viu, com uma expressão serena, fez um gesto para que eu me aproximasse. Fui encarregada de pegar madeira já empilhada e levar para alguns escravos e cidadãos livres, que começariam a lixar e cortar. A Deusa Fyra brilhava forte, dando-nos um dia quente e abafado. Haviam-se passado horas de trabalho, e eu em pé, levando as madeiras para os enormes grupos que iriam prepará-la. Aos poucos, um odor bastante desagradável começou a surgir. Torci o nariz em uma expressão incomodada, e Arturo me olhou com um semblante preocupado.

– Você está bem, Kyara?

– Sim, estou. Mas que cheiro é esse?

– Cheiro? – cheirou o ar, tentando buscar algum odor, mas não aparentava senti-lo. – Estranho, não sinto nada.

Era praticamente impossível ninguém sentir esse odor tão fétido que parecia se acomodar nas minhas narinas. Resolvi tentar ignorar e seguir com o meu serviço, pois, após um tempo, seria possível que eu me acostumassem. Infelizmente, o odor só piorava cada vez mais.

Olhei para trás, e Lana estava ajudando vários escravos a trazer uma enorme e grossa tora de madeira. Ofegava e transpirava, enquanto me criticava severamente com o olhar por não estar fazendo esforço como ela. Estar de pé e debaixo daquele sol, ajudando a carregar as madeiras para outro lugar, também não estava sendo nada fácil. Alguns escravos voltavam cheios de madeiras nos braços, e outros ajudavam os bois que puxavam carroças repletas de troncos. Foi então que me dei conta do quanto estávamos desmatando para construir os navios e senti um enorme aperto no coração.

Arturo me ofereceu água, enquanto os outros escravos não bebiam nada. Alguns me olhavam de canto de olho, principalmente Lana, e podia ver que eles estavam sedentos por um gole. Não conseguia não me ver mais como um deles, portanto, em solidariedade, recusei. Confesso que queria beber cada gota daquele pequeno jarro, mas me segurei. Alguns perceberam o meu gesto, inclusive o meu novo dono, e, pela primeira vez, recebi olhares de apreciação. Os outros guerreiros de Weston se afastaram para beber, enquanto os de Ardhem bebiam na frente dos escravos, sem nenhuma compaixão. Foi preciso Arturo dar ordens aos seus homens para que servissem água aos escravos, pois, se dependesse dos outros, muitos teriam morrido ou desmaiado. Ajudei a servir água a um grupo já enfraquecido, o que contribuiu para uma trégua entre nós.

As primeiras semanas foram tão difíceis para nós, escravos, quanto para os guerreiros e cidadãos livres, mesmo com os escravos realizando o trabalho mais pesado. Com o tempo, já acostumados, carregavam as toras com um pouco mais de facilidade e rapidez, o que deixou Arturo bastante feliz por agilizar o trabalho, diminuindo o tempo que levaria para a nossa partida.

Então, dias viraram semanas, e semanas viraram meses de trabalhos contínuos debaixo de sol ou chuva. E o odor fétido piorava a cada dia, mas nada parecia nos abater. A safra havia sido boa naquele verão interminável, o que nos levou a crer que a lenda dos dragões era verdadeira. Não passávamos mais fome à noite, pois as sobras eram maiores devido à quantidade de suprimentos dada pelo nosso rei. Arturo separava uns pedaços de carne e frutas a mais para mim, e, todas as vezes, eu as dava para alguma escrava ou criança que ainda tinha fome. Se comíamos bem, mais forças tínhamos no dia seguinte.

Um dia, Arturo me mandou à floresta para ajudar outros escravos a trazer o resto da madeira, e a minha esperança era que, afastando-me da praia, aquele odor se dissiparia. O meu estômago embrulhou não só pela floresta que não era mais a mesma mas também pelo cheiro, que piorava de uma forma, tornando-se quase impossível permanecer por lá. Tapando o meu nariz com o colarinho da minha blusa, parei para olhar aquela cena, lamentando fortemente o que estávamos fazendo com a floresta. Lana, que vinha mais atrás, passou por mim com um sorriso sarcástico.

– O que foi? Está com pena dos elfos por perderem as suas casas?

Preferi ignorá-la, afinal, se ela não se preocupava com os malefícios que uma floresta devastada poderia trazer, então não teria palavras nem vontade de lhe mostrar. Realmente, pela primeira vez, desejei ir logo para Weston, embora essa vontade sumisse muitas vezes pelo fato de estar sendo mais aceita pelos escravos.

A floresta estava cheia deles e de cidadãos livres que cortavam e derrubavam árvores atrás de árvores. Em meio a tanto espaço, agora aberto pela devastação, eu me senti estranhamente sufocada. Saí correndo até a estrada de terra batida, juntando-me a outros escravos. Por sorte, uma escrava carregava bem mais do que poderia aguentar, andando com dificuldade devido ao peso. Peguei alguns pedaços oferecendo ajuda, pois não poderia voltar sem nada. Aquele cheiro repulsivo agora piorava, e me impressionava que ninguém estivesse sentindo. Era pior do que vários animais em decomposição e estava me deixando enjoada a ponto de querer vomitar.

– Você está bem? – perguntou a escrava me olhando.

– Que cheiro ruim é esse? Pelos Deuses... nunca senti algo tão repugnante!

A mulher e os outros escravos se entreolharam sem saber do que eu estava falando. Não conseguia aceitar o fato de que nenhum deles estivesse sentindo esse cheiro!

– Não estão sentindo? – perguntei incrédula.

Sacudiram a cabeça, olhando-me como se eu fosse louca.

Continuei andando tentando ignorar aquele fedor, sem sucesso. Olhei para as flâmulas que balançavam levemente com a brisa gostosa que chegava, mas não levava o cheiro embora. Estávamos tão distantes ainda, e eu ansiava por chegar à aldeia e me livrar dessa madeira.

E lá estavam os escravos na praia, sempre empenhados em realizar os seus serviços. Entre suor e cansaço, havia a esperança estampada no rosto de irem para Weston, acreditando em uma vida melhor. Trabalhavam sem saber que construíam o transporte que os levaria direto à morte, e eu não podia contar. Chorei todas as noites, culpando-me por não poder alertá-los. Tudo o que eu podia fazer era elevar os meus pensamentos aos Deuses para que eles fossem poupados. A cada semana, questionava-me sobre quem iria ou não morrer, e, como sei que sempre os mais

fortes são poupados, torcia para que todos fossem fortes. Contudo, infelizmente, sempre tinha um grupo mais fraco.

Finalmente, o último dia chegou, e Arturo estava bastante animado e orgulhoso do trabalho. Todos comemoravam, mas os escravos eram os que mais pareciam felizes, não só por terem acabado o trabalho pesado fora do comum mas porque sabiam que parte deles teria uma chance de vida melhor. Eles se abraçavam e choravam. Mesmo sem saber quem iria para Weston, já haviam acordado que ficariam felizes por aqueles que tivessem uma segunda chance. E eu chorava de longe por saber que tudo em que eles acreditavam era uma mentira.

Estava anoitecendo e podia ver todos os navios já prontos, faltando apenas o mastro em um deles. Inúmeros pequenos barcos finalizados tomavam quase toda a parte da praia. Na minha frente, Arturo verificava os navios, enquanto eu aguardava a sua ordem.

Virou-se para mim, e eu me curvei. Ele sorriu.

– Você tem trabalhado muito, Kyara.

Apenas o olhei, não esboçando muita reação, a não ser o meu cansaço.

– Vá descansar por hoje, pois amanhã vai precisar de forças. Muitos virarão a noite trabalhando, então devemos terminar amanhã para seguirmos rumo ao seu novo lar. – sorriu, transparecendo que eu seria mais feliz por lá.

Sorri de volta agradecendo por ter me deixado descansar. A noite estava começando a chegar, e eu não estava nada bem. Aquele cheiro não havia se dissipado, nem o aperto no meu peito.

Olhei para os escravos se esforçando daquela forma e lamentei não poder ajudá-los. Em paralelo, o meu corpo doía, estava fraca e sentia aquele aperto no peito que não ia embora desde a floresta. Precisava descansar, pois, após meses de trabalhos exaustivos, iríamos finalmente terminar. Eu iria para a minha nova casa.

Fui para o meu quarto na esperança de descansar e dormir mais cedo, coisa que nunca fiz, mas, para minha surpresa, cada vez que eu me mexia, a sensação de estar quase sufocando não me deixava dormir.

Da janela do meu quarto, via a linda noite que já havia chegado. O mastro do navio já havia sido colocado, e estavam içando a enorme vela, ainda amarrada. Hoje realmente seria a minha última noite em Ardhem. Por meses, eu fiquei dividida entre querer ir embora rapidamente e ficar o maior tempo possível. Mas agora não mais temia partir, ansiando pelo meu novo destino.

Mesmo fraca e com aquele aperto no peito, quis ir à floresta pela última vez. Enquanto caminhava, passei em frente à casa de Alyra. Ela estava em pé, na porta, e acenou para mim, enquanto saía da sua casa. Antes que eu pudesse me aproximar para me despedir, Luke surgiu por detrás da porta semiaberta. Ele sorria, mas

mudou o seu semblante ao me ver. Senti as minhas mãos queimarem novamente, tamanho era o ódio que ele passou a despertar em mim.

– O meu pai aceitou conceder a minha mão a Luke! – gritou sorridente.

Luke a abraçava por trás e me ameaçava com o olhar. Apenas sorri para ela, fazendo uma pequena reverência. Não poderia desejar sorte ou fingir que estava feliz por eles dois, mas ainda queria me despedir e, ignorando o olhar ameaçador de Luke, eu me aproximei.

– Alyra, eu...

– Kyara, você não sabe o quanto estou feliz! Vamos ter uma bela cerimônia, mas lamento você não poder participar. – voltou a olhar pra Luke apaixonada.

– Participar? Você não quis dizer servir? É uma escrava, lembra? – desdenhou.

– Verdade! Me desculpe, meu amor. – riu levando a mão à boca. – É que estou tão feliz que nem percebi. – cobriu o seu rosto de beijos, enquanto ele sorria e retribuía. Voltou-se então para mim, como se lembrasse de alguma coisa.

– Você vai embora, não é?

– Sim, Alyra. Por isso, gostaria de me despedir.

Dei outro passo para dar-lhe um abraço.

– Boa viagem, Kyara! – disse rispidamente, sem mover um músculo. As suas palavras mostravam claramente não querer aproximação e o quanto ela era igual aos outros aldeões que eu tanto detestava. Gostava dela, mas, estranhamente, eu estava bem quanto a isso, principalmente após ver Luke conduzindo-a para dentro de casa, fitando-me em um misto de triunfo e ódio.

Tantos segredos que eu guardava e, como nada podia fazer a respeito, sair daqui, recomeçar e nunca mais ter de vê-los me faria bem. Só lamentava as saudades que sentiria de Grand e da floresta, portanto, voltei-me para a minha última visita ao que eu sempre considerei ser a minha segunda casa. Era como se o meu corpo me levasse automaticamente, como se a própria floresta me chamasse, sussurrando o meu nome em meio ao uivo dos ventos. Eu nem sentia trilhar o caminho de terra batida. Quando dei por mim, já estava na floresta, mas o meu sorriso logo se desfez assim que percebi o quanto ela havia sido devastada. As primeiras árvores haviam desaparecido, e não era desse jeito que queria me lembrar dela. A floresta diminuiu de tal forma que era impossível acreditar ser o mesmo lugar. O local onde sempre tive a sensação de acolhimento agora parecia hostil.

O cheiro repugnante e todas aquelas sensações horríveis voltaram com mais intensidade. Gritos desesperados por ajuda e choros de dores agudas me cercavam como se centenas de feridos estivessem ao meu redor, mas não havia ninguém. Acabei perdendo as forças e caindo de joelhos com as mãos nas orelhas para tentar cessar os sons. Apertava os meus olhos, gritava caindo de lado e me encolhendo aterrorizada, como se estivesse sendo brutalmente atacada.

Surpreendentemente, queria sair dali o mais rápido possível. O desespero deixou a minha visão turva, e silhuetas do que pareciam ser as dríades mortas corriam de um lado para o outro ou se escondiam atrás das outras poucas árvores restantes.

Do nada, uma leve sensação de paz começou a surgir, e, quando ela se intensificou um pouco mais, consegui apenas abrir os meus olhos. Em meio àquele caos, uma cena linda se formava.

Os elfos chegavam e, aos poucos, tomavam conta da floresta devastada. Usavam roupões verde-claros, que pareciam brilhar sutilmente na escuridão da floresta. O capuz caía na altura dos seus narizes, deixando somente à mostra os seus lábios, queixos e cabelos, que caíam sobre os seus ombros. Caminhavam vagarosamente, em uma mistura de raiva e tristeza pelo estrago que os humanos fizeram. A julgar pelas mudas de árvores que carregavam, decidiram, apenas esta noite, repensar a sua decisão de não repor mais nada no território dos humanos.

Inúmeras mudas foram plantadas em diferentes pontos das florestas. Os elfos ajoelhavam em círculos ao redor de cada uma delas, pairavam as suas mãos sobre as mudas, e, então, uma luz verde bem sutil começou a emanar da palma das suas mãos. Aos poucos, as luzes se intensificaram, trazendo uma energia que começou a tomar conta da floresta, soprando como uma brisa de esperanças. Em um suspiro, novas flores e plantas renasciam. Com as mãos totalmente cobertas pela luz verde, agora bem intensa, tocaram a terra, e a mesma luz percorria pela grama, curando os locais danificados pelas idas e vindas com materiais pesados para carregar os troncos. Aos poucos, aquela sensação desesperadora começou a sumir, e, já respirando melhor, consegui me sentar. O solo vibrava levemente enquanto era curado pelos elfos. Botei as duas palmas das mãos no chão e respirei fundo, como se a minha respiração ajudasse a absorver aquela energia que, de uma forma estranha, curava-me também.

As mudas de árvores balançavam levemente ao se regenerarem, enquanto pequenos pontos de luzes brancas e verdes dançavam em um espiral ao seu redor. Não atingiram o seu tamanho original, mas cresceram o suficiente para que, em poucos anos, a floresta pudesse estar completa novamente. A cada folha ou tronco que renascia, eu me sentia cada vez mais leve. O ritual foi finalizado com uma leve trepidação no solo, e os pequenos pedregulhos vibraram, enquanto novas flores e arbustos brotavam, completando a linda floresta aonde eu sempre gostei de vir. Poder ver de perto esse ritual dos elfos foi o melhor presente, não só de despedida mas que os meus olhos já puderam enxergar.

Então as minhas mãos começaram a esquentar da mesma forma que senti quando segurei o pulso de Luke e, perto de mim, vi uma pequena flor branca que, não sei por que, não foi curada. O calor nas minhas mãos aumentou, e uma pequena luz alaranjada começou a surgir no centro das minhas palmas. Uma lagarta branca se

arrastava, parando a poucos centímetros de distância da flor; Estranhamente, senti como se ela aguardasse que eu fizesse algo. Assustada, tentava entender o que estava acontecendo comigo, mas procurei me manter calma apesar de tudo.

Um roupão verde surgiu à minha frente. Não conseguia ver os seus pés tamanho era o seu comprimento, e, com o susto, as luzes e o calor haviam ido embora. Corri os meus olhos pelo roupão verde claro e lá estava a elfa do rio, parada à minha frente. O seu olhar questionava o que eu fazia ali, e eu me questionava se ela viu as luzes nas minhas mãos. Mas, se havia algo claro entre nós, era o fato de que não éramos inimigas. Nunca mais a veria e lamentei perder a chance de finalmente conhecer um deles, portanto, arrisquei algumas palavras.

– Me doeu tanto quanto em vocês ver a floresta daquele jeito. Se pudesse ter ajudado a curá-la, com certeza, teria feito. – suspirei.

Ela apenas me fitou.

– É difícil aceitar essa rivalidade entre nós, e, se quer saber, acho que eu preferia ser uma elfa a ser uma humana.

Ela suspirou e, após alguns segundos, saiu sem dizer nada, o que era de se esperar. Teria adorado ouvi-la, mas agradei a chance de poder dizê-la como me sinto em relação a eles.

Resolvi que já era hora de voltar à aldeia para descansar e, perdida nos meus pensamentos, percebi que essa foi a primeira vez que eu falei que sou humana. Sempre me considereei metade elfa, mas seria mesmo? E se eu não fosse nenhuma delas? Se o meu pai tivesse ido contra o seu Deus por mim, estaríamos juntos? Ou será que, com o passar dos anos, o seu povo o convenceria de que se relacionar com humanos é errado e ele resolveria não errar novamente, mesmo que fosse para se relacionar com a sua filha. Ou será que ele havia sido morto pelos elfos como um aviso para não se relacionarem com uma espécie inimiga? E se os elfos não tomaram conhecimento da minha história, eu apareço e o coloco em perigo? De qualquer forma, todas as minhas dúvidas encaminhavam para um fim terrível, e eu não queria isso. Para eles, eu era humana; mas, para mim, eu tinha um lado elfo tão forte que não achava justo me considerar apenas uma espécie, mesmo que fosse a da minha mãe.

O céu estrelado era o meu teto, a lua iluminava o meu caminho e o perfume da grama e das flores pareciam mais fortes, como se estivessem se despedindo de mim. Caminhei vagorosamente, curtindo os meus últimos momentos, enquanto aproveitava aquele cheiro maravilhoso. Estava ao mesmo tempo triste por ter de partir e feliz por ver que a floresta havia sido curada.

Chegando perto da entrada da aldeia, entre as duas flâmulas, um corvo albino pousou em uma delas me observando. Havia algo nos seus olhos e na sua presença que me fez fitá-lo, mas precisei retomar o meu caminho. O único barulho da aldeia

vinha da taberna, e, na porta, Lugh, apontava para as mesas ao gritar com Megan para que ela os servisse. Empurrou-lhe um enorme jarro com tanta força que quase a fez cair para trás.

Cidadãos livres, guerreiros de Weston e Ardhem se misturavam nas mesas e ao redor da taberna, bebendo e comemorando a viagem de amanhã. Megan, exausta, servia as bebidas de mesa em mesa, e, por sorte, ninguém lhe fez mal. Estavam felizes demais para perderem tempo com uma escrava.

Segui o meu caminho, e, longe da taberna, o barulho das comemorações quase se cessava. Os animais dormiam, e o silêncio começava a tomar conta da aldeia... até eu ouvir um barulho ao passar pela casa de Brenda. Gemidos vinham por trás da casa. Ela parecia machucada, então me aproximei em silêncio para ter certeza antes de oferecer ajuda. Havia um pequeno portão de madeira, na altura da minha cintura, que dava para os fundos da casa, mas o que vi não me parecia uma situação em que ela iria querer que alguém se intrometesse.

Havia uma grande pedra, que parecia uma mesa. Luke estava em pé, de costas para mim, vestindo as suas calças, enquanto Brenda, ainda sentada e ofegante, ajeitava os cabelos com um largo sorriso de satisfação. Abaixei para me esconder atrás do portão. Estava tão perplexa que não conseguia me mexer, não podendo evitar vê-los pela pequena brecha entre uma madeira e outra.

Brenda, com o seu corpo nu, jogou-se de costas na pedra, deitando com os seus joelhos dobrados. Luke virou de costas, pegando as suas roupas no chão, parecendo ter pressa em ir embora.

– Então você já vai? – perguntou sentando na pedra, com a sua voz lânguida, o abraçando por trás e acariciando o seu peito.

– Vou. – respondeu secamente, abaixando-se para vestir as calças e para que ela o soltasse.

– Por que não fica mais um pouco? – insistiu, descendo da pedra e virando-o na sua direção para lhe dar um beijo.

– Você é burra ou surda? Falei para não deixar marcas! – gritou, passando as mãos nas costas, no local onde ela o arranhara. Ele a pegou fortemente pelos braços, colocando-a em cima da pedra novamente.

– Não ouvi você reclamando na hora! – ajoelhou-se bruscamente, gritando com ele.

Luke a ignorou.

– Você deveria ter me escolhido, e não ela! Somos ambos filhos de guerreiros, e ela é filha de um agricultor! Como pode preferir ela a mim?

– Não me importa de quem você seja filha, nunca vai se igualar a ela. Alyra é uma mulher com valores, e não como você, que se sujeita a deitar com qualquer um. – disse rispidamente, enquanto calçava as suas botas.

– Sabe muito bem que é só com você que eu me deito!– esbravejou Brenda ao pular da pedra, indo até ele.

– Não é o que eu escuto dos outros guerreiros, inclusive de alguns cidadãos livres – debochou, empurrando-a para o lado antes de vestir a sua camisa.

– Como se atreve a falar assim comigo? – pegou as suas roupas do chão.

– Desde quando alguém como você se importa sobre como será tratada? Desde quando uma mulher que se deita com o noivo da melhor amiga se acha no direito de ser respeitada?

– Não somos tão diferentes quando você se deita com a melhor amiga da sua noiva! – agora triste, passava a mão no rosto de Luke. – Sabe que sempre gostei de você.

– Sabe também que eu sempre quis Alyra! – afastou a sua mão bruscamente. – Sabe também que somente a queria para satisfazer as minhas necessidades. Quando me casar, ela será única para mim.

– Você diz isso agora, mas amanhã nós vamos juntos para Weston, pois eu também fui convocada, lembra? Sou filha de guerreiros, lembra? Sou forte! Alyra é fraca, mal vai servir para lhe dar filhos.

– Estarei muito ocupado para pensar em você.

– Você não fica sem se deitar com alguém por muito tempo, e, como não temos uma previsão de retorno, até lá farei você esquecer essa idiota!

– Minha querida... – passou a mão delicadamente pelo rosto de Brenda, enquanto ela fechava os olhos com um sorriso. – Lá acharei várias mulheres bem melhores que você. E, pela última vez, não chame a minha noiva de idiota! – rosnou ao empurrá-la para se afastar dele.

– Lembre-se do que estou te dizendo Luke. Você vai se arrepender de ter me tratado dessa forma! – ameaçava enquanto ele ia embora – E vai implorar o meu amor de joelhos, ouviu??? De joelhos!!! – vestia as suas roupas rapidamente, enquanto ele vinha na minha direção. Eu me encolhi no cantinho esquerdo que era onde o portão bateria quando fosse aberto, e, por sorte, o vão onde me encolhi foi o suficiente para ele abrir a porta sem que me encostasse.

Passou sem nem me notar abaixada atrás da porta fechada e, ainda ajeitando as suas roupas, virou à esquerda, em direção à taberna. Com certeza, ia comemorar mais do que a viagem de amanhã.

Permaneci encolhida atrás do pequeno portão sem acreditar no que acabara de ouvir. A noite havia sido intensa e, no final, presenciei duas traições em relação à Alyra. Impressionantemente, não tive pena dela nem raiva de Luke ou Brenda. Apenas não me importei. Alyra merecia mesmo as pessoas que a cercava, e nenhum deles estragariam a minha felicidade pelo que vi antes na floresta.

Foi tão especial ter presenciado o ritual de cura, que era tudo em que eu conseguia pensar nesse momento. Fui dormir sentindo uma paz como nunca pensei sentir antes.



Capítulo 07

Já era de manhã quando, da minha janela, via os escravos se despedindo uns dos outros. Entre choros e abraços, os laços de fidelidade eram claramente estampados em cada olhar ou sorriso. Enquanto uns pareciam felizes pelos que partiriam, outros sofriam com as saudades que viriam a sentir. Sempre soube que eram como uma família, mas somente nesse momento percebi o quão importante era esse elo entre eles. O meu coração apertava só em pensar que, em meio a inúmeros sorrisos, uns desapareciam para sempre na hora da oferenda.

Por mais que fosse difícil, tentava não pensar a respeito, pois, como havia dito ontem para mim mesma, o que uma ex-escrava de Ardhem, agora pertencente à Weston, poderia fazer contra um acordo dos sábios? Olhei as minhas roupas: uma calça marrom e a blusa branca que Luke rasgara, remendada nas costas graças a uma escrava que costurou em agradecimento às inúmeras vezes que lhe dei comida. Olhei para a minha cama, coisa que nenhum dos escravos tinha. Botei a mão onde eu acabara de levantar, ainda quente devido ao meu corpo, e suspirei. Não pensei que me despedir do meu cantinho fosse tão difícil, porém um recomeço em um local onde as pessoas pareciam ser mais bondosas, com certeza, agradava-me, mesmo tendo de fazer certos sacrifícios ao partir.

Joguei os meus cabelos para trás e, com os meus dedos espaçados, fiz um rabo de cavalo baixo, vestindo também o meu gorro para esconder as minhas orelhas. Como somente os guerreiros sabiam, a última coisa que eu precisava era de hostilidade no meu último dia na aldeia. Peguei o meu cobertor para trazer um pouquinho do meu cantinho comigo e sai do meu quarto pela primeira vez sem que um escravo ou um dos sábios me chamassem. Toda a atenção estava virada para os navios e a nossa partida. Era uma mistura imensa de dois grandes povos, tanto na terra quanto no mar, e eu mal conseguia andar entre as pessoas.

Brenda, Alyra e os outros alfaiates se mostravam orgulhosos do seu trabalho ao verem as velas sendo içadas com o enorme brasão de Ardhem e Weston.

Vários navios com os dois diferentes brasões já estavam cheios de escravos, que se dividiam entre levar caixotes e conduzir os cavalos para a parte de baixo de alguns dos navios. Todos comemoravam não só o fato de poderem navegar mas também a possibilidade de futuros acordos com as sereias. Só me perguntava se todas essas vezes teriam oferendas, até que não sobrassem mais escravos. E depois?

Quem mandariam? Os mesmos rostos que eu conhecia desde pequena se tonaram estranhos, piores do que realmente eram, e, ao contrário dos escravos, as despedidas eram frias, com abraços curtos e poucas palavras.

Arturo estava na frente da rampa que levava para a entrada de um navio e fez sinal para que eu entrasse. Infelizmente, era um dos navios que estavam bem próximos dos sábios e dos aprendizes, não tendo como não passar por eles. Dei uma última olhada na aldeia e, carregando o meu cobertor enrolado nos meus braços, encaminhei-me para entrar no navio que Arturo apontara. Norár era o primeiro da fila. Fiz questão de passar reto, para somente me despedir de Grand. Mas, infelizmente, ele segurou o meu braço, virando-me para ele.

– É bom você se comportar e fazer tudo o que eles te pedirem! – rangia os dentes em desafio. – Se estragar o nosso acordo e te trouxerem de volta, vou te punir com uma morte bem lenta e dolorosa. – ameaçava com o dedo apontado para o meu rosto enquanto Kenneth prendia o riso.

Sem dizer nada, puxei o meu braço para que ele me soltasse.

– Estou falando sério! – segurou-me novamente mais firme. Kenneth chutou a minha canela, levando todos ao riso.

– Me solta! – puxei o meu braço novamente, falando tão alto que grande parte daquela multidão se calou. – Você não manda mais em mim, e prefiro a morte a servir você ou o seu aprendiz, igualmente desprezível futuramente!

Todos exclamaram indignados na esperança de que Norár me desse um corretivo, mas ele nada pôde fazer. Os escravos que subiam nos outros navios só não pararam na hora por medo de levarem bronca, mas me olharam boquiabertos. Uns estavam espantados; outros admiravam a minha coragem, sorrindo discretamente para não serem notados, afinal, alguém havia finalmente colocado Norár no seu devido lugar. Ele ainda olhou para Arturo na esperança de que ele me desse um belo corretivo, mas, para o seu desgosto, Arturo nada fez, a não ser virar novamente para a frente do navio em que eu deveria subir.

Tentei conter o meu alívio por ter posto para fora algo que ele merecia ouvir e por não sofrer nenhuma represália, seguindo o meu caminho sem olhar para Norár ou os outros sábios. Grand era o último da fila e, felizmente, não aparentava estar tão fraco. Parei na sua frente e o abracei com força. Ele retribuiu e, mais uma vez, todos ficaram olhando. Alguns sabiam que ele tinha carinho por mim devido à minha mãe, mas nunca nos viram assim. Norár bufava de ódio, mas Vougan tentava acalmá-lo falando algo no seu ouvido bem sério.

Arturo sentiu o carinho que eu e Grand tínhamos um pelo outro, por isso, permitiu que tivéssemos a nossa despedida. Fiquei feliz em saber que serviria alguém como ele. Grand olhou em direção à rampa de madeira que levava ao navio para que eu subisse, recusando-se a dizer qualquer palavra. Mesmo relutante,

respeitei o seu desejo como o meu último serviço, mas não resisti a abraçar Jonsin, que aparentava estar triste com a minha partida.

Os guerreiros mal haviam aparecido, e uma série de aplausos e gritos era ouvida à distância. As suas armaduras eram compostas de várias camadas de couro marrom, tornando-se resistentes à batalha e ao frio que nos aguardava.

Sacudi a cabeça ao subir a rampa com outros escravos. A parte interna era bem grande e espaçosa. Nas duas laterais, havia dez assentos de dois lugares, sendo dois escravos por cada remo. Dava um total de quarenta escravos por navio. Entre tantos, quantos iriam sobreviver? Foi nessa hora que eu tive a real percepção da quantidade de mortes desnecessárias que estava prestes a acontecer.

Havia um largo corredor entre os assentos. Atrás de mim, na popa, tinha o leme, e, ao centro, duas grandes velas marrons com o brasão de Ardhem em que Brenda e Alyra trabalharam lado a lado enquanto Brenda tramava roubar Luke dela.

Os guerreiros aguardavam impacientemente todos os escravos subirem no navio, pois não queriam ninguém estragando a sua entrada triunfal. Entrei no barco e me encostei na beirada para ver a aldeia. Daqui de cima, via os aldeões, tolos, aplaudindo os guerreiros como se fossem heróis, sendo que nada fizeram a não ser concordar com a morte de pessoas inocentes para conseguirem alguma coisa nesse acordo com Weston. Povo egoísta, sem compaixão, cujos sorrisos me davam raiva. As minhas mãos começaram a queimar e latejar. Eu sentia uma energia diferente, como se eu pudesse explodir toda a aldeia. Mas, em questão de segundos, foi embora graças a Dórken. Ele vinha com uma túnica bege e comprida, sem nada por baixo, com os braços para cima. Estava bêbado novamente, mas os seus olhos pareciam tristes, como se quisesse mesmo vir com a gente.

– Me levem! Me levem com vocês! – implorava. Parou e deu um arroteio que quase estremeceu os navios. Riu de si mesmo, soluçou e continuou:

– Me leeeevem!!!

Os aldeões o seguravam, e a única solução foi reunir cinco homens sentados em cima dele para que Dórken não fosse a lugar nenhum, o que não o impediu de se debater e pedir sem parar que o levassem dali. Os cidadãos livres que já haviam entrado nos outros navios iam para a beirada rir e debochar dele.

Se tinha um aldeão de quem eu não sentia raiva era Dórken. Tinha pena dele por ter perdido a sua esposa e filha devido a uma epidemia de gripe. Desde então, parece que o seu estado mais consciente se desfez por completo, afogando-se na bebida. Não era má pessoa, era apenas... Dórken. Pensei que ele talvez estivesse cansado daquele local, de tantas lembranças tristes e pessoas vazias. Talvez fosse como eu, mergulhando em perguntas sem respostas, sentindo-se solitário sem família ou amigos. Também me perguntei o porquê de ele não ter sido selecionado

para ir conosco, pois era um dos melhores ferreiros e, mesmo bêbado, era capaz de fazer as mais resistentes armas.

Suspirei, olhei para baixo alguns segundos e voltei o meu olhar para ele, mas acabei esbarrando a minha visão em Alyra e Luke, que se despediam. Ela chorava, e ele tentava acalmá-la. Estava tão cega por um monstro daquele que sequer me agradeceu por tê-la ouvido e ajudado aquele dia. Alyra realmente o merecia já que não dava valor ao que faziam por ela ou por ter se deixado levar por ele. Brenda estava alguns passos atrás, fulminando-os com os olhos.

Entre os escravos que entravam nos navios, carregando sacos e caixas com pertences dos guerreiros, Odo e Lana subiam no navio em que eu estava. Sorri para Odo, que não me viu, e Lana virou a cara para mim. Desfiz o meu sorriso ao ver que ela viria junto, mas ignorei-a, pois um enorme receio de que Odo fosse jogado me veio em mente. Ao mesmo tempo, ele era um dos mais fortes e, com isso, talvez fosse poupado por ser útil.

Pouco a pouco, os cidadãos livres, que viajariam na parte de baixo dos navios que não levassem cavalos, subiam a bordo. Brenda e Alyra se abraçavam para se despedir e, mesmo sendo duplamente traída, Alyra não era muito diferente das pessoas que a cercavam. Brenda sorria para a amiga, mas desfez o seu sorriso no exato momento em que se virou para entrar no navio, determinada a roubar Luke de vez. Fixou o seu olhar em mim e me repudiava, como se soubesse a verdade ao meu respeito. Ela era a última da fila, mas, em poucos segundos, ficou ao meu lado.

– Elfa. – rangia os dentes sussurrando.

– Humana. – retruquei com o mesmo repúdio.

Kendrick foi o primeiro guerreiro a subir e, entre aplausos e gritos, passou reto pelos cidadãos livres que o aplaudiam do navio. Com um saco nas costas, ele foi em direção aos escravos, ordenou que todos mudassem de lugar só para mostrar poder e, após todos terem finalmente feito a sua vontade, jogou o saco para Odo, mandando que o distribuísse entre eles. Eram novas blusas de lã com mangas compridas. Estavam limpas e bem guardadas, o que deixou não só a mim mas todos os escravos felizes, pois os seus farrapos de blusas sem mangas não os protegeriam do frio.

Os escravos dos outros navios também recebiam as blusas, e eu até poderia ter ficado surpresa com essa nobre e rara atitude em relação a eles, mas, como o serviço seria realmente necessário e impossível de ser realizado no frio que enfrentaríamos, ficou claro o motivo.

Mesmo feliz por eles não passarem frio, não havia nada de bom em nenhuma atitude vinda desse povo de que eu estava feliz em não mais fazer parte. E quando foi que eu fiz realmente?

Os guerreiros começavam a subir nos seus respectivos navios, e os cidadãos livres que ainda não haviam descido permaneceram na parte superior para recebê-los. Eram tantos gritos vindo de todas as direções que comecei a ficar visivelmente incomodada. Abaixei a cabeça e franzi a testa, mentalizando que parassem logo com isso para que pudéssemos enfim sair de Ardhem, mas abri os olhos ao sentir um esbarrão proposital no meu ombro. Brenda, ainda me encarando, afastou-se mais para a entrada do navio para ser a primeira a receber Luke. Ele subia liderando os guerreiros e apertou o passo, ignorando Brenda quando ela se aproximou. Por um segundo, voltei a gostar dele, mas ela, iludida, nem desfez o seu sorriso malicioso. Todos estavam felizes, menos Alyra, que chorava de soluçar acenando para Luke e berrava tão alto que até ele forçou um sorriso, começando a achar exagerado.

Arturo ia para o leme junto com o capitão. Os cidadãos livres estavam quase todos na parte inferior, e Kendrick dava as ordens para que cada um dos escravos se preparasse para remar. Lana estava em pé junto com Odo, que se posicionava para remar. Eu via claramente no seu olhar o quanto ela queria ficar longe de mim, mas o meu foco se voltou para Megan em pé ao seu lado. Ela deve ter passado quando abaixei a cabeça para não ouvir os gritos e fiquei feliz em ver que ela se livraria de Lugh, mas tremia só de pensar que ela pudesse ser uma das oferendas. Se ela sobrevivesse à viagem e às palavras malignas a meu respeito ditas por Lana, seria uma amiga que eu adoraria ter. Como éramos as únicas escravas mulheres, Arturo pediu que descêssemos para que ficássemos mais protegidas do frio, mas claro, Brenda fez um escândalo em protesto.

– Jamais viajarei com escravos! O seu lugar não é conosco! – olhou para Luke. – Faça alguma coisa a respeito! Vai mesmo permitir esse absurdo? – perguntou indignada.

Rapidamente, os outros cidadãos livres tomaram o lado de Brenda, e, enquanto eles nos ofendiam, Megan e Lana deram as mãos em apoio uma à outra, fitando o chão constrangidas. Os escravos, por sua vez, mesmo sem poder fazer nada a respeito, mostravam-nos apoio, descontentes em ver três meninas obrigadas a passarem frio. Ao contrário das duas, eu estava de cabeça erguida. Todos nos outros navios voltaram a sua atenção para nós a fim de entender o que estava acontecendo. Em meio ao protesto, Brenda sorria cinicamente para mim. Acabei aproveitando a distração geral para dizer:

– Ria o quanto quiser, afinal, nada melhor que descontar nos outros a sua frustração por não conseguir o que quer, não é mesmo? – falei imóvel para não levantar suspeitas. Brenda se remexeu discretamente.

– Acredite, eu consegui o que queria. Vai passar frio nesta viagem, sua elfa nojenta, e espero que você morra. – sorriu sarcasticamente.

– Você é uma tola por acreditar que eu iria querer viajar lá embaixo com vocês, assim como é uma tola por acreditar que Luke irá escolher você um dia ou que me ofende me chamando de elfa. – falei da forma mais doce possível.

– Não me desrespeite, escrava! – ela estremeceu, perdendo o controle. – Não sabe com quem está lidando. – ameaçou.

– A falsa que tenta roubar o noivo daquela que diz ser a sua melhor amiga. É você, não é? – falei com olhar de tédio.

Bufando, apontou o dedo na minha cara, e, quando ameaçou abrir a boca, eu dei um tapa com a minha mão queimando, afastando o seu dedo do meu rosto.

– Calem-se!!! – o grito de Arturo ressoou por todo o navio, e, enfim, o silêncio.

– Elas irão viajar lá embaixo, e ninguém encostará um dedo nelas sequer! Não são vocês quem ditam as regras aqui!

Olharam para Luke na esperança de que ele pudesse mudar a palavra final, mas, em respeito a Arturo, ele apenas balançou a cabeça, concordando contrariado.

– Desculpe, Arturo. Agradeço por nos defender, mas digo por mim: não quero viajar com eles. Prefiro ficar aqui com você.

– Tem certeza? Ficará mais aquecida lá embaixo. – botou a mão no meu ombro, preocupado.

– Tenho o meu cobertor. Ficarei bem. – respondi sorrindo, de forma a deixá-lo mais tranquilo.

– Também prefiro viajar aqui em cima. – disse Megan, vindo para o meu lado. Aproveitei para segurar a sua mão em apoio, o que a deixou mais aliviada.

Fiquei triste por Megan, mas acho que ela tomou a melhor decisão, afinal, não confiava nem um pouco neles. Pelo menos, ao meu lado, ela ficaria segura. Lana, sem dizer uma palavra, juntou-se a nós e, por mais que eu não a quisesse por perto, não desejava que ela fosse com eles na parte de baixo.

Arturo pediu que ficassemos perto deles na popa e, quando nos viramos para sentar, sentimos algo bater nas nossas costas. Luke havia jogado três blusas de lã, iguais às dos escravos.

– Agradeçam à minha noiva por isso. – disse, fazendo questão de enfatizar a palavra noiva, olhando-me triunfante por eu não ter conseguido tirá-la dele.

Dei de ombros e só aceitei a blusa porque queria sobreviver à viagem para recomeçar a minha vida em Weston. Peguei o meu cobertor e estendi na horizontal para que cobrisse as nossas pernas. Nessa hora, Lana, a interesseira, aceitou a minha ajuda. Megan, que ficou no meio de nós duas, sorriu agradecendo. Agora aguardávamos o navio começar a navegar.

Brenda descia em câmera lenta, sorrindo cinicamente, feliz pela vitória. Eu rolei os meus olhos.

Os guerreiros estavam de pé no corredor entre os assentos e se revezavam entre vigiar os escravos e descansar com os outros na parte de baixo. O capitão mexia no leme, e os escravos aguardavam as ordens para começarem a remar. Ficamos encolhidas e recostávamos uma na outra devido à insegurança por deixar a aldeia pela primeira vez e ao medo de entrar no território das sereias.

As madeiras rangiam os primeiros movimentos dos remos, e, aos poucos, balançando entre as ondas formadas pela maré levemente agitada, o navio começou a navegar.

O povo acenava e aplaudia. Os sábios se mostravam satisfeitos com o plano, mas Grand parecia triste. Olhei para ele e, com lágrimas nos olhos, acenei o meu último adeus. Os seus lábios balbuciavam preces direcionadas a mim, como suas últimas palavras, e, por último, finalmente me desejou boa sorte. O meu pranto foi impedido pelos berros de Alyra, que passou pelos sábios com os braços esticados como se quisesse entrar no navio. Os arqueiros tiveram de contê-la ou ela teria entrado no mar, tomada pelo desespero. Mais uma vez, até Luke estava achando a sua atitude exagerada.

O vento se intensificou, o primeiro navio finalmente partiu e, em segundos, todos estavam navegando. Aos poucos, afastávamos-nos da aldeia, que, assim como os gritos, diminuía cada vez mais, até sumir por completo no horizonte.



Capítulo 08

Os navios nos cercavam, e os únicos sons vinham dos remos e lemes rangendo ao serem manuseados. Às vezes, algum guerreiro do outro navio dava um berro comemorando a jornada, e todos berravam de volta, como um bando de idiotas. Felizmente, durava pouco.

O vento começava a soprar cada vez mais forte, e as nuvens começavam a se formar no céu. Perfeita hora para Raina e Airya resolverem brigar. Felizmente, Raina se conteve, não havendo chuva, mas Airya nos trouxe um forte vento gélido. Toquei o meu gorro aliviada, pois, se não o estivesse usando, o vento forte teria deixado as minhas orelhas à mostra. Um trovão iluminou o céu nublado por um segundo, fazendo Megan se encolher de medo e apertar a minha mão.

Escutei um bater de asas do meu lado. Era um corvo albino que pousou na lateral do navio, de frente para mim. Ele me encarava, e, por uns segundos, trocamos olhares. Teria sido o mesmo que eu vi ontem em Ardhem?

– Aproveitem esse vento, senhores – Arturo sorriu, respirando o ar puro e sentindo a brisa no seu rosto – Nada melhor do que um belo vento em dias de navegação.

Os escravos sorriram, pois nunca haviam navegado e também estavam aliviados por não precisarem fazer esforço dessa vez. E quem poderia culpá-los? Cada um olhava para o horizonte maravilhado. Mesmo sem nada para ver além do mar, inspiravam de olhos fechados e sorriam sentindo o vento. Era como uma pausa na vida em que levavam. Por um breve segundo, eu também relaxei feliz por eles, mas o clima agradável logo cessou quando Kendrick deu um soco no escravo ao lado de Odo, fazendo Megan berrar e o corvo voar assustado.

– Não relaxem tanto! Quando precisarem remar mais forte e relaxarem, mesmo que em um breve segundo, eu os jogarei no mar! – berrou enquanto abria e fechava os dedos, dando a entender que o soco doeu nele também.

O escravo tremeu, mas eles tinham algo que eu admirava muito, que era o poder de se apoiarem e se incentivarem em silêncio. Ninguém precisava dizer nada, e todos já sabiam o que estava sendo dito. O escravo absorveu cada palavra em pensamento e pareceu relaxar ao abaixar os seus ombros, até então cheios de tensão, fitando a calmaria do horizonte.

Sacudi a cabeça lentamente, lamentando. Kendrick não precisava ter feito aquilo. O silêncio durou pouco, pois, mais na frente, ao lado de um dos escravos, algo surgiu rapidamente e sumiu, fazendo um splash na água.

Em questões de segundos, fomos tomados pelo desespero quando vimos os vultos mais claros que nos acompanhavam, nadando embaixo da água escura. Mal entramos no seu território, elas já cobravam a nossa parte do acordo. Kendrick, sem hesitar, pegou um dos escravos mais fracos. Todos então perceberam imediatamente que o tal acordo com as sereias seriam as suas vidas. Ele implorava a Kendrick que o deixasse viver e, pela primeira vez, por não poder permitir que um irmão fosse morto dessa forma, os outros escravos tomaram uma atitude em relação aos guerreiros. Kendrick havia sido cercado, mas, em seguida, um grupo maior, formado por guerreiros e cidadãos livres, que também sabiam lutar, rapidamente separou o grupo que protegia o escravo. Houve um tumulto, e conseguiram, em meio àquele caos, imobilizar os escravos mais fortes no chão, separando-os da multidão. Odo e outros foram trazidos para perto de nós, empurrados com a cabeça contra o chão e ameaçados pelas lanças das armas nas suas nucas. Apavoradas, nós três levantamos em um salto, e puxei Megan para trás, para nos afastarmos. Então Kendrick jogou o primeiro que gritava, debatendo-se desesperadamente, até ser tragado pela água que se agitava em ondulações bruscas, formando uma enorme poça de sangue que se espalhava no mar.

Os urros apavorados dos escravos ecoavam por todos os lados. Megan, em pânico, temendo ser jogada, agarrou o meu braço. Eu a protegia, abraçando-a e segurando o seu rosto contra o meu peito para abafar os seus gritos e a impedir que visse as cenas aterrorizantes. Chorava copiosamente, gritando e lamentando cada vida que terminava de forma tão cruel, e temia que as meninas fossem jogadas; afinal, eram ainda mais fracas que os homens.

As sereias rodeavam o barco, saltavam e rosnavam ansiando por mais, chegando a um ponto em que até os guerreiros pareciam assustados. Como sabiam quais escravos seriam a oferenda, resolveram cumprir logo a parte do acordo, reunindo todos os que morreriam para acabarem de uma vez e seguirem viagem. Arturo ficou no leme e estava visivelmente perturbado pelo fim dos escravos e por nada poder fazer, afinal, foi o acordo.

Luke agarrou um dos escravos pelo braço, imobilizando-o e o conduzindo bruscamente para a beirada do navio. Quando outros dois tentaram ajudá-lo, quatro guerreiros os espancaram covardemente e os jogaram quase inconscientes no mar. Um deles caiu na água ao lado da proa onde eu estava. O pânico nos seus olhos saltava como raios, e, desesperado, estendeu a mão me implorando ajuda para voltar ao navio. Contudo, fora literalmente tragado para debaixo d'água em um segundo.

A poça de sangue começava pequena e aumentava gradativamente, enquanto eu, em choque, não conseguia desviar o olhar.

Kendrick segurava um escravo mais velho pela gola da camisa, o debruçando para fora do navio.

– Cuidei do senhor desde pequeno. Os seus pais sempre apreciaram o meu trabalho. Não me deixe morrer! – implorava pela vida de mãos juntas como em uma oração. – Prometo que farei tudo o que o senhor quiser. Misericórdia, misericórdia!

Kendrick afrouxou as suas mãos e, quando o escravo sorriu aliviado prestes a agradecer, foi empurrado sem um pinga de remorso.

Fechei os meus olhos e franzi a minha testa. A minha cabeça tremeu devido às cenas de terror. Já havia presenciado sentenças de mortes e punições, mas nada se comparava a isso. Choques espetavam as minhas mãos como agulhas, enquanto o meu corpo tremia e queimava como se eu fosse explodir. Tentava conter a minha respiração para me acalmar, mas as minhas mãos não deixavam. Elas latejavam e tremiam em espasmos como se tivessem vida própria, perturbadas pelo que os meus olhos viram. Mesmo de olhos fechados, os sons eram igualmente aterrorizantes.

Uma guerra covarde acontecia entre os escravos e os guerreiros e cidadãos livres, que eram mais numerosos e fortes. Grupos foram jogados ao mar, e os barulhos se alternavam entre gritos de pavor, corpos se debatendo, ossos que quebravam e o último suspiro de uma menção a um pedido de ajuda, que logo cessava entre as poças de sangue. Ao redor dos inúmeros navios, o cenário horripilante se repetia. As poças aumentavam e se encontravam, unificando-se em um mar vermelho de morte. Era como se uma maldição nos engolisse.

As meninas gritavam apavoradas pelo que viam, temendo serem jogadas. O que mais me impressionava era a falta de compaixão dos guerreiros e cidadãos livres. Os seus olhares frios não demonstravam remorso algum por causar diversas mortes, como se os escravos fossem inimigos.

O olhar de Odo expressava toda a vontade de matar todos, mas só não o fez porque, além de estar imobilizado, uma atitude sua implicaria a morte das meninas por pertencerem à Ardhem. Ainda havia escravos lutando em vão para sobreviver. Arturo e o capitão nada puderam fazer, a não ser esperar que tudo terminasse logo. Permaneceram em pé, perto do leme, e ambos fecharam os olhos, abaixando as cabeças. Pareciam rezar ou não estavam suportando ver tamanha crueldade.

Brenda surgiu calma e serena pela entrada que dava para a parte inferior do navio, como se nada daquilo estivesse acontecendo, até que me viu. Pegou um dos escravos que seria oferta e o levou para a popa perto de onde estávamos, mas o seu olhar cravava no meu o tempo todo. Passou por Arturo, que sequer desconfiou de nada, pois era claro que eu estaria salva. O escravo achou que seria fácil se desvencilhar dela, mas Brenda sabia lutar e o jogou no mar com facilidade.

Eu estava atenta, pois sentia que ela tramava algo contra Megan, mas ela passou reto em direção à entrada. Respirei aliviada por um segundo, quando ela virou bruscamente em um ataque surpresa. Tentei me defender, mas ela parou o meu braço, torcendo-o para trás e apertando a minha nuca, forçando o meu corpo se curvar.

Megan tentou me ajudar, mas Lana a impediu, segurando os seus braços. Brenda e ela trocaram olhares, e, por um breve segundo, uma escrava e uma cidadã livre se uniram em um plano contra mim. Como Megan não conseguiu se desvencilhar de Lana, pediu socorro a Arturo, que imediatamente olhou para trás. Desesperado, mandou que Brenda me soltasse, mas ela o ignorou. Luke nos viu no exato momento em que ela me fez debruçar com metade do meu corpo para fora do navio. As minhas mãos voltaram a queimar, e, quando senti uma força tremenda, acreditando poder reverter a situação, o meu coração quase parou quando os meus olhos fitaram aquilo que eu mais temia.

Sempre a temi pelas suas histórias e temia mais ainda que esse dia chegasse. Uma sombra escura se aproximava por debaixo d'água, emergindo lentamente. Maleena me encarou por uns segundos, e não conseguia descrever a expressão nos seus olhos arregalados, porque não era como nada daquilo que eu já vira ou temera, e sim pior. Colocou a sua mão direita no barco, fincando as suas enormes unhas na madeira para pegar impulso e começou a escalar vagarosamente. O seu corpo balançava de um lado para o outro, enquanto o vento jogava os seus cabelos para trás. Arturo chegou no mesmo instante em que ela finalmente parou a milímetros de distância do meu rosto. Tudo ficou em silêncio, e só ouvia o meu coração pulsar fortemente nas minhas orelhas, que latejavam enquanto as suas narinas abriam e fechavam rapidamente com a respiração ofegante que ansiava em me matar.

Mesmo em pânico ao ver Maleena, Arturo desembainhou a sua espada para golpeá-la, mas aquela mão fria e molhada tocou o meu ombro esquerdo e, surpreendentemente, empurrou-me para ele, enquanto, com a outra mão, agarrou Brenda e a puxou para o mar.

Ainda não tinha conseguido assimilar o que havia acabado de acontecer. Tudo era silêncio, e o único barulho eram as batidas do meu coração. Caí de joelhos. Lana e Megan expressavam perplexidade pelo que acabaram de ver, enquanto Luke retirava a lança de perto do pescoço de Odo, correndo em vão para segurar Brenda. Ele se debruçou na beirada da popa, estendendo a mão enquanto gritava o seu nome. Odo correu para ajudar Arturo a me levantar, e, quando olhei para o mar, Brenda estava sendo tragada ao gritar pavorosamente. A sua mão ainda esticada para Luke em um pedido desesperado de socorro foi a última a sumir, e, quando as brucas ondulações finalmente pararam, o seu sangue e os seus restos mortais se uniram aos dos outros.

Então o silêncio foi embora. Todos os sons vieram com força, causando-me uma forte dor de cabeça. Tudo parecia ensurdecedor. Aos poucos, o caos foi indo embora, e os gritos viraram prantos contidos ou desesperados dos escravos sobreviventes. Finalmente, havia acabado.

Odo voltou para o seu lugar, e, tanto ele quanto os outros escravos, estavam em prantos. Buscaram forças para remar antes que os guerreiros mudassem de ideia em tê-los poupado. Arturo veio checar se eu estava bem. Ele e o capitão haviam decidido punir Luke por não ter impedido Brenda. Luke não me queria viva, mas esqueceu que desonrar o acordo com Arturo lhe causaria a morte. Pegaram-no pelo braço, arrastando-o e inclinando-o para fora do navio. Os olhos de todos brilharam incrédulos por ver alguém como Luke morrer, mas, infelizmente, ele foi esperto demais para deixar que prosseguissem com o plano.

– Foi Brenda! Aquela tola já está morta, teve o que merecia! – disse tentando manter a postura, como se pudesse esconder o desespero estampado nos seus olhos.

Uma sereia ouviu e emergiu rosnando ansiosamente pela carne prestes a receber. Todos exclamaram assustados.

– Não me desrespeite com as suas mentiras! Diga a verdade! Você teria permitido se pudesse, não teria?

A sereia ainda rosnava avidamente, movimentando-se quase em círculos com os braços agitados. Luke a olhou, engolindo em seco discretamente.

– Eu conheço as regras, senhor! A pergunta é: você realmente iria se desfazer de um dos seus melhores homens?

– O que quer dizer com isso?

– Sou um dos melhores, e, se me matar agora, vai perceber a estupidez dos seus atos! Sabe que irá precisar de mim. Quanto mais homens como eu, melhor!

Por mais que eu o abominasse, não poderia discordar das suas palavras. Muito menos Arturo, que reconhece o seu status perante os outros. Arturo parecia contrariado, mas, infelizmente, não teve escolha. Olhou para o capitão, consentiram e afrouxaram as suas mãos, deixando Luke voltar ao navio.

A sereia mergulhou indignada, sumindo de vez.

Ele pegou fôlego, ajeitou a sua roupa, tentando voltar à sua postura superior. Eu vibrei com cada força que me restava do meu corpo enfraquecido quando Arturo surpreendeu Luke com um soco no maxilar e outro no estômago.

– Estupidez é usar tal palavra para se referir a um ato do seu líder! – virou para o restante da tripulação. – O acordo foi que jogaríamos alguns escravos de oferenda e ninguém mais! Portanto, a partir deste momento, aquele que me trair ou encostar um dedo nela – apontou para mim – terá a sua sentença de morte decretada, assim como Brenda teria se não tivesse sido arrastada para o mar. Acreditem, eu farejo traidores melhor do que um cão faminto fareja uma boa carne banhada em sangue.

Em silêncio, consentiram, percebendo a seriedade da situação. Megan me abraçava em apoio, enquanto Lana me olhava de canto de olho e, assim como Luke, estava visivelmente descontente por eu estar viva. Uma das maiores habilidades dos guerreiros era a capacidade de guardar segredos para se proteger, mas, como Luke não perderia a última oportunidade de me atingir, arriscou-se da forma mais covarde e nojenta possível.

– Vocês ouviram, deixem em paz a elfa! – enfatizou a última palavra, causando as mais diversas reações, tanto pelos escravos quanto pelos cidadãos livres.

Os poucos escravos que sobraram permaneceram boquiabertos por um tempo, mas depois, para a minha surpresa, nada disseram. Apesar de tudo, não foram os elfos que os escravizaram, jogando os seus irmãos ao mar. Além disso, estavam tão inconsoláveis pelas mortes, que esse detalhe não parecia abalá-los. Já os cidadãos livres e Lana cuspiam xingamentos transtornados por terem tido uma elfa debaixo dos seus narizes há anos e nada souberam ou puderam fazer. Se a minha mãe estivesse viva, a julgar pelos comentários em relação a ela, talvez nem mesmo o respeito por Arturo os impediria de jogá-la ao mar. E, claro, o maior motivo de indignação era não poder fazer nada comigo, pois eu não mais pertencia a eles. Curioso fato é que, mesmo quando não sabiam do meu segredo e eu os servia, não me consideravam um deles por ser escrava. Mas, agora que sabem que sou metade elfa, esbravejam por não poderem fazer nada comigo já que eu não sou mais um deles.

Megan é um bom exemplo de ser humano que não me deixava odiá-los por completo. Ouviu comigo cada palavra e viu as expressões nos olhos de quem não sabia do meu segredo. Ela me abraçava como se nada houvesse mudado, e, em meio a tantos xingamentos, eu sorri com o gesto de carinho da amiga que eu acabara de fazer.

Arturo ordenou que fizessem silêncio e Luke ordenou que alguns dos cidadãos livres tomassem os remos para remar com os escravos, afinal, sobraram poucos remando, e, com isso, a viagem seria mais longa. Olhei para o lado e vi Maleena emergindo da água. Ela me encarou fixamente por uns segundos, submergindo em seguida e sumindo de vez. Não entendi por que ela puxou Brenda ou por que não pegou nós duas, já que ela seria completamente capaz de acabar com a gente em um piscar de olhos. Será que, se eu fosse jogada, ela me pouparia novamente? Acho que não, mas tinha certeza de duas coisas: nunca mais queria ver aqueles olhos novamente; e Lana, que não era boba, também notara e estava perdida nos seus pensamentos com as mesmas dúvidas que eu.

Finalmente, as maldições em forma de poças de sangue iam sendo deixadas para trás. A Deusa Fyra brilhava a sua luz solar, aquecendo-nos um pouco daquele frio. Aos poucos, o mar voltava a ter a sua cor azul. O cenário de terror ia desaparecendo

no horizonte, mas nem mesmo a linda e calma paisagem impedia que as imagens e os gritos assombrassem os nossos pensamentos.

– Você é mesmo uma elfa? – perguntou Megan, virando-se para mim curiosa e tentando quebrar aquele clima ruim.

– Metade elfa. A minha mãe era humana. – sorri feliz por ela não me julgar.

– Verdade? – sorriu, pondo as mãos nas maçãs do rosto.

– Sim. Todos sabiam que o meu pai não era da aldeia. Pensei que você também soubesse. – brinquei.

– Não nasci em Ardhem, lembra? – desfez o seu semblante impressionado, triste por se lembrar da sua família.

Pobrezinha, como pude me esquecer da sua história?

– A minha mãe se apaixonou por um elfo e acabou engravidando de mim. Ela foi castigada, perdendo o status de guerreira, e nós acabamos virando escravas dos sábios.

– Não me lembro de termos algum tipo de rivalidade com os elfos. Eu era muito nova, e as poucas lembranças que tenho da minha mãe são dela brincando comigo ou cantando para me fazer dormir.

Lana ouvia tudo, querendo uma brecha para se meter na conversa.

– Lamento o que aconteceu com você e a sua aldeia.

– E eu lamento o que aconteceu com você e a sua mãe.

Sorrimos uma para a outra, percebendo que tínhamos a mesma história. Não nascemos escravas, tornamo-nos por motivos diferentes, mas muito injustos. Era bom ter, em meio a todas essas mudanças, uma amiga de verdade.

Lana me viu dando uma parte do meu cobertor para que Megan cobrisse suas pernas e resolveu aproveitar o momento de solidariedade pegando uma parte para si.

– Pode esquecer! – puxei a parte que a cobriria – Acha mesmo que vou te emprestar o meu cobertor depois do que você fez? Acha que eu não te vi impedindo Megan de me ajudar?

Megan na hora me apoiou, olhando Lana de cara feia. Assim que Lana percebeu que nós duas estávamos contra ela, afastou-se, dando de ombros.

– Pensa que vou esquecer que Maleena puxou Brenda, e não você? Tem algo a seu respeito além de ser uma elfa que não sei o que é, mas vou descobrir.

– E vai fazer o quê? Vai me matar? – ironizei.

– Não sei, mas vou fazer algo. – disse rispidamente, indo para o outro lado da popa.

Ela sentou e se encolheu. Os raios de Fyra já não estavam tão intensos para aquecê-la, e eu tentava focar na imagem dela impedindo Megan de me ajudar. Por mais que eu me lembrasse de tudo de ruim que ela me fez, não me sentia bem em

vê-la se encolhendo, tremendo de frio. Nessa hora, questionei-me sobre em que espécie de monstro eu estaria me tornando.

– Sei que não quer deixá-la com frio, mas entendo os seus motivos. – disse Megan me consolando.

– Eu só a quero longe de mim. Estamos prestes a começar uma nova vida, e tudo o que eu quero é paz. Apenas isso.

– Você está certa. Quanto a mim, não sei ao certo. Pode ser que eu fique por lá, pode ser que eu volte para Ardhem e para a taberna, ou que eu possa ser jogada como oferenda na volta. – lágrimas começaram a surgir no seu rosto. Ela soluçava com medo de qualquer um desses destinos cruéis que poderiam aguardá-la. – Não quero voltar para a taberna, não quero! Se eu tiver de voltar, eu mesma pularei na água para as sereias! Prefiro morrer a ter de voltar para aquele lugar! – segurou as minhas mãos em prantos, falando baixinho.

Eu a abracei com força para acalmá-la. Não ia deixar que ela voltasse para lá ou que as sereias a matassem. Algo deveria ser feito. Precisava falar com Arturo.

– Calma, tenho uma ideia! Arturo é um homem bom. Tenho certeza de que ele pode fazer outro acordo para que você fique em Weston.

Um pingo de esperança surgiu no seu olhar, mas ainda estava preocupada. Megan se encolheu no cobertor e nada mais disse, apenas se perdera nos seus pensamentos. Eu me calei, respeitando o seu momento.

Haviam se passado horas, e, mesmo que as lembranças nos tirassem o apetite, precisávamos comer. Arturo se aproximou com algumas carnes e frutas secas, enquanto o capitão nos trouxe duas cuias com água. Todos estavam se alimentando para repor força e energia para seguirmos com a viagem. Havia duas cuias, uma para os escravos e outra para os guerreiros e cidadãos livres, já que ninguém beberia nas mesmas cuias que os escravos.

O capitão se dirigiu à Lana, que estava deitada no chão encolhida de frio, mas bebeu a água e comeu a carne e as frutas.

– Se precisarem de alguma coisa, falem comigo. Separei umas porções extras para quem está remando e para vocês três. – sorriu, falando baixinho.

– Obrigada. – respondemos sorrindo.

Megan e eu recebemos três pedaços de carne seca e duas frutas cada, mas vi que o meu terceiro pedaço era maior. Cortei o excesso e dei a ela. Megan o dobrou pela metade e me deu a minha parte. Ela era realmente justa e muito bondosa.

Ambas olhamos para Lana, que se encolhia mais de frio ao comer algumas uvas do pequeno cacho que lhe deram.

– Lana... – eu me aproximei.

– O que você quer? – chorava.

– Não quero que você sinta frio, mas como posso querer dividir o meu cobertor com você depois do que fez?

– Se veio em busca do meu perdão, pode esquecer! Por mim, você viraria comida de peixe!

– Você diz que os elfos são nojentos, mas me queria morta, mesmo tendo te ajudado inúmeras vezes, sem contar o quanto tentei ser sua amiga. Se prende tanto ao que um elfo deixou de fazer, que nem enxerga o que Luke, um humano, a sua própria espécie, fez com você... E com os outros escravos que te tinham como um membro da família. – suspirei.

Era tão orgulhosa que não dava o braço a torcer. Continuou me olhando com a mesma expressão debochada.

– Vai embora! Volta para o seu cobertor quentinho com a sua nova amiga! Não preciso de nenhuma de vocês!

Sem hesitar, eu me levantei e volvei para o meu canto. Já havia me desculpado e, se antes não tínhamos como ser amigas, agora seria praticamente impossível.

A noite já havia caído, o sorriso minguante de Yuim brilhava na noite escura, acalmando-nos do terrível primeiro dia de viagem. A água refletia Yuim e as estrelas em um lindo espelho negro. Nem parecia ser o mesmo mar de algumas horas atrás, coberto por morte. Escravos e cidadãos livres se revezavam remando. Os escravos dormiam no imenso corredor entre os remos, sem travesseiro ou cobertas, enquanto os cidadãos livres iam para a parte de baixo do navio. Megan já estava dormindo com o corpo curvado e, mesmo que estivesse no chão, o seu semblante parecia calmo e sereno como se dormisse em uma cama confortável. Lana não parava de se revirar tentando achar uma posição. Afastei o cobertor para o lado de Megan e sentei abraçando os meus joelhos. Olhei para cima, sorrindo para aquele lindo céu estrelado.

– Não consegue dormir? – perguntou Arturo, ajoelhando-se à minha frente.

Sacudi a cabeça.

– Sabe, quando eu era pequeno, a minha mãe me contava que o sol e o mar um dia se apaixonaram pela lua. Eles brilhavam juntos, proporcionando dia de um lado e noite do outro. O contraste do brilho da lua no céu escuro era tão lindo que, assim como o sol, o mar se apaixonou. Como presente, ele parou as suas águas para a vaidosa Deusa lua contemplar a sua beleza, e, com isso, ela acabou se apaixonando pelo mar. O sol, desiludido, resolveu não mais brilhar ao seu lado, pois não suportaria vê-los juntos, o que acabou nos dando os dias e as noites separadamente. Triste, a lua chorou, pois gostava de brilhar com o sol, e as suas lágrimas viraram as estrelas. Mesmo apaixonada pelo mar, ainda chora de saudades do seu amigo, e, por isso, a noite é repleta delas. Uns dizem que quanto mais brilhante é a estrela, mais dolorosa é aquela lágrima. O mar, por sua vez, sentiu-se mal pelo sol e, de presente,

também resolveu refletir os seus raios solares, parecendo pequenos fragmentos de cristais ao tocarem as suas águas. Feliz com o presente dado por aquele que seria o seu rival, o sol passou a brilhar mais forte. Mas ainda chora pela lua, dando-nos os dias de chuva. Ou os dias nublados quando está apenas triste.

– Que lindo! – suspirei.

– A minha mãe costumava me contar quando eu era pequeno. É apenas uma história, e eu poderia estar triste pelos diversos motivos, mas isso sempre me alegrava. Pensei que fosse gostar de saber para poder ter na sua mente algo além do que houve hoje cedo. Acredite, não foi fácil para mim também.

– Obrigada pela linda história. – sorri. – A sua mãe ainda é viva?

– Não. – fitou o horizonte com os olhos repletos de saudades. – Mas morreu velha, viveu a sua longa vida da melhor forma.

– Eu não conheci a minha.

– Oh! Eu sinto muito.

– Tudo bem. – sorri.

– Tente dormir. Amanhã será um dia cheio.

Eu me cobri, deitando e olhando aquele céu e pensando na história que acabara de ouvir. Era triste, mas linda e, por uns momentos, apagara as lembranças ruins.



Capítulo 09

Acordei com Megan gentilmente sacudindo o meu ombro. Era o segundo dia de viagem, e Fyra havia nos abençoado com um dia quente. Não tinha vento algum, o que fez os escravos e cidadãos livres remarem bastante. Arturo, sempre muito bondoso, dava-lhes água para se manterem hidratados. Afinal, não deveria ser nada fácil remar debaixo desse sol. As águas cristalinas não mostravam nenhum sinal das sereias, o que nos deixou bem aliviados, e, enquanto o capitão descansava, Arturo assumira o seu lugar ao leme. Megan quis se dividir entre mim e Lana, sentando um pouco com cada uma de nós. Lana era legal com ela, e eu gostava de Megan por ela ser tão boa. Séria, dava uns conselhos a Lana, que ouvia atentamente fitando o chão e consentindo com a cabeça.

Cruzei os meus cotovelos na beirada do navio e olhava as ondulações formadas pelos movimentos dos remos. Na paisagem, não havia nenhuma ilha ou pedra, era somente o mar calmo e cristalino. Comecei a pensar em Ardhem e em tudo o que eu deixei para trás. Sentia os bons ventos do destino soprando sobre o meu futuro, mas ainda doía ter de deixar algumas pessoas para trás. Ardhem foi o meu lar por dezoito anos e, mesmo querendo seguir em frente, era difícil. Pensei em como estaria Grand nesse momento e lamentava a cada minuto por não poder servi-lo ou cuidar dele nos seus últimos dias.

O seu sorriso veio na minha mente como uma mensagem, dando-me forças para a minha nova vida. Sorria para o horizonte ao me lembrar dele, mas, ao mesmo tempo, uma lágrima rolou, pois era difícil aceitar que não mais o veria.

À minha frente, a lateral do outro navio passava por mim, e os poucos escravos sobreviventes me olharam. Uns pareciam como eu, perdidos em pensamentos, temendo pelas suas vidas, questionando se haveria outra oferta na volta para Ardhem. Senti todas as suas emoções como se eu pudesse absorvê-las, então chorei pelas suas angústias como se fossem as minhas.

Mesmo com Fyra ainda brilhando, Airya resolveu se manifestar, trazendo uma corrente fresca. Ela levava pequenos fios dos meus cabelos presos, que dançavam, acariciando as minhas maçãs do rosto. Suspirei. Ela parecia ter vindo para ajudar aqueles que remavam.

Uma gaivota branca sobrevoava entre o navio em que eu estava e outro. As suas penas iam para trás, e os seus olhos serravam levemente com a corrente do vento.

Eu a observava fixamente como se estivesse sobre algum tipo de feitiço, em que, estranhamente, a minha energia se renovava, levando toda aquela angústia embora. Do nada, ela me encarou de uma forma peculiar e, com um impulso forte, subiu ficando para trás.

Mais tarde, Arturo nos ofereceu carne e legumes. Foram dois longos dias de viagem, que pareceram semanas. Sempre quis entrar no território das sereias, mas, agora que eu o fiz, mal via a hora de sair e pisar na terra firme que, finalmente, avistamos entre inúmeros navios ancorados longe do solo. Havia mais três flâmulas de diferentes territórios, e eram desenhos assustadores.

Era um enorme porto que ficava entre duas ilhotas. Em uma, ficava o farol, e, na outra, uma enorme flâmula de Weston fincada na terra.

O navio em que eu estava foi o primeiro a atracar no píer de madeira que levava ao cais. Um pouco mais afastado, possuía uma escada de pedras que percorria toda a sua extensão e dava para uma parte mais elevada, onde, ao longe, mercadores, nas suas barraquinhas, vendiam as mais diversas mercadorias.

As flâmulas de Weston se espalhavam por quase todo o cais, onde pessoas vinham de todos os lados, carregando sacos nas costas ou outras mercadorias que tiravam de navios já atracados. Era claramente um local mais evoluído e movimentado que Ardhem.

Estava completamente impressionada, mas lamentava pelo barulho, pois gostava do silêncio que Ardhem proporcionava. Será que já estaríamos em Weston? Será que eu seria realmente mais feliz aqui?

Megan estava do meu lado e parecia empolgada, embora estivesse estranhando um pouco toda aquela movimentação. Lana se juntou a nós, sorrindo somente para Megan.

Os guerreiros começaram a distribuir várias caixas para que os escravos e os cidadãos livres carregassem.

Dobrei o meu cobertor, e Arturo pediu que nós três descêssemos com ele. Percorremos o píer em direção ao cais vazio.

– Já estamos em Weston? – perguntou Megan.

– Acho que sim, mas não é como imaginava.

– Confesso que também imaginava um local diferente.

Nós duas trocamos olhares receosos. Aquele lugar parecia mais assustador do que acolhedor.

– Não se preocupem. Esta é a nossa zona portuária. Nunca é muito bem-vista por ser suja e barulhenta. A aldeia fica mais afastada, e garanto que irão gostar. – sorriu nos motivando, o que nos deixou bastante aliviadas. Então deveria mesmo ser um belo local como imaginávamos.

Subimos as escadas de pedras, e uma forte e estranha sensação de estar sendo fixamente vigiada surgiu. Olhava ao redor, e ninguém parecia prestar atenção em mim. Aguardávamos os outros se juntarem a nós, e a sensação continuava. Sem saber explicar quem me vigiava, sabia que eu sentia os seus olhares. Tremeliquei.

– Você está bem? – perguntou Megan.

– Sim, sim. Acho que estou apenas empolgada para conhecer o nosso novo lar. – disfarcei.

Estava começando a ficar bastante preocupada. Parecia que a minha presença intrigava ou incomodava alguém tamanha era a sensação de ser observada. Tentei ignorar... Poderia ser apenas coisa da minha cabeça por medo de ser julgada como fui em Arnhem. Mas estava em Weston agora. As pessoas eram diferentes.

Lana se aproximava com os outros escravos.

– Tomem muito cuidado e fiquem por perto. Há muitos ladrões por aqui. – disse Arturo, interrompendo os meus pensamentos.

Ótimo! Só me faltava essa agora. Além de estar sendo observada, ainda teria de me preocupar com ladrões. Mesmo só tendo o meu cobertor, e ninguém o tiraria de mim, os escravos carregavam pertences dos guerreiros, e não queria nem pensar no que poderia acontecer a eles se algo sumisse.

Estava feliz por ver que Megan e Lana não carregavam nada, mas nos questionávamos sobre o porquê disso. Estranhamente, os guerreiros que sempre as exploraram agora as ignoravam.

Arturo e os guerreiros de Weston estavam com a gente, enquanto os outros se juntavam a eles. Os guerreiros de Arnhem olhavam ao redor com ar de curiosidade, apontavam as coisas e as pessoas e cochichavam, mas sem perderem a pose, com o peito estufado de superioridade. A diferença era clara entre os dois povos, e cada vez mais eu ficava feliz em saber que não voltaria para Arnhem.

Arturo olhou para nós três, uma do lado da outra. Viu o quanto me importava com Megan, mas não sei se notou que não dava a mínima para Lana.

Depois de um bom tempo aguardando, todos finalmente estavam em terra firme. Arturo os liderava comigo ao seu lado. Megan e Lana vieram em seguida. Luke vinha atrás com os outros guerreiros e cidadãos livres, e, por último, os escravos, que carregavam caixas e levavam os cavalos. Os guerreiros de Weston, aos poucos, cercaram-nos, protegendo-nos dos mercadores, que começaram a se aproximar, ansiosos por conhecer novos clientes.

Um corredor de pedregulhos formava a estrada em que caminhávamos, cercadas por várias barracas e balcões malcheirosos. A sensação de estar sendo vigiada começava a se dissipar, como se as barreiras que os mercadores começaram a fazer tapassem a minha visão para aquele ou aquela que me observava. Aqueles que não conseguiram se aproximar, gritavam das suas barracas, apontando os seus mais

inusitados produtos. Uma bela mulher de pele morena, cabelos negros e vestido vermelho que deixava os seus ombros à mostra, vendia pequenos frascos com líquidos das mais diversas cores e falava enquanto nos seguia, mostrando uma bandeja cheia deles:

– Tenho tudo o que você precisa. Quer achar o grande amor da sua vida? Quer curar doenças? Quer se livrar da inveja? Ou é dinheiro o que você quer? Eu tenho tudo! Tudo o que você quiser, imaginar, precisar ou, até mesmo, aquilo que você nem sonhar necessitar!

Um dos guerreiros de Weston a afastou delicadamente para que pudéssemos seguir o caminho. Os guerreiros de Ardhem olhavam ao redor, interessados em certas mercadorias, mas ainda assim andavam fazendo pose como se fossem homens importantíssimos. Infelizmente para o seu ego, eram apenas possíveis clientes aos olhos dos mercadores.

– Vinho envelhecido não é bom se não for armazenado nos meus barris de carvalho queimado. – gritou um homem gordo e baixinho, segurando dois barris.

– E esses barris não seriam nada sem os meus vinhos, feitos com toques de cerejas e ameixas. – disse um jovem rapaz ao se aproximar dele.

Balancei a cabeça imaginando quantas dríades tiveram de morrer para fazer esses barris.

– As melhores lãs são as minhas. – disse uma senhora vindo pelo outro lado. – Mais quentes e resistentes, pois foram retiradas das ovelhas que moram nas montanhas de Vaskurz, um dos locais mais frios que existe!

Não sabíamos para onde olhar, mas a quantidade de mercadores se aproximando de nós, que éramos novos na cidade, tomou uma proporção tão grande que foram precisos vários guardas nos cercarem para nos proteger.

Andávamos espremidas. Arturo nos protegia, e eu só via várias mãos com os objetos diferentes aparecendo por trás das cabeças dos guardiões, entre gritos. Agora sim, estava começando realmente a ficar incomodada com o barulho dos mercadores.

Enfim, estávamos livres de toda aquela confusão, chegando a um local mais calmo. Uma estradinha de pedregulhos igual à do porto, mas sem os mercadores barulhentos. À esquerda, uma enorme construção de pedras cinza com vãos em formas de arcos que contornavam um grande rio. No topo, um enorme canal que saía dessa construção e terminava em um muro, entrando na aldeia. Atrás, a linda floresta que aparecia pelos vãos de arco que eu ansiava conhecer. Dois dias no mar pareceram uma eternidade sem o cheiro de mato e terra que eu tanto amava.

Mulheres e crianças lavavam roupas no rio, parecendo felizes, conversando e rindo enquanto trabalhavam, ou se ajudavam a torcer alguma peça maior, retirando o excesso d'água. Outras cantavam ao bater os tecidos ainda molhados em algumas

pedras no rio, em um ritmo sincronizado. Foi a primeira vez que vi mulheres se divertindo ao realizarem as suas tarefas, e isso mostrava que a vida em Weston em nada se comparava a de Ardhem. Sorri suspirando, agradecendo mentalmente aos Deuses por essa oportunidade.

À nossa frente, havia grandes muros de pedra cinza que cercavam a aldeia, mas estranhei ao não ver as famosas estátuas que tomavam vida à noite, como Grand contou.

– Sean! – gritou Arturo com um largo sorriso para o guardião que nos olhava de cima do muro.

– Arturo! Seja bem-vindo! – gritou feliz com a nossa volta.

Dois enormes portões de metal já abertos eram como enormes braços nos recebendo de forma calorosa. Sons de pessoas falando e uma agradável música ao fundo começaram a surgir. Sem contar que aquela sensação de estar sendo vigiada já tinha ido embora por completo.

– Bom tê-lo de volta, Arturo! – acenou o guardião lá de cima.

– Obrigado, Sean! Bom estar em casa. – acenou de volta

– Senhor. – um deles se aproximou e se curvou, seguido por outros. Usavam as mesmas armaduras do povo de Weston que tinha ido para Ardhem.

Arturo se curvou levemente.

– Vejo que conseguimos o acordo. O rei de antemão já lhes deseja boas-vindas.

Todos se curvaram para o povo de Ardhem, que retribuíram o gesto.

– Obrigado! Estamos honrados por terem nos escolhido para esse acordo. – disse Luke.

O guardião fez um gesto com a cabeça para Luke e depois se virou para Arturo.

– O rei pediu para que todos fossem vê-lo assim que retornassem.

– Como estão os meus filhos? – perguntou Arturo.

– Tristan continua treinando e está cada vez melhor. Gwen está focada nos seus afazeres, mas está sentindo muito a sua falta e sempre pergunta se temos notícias suas.

– Gwen... – sorriu ao se lembrar da filha, mas logo desfez o sorriso, mostrando preocupação – Mas como ela está? E a gripe?

– Poucos dias depois da sua partida, a febre baixou e a tosse diminuiu bastante. Tristan cuidou muito bem dela. Tenho certeza de que, se pudesse parar os treinos para cuidar da irmã, ele teria feito. E só não o fez porque a velha Mia se encarregou de cuidar da menina.

Arturo sorriu aliviado. Eu não sabia que ele havia partido enquanto a sua filha estava doente. Sequer sabia que ele tinha filhos. Vi o quanto ele era forte por não ter mencionado ou deixado transparecer nada pessoal enquanto tratava de negócios com Ardhem ou durante a viagem. Com certeza, o rei não sabia do estado de saúde

da filha de Arturo, mas, como ele era o general de batalha, não poderia deixar de cumprir as ordens. De qualquer forma, nenhum rei poderia ser pior que Norár.

Os seus olhos estavam repletos de saudades, mostrando o quanto ele queria poder abraçar os seus filhos, mas a ordem do rei tinha de vir em primeiro lugar.

– Sabe como é Gwen: forte igual à mãe. Não ia ficar muito tempo doente. – disse o soldado.

Arturo então deu um sorriso amarelo e fitou o chão. Os seus olhos lacrimejaram, mas rapidamente se recompôs, erguendo a cabeça.

– Esta é Kyara. Por favor, leve-a para minha casa junto com elas. – apontou para Lana e Megan.

Surpresas, nós nos entreolhamos felizes em saber que ficaríamos juntas.

– É sério? Nós também? – perguntou Megan incrédula.

– Sim, Megan. Vocês também. São minhas agora. – sorriu.

Elas soluçavam de chorar tamanho era o alívio pela chance de uma vida melhor. Abracei Megan, que, em seguida, abraçou Lana. Fiquei radiante em saber que Megan estaria finalmente livre de Lugh e, apesar de estar feliz por Lana, eu me preocupava se ela causaria problemas. Eu só queria paz para um recomeço.

Alguns soldados de Weston esboçaram um sorriso tenro, como se estivessem realmente felizes por ficarmos com Arturo. E, a julgar pelo respeito e carinho que mostravam por ele, senti que estavam felizes por saber que ficaríamos bem. Os escravos também ficaram felizes por nós, diferentemente dos guerreiros e cidadãos livres de Ardhem, que reviravam os olhos.

Um dos soldados pediu que o seguissemos, enquanto Arturo e os outros se aprontavam para falar com o rei. Não sabíamos o que aconteceria com os escravos, mas não tivemos escolha ou tempo para nos preocupar. Começamos a caminhar e vimos várias casas diferentes das de Ardhem. Os telhados eram pontudos, de forma triangular, feitos de palhas trançadas. Os únicos barulhos eram os das pessoas conversando normalmente, dos animais ou das tarefas sendo realizadas. As casas eram feitas de pedras cinza, e, nas janelas, havia lindas cortinas de renda bege clara, com pequenos vasos de flores roxas, brancas e amarelas. É claro que haveria diferença entre os povos, mas, pelo visto, todos tinham o mesmo direito em relação à boa moradia.

A estrada era também de pedra cinza, e muitos vasos com flores eram vistos no caminho. Podíamos ver, entre uma casa e outra ao longe, a enorme floresta que avistei antes de entrar. Pelos barulhos de alguns animais, todos ficavam nos fundos das casas, nos seus cercados. Passamos por uma taberna feita de madeira escura, fazendo Megan tremer devido às terríveis lembranças. Sorri de forma a incentivá-la, pois ela ainda parecia não acreditar que jamais voltaria a passar pelos maus-tratos de Lugh e do seu filho.

Começamos a subir uma ladeira que separava a aldeia de Weston. As casas que ficavam após a subida eram maiores, mais bonitas, tinham flores na entrada e varandas no segundo andar. Ao topo, do outro lado dessa ladeira, ficava o enorme castelo de pedras marrons, com duas torres de vigilância arredondadas. Mais ao fundo, havia janelas de molduras douradas, que pareciam ser os aposentos reais, com cortinas vermelhas. Vários guardas andavam pelo caminho fazendo ronda, e um grupo perto ao portão saudaram Arturo e os outros.

Continuamos a andar até que paramos em frente a uma casa que, assim como as outras, tinha dois andares, uma linda varanda com as bordas arredondadas no segundo andar e uma cascata de crisântemos violetas que desciam da lateral da janela indo até a lateral da porta de entrada. Ela ficava a cinco degraus do chão, e a porta ficava entre dois enormes jarros beges com flores brancas. As pequenas janelas do porão estavam levemente abertas para arejar, e a grama verde e macia rodeava a casa com flores brancas e amarelas que brotavam do chão.

Na porta, surgia uma menina que aparentava ser mais nova que nós. Ela vestia um vestido cinza claro até as canelas, um avental branco, tinha lindos cabelos castanho-claros e olhos verdes. Ela carregava um pano nas mãos, que deixou cair espantada ao nos ver. Um sorriso brotou nos seus lábios semiabertos.

– Gwen! – disse o guardião.

– Meu pai chegou? – perguntou ansiosa em vê-lo enquanto o procurava, olhando para os lados.

– Sim, está com o rei. – sorriu o soldado – Estas são as três meninas que ele trouxe e irão trabalhar para vocês.

– Então ele está bem? – olhou para cima agradecendo, pondo a mão no peito. – Ah, pelos Deuses! Que bom! – respirou aliviada.

Nós nos entreolhamos e nos curvamos para ela. Nunca havíamos servido a alguém tão jovem, e ela parecia ser tão doce que já estávamos felizes com o nosso novo lar e os novos donos. Mas a surpresa maior foi quando ela veio correndo nos abraçar.

Retribuímos o abraço, felizes, porém um pouco tímidas. O guardião sorriu e pediu licença para se retirar.

– Sejam muito bem-vindas! Eu sempre quis ter irmãs. Sem contar que uma ajudinha extra em casa sempre cai bem. – sorriu.

– Você faz tudo sozinha? – perguntei.

– Praticamente. O meu pai é o capitão da guarda real e passa o dia todo no castelo. Tem noites que até nem volta para casa. O meu irmão, que foi aceito no exército real, passa o dia inteiro treinando. Sendo assim, acabo ficando muito sozinha. – o seu semblante voltou a ficar triste por um segundo, desfazendo-se em um sorriso. – Mas agora vocês estão aqui, e tudo vai ser diferente. – deu uns

pulinhos de empolgação, voltando a nos abraçar, fazendo-nos retribuir o abraço, um pouco mais forte desta vez.

– Bom, o meu nome é Gwen. E os de vocês?

– Eu sou Kyara, e estas são Megan e Lana. – respondi.

– Prazer em conhecê-las. Ah! Estou tão feliz! Por favor, vamos entrar. – disse nos conduzindo para a porta de casa.

Era um local simples, mas tinha tudo o que uma família precisava para viver bem, como uma mesa de seis lugares ao centro, uma lareira de tijolos do lado direito, com uma pintura de uma linda mulher, duas poltronas beges viradas para a lareira e a escada que dava para o segundo andar. Do lado esquerdo, havia um guarda armas, um pequeno louceiro – bem simples, mas muito bem trabalhado –, e, perto dele, uma entrada que dava para o porão, por onde Gwen nos conduzia animadamente.

O porão era, na verdade, uma cozinha que ficava na parte debaixo da casa, com panelas penduradas abaixo das janelas e um fogão a lenha. Um pequeno corredor ligava a cozinha a um quarto simples, porém espaçoso, com uma cama somente e um armário com duas divisórias. Ao alto, duas janelas iguais às da cozinha, que davam para os fundos da casa.

Depois subimos para o último andar, onde ficavam os quartos de Gwen e Tristan. Apenas uma cama, uma cabeceira com um castiçal, um armário e um espelho.

Não entramos no quarto de Arturo, pois ele parecia ser muito reservado. Era o quarto do meio, onde tinha aquela varanda que eu tanto achei linda. Seria capaz de ficar ali por horas olhando as estrelas, sem contar a linda vista que teria da floresta.

Voltamos para sala.

– Nos fundos da casa, tem uma pequena construção que é onde fica o nosso banheiro. É pequeno, mas dá para tomarmos banho e fica mais fácil trazer a tina d'água se ela ficar fora de casa. – olhou para baixo pensativa. – Não me levem a mal, estou feliz em vê-las aqui. Mas por que o meu pai as trouxe?

– Nós éramos escravas na nossa aldeia, e eu fui dada de presente ao seu pai devido a um acordo. Já elas, acreditamos que ele as tenha negociado para que fiquem conosco. Então acho que, como você está precisando de escravas...

– Escravas? Não, não... – interrompeu-me espantada, mas sem perder o sorriso doce. – Não temos escravos em Weston. Todos trabalham igualmente. Se o meu pai as trouxe, claro que terão de trabalhar – até ele e o meu irmão realizam tarefas em casa –, mas não serão as nossas empregadas. Conhecendo o meu pai, ele quer lhes dar abrigo, e, como eu sempre quis ter irmãs...

Não conseguíamos conter a nossa felicidade. Continuaríamos com as nossas tarefas, mas apenas para manter a casa, sem medo de punições severas caso fracassássemos.

– Bom... no que exatamente vocês são boas? Preciso saber para que a gente possa dividir as tarefas.

– Eu gosto de limpar. Não sou boa cozinheira, mas posso aprender para ajudar. – disse Megan mostrando interesse em aprender o que fosse necessário.

– Pois eu sou ótima na cozinha. Aliás, adoro cozinhar e ensinar também. – sorriu Lana triunfante ao se achar melhor.

– Bom, eu não sou boa cozinheira, mas gosto de limpeza e de realizar trabalhos fora de casa, como ir buscar alguma coisa. Como estou acostumada a lavar tecidos finos sem danificar, adoraria ter de ir à floresta para lavar a roupa no rio ou pegar lenha para o fogão. – respondi.

Gwen sentiu a minha empolgação ao falar em ter de ir à floresta e sorriu, mas parecia tensa por algum motivo, enquanto Lana revirava os olhos entediada.

– Ótimo! Vamos fazer dessa forma: Kyara, você fica encarregada de realizar tarefas fora de casa, mas ajuda Megan na limpeza. Eu e Lana ficamos encarregadas de cozinhar. O meu irmão voltará para casa hoje para jantar, e pedirei a ele que providencie duas camas para que vocês possam dormir. Vão dividir o quarto lá embaixo.

Concordamos felizes com as nossas tarefas e por termos de trabalhar para Gwen e Arturo. Torcíamos para que Tristan fosse tão bondoso quanto o pai e a irmã, mas o que me deixara ainda mais feliz era saber que poderia continuar indo à floresta.

– Kyara, fico feliz que goste de realizar tarefas fora de casa, mas, quanto a lavar as roupas, não precisa ir ao rio como costumava fazer, o que é muito bom, visto que sempre temos algo para ser lavado.

Desapontada, tentava disfarçar o meu semblante com um sorriso amarelado, enquanto Lana sorria por trás de Gwen contente com a ideia de eu não poder ir à floresta.

– Mas eu vi mulheres e crianças lavando as roupas no rio...

– Sim, claro! Para quem mora mais perto da entrada, é, de fato, mais fácil. Para nós, que moramos mais afastados dos portões, usamos uma enorme fonte abastecida pelos aquedutos.

Olhamos para Gwen com um semblante questionável. Do que ela falava?

– Não sabem o que é um aqueduto? – perguntou Gwen surpresa.

Constrangidas, sacudimos a cabeça, mas a doce Gwen sorria nos acalmando, enquanto nos levava para aos fundos da sua casa a fim de nos mostrar o que era e como funcionava. Vi de cima aquelas construções de pedras cinza, com vãos em forma de arco e um pequeno corredor de água fluindo por toda a estrutura, onde duas espécies de ponte levemente inclinadas ligavam a água para dentro de Weston. Uma ia para a cidade, e a outra, para o castelo.

– Isso é um aqueduto ou um condutor de água, se preferir chamar assim. Ele pega a água do rio e traz para essa fonte, permitindo-nos encher os nossos recipientes, levando água para casa.

– Nossa! Nunca vi algo assim. Essa pequena ponte então facilita a entrada da água na aldeia?

– Essa ponte se chama Canalis. – sorriu Gwen. – Somente o rei tem direito à água que já cai dentro dos aposentos reais, sendo recolhida pelos seus serviçais. – olhou-nos de forma doce. – Não precisam ficar envergonhadas. Aos poucos, vão se acostumando com a forma como as coisas funcionam por aqui. Pelo menos, não precisará ir até o rio para lavar as roupas.

Tentei concordar, mas não conseguiria ficar sem ir à floresta por muito tempo.

– Gwen, eu realmente adoraria poder ir até a floresta. Sei que os aquedutos facilitam, mas, como disse, estou acostumada a fazer longas caminhadas. Sem contar que sentiria falta de não poder ir até lá.

– Kyara, posso falar com você um instante? – perguntou, conduzindo-me para longe das meninas.

Lana e Megan ficaram intrigadas. Havia um pouco de preocupação nos olhos de Gwen, que, até então, esbanjavam doçura.

– Claro... – respondi enquanto ela me levava para dentro de casa.

– Não queria falar na presença delas para não assustá-las. Como você me parece ser a mais corajosa e, eventualmente, irá à floresta, preciso alertá-la dos perigos que rondam por lá.

– Perigos?

– Criaturas sombrias que, às vezes, aparecem na floresta aqui perto. – correu as suas mãos nos seus braços ao se arrepiar. – Não são confiáveis, portanto, se vir um deles, afaste-se na hora! Não estou brincando, Kyara. Por favor, prometa-me que irá fugir assim que vir um deles!

– Ok! Eu prometo, mas quem são essas criaturas e por que elas são tão malignas? Que mal elas podem nos fazer?

– Elas pertencem a uma aldeia chamada Shadowfalls, a parte mais horrenda dessa floresta. Tem esse nome porque, anos atrás, as primeiras pessoas que se banharam ou beberam da água da sua cachoeira morreram ou foram amaldiçoadas, transformando-se nas criaturas que são hoje. Elas se fecharam e criaram o seu território, procriando e banhando todos os bebês naquelas águas para que se tornassem como eles.

Prendi o meu fôlego em choque.

– Não existe o bem em nada que venha daquele local ou das criaturas que lá habitam.

As palavras de Gwen me soaram como socos no estômago, pois saber que haveria um perigo desses no local onde eu me sentia em casa não era mesmo o que eu queria ouvir. Instantaneamente, eu me lembrei da sensação de estar sendo vigiada quando cheguei e me perguntei se tinha alguma ligação com o povo de Shadowfalls. Talvez eles não me quisessem na floresta, mas não estava disposta a deixar que me impedissem de ir lá.

– Gwen, eu prometo que nada direi às meninas, mas já estou acostumada com florestas rodeadas por perigos. De onde eu vim, éramos vizinhos dos elfos, e os dois povos se odiavam. Muitas vezes, os via na floresta, mas nunca nada me aconteceu.

– Fico um pouco aliviada em saber que você não se assusta fácil, mas acredite: essas criaturas nada se comparam a elfos. Você realmente não faz ideia.

– Se me permitir ir até lá, prometo que terei cuidado. Eu só vou lavar roupas no rio. – eu me sentia mal por mentir para ela, mas nada me impediria de explorar a linda floresta.

Gwen pensou por uns segundos, até que consentiu.

– Obrigada, Gwen. Estou há dois dias no mar e senti muita falta do cheiro das folhas e da terra.

– Entendo. Bom, eu iria pegar água dos aquedutos para lavar uns lençóis. Se importaria?

– De modo algum! Terei o maior prazer.

Gwen sorriu e pediu que eu esperasse. Voltou com uns lençóis em um grande cesto de palha trançada, com alças nas laterais. No topo, um xale lilás feito por um tecido que nunca havia visto antes.

– Que tecido é esse? – perguntei, passando a mão pelo xale.

– Cânhamo, com fibras de algodão. Pertencia à minha mãe.

Mesmo feliz em trabalhar para a Gwen e poder ir à floresta, não pude deixar de ficar receosa pelo peso da responsabilidade de lavar algo com tamanho valor sentimental. Sempre tive receio em danificar as roupas dos sábios temendo o castigo, mas estragar algo assim me deixava ainda mais nervosa.

– Já sabe o caminho de ida e volta?

– Sim. – respondi meio atônita.

– Ótimo. – sorriu me entregando o cesto. – Caso você se perca, pergunte onde fica a casa do Arturo, capitão da guarda real. Todos conhecem o meu pai.

– Pode deixar! Perguntarei. – comecei a andar.

– Kyara!

Parei e olhei para trás.

– Tenha cuidado, está bem?

Sorri para Gwen, tanto pela sua preocupação quanto para acalmá-la, e segui o meu caminho. A verdade mesmo era que eu mal poderia esperar para ver a floresta.

Além disso, estragar o xale me preocupava mais do que encontrar com alguma criatura de Shadowfalls.

As pessoas conversavam enquanto faziam os seus deveres. Uma mulher ruiva varria o chão da entrada da sua casa, enquanto um rapaz descalço regava as suas plantas. Um senhor saía dos fundos da sua casa junto com os seus três filhos – somente de calças cinza e todos carregando enormes cestos com lãs já tosquiadas das ovelhas. Outro senhor e um garotinho aparentando ser o seu neto empurravam uma carrocinha com garrafas de leite, que se tocavam levemente em um som agradável, enquanto outras crianças corriam felizes ao brincar.

Sorri para toda aquela cena. Eu estava, pela primeira vez, em um local onde eu me sentia bem e onde as pessoas apenas me olhavam curiosas por eu ser nova na aldeia. Recebi até uns sorrisos amistosos e acenos de mãos que eu retribuí com um largo sorriso no rosto. Era bom finalmente estar em um local onde todos se tratavam por igual.



Capítulo 10

Os portões de entrada estavam abertos, e o mesmo guardião que saudou Arturo e os outros na nossa chegada me olhava de cima. Sorriu para mim enquanto eu passava com o cesto em direção ao rio.

Curiosamente, após os meus primeiros passos para fora dos portões de Weston, a sensação de estar sendo observada voltou. Olhei para o guardião que me deixara passar, e este conversava com um colega distraidamente.

Segui em direção ao rio, tentando em vão ignorar essa sensação desconfortável e, ao mesmo tempo, invasiva. Uma mulher e uma criança estavam de joelhos perto do rio terminando de torcer as suas roupas. Concentrados, nem me notaram chegar. Os enormes vãos em forma de arcos poderiam esconder alguém que estivesse me observando, mas, ao entrar por um dos vãos, não vi ninguém além da mulher e da criança, que começavam a guardar as roupas nos cestos. De repente, eu senti como se algo me chamasse além do rio, mas ignorei devido aos meus afazeres, que vinham em primeiro lugar. Lutava bravamente não somente contra essa sensação de ser chamada mas também contra a ansiedade por entrar na floresta. Precisava focar minha atenção primeiramente em como lavar o xale sem danificá-lo.

Mal abaixei pondo o cesto de lado, e a Deusa Airya resolveu procurar o seu marido. O vento levou o xale, que caiu no chão, do outro lado do rio. Desesperada, corri sem nem cogitar retirar os meus sapatos para atravessá-lo com água batendo na altura do meu joelho. Peguei impulso para sair do rio, e o xale voou mais uma vez, agora para dentro da floresta, onde alguém me esperava. Ignorei o perigo que me rondava, pois precisava alcançar aquela peça de pano. Seria muito desrespeitoso, logo na minha primeira tarefa, perder algo de tamanho valor.

Ao passar por um dos arcos do outro lado do rio, ignorando a presença estranha, segui em direção ao xale, já sujo pela terra. Eu me inclinei para pegá-lo até que o vi. Um rapaz de pele clara e cabelos negros levemente ondulados recostava em uma árvore. A sua beleza era diferente da de muitos rapazes que eu já vi, assim como a sua vestimenta. Ele se vestia de preto, com calça, blusa, botas até os joelhos e um sobretudo de mangas compridas aberto, que caía até os seus tornozelos. Soube, no exato momento, em que os nossos olhos se encontraram, que era ele quem me observava desde o cais. Um arrepio gélido percorreu toda a minha coluna, fazendo-

me paralisar diante dele. Mas, quando o olhei nos olhos, percebi que, apesar de assustada, estávamos apenas curiosos um com outro.

Era tão diferente que me perguntava como não o vi na região portuária. Comecei a me questionar se ele era um dos habitantes de Shadowfalls sobre os quais Gwen havia me alertado. Os seus olhos castanho-escuros me fitavam de uma forma que me deixou desconcertada. Os alertas de Gwen gritavam na minha mente me mandando ir embora, e, mesmo que eu não quisesse, não poderia ir contra ela. Resolvi pegar o xale, seguindo os seus conselhos, mas, quando abaixei para pegá-lo, outra corrente de vento o levou para longe.

Corri para tentar alcançá-lo, e aquele rapaz me seguia lentamente, sem tirar os olhos de mim. Curiosamente, o que mais me causava medo não era ele, e sim o fato de eu ter de entrar mais naquela floresta, o que nunca aconteceu antes. Olhei-o de canto de olho e, por mais que quisesse ignorá-lo, por algum motivo, eu não conseguia. O vento, mais uma vez, levou o xale para longe, arrastando-o no chão, o que me fez correr desesperadamente com medo de perdê-lo. O rapaz, percebendo o meu desespero, fez um gesto com as mãos, trazendo o xale diretamente para os meus pés. Surpresa, dei um salto para trás, levando a mão à boca.

Ele sorria para mim, e tudo em que eu podia pensar era na promessa que fiz à Gwen. Abaixei rapidamente para pegar o xale e, quando comecei a voltar, ele me seguiu.

- Não vai me agradecer? – brincou.
- Quem é você? – perguntei receosa, ainda andando sem encará-lo.
- Provavelmente, não quem você pensa que eu sou. – sorriu enquanto me seguia.
- O que você quer?
- Eu que deveria estar te perguntando isso, afinal, não está no seu território, não é mesmo? – brincou.
- Essa floresta, até onde eu sei, é território de Weston, e você não parece ser de lá.
- Nem você. – respondeu com tom calmo e sereno.
- Olha... se está pensando em me fazer algum mal, eu...
- Se eu quisesse te fazer algum mal, já o teria feito, não acha? – interrompeu-me, mantendo o seu tom de voz sereno.
- Não sei... não te conheço... – respondi sem graça.
- Então o que te faz pensar que sou ruim? Acabei de impedir que entrasse mais na floresta.

As suas palavras me fizeram parar. Não queria ir contra o que prometi à Gwen, mas não podia ser injusta com ele.

- Tem razão. Obrigada por ter me ajudado. – disse humildemente.
- Ele se curvou. Não queria perguntar, mas a curiosidade foi maior.

– O que iria acontecer se eu entrasse mais na floresta?

– Nada. – respondeu serenamente.

– Nada?

– Nada.

Eu o olhei um pouco intrigada. Ele sentiu.

– Então, se não há nada a temer, por que evitou que eu entrasse trazendo o xale para perto de mim?

– Por que eu vi que você estava assustada. – suspirou, erguendo os ombros levemente.

Agradavelmente surpresa, sorri ao perceber mais do que a bondade nos seus olhos e, pela primeira vez, notei o seu sorriso de uma forma um pouco diferente.

– Acha mesmo que iria querer te machucar? – perguntou desapontado.

Eu me senti envergonhada por julgá-lo, mas, ao mesmo tempo, estava confusa. Gwen não mentiria sobre os habitantes de Shadowfalls. No entanto, por mais que eu quisesse acreditar nela, não conseguia sentir nada de maligno vindo dele.

– Você é de Shadowfalls, não é? – perguntei curiosa.

Ele consentiu com a cabeça lentamente, sorrindo.

– Por que falam mal de vocês?

Ele riu, balançando a cabeça.

– Por que falam que os elfos são inimigos e a sua mãe uma traidora por ter se apaixonado por um?

Deixei cair o xale, boquiaberta.

– Mas como você sabe que...

– Eu sou um mago. Sei de coisas que você nem sonha. Só não sei o seu nome. – brincou, aproximando-se para pegar o xale. – E, a propósito, me chamo Aidan. – abriu um largo sorriso, estendendo-me o tecido.

– Kyara. – respondi sem ar, sentindo as minhas bochechas queimarem enquanto pegava o xale das suas mãos.

Aidan permaneceu parado me fitando de uma forma calma e, quando encolhi os meus ombros fitando o chão, franziu a testa ao notar o meu desconforto.

– Não vou te machucar, Kyara. – assegurou-me.

As suas palavras fizeram o meu coração acelerar.

– Eu preciso ir. – dei dois passos para trás.

– Espere!

– Tenho serviço a fazer.

– Gostaria que ficasse. – disse em um tom sereno, e eu senti as minhas pernas bambas. Confesso que parte de mim queria ficar, mas eu tinha trabalho a fazer e não poderia deixar Gwen esperando.

– Talvez outro dia. – virei-me de costas indo em direção ao rio.

– Não está curiosa sobre como sei do seu passado?

– Você é um mago, não é?

– Mas magos não veem passado. – riu.

– Então como você sabe? – questionei-o curiosa.

– Eu não, mas conheço alguém que sabe e talvez saiba até o seu futuro.

Os alertas de Gwen me vieram à mente.

– Ninguém pode dizer o futuro corretamente. – enfatizei. – Os Deuses quase nunca permitem.

– Eu não disse que a pessoa saberia do seu futuro corretamente, mas sim que poderia saber. – brincou.

Eu tentava ir embora, mas ele e o seu espírito divertido não estavam facilitando, sem contar que, apesar da curiosidade, as minhas bochechas queimavam toda vez em que ele sorria. Tentei disfarçar o meu riso, mas ele notou.

– Está bem. O que você quer? – disse parando e me virando para ele.

– Quero que venha comigo.

– Por que eu deveria?

– Porque, primeiramente, gostaria que você visse e julgasse por si mesma ao invés de dar ouvidos aos outros, afinal, se estivesse no meu lugar, iria querer que eu lhe desse uma chance, não é mesmo?

– Está querendo me levar para Shadowfalls? – perguntei surpresa.

Ele sorriu consentindo: – Eu prometo que nada de ruim lhe acontecerá.

– Por que quer me levar para lá?

– Porque, como disse, há alguém que sabe de você, e é muito importante que vocês se conheçam.

– Como posso acreditar nas suas palavras? – franzi a testa.

– Pode não acreditar se quiser, mas, como falei, se estivesse no meu lugar, não gostaria de uma chance? – estendeu-me gentilmente a sua mão enquanto um campo de energia azul se formava atrás dele. – Você vem? – sorriu.

Medo algum era maior do que a minha curiosidade no momento, sem contar que não foi difícil ceder àquele sorriso. Receosa, peguei a sua mão. Ele então, gentilmente, conduziu-me para dentro daquele campo, onde saímos em um local completamente diferente.

Fiquei tonta, perdendo o equilíbrio, mas Aidan me abraçou, impedindo que eu caísse. Sentir os seus braços me envolvendo me causou uma leve sensação de conforto que não queria que passasse. Ao mesmo tempo, lutava para tentar ficar em pé. Ele segurou os meus ombros e buscou o meu olhar.

– Você está bem? – ria de forma doce.

Botei a mão na minha testa. A minha cabeça doía.

– Não se preocupe! Portais são bem desconfortáveis no início, mas, aos poucos, você se acostuma.

– Portais???

– Sim. Como acha que eu conseguiria te trazer aqui?

– Andando, talvez?

– Não. Seria impossível. – riu.

Aidan se afastou, posicionando-se ao meu lado, largando a minha mão.

Olhei ao redor admirada com a linda floresta. Estávamos entre um enorme penhasco a poucos metros de nós e, mais adiante, no chão, um enorme muro de pedras negras que sumia por ambos os lados no horizonte. O pequeno caminho até os portões era marcado por duas lindas estátuas de cavalos negros alados e duas flâmulas negras com esqueletos de dragões pintados em branco. A grande distância entre nós e os portões era coberta por uma densa neblina que mal me deixava enxergar por onde andaríamos. Fiquei bem receosa em ter de caminhar tamanha distância com o chão coberto, mas a curiosidade de ver o que haveria por trás daqueles portões falou mais alto.

– Aquela é a entrada para Shadowfalls?

– Sim.

– Lá de cima, dá para vê-la? – apontei para o enorme penhasco.

– Só uma parte. – sorriu.

– Nós vamos entrar?

Sorriu balançando a cabeça.

– Então, o que estamos esperando? – ia começar a caminhar, quando ele me puxou bruscamente, evitando que eu desse um passo sequer.

– Olhe! – apontava para baixo.

De repente, a neblina começou a se dissipar, mostrando um imenso e largo rio escuro, onde estávamos exatamente na ponta da margem. Sereias iam surgindo na superfície, mas, ao contrário das que eu já havia visto, eram medonhas. Emergiam curvadas para frente, e os seus cabelos tinham aspecto de lodo, caídos no rosto. As suas peles eram acinzentadas, com enormes olheiras e lábios roxos. Pareciam mortas. Assustada, recuei rapidamente, posicionando-me atrás de Aidan, segurando nos seus ombros.

De repente, os cavalos começaram a se mexer, viraram para nós e se curvaram, esticando as asas e abrindo os portões. Pelos Deuses! As estátuas que tomam vida. Era sobre este lugar que Grand falava!

Aidan pegou a minha mão para que entrássemos naquele portão, a partir do qual o único caminho seria cruzar esse imenso rio repleto de sereias bizarras. O medo me fez travar, e Aidan, como um cavaleiro, esperou pacientemente os segundos

necessários para eu criar coragem, mas ela não vinha. Então, uma doce voz feminina ecoou na minha mente:

– Não tenha medo, criança...

A voz soou como uma música e me trouxe uma paz tão grande que só hesitei em dar um passo à frente devido ao rio.

– Não sei nadar...

– Não vai precisar, olhe. – pisou no rio, mas parecia pisar em chão firme, ficando em pé na água. – Venha, não tenha medo. – estendeu a sua mão para mim.

– E quanto a elas? – olhei para as sereias que, na mesma hora, deram passagem para que eu pudesse caminhar.

Ele continuou sorrindo, e eu, em um ímpeto de coragem repentina, segurei a sua mão e pisei no rio, arrependendo-me segundos depois, quando as sereias começaram a se aproximar. Elas estendiam as mãos para me tocar, e já me imaginei sendo tragada para debaixo d'água como a próxima refeição. Abracei Aidan com medo.

– Kyara, olhe para elas! – encorajava-me gentilmente. – Acha que irão lhe fazer mal?

Foi então que eu realmente as notei. Os seus olhos repletos de tristeza brilharam de felicidade, como se me reconhecessem de alguma forma e, diferentemente das outras, os seus gestos estavam longe de serem agressivos. Algumas tocavam as minhas pernas maravilhadas, outras pareciam curiosas. Mas, espantosamente, todas estavam felizes com a minha presença.

– Elas gostam de você. – a sua voz era sempre calma e serena, e eu torcia para que não estivesse enganada a seu respeito.

Mesmo sem conseguir relaxar totalmente, não pude deixar de sorrir ao saber que gostavam de mim. No entanto, queria atravessar logo o rio; mas a caminhada era longa. Finalmente, chegamos. Os cavalos, ainda curvados, levantaram o rosto para me olhar.

– Inferno e Pesadelo. São os guardiões dos portões.

– Ah... – respondi. – Nomes assustadores, não?

– Não precisa se preocupar com eles se você não estiver contra nós. – sorriu novamente.

Os portões se abriram, e, finalmente, entramos em Shadowfalls. Havia uma neblina densa, e um forte barulho de cachoeira ecoava próximo aos meus ouvidos. O cheiro de pedra molhada e a suave umidade no ar pareciam acariciar o meu rosto. Aos poucos, um cenário se formava enquanto o barulho da cachoeira cessava e a neblina começava a se dissipar.

Caminhávamos por um corredor de árvores que formavam um túnel, iluminados pelos raios solares que penetravam pelas pequenas brechas entre um galho e outro.

Esses raios, às vezes, batiam no meu rosto, fazendo-me franzir os olhos enquanto íamos em direção a uma porta de pedra, contornada por dois pequenos troncos de madeira entrelaçados.

A porta se abriu para nós, mas, ao olhar para dentro, travei ao ver um enorme breu. Percebendo o meu receio, Aidan sorriu, apertando levemente a minha mão para me encorajar. Entrei, mesmo sem conseguir ver onde meus pés pisavam. Logo, em um local mais elevado, uma pequena luz se acendeu. Luz e sombra marcavam uma silhueta feminina, sentada, fitando o chão. Aos poucos, a luz foi ficando mais intensa, transformando aquela silhueta em uma visão clara de uma pessoa usando um manto roxo de costuras douradas nas bainhas. Os seus braços recostavam nos descansos do seu trono.

Aquela luz estava pendurada por um semicírculo de madeiras entrelaçadas que pareciam um gancho. O trono parecia ser feito de um tronco de árvore e, assim como na sala dos cinco tronos, ficava a uns dez degraus do chão de madeira escura.

Aidan sorria para aquela pessoa, que parecia ser uma mulher.

Aos poucos, os castiçais prateados nas paredes se iluminavam com a mesma luz acima do trono. Contudo, essa luz não era fogo, e sim magia.

A pessoa jogou o capuz para trás e soltou os seus cabelos, mostrando uma linda mulher ruiva mais velha, com a raiz grisalha e leves cachos naturais nas pontas. Era um rosto gentil, que me olhava com carinho. Sorriu para mim, vindo na minha direção.

Aidan se curvou para ela.

– Seja bem-vinda, minha criança – disse a mesma voz que eu ouvi segundos atrás, antes de pisar no rio, beijando a minha testa em seguida.

– O meu nome é Izobel.

– Prazer! O meu nome é...

– Kyara. – disse sorrindo.

– Mas como vocês sabem quem eu sou? – perguntei surpresa. Aquela sensação de ser conhecida estava começando a me agradar mais do que a me intrigar.

Ambos, Aidan e Izobel, sorriam um para o outro.

– Eu disse que havia sentido a sua presença. – disse Aidan, virando-se para ela.

– Sim. E fez um excelente trabalho trazendo-a para nós.

– Lamento se causei algum tipo de desconforto ao te vigiar. Acredite, não era essa a intenção. – disse constrangido.

– Então, foi você mesmo? – perguntei sorrindo.

Ele apenas sorriu de forma tímida e olhou para baixo, com as suas bochechas levemente coradas.

– Na verdade, eu estava mais intrigada. Por que eu estava sendo vigiada?

Ele sorriu como se o motivo pelo qual me vigiava estivesse além do que eu estava prestes a saber. O meu coração disparava como ainda não havia sentido. Ele gostava de mim!

– Izobel, ela precisa saber. – disse começando a se mostrar impaciente.

– Ainda não, Aidan. – ela parecia séria e preocupada. – De qualquer forma, precisamos agir cautelosamente. – dirigiu-se ao seu trono.

Ele, mais uma vez, pegou na minha mão para que a acompanhássemos. Toda vez em que ele me encostava, uma batalha interna de sentimentos se travava dentro de mim, mas manter o foco sobre o que estava acontecendo sempre vencia. Eles sabiam de mim, e isso me intrigava. Pareciam querer me alertar ou ajudar, mas, ao mesmo tempo, estavam receosos. Muitas perguntas ainda sem respostas, e era sobre isso que eu precisava me concentrar no momento.

– Criança, o que você veio fazer em Weston? Por que te levaram para lá?

– Porque eu fui dada de presente a Arturo, capitão da guarda real de Weston, e aqui estou.

– Arturo... – prendeu o fôlego, fitando as suas mãos. Depois levantou o seu olhar cheio de lágrimas para mim. – Mas por que te deram a ele?

– Não sei ao certo. Ele propôs um acordo com o povo de Ardhem, onde eu nasci, e eles aceitaram. Como agradecimento, deram-me de presente. Mas, na verdade, acho que foi apenas um pretexto para se livrarem de mim.

– Não sinto maldade em você. – falou de forma doce.

– Por que não há. – ergui os meus ombros um pouco tímida. – Pelo menos, Arturo parece ser uma boa pessoa, e estou feliz em poder trabalhar para ele.

Izobel deixou cair uma lágrima, que limpou discretamente.

– Sim. Norár estava querendo se livrar de você desde o dia em que nasceu, mas não pelo motivo que você pensa.

Pelos Deuses, o que estava acontecendo? Pareciam saber de mim mais do que eu mesma.

Aidan me olhou, fazendo um gesto com as mãos sem me tocar para que eu me acalmasse.

– Eu sei que parece estranho. Eu sou um mago, e ela é uma bruxa. Sabemos de onde você vem e quem você é. Queremos te ajudar, mas precisa confiar em nós.

Izobel, mesmo polida, lutava para limpar as lágrimas que insistiam em cair.

– O que ela tem? – sussurrei para Aidan.

– Há alguns anos, não havia rivalidade alguma entre nós, e Arturo, sem saber, foi o grande amor da minha vida. – respondeu como se tivesse escutado a minha pergunta. – Os meus pais eram o rei e a rainha daqui, lugar que antes se chamava Blessingfalls. Éramos jovens, e ele havia acabado de entrar para a guarda real. O atual rei deles, naquela época, era o príncipe e o futuro herdeiro do trono. Eu não

sabia muito sobre ele, mas parecia adorado por todos e, principalmente, por Arturo, que parecia orgulhoso de servi-lo.

Weston e Blessingfalls sempre negociaram pedras preciosas e tecidos nobres. Arturo, que antes era apenas um soldado, fazia parte do grupo que escoltava as mercadorias. Como eu sabia que as negociações eram feitas perto do rio de Weston, criei um portal para ver como as negociações eram conduzidas. Foi quando eu o vi pela primeira vez e me apaixonei instantaneamente. No mês seguinte, eu voltei, e lá estava ele novamente. Então, passei a contar os dias para vê-lo, mas nunca apareci ou sequer contei para alguém, pois era muito tímida para falar com ele.

Mesmo novo, Arturo parecia ser querido e respeitado; talvez esse tenha sido um dos motivos pelos quais me apaixonei. Mas de que adianta gostar tanto de alguém se ele sequer sabe da sua existência? Por inúmeras vezes, eu cogitei aparecer, mas, toda vez em que eu tentava falar com ele, eu travava atrás da árvore. Depois me martirizava vários dias por ter perdido mais uma oportunidade.

Um dia, quando finalmente tomei coragem, perguntei aos meus pais se poderia ir com eles, e tamanha foi a minha alegria quando eles permitiram. Vesti o meu melhor vestido, preendi os meus cabelos enfeitados com flores e tudo o mais para que ele pudesse gostar de mim. Primeiramente, quando ele me viu, sorriu gentilmente, e o meu coração parou, embora sentisse que ele estava apenas sendo educado. E, como estavam no meio das negociações, achei normal que ele não me notasse por estar ocupado.

Logo começou uma forte tempestade, e o meu pai sugeriu que eles fossem à nossa casa para seguir com a troca e para que pudessem esperar em um local seco e aquecido. As negociações ocorreram normalmente, e eles foram muito bem recebidos pelos meus pais. Depois de finalizadas as trocas, só lhes restava aguardar que a tempestade passasse.

Então, Anabel apareceu, e, quando eles se viram, foi amor à primeira vista. No canto da sala, eu me recostava na parede enquanto os escutava conversando e sorrindo. Foi o pior momento da minha vida, mas jamais atrapalharia a felicidade da minha irmã e do homem que eu amava em segredo. Era doloroso sorrir quando ela me contava sobre os seus encontros com Arturo no rio perto de Weston. Mas eu a apoiava a seguir o seu coração, enquanto os nossos pais não aprovavam o amor deles.

Como não havia conflitos entre nós, ela fugiu para Weston, eles se casaram e tiveram dois filhos. No entanto, minha irmã veio a falecer horas depois por complicações durante o parto de Gwen, a caçula. Não pude acompanhar nenhum dos momentos da minha irmã, pois, apesar de não haver rivalidades, ninguém entrava no reino do outro. A notícia da sua morte chegou a mim primeiramente por

meio das conversas das mulheres que lavavam roupa no rio. Depois, por Arturo, que ia quase todos os dias chorar no local onde costumavam se encontrar.

Perdi a minha irmã sem poder segurar a sua mão. Via os meus sobrinhos de longe quando Arturo os levava para o rio, mostrando o local onde ele e a sua mãe se encontravam, e nunca senti que poderia chegar perto. Tristan deveria ter uns quatro anos, e Gwen ainda tinha meses.

Infelizmente, um pouco depois de a minha irmã falecer, o príncipe já havia se tornado rei. Ele tinha tomado conhecimento sobre o nosso território e o que guardávamos em segredo por meio de Anabel. Contudo, conhecendo a minha irmã, sei que ela falou para que houvesse um acordo, e não uma guerra. No entanto, o rei arrumou um ataque surpresa que, graças aos Deuses, fracassou. Arturo não queria lutar, mas, pensando nos seus filhos, lutou bravamente para conseguir usufruir o que tínhamos. Acho que foi nesse dia que ele foi nomeado o capitão da guarda real.

Nós, que sempre vivemos em harmonia com o povo de Weston, começamos a temê-los e, ao mesmo tempo, a odiá-los. Ambos os reinos sofreram grandes perdas, e os meus pais foram uma delas. A paz poderia ter voltado a reinar a fim de que impedíssemos mais mortes desnecessárias, mas, ao invés disso, eles se tornaram os nossos rivais, pois nos consideravam egoístas por não dividirmos as nossas riquezas, que guardamos em absoluto segredo. Poderíamos ter dividido se tivesse acontecido um acordo, mas não sendo atacados assim, de surpresa, como aconteceu. – fitou o chão, suspirando.

Eu podia entender a sua dor de amar e não ser correspondida ou o quanto doía ver essa pessoa se mostrando diferente do que você acreditava. A sua expressão decepcionada quando contou em relação a Arturo atacando o seu povo parecia doer como uma ferida eternamente aberta e mostrava que talvez ela não o conhecesse tão bem quanto eu.

– Conheço Arturo há alguns meses e, nesse pouco tempo, nunca vi alguém realizando tantos atos de bondade quanto ele. Não acredito que ele seria capaz de fazer algum mal a vocês por vontade própria.

– Também não acredito, mas ele fez e fez pelos seus filhos. Esse amor muitas vezes nos cega, e somos capazes de fazer aquilo que não queremos se for para o bem deles. – engoliu pensativa, com a mão no peito, como se outras tristes lembranças perturbassem a sua mente.

Sentindo o sofrimento daquela mulher e sabendo do que ela fez pela irmã e Arturo, só pude pensar que Gwen, assim como o seu povo, estavam equivocados ao seu respeito.

– Por que dizem que vocês são criaturas malignas se apenas se defenderam?

– Porque eles temem e odeiam o diferente. Quando viram que nem todos de Shadowfalls são humanos, passaram a nos ver dessa forma.

– Mas eles já não os conheciam o suficiente para saber? Afinal, vocês negociaram por anos.

– Sempre souberam da magia devido aos portais. Como as negociações eram feitas no rio, longe da cidade, nunca tiveram conhecimento dos nossos habitantes. Quando foram para a casa dos meus pais, chovia tanto que as janelas de madeira estavam fechadas. Sendo assim, não viram como era o nosso território nem quem morava aqui.

Sendo eu meio elfa, não poderia discordar das suas palavras sobre temer ou odiar o diferente. Quando me lembrei de Arturo chegando à Ardhem com a convocação do rei e o tal acordo, perguntei-me se Shadowfalls enfrentaria outra guerra. Eu sentia as dores das suas perdas e, assim como eles, não queria que enfrentassem uma segunda guerra. Ao mesmo tempo, era difícil acreditar que um homem que foi bondoso comigo por meses fosse capaz de trazer mais dor àquele povo.

Izobel consentiu para Aidan, que fez um gesto com as mãos, enquanto um portal se formava na sua frente. Gentilmente, eles me conduziram através do portal, que nos levou diretamente para dentro da aldeia de Shadowfalls. Cambaleei para os lados, mas Aidan rapidamente me segurou. A minha cabeça voltou a doer.

– Tem certeza de que isso passa?

Aidan riu, afirmando.

– Mal vejo a hora. – eu me recompus e olhei ao redor, deparando-me com a floresta mais inusitada que um dia sonhei ver.

Havia construções de mármore branco que contrastavam com a floresta, formando um cenário lindo. Mais distante, estava a enorme e linda cachoeira, que caía e se expandia em um enorme lago semicristalino. A água batia com tanta força que formava uma névoa, produzindo um lindo arco-íris, que começava no espelho d'água e se dissipava em direção ao céu. O lago era envolto por pedras cinza, que contornavam toda a sua margem, e, no seu centro, encontrava-se uma enorme estátua, de pedra branca, de uma sereia sentada segurando uma lança.

Havia também uma enorme ponte com corrimãos arredondados, e, no centro dela, pendurado entre os pilares do corrimão, um lindo e diferente emaranhado de folhas e flores brancas que quase beijavam a água do enorme lago. As duas extremidades da ponte eram iluminadas por uma espécie de flor, que também clareava vários locais diferentes, a qual nunca havia visto. O seu caule tinha quase o meu tamanho, e a sua flor era roxa, do tamanho da minha cabeça, curvada para frente, como se fitasse o chão. Parecia uma tulipa gigante e emanava uma luz suave devido à luz do dia. À noite, deveria ser ainda mais lindo.

Na margem direita do lago, perto de nós, estava um coreto, também de mármore branco, com quatro pilares redondos envoltos por trepadeiras de folhas verdes. O seu teto era uma meia cúpula, coberta pelas mesmas folhas que desciam da ponte.

Havia degraus dos dois lados, uns davam para a terra; outros, para a água, permitindo que a pessoa que nadasse naquele lago entrasse no coreto.

Eu vislumbrava inúmeras árvores ao redor com troncos extremamente largos e tão grandes que pareciam sumir no céu. Algumas tinham construções feitas dentro delas, como se fossem casas ou salas de reuniões, com portas, janelas, varandas e tudo o que uma casa possuía. As cortinas eram transparentes, feitas por um fino e brilhoso tecido, nas mais diversas cores. Flores decoravam os parapeitos das janelas. Perto do topo de algumas árvores, havia pontes que as ligavam umas às outras, por onde os arqueiros caminhavam. No chão, entre algumas dessas árvores, eu via simples casebres cobertos de folhas verdes, que, se não fosse por uma pequena brecha perto das portas ou janelas, poderia jurar que eram feitos somente por folhas.

Parecia estar em outro mundo. Era tão deslumbrante que não conseguia acreditar que aquele local era maligno, não só pela sua beleza descomunal mas pela energia incrível que ele emanava.

O que mais contrastava com o local era o visual das pessoas. Mulheres lindas de cabelos compridos usavam longos vestidos com mantos de capuz por cima. Muitos dos homens se vestiam de forma parecida com Aidan. As dríades caminhavam livremente entre eles por não temê-los.

Alguns pararam as suas tarefas ao notarem a minha presença, sussurrando ou sem tirar os seus olhos de mim, levemente boquiabertos. O povo de Weston, as sereias medonhas e agora eles. Aos poucos, todos se aproximavam e nos seguiam enquanto Aidan me guiava pela margem esquerda do rio, passando pelo lindo coreto.

Lá estavam as criaturas mais diferentes que eu já vi: enormes felinos, maiores que lobos e ursos, cujas cores variavam entre cinza, amarelo, vermelho e preto. Mesmo não sentindo hostilidade da parte deles, eu tremi. Estavam entre pessoas que se vestiam um pouco diferente dos que eu vi há pouco, com cores mais claras, e pareciam segui-los, como se fossem um enorme grupo. As mulheres usavam saias longas, com xale amarrado na cintura, blusa simples de alça fina e diversos penteados diferentes presos por fitas ou lenços. Os homens usavam somente calça, deixando o peito nu. Todos, homens e mulheres, andavam descalços e tinham patas de animais pintadas nos seus ombros ou braços.

Aidan sorriu ao notar o meu constrangimento perante os vários olhares, e uma pontinha de felicidade surgia, fazendo-me rir por dentro como criança, assim como costumava me sentir quando via Luke. Mas eu me recusava fortemente a me entregar a esse sentimento novamente. Não sabia ao certo o que era o amor e não sei se queria saber, só sei que, quando me dei conta, Aidan me levava pela água em direção à enorme estátua da sereia. Então algo começou a me soar estranho, deixando-me realmente assustada.

Ele parou no meio do caminho, mas, quando ameacei perguntar por que havíamos parado, aquela sombra de olhos verdes veio a mim por debaixo d'água. Apavorada, pedi ajuda a Aidan, que, mesmo lamentando, permaneceu imóvel. Então, imediatamente as palavras de Gwen me vieram à cabeça. Culpava-me copiosamente por não a ter escutado e por ter sido tão tola ao deixar que ele me enganasse só por ter um sorriso bonito.

Maleena emergiu em um leve salto e agarrou a minha mão, levando-me para debaixo d'água. Estiquei o meu braço para ele em uma última tentativa de socorro e fui tragada, ainda vendo a sua silhueta imóvel, que dançava com as ondulações da água. Eu me virei para vê-la a centímetros de distância do meu rosto, e aqueles olhos verdes horripilantes me fitaram de modo a fazerem eu sentir a morte se aproximar. Desmaiei no segundo que a sua mão gélida tocou o meu rosto.

Os ventos uivavam no dia nublado. As árvores balançavam, e as folhas faziam barulhos ao sacudir nos galhos. Eu reconhecia aquela floresta, mas agora, por algum motivo, ela me assustava. Uma mulher grávida, de cabelos negros, com um velho vestido marrom até os joelhos, corria contra o vento floresta adentro. Ofegante, recostou em uma árvore, parando um momento para pegar fôlego. Era claro que ela fugia, mas não sabia de onde ou de quem, até que reconheci aqueles que as perseguiam.

Os guerreiros de Ardhem, incluindo os pais de Luke, surgiram gritando, ameaçando-a, e, nesse momento, ela se apavorou, pois sabia que qualquer escravo que tentasse fugir e fosse pego teria a sua sentença de morte decretada por aqueles que o capturassem. Mesmo mancando, segurou o seu ventre e tentou correr, mas as primeiras contrações do trabalho de parto vieram. Como foi forçada a parar devido à dor, os guerreiros a pegaram.

– Tentando buscar ajuda nos nossos inimigos, escrava? – ameaçou, pegando-a bruscamente pelo braço.

Ela cuspiu no seu rosto, e ele lhe deu um soco em seguida. Desnorteada, caiu, mas logo fora arrastada pelos braços de volta à aldeia, enquanto se debatia em súplicas para que a soltassem.

– Por favor, me deixem ao menos dar o meu filho a eles. Depois façam o que quiserem comigo! – urrou novamente com outra contração.

Riam sem nenhuma compaixão, pois o desespero dela nada significava a não ser o prazer em matar uma fugitiva. Na praia, ela era arrastada pelos cabelos e humilhada pelo grupo que a capturou. Ao longe, uma sereia de cabelos negros os observava do topo de uma rocha.

– Vamos deixá-la ter a criança. Depois matamos o bebê diante dos seus olhos e então cuidaremos para que ela viva atormentada por essa lembrança!

– Isso seria pior do que a morte. – disse o outro homem, concordando. Nesse momento, em pânico, ela reuniu todas as suas forças, deu uma cotovelada nos dentes do guerreiro que a segurava e aproveitou os intervalos das contrações para pular na água, em um ato desesperado.

A sereia pulou da rocha e mergulhou no exato momento em que a mulher se jogou. Indignados, esbravejavam por não poderem fazer nada. Não tiveram escolha a não ser se conformarem com o fato de que a morte da fugitiva viria por uma sereia, e não por eles.

Tudo ficou em silêncio. As minhas orelhas pulsavam com as batidas do coração, e eu sentia o seu pavor como se fosse o meu. As contrações a impediam de nadar, e ela afundava com a dor. O mar começou a se agitar, e, como estava desesperada, sem ar e fraca pelas dores do parto, esse mar escuro a cobria. Os olhos ardiam devido à água salgada, e, com muito esforço, conseguiu atingir a superfície. Contudo, mal conseguiu respirar novamente, uma nova onda a engoliu, empurrando-a para baixo. Ela rodopiava com a força do turbilhão da onda quebrando. Agora, estava totalmente em pânico ao perceber a silhueta meio humana, meio peixe que se aproximava, mostrando a sereia que estava na rocha. O seu corpo começava a dar mais sinais de fraqueza, e as dores aumentavam. O sangue subiu, e, mesmo embaixo d'água, ela gritou em desespero, curvando-se enquanto a corrente marinha insistia em empurrá-la para os lados, impedindo-a de chegar à superfície.

Infelizmente, a mulher veio a se afogar antes que a sereia pudesse tocá-la, mas não tarde demais para a sereia perceber que ela estava dando à luz. A cabeça da criança coroava, e a sereia segurou o corpo sem vida da mulher, aguardando que ele expelisse a criança prestes a nascer. Foram longos minutos até que finalmente ele a expulsou. Outras sereias se aproximaram enquanto a primeira levava o bebê à superfície, e todas entraram em desespero quando perceberam que a criança não se mexia nem respirava.

Levaram-na rapidamente para uma pedra onde as ondas quebravam sem cobrir o topo. A sereia de cabelos negros segurava a criança nos seus braços, e todas aguardavam como se soubessem o que estaria por vir. Uma enorme onda se formou, transformando-se em uma silhueta feminina. Era Mereen, a Deusa das águas e mãe de todas as criaturas marinhas. Ela fitou o bebê por um breve momento até que consentiu e, calmamente, apontou a palma da mão em direção a ele. O bebê chutou, normalizando aos poucos a respiração, para então chorar o mais alto que podia. Emocionadas, as sereias comemoravam a nova vida que se formava, pois todos que nascessem nas suas águas e recebessem a benção de Mereen se tornariam um deles.

Tudo ficou escuro, e, de repente, Norár, mais jovem, estava parado perto do mar, olhando para o horizonte, aguardando pacientemente o que estava prestes a

acontecer. Vestia uma túnica marrom escura, não estava careca nem com barbas, apenas com os cabelos levemente grisalhos na altura das orelhas. O vento soprava contra ele, levando as pequenas mechas dos seus cabelos para trás. As sereias surgiram aos poucos, trazendo o corpo da mulher.

Os outros sábios vieram, mas somente Grand, sem temer as sereias, entrou na água para pegar o corpo. Norár parecia triste, mas conformado, e só tentou conter o seu pranto quando Grand chamou a atenção para algo. Ele botou a mulher no chão para que os outros o ajudassem com o corpo, e o seu vestido travou na areia enquanto a arrastavam pelo pé, mostrando a barriga não tão inchada.

Norár caiu de joelhos chorando, enquanto a linda sereia de cabelos negros surgia com a menina bebê nos seus braços. Foi então que eu notei as suas orelhas pontudas. Norár sabia que ela pertencia a ele, e a sereia não podia hesitar em lhe entregar a criança. Ela se aproximou o mais perto que pôde da margem, e ele foi ao seu encontro para buscá-la, seguido por Grand. Norár a segurava com carinho sob os olhares atentos daquela sereia, enquanto cobria a criança com os largos pedaços das mangas da sua túnica. Grand se emocionou como se a criança fosse dele.

Já na areia da praia, os dois olhavam serenos para aquela menina de orelhas levemente pontudas, que dormia calmamente, trazendo alegria após a morte da sua mãe. Então Grand se pronunciou:

– Você tem uma neta, Norár! Por favor, ela não tem culpa de nada. Deixe-a ser livre, crie-a como criou a sua filha! – implorava. – Veja que mulher forte Alda se tornou!

A expressão nos olhos de Norár mudara de ternura para ódio. A sereia percebeu e rosnou para ele.

– Essa criança é uma maldição que os Deuses me jogaram por não ter conseguido fazer a minha filha odiar os elfos! – o bebê se assustou e começou a chorar. – Como se não bastasse Alda ter se apaixonado por uma espécie rival, ainda dá à luz a um ser das águas? – disse desafiando a sereia com olhar. – Ela vai sofrer todo o castigo que eu puder lhe dar! – voltou a provocar a sereia claramente em pânico pela criança.

– Norár, por favor... – implorava Grand.

– Ela matou minha filha!!! – o bebê gritou mais alto, chutando o ar em desespero – Se eu não tivesse falhado em criar Alda, ela nunca teria se apaixonado por um elfo nem engravidado! Nada disso teria acontecido!

A sereia se debatia e rosnava nas águas, inconformada por não poder fazer nada. Grand tentou tomar a criança dos seus braços para protegê-la, mas Norár se desvencilhou.

– Sei o que está pensando, mas não se preocupe. Não a matarei! Ela vai viver e sofrer a cada dia por ter tirado a minha filha de mim! – prometia a si mesmo.

Norár foi embora com a criança nos braços, que se debatia chorando, e os outros nada puderam fazer. Nem a sereia.

Ela e Grand se olharam, e, apesar da curta trégua já ter acabado, os dois compartilhavam do mesmo sentimento em relação à menina. A sereia não teve escolha a não ser mergulhar e ir embora, enquanto Grand se dirigiu aos outros que seguravam o corpo de Alda para levá-la.

Inconformada, a sereia nadou o mais rápido que pôde para o seu recanto, esbravejando o quanto era injusto o destino que a Deusa Mereen tinha dado ao bebê. Como ela, uma Deusa, poderia permitir que um ser das águas vivesse com uma espécie que iria maltratá-la? Estava tão cega de ódio que nem parou para pensar que seria impossível a menina ser criada no mar e que a Deusa também lamentava não poder criá-la.

Mereen não gostou da atitude da sereia por tê-la contestado dessa forma e surgiu para ela como um alerta para que se controlasse, mas a sereia não conseguiu. A Deusa então a castigou. Ela sabia que a sereia havia sido a principal responsável pela criança sobreviver e merecia uma recompensa. Como gostava de caçar sozinha e era bem estrategista em relação às emboscadas que criava para as suas presas, recebeu força e mais astúcia, porém, por ter questionado de forma tão severa sua decisão, a beleza da sereia foi retirada na medida em que ela se transformava em uma sombra. As suas mãos dobraram de tamanho para facilitar agarrar as suas presas, porém ganharam um aspecto horrendo, e as suas unhas cresceram como se fossem garras de aves, o que a facilitaria escalar os cascos dos navios. Por fim, como castigo maior, retirou por completo a sua voz, a impedindo de cantar. Só lhe restou a cor dos olhos, que antes eram lindos, mas agora causavam medo e assombraram os meus piores pesadelos.

Maleena havia virado um monstro, servindo de alerta para outras caso tentassem desafiar a sua Deusa novamente. Mereen sumiu e, aos poucos, as outras se afastavam, enquanto Maleena chorava copiosamente com as mãos no seu rosto. Ela nunca mais seria a mesma.

Um flash de luz estourou nos meus olhos, e eu acordei em um pulo, puxando ar para recuperar o fôlego. Estava nos braços de Aidan ajoelhado na margem do rio, com metade do meu corpo na água, onde Maleena segurava carinhosamente as minhas pernas.

– Que bom que acordou! – disse ele aliviado, acariciando o meu rosto.

A felicidade era tanta que me levou às lágrimas, não somente pelas lindas revelações do meu passado mas por saber que Aidan em momento algum mentiu. Decidi então não mais lutar contra os meus sentimentos, mas primeiramente precisava reparar um erro. Gentilmente, eu me soltei dele e fui em direção à Maleena. Ela se espantou de início, mas depois, emocionada, retribuiu o meu

abraço. Eu a agradei e, ao mesmo tempo, desculpei-me por temê-la. Achei que era o mínimo que podia fazer, já que ela havia ganhado esse aspecto apenas por querer me proteger.

Por que os sábios, principalmente Grand, nunca me disseram nada antes?

– Obrigada. – sussurrei quase que sem voz devido ao choro, tentando esboçar um sorriso, enquanto as nossas testas se tocavam. Ela se afastou consentindo com a cabeça, e Aidan me ajudou a sair da água.

– Agora você realmente sabe quem é. – a voz de Izobel ecoou como música.

A multidão se curvava, abrindo caminho, e até as criaturas felinas fizeram o mesmo.

– Sabíamos que você era especial, Kyara. – tomou-me pelas mãos. – Havíamos sentido a presença da Deusa Mereen em você muito antes de as sereias virem nos avisar e ficamos extremamente preocupados por você estar com os nossos inimigos. Temíamos pela sua segurança se soubessem a seu respeito.

– Mas nem mesmo eu sabia! E por que os sábios esconderam isso de mim?

– Quando Norár te levou para dentro da sala dos tronos, te cobriu com um manto, te acalentando, e jurou para ele mesmo que ninguém jamais saberia que você era filha de um elfo, nascida nas águas com a benção da Deusa. Como os Deuses não o permitiram ver o seu futuro, ele temeu que pudessem ir contra as suas ordens para lhe fazer algum mal, então achou melhor esconder o seu segredo. Principalmente de você. A única saída foi fingir te odiar pelo fato de seu pai ser de fora da aldeia. – sorriu e me olhou de forma levemente desafiadora. – O que teria feito a respeito se soubesse a verdade?

Owen, ah, Owen! Se eu soubesse... poderia ter entrado em algum tipo de acordo com as sereias para que lhe poupassem. – pensava comigo mesma, fitando o chão.

– Então por que Norár revelou o meu segredo e me deu de presente a Arturo?

– Porque ele nunca conseguiu uma permissão dos Deuses para saber se você estaria sempre segura em Ardhem. Mas, quando Arturo chegou, ele teve a visão do povo de Weston e sentiu que estaria segura com eles. Contar que você era metade elfa foi preciso para que Arturo se sensibilizasse, pois os Deuses lhe revelaram que Anabel era apaixonada pela cultura élfica e que, se ela fosse viva, ia querer que Arturo cuidasse de você – portanto, ele aceitaria levá-la.

Eu fiquei completamente pasma. Todos esses anos odiando Norár, que, na verdade, era o meu avô. E tudo o que ele fez foi por amor a mim. Deve ter sido doloroso ver a minha ligação com Grand, que sempre foi como um pai e amigo.

– Mas como você sabe de tudo isso?

– Sou uma bruxa, criança. Faço os meus feitiços para descobrir passado e futuro, entre outras coisas, mas os Deuses, por muitas vezes, intervêm. Não importa o dom

que você tenha ou quem você seja, eles sempre escolherão até onde você pode saber.

– E eles concordaram em você revelar isso tudo para mim?

Balançou a cabeça sorrindo, depois continuou.

– Os meus ancestrais construíram esse lugar para que o nosso povo pudesse viver em paz, pois, ao contrário do que muitos pensam, a magia é muitas vezes vista como algo ruim. Os outros não querem pessoas como nós nas suas aldeias. Um dia, a aldeia estremeceu, e, por um momento, pensamos que sofreríamos um terremoto, mas a rainha na época sentiu uma presença grandiosa perto daqui e, seguida pelo seu povo, foi ao seu encontro. Um dragão ancião estava caído, ferido e cansado, enquanto outros dragões mais novos, porém igualmente gigantescos, pousaram ao redor dele. De início, todos tiveram medo, claro, mas, para a surpresa deles, os dragões passaram cuidando para que não fossem pisoteados. Percebendo a benevolência daquelas criaturas e a dor do ancião, a rainha se aproximou com as mãos envoltas de uma energia de cura. O toque das suas mãos, apesar de minúsculas comparadas aos dragões, emanava uma energia tão poderosa que levou toda a sua dor embora. Agradecido, o dragão revelou para onde estava indo e olhou além de onde a cachoeira começava a cair. – fez uma pausa. – E foi quando tudo começou. Até então, nós e Weston convivíamos bem. Usávamos os portais para perto do seu território e nunca houve qualquer tipo de desavença. Eles não sabiam da nossa aliança com os dragões, onde guardávamos os seus segredos em troca de nossa ajuda. Os dragões nos deram riquezas que vão além de tudo o que alguém possa imaginar ou almejar, mas só as usamos para melhorar as condições da nossa aldeia. Quando o rei de Weston descobriu o nosso segredo, instantaneamente foi tomado pela ganância, contaminando todos com o mesmo desejo de possuir o que nós temos, mas para outros fins.

– Pelos Deuses! Mas que segredo era esse?

Izobel deu uma ordem com o olhar para Aidan, que novamente abriu o portal. O maldito portal em que eu teria de entrar e que me faria ficar tonta.

– Venha, eu lhe seguro. – sorriu Izobel, estendendo-me a sua mão.

Ela passou o seu braço ao meu redor para atravessarmos o portal e até que, com um pouco de esforço, consegui me manter em pé. Mas a minha cabeça doía igual às primeiras vezes. Botei a mão na testa, pressionando-a e apertando os meus olhos com as pálpebras, até abri-los para ver onde eu estava.

Era o topo de uma montanha, onde a cachoeira começava. Um local feito de pedras, águas e enormes esqueletos, onde os meus olhos não alcançavam o fim. Alguns esqueletos estavam pela metade, mas havia vários crânios intactos, com diversos tipos de chifres. Atrás de mim, encontrei um gigantesco dragão já morto, deitado perto da água, em estado de decomposição, com a sua pele levemente

acinzentada e os seus ossos da costela marcados. Nunca vi um tão de perto. Ao mesmo tempo em que estava emocionada por ver essa criatura tão magnífica, lamentei vê-lo nesse estado. Havia partes de esqueletos por todo o lugar, e então me dei conta de que estava em um cemitério de dragões.

Não tinha nada que eu pudesse dizer para expressar o que eu estava sentindo, pois, apesar de ser um local de morte, a energia era revigorante.

– De tempos em tempos, um dragão já ancião é escoltado pelos mais novos até aqui para que ele possa passar os seus últimos dias de vida – mas podiam-se passar décadas sem que um viesse. Os mais novos acompanham o mais velho para protegê-lo e garantir a sua chegada até aqui, já que os anciões costumam estar bem fracos. Aquele dragão, por exemplo, estava tão cansado que caiu antes de chegar, sendo o primeiro a migrar para cá desde que a aldeia havia sido construída.

– Então era para cá que eles vinham! O meu povo sempre se perguntou onde era o seu destino final. – disse maravilhada, olhando ao redor.

– Agora, você sabe e está de pé diante das maiores riquezas que eles nos deram. – passou o braço pelo meu ombro, emocionada.

Questionei-a com o olhar.

– Você pode pensar que aqui é apenas um cemitério, mas, na verdade, as nossas maiores riquezas e os nossos maiores segredos tiramos daqui. E sim, estou falando dos próprios dragões! Como parte do agradecimento, poderíamos usufruir as suas escamas quando eles morressem, pois são bastante resistentes – o que nos permitiria ter as melhores armaduras em caso de um ataque. Da sua gordura, poderíamos extrair o óleo para acendermos as nossas tochas e velas, e também para banharmos as nossas armas, deixando-as mais resistentes. Dos ossos, faríamos armas, construiríamos muros e estruturas, ou poderíamos moê-los, pois possuem o poder de cura. Parte desse pó deve ser jogada na cachoeira, que nos dá a água abençoada pelos dragões.

– E quanto a ele? – perguntei apontando para o dragão em decomposição.

– Faz meses que ele chegou.

Então eu me lembrei dos dragões que vi sobrevoando a minha antiga aldeia. Ele era um deles.

– Um dragão já é o suficiente para coletarmos materiais que duram por anos. Como já estamos abastecidos, apenas retiraremos o seu crânio para juntar aos dos outros e depois cremaremos o resto, jogando as cinzas na cachoeira.

– Por que separam os crânios dos dragões?

– Porque eles acreditam que a sua essência está presente no seu crânio, e nós acreditamos que nunca devemos mexer na boa essência de um ser. Portanto, em respeito a eles, gostamos de mantê-los intactos, de forma que a sua energia circule sempre por aqui.

Os meus olhos brilhavam de emoção. Estava completamente extasiada.

– Por isso, Kyara, quando começamos a fazer os muros cercando o nosso território, resolvemos chamá-lo de Blessingfalls, pois todos os bebês que nascem aqui são banhados nas nossas águas para que sejam saudáveis e tenham a proteção dos dragões.

– Mas há dragões que apodrecem na água? – questionei levemente nauseada ao ver parte dos esqueletos no meio do rio.

– Não. – riu. – O rio passa ao lado do cemitério dos dragões. Depois, com os ossos devidamente limpos, nós os fincamos no fundo, como você pode ver. – mostrou ao redor, onde inúmeros ossos pontudos se projetavam para fora das águas. – Assim como você, nós também acreditamos que eles sejam criaturas sagradas e, por isso, queremos que a água esteja sempre em contato com eles, purificando-nos e nos trazendo sorte.

– E vocês acham que os dragões são Deuses?

– Não. – Ela riu.

– E por que existem muitos que acreditam que eles sejam?

– Talvez pela sua grandiosidade ou pelos poderes que eles têm. Há também aqueles que acreditam serem Deuses por nunca terem tido contato com um, afinal, são seres que vivem séculos e possuem uma sabedoria muito mais vasta que a nossa.

– Perguntei, pois eu mesma já me questionei isso no passado. – voltei o meu olhar para a água e sorri extasiada só de imaginar um povo com acesso à água sagrada todos os dias.

– Usamos a água para tudo. Inclusive, os terianos que trabalham com herbalismo, pois moer as plantas que crescem regadas por essas águas torna as poções muito mais poderosas.

– Terianos? Vim de uma aldeia grande e, por muitas vezes, ouvi pessoas comentando sobre diferentes espécies, incluindo gigantes. Mas nunca ouvi sobre eles.

Izobel sorriu.

– Os terianos são essas criaturas felinas e os ursos que você viu. Na verdade, são humanos que possuem uma comunhão tão forte com a natureza, que os seus espíritos transcendem à forma espiritual, assumindo a física, ou seja, eles se transformavam em feras, tanto para o dia a dia quanto para as batalhas, principalmente. – suspirou lamentando como se houvesse mais a ser contado sobre eles.

Eu estava para perguntar, mas ela mesma mudou o assunto.

– Nunca usamos nada para o mal, apenas para nós, para uso no nosso cotidiano. Foi algo que nos foi dado, e tornar isso público resultaria em inúmeras tentativas de

invasões, pondo o meu povo em risco.

– Humanos... gananciosos e egoístas. Sem contar o quanto são frios. Sem ofensas. – encolhi os meus ombros, constrangida, após perceber o que eu acabara de dizer.

– Sem problemas. Eu concordo. – riu. – Nós humanos somos a única espécie capaz de amar e odiar a nossa própria espécie.

– Mas por que mudaram o nome do seu território? Era tão lindo!

– Por causa do ataque que sofremos e de todo o mal que isso nos causou. Anabel sabia de tudo, claro, e contou para Arturo. Obviamente, ela queria que os seus filhos usufríssem o que ela sempre usufruiu. Mas sei que ela tentou guardar o nosso segredo ao máximo. Tristan já havia nascido e não foi banhado nas nossas águas. Ela nunca se conformou e, quando soube que estava grávida novamente, não conseguiu suportar a ideia de ter mais um filho sem a benção dos dragões. Então ela resolveu contar dias antes de Gwen nascer. Depois da morte de Anabel, Arturo quis um pouco da nossa água – ou um pouco mais... Por isso, falou com o rei para que pudéssemos fazer um acordo, mas o rei, tomado pela ganância, tentou nos tirar tudo à força. No fundo, sei que Arturo não concordou em lutar contra o povo a que a sua esposa pertencia, sem contar que os seus filhos também pertenciam em parte. Contudo, se ele recusasse a lutar, poderia ser morto.

– Você me disse que um pai ou uma mãe seria capaz de fazer qualquer coisa pelos seus filhos. Acha mesmo que Arturo, em algum momento, quis tanto dar algo para os seus filhos mesmo que isso pudesse resultar em inúmeras mortes? Ou estava ele apenas tentando cumprir um dos últimos desejos da sua falecida esposa?

– Eu me faço essa pergunta todos os dias. – suspirou.

– Lamento pelas mortes...

– Eu também, criança. – olhou para baixo, pensativa. Parecia sentir saudades dos que se foram.

– Conseguiram levar algo?

– Não, mas levaram coisas mais valiosas. Tínhamos paz de espírito. Depois do covarde ataque que levou à morte muitos de nós, nunca mais fomos os mesmos. Quando alguém morre, deve ser porque viveu tudo aquilo que deveria ter vivido, e não pelas mãos de outra pessoa. Muitas vidas foram interrompidas covardemente: crianças, mulheres grávidas, idosos... Até hoje, os terianos não aceitam o fato de terem perdido as suas famílias e os seus amigos. Isso os corroeu tanto por dentro que não voltaram mais à forma humana. Uns dizem não conseguir, outros preferem não voltar.

Lamentei, fitando o chão.

– Então eles passaram a nos chamar assim, para que fôssemos temidos pelos outros povos, impedindo que nos atacassem. Dessa forma, somente Weston tentaria.

Acabamos por aceitar e até gostar do nosso novo nome. Tornou-se uma forma de nos protegermos.

Agora, as palavras de Gwen fizeram sentido, mas me perguntei por que ela não sabia da verdade.

– Criança, você precisa voltar. – interrompeu os meus pensamentos.

Eu me assustei por mal ver o tempo passar. Gwen deveria estar preocupada. E quanto aos lençóis que nem lavei? E o xale?

– Vou pedir a Aidan que te leve. – disse sorrindo enquanto beijava a minha testa.

Ele apareceu atravessando um portal que se formou perto de nós, e, instantaneamente, as minhas preocupações cessaram.

Sorri para Izobel, e nos abraçamos.

– Não tenho como agradecer por tudo o que vocês me mostraram e me contaram, mas posso garantir que nunca os trairia.

– Sei disso, criança. Seja lá qual for a sua escolha, só quero que fique bem. – uma lágrima desceu do seu rosto.

Voltamos para o ponto da floresta onde nos encontramos, e ele nem precisou me segurar. Firmei os meus pés no chão, buscando equilíbrio, mas nem mesmo o seu sorriso fez a minha cabeça parar de doer. Ele me olhou triste e, sem dizer nada, entregou-me o cesto. Toquei os seus dedos ao pegar as alças do cesto, e permanecemos parados por uns segundos. Não queria ir embora, mas precisava lavar os lençóis o quanto antes.

– Não se preocupe quanto aos lençóis e ao xale. Já estão limpos. A magia lavou por você.

– Obrigada! – disse, levantando um dos lençóis cuidadosamente dobrado que protegia o xale.

– Há um futuro que lhe aguarda, com pessoas que vão te amar e respeitar, tratando-a como realmente merece. Basta apenas querer.

De fato, Shadowfalls era mais do que eu sempre sonhei ou pude acreditar. Contudo, por outro lado, havia acabado de chegar à Weston, onde fui muito bem recebida. A decisão deveria ser tomada, mas não poderia ser agora.

– Não tenho palavras para agradecer o que fizeram por mim hoje. Graças a vocês, eu agora sei quem realmente sou.

– E você despertou um lado meu que pensei ter morrido.

Ele suspirou, e os seus olhos pareciam tristes. Já amei Luke antes, e esses sentimentos não mais importavam, mas não sabia do passado dele e isso me causou insegurança.

As lembranças de Ardhem me remeteram a Owen novamente.

– Uma criança morreu pelas sereias em Ardhem... – disse melancolicamente.

– Eu soube pelas visões de Izobel... – suspirou triste.

- Mas por que o fizeram acreditar que estava tudo bem?
- Há muito sobre elas que você ainda desconhece. Se quiser saber, terá de voltar, e então contarei. E espero que seja em breve.
- Como faço para te encontrar de novo?
- Virei se sentir a sua presença. Apenas volte logo.
- Tentarei. – respondi corando as bochechas.

Novamente, os nossos olhos pareciam travar um no outro. Não queria ter de entregar Arturo, mas não conseguiria deixar de alertá-los sobre o possível perigo que corriam. Não depois de tudo o que fizeram por mim.

- Não tenho certeza sobre o que vou dizer, mas acredito que esse acordo entre Weston e Ardhem possa estar ligado a uma possível guerra.

Aidan ficou sério.

- Há uma possibilidade, não acha?
- Para falar a verdade, já desconfiávamos também.
- Então por que não falaram nada?
- Porque queríamos que partisse de você.

Olhei para baixo, sentindo-me culpada por não ter contado antes, apesar de me sentir mal também por trair Arturo.

- Izobel teria ficado chateada comigo se eu não tivesse contado?
- Jamais. Ela apenas quis te deixar à vontade para escolher contar ou não. – abraçou-me.

Se uma guerra estivesse realmente por vir, qualquer lado que eu escolhesse me faria sentir traíndo alguém. A maior luta era a que estava dentro de mim. Estava relutante em ir, mas precisava voltar.

Dei a minha última olhada para Aidan, e ele sentiu que eu partiria. Se ficasse por mais uns segundos, não iria querer voltar para Weston. Peguei o cesto e saí correndo o mais rápido que pude.

Senti que ele me observava o tempo todo e só parei de ter essa sensação quando já estava fora do alcance da sua visão, já perto do portão de Weston.

Tantas descobertas incríveis, e eu só conseguia pensar nele.



Capítulo 11

A diferença era gritante entre Weston e Ardhem. As pessoas aqui cumprimentavam umas às outras – e, inclusive, a mim –. Talvez por isso, achava difícil acreditar que um povo como esse seria capaz de fazer algo tão cruel.

A enorme ladeira de pedras cinza já não parecia tão difícil devido aos meus pensamentos, mas precisei manter o foco no caminho que ainda era novo para mim. O céu começava a escurecer, e minhas pernas já doíam da ladeira e do peso dos lençóis úmidos que carregava.

Finalmente cheguei, quase que sem fôlego, na casa com a cascata de flores violetas. Gwen apareceu na porta e veio correndo em minha direção.

– Kyara, você está bem? Estava preocupada!

– Me desculpe, Gwen. Estava com medo de danificar o xale da sua mãe, portanto, devo ter demorado mais do que de costume.

– Ah, que bom! – sorriu aliviada, levando a mão ao peito. – Por um momento, pensei que tivesse se perdido ou que alguma criatura de Shadowfalls tivesse te levado.

Ah se ela soubesse...

– Desculpe, tentarei ser mais rápida da próxima vez.

– Pode levar o tempo que achar necessário para fazer as suas tarefas. É que, quando começa a escurecer, costuma esfriar, e eu não te dei nenhum agasalho.

Gwen era tão doce...

– Venha, venha! Vamos entrar que eu te ajudo a pendurar os lençóis. – disse, puxando o meu braço, feliz por eu estar de volta.

Um delicioso cheiro de assado tomou conta do lugar. Lana veio da cozinha para a sala e ia dizer algo a Gwen, mas amarelou o seu sorriso ao me ver. Depois de um dia como o que eu tive, ela ainda tinha o poder de estragar qualquer boa lembrança. Mas eu me recusava a ser influenciada pela sua amargura.

– Precisamos de mais legumes. E, infelizmente, tivemos de usar toda a carne para o jantar, já que somos muitos. – disse Lana.

– Não há problema. Amanhã, podemos comprar. E, de fato, o meu pai e o meu irmão comem por dois. – virou-se para mim sussurrando. – Nem sei como cabe tanta comida naquelas panças.

Nós três rimos. Gwen conseguia amenizar qualquer clima ruim com o seu bom humor.

– Quem disse que tenho pança? – perguntou Arturo em tom de brincadeira, entrando em casa.

– Papai!!! – gritou Gwen indo na sua direção. Pulou nos seus braços, e ele a levantou do chão. Choravam de saudades. Nem a amargura de Lana apareceu diante daquela cena linda. Ela sorria para eles e, assim como eu, imaginou o quanto deveria ser bom ter um pai ou uma mãe para viver esses momentos.

– Deixa eu olhar para você. – botou-a no chão e se ajoelhou à sua frente, enquanto pegava uma das mechas do seu cabelo, ajeitando-o para trás da sua orelha.

– Você mudou tanto nesses últimos meses.... Está cada vez mais linda e parecida com a sua mãe. Mas não importa o quanto cresça, vai sempre ser a minha garotinha.

– Pai, eu já tenho quinze anos. – riu.

Podia ver nos seus olhos o amor que tinha pela sua filha. Ele faria qualquer coisa por ela.

– Senti muito a sua falta, papai! – olhou-o nos olhos, mas, em seguida, voltou o seu olhar para a pessoa que estava lá fora. – De você, não! Não, não, não! – brincava.

Tristan entrou pela porta e, brincando, fez uma série de caretas para a irmã. Ele era loiro, cabelos até os ombros, lindos olhos azuis, barba começando a crescer e muito parecido com o pai.

– Ok, vamos ver quem vai cuidar de você quando ficar doente. – brincou.

Gwen correu para o irmão que lhe fazia cócegas, enquanto ela girava às gargalhadas. Tudo isso sob o olhar de orgulho e amor do pai. Contudo, além de Arturo, outro olhar fitava Tristan de uma forma, digamos, um pouco diferente. Os olhos de Lana brilhavam enquanto ele e Gwen brincavam.

– Já chega, Tristan. Vai matar a sua irmã de tanto rir. – disse Arturo sorrindo.

– Quero que conheçam o meu filho mais velho. Tristan, esta é Kyara.

Botei o cesto no chão, e inclinamos os nossos corpos levemente.

Depois apontou para Lana, apresentando-a, e os seus olhares se encontraram. Os olhos de Lana brilharam, e, tímida, ela abaixou a cabeça, encarando o chão. Tristan olhou na sua direção, aproximando-se como se estivesse hipnotizado, e Lana corou as bochechas petrificada enquanto o menino mais encantador que ela já havia visto chegava mais perto. Ainda fitando o chão, levou a mão à boca para tentar esconder o sorriso que não lhe cabia no rosto. Tudo o que ela podia ver foram os seus pés quando ele parou na sua frente. Tristan lhe estendeu a mão aguardando o seu toque, e então a mão de Megan o segurou. Ele a trouxe delicadamente para frente, forçando Megan a afastar Lana, visivelmente decepcionada, para o canto.

– E você, quem é? – perguntou admirado.

Megan prendeu o fôlego por um segundo.

– Megan. – respondeu tímida, tentando, sem sucesso, esconder o sorriso acanhado.

Como um verdadeiro cavalheiro, Tristan beijou a sua mão da forma mais carinhosa possível e, ainda com os lábios na sua mão, ergueu o seu olhar para ela e assim ficou até voltar à postura normal. Era notório que ambos compartilhavam do mesmo sentimento. Parte de mim estava radiante por Megan, pois sabia como era ter o meu coração acelerado por um belo rapaz. Por outro lado, eu me preocupei ao notar o olhar de Lana. Ela olhava o chão sem esconder a sua decepção, e algo me dizia que ela não ia desistir assim tão fácil. Tristan estava tão encantando com Megan que sequer olhou para ela ou para qualquer um de nós na sala.

– O cheiro está bom. Quem foi que cozinhou? – perguntou Arturo.

– Ah, fui eu. – levantou o braço. – Sempre gostei de cozinhar. – respondeu Lana tentando se sobressair, mas Tristan não parecia nem um pouco interessado na comida.

Minutos depois, enquanto as meninas colocavam a mesa, fui para o jardim dos fundos pendurar os lençóis.

Era um lindo jardim de grama verde e pequenas flores amarelas espalhadas. À direita, via a simples construção de madeira escura onde era o banheiro. Ao longe, avistava a floresta e não pude evitar sorrir enquanto pendurava os lençóis ao me lembrar de Aidan. Resolvi então que uns segundos a mais curtindo aquela vista e a quietude da noite me faria bem antes de entrar na casa. Um camundongo branco se aproximou e parou na minha frente. Ergueu as suas patinhas dianteiras cheirando o ar, fazendo os seus bigodes mexerem para baixo e para cima. Coitadinho, devia estar com fome.

Gwen me chamou da porta, dizendo que a janta estava servida.

Elas haviam acabado de pôr a mesa. Tristan, no canto esquerdo da sala, não hesitava em olhar para Megan.

Olhei para a pintura acima da lareira. Anabel sorria meio de lado, mas dava para ver o seu rosto. Ela tinha um sorriso cativante, e os seus cabelos castanhos estavam presos em um coque baixo. Da franja, uns fios soltos caíam na altura dos lábios, e o seu colo era coberto por um xale lilás. Talvez o xale que eu lavei. Ela era tão linda... Não foi à toa que Arturo se apaixonou.

De repente, aquele rosto lindo tomou outra forma quando Lana se posicionou na minha frente, com as mãos na cintura.

– Vai ficar aí parada só olhando?

– Ela acabou de pendurar os lençóis que lavou no rio da floresta, Lana! – interviu Megan em minha defesa. – Subiu e desceu essa ladeira três vezes. Deixe-a em paz!

– Conseguiu subir essa ladeira toda com aqueles lençóis pesados? – perguntou Tristan espantado.

– Sim, subi. – respondi um pouco sem graça.

– Gwen sempre chega com meio palmo de língua para fora. E olha que ela não carrega nada. – brincou.

– Mentiroso! – ela riu.

E, finalmente, aquele assado com um cheiro divino estava pronto, e todos nos sentamos à mesa. Arturo bebia vinho enquanto nós bebíamos água e suco.

– Então, de onde mesmo vocês vieram? – perguntou Tristan à Megan.

– Bem, eu...

– Somos de Arnhem. Fica a uns dois dias daqui. – intrometeu-se Lana.

– Já tinha ouvido falar de lá. – voltou o seu olhar para Megan e sorriu. – Conheci alguns guerreiros de Arnhem hoje, mas não fazia ideia de que ia conhecer mais pessoas.

Megan rapidamente corou as bochechas. Já havia desconfiado que Lana tentaria algo, mas não sabia que seria dessa forma, ainda mais com alguém de quem ela aparentava ser amiga.

– Já ouviu falar em Elon? – cortava o seu assado com uma postura de superioridade em relação à Megan.

Megan e eu engasgamos. Megan paralisou, engolindo o seu pedaço do assado com dificuldade. Tristan a olhou se questionando que local era esse e porque ela parecia tão desconfortável.

Lana levou um enorme pedaço à boca e, depois de degustá-lo lentamente por uns segundos enquanto olhávamos para ela, finalmente falou com o tom mais simples do mundo.

– Megan é de lá, não é de Arnhem.

A situação foi completamente constrangedora. Segurei a sua mão por debaixo da mesa em apoio, enquanto Lana se deliciava não só com o assado mas também com o seu momento.

Arturo, Gwen e Tristan perceberam que ela carregava um passado triste.

– O que houve em Elon? – perguntou preocupado.

– Tristan! Não fazemos esse tipo de pergunta!

– Queimaram a minha aldeia e mataram todos, incluindo a minha família. Fui capturada e virei escrava do pai do assassino do meu povo. – disse determinada em não deixar Lana a intimidar.

– Megan, eu não sabia! – Gwen levou a mão à boca.

– Sinto muito. – Tristan tocou sua mão. – Não imagino o quanto deva ser difícil para você, mas sei como é perder alguém que ama. Perdi a minha mãe também muito novo. Pode contar comigo se precisar. – ele disse carinhosamente.

– Mas agora está tudo bem. – falei com a intenção de quebrar aquele clima ruim.
– Estamos aqui, com uma nova vida nos aguardando. E se tem alguém que merece é Megan. Apesar de tudo o que passou, essa alma de coração puro nunca fez mal a ninguém.

Fixei o meu olhar em Lana, que rapidamente entendeu a indireta e não gostou.

– Pois é. Nós duas sabemos muito bem como é perder alguém assim, não é mesmo? – disse Lana. – Além de ter perdido os meus pais, perdi o meu irmão de oito anos e ainda fui violentada.

Claro que eu sentia muito pela sua perda e pelo o que ela passou, mas, neste momento, as suas atitudes me revoltaram. Ela estava usando o seu passado para se sobressair e ter a atenção de Tristan. As minhas mãos queimaram tanto, mas tanto, que tive de soltar a mão de Megan e escondê-las entre as minhas pernas. Eu as fechava e não conseguia controlar. Quanto mais Lana se fazia de vítima, mais as minhas mãos queimavam.

Não, de novo não. Pelos Deuses, não! – pensava comigo mesma.

Lana continuava a falar sem parar, e eu comecei a tremer. Gwen notou.

–Você está bem? – perguntou baixinho.

Forcei um sorriso e balancei a cabeça. Voltei a minha atenção para Lana.

– E, como se não bastasse tudo isso, ainda éramos vizinhos dos elfos. Um conselho que irei lhes dar: nunca queiram conhecer um. Eles são egoístas, horrorosos e fedem. Dizem que são criaturas bonitas, mas precisam ver um de perto. É de dar pesadelos!

– Lana! – fulminei-a com o olhar.

– Por mim, todos os elfos deveriam morrer, e da forma mais cruel possível!

Arturo socou a mesa, e a minha raiva era tanta que a minha visão estremeceu escurecendo. Ao notar o quanto estava me afetando, Lana me fitou séria.

– Me desculpe. Esqueci que o seu pai era um elfo. – ironizou, levando a mão ao peito.

– Mas que falta de respeito é essa? – advertiu Arturo.

– Mas Arturo... – tentou se defender.

– É do povo do falecido pai dela de que você está falando!

Lana consentiu em silêncio. Depois Arturo virou-se para mim e, em um tom doce, disse:

– A minha esposa adorava os elfos. Perto de onde ela veio, havia ruínas élficas, que ela dizia ser o seu local favorito. Anabel foi uma grande estudiosa da cultura élfica, e tudo o que eu sei aprendi com ela. – sorriu, tentando me confortar.

Fingindo surpresa, sorri querendo saber mais, porém Lana, mesmo que ainda constrangida, não conseguiu ficar quieta.

– Se fosse realmente uma grande estudiosa, deveria saber que...

– Já basta! – gritou Arturo.

Ele bufou, e eu a fulminei com o olhar. O clima familiar que deveria ter predominado no nosso primeiro jantar em Weston já estava arruinado. Estávamos visivelmente chateados, mas Lana, notando a minha raiva, ainda ousou pegar fôlego para falar algo. Foi então que notei a palma da minha mão começando a ficar incandescente e, como temia o que estava por vir, saí apressada, com as mãos fechadas e os braços cruzados nos poucos segundos que senti poder esconder aquela luz.

Corri para o jardim fui para trás dos lençóis pendurados e cai de joelhos na grama, olhando as minhas mãos. Elas tremiam enquanto eu tentava, de alguma forma, controlar aquela luz alaranjada que corria por dentro das minhas veias, deixando as minhas duas mãos incandescentes e fazendo o meu corpo todo estremecer com a energia prestes a sair. De repente, fui jogada para trás quando finalmente as minhas mãos explodiram em um clarão alaranjado, que iluminou, por uns segundos, todo o jardim de Arturo, desfazendo-se em seguida. Apavorada, eu tentava entender o que havia acabado de fazer.

Os sons de fora cessaram, e o meu coração pulsava nos meus ouvidos, mas, desta vez, pareciam tambores de guerra. Via tudo em câmera lenta, suando e tremendo, enquanto olhava as minhas mãos em pânico.

– O que está acontecendo comigo? Pelos Deuses, o que está acontecendo comigo? – perguntava-me repetidamente, ajoelhada, cambaleando o meu corpo.

Apavorada, então me virei rapidamente para trás a fim de ver se alguém notou, mas, estranhamente, tudo estava calmo como se nada tivesse acontecido. O pequeno camundongo albino parou na minha frente. Não sei como ele não se assustou ou como não o matei com aquela luz. Lá estava ele me encarando, e só saiu ao se assustar com Megan, que vinha apressadamente.

– Lana deveria aprender a manter a boca fechada. – abaixou-se para me abraçar. – Arturo ameaçou mandá-la de volta a Ardhem caso ela volte a te ofender dessa forma.

Não poderia contar o que acabara de acontecer, então a deixei pensar que era por causa de Lana que eu chorava. Contudo, não me agradava o fato de Lana desconfiar que era capaz de causar esse efeito sobre mim.

– Vamos voltar lá para dentro. – secou as minhas lágrimas com as suas mãos enquanto me ajudava a levantar. – Gwen está tensa, pobrezinha.

Estava com muita raiva de Lana por ter estragado o nosso primeiro jantar juntos. Por um momento, odiei Arturo por tê-la colocado conosco. Iniciar uma nova vida com ela por perto seria impossível. Enfim, por Gwen e Megan, eu me recompus e voltei para dentro da sala.

Tristan estava com Gwen na mesa fazendo brincadeiras para consolá-la, enquanto Arturo estava no canto esquerdo da sala conversando com Lana. Ela estava de cabeça baixa, de costas para nós, e via pelo olhar de Arturo que ela tomava um belo sermão.

Os dois voltaram para a mesa. Arturo estava sério, e Lana olhava o chão, completamente constrangida.

– Acredito que agora possamos dar continuidade ao nosso primeiro jantar, sem nenhuma confusão.

Todos fizeram silêncio, e voltamos a comer. A minha mente estava no que havia acabado de acontecer, lembrando-me de situações anteriores em que senti as minhas mãos queimando.

Brincalhão, Tristan tentou quebrar o gelo, tirando-me dos meus pensamentos:

– Então você é metade elfo?

Arturo pensou em interrompê-lo, mas Tristan foi mais rápido.

– A minha mãe me contava histórias sobre eles antes de eu dormir. Infelizmente, eu era muito novo para lembrar detalhes, mas acho que me lembro de algumas coisas.

Lana levantou o olhar. O sorriso de Aidan veio na minha mente. Estava muito agradecida pelo apoio que estava recebendo, mas o que eu mais queria naquele momento era estar nos braços dele. Acabei achando a oportunidade perfeita para pôr em prática um plano.

– Acho que o meu amor pela floresta vem dessa minha metade. – olhei para Arturo com uma leve súplica no olhar. – Depois de realizar as minhas tarefas, poderia caminhar pela floresta? Ia todos os dias em Ardhem e ficaria muito triste em ter de parar, ainda mais sendo uma floresta tão linda. – sorri esperançosa.

– Com uma condição. – disse limpando a boca com o pano. – Quero você aqui antes de anoitecer, e só poderá ir depois de ter realizado as suas tarefas.

A minha vontade era voar no seu pescoço para agradecê-lo – eu poderia ver Aidan amanhã mesmo. Arturo sabia que os habitantes de Shadowfalls não eram ruins, portanto, ele não temeria pela minha segurança como Gwen. Esperava com todas as minhas forças que tanto as minhas suspeitas quanto as de Aidan e Izobel estivessem equivocadas sobre tramarem um ataque.

O olhar de ódio de Lana me fez ter certeza de que ela iria tentar me atrapalhar. O jantar prosseguiu sem nenhuma interrupção, e estávamos todos muito felizes, rindo e nos conhecendo melhor.

Retiramos a mesa e, vendo que não havia sobrado nada, imaginamos que Gwen e uma de nós teríamos de ir ao mercado amanhã. Estava ansiosa para ver como funcionava a compra e venda, pois, como não tínhamos isso em Ardhem, era apenas mais um sinal de que estávamos vivendo uma vida completamente diferente.

Arturo levou um balde de água para despejar na bacia no andar de baixo, onde ficava a cozinha.

– Podem ir dormir se quiserem. – disse para Arturo. – Nós iremos lavar a louça.

– Traremos roupas de cama para vocês. Só temos uma cama disponível, mas vamos dar um jeito. – sorriu.

Tristan voltou com um travesseiro, lençóis e almofadas, dirigindo-se à Megan.

– Amanhã, vamos comprar travesseiros, mas hoje a deixarei usar o meu. Não posso permitir que você durma sem um.

– Mas e quanto a você? – corou as bochechas.

– Ora, não se preocupe comigo.

– Obrigada. – apertou o travesseiro contra o peito, cheirando-o e sorrindo disfarçadamente.

Tristan notou o meu sorriso e viu o quanto eu apoiava os dois. Já Lana havia perdido as esperanças, mas não a sua amargura. Virou de costas e começou a lavar a louça com grosseria.

– E esses lençóis são para vocês. Prometo que hoje será a única noite em que vocês dormirão no chão. Também trouxe essas almofadas.

Ele se retirou, mas não sem antes dar uma boa olhada em Megan. Quando sumiu das nossas vistas, eu e Megan nos demos as mãos empolgadas.

– Acho que alguém está apaixonado. – brinquei.

– Acha mesmo?

– Está brincando? Todo mundo notou! – falei empolgada.

– A única coisa que notei é que, enquanto vocês ficam aí conversando, estou lavando as louças sozinha. – bufou. – Única noite em que vocês dormirão no chão... mal sabe ele que dormimos no chão durante toda a nossa vida! Hummm... me esqueci. Kyara era a queridinha dos sábios, tinha a sua caminha confortável. E a doce Megan não nasceu escrava. – falou amargamente.

Megan e eu nos entreolhamos. Ergui a sobrancelha revirando os olhos e fui ajudá-la.

Megan forrou os lençóis no chão e colocou o travesseiro em que ela ia dormir. Megan era tão boa que pensou em dormir no chão já que ela teria um travesseiro.

– Bom, já que Megan ganhou o travesseiro, poderia deixar a cama para outra pessoa. – insinuou Lana.

– Pode ficar com a cama para você. Eu durmo no chão, sem problema. – respondi sem paciência.

– Oh, jura? Posso mesmo? Pensei que não fosse conseguir dormir no chão, afinal, sempre teve a sua cama. – ironizou.

– E você sempre teve inveja. – disparei secamente.

Ela me olhou de cara feia, mas ignorei-a, lavando as louças. Megan também ficou em silêncio. Ninguém queria discutir com Lana, dando-lhe o gostinho de nos tirar do sério. Mas confesso que inúmeros pensamentos me vieram à cabeça.

Ao deitar para dormir, a minha mente voltou ao que havia acontecido no jardim. Eu me curvei, juntando as minhas mãos, e discretamente as olhava, temendo que alguém descobrisse sem saber o que poderiam fazer comigo. Aidan, como em um passe de mágica, surgiu nos meus pensamentos, fazendo-me sorrir e levando embora toda e qualquer preocupação. Amanhã, iria vê-lo novamente e faria de tudo para que pudesse terminar as minhas tarefas o mais rápido possível.

Quando percebi, Lana, deitada na cama, prestava atenção nos meus movimentos, então virei de costas. Precisava ficar atenta, pois ela, com certeza, tramaria algo.



Capítulo 12

O dia amanheceu lindo. A Deusa Fyra brilhava como se abençoasse toda a Weston, e nós três decidimos pôr a mesa com as sobras de ontem, antes que eles pudessem acordar. Eram pães levemente duros e poucas frutas. Como não seria suficiente, Megan e eu, já acostumadas a ficar sem café da manhã, decidimos que não iríamos comer. Dessa forma, sobraria mais para eles.

Alguns minutos depois, desceram as escadas, e Tristan estava muito bonito, com uma blusa de mangas compridas vermelha para usar debaixo da armadura prateada.

Lana suspirou olhando para baixo, enquanto os olhares de Megan e Tristan se encontravam mais uma vez com sorrisos. Gwen vinha logo atrás, com um vestido comprido lilás de mangas até os cotovelos.

– Bom dia! – disse Arturo sorrindo.

– Bom dia! – respondemos.

– Gwen, porque não me disse que precisaríamos comprar mais comida? Não temos o suficiente para esta manhã. – Arturo olhava para a mesa preocupado.

– Me desculpe, papai. Fiquei tão feliz com a sua volta e com a chegada das meninas, que realmente esqueci. – Gwen fitava o chão.

– Está tudo bem. – acariciou o seu rosto. – Comam vocês. Eu comprarei algo depois. Aliás, preciso que leve as meninas ao mercado para te ajudarem com as compras.

– Mas você não vai comer nada? – perguntei preocupada.

– Não se preocupe comigo, Kyara. Nem todos os dias tomo café da manhã.

– Nós nunca tomamos. – Lana deixou escapar.

Desta vez, Lana realmente havia pensado alto, e, apesar de ter sido ela quem falou, Tristan fitou Megan preocupado.

– Isso é verdade? – perguntou melancólico.

Megan balançou a cabeça.

– Então vocês já passaram fome? – perguntou para todas nós.

Ficamos em silêncio, e Gwen começou a chorar.

– Me desculpem, por favor, me desculpem!

– Não se preocupe, Gwen. – eu disse enquanto lhe dava um abraço. – Tem o suficiente para esta manhã, e hoje compraremos mais, está bem? – limpei as suas

lágrimas enquanto ela sorria balançando a cabeça. Arturo via toda aquela cena sorrindo.

Sentamos à mesa enquanto ele se dirigia à porta. Antes de sair, virou-se para nós:

– Kyara, acho que tenho um serviço para você. Deixei umas camisas na minha cama que precisam ser lavadas. Você pode lavá-las na floresta ou trazer água e lavar aqui. Você escolhe.

Corri até ele e o abracei forte. Por uns segundos, ele pareceu surpreso. Mas depois cedeu, abraçando-me também.

– Irei ajudar Gwen primeiro no mercado e, na volta, lavarei as blusas.

Ele concordou, e voltei para a mesa com um sorriso de criança no rosto. Megan notou algo e Lana também, porém o seu olhar expressava o quanto estava determinada a saber o motivo da minha alegria para poder estragar.

– Gwen, desta vez, empreste para ela um agasalho caso esfrie.

– Sim, papai.

Ao contrário do jantar, o café da manhã foi maravilhoso. Tinha pouca comida, mas todos estavam felizes pelo início da nossa nova vida. Lana havia ficado quieta, o que contribuiu para fazer a minha manhã perfeita. Arturo e Tristan resolveram nos fazer companhia, mas confesso que me senti mal em comer na frente deles sem que eles comessem algo. Após terminarmos, Megan e eu subimos para o quarto de Tristan, que disse também ter blusas para serem lavadas.

Megan passava as mãos em uma das suas blusas que ela segurava.

– Que tecido macio. É algodão?

– Sim. Um pouco diferente, não é mesmo? – aproximou-se carinhosamente.

– Nunca senti um algodão tão macio.

– Veio do norte de Hillmont. – disse para nós duas. – O meu pai os comprou na sua viagem, e Gwen fez essas blusas para que usássemos por debaixo da armadura, como uma forma de proteção. O algodão evita que machuquemos a nossa pele.

Era muito interessante saber de algumas coisas, e quanto mais os conhecia, mais gostava deles. Eu sorria pela família que havia ganhado, mas o meu sorriso logo se desfez ao me lembrar de Shadowfalls e da escolha que teria de fazer. Aqui me acolheram tão bem, que simplesmente não conseguia me ver indo contra eles. Ao mesmo tempo, como poderia ir contra aqueles que confiaram tanto em mim e me revelaram coisas que ninguém me falou antes ao meu respeito?

Eu sentia que podia contar tudo a eles, ser eu mesma, sem medo. Contudo, lá não tem Arturo nem Megan ou Gwen. Suspirei forte, fechando as minhas mãos. Mesmo que ainda não soubesse qual local escolher, eu sabia que o ocorrido de ontem à noite era um sinal de que havia mais ao meu respeito do que eu sabia. Quanto a isso, somente Shadowfalls poderia me ajudar.

Tristan se despediu de Megan enquanto dobrávamos as blusas. Megan, ainda com aquela nas suas mãos, agora passava a camisa de Tristan no seu rosto.

– Está sentindo a maciez do tecido ou o cheiro dele? – brinquei.

– Os dois.

Demos tanta risada que quase caímos na cama.

– Estou tão feliz! – disse, pegando nas minhas mãos.

– Eu também! Tristan é um homem bom e gosta de você.

– Pelos Deuses! Eu nunca me senti assim. É como se eu fosse explodir de felicidade.

Embora repleta de ansiedade de contar, lamentei não poder dizer a ela que sabia exatamente como se sentia. Sabia que isso fortaleceria os nossos laços de amizade, mas não podia expor Aidan ou Shadowfalls. Não agora.

– Estou preocupada com Lana.

– Não deixarei que ela te ofenda novamente, Kyara! – enfatizou.

– Não é comigo que estou preocupada. – tranquilizei-a. – O meu receio é ela tentar fazer algo para atrapalhar vocês. Percebeu que ela também gosta de Tristan?

– Sim, eu percebi. E não imaginava que Lana poderia ser assim tão cruel. Por mais que eu possa compreendê-la, se fosse o contrário, ficaria feliz por ela.

– Ela não é como nós. Precisamos ficar atentas.

– Que os Deuses me perdoem, mas a única solução seria Arturo desistir dela. As nossas vidas jamais serão felizes com ela por perto.

– Não podemos deixar que ela tenha esse efeito sobre nós. Precisamos mostrar que somos mais fortes. Vou pensar em alguma coisa, mas te garanto: ela não vai atrapalhar vocês! – falei decidida.

Tive um pressentimento e levei o indicador à boca pedindo silêncio. Gwen e Lana subiam as escadas. Fomos para o quarto de Arturo pegar as outras blusas, mas Gwen nos chamou.

– Queria mostrar a vocês como funcionam as moedas, mas temos muito que fazer. Sendo assim, posso ensinar-lhes hoje à noite com mais calma.

– Tudo bem. – respondi sorrindo.

Ela era tão doce... Parecia triste em não poder nos ensinar.

– Kyara, você vai precisar de ajuda para lavar essas blusas?

– Não, eu...

– Eu posso ajudar. – prontificou-se Lana. – Afinal, já lavamos muitas coisas juntas, não é mesmo, Kyara?

– Que tal se fôssemos nós três para o mercado? – Megan pensou rápido. – Tem bastante comida para comprar, e nós três seremos mais mãos para distribuirmos os pesos. Assim, você poderia nos ensinar aos poucos enquanto compramos. Kyara já

está mais que acostumada a lavar uma pilha de roupas sozinha. Ela lava melhor que eu e Lana juntas.

Lana bufou, e Megan piscou para mim disfarçadamente.

– Precisamos mesmo trazer bastante carne. Papai avisou ontem que hoje teríamos visita para o jantar.

– E quem é? – perguntei.

– Não sei bem ao certo. Alguém do castelo, mas não é o rei. A propósito, essa blusa é para você usar se esfriar. – estendeu-me uma blusa de algodão cinza, de mangas compridas.

– Obrigada, Gwen.

Ela sorriu.

– Megan e Lana, se precisarem de alguma blusa também, é só me pedir.

– Obrigada! Aliás, eu sei costurar. Se tiverem tecido sobrando, posso fazer roupas para todos. – disse Megan.

– Então podemos costurar juntas! – vibrou Gwen. E nós três sorríamos felizes como se fôssemos irmãs. Tudo o que poderíamos fazer juntas parecia ser divertido, mas Lana, claro, ficou afastada, com os braços cruzados e cara de poucos amigos.

Sáímos para fazer as nossas tarefas, e, por mais que eu tentasse disfarçar a minha felicidade, não conseguia. O meu coração pulsava cada vez mais forte de ansiedade por ver Aidan.

– Nunca te vi tão feliz em ter de lavar roupa. – sondou Lana.

– Eu sempre gostei de ir para a floresta e estou feliz em poder continuar indo. Além do mais, estou feliz com a nossa nova vida.

– Ah, eu também. – disse Megan. – Nunca mais quero voltar para aquela taberna repugnante.

– E você não vai! – assegurou Gwen. – Nenhuma de vocês irá voltar! Fico muito feliz que estejam gostando daqui.

Descemos toda a ladeira, até que chegamos aos portões.

– É seguro vocês irem sozinhas para o mercado?

– Sim, Kyara. Temos guardas nos caminhos e na região portuária. Qualquer ataque, a gente já estaria sabendo antes mesmo de chegarmos aos portões.

Olhou para mim com preocupação nos seus olhos, enquanto me puxou para um canto.

– É com você que eu me preocupo. Indo sozinha à floresta...

Lana tentou ouvir, mas Megan tentou distraí-la.

– Não se preocupe, Gwen. Ninguém apareceu. Caso eu veja alguém suspeito, prometo sair de lá imediatamente.

– Assim eu fico mais tranquila. – levou a mão ao peito, aliviada.

Seguimos caminhos opostos, e, já de costas para elas, não conseguia esconder a minha felicidade. O meu coração acelerava, e a minha vontade de correr ou saltitar feito criança tinha de ser contida ao máximo. Mal poderia esperar para abraçá-lo e contar sobre o que houve com as minhas mãos.

Caminhei em direção às margens do rio e, como ainda não tinha ninguém, foi mais fácil ir para o outro lado da floresta.

Ergui o cesto e comecei a atravessar o rio de água gelada, com chão de areia e pedregulho. Havia uma carpa branca que poderia ter fugido de mim, mas, estranhamente, ela parecia me acompanhar até o outro lado. Peguei impulso para sair, e Aidan surgiu, estendendo a sua mão para me ajudar.

Coloquei o cesto perto dos seus pés, e ele me puxou para fora do rio, envolvendo-me em um abraço apertado. Parecia que já nos conhecíamos há anos e estávamos uma eternidade sem nos ver. O seu abraço era tão quente e confortável, que poderia ficar ali para sempre.

– Como eu senti a sua falta. – disse beijando a minha testa sem tirar os seus lábios dela.

– Eu também. Temia não poder vê-lo hoje.

Eu me sentia uma boba apaixonada, e tudo o que eu queria era a companhia dele e mais nada. No entanto, algo nele me chamou a atenção. Aidan curtia o nosso momento, mas estava ansioso com alguma coisa.

– Venha, eu tenho uma surpresa. – conduzia-me entusiasmado até uma parte da floresta.

De repente, ele largou a minha mão, afastando-se para a minha esquerda, enquanto uma pessoa se aproximava. Entre todas as coisas que vi e soube desde que cheguei aqui, essa foi, certamente, uma das maiores surpresas, pois realmente não poderia acreditar em quem eu estava vendo.

Vestia o mesmo tipo de roupa de Aidan e correu na minha direção, feliz em me reconhecer.

– Owen!!! É você mesmo???

Mal poderia tê-lo reconhecido. O seu cabelo negro já havia crescido, e os meses que se passaram fizeram muito bem a ele. Estava mais alto e mais forte. Tinha mudado bastante.

– Pelos Deuses, olhe só para você. – corri as mãos pelos seus braços.

– Pensei que nunca mais fosse vê-la!

– E eu pensei que você estivesse morto!

Aidan nos observava sorrindo.

– Mas o que houve? Pensei que as sereias tivessem te matado.

– Pensei que gostaria de ver por você mesma. – disse Aidan, pondo as mãos nos ombros de Owen. – Quando souberam que uma criança estava sendo forçada a

navegar nas suas águas para morrer, o lado maternal falou mais alto. É inadmissível matar uma criança, ainda mais uma que foi obrigada a entrar nas suas águas. Owen então lhes contou tudo, inclusive que havia sido ajudado por uma das escravas, mencionando o seu nome. Como ele não poderia voltar para Ardhem, elas o trouxeram para Shadowfalls. Desde então, ele é um de nós. – bagunçou os seus cabelos em brincadeira enquanto Owen ria.

Era maravilhoso saber que as sereias não eram completamente ruins. Já que eu era uma criatura das águas, fiquei feliz em saber que havia bondade nelas.

– Ele está sendo treinado por Margreet para praticar curandeirismo. Você e as sereias o ajudaram, e, agora, como forma de agradecimento, ele quer ajudar os outros.

Levei as mãos ao rosto emocionada. Owen não somente estava vivo como estava se tornando uma pessoa boa.

– Foi aí que eu soube quem você era, Kyara. Elas me contaram sobre você, e eu contei sobre como sempre se preocupou com os outros. Quando me foi dada uma segunda chance, quis ser como você. – desfez o seu sorriso. – Sinto saudades da minha irmã.

Ajoelhei, abraçando Owen com força enquanto ele chorava. Como dois irmãos poderiam ser tão diferentes? Se eu contasse sobre Lana, seria injusto impedi-lo de encontrá-la. No entanto, se ela tomasse conhecimento sobre Shadowfalls, eles poderiam correr perigo.

– Owen, é melhor você ir. – Aidan parecia sentir algo. – Margreet deve estar te procurando.

Aidan abriu um portal para que Owen entrasse. Ele se despediu de mim e não aparentou descontentamento ao entrar, pois, obviamente, já estava acostumado com portais.

– Há algo mais por trás dessas lágrimas. – limpava o meu rosto delicadamente.

– É Lana, irmã de Owen.

– Aconteceu alguma coisa com ela?

– Eu a odeio! Lana sempre foi na dela, mas, de uns tempos para cá, tornou-se a pessoa mais detestável que eu poderia vir a conhecer. Infelizmente, ela veio para Weston comigo, e sei que ela planeja armar contra mim. Hoje de manhã, queria vir comigo lavar as blusas no rio. Se nos visse juntos, contaria a todos que eu tenho contato com Shadowfalls. Nem quero pensar nas consequências.

– Então não lhe dê chances. Depois de tudo o que lhe mostramos ontem, ainda lhe resta dúvidas de onde quer ficar?

– Não posso simplesmente abandoná-los...

– Kyara... – corria as suas mãos pelos meus ombros, olhando-me nos olhos. – Crie um novo início para você. Para que ficar perto de pessoas que lhe querem o

mal quando se pode estar em um local onde todos irão te proteger e respeitar?

Ele estava certo, mas não era assim tão fácil. Ele parecia chateado com a minha indecisão, mas sabia que deveria respeitar o meu tempo.

– Há uma nova vida lhe aguardando. Quando estiver pronta, estarei aqui. – sorriu, fazendo as minhas pernas ficarem bambas.

O seu olhar fitou o nada. Depois botou a mão na cabeça e me olhou preocupado.

– Izobel quer nos ver.

Movimentou as suas mãos, criando o portal. Por mais que eu estivesse preocupada com o que Izobel teria a nos dizer, não hesitei em fazer cara de tédio.

– Será que, desta vez, não poderíamos andar?

– Levaria semanas se fôssemos andando. – riu.

– Fica mesmo tão longe assim?

– Por isso, usamos os portais. – piscou.

Atravessamos o portal. Desta vez, não encontrei dificuldades para manter o meu equilíbrio, mas a cabeça ainda doía. Inferno e Pesadelo se curvaram para nós, abrindo o portão. Caminhamos sobre o lago, onde as sereias se aproximaram. Eu não mais as temia, e não era por causa de Aidan. A primeira sereia a se aproximar carregava uma expressão triste, diferente da primeira vez. Parecia querer pegar a minha mão, como se precisasse de ajuda ou de um gesto carinhoso. Lamúrias ecoavam no local, e me dei conta de que todas elas estavam chorando.

Entramos em Shadowfalls, engolidos por aquela neblina que começou, aos poucos, a se dissipar. Aidan olhava triste para baixo.

– O que houve com elas? – perguntei preocupada.

Ele suspirou, mas a neblina se dissipou e Izobel surgiu antes que ele pudesse começar a falar. Ela estava sentada no seu trono com o semblante preocupado, mas sorriu ao vir ao meu encontro.

– Fico feliz que tenha contado a Aidan do acordo que Weston fez com o seu antigo povo. – pegou nas minhas mãos. – Sempre soube que você faria a coisa certa, mas não é com a guerra que estou preocupada.

A questioneei com o olhar.

– Você corre perigo, criança. – alertou-me.

Aidan se assustou, mas eu me mantive calma, pois Lana ou Luke, os únicos inimigos que eu tinha, não seriam capazes de me fazer um mal tão grande, muito menos com a proteção de Arturo e Shadowfalls.

– Lhe foi dado um poder incrível, criança. – pegou as minhas mãos, virando as minhas palmas para cima, acariciando-as com os seus polegares. – Um poder que nem imagina.

Aidan levantou o olhar surpreso.

– Ontem, no jardim de Arturo... você sentiu? – perguntei preocupada.

– Do que vocês estão falando? – Aidan se intrometeu.

Izobel balançou a cabeça, e então comecei a entrar em pânico. Se ela sentiu de Shadowfalls, então outras pessoas também sentiram, e isso realmente poderia me colocar em um grave perigo.

– Você nasceu com um poder até então desconhecido, mas que, aos poucos, começou a se manifestar. Por isso, ainda não consegue controlá-lo.

– Então irão me ajudar? – respirei aliviada e esperançosa.

– Não, criança. Não vamos. – carinhosamente, juntou as minhas mãos, soltando-as e falando de forma doce.

Engoli seco fitando o chão. Aidan tentou falar.

– Isso não cabe a nós. – interrompeu-o antes mesmo que Aidan protestasse. – Sinto a sua frustração em vê-la assustada e nada poder fazer para ajudá-la. – levantou o meu rosto, segurando delicadamente no meu queixo – Não pense que não queremos ajudá-la. Sinto uma força estranha e muito poderosa te vigiando, e isso me preocupa.

– Que tipo de força seria? – perguntou Aidan.

– Existem duas pessoas que talvez possam estar envolvidas. Uma é Lana, que foi escrava comigo e também veio para Weston. O outro é um guerreiro de Ardhem, que provocou o meu poder uma vez. Talvez, por presenciar os meus poderes, contou a essa força em busca de vingança.

Aidan logo ergueu as sobrancelhas.

– Quando os mencionou, eu esperava senti-los ligado a essa força, mas isso não ocorreu. É outra pessoa, muito poderosa, que, assim como eu, também sentiu o seu poder e está atenta aos seus passos. Mas não se preocupe, ela não te alcançará aqui em Shadowfalls.

– Mas por que ela não veio a mim de imediato? Por que está me observando?

– Por que ela ainda não sabe se os seus poderes a fariam uma aliada ou uma ameaça. O predador sempre observa a presa antes de agir. – disse preocupada – O que ele te fez para ter provocado os seus poderes? – perguntou Izobel curiosa, embora preocupada.

– Primeiro, descobriu que eu era metade elfo. Depois, quando ameacei contar à sua noiva que eu o a vi traindo com a sua melhor amiga, ele se descontrolou e me surpreendeu com um soco. – Aidan e Izobel prenderam o fôlego por um segundo. – Foi então que as minhas mãos queimaram, e, quando ele tentou me golpear novamente, eu segurei o seu punho e o queimei.

Aidan bufava, cerrando os seus punhos, e Izobel me olhava triste por saber que eu apanhei.

– Você corre perigo lá fora, mas não podemos lhe forçar a ficar aqui se mesmo assim ainda sente que precisa decidir. – retirou do seu bolso um medalhão dourado,

com dois dragões cravados entrelaçados em um símbolo do infinito, e botou em mim. – A qualquer sinal de perigo, apenas aperte-o e pense em nós, que Aidan será teletransportado para lá em um piscar de olhos.

– Mas, se eu precisar te buscar, não permitiremos que você volte. – advertiu ele.

– Obrigada! Usarei se for preciso. – consenti. – Mas não terei como escondê-lo. Não seria perigoso se vissem?

– Aquilo que é protegido por magia só é visto aos olhos de quem também a possui. Essa força está longe no momento, portanto, estará segura. Mas não pode tirá-lo nem para dormir.

Aidan estava mais tranquilo pelo medalhão, mas continuava frustrado em não poder me ajudar com os meus poderes.

– Bom, agora só nos resta aguardar. Sendo assim, vão e aproveitem o tempo juntos, enquanto eu tento descobrir mais sobre essa tal força. Que os Deuses me permitam enxergar. – olhou para cima como em uma prece. – Eu lhes chamo se encontrar algo.

Não sabia se estava mais feliz por ter o medalhão, por passar mais tempo a sós com Aidan ou porque estávamos usando uma porta ao invés de um portal. Infelizmente, assim que saímos da sala de Izobel, ele começou com os malditos movimentos circulares enquanto o portal se formava.

– Precisamos mesmo?

– Quero te levar para um dos meus lugares favoritos. – ele riu.

Aidan me segurou, mas não precisei apoiar nele, pois, pela primeira vez, mantive totalmente o equilíbrio. A dor de cabeça voltou, mas não tão intensa. Talvez eu estivesse começando a me acostumar.

As casas cobertas por folhas eram lindas, e as construções nas árvores, com inúmeras portas e janelas coloridas, davam um toque único no local.

– Então, esse guerreiro de Ardhem... por que eu sinto que há algo além do que me contou? – perguntou enquanto caminhávamos.

Havia um tom de brincadeira com um pouco de ciúmes na pergunta, e eu até gostei de vê-lo enciumado, mas me preocupei que ele cogitasse existir outra pessoa.

– Gostei dele até alguns meses atrás, quando soube quem ele realmente era. – apertei a sua mão, recostando-me no seu ombro enquanto andávamos. – Hoje eu o repudio.

– Ele veio para Weston?

– Sim, mas eu não mais o vi desde que cheguei. E espero não vê-lo nunca mais.

Ele parecia incomodado em saber que Luke estava em Weston.

– Não sinto mais absolutamente nada por ele. – assegurei.

– Não me importa se já gostou de alguém no passado, e sim o fato de ele ter te agredido! Não faz ideia do quanto isso é frustrante para mim.

– Mas você nem me conhecia... – sorri.

– Eu não precisei te conhecer para saber que havia algo em você que ia além da presença de Mereen. Foi como se o meu coração já pressentisse o que eu sentiria mesmo antes de te ver. – sorriu timidamente, e, de repente, era como se o peso do meu coração impedisse os meus pés de saírem do chão.

As pessoas se concentravam nos seus afazeres, e, diferentemente do que acontecia em Ardhem, eu não me sentia excluída.

Uma mulher de capa lilás colhia cuidadosamente umas flores perto de um desses casebres cobertos por folhas. Ao lado, dentro de uma sala construída no interior de uma enorme árvore, estava um homem. Ele usava capa preta fechada, com capuz na cabeça, e encontrava-se atrás de uma mesa de madeira com um monte de pétalas que pareciam ser as mesmas plantas que a mulher colhia. Esmagava-as com um pilão, e, nas paredes, havia estantes com vários vidros de poções, vidros com pétalas de cores diferentes e caules de flores amarrados com uma linha grossa. As lindas dríades caminhavam sem medo por saberem que estavam seguras.

Um das coisas que mais se destacavam para mim eram as lindas tulipas luminosas, como resolvi chamá-las, espalhadas por vários cantos da floresta. Até que, mais na frente, deparei-me com a árvore mais exótica de toda Shadowfalls. Era bem larga como as outras, mas tinha um buraco negro em forma de porta. Acima dela, em formato de cristal, havia uma runa azul luminosa, cravada na casca da árvore. Gotas de cristais facetadas flutuavam ao redor dessa enorme árvore, em diferentes níveis de altura e distância. Das suas pontas, emanava uma energia como se fosse uma fina e transparente névoa sumindo na medida em que ia em direção ao céu, como se estivesse pendurada por uma linha no ar. Fragmentos de cristais (vermelho, verde e laranja) brotavam do chão, como plantas entre as raízes e ao redor da árvore.

Perto da entrada, eu olhava para dentro de onde ela levaria, mas eu nada via, a não ser um enorme breu. Aidan me conduziu, e, ao entrarmos, o local se iluminou. Havia uma fonte de pedras cinza claro, lisas e brilhantes, que parecia um poço refinado no centro da sala. Nas bordas, algumas velas já derretidas com a cera espalhada, e, no centro da fonte, um enorme fragmento de cristal transparente que flutuava há poucos centímetros da água, emanando a luz central da sala. Cristais redondos e facetados brilhavam flutuando entre uma estante e outra. Nessas estantes, havia livros, fragmentos de cristais e poções coloridas.

Entre vários cristais diferentes, um em específico me chamou a atenção. Era um fragmento rosa, um pouco maior do que a palma da minha mão, que ficava afastado dos outros e entre os livros. Dentro dele, uma pequena luz começou a brilhar. Piscava fraca até se intensificar e flutuar para fora, mostrando uma luz lilás que voou em direção a Aidan. Ele sorria, enquanto essa pequena luz o rodeava

rapidamente pelo corpo. Ela parou na altura da sua maçã do rosto por um segundo e depois, lentamente, deslizou, pousando no seu ombro esquerdo. Aidan botou o seu dedo indicador na frente, e aquela luz saltou para ele, que, em um largo sorriso, a aproximou do meu rosto.

– Quero que conheça a Brisêys.

Aquela luz era intensa, não a ponto de me cegar, mas me fez franzir os olhos, até que foi diminuindo, mostrando uma linda fada sentada de pernas cruzadas segurando os seus tornozelos. Ela me olhava curiosa e com um sorriso tímido. Tinha em torno de sete centímetros, cabelos lisos até os ombros, na mesma cor da sua luz, lilás. A sua pele era mais clara que a minha, e tinha enormes olhos roxos expressivos. As suas orelhas eram tão pontudas que ultrapassavam os seus cabelos. O seu vestido lilás era de alças, com pontas que caíam na altura dos seus joelhos.

– Oi! – disse impressionada, com um largo sorriso.

Brisêys levou a mão à boca rindo, ainda tímida.

Estávamos ao mesmo tempo tímidas e encantadas uma com a outra. Nunca vi uma fada, mas a reconheci de imediato pelas descrições de Grand. Sempre quis vê-las, mas, infelizmente, os cidadãos de Ardhem mataram todas muito antes de eu nascer. Eles diziam que eram pragas, mas Grand me dizia que eu as acharia encantadoras. E ele acertou!

– Não se deixe enganar por uma fada. No início, ela fica assim, comportada, mas, quando menos esperar, vai estar te rodeando e brincando com você.

– Espero que seja breve. – sorri.

Brisêys corou. Aidan acariciou a sua cabeça e as suas costas, enquanto ela sorria endireitando a postura, gostando do carinho.

– Olha o que eu lhe trouxe. – retirou uma noz sem a casca, entregando-lhe. Brisêys arregalou os olhos, agarrando a noz contra o corpo. O seu olhar para ele mostrava agradecimento e carinho. Ela não falava, mas a comunicação entre os dois parecia fácil.

Em meio àquela aparência obscura que ele tinha, esses pequenos gestos também mostravam o quanto era sensível. Ele a colocou na beirada da fonte, e ela saltou para as pedras, sentando-se enquanto comia a sua noz. Mas estava atenta ao que ele ia fazer.

Ele ergueu as suas mãos acima da fonte e fechou os olhos. O cristal começou a brilhar um pouco mais forte, incomodando os olhos de Brisêys, que usou a noz como escudo. Minúsculas ondulações se formavam na água e, aos poucos, tomavam força, enquanto Aidan falava uma língua incompreensível.

De olhos fechados, Aidan se concentrava enquanto repetia aquelas palavras indecifráveis, elevando o tom de voz e acelerando a sua fala. A água então começou

a vazar pelos lados diferentes da fonte, enquanto manchas estranhas começaram a se formar, parecendo sombras e sangue.

Brisêys rapidamente largou a noz que comia com tanta vontade, agachando-se assustada atrás de um dos tocos de vela derretidos. Ela me olhou apavorada como se me pedisse ajuda mesmo sem me conhecer direito, então fiz um gesto para que ela viesse até a mim. E ela veio, voando rapidamente até a minha mão direita, que eu levei em direção ao meu peito. Com a mão esquerda, fiz uma concha na sua frente, protegendo-a daquela luz. Eu estava tão preocupada com ela que, por um segundo, eu me esqueci dos perigos que me rondavam.

De repente, as minhas mãos começaram a formigar, e, aos poucos, aquela luz alaranjada começou a surgir dos centros das minhas palmas. Eu teria colocado Brisêys na fonte e saído correndo para expulsar a luz lá fora, mas algo estranhamente me fez ficar calma. Aquela luz, que antes me assustava, agora tinha efeito contrário. Pela primeira vez, tive vontade de conhecer o que eu poderia fazer e usaria isso para ajudar Brisêys, que, graças à luz, já havia parado de tremer. Os seus olhos, antes amedrontados, agora se fechavam relaxados, deitando na minha mão, enquanto a luz se intensificava.

Uma sensação de paz e tranquilidade parecia tomar o meu corpo por completo, e eu não sabia se era por causa dos meus poderes ou se estava apenas aliviada por ver Brisêys mais calma. Não sabia ao certo o que eu fazia, mas, talvez pelo medo de machucá-la, parecia saber controlar aquela luz, mesmo me esforçando bastante. Fechei os olhos, desejei que Brisêys ficasse bem e repeti essa frase inúmeras vezes na minha mente. Então, de repente, comecei a suar e a tremer. As minhas pernas bambas começaram a perder a força. O meu coração pulsava acelerado, latejando os meus ouvidos e as minhas têmporas, e os meus olhos reviravam. Pisquei inúmeras vezes para conseguir manter um foco, mas a minha visão ficou turva enquanto a luz alaranjada cessava. Os meus joelhos dobraram e, quando estava prestes a desmaiar, a silhueta turva de Aidan virou-se para mim e me segurou a tempo. Ainda fraca nos seus braços, deixei cair a mão que segurava Brisêys, que voou renovada, pairando perto de nós.

Ele ajoelhou cuidadosamente, colocando a minha cabeça no seu peito enquanto me abraçava.

– Está tudo bem, Kyara! Eu estou aqui. – repetia baixinho, confortando-me.

Assustada, não conseguia dizer uma palavra e, mesmo percebendo que ainda teria muito que aprender, estava feliz por não ter machucado Brisêys. Ela nos observava aliviada, sentada na fonte.

Abracei-o com força e fui surpreendida com um beijo. Fiquei receosa por um segundo, mas depois me entreguei. Os nossos corpos colados em um forte abraço... sentia os nossos corações acelerados, enquanto ele levava a sua mão da minha nuca

ao topo da minha cabeça, acariciando-a. Acaricieei o seu rosto, e ele tocou as minhas mãos sem tirá-las das suas bochechas, então, lentamente, terminamos de nos beijar. Os nossos lábios semiabertos e ofegantes ainda se encostavam, e, com os olhos fechados e as testas coladas, sorrimos um para o outro. Nós nos distanciamos até que os nossos olhos se encontraram. Não sabia o que acabara de acontecer com os meus poderes ou o que Aidan havia visto na sua fonte. A única certeza que eu tinha era de estar completamente apaixonada.

– Uau... – sussurrei, e ele sorriu. Após uns segundos, Aidan me ajudou a levantar, e, quando fiquei de pé, ele me puxou em mais um abraço tenro. Ele demonstrava de todas as formas o quanto se preocupava comigo, e ainda não conseguia me acostumar de tão maravilhoso que era. Então, beijou os meus lábios novamente de forma carinhosa.

– Nunca deixarei nada de ruim lhe acontecer. – prometia sussurrando com os lábios encostados aos meus.

Afastei-me carinhosamente, levantando o meu rosto. Mexíamos a cabeça levemente, de um lado para o outro, acariciando-nos com as pontas dos nossos narizes. Dei uma risadinha, e ele segurou a minha cabeça, tocando os seus lábios nos meus, inspirando de forma intensa.

Brisêys levou as suas mãos ao peito, inclinando a cabeça para a direita, e suspirou em um largo sorriso. Tinha o amor de Aidan e a bênção de uma fada, o que só poderia significar coisas boas. Ele logo mudou a sua expressão.

– Os Deuses me impediram de ver algo diferente de Izobel, mas essa força é realmente forte. Eu a vi correndo, machucada e assustada pela floresta, como se fugisse de alguém. Havia pânico nos seus olhos, e Brisêys te seguia assustada como nunca a vi antes.

Ela voou posando no seu ombro quando ouviu o seu nome. Aidan a pegou, fazendo uma concha com uma das suas mãos, levando-a ao seu peito. Ele estava visivelmente preocupado com nós duas, e eu temi que algo pudesse acontecer a ela também.

– Pelo o que eu vi dos seus poderes, se essa força consegue ser mais poderosa, devemos realmente nos preocupar.

– Mas eu quase não fiz nada agora.

– Mas fez no jardim de Arturo. Acabei de ver a enorme esfera laranja saindo de você e o quanto estava assustada. – lamentava. – Não sei ao certo que poder é esse, mas não podemos negar a sua intensidade. E vê-la fraca depois de usá-lo me deixa realmente preocupado. Quando alguém não controla plenamente os seus poderes, a quantidade de magia liberada drena toda a sua força e o faz uma presa fácil.

Estava de fato começando a ficar preocupada. Essa presença me vigiando seria alguém com total conhecimento dos seus poderes, que poderia, inclusive, ser tão

forte quanto os meus ou mais.

– O que eu faço? – perguntei desamparada.

– No momento, tudo o que eu posso fazer é te ajudar a conhecer os seus poderes e lhe aconselhar a ficar atenta em relação a qualquer pessoa que se aproxime.

– Mas Izobel disse que não caberia a vocês me ensinar a usá-los.

– Não vou ficar parado esperando seja lá o que tiver de acontecer para que você tenha conhecimento deles. – suspirou. – Vamos dar uma volta, e você me conta exatamente quais situações lhe fizeram manifestá-los.

Concordei aliviada. Aidan me fazia sentir segura, então ninguém melhor do que ele para me ajudar.

Caminhávamos em silêncio quando Owen e uma teriana em forma feral passavam por nós. Ela era amarela de listras marrons e olhos negros penetrantes, que cravaram nos meus de forma nem um pouco amistosa. O seu andar e a sua postura felina eram, ao mesmo tempo, precisos e delicados, propositalmente para intimidar. Ele sorriu ao nos ver, mas ela baixou as orelhas com a pupila dilatada e um leve arrepio na espinha.

Apertei a mão de Aidan assustada.

– Olá, Margreet. – ele sorriu, tentando amenizar o clima.

Os seus olhos intimidadores logo ganharam expressões mais suaves, porém tristes ao ouvir a voz dele.

– Olá, Aidan. – respondeu com a voz trêmula, como se fosse um gatinho indefeso.

Aidan me contou que havia esquecido o que era amar, e então me questionei se Margreet não seria um amor do passado. E se fosse esse amor, será que ele a escolheria se ela conseguisse voltar à sua forma original?

Aos poucos, comecei a soltar a sua mão, e ele, ao notar, pegou-a firme novamente, querendo me passar segurança. Eu só conseguia olhar para o chão constrangida.

– Como Owen tem se saído?

– Ele é muito empenhado e aprende rápido. Tem tudo para se tornar um excelente curandeiro. – esfregou o seu focinho na parte detrás da cabeça de Owen, ronronando baixinho.

– Claro, ele está aprendendo com a melhor. – sorria, fazendo um gesto positivo para Owen.

Margreet abaixou as suas orelhas e encolheu levemente os ombros. Mesmo na sua forma feral, percebia que ela sorria por dentro, de uma forma que comprovava as minhas suspeitas. Ela o amava, mas teria sido recíproco no passado? Já amei Luke, mas nunca tivemos nada. Teria sido diferente com eles?

– Eu lhe agradeço por isso, Kyara. – disse Owen.

Margreet se recompôs, erguendo os ombros, claramente incomodada com o comentário dele.

– Obrigada, Owen! Fico feliz em saber que está escolhendo um bom caminho, mas também deve agradecer a ela. – apontei Margreet com o queixo.

Diferente da sua irmã, pensei.

Um silêncio constrangedor surgiu, mas Aidan rapidamente me puxou para que seguissemos o nosso caminho, dizendo não querer atrapalhar o treinamento de Owen.

Ela me seguia com o olhar, atenta a cada movimento que eu fazia. As minhas roupas velhas e desbotadas de escrava não ajudavam em nada a minha autoestima. Pensei no tipo de vestido que ela poderia usar se fosse humana, e seria tão lindo quanto os longos vestidos com capa que eu vi, diferente das minhas calças até os joelhos e da blusa mesclada cinza que Gwen me emprestou. Era confortável, mas nem um pouco feminina. Em silêncio, Aidan me abraçava, mas eu não conseguia retribuir.

Ele me levou até uma pequena fonte redonda, de pedras amarelas, onde sentamos na beirada. Uma pequena cascata caía de outra pedra menor, presa por dois finos pilares brancos. A queda d'água fazia com que as pequenas vitórias régias ficassem juntas no canto esquerdo da fonte.

– Olha para mim. – pediu-me delicadamente.

Levantei o meu rosto, e ele pegou uma mecha do meu cabelo, que caía em cima do meu olho, levando para trás da minha orelha. Em seguida, acariciou o meu rosto. O seu olhar era tenro e, ao mesmo tempo, preocupado.

– Sei o que você está pensando, mas está enganada.

– Então você e Margreet nunca...

– Não. – riu.

– Da última vez em que nos vimos, você disse que eu despertei um lado seu que pensou ter morrido. Quando vi como Margreet olhou para nós, eu me perguntei se já haviam se amado no passado.

– Eu a amo até hoje. Crescemos juntos e, na medida em que fomos ficando mais velhos, entendemos melhor sobre o ataque. A sua mãe teve tempo de escondê-la em casa enquanto o seu pai saía para atacar os invasores. Os dois morreram naquele dia, e Margreet, que tinha poucos meses de idade, só sobreviveu porque a sua casa foi uma das poucas que não foram queimadas.

Lamentávamos a morte dos nossos pais mesmo sem nos lembrarmos deles, mas fomos criados com tanto amor pelos pais adotivos, que temíamos magoá-los se tocássemos no assunto. Por isso, nós nos abríamos muito um com o outro. Imaginávamos os seus rostos e as suas personalidades ou como seria se nunca

tivessem morrido. Infelizmente, Margreet sentia algo além da amizade, mas eu só a enxergava como uma irmã e melhor amiga.

Eu me senti mal por ela, pois sabia como era nunca ter conhecido os meus pais ou não ser correspondida no amor, ainda mais se era alguém como Aidan. Mesmo assim, respirei aliviada em saber que nunca houve nada entre eles além de uma bela amizade.

– Me lembro até hoje do dia em que eu contei a ela que os nossos sentimentos eram diferentes. Mal dormi naquela noite de tão preocupado que estava e, até hoje, quando me lembro da expressão decepcionada nos seus olhos, o meu coração aperta. Acredita que, desde aquele dia, nunca mais a vi na sua forma humana? – fitava as suas mãos segurando as minhas, e percebi que ele queria chorar.

– Entendi que os terianos não conseguissem mais voltar às suas formas originais.

– Apenas aqueles a que chamamos de novos terianos, ou seja, as crianças dessa classe que sobreviveram. Eram muito novos para sofrerem a dor da guerra, portanto, ainda conseguem voltar à sua forma humana. Você já os deve ter visto com patas de ursos ou felinos tatuados, caracterizando o seu clã.

– Sim, mas não sabia que eram terianos. Então Margreet, apesar de ser um deles, nunca mais voltou à forma humana?

– Não que eu tenha visto. Sei que ela nunca aceitou a morte dos pais, porque, ao contrário do resto de nós, os terianos possuem uma memória mais avançada, permitindo-lhes lembrar coisas que aconteceram quando tinham poucos meses de vida. Ela tem vagas imagens na sua memória da mãe cantando para ela dormir ou do pai que se transformava em fera porque ela dava risadas. – abaixou a cabeça. – Às vezes, eu penso que eu sou um dos motivos. – lamentou.

– Não deve se culpar por não sentir o mesmo. Quando eu gostei de Luke, nunca imaginei que iria te conhecer. – sorri para ele, deitando a minha cabeça no seu ombro. – Se eu tivesse ficado em Ardhem e nunca tivesse descoberto a verdade sobre ele, eu teria de me conformar em vê-lo com Alyra, a sua noiva. Tenho certeza de que Margreet vai encontrar alguém.

– Concordo. – sorriu, deitando a cabeça na minha. – Se eu estivesse no lugar dela, seguiria em frente, pois não conseguiria amar quem não me daria um futuro diferente do triste passado que eu tive. – suspirou ao se lembrar de algo. A minha mãe adotiva me contou anos depois a verdade sobre como a minha mãe morreu. Incendiaram várias casas, salas de pesquisas e escolas aquele dia, e a minha mãe estava em uma delas, ensinando um grupo de jovens aprendizes de magos. Eram crianças entre quatro e oito anos, que foram mortas a flechas. Algumas tentaram lutar, mas estavam muito assustadas. Então a minha mãe, sozinha, conseguiu protegê-las, mas acabou morta pelas flechas envenenadas. – cerrou os dentes.

Prendi a respiração por um segundo.

– Sempre questioneei porque os Deuses nos reservavam destinos difíceis de serem aceitos. Muitas vezes, choramos por não aceitar o passado, presente ou futuro, mas eles sempre nos preparam uma surpresa no final. – confortei-o.

– Verdade. – sorriu. – Perdi os meus pais, mas ganhei Izobel como mãe. E agora tenho você. – ele me abraçou.

– Então Izobel é a sua mãe? – perguntei surpresa.

– Izobel adotou não só a mim... – respirou fundo. – Mas eu não quero falar sobre isso. Não agora. – suspirou, e algo me fez perceber que era dessa pessoa que ele sentia mais saudades.

– Eu entendo. – disse compreensiva. – Apesar do seu passado repleto de perdas, acredito que há um futuro de sucessos.

– Principalmente, se você optar por ficar em Shadowfalls. – virou-se para mim, pegando em minhas mãos. – Não quero que se sinta pressionada. Irei apoiar qualquer escolha que fizer, contanto que esteja feliz com ela. Quando disse que esse sentimento havia morrido dentro de mim, foi devido às minhas perdas. Amo a minha mãe assim como Margreet, mas depois do afastamento dela e de... – engoliu em seco. Os seus olhos começaram a querer chorar, mas ele se recompôs. – Achei que seria melhor não mais me apegar a ninguém, até te conhecer.

– Me decepcionei tanto com as pessoas em geral, que talvez também tenha me fechado. Foi muito difícil quando te conheci.

Sacudi a cabeça sorrindo, e ele me beijou. Não restavam mais quaisquer dúvidas sobre os nossos sentimentos, e agora, definitivamente, não tínhamos mais o que temer.

– Então, quanto à Margreet... ela era bonita? – brinquei, com uma leve pontinha de ciúmes e curiosidade.

– Linda. – sorria, gostando do meu ciúme bobo. – Os seus cabelos eram ruivos, com olhos castanhos bem claros, sardas no rosto e um lindo sorriso. Mas, como disse, mesmo com toda a sua beleza, eu só conseguia enxergá-la como irmã. – ficou sério. – Não há ninguém além de você.

– Se quer saber, acho linda a forma como você a vê. Eu não me preocupo com isso.

Aqueles olhos castanho-escuros que viravam o meu mundo de cabeça para baixo me fitavam sorrindo. Ele brincava com uma das pontas das mechas do meu cabelo, enrolando-as no dedo.

– Acho que você tem outros tipos de poderes, Kyara.

– O mago aqui é você. Quem garante não ter usado algum feitiço em mim? – brinquei.

– Magos não fazem isso. – brincou. – Você e o seu jeito me fazendo esquecer o tempo e tudo mais. Viemos aqui para eu te ajudar com os seus poderes.

– Verdade. Eu nem estava mais pensando neles.
– Em quais situações você os manifestou?
– Começou no meu décimo oitavo aniversário, e acho que os meus sentimentos mais intensos os trouxeram à tona.

– Interessante. Já sabemos o que te leva a manifestá-los, só precisamos saber controlá-los. Dessa forma, sempre que necessitar, pode invocá-los sem medo. Precisaremos de situações em que você poderá usá-los para ajudar alguém.

– Fácil! – ironizei.

– Não é tão complicado assim. – riu. – O que aconteceu exatamente quando você os usou?

– Bom, eu já queimei de leve o punho de Luke tentando me defender dele. Quanto a Owen, quando estava amarrado e cansado sem ter comido nada, o meu toque lhe deu forças, levando a sua fraqueza embora. Ele até conseguiu comer depois disso. E também teve Brenda, que tentou me jogar do navio.

– Você percebe que pode possuir um poder grandioso? – arregalou os olhos impressionado.

– Não quero machucar mais ninguém. – assustei-me. – Mesmo que tivessem merecido, eu tive medo do que fiz e, principalmente, de ter gostado. Os meus poderes despertam em mim um lado sombrio e desconhecido, e isso me assusta.

– É assim mesmo. – ajoelhou-se no chão, colocando-se na minha frente. – Sabe, existem dois tipos de poderes bem distintos: um é como o seu, que pode ser invocado; já o outro se dá pelo status de uma pessoa, em que a sua voz decide o que deve ser feito. O mais importante é saber usá-los da forma correta, evitando que eles te corrompam e te façam perder a sua verdadeira essência.

– Tenho medo disso. Mesmo sabendo que não sou o tipo de pessoa que faria o mal dessa forma, fico muito insegura com as coisas que já pensei. Sentimentos desprezíveis surgiam dentro de mim, e eu precisava focar para não me deixar levar por eles.

– Pensamentos ruins habitam as mentes de todo e qualquer tipo de espécie. Você não é diferente nesse sentido, e fico feliz em te ouvir falando dessa forma. – acariciou o meu rosto. – O que te faz diferente é a sua essência capaz de se preocupar com pessoas ou criaturas que acaba de conhecer. Vi o que fez com Brisêys e como se tocou com a história de Margreet. Nunca perca isso, Kyara. É uma das coisas que mais amo em você. Tive uma ideia. – levantou-se, tomando-me pelas mãos.

De repente, Aidan parou, vislumbrando o nada novamente, com um semblante preocupado.

– Acho que Izobel sentiu o que estávamos prestes a fazer, porque ela não parece nada feliz.

Izobel estava de pé, em uma sala que eu ainda não havia visitado. Era de madeira, com livros nas estantes e compotas repletas de ingredientes estranhos. Havia uma enorme mesa de madeira, coberta por pequenos vasos com plantas e livros abertos. Ela notou a nossa presença, mas se manteve concentrada no que estava fazendo. Arrancou dois cogumelos vermelhos de bolas brancas e os picou, misturando-os com pétalas roxas. Amassou todos em um pilão de madeira e depois misturou com um pó que parecia pimenta. Um enorme caldeirão negro borbulhava e quase explodiu quando ela jogou essa mistura nele.

Aidan e eu permanecíamos em silêncio, aguardando ela terminar. Séria, ergueu o olhar de desaprovação para nós. Parecíamos duas crianças com medo de levar bronca ou apanhar da mãe, e eu nem sabia como era ter uma. Calmamente, ela pegou uma cuia e recolheu um pouco do feitiço que havia feito, mergulhando duas pequenas velas e apoiando-as na mesa para que o líquido pudesse escorrer calmamente.

Uma porta que levava para sala do seu trono se abriu por trás de nós. Nós nos curvamos, enquanto ela passava de cabeça erguida e olhar sério, diferente das vezes em que eu a vi.

– Me sigam. – falou sem olhar para trás.

Permanecemos parados por um momento, e depois a obedecemos. Fomos até ela, que, calmamente, subia em direção ao seu trono, sentando com a sua postura ereta, repousando os braços no descanso. Olhou para mim por uns segundos e depois olhou para Aidan. Inflava os seus seios ao respirar firme, tateando os seus dedos pausadamente no descanso de braço.

Envergonhados, fítamos o chão por tentar desobedecê-la. Estávamos desconfortáveis com o silêncio ensurdecedor.

– Desculpa. – arrisquei, quebrando o silêncio. Aidan me olhou espantado.

Izobel parecia não se importar. Estava decepcionada.

– As suas desobediências resultaram em irritar uma força ainda maior, diferente da primeira que senti. – suspirou pesado.

– Essa força pode machucá-la? – perguntou Aidan preocupado.

– Não sei dizer, mas agora só nos resta torcer para que ela não nos localize. – olhou para mim. – Espero que não tente usar os seus poderes novamente sem a ajuda correta.

– Mas quem seria essa ajuda, senão vocês?

– Retirem-se! – ordenou.

– Izobel, ao menos nos diga quais são essas forças para que ela possa se proteger. – implorou Aidan.

Ela apenas nos olhou sem mudar a expressão fria.

– Eu realmente lamento, eu...

– Está quase na hora de voltar para Weston. – respondeu secamente.
Cabisbaixa, virei-me para a saída, e Aidan gentilmente me conduziu para a porta.
– O que ela vai fazer com você?
– Não se preocupe! Aqui não matamos ou machucamos ninguém como castigo.
– Não mesmo? – respirei aliviada.
– Não. No máximo, ela irá me mandar arrumar alguma câmara ou biblioteca, pondo os livros em ordem alfabética, ou limpar algum local sem usar magia. – riu. – É com você que estou preocupado.
– Confesso que também estou com medo, mas não acho que Izobel iria permitir que algo muito ruim acontecesse comigo.
– Nem eu! Venha comigo, tive uma ideia. – tomou-me pela mão em direção a sua sala, onde Brisêys nos esperava sentada em um dos fragmentos de cristais entre as raízes. Ela voou para Aidan, pousando de pé na palma da sua mão.
– Quero que vá com ela para Weston. – disse ao levá-la para perto do seu rosto. Brisêys sorria concordando, parecendo animada em querer ajudar.
– Tem certeza de que é seguro para ela? Eu tenho o amuleto – mostrei-o, tirando da minha blusa. Estava feliz em ter Brisêys ao meu lado, mas temia pela sua segurança perto de Lana.
– Kyara... – segurou as minhas mãos. – Não importa quem ou de que forma possam te ameaçar; você não estará sozinha. Não a mandaria se ela corresse algum perigo e, como a vi nas minhas visões te guiando pela floresta, sinto-me mais seguro em saber que ela estará por perto.
– Vai ser bom ter um pedacinho de Shadowfalls comigo. – sorri.
Brisêys voou alto e rápido, rodopiando, como se comemorasse poder ficar comigo em Weston. Depois pousou no meu ombro.
– Esperem aqui. – Aidan entrou na sua sala e voltou com uma pequena trouxinha de pano roxo, enrolada com uma corda e um pequeno pote de mel.
– É a comida dela: duas nozes sem cascas e uns cereais. Tem esse mel também, que ela adora. Como é uma fada, não precisa de um pote grande. Portanto, esse de quatro centímetros será suficiente.
Era um pote de vidro em miniatura, redondo, tampado por um tecido amarelo e amarrado por uma fita branca.
Os olhos dela brilharam ao ver o pote de mel. Era pequena, mas adorava comer. E, como a trouxinha era bem pequena, seria fácil de esconder.
– O que mais ela gosta de comer?
– Alguns legumes e pães, mas esses são os favoritos dela.
– Então está bem. – olhei para Brisêys, sorrindo. – Vamos para Weston.
Em meio ao sorriso aliviado por saber que ela viria comigo, Aidan estava triste por ter de se despedir de mim.

Era a segunda vez que nos despedíamos, e senti que, a cada despedida, seria ainda mais doloroso. Até quando eu ficaria nessa dúvida?

Caminhamos de mãos dadas em silêncio e passamos por uma enorme árvore. Nela, havia uma sala repleta de prateleiras com poções e mais vidros com ingredientes. Margreet estava sentada em um banco alto, enquanto dizia para Owen o que fazer. Ele misturava várias fórmulas na grande mesa de madeira ao olhar atento e encorajador dela. Ele percebeu a nossa presença e acenou, mas ela sequer moveu o seu olhar.

Perto da fonte onde conversamos sobre Margreet, estava o grande cesto de palhas trançadas com as blusas de Arturo e Tristan.

– O cesto! Não lavei as blusas! – lembrei-me desesperada de que não teria tempo para lavá-las.

– A magia lavou para você. – piscou.

– Acho que nunca me acostumaria com isso.

O portal se abriu para fora de Shadowfalls, e aquela floresta de Weston começava a não ter um efeito positivo sobre mim. Ela era cenário de encontros e despedidas, mas a parte ruim estava pesando mais. Estava tão triste em me despedir que nem percebi se a minha cabeça doeu ou não ao atravessá-lo.

Botei o cesto no chão, e ele me tomou nos seus braços, beijando-me. Ele me apertava contra o seu peito, acariciando o topo da minha cabeça.

– Promete que volta amanhã?

– Claro que voltarei.

Nós nos abraçamos por um tempo, até que tive realmente de ir. As meninas já deveriam estar prestes a começar a fazer o almoço, e precisaria ajudá-las. Após o último beijo, comecei o meu caminho de volta.

Suspirei ao olhar para trás e ver o lindo rapaz que me olhava triste ao ir embora. Parecia errado termos de passar por isso, e somente então pude compreender Alyra.

Brisêys estava sentada na beirada do cesto, perto da alça trançada, para se esconder dentro da manga da minha blusa caso precisasse. Enquanto isso, olhava para tudo atenta e curiosa.



Capítulo 13

Os habitantes de Weston não eram ruins a meu ver. Realizavam as suas tarefas e, felizes, conversavam em um enorme clima amigável. Contudo, começava a me questionar se era aqui o lugar a que eu realmente pertencia.

O toque do amuleto no meu colo me trazia conforto e segurança, mas temia usá-lo em situações não tão perigosas. De qualquer forma, independente do motivo, ir à Shadowfalls nunca seria perda de tempo. Infelizmente, não sei se pensava da mesma forma em relação à Weston. Suspirei discretamente para que Brisêys não percebesse que eu estava triste.

– Kyara! – alguém grita o meu nome.

Brisêys rapidamente correu por dentro da manga comprida da minha blusa, subindo na altura da minha nuca, aproveitando os meus cabelos soltos para não ser vista. Gwen acenava feliz em me ver, e não foi surpresa que Lana azedasse o seu semblante, mas a expressão tensa de Megan me preocupou.

Elas traziam cestos e sacos repletos de carnes, frutas, legumes, entre outras coisas que não conseguia ver. Lana carregava uma enorme trouxa de juta, um tecido branco, impedindo que eu visse o que ela trazia.

Gwen estava tão feliz, que não pude evitar sorrir, embora ainda estivesse intrigada com a expressão de Megan.

– Conseguiu lavar tudo? – olhou para o cesto impressionada.

– Como disse, estou acostumada. – sorri.

– Estou tão feliz que consegui terminar a tempo. Compramos bastante coisa para o almoço e jantar, e Lana prometeu fazer um belo assado. – disse empolgada.

Lana sorriu levemente, ajeitando a postura de forma superior, e eu a ignorei, pois Gwen continuava a falar, feliz por estarmos todas juntas.

– Vai ser tão divertido! Vamos fazer uma comida deliciosa, e depois tenho uma surpresinha para vocês. – suspirou abraçando o seu cesto repleto de frutas.

Não tinha como não ficar feliz perto de Gwen, ainda mais vendo a sua felicidade por ter companhia. Assim como eu, ela havia ganhado irmãs e, mesmo que uma delas fosse Lana, confortava-me saber que ela gostava de Gwen. Com duas irmãs, ela sofreria se eu fosse embora? E eu? Conseguiria ficar sem ela ou Megan?

Gwen falava sem parar sobre como o dia seria divertido, e eu sorria ao ver o quanto estava ansiosa para nos entregar a surpresa. Lana perguntou várias vezes o

que era, enquanto Gwen apertava os lábios, sacudindo a cabeça como se estivesse se divertindo por se recusar a contar. Megan, ao contrário de nós, estava quieta. Olhei para ela questionando a sua expressão, e Megan apenas suspirou sacudindo a cabeça lentamente. Lana, como sempre, prestava atenção. Será que eu nunca poderia falar algo com alguém na sua frente sem que ela tentasse ouvir? Parecia que tudo era motivo para me atrapalhar de alguma forma.

Chegamos em casa, e fui direto para o jardim pendurar as blusas. Ao botar o cesto no chão, Brisêys saiu pela minha manga, sentando na alça do cesto.

– Está com fome? – perguntei baixinho, e ela consentiu ansiosa.

Retirei do meu bolso a pequena trouxinha de pano roxo e desfiz o nó que o amarrava. Peguei um cereal que parecia um grão de arroz seco e estendi a ela. Olhei o pequeno pote com mel, e os seus olhos brilharam.

Nesse instante, senti que alguém me olhava de dentro da casa, e só poderia ser Lana. Se demorasse muito para estender uma das blusas, ela viria desconfiada, tentando investigar.

Então, discretamente, botei o pote junto com a pequena trouxinha no meu bolso ao pegar uma das blusas.

– Me desculpe. – sussurrei para ela. – Prometo que depois eu lhe dou. – sorri.

Ela entendeu e pareceu se conformar com apenas o cereal por hora. Sabíamos que seria assim, mas não conseguia evitar me sentir mal por não dar a ela o mel que tanto gostava.

Depois que pendurei as blusas, ela voltou para dentro da minha manga. Eu precisava achar um local seguro para ela. Ainda segurava o pequeno pote de mel quando entrei com o cesto vazio na casa e escutei Gwen me chamando da cozinha. Coloquei o cesto na mesa e descí.

Todos os alimentos estavam fora dos cestos, sendo separados para o almoço e jantar. Megan, pela primeira vez, sorriu ao me ver descendo as escadas. Lana nem virou para trás.

– Compramos costelas de porco para hoje à noite e estamos decidindo se faremos um assado de cordeiro ou um frango para o almoço. – disse Gwen. – Como seremos apenas nós quatro, não faço questão de comer algo muito elaborado.

Algo mais simples estaria bom. O que vocês acham?

– O que você quiser comer para mim estará ótimo. – respondi.

Lana se virou para mim revirando os olhos. Dei de ombros.

– Eu acho que Lana poderia fazer algo mais simples para nós quatro, afinal, não demoraríamos tanto para ajudá-la a preparar e a limpar tudo depois. Ainda teremos mais tarefas antes de preparar o jantar, o que nos faria ganhar tempo. – sugeriu Megan.

– Por mim, está ótimo! Vou pondo a mesa lá em cima para nós enquanto você e Lana decidem. Kyara, pode me ajudar?

– Claro, Gwen.

Estava feliz em sair do mesmo local onde Lana estava, mas fiquei triste por Megan que, por algum motivo, não queria ficar a sós com ela. Gwen subiu as escadas na frente, e aproveitei para tocar a minha nuca, perto de onde Brisêys estava, para saber se ela estava bem. Ela acariciou o meu dedo em resposta positiva, mas, de alguma forma, eu sentia a sua frustração ao perceber que alguém ali não me agradava.

Já na sala, Gwen foi em direção ao guarda louças, pegando os pratos.

– Mal vejo a hora de lhes dar a surpresa. – disse empolgada.

– Obrigada, Gwen, mas não precisava. – sorri, pegando os copos.

– Eu faço questão. Não fazem ideia do quanto estou feliz com a chegada de vocês.

Ah, Gwen... ela era a pessoa mais doce que havia conhecido.

Retirei o cesto da mesa, abrindo espaço para pormos a louça, quando vi o pequeno pote de mel. Não acredito que me esqueci de guardá-lo! O pior foi que nem tive tempo de pegá-lo, pois Gwen o notou.

– Mas o que é isso? – perguntou, girando-o lentamente, olhando os seus detalhes.

Suava frio. Como pude ser tão distraída? Como ia fazer para pegar o pote de volta?

– Não sei... – minha voz saiu trêmula.

– Às vezes, os mercadores dão pequenos brindes quando compramos muito nas suas barracas. Pode ser que tenha sido um deles. – deu de ombros, guardando o mel no seu bolso. – As meninas devem ter pegado e o esqueceram aqui. – voltou a sorrir enquanto arrumávamos a mesa. E eu estava me sentindo muito mal por Brisêys. O meu coração acelerava como se Gwen tivesse descoberto Brisêys. E, como sabia que o pote chegaria à Lana, temi pela sua segurança. Ela não era tão ingênua quanto Gwen e tentaria de tudo para descobrir o que eu estaria escondendo. Colocamos a mesa enquanto eu lutava internamente, não me perdoando por ter descuidado do pote, até que descemos para ajudar as meninas na cozinha. Megan estava cortando cenouras e batatas.

– Então... nós optamos por fazer frango. – disse Lana pondo lenha no fogão.

Eu e Gwen nos olhamos, concordando. Lana tinha dois poderes, o de me irritar sem dizer nada e de transformar qualquer comida simples em algo delicioso.

– A propósito... tirou o pequeno pote de mel do seu bolso. – Isso aqui pertence a alguma de vocês?

Megan apenas sacudiu a cabeça, não dando muita importância, mas Lana virou-se rapidamente, pegando o pote das mãos de Gwen. Olhava calmamente os detalhes

e voltava o seu olhar para mim, desconfiada. – Que interessante, tão pequenininho... de onde pode ter vindo?

Dei de ombros, mas ela pareceu não acreditar em mim.

– Seja lá de quem for, se apareceu aqui, é nosso. Vou despejá-lo em um suco para adoçar. – provocou.

– Não!!! – gritei.

As três ficaram surpresas.

– Há tão pouco mel para adoçar um jarro grande de suco que ninguém vai perceber.

– Então o deixe aqui comigo que eu vejo o que fazer, afinal sou a cozinheira, certo? – deu um risinho cínico, enquanto colocava o pote de mel no bolso do avental lentamente para me provocar.

Eu queimava de raiva por dentro, mas não podia transparecer. As minhas mãos começaram a querer queimar, e precisei me controlar ao máximo, olhando para Lana com a expressão mais apática possível.

– Tem razão. – forcei um sorriso.

Voltei o meu olhar para Gwen, que oferecia ajuda a Megan para cortar os legumes.

– Ei! – Lana estalou os dedos perto do meu rosto, apontando para as lenhas. – Bote-as no fogo enquanto eu termino de preparar o frango! – pediu com grosseria.

Respirei fundo, tentando ignorar os choques que sentia nas mãos, e, lentamente, fui colocando uma por uma, mentalizando coisas boas. Aidan estava certo quanto a eu não pertencer a nenhum local onde ela estivesse por perto. Olhava para Megan e Gwen. Eu adorava as duas, mas Lana estragava qualquer clima de amizade ou familiar que pudéssemos criar. O meu lugar era realmente aqui? Seria justo que eu deixasse uma única pessoa me afastar de todos de que eu gostava? O meu coração apertou por pensar em deixá-las, mas o meu humor mudou completamente ao pensar que agora poderia estar com Aidan. Por um segundo, cogitei segurar o medalhão.

Aproveitando que Lana estava de costas limpando o frango, Brisêys voou para dentro do bolso da minha calça. Ela me olhava triste, mas não era pelo mel. Olhei para ela e suspirei.

Megan virou-se para mim quando terminei, demonstrando ansiedade em poder falar comigo. E eu estava tensa querendo saber do que se tratava.

Estávamos com tanta fome e cansadas, que comíamos em silêncio, mas Megan não mudava o seu semblante. Brisêys havia saído do meu bolso e sentado na minha coxa. Discretamente, retirei uma noz e dei a ela. Preocupada se ela sentia sede, peguei um copo de água que ainda não havia bebido e fingi tomar. Elas estavam tão

concentradas em comer, que eu abaixei o copo, de cabeça baixa, olhando para Brisêys.

– Você está bem? – perguntou Gwen.

Como em um susto, Lana levantou o olhar na minha direção.

– Estou apenas agradecendo mentalmente aos Deuses por terem nos trazido para Weston.

– Eu também estou muito feliz por terem vocês três. Vamos agradecer juntas?

Nem mesmo Lana podia negar que a sua vida aqui era melhor e, ao invés de amarrar a cara, sorriu, querendo agradecer também.

Olhávamos para baixo, ouvindo as palavras de gratidão de Gwen, enquanto Brisêys bebia da água com vontade. Aproveitando que as três estavam de olhos fechados, antes que Gwen pudesse terminar, posicionei o copo na mesa novamente sem que ninguém percebesse.

– Obrigada, Gwen. Foram lindas as suas palavras. – disse Megan.

– Somos uma grande família agora. – sorriu Gwen.

Megan sorriu, mas logo ficou triste novamente. Eu precisava arranjar um jeito de falar com ela após o almoço. E, ao descer para lavarmos as louças, acabei tendo uma ideia.

– Vamos precisar de mais água para a louça do jantar. – falei.

– Não se preocupe. – disse Gwen. – Eu vou buscar mais tarde. Sempre busco antes, mas, como demoramos no mercado, não tive tempo.

– Por que não descansa enquanto Megan e eu iremos buscar?

Megan, que rapidamente entendeu o meu plano, consentiu com a cabeça, aflita para que fôssemos logo.

– Assim dá tempo de você e Lana fazerem a limpeza e separar a comida do jantar. – acrescentou Megan.

– Ótimo. O nosso vizinho tem uma pequena carroça. Vocês podem usá-la para transportar mais água. – continuou em tom de brincadeira. – E, por mais que você adore ir à floresta, por favor, pegue dos aquedutos desta vez. O caminho é mais curto, e não podemos demorar.

Concordei.

– Vou pedir a carroça emprestada. Vivo costurando as blusas deles. Uma troca de favores. – sorriu.

Enquanto Gwen não voltava, ajudamos Lana com a louça até ouvirmos a sua voz nos chamar pela fresta da janela que ficava no alto. Pegamos todos os vasilhames vazios e qualquer objeto em que pudéssemos coletar a água, colocamos em cima da carroça e seguimos em direção aos aquedutos. Finalmente, eu e Megan poderíamos conversar.

– O que aconteceu?

– Eu vi Luke e os outros guerreiros treinando os escravos. – falou assustada.
– Treinando? – preendi o fôlego, estendendo a minha mão pedindo um pouco de tempo. – Treinando como?
– Treinando luta, como se fossem entrar em guerra.
Levei a mão à boca. O acordo!
– Ouvi algo como se estivessem lhes prometendo liberdade quando voltassem para Ardhem se lutassem ao lado deles.
– Pelos Deuses! Weston está se preparando para uma guerra?
Senti Brisêys se remexendo impacientemente no meu bolso.
– Tudo indica que sim!
– Lana e Gwen sabem disso? – peguei nos seus braços.
– Acho que não. Não quis comentar nada.
– Fez bem. Não precisamos preocupar Gwen à toa. Me conta tudo o que você viu. – voltamos a andar.

– Os escravos vestiam as mesmas armaduras dos guerreiros enquanto eram treinados, e, na volta, ouvi Luke lhes prometendo liberdade e riquezas. Eles ouviam atentos, e senti que estavam realmente considerando a proposta. Mas, como havia alguns que ainda estavam em dúvida, os guerreiros chamaram a todos para selarem os seus novos destinos e os das suas famílias bebendo na taberna como irmãos.

– Isso não é nada bom! Por um acaso, disseram quem eles queriam atacar?
– Não que eu tenha ouvido, mas também não me importa. Estou preocupada com eles.

Precisava avisar Aidan o mais rápido possível, mas não teria como ir lá agora nem poderia mandar Brisêys ou usar o amuleto. Confiava em Megan e queria contar a ela, mas não poderia. Não agora.

Chegamos aos aquedutos e, em silêncio, enchíamos os vasilhames um a um.

– Kyara, o meu maior medo é que os escravos podem facilmente morrer na guerra por não serem tão bons quanto os guerreiros. E aqueles que sobreviverem? Irão realmente ter liberdade ao chegarem à Ardhem ou serão jogados para as sereias novamente? – suspirou. – Não confio nos guerreiros. – começou a chorar como se tivesse mais a me dizer. – Lugh me violentava constantemente.

Quase deixei cair o vasilhame.

– No dia em que incendiaram a minha aldeia, o filho de Lugh me violentou ao lado do corpo sem vida da minha mãe, e raras eram as vezes em que Lugh não o fazia. Por isso que, muitas vezes, voltei para a casa em prantos. Odo era o único escravo sem ser de Lugh que sabia da verdade, enquanto os outros me confortavam por pensarem que eu apenas apanhava. Na noite em que o acordo foi selado, enquanto comemoravam bebendo na taberna, Lugh estava tão feliz que, em troca, havia me oferecido para Arturo. Uma noite em troca de um barril de hidromel de

Weston. Arturo me olhou de cima a baixo, como se estivesse gostado da proposta, e, com um sorriso malicioso, levou-me para trás da taberna. Ao sairmos da vista de todos, o seu semblante mudou para acolhedor, assegurando-me de que não me encostaria. Ele me ajudou a secar as minhas lágrimas e me perguntou com qual frequência Lugh me oferecia dessa forma. A princípio, tive receio de contar, mas acabei cedendo. Indignado, Arturo prometeu que me tiraria dali, oferecendo a Lugh um carregamento cheio de diversas bebidas de Weston para que ele pudesse trocá-las por coisas caras. Naquela mesma noite, enquanto Lugh me violentava pela última vez, ria e debochava da tentativa fracassada de Arturo em me tirar dele, dizendo que os guerreiros haviam proposto algo melhor se ele me deixasse ir para servir de oferenda para as sereias. Depois me ameaçou, dizendo que, se eu abrisse a boca, os guerreiros fariam fila para me violentar até que eu morresse antes mesmo de pisar em Weston, jogando o meu cadáver para elas. Só soube que ele havia mentido quando Arturo disse que eu viria com ele. – limpava as lágrimas.

Também chorei ao abraçá-la. Se já achava inaceitável acontecer apenas uma vez a alguém como Lana, imagina saber que o mesmo ocorreu repetidas vezes a alguém como Megan?

– Se eu tivesse ficado sabendo ainda em Ardhem, eu podia ser morta ou o que for, mas faria ele pagar antes! – rangi os meus dentes de raiva.

– Eu sei, Kyara. Confesso que já tive muita vontade de me aproximar de você no passado, mas as nossas tarefas não deixavam.

– Por que não veio me procurar à noite? Por que não bateu na minha porta?

– Não sei... tinha medo até quando conversava com Odo...

Uma borboleta branca pousou na carroça nos observando.

– Ele pode nunca ter o que realmente merece, mas você agora tem. Uma família com pessoas que se importam e o coração de um homem bom, sem contar que agora finalmente somos amigas.

– Não me entenda mal, estou muito feliz por isso, mas, por outro lado... – suspirou derramando mais uma lágrima, olhando para o vasilhame vazio, preocupada com os escravos. Eu tinha um plano, mas não poderia falar para ela agora. Gentilmente, retirei o vasilhame das suas mãos, segurando-as.

– Vai ver que os guerreiros estão mentindo para os escravos mais uma vez. Talvez não haja guerra alguma e tudo isso faça parte de mais um plano cruel dos guerreiros de Ardhem para conseguirem alguma coisa boba. Sabe como eles são e como mentem.

Ela não parecia acreditar muito na minha hipótese, mas não tínhamos escolha.

– Ora Megan, acha mesmo que Arturo não diria nada se estivesse indo para alguma guerra? – sacudi as suas mãos, tentando animá-la. – Os guerreiros de Weston não permitiriam que fizessem mal aos escravos. Você viu como eles são

bons. Acho que tudo isso não passa de uma brincadeira de mau gosto. Acredite em mim! Ninguém vai se ferir, não fisicamente.

– É, talvez você tenha razão. – disse tentando se convencer.

– Tristan não tirou os olhos de você hoje de manhã. – tentei mudar-lhe o foco.

Ainda olhando para o chão, ela sorriu, corando as bochechas. A sua pele era tão clara que facilmente ficava vermelha.

– Ele estava tão bonito com aquela blusa cinza, não é mesmo? – disse encantada com a imagem na sua memória.

– Estava sim. – sorri, tocando o meu ombro no dela como em uma brincadeira.

– Ei! – sorriu brincando, pondo as mãos na cintura.

– Não sou como Lana, e digamos que eu prefira cabelos mais escuros. – suspirei, não conseguindo disfarçar.

– Kyara!!! – os seus olhos brilharam.

Deixei escapar e tentei de tudo para disfarçar, mas Megan não acreditou. Ela olhava ansiosa, querendo saber mais e juntando as suas mãos ao rosto em um enorme sorriso...

– Você gosta de alguém!

A borboleta branca voou para longe.

– Não, não... eu só disse que...

– Kyara, você é a minha melhor amiga. Se não pudermos contar nada uma para a outra, para quem iremos contar? Tudo bem guardar um ou outro segredo, mas isso? – ela me olhou como se tivesse percebido algo. – É alguém que você viu na floresta?

Não pude deixar de corar as minhas bochechas sorrindo, tanto por Aidan quanto pelas suas palavras. Era bom ser a melhor amiga de alguém pela primeira vez e me senti mal em não poder contar toda a verdade. Mas eu adoraria poder extravasar a minha felicidade. E por que não com ela?

– Eu sabia! Sabia que toda aquela vontade de ir lavar as roupas no rio ia muito além do seu amor pela floresta.

– Mas como você percebeu? Eu sempre gostei de florestas.

– Não éramos amigas em Ardhem, mas, nas inúmeras vezes em que a vi indo para a floresta, nunca notei esse sorriso ou essa vontade que você demonstrou ontem desde que voltou de lá. Algo te fez muito feliz em querer voltar. Agora eu sei. – sorriu feito criança, sentou na margem do aqueduto, cruzou as pernas e os braços. – Não sairei daqui enquanto não me contar. – falou decidida.

– Conto se me prometer que Lana não irá nem desconfiar.

– No que depender de mim, ela jamais saberá. – balançava as suas pernas ansiosamente, com um largo sorriso no rosto aguardando que eu contasse.

Propositalmente, fui para a parte de trás da carroça, fingindo ajeitar os vasilhames. Como Megan só conseguia ver do meu estômago para cima, Brisêys pôde sair, sentando na costura do meu bolso em que ela estava. Ela sabia que não contaria a verdade, mas, assim como Megan, ela me olhava ansiosa pelo o que eu ia contar.

– Tudo o que eu sei é que o seu nome é Aidan. Ouvi alguém chamá-lo e acho que ele mora em uma das primeiras casas. Mas não é como você e Tristan. Ele ainda não me viu, entende?

Brisêys levou as mãos à boca, prendendo o riso. Parecia se divertir com a minha meia verdade. Ao mesmo tempo, estava feliz por saber que eu de fato gostava dele.

– Como ele é?

– Ah, ele tem cabelos castanhos ondulados que caem na altura das orelhas, olhos castanhos e uma pele bem clara. – suspirei apaixonada.

Brisêys bateu as asinhas enquanto Megan levou as mãos ao peito ao mesmo tempo.

– Precisamos dar um jeito de ele te notar. – falou decidida.

– Não precisa, Megan. Ele deve ter alguém. Nem vai querer olhar para mim.

– E por que não? Você é tão bonita.

Prendo o fôlego por um segundo. Ninguém além de Grand me dizia que eu era bonita, e agora ouvia isso de Aidan e Megan? Era bom de ouvir, mas difícil de me acostumar.

– Sabe, Kyara. Não tínhamos muita chance de nos arrumarmos por sermos escravas. – veio na minha direção, passando o braço ao meu redor. Brisêys voltou para o meu bolso. – Mas, agora que somos livres, vamos começar a ganhar dinheiro e poderemos comprar uma roupa melhor ou algo que nos deixe mais apresentáveis. Podemos usar vestidos, não tão bonitos como os de Brenda ou Alyra, mas, pelo menos, não serão estas roupas velhas.

Ainda não nos vestíamos como as moças de Weston, e, de fato, não seria ruim poder me sentir mais feminina, principalmente agora. Uma moça passou por nós com um lindo vestido lilás, carregando um cesto de flores.

– É, acho que você tem razão. – disse comparando-nos a ela.

– Pensaremos em um jeito de esse rapaz te notar.

– Precisamos é levar toda essa água antes que fique tarde. – brinquei apressando-a

Megan foi para o outro lado pegar o último balde vazio da carroça para enchê-lo. Não sei por quanto tempo conseguiria fazê-la esquecer o que viu mais cedo, mas eu precisava manter o meu foco em descobrir sobre essa possível guerra. Abaixei fingindo que ia coçar o meu pé enquanto Brisêys saltava para a palma da minha mão.

– Por hora, não tenho muito a fazer, a não ser deixar todos de Shadowfalls atentos. Contamos a Aidan amanhã, está bem?

Ela balançou a cabeça concordando, mas, assim como eu, estava tensa.

Subimos a ladeira em silêncio devido ao peso dos baldes e vasilhames cheios. A carroça estava tão pesada que eu mal consegui pensar no meu plano, até que dois homens fortes nos ofereceram ajuda. O que levaríamos um bom tempo para conseguir, eles pareciam ter conseguido em segundos.

Gwen apareceu na porta de cabelos molhados e um longo vestido roxo escuro de mangas curtas. Ela acenou para os dois homens que sorriam e foram embora depois que agradecemos a ajuda.

– Lana está tomando banho. Depois serão vocês. – disse ansiosa, vindo na nossa direção e nos ajudando a levar os vasilhames para dentro.

Lana já havia separado tudo para a janta e só faltava cozinhar. As costelas de porco estavam apenas esperando serem temperadas e assadas. Ela entrou na sala com um roupão bege e, mais uma vez, desfez o seu sorriso ao me ver.

– Megan, vai tomar banho! – brincou como se desse uma ordem, e Megan correu ansiosa enquanto ríamos.

– Lana, venha comigo! – Estendeu a sua mão para ela. – Quero que vocês duas se dirijam para o meu quarto depois do banho. Separei roupões para vocês no banheiro.

Enquanto esperava, prontifiquei-me a levar os outros vasilhames para a cozinha, e, aproveitando que não tinha ninguém à vista, Brisêys saiu do meu bolso, fazendo um olhar enojado.

– Lana, não é? – falei entediada.

Ela balançou a cabeça. Suspirei.

– Ela me dá raiva, mas passa quando penso nas pessoas de que gosto. E você é uma delas.

Brisêys sorriu.

– Está com sede?

Balançou a cabeça. Peguei um vasilhame e botei no chão, entre a carroça e o meu corpo, para que ela pudesse beber. As suas minúsculas mãozinhas pegavam um pouco d'água, levando à boca até cessar a sua sede. Então voltou para o meu bolso. Doía em mim vê-la presa toda hora, mas não podíamos arriscar que fosse vista.

Ao entrar, encontrei com Megan de roupão bege, indo em direção ao quarto de Gwen.

– Demorou no banho. – brinquei.

– Peguei o esfregão perto dos roupões e aproveitei para limpar pelo menos o excesso daquela água nojenta para que você não precisasse pisar.

– Obrigada, Megan! Não precisava. – sorri.

– Vamos deixar limpo para Arturo e Tristan mais tarde?
– Claro! Mas eu já ia mesmo limpar depois que terminasse.
– Eu sei. – sorriu. – Mas, pelo visto, alguém não se prontificou a fazer. – revirou os olhos.

– Lana não limpou? – perguntei espantada, embora nem um pouco surpresa.
– Não. – balançou a cabeça em desaprovação. – Não faz ideia de como estava quando entrei lá. Até cabelo tinha.

– Que horror! – fiz cara de nojo enquanto pegava o meu vasilhame para o banho. Megan subiu, e Arturo chegou com Tristan em seguida.

– Quanta água! Conseguiu trazer isso tudo sozinha? – perguntou Tristan espantado.

– Megan me ajudou. – falei provocando-o de leve, e do seu rosto um tímido e largo sorriso brotou.

– Já carregou muito peso por hoje, deixe-nos levar o resto. – disse pegando um dos maiores, mas eu insisti em ajudá-los, pois, um dia intenso de treinamento no castelo, com certeza, foi mais cansativo do que limpar a casa ou fazer comida. Embora estivessem realmente pesados, até que terminamos rápido. Primeiro, levamos os maiores e mais pesados para o banheiro. Dessa forma, cada um teria a sua própria água de banho. Depois levamos os médios e os menores para a cozinha. Quando voltávamos para a sala, após termos terminado com os vasilhames, Tristan quase caiu para trás. E não foi de cansaço, mas sim ao ver Megan descendo as escadas com o seu novo vestido. Os seus olhos brilharam como se estivesse tendo uma visão. Até eu prendi o fôlego. Ela estava linda em um longo vestido rosa, de mangas até os cotovelos e um babado nas pontas. Na frente, era curto, mas atrás, caía até a altura das suas coxas. Gwen havia trançado as duas mechas da frente dos seus cabelos e as prendera para trás, fazendo Megan parecer uma linda princesa.

Lana veio em seguida, em um lindo e longo vestido verde de decote reto, mangas largas e compridas, que deixavam os seus ombros e o seu colo à mostra. O seu cabelo negro estava preso em um coque para cima, ressaltando o seu rosto. Tinha de admitir que ela estava linda, mas nem se comparava à Megan.

– Resolvi fazer uma surpresa e comprei um vestido para cada uma. – sorria de orelha a orelha.

Os olhos de Tristan e Arturo brilhavam ao ver Megan, que não conseguia fitá-los tamanha era a sua timidez.

– Megan, você está linda! Não é mesmo, Tristan? – suspirei.

– Ela está perfeita! – Os seus olhos brilhavam.

Naquele exato momento, decidiram não mais esconder os seus sentimentos, e o clima não poderia estar mais feliz se não fosse por certa pessoa indignada que se recusava a aceitar esse amor.

Tristan se aproximou da escada, estendendo a sua mão para Megan, que descia ao seu encontro com uma mão no corrimão devido ao nervosismo. Ela tocava o seu colo emocionada, e Lana, invejosa e maquiavélica, traçava algum tipo de plano na sua mente. Por um breve segundo, eu senti pena. Tínhamos uma nova vida, repleta de oportunidades. Ela estava tão bonita em seu novo vestido e, com tantos rapazes lá fora que poderiam fazê-la feliz, iria realmente insistir em alguém que não a amava? Ela era bonita e legal com quem gostava. Suspirei lamentando, mas com ou sem pena, no que dependesse de mim, os seus planos iriam fracassar.

– Vocês estão lindas, meninas. Todas vocês. – disse Arturo se aproximando.

Emocionada, ela largou a mão de Tristan e correu para Arturo em um forte abraço de agradecimento pela promessa que ele a fez na taberna. Ele, por sua vez, chorava como se tivesse salvado a própria filha, exatamente o que ela acabara de se tornar para ele.

Gwen e Tristan se juntaram ao abraço, reforçando o laço de uma nova família, mas Lana havia ficado na escada, revirando os olhos, de braços cruzados, achando tudo aquilo um exagero. Eu os olhava emocionada, até que Arturo me estendeu a sua mão, e eles me olharam como se me convidassem a me juntar a eles. Em lágrimas, obedeci, e assim ficamos por uns segundos. Pelos Deuses, como poderia deixá-los? Gwen, na sua inocência, quebrou o clima.

– Vamos ter esse abraço novamente quando conseguir comprar sapatos novos?

Gargalhamos, lentamente desfazendo o abraço, enquanto limpávamos as lágrimas que agora davam espaço a um clima descontraído. Lana olhava para os pés como quem realmente quisesse sapatos novos.

– Imagina Gwen... olha que lindo presente você nos deu! – disse Megan humildemente agradecida.

– Fico feliz que tenham gostado, mas insisto em dar-lhes sapatos. – virou-se para mim: – Agora só falta você, Kyara.

Elas estavam tão lindas que mal podia esperar para ver como seria o meu. Portanto, corri para o banho, enquanto Tristan gentilmente conduzia Megan para o lado de fora, na entrada. Era muito bom começar a me vestir de forma mais feminina.

Brisêys estava tão ansiosa quanto eu, e poderíamos aproveitar o tempo sozinhas para conversar.

Já despida, o amuleto brilhou ao refletir nas luzes das velas nos castiçais próximos à banheira. Apertei-o contra o peito, deixando cair uma lágrima. Ele me protegia, mas me dividia entre dois mundos opostos, em que eu seria forçada a fazer uma escolha. Brisêys entristeceu o seu semblante, sentindo a minha dor, mas qualquer que fosse a minha escolha, ela viria mais tarde. Precisava focar em algo mais importante.

– Não pense que em um minuto sequer tirei o que Megan me disse da cabeça. – falei ao entrar na banheira para Brisêys, que sentava na borda. – Precisamos avisar a Aidan e Izobel o mais rápido possível.

Ela concordou.

– Queria que você avisasse a eles ainda hoje, mas como irá voar tão longe e sozinha? Vou ver se descubro algo antes de ir para a floresta. Como sou cidadã livre aqui em Weston, posso tentar me aproximar dos escravos para descobrir mais.

Concordou novamente. Ela parecia bem preocupada, mas, assim como eu, sabia que nada poderíamos fazer hoje. Não tivemos escolha a não ser relaxar e esperar até amanhã.

Saí do banho com o meu roupão, e Brisêys voltou-se para o bolso da minha calça velha.

Carreguei as minhas roupas com cuidado, sempre pensando nela e na sua segurança.

Arturo e Lana colocavam a mesa. Ele nada dizia a ela, e ela, por sua vez, parecia fazer tudo no automático, enquanto bolava planos na sua mente.

– Kyara, finalmente! – gritou Gwen, fazendo-os notarem a minha presença, enquanto corria e me tomava pela mão ao me conduzir pela escada.

– Eu vou junto! – disse Megan, entrando na sala, largando as mãos de Tristan.

Gwen correu para pegar o pacote em cima da sua cama e, com um sorriso de orelha a orelha, delicadamente retirava o vestido. Quando ela o esticou na minha direção, só não deixei cair as minhas roupas por causa de Brisêys. Era um longo azul escuro de decote quadrado e mangas compridas de babados brancos nas mãos. Simples, lindo e melhor do que eu um dia sonhei em ter.

– Achei que essa cor forte seria perfeita para você e a sua coragem, assim como a sutileza do rosa combinou com a meiguice de Megan.

Um pássaro branco pousou na janela.

Coloquei as minhas roupas na cama e lhe agradei com um abraço apertado. Megan pegou o vestido com um largo sorriso e, quando nos afastamos do abraço, ela mesma posicionou-o na minha frente.

– Vai ficar linda! – os seus olhos brilhavam de felicidades por mim.

Gwen me virou para o espelho na parede, enquanto ela e Megan me ajudavam com o vestido. O amuleto era invisível aos olhos delas e, mesmo assim, temi que ele pudesse ser notado. Ele era tão fino que nem fez volume no decote.

Eu me olhava naquele vestido e então realmente me dei conta de que havia me tornado outra pessoa. Ganhei irmãs na terra e nas águas, e, como se não bastasse ser livre, ainda tinha o coração de um rapaz maravilhoso.

Infelizmente, com essas mudanças, veio também o dever de tomar uma decisão em que teria de abandonar um deles. Não resisti a deixar cair umas lágrimas.

Elas me abraçaram.

– Nossa, Kyara! Não queria fazer você chorar.

– Desculpa. –brinquei entre risadas e choros.

Eu as abraçava por inúmeros motivos enquanto elas choravam acreditando que eu sentia apenas emoção por ter ganhado um vestido. Ia ser muito difícil ter de deixá-las se fosse preciso, e algo me dizia que isso poderia vir a acontecer em breve.

Megan abanava as suas mãos próximas ao seu rosto. Gwen também respirou fundo.

– Que tipo de penteado poderemos fazer? – perguntou Gwen, fazendo-me sentar na cama enquanto mexia nos meus cabelos.

Gwen pegou uma mecha lateral e jogou para trás, deixando a minha orelha à mostra. Nessa hora, eu estremei.

– Você parece tensa. Está tudo bem?

– É que eu nunca preendi os meus cabelos de forma a deixar as minhas orelhas aparecendo.

– Mas agora é diferente. – sorriu Gwen – Você não está em Ardhem, e o meu pai é um dos homens mais respeitados de Weston. Ninguém nem ousaria lhe tratar mal.

– Verdade! Aqui você pode ser você mesma. – Encorajou Megan, pegando outra mecha e deixando a outra orelha visível.

As suas palavras eram sinceras, mas não conseguiu disfarçar a curiosidade em ver como as minhas orelhas eram. Dei dois petelecos nas pontas das minhas orelhas, e as duas riram da minha bobeira.

– Não vejo nada de errado com elas. Parecem de fadas. – brincou Gwen.

– Obrigada, meninas! É bom poder ter o apoio de vocês.

Trançaram duas mechas laterais dos meus cabelos e depois os jogaram para trás em um coque baixo. Gwen delicadamente puxou duas mechas finas que caíam até as maçãs do meu rosto, e o penteado ficou bem parecido com a pintura de Anabel acima da lareira. Embora ainda estivesse receosa em deixar as minhas orelhas à mostra, havia adorado o penteado.

O pássaro branco continuou na janela e só bateu asas quando nos levantamos para deixar o quarto. Olhei para as minhas roupas na cama. Brisêys!

– Vou levar as minhas roupas lá para baixo. – disse indo em direção à cama.

– Essas roupas velhas? – Gwen me impediu, levando-me para fora do quarto. – Deixe-as aí que depois me livro delas. Chega dessas roupas de escravas!

Eu travei, preocupada com Brisêys. Que desculpa daria para pegá-la?

– Ela está certa, Kyara. Somos livres, agora. – disse Megan, ajudando Gwen a me conduzir para fora do quarto. – Mal vejo a hora de verem como você está linda!

Brisêys havia saído do meu bolso, e, mesmo preocupada, precisei confiar nela e no jeito que daria de vir até mim sem ser vista.

Lana aproveitou a ausência de Megan para conversar com Tristan. Rodopiava o seu vestido para que ele a notasse, mas ele parecia não se importar muito. Arturo estava arrumando as lenhas para a fogueira.

Tristan nos viu, e o seu olhar logo brilhou ao notar Megan, que descia atrás de mim com um largo sorriso. Sem pedir licença, passou por Lana quase que hipnotizado, esperando-nos no fim da escada.

– Ela não está linda? – perguntou Gwen para todos.

Arturo lentamente virou-se para mim com um sorriso tenro. Lana amarrou a cara em uma careta enojada ao ver as minhas orelhas.

– Você está linda, Kyara. – disse Arturo sorrindo como um pai que via a sua filha se transformar em mulher.

– Obrigada! – sorri, fitando o chão.

– Tenho de confessar que você está muito bonita, mas, para mim, ninguém se compara a sua amiga. – disse Tristan, que gentilmente beijou os lábios de Megan.

Lana cerrou os punhos, e eu preendi o fôlego tão surpresa quanto a minha amiga. Os olhares se voltaram ao mais novo casal, e Arturo sorria realizado ao ver o filho apaixonado por uma menina tão doce quanto ela. Megan ainda precisou de uns segundos para se recompor e entender que não estava sonhando, até que notou os olhares.

– Ah, Kyara! Este era o seu momento... – disse constrangida.

– Não, Megan! O meu momento foi lá em cima com vocês duas. – falei de forma doce.

Arturo veio nos receber na escada e nos abraçou. Depois esticou os braços para Megan, chamando-a para perto. Lana não se aproximou nem fora chamada por ele.

– As minhas filhas estão lindas.

Gwen chorou. Estava tão feliz pelo pai ter dito essas palavras: agora éramos realmente uma família, e o meu coração apertava com a possibilidade de deixá-los. Brisêys se escondia entre os pilares do corrimão da escada, e, ao mesmo tempo em que respirei aliviada ao vê-la, ela me remeteu à Shadowfalls e ao quanto também seria doloroso deixá-los.

Lana não tirava os olhos das minhas orelhas sem perder o semblante enojado e então acabou descendo para preparar as costelas de porco. Brisêys a olhava com raiva.

Começamos a pôr a mesa e notei que havia um prato a mais. O cheiro das costelas de porco estava realmente delicioso, e tinha certeza de que ela estava enfurecida por estar na cozinha sozinha e, principalmente, por Megan estar com Tristan em vez de ajudando-a.

Arturo estava na frente da pintura de Anabel e a olhava triste, como se estivesse se desculpando mentalmente. Ele se virou e me viu, percebendo que eu queria

conversar.

– Está tudo bem?

Sacudi a cabeça. Ele apontou para uma das poltronas me convidando a sentar.

– Sente falta de Ardhem? – perguntou melancólico.

– Não, não... – assegurei-o. – Nunca mais quero por os meus pés naquele local.

Ele demonstrou alívio, mas depois parecia preocupado.

– Então o que está te deixando tão triste?

– Megan me contou o que fez por ela, e achei que foi uma atitude muito nobre da sua parte livrá-la de Lugh.

– Ela é um pouco mais velha que a minha filha. Não poderia deixar uma menina ser constantemente violentada.

– E quanto à Lana?

– Bem, não iria trazê-la, mas ela insistiu quando soube que você e Megan viriam. Ela queria uma chance para recomeçar, pois sabia que aqui não seria escrava.

Respirei fundo tentando em vão não transparecer o meu ódio. Eu vi que ele não queria trazê-la, mas não poderia dizer não a um pedido como esse, ainda mais vindo de uma menina que tinha idade para ser sua filha.

– Eu sei que vocês não se gostam, mas não pense que não noto a diferença do caráter de vocês duas.

– Eu sei. Vejo que você é um bom homem e tenho certeza de que jamais faria mal a alguém que não merecesse, não é mesmo?

– Do que você está falando? – engoliu seco.

– Megan viu os escravos sendo treinados pelos guerreiros hoje mais cedo, e Gwen me falou sobre Shadowfalls. Existe alguma ligação? – instiguei-o.

Arturo respirou fundo por um segundo e, quando ia me contar...

– Papai. – interrompeu Gwen, olhando pela janela. – Ela chegou.

Gwen então abriu a porta, e uma mulher apareceu. Ela tinha lindos cabelos negros lisos quase até a sua cintura, repartidos no meio. O seu nariz fino e arrebitado contrastava com outros traços fortes, como os seus enormes olhos verdes e os seus lábios vermelhos e carnudos.

No seu pescoço, um fragmento de cristal facetado, tão verde quanto os seus olhos, que quase se escondia entre os seus seios, pendurado por uma linha branca transparente.

Ela usava um longo vestido preto, de mangas compridas com pontas que quase tocavam o chão e um delicado acabamento vermelho de costuras douradas que contornavam as suas bainhas. Não era muito apertado, mas marcava bem a sua silhueta em um corpo com lindas curvas femininas. Ela parou em uma postura ereta e mãos na cintura, como se estivesse feito propositalmente para intimidar ou mostrar poder. Olhou-me fixamente, como se tentasse me desvendar, depois foi

como se a sua atenção a levasse para o meu amuleto, como se pudesse vê-lo. Intrigada, ergueu as sobrancelhas. Era sombria, mas tão linda que parecia ter sido retirada de uma pintura de tão perfeita.

– Christine chegou. – disse Gwen, a convidando para entrar.

Arturo e eu nos levantamos.

Lentamente, Christine olhou para Gwen e levou a sua mão esquerda que estava na cintura ao seu rosto, acariciando o seu queixo, fazendo-a olhar para ela. As suas unhas pintadas de vermelho eram longas e pontudas como a garra de um animal. Se Gwen não estivesse sorrindo, eu poderia jurar que elas perfuravam o seu rosto.

– Obrigada, querida. Que linda mulher está se tornando. – falou de forma lânguida e sensual.

– Obrigada! – Gwen corou encolhendo os ombros.

Christine lentamente a puxou em um abraço não muito apertado.

– Peço desculpas por tê-la feito esperar. Estava conversando com Kyara e não a ouvi batendo na porta.

– Ora, eu é que peço desculpas por ter atrapalhado a conversa. Então essa é a famosa Kyara? –fitou-me curiosa.

– Sim, sou eu. – falei um pouco ressabiada. Como ela sabia o meu nome?

Christine, mantendo o seu olhar em mim, largou Gwen, vindo na minha direção de braços abertos. O seu andar era tão sensual que ela parecia flutuar.

Diferente do abraço que deu em Gwen, Christine me apertou discretamente para quem via, mas estava quase me sufocando.

– É um prazer finalmente conhecê-la e mal vejo a hora de podermos conversar melhor. –apertou-me mais forte contra o seu corpo após me soltar, e então, discretamente, eu busquei por ar.

Brisêys me olhava da escada, e o seu semblante não era nada bom. Christine nos deixou em sinal de alerta.

Ela olhava ao redor, reparando em cada detalhe da casa, até que olhou para a pintura de Anabel acima da lareira, mudando discretamente o seu semblante para um leve tom de desdém.

Diferente dela, Brisêys parecia sentir saudades. Fixou o seu olhar na pintura e abaixou a cabeça.

– Gwen avisou mais cedo que teríamos visitas hoje à noite. Esta é Christine e, como ela disse, estava louca para te conhecer, Kyara.

– Verdade? – resolvi fazer o jogo dela e fingi estar feliz com a sua curiosidade ao meu respeito.

Ela me olhou sorrindo de forma enigmática.

– Então você trabalha no castelo? – perguntei fingindo curiosidade.

– Eu não trabalho. – fez uma pausa. – Eu moro lá. – disse arrogante, ajeitando os seus cabelos e o seu vestido. Um largo sorriso superior brotou dos seus lábios.

Abri um sorriso maior ainda enquanto sentava na poltrona, apontando para a outra, de modo a convidá-la a se sentar.

– E como é morar no castelo? – apoiei o meu cotovelo no braço da poltrona com o queixo nos meus dedos.

O seu sorriso foi cessando levemente ao notar o que eu estava fazendo. Ela me olhou curiosa e, ao mesmo tempo, parecia se divertir com a situação.

– Desculpe, de onde mesmo você disse que era? – tentou mudar o foco da conversa.

– Vejo que estão se conhecendo. – interrompeu Arturo, sem notar o que estava realmente acontecendo. – Gwen, vamos ajudar Lana e trazer algo para Christine beber. Alguma preferência?

Christine sentava lentamente na poltrona vermelha se recostando, cruzando as suas pernas e pousando os seus braços no descanso de braço da poltrona.

– Não se preocupe comigo, querido. Tomarei o que você for tomar. – Depois, sem mover um músculo do seu corpo, voltou o seu olhar para mim.

Puxou a enorme linha branca e brincou com o cristal nos seus dedos de forma tão graciosa que ele parecia dançar. Por alguns segundos, eu estava hipnotizada, não a ponto de seguir o seu comando, mas o suficiente para sentir o poder que ela propositalmente e discretamente quis mostrar. Ela o seguia com o olhar, até que parou o cristal e, com o seu rosto ainda voltado para ele, apenas moveu o seu olhar para mim.

– Não ouvi a sua resposta.

– Oh, claro! Me desculpe. – sorrindo em uma falsa timidez. – É que não estou acostumada a falar muito sobre mim.

– É mesmo? Mas por quê? – ergueu o seu rosto com um olhar curioso e um leve tom de sarcasmo. – Todas as moças bonitas assim como você sempre têm uma bela história para contar. Garanto que irei adorar saber tudo ao seu respeito. – disse com um leve tom desafiador e, pela primeira vez, não gostei de ser chamada de bonita.

– Ora, a minha vida não é tão interessante como a sua. Nunca pisei em um castelo, nunca tive contato com riquezas e essas coisas. Eu era apenas uma escrava. – dei de ombros.

– Apenas uma escrava? – largou o seu cristal, levando a sua mão ao queixo, ajeitando as suas pernas já cruzadas. Não parecia acreditar em mim.

De repente, fixou o olhar na altura do meu medalhão como se pudesse vê-lo. O meu coração acelerou.

– Sim. Como disse, não há muito que saber ao meu respeito. – disfarcei.

Ela me questionava em silêncio e, mesmo sabendo que não seria fácil, parecia se divertir, segura de que conseguiria obter as informações que queria.

– Tenho certeza de que uma vida jamais poderia ser tão monótona a ponto de não ter história para contar.

– É porque, até hoje, não havia conhecido alguém como eu. – brinquei.

– Ainda não me disse de onde veio. – insistiu.

– Ardhem.

– E como era lá?

– Com certeza, não se compara a Weston.

– Tenho certeza de que não. – falou de forma a debochar da minha antiga aldeia.

Nós duas forçamos um sorriso.

– Então, Kyara, conte-me sobre essas diferenças.

– Bem, não temos mercadores por lá, não usamos moedas, apenas trocamos um item por outro. E as casas, de fato não são tão lindas.

– Que sorte a sua ter saído de lá. – falou amargamente.

Um silêncio ensurdecador e desconfortável tomou conta do local, enquanto ela me olhava fixamente com um leve sorriso maléfico.

– Fale-me sobre os territórios vizinhos.

Prendi a respiração. Os elfos!

– O que tem eles? – sorri tentando disfarçar o meu desconforto com a pergunta.

– Quero saber sobre eles. – sorria degustando cada momento.

Peguei fôlego para falar, quando ela me interrompeu, inclinando o seu corpo para frente e levantando o indicador em alerta.

– Não me diga que eram apenas humanos.

– Está bem... – suspirei.

Voltou a recostar lentamente na cadeira com um largo sorriso. Pegou uma ponta das mechas dos seus longos cabelos negros e começou a entrelaçá-los, aguardando a minha resposta.

– Eram elfos.

– Elfos... – disse ainda mexendo no seu cabelo, perdida nos seus pensamentos.

Voltou o seu olhar para mim e ia falar algo, mas, desta vez, fui eu quem a interrompi.

– Não nos dávamos muito bem, portanto, não sei muito sobre eles.

Ergueu o seu rosto, mexendo os seus lábios como se tivessem coçando e apertando o seu olhar de forma misteriosa como sempre, deliciando-se com o jogo.

– Então não se gostavam?

– Não. – disse rispidamente.

– E não sabe nada sobre eles? – começava a perder a paciência.

– Por que deveria? Não nos falamos!

– Como podem não saber nada de um povo inimigo?

– Não disse que éramos inimigos.

Largou a sua mecha que, apesar de ter sido entrelaçada nos seus dedos, caiu perfeitamente lisa sobre o seu corpo como se não houvesse sido mexida. Virou o seu punho para fora, fechando lentamente os seus dedos, um a um.

– Se não são aliados, são inimigos! – enfatizou. – E, como disse, sempre há um bom motivo! Então, por que não se gostavam? – exigiu.

– Não sei nem nunca procurei saber o porquê.

– Os motivos nunca ficam escondidos. Eles são ditos por terceiros para você ou perto de você, que, mesmo sem estar prestando atenção, acaba ouvindo. Dessa forma, não há segredos ou informações que passem completamente despercebidos.

Fiquei em silêncio.

– Tenho certeza de que, se buscar nas suas lembranças, vai saber o motivo. – sorriu cinicamente.

– Por que quer saber isso, Christine?

Levou a mão ao peito espantada e, com o tom mais falso, ergueu as sobrancelhas, inflando os seus seios que pareciam saltar do decote.

– Apenas curiosidade, afinal, estamos nos conhecendo melhor, não é mesmo? – sorriu maliciosamente.

– Está bem... – cedi ao jogo dela – Nós, humanos, devastávamos muito a floresta, então os elfos se recusaram a usar o seu poder de cura para repor o que tirávamos.

– Não acha fantástico esse poder que eles têm? – os seus olhos brilharam. – Imagina só você poder curar alguém? – suspirou, olhando para o nada.

– Sim, de fato é um poder fantástico. – fiz cara de tédio.

– Na verdade, é magnífico!

– Verdade. – mantive o mesmo olhar.

– Não foi tão difícil assim contar, não é mesmo? Afinal, o que teria demais falar sobre uma rivalidade tão boba? – disse descontraída.

– Como disse, não procurava me envolver muito.

Levou o seu corpo em direção ao braço apoiado no descanso da poltrona, apoiando o seu queixo nos seus dedos. Olhou para as minhas orelhas e para o meu colo, na altura onde o amuleto estava, e então percebi que ela era a força sobre a qual Izobel me alertara. Eu me perguntei se ela era a que me observava ou a outra mais poderosa que eu havia irritado. Ela sentiu o meu medo e sorriu como se isso lhe desse prazer.

– Fale-me sobre os seus pais. – sorriu sarcasticamente.

– Nunca os conheci. – respondi friamente. – Arturo é o único pai que eu tive.

– Fale-me sobre os seus pais! – exigiu sem mexer um músculo.

– Nunca os conheci. – repeti, mantendo o tom frio e despreocupado.

Respirou fundo, erguendo uma das suas sobrancelhas, voltando a se recostar na poltrona. O sarcasmo ainda permanecia de forma bem sutil, mas, agora, tentava em vão não demonstrar estar perdendo a paciência.

– O que houve com eles? Morreram? – perguntou secamente.

Queria segurar o amuleto e me teletransportar para Shadowfalls, mas, se o fizesse, poderia colocar todos em perigo. Algo em mim dizia que ainda não era a hora.

– Ora, querida. Não queria te deixar assim. – disse de forma acolhedora. – Quero que saiba que pode confiar em mim, afinal, se Arturo é como um pai, por que não eu como mãe?

As suas palavras reviraram o meu estômago.

– Conte-me o que houve com os seus pais! – Exigiu de forma firme e intimidadora.

Olhava para as minhas mãos cruzadas enquanto mexia os meus polegares acariciando-as. O seu poder era realmente muito forte, e, naquele momento, enfraqueci. Aceitei a minha derrota e achei melhor contar por bem. Não era à toa que Izobel estava tão tensa.

– Quer mesmo saber? – perguntei sem esperança alguma de que ela fosse desistir. O seu sorriso triunfante respondeu por ela.

– O meu pai, bem, eu nunca o conheci... – chorei.

– Interessante... – respirou fundo, sorrindo e se deliciando com a sua vitória sobre mim.

Via Brisêys pela visão periférica, e ela pulava e gesticulava para que eu não cedesse.

– Por que aquele bêbado nojento a matou dias depois de dar à luz a mim, fugindo sem deixar rastro.

Brisêys quase desmaiou de alívio, e Christine, sem disfarçar o seu ódio, bufava fincando as pontas das unhas na poltrona.

Fui tomada por uma força incrível, segundos antes de responder. As minhas mãos pulsavam fortes uma contra a outra, e eu as apertava ao máximo para não deixar transparecer.

Aqueles olhos verdes transbordavam vontade de me sufocar, coisa que, com certeza, ela faria se pudesse. Mantendo a minha vitimização de forma falsa, olhei para ela, ainda deixando escorrer uma lágrima.

– Entende agora por que eu não queria falar dos meus pais?

Neste exato momento, ao ouvir os passos e as vozes de Gwen, Arturo e Lana, Christine se recompôs na maior classe, mudando aquela expressão de ameaçadora para doce e compreensiva, como se nada tivesse acontecido.

– Minha querida, lamento muito. – colocou uma mão no colo e a outra estendeu na minha direção como se fosse me tocar.

– Christine, quero que você conheça Lana, a responsável pelo belo jantar. – disse Arturo.

Ela levantou lentamente, de forma sensual e superior, mas não sem antes me olhar sobre os ombros, mostrando que ainda não havíamos terminado.

Eu sorria pela minha pequena vitória, olhando para as minhas mãos. Por sorte, Christine não viu, mas Lana sim. Ela me olhava curiosa, tentando descobrir o que havia acabado de acontecer, e Christine, notando certa rivalidade entre nós, aproveitou-se do momento.

Lana arregalou os olhos ao olhar para Christine, que lhe deu um largo sorriso, abrindo os braços de forma acolhedora. Elas se abraçaram por uns segundos e, depois, com as mãos nos seus ombros, a afastou, olhando para o seu rosto e o seu vestido.

– Lana. – suspirou com brilho nos olhos, como uma mãe orgulhosa. – Mas que menina linda você é e, pelo cheiro maravilhoso da comida, ainda tem talentos. – tocou a ponta do seu nariz. – Tenho certeza de que será uma excelente esposa e mãe. – virou-se para Arturo de forma pensativa, levando o seu indicador ao queixo. – A propósito, Tristan está solteiro?

Lana prendeu o fôlego em um largo sorriso, não só por alguém apoiá-la mas porque ninguém nunca a elogiou dessa forma. Christine sabia mesmo como manipular as pessoas.

Tristan entrou de mãos dadas com Megan no exato momento em que ela fez a pergunta.

– Essa é Megan, a mais nova e eterna dona do meu coração. – virou-se apaixonado.

Sentindo que Lana gostava de Tristan, amarelou o sorriso ao olhar para Megan em um falso apoio a sua mais nova aliada. Lana notou. Megan escondia o seu rosto ao sorrir de timidez. Tristan, gentilmente, pegava em suas mãos para que ela não se escondesse.

Lana suspirou em um misto de raiva e decepção. Christine foi em direção à Megan, que se aproximou ingenuamente daquela linda mulher.

– Nossa, como você é bonita! – curvou-se para Christine.

Ela sorria em seu ego inflado, ajeitou a postura e, quando Megan voltou à posição anterior, Christine acariciou o seu rosto, levemente virando de um lado para o outro, notando as suas feições. O semblante de Megan parecia confuso.

– Que linda moça você escolheu, Tristan. Que traços mais suaves e marcantes. Não é à toa que você se apaixonou.

Megan só conseguia sorrir. Lana pareceu decepcionada por aquela que antes havia feito a sua autoestima subir, mas que agora acabara de destruí-la elogiando a sua rival.

Christine largou Megan e foi em direção à Lana. Queria muito poder pular e abraçar Megan, mas temia que Christine soubesse o quanto me importo com ela, pois poderia tentar fazer-lhe algum tipo de mal para me atingir. Resolvi ficar no sofá, ainda olhando para as minhas mãos, sem saber o que fazer.

Gwen e Arturo estavam pondo a mesa. Tristan e Megan conversavam ao pé do ouvido, enquanto Christine, dirigindo-se para Lana, que fitava o chão quase chorando, a pegou pelos braços, fazendo-a olhar nos seus olhos. Apenas observei.

– Chorar por alguém nunca é bom, minha querida. – limpou as suas lágrimas de forma delicada. – Ainda mais uma linda moça como você. – gentilmente, Christine desfez o coque que Gwen havia feito em Lana, fazendo o seu cabelo cair. Ajeitou-os carinhosamente, repartindo-os no meio, fazendo-os cair sobre os seus ombros, exatamente como os dela.

– Pronto, assim está bem melhor. Não importa o comprimento, o cabelo é de longe uma das belezas mais poderosas da mulher, ainda mais os seus, tão bonitos e brilhantes. Jamais permita que os prendam dessa forma.

– Acha mesmo? – perguntou espantada.

– Mas é claro. – passava a mão nos cabelos de Lana, penteando mecha por mecha com os seus dedos.

– Se ao menos fossem lisos como os seus... O ondulado me dá muito trabalho para ajeitá-los.

– Pois eu acho que são perfeitos. Lamento que não se dê conta da beleza que você tem. Se pudesse se ver como eu a vejo... – sussurrou para que eu não ouvisse, embora soubesse que falava de mim.

Lana sorria com seu ego acariciado e depois me olhou por cima do seu ombro com desdém.

– Verdade. Não havia reparado.

Christine me olhou com aquele ar de superioridade enquanto eu fingia ainda estar triste por ter falado sobre os meus pais.

– Você é muito perceptiva, querida. – alisava os seus braços. – Muito me admira alguém como você não reparar em algo tão simples. Pessoas como você percebem as coisas mais difíceis e buscam tanto descobrir mais que deixam passar aquilo que está bem debaixo dos seus narizes. – olhou-me com amargura, sentindo o meu fingimento de tristeza.

As duas me olharam fixamente, e o meu coração quase saltou pela boca. Lana havia entendido a indireta de Christine: havia algo sobre mim e agora ela tinha uma forte aliada para ajudar a descobrir.

Brisêys levava as mãos à boca, e o seu olhar amedrontado me deixava ainda mais assustada.

Levantei calmamente, como se desse de ombros, e fui até a mesa com um largo sorriso para ajudar Gwen e Arturo. Nem respirei direito ao passar por elas, que colocaram os seus braços uma sobre a outra, em apoio contra mim. Lana me olhava com raiva, enquanto Christine sorria cinicamente.

Gwen e Arturo já tinham terminado quando cheguei, e Megan e Tristan se aproximaram.

– Me ajuda a trazer a comida? – perguntou Gwen à Megan.

– Claro. – ela sorriu, e imediatamente me prontifiquei a ajudá-las.

Queria me livrar de Christine, mesmo que fosse por um segundo, e também precisava saber mais sobre ela. Tentaria ser discreta, não por não confiar em Gwen, mas porque não queria preocupá-la com as nossas farpas trocadas mais cedo.

– Nossa, como é linda a Christine, não é mesmo? – arrisquei.

– Eu a achei meio estranha... – disse Megan.

– Ela trabalha para o rei e é amiga de longa data dos meus pais. Sempre foi muito misteriosa, mas me trata bem.

– Mas o que ela faz exatamente? – fingi interesse.

– É uma maga muito poderosa! Tem várias regalias no castelo, mais até do que a rainha já teve. – disse desconfortável.

– Dizem que ela sempre foi mais do que uma serva para o rei e que até hoje são amantes. Um dia, a rainha adoeceu e exigiu que Christine não chegasse perto, deixando os seus cuidados apenas às suas damas de companhia. No entanto, Christine insistiu até que o rei ordenasse que as damas se afastassem para deixá-la aos seus cuidados. Quando ele assim o fez, a rainha, que estava tendo sinais de melhora, morreu dias depois. Muitos acreditam que Christine a matou por ciúmes, e não sei bem o que o rei pensa a respeito, mas nunca a tomou como esposa.

No entanto, todos no castelo a temem, pois, apesar de tudo, ela tem a proteção do rei. Uns acreditam que eles tramaram a morte da rainha juntos pelo fato de sua esposa só ter dado à luz uma menina, quando ele queria um menino. A rainha engravidou duas vezes novamente, mas os perdeu na hora de dar à luz, e nenhum dos seus filhos foram homens. Muito se fala sobre o assunto, mas não há provas. Eu procuro não pensar nisso, porque ela sempre foi muito bondosa conosco, garantindo-nos que tudo não passava de uma grande mentira.

Megan e eu nos olhamos enojadas.

– Mas como muito se fala, com certeza ela soube da sua chegada e quis vir dar as boas-vindas. – sorriu ingenuamente.

Ou veio espionar, – pensei.

– Aliás, em anos de amizade com os meus pais, ela sequer veio aqui. – disse pensativa.

– Por que não levamos a comida lá para cima e seguimos com o jantar? – perguntei tentando disfarçar.

– Sim, estou faminta! – disse Megan, ajudando-me a pegar a janta.

Olhei rápido para a mesa na esperança de encontrar o pequeno pote de mel de Brisêys, mas não o vi. Lana deveria estar com ele. Droga!

– Até que enfim! – reclamou Lana impaciente, com Christine sentada ao seu lado.

Arturo a repreendeu com o olhar, e Christine olhou para mim aguardando uma reação, mas não esbocei nada. Agora que eu sabia quem ela era, não ia querer dar uma informação sequer, nem minha nem sobre o que ela causava sobre mim.

Arturo e Tristan estavam nas cabeceiras; Christine, ao lado de Lana e, na frente delas, três cadeiras vazias. Gwen sentou ao lado do seu pai, e Megan, de Tristan. Portanto, fui forçada a sentar no meio, de frente para a dupla do mal, que havia quase juntado as suas cadeiras.

Arturo servia vinho tinto para ele e Christine, enquanto todas nós beberíamos suco ou água. Tristan começou a servir as costelas de porco, e tudo corria bem até, claro, Lana abrir a boca.

– Caprichei ao saber que teríamos visitas. – mentiu, olhando sorridente para Christine.

Como estava de fato delicioso, tratei apenas de degustar a minha comida, mas bastou apenas um segundo de silêncio para a outra cobra abrir a boca.

– Pelos Deuses! Eu nunca comi uma costela de porco tão saborosa! – gemia revirando os olhos. – Muito obrigada, querida. Está divino. – acariciou o seu rosto. Sorte daquele que se casar com você. – piscou.

Lana endireitou a sua postura, sorrindo triunfante, e aquele pedaço que eu mastiguei desceu arranhando a minha garganta.

– E quanto a você, minha querida? Sabe cozinhar? – questionou Christine ao notar Megan e Tristan trocando olhares.

– Eu? – engasgou. – Bem, sim, mas não sou tão boa quanto Lana.

– Nem precisa. – disse Tristan em sua defesa ao perceber o desconforto de Megan.

– Tenho certeza de que sim. Só está sendo educada. – disse Arturo se juntando a Tristan a favor de Megan.

Sorri olhando para o prato. Christine deu de ombros, mas depois riu zombando antes de dar um belo gole no seu vinho.

– Fico muito feliz que vocês tenham vindo para Weston. Três lindas e inofensivas jovens. – colocou a taça delicadamente sobre a mesa, piscando para mim e cortando

a carne. – Só fico chateada por não ter sido convidada para a festa de boas-vindas. – levou a comida à boca, mastigando lentamente enquanto me encarava.

Arturo parecia questioná-la com o olhar.

– Mas não fizemos festa. – disse Tristan.

Elevei os meus pensamentos aos Deuses para não ser o que eu estava pensando. Tomei um gole de suco para ajudar a comida a descer.

– Não minta para mim, querido. – brincou Christine, apontando o indicador para Arturo. – Eu vi as luzes lá do castelo.

Engasguei. Christine e Lana voltaram o olhar para mim como em um susto.

– Nossa! Eu devo ter espremido uma laranja já azeda. – disfarcei.

– Só tivemos um jantar simples. – assegurou Arturo um pouco confuso.

Christine ergueu a sua sobancelha, e Lana logo percebeu alguma coisa.

– Que luzes foram essas, Christine? – perguntou intrigada.

Curiosos, todos olharam para Christine a fim de saberem mais, enquanto eu suava frio. Acabei fazendo o mesmo olhar curioso de todos.

– Uma linda luz alaranjada. Não parecia ser fogos de artifício, era... – pensativa, olhava para cima, buscando palavras para descrever. – Diferente! – disse fincando o seu olhar em mim, enquanto tomava outro gole do seu vinho. Lana notou e fez o mesmo.

Apenas ergui os meus ombros como se não fizesse ideia do que elas falavam.

Arturo e Tristan continuavam se olhando sem entender.

Christine engoliu o vinho, pigarreando enquanto botava a mão no seu colo e a taça já vazia sobre a mesa.

– Devo ter me enganado.

– Mas você não veria coisas onde não tem. Se viu essa luz, então tem algo acontecendo por aqui. – insistiu Lana, que me acusou com o olhar para todos notarem.

– Mas o que é isso, Lana? Será que não poderemos ter um jantar em paz? – Arturo, pela primeira vez, perdeu a paciência.

– Me desculpe. – encolheu os seus ombros, envergonhada.

– Ora, Arturo! Não seja assim tão duro com ela. – Christine passou o braço no seu ombro em apoio. – Só estava curiosa como eu. – virou o rosto de Lana na sua direção. – Sabe, querida... trabalhar no castelo é muito cansativo. Eu tento manter a ordem em tudo por aqui e, às vezes, devido à estafa, é normal que eu veja coisas irreais.

Lana percebeu a sua mentira e se juntou a ela em seu joguinho. Christine era mais perigosa e manipuladora do que pensava, e todo o medo que tive dela agora virava ódio.

– O importante é saber que vocês são tão doces quanto Arturo falou. Assim não preciso me preocupar, afinal, a última coisa que eu quero são pessoas que me possam trazer perigo ou algum problema para o meu território. – Tapou a boca subitamente. – Oh, me desculpem. Quando digo meu território é porque estou ao lado do rei e, assim como ele, ajudo a manter a ordem por aqui. Acreditem, não iam querer me ver furiosa. – fincou o olhar em mim.

Ergui o meu olhar para ela e sorri sarcasticamente.

– Não se preocupe quanto a isso. – Arturo sorriu. – São ótimas meninas e têm ajudado bastante em casa. Gwen também se apegou a todas. – acariciou as suas bochechas.

– E não fui só eu. – sorriu Gwen, olhando para Tristan.

Lana engoliu em seco, com os olhos transbordando de ciúmes, e Christine abriu um largo sorriso se levantando.

– Bom, acho que vou me retirar.

Arturo e Tristan levantaram.

– Mas já? Não vai ficar para a sobremesa?

– Obrigada, querido! – passou a mão no rosto de Arturo. – deixe as frutas para as meninas.

Ela me olhou, e comecei a engasgar. Algo entalava na minha garganta, e comecei a perder o ar.

– Kyara, o que houve? – disse Megan batendo nas minhas costas enquanto Gwen abanava o meu rosto. Arturo levantou os meus braços, e Tristan apenas olhava paralisado, sem saber o que fazer. Lana sorria por trás de todos.

Fui ficando vermelha com a falta de ar. Christine me olhava de forma tenra, e Lana sorria. As duas trocaram olhares degustando o momento, enquanto todos buscavam me ajudar.

Christine mexeu no seu cabelo, e o pedaço saiu, permitindo-me respirar novamente. Primeiro eu peguei o ar com força e depois, aos poucos, fui relaxando, retomando o ritmo da minha respiração. Arturo estava suando aliviado, e Gwen e Megan quase choraram. Tristan me ofereceu um copo d'água. Com a mão no meu peito, ainda levemente ofegante, ergui o meu olhar de ódio para Christine, que sorria de forma maternal.

– Melhor agora? – perguntou de forma doce e levemente ameaçadora, enquanto jogava uma mecha do meu cabelo para trás.

– Sim, obrigada. – respondi impaciente, tirando as suas mãos de mim.

Agora, some da minha frente! – pensei.

– Oh, minha querida! Não precisa agradecer. – beijou a minha maçã do rosto e sussurrou no meu ouvido ameaçadoramente. – Estarei sempre por aqui lhe vigiando, cuidando para que nada de ruim lhe aconteça.

O meu coração pulsava nas minhas orelhas, e cerrei os meus punhos. As minhas mãos começaram a querer queimar, mas não poderia deixar que Christine vencesse, tampouco que descobrisse sobre os meus poderes dessa forma. Comecei a pensar em Aidan e mentalizei-o me abraçando. Só assim relaxei e, aos poucos, as minhas mãos voltaram à temperatura normal.

– Pelos Deuses, Kyara. O que aconteceu? – perguntou Megan espantada, enquanto me ajudava a levantar da cadeira.

– Deve ter apenas engasgado com o suco. – respondeu Christine já de pé, dando de ombros e elevando o seu indicador. – A laranja estava azeda, lembra? Acho melhor você ir dormir cedo, afinal, para quem era uma escrava, não conseguir distinguir uma laranja boa de outra ruim é porque realmente precisa descansar.

Lana prendeu o riso, e Arturo novamente a repreendeu com o olhar.

– Qualquer um sabe distinguir uma laranja azeda, inclusive eu. – debochou Lana. Depois me fitou de uma forma em que o seu olhar parecia atirar raios mortais. – Detesto laranjas azedas. Faço questão de acabar com elas.

– Lana! – Arturo se intrometeu, colocando-se entre nós duas. – Christine, é melhor você ir. – disse constrangido. – Me desculpe por ter presenciado essas pequenas desavenças.

– Ora, mas não há do que se desculpar, querido. Foi uma noite muito prazerosa. – sorriu maliciosamente, enquanto beijava o seu rosto e se virava para ir embora.

– Espere! – disse Lana gentilmente, a segurando pelo braço e tirando algo do seu bolso. – Queria te dar isto. – Prendi o meu fôlego por um segundo quando ela retirou o pequeno pote de mel de Brisêys.

Christine ficou surpresa por um momento, depois percebeu o que Lana fizera. Girou o pote de mel nos seus dedos, analisando cada detalhe como se soubesse que não era daqui que ele vinha. As duas sentiram a minha tensão em relação ao mel e viram que havia algo a ser explicado, mas ela não perguntou. Da escada, Brisêys baixou a cabeça triste por perder o seu mel. E eu queria voar no pescoço das duas.

– Como adivinhou que eu adoro mel? – guardou o pequeno vidro entre o seu decote, na certeza de que não veio de Weston e averiguaria depois.

Finalmente, ela foi embora, e fui ajudar as meninas a tirarem a mesa na esperança de disfarçar a minha indignação pelo gesto de Lana. Não prestei atenção no que eles diziam, pois só conseguia pensar em duas coisas após esta noite. A primeira era que eu precisaria urgentemente ter mais conhecimento dos meus poderes, pois Christine estaria de olho em mim mais do que nunca. A outra era a vontade de ficar sozinha, nem que fosse por um breve momento.

Eu me ofereci para lavar a louça, usando essa oportunidade para me afastar de todos, mas, quando estava quase acabando, escutei pela janela superior uma conversa vinda de fora da casa. Christine ainda não havia ido embora.

– Minha querida, sabia que era esperta e viria até mim.

Eu me debrucei em cima da mesa para poder olhar. Lana se aproximou dela.

– Christine, vou te ver novamente?

As duas se abraçaram.

– Mas é claro, minha querida. – fingia se preocupar ao se afastar lentamente e olhar fixamente em seus olhos. Lana fitou o chão.

– Sei o quanto é complicado ver aquela moça tão sem graça levar o coração de Tristan, enquanto você, uma linda jovem, dona de uma beleza sem igual, fica deixada nas sombras. Como se não bastasse, ainda tem de aturar aquela outra falsa que se dizia solidária, mas passava a noite no seu quarto confortável. – falou enojada, mas depois tomou Lana nos seus braços novamente. – A vida tem sido muito injusta com você, minha querida, mas, agora que estou aqui, tudo vai ser diferente. Eu sinto cada minuto da sua dor e do seu medo, naquele lago com Luke lhe forçando a ser mulher.

Lana e eu perdemos o fôlego.

– Não se preocupe! Você terá a sua vingança. – assegurou-lhe.

Lana sorriu agradecida e ia falar quando Christine a interrompeu com aquele maldito dedo indicador estendido.

– Se fizer uma coisinha por mim, é claro.

– O que você quiser, Christine. Faço tudo o que você quiser. – parecia implorar por ajuda.

– Me conte tudo o que você sabe sobre Kyara! – exigiu.

– Ela é metade elfo! – respondeu sem nem pestanejar.

Christine não pareceu surpresa, mas aguardava mais informações. Segurei a minha boca para não gritar e quase caí de cima da mesa.

– E não é só isso. Quando viemos para cá, as sereias nos atacaram. Havia uma moça de Ardhem que tentou empurrá-la para as sereias, mas a sereia matou a moça ao invés dela! Por que uma sereia, inimiga do nosso povo, deixaria Kyara viver? Ela sempre teve uma proteção extra. A sua mãe era uma vadia que se deitou com um elfo, e só isso já seria motivo para matá-la, mas os sábios mesmo assim a protegeram! Há algo sobre ela sim! E eu vou descobrir para você!

Christine prestava atenção atentamente.

– Ela também adora ir à floresta. Sempre dá uma desculpa.

– Você é muito inteligente, minha querida. Sabia que poderia confiar em você. Quero que fique de olho nela para mim e me conte tudo o que descobrir. Tem algo que eu quero, e ela deve saber onde fica. – retirou o pequeno pote de mel do seu decote, olhando para ele atentamente.

Lana olhou da mesma forma.

– O que isso tem a ver, Christine?

– Vigie-a e descubra para mim. Faça isso, e lhe darei o que você quiser.
– Tristan! Eu quero Tristan. – enfatizou.
– Isso vai ser fácil. – acariciava os seus braços. – Posso te dar muito mais além dele se conseguir o que eu quero.

Os seus olhos brilharam.

– Obrigada, minha querida. – disse tomando Lana nos seus braços. E, de um jeito maternal, beijou os seus lábios.

Eu me recostei na parede e fui descendo quase que me jogando sentada na mesa, enquanto as minhas mãos tremiam de raiva, prestes a emanar aquela luz novamente. Eu fechava os meus punhos e, suando, esforçava-me para não pensar em nada ruim. Não era novidade que Lana se unisse a alguém contra mim. Não ia me deixar abater pelas visões de Aidan. Talvez eu pudesse mudar isso. Talvez eu conseguisse enfrentar Christine, preparando-me para a outra força ainda desconhecida. Precisava conhecer os meus poderes o mais rápido possível para que nenhum perigo rondasse aqueles com quem me preocupo. E muito menos deixar alguém interferir na felicidade de Megan. Aos poucos, mas com muito esforço, finalmente consegui cessar os meus poderes, e logo quando Megan e Gwen desceram com as jarras.

– Você está bem? – ergueu as suas sobrancelhas.

– Sim, sim. Estou bem. – falei ao me recompor. – É que eu fui ver a linda lua lá fora de perto e me lembrei de quando eu ia para a floresta em Ardhem. – sorri. – A floresta à noite é perfeita.

Gwen foi em direção à mesa de onde eu já estava descendo e posicionou as jarras para serem lavadas. Ela parecia um pouco triste.

– Lamento você não poder ir tanto à floresta como costumava ir.

– Tudo bem. Aos poucos, eu me acostumo. – sorri e dei um abraço nela. Não queria que nada estragasse a nossa segunda noite em Weston. Lana e Christine não iam conseguir tirar a minha paz. Não assim tão fácil.

As meninas lavaram as jarras, e começamos a conversar descontraidamente, enquanto fazíamos Megan rir e corar de timidez ao nos lembrarmos dos olhares de Tristan. Imitávamos os dois juntos brincando e gargalhávamos felizes por eles.

Lana descia as escadas com a mesma postura de Christine, como se fosse superior a nos três. Bocejou esticando os braços e falando com grosseria.

– Cozinhei praticamente sozinha o jantar, portanto, vou dormir enquanto vocês lavam a louça.

Gwen parecia chateada.

– Como ousa falar assim com Gwen? Ela te deu um vestido. Pelos Deuses, Lana!

– Kyara tem razão! Depois de tudo o que Gwen tem feito por nós, mesmo que eu ou Kyara tivéssemos feito o trabalho mais pesado sozinhas, ainda assim, a ajudaríamos.

– Está tudo bem, meninas. – suspirou Gwen. – Ela está certa, fez quase tudo sozinha.

Lana sorria triunfante com o mesmo jeito de Christine. Olhou para Gwen.

– Me desculpa, querida, mas hoje estou realmente cansada. Amanhã prometo que compensarei. – virou-se para nós. – Os tempos de escrava acabaram, lembra? – foi até Gwen e deu-lhe um beijo na testa.

Gwen, em sua ingenuidade, sorriu, enquanto eu e Megan nos olhávamos irritadas.

– Tudo bem, Lana. Vai descansar. Amanhã será um longo dia. – disse Gwen.

– Obrigada, Gwen. – suspirou e nos olhou com desprezo. – Boa noite, meninas. – dirigiu-se ao quarto com andar elegante e triunfante, exatamente como Christine fazia.

Quando acabamos, pensei em procurar por Brisêys, quando então a vi no alto da porta. Rapidamente, fiz um gesto para que ela se aproximasse, e ela veio até mim, escondendo-se nos meus cabelos.

Gwen, já cansada, desejou-nos boa noite e subiu para o seu quarto.

Ia desejar boa noite à Megan e deitar, embora não estivesse com sono, mas ela delicadamente me pegou pelo braço.

– Kyara, está tudo bem? – perguntou preocupada.

– Só estou cansada. – forcei um sorriso.

– Eu sei que algo te incomoda. – apertou o seu olhar para mim. – Eu vi como você se sentiu em relação à Christine. Ela parecia tensa com alguma coisa a seu respeito, e Gwen disse que ela era uma maga. Aquelas luzes que ela disse ter visto... tem algo que você está escondendo?

Suspirei. Megan pegou nas minhas mãos.

– Você sabe que pode confiar em mim. Já me ajudou tantas vezes... Por favor, me deixe fazer o mesmo por você.

Sem dizer uma palavra, balancei a cabeça e levei o meu dedo indicador aos meus lábios, pedindo silêncio. Precisava ver se Lana estava realmente dormindo. Ela havia tirado o vestido e caído na cama, seminua. Parecia ter desmaiado.

Fiz sinal para que nós duas fôssemos para fora da casa.

Subimos as escadas vagarosamente para que a madeira velha não rangesse, e nos dirigimos para o jardim dos fundos. Mas, ao chegarmos, ouvimos uns gemidos vindos de dentro do banheiro.

Nós nos aproximamos cautelosamente, e vimos Arturo deitado no chão e sem camisa pelo buraco da porta. Não conseguíamos vê-lo por completo, pois metade do seu corpo estava atrás da banheira. A julgar por ele estar sem camisa, acreditávamos que estava nu. Estava imóvel. O seu olhar parecia morto, e só sabíamos que estava vivo, pois o seu peito inflava e desinflava ao respirar. Christine, em pé e de costas, fechava o seu vestido.

Ajeitou os seus cabelos, jogando-os para trás, fitando o seu corpo ainda deitado no chão, sem expressão ou movimento. Sorriu maliciosamente.

– Sempre tive inveja de Anabel, mas homens mais poderosos me dariam melhores benefícios. – riu. – Quem sabe, da próxima vez, eu te enfeite para que você tome a atitude? – tateava o dedo indicador nos seus lábios. – Pensando bem, isso nunca aconteceria. Gosto de estar no comando. – riu.

Megan levou a mão à boca chocada, e rapidamente a puxei pelo braço, correndo para a estrada de Weston, parando somente nos aquedutos para bebermos água e nos recompor.

– Megan, está tudo bem! – peguei no seu rosto, virando-o para mim.

– Ela é pior do que imaginávamos! – disse em pânico. – E se ela fizer isso com Tristan para que ele se deite com Lana?

Balancei a cabeça rapidamente.

– Me conta, Kyara! Por que ela está curiosa em relação a você? Ela é maquiavélica, e algo me diz que você pode ser a única ajuda contra ela.

– Ok, Megan. Vou te contar. – respirei fundo.

Brisêys puxava os meus cabelos como alerta para não contar nada.

Disfarçadamente, mexi nela, como se estivesse mexendo nos meus cabelos, para acalmá-la. Não ia contar toda a verdade, e ela pareceu entender.

– Desde Ardhem, eu descobri que tenho poderes.

Megan arregalou os olhos.

– Poderes que eu ainda desconheço. Eles estão vindo à tona, e, muitas vezes, eu me controlo para não os soltar por medo de machucar alguém.

Megan ficou espantada.

– No nosso primeiro jantar, quando saí da mesa depois das coisas que Lana disse, corri para fora de casa porque as minhas mãos estavam começando a ficar incandescentes.

– As luzes que Christine viu!

– Exatamente. – fitei o chão suspirando. – Eu as soltei lá fora. Poderia ter matado ou machucado alguém seriamente.

– Mas você não machucou!

– Porque saí a tempo. Mas imagina se tivesse machucado um de vocês?

Megan pegou nas minhas mãos, as olhando curiosamente.

– Quando se manifestaram pela primeira vez?

– Com Owen, depois das comemorações.

Megan suspirou baixando a cabeça com o olhar triste. Pobrezinha, pensava que ele estava morto. Ah se eu pudesse contar a ela...

– Como foi?

– À noite, quando todos foram dormir e nós escravos estávamos comendo as sobras da festa, Odo me deu parte da sua comida. Eu resolvi então levar essa parte para Owen. Estava tão preocupada com ele que não conseguia dormir. Apenas encostei nele para acariciar o seu rosto, e as minhas mãos começaram a formigar. Ao mesmo tempo, emanei uma energia, e Owen a absorveu. Não teve luz, apenas isso.

– Mas o que houve com Owen depois? Como ele ficou?

– Pareceu melhor, como se a minha energia o tivesse curado. Antes, ele estava fraco. Depois, pareceu disposto e aceitou comer.

– Kyara, isso é maravilhoso! Você pode curar as pessoas!

– E, pelo visto, posso matar também. – suspirei.

– Você nunca machucaria ninguém! – segurou os meus ombros, fazendo-me olhar para ela. – Ter esse dom não significa que vai usá-lo.

Ela estava certa, mas antes eu precisava aprender sobre eles. Não fazia ideia de como iria conseguir e teria de ser antes que Christine agisse.

– Não contarei a ninguém, nem mesmo a Tristan. – prometeu me abraçando. Depois se distanciou vagarosamente com um olhar questionável. – Por que será que só ela viu a luz? Estávamos lá. Era para termos percebido!

– Acho que ela deve ter dado um jeito de esconder. Poderosa do jeito que é...

– Verdade... Mas por que ela faria isso?

– Não faço ideia. Talvez ela tenha preferido assim para que pudesse averiguar melhor sem que ninguém interferisse nos seus planos.

– Será que ela enfeitiçou todos nós para que esquecêssemos?

Suspirei, arregalado os meus olhos para Megan, que abriu a boca assustada. Ela havia pensado o mesmo que eu.

– Megan, sozinha, ela não conseguiria.

– Pelos Deuses, Kyara! – levou a mão à boca. – Acha que pode haver mais magas como ela?

– Como ela, não. Mas, com certeza, ela tem aprendizes.

Os nossos corações aceleravam. Megan tremeu ao perguntar.

– Será que ela está tramando algo com os guerreiros de Arnhem?

– Não sei. Mas, se estiver, está levando Odo e os outros escravos juntos.

Fizemos silêncio, mas os nossos pensamentos eram perturbadores. Teríamos de esperar até amanhã para descobrir, e o nosso plano era que Megan falaria com Odo e eu, secretamente, falaria com Aidan e Izobel.

Voltamos para casa sem nos preocuparmos em nos deparar com Christine. Subíamos a ladeira cansadas e sonolentas. Os nossos penteados já estavam começando a desmontar, e só queríamos dormir. Às vezes, eu fingia mexer nos meus cabelos para verificar se Brisêys estava bem.

Finalmente, chegamos em casa, e, felizmente, nenhum sinal de Christine.

Ao abriremos a porta cautelosamente para não fazer barulho, vimos Arturo, já vestido, entrando pela porta dos fundos e indo em direção à escada. O seu olhar estava perdido, e ele andava duro, travado. Claramente, estava sob o feitiço de Christine. Eu sabia que aquela não teria sido a primeira vez, e o ódio me correu tanto que até perdi o sono.

Os olhos de Megan se encheram d'água ao vê-lo daquele jeito, e eu a abracei em apoio, enquanto a conduzia para o nosso quarto. Lana roncava, e ela me dava tanto nojo quanto Christine.

Não tínhamos camisolas para dormir, então apenas tiramos os nossos vestidos, dobrando-os cuidadosamente e guardando-os no armário. Megan pegou o vestido de Lana na cama e o dobrou, botando-o junto com os nossos. Aproveitei o escuro para pegar Brisêys, que rapidamente subiu para o topo do armário para se preparar para dormir. Megan deitou-se perdida nos seus pensamentos, soluçando baixinho. Brisêys a olhava com a mesma pena que eu sentia, pois ela sabia o quanto Megan era boa.

Pobrezinha, era para ter ido dormir feliz com as declarações de Tristan, mas até isso Christine foi capaz de destruir, sem contar com a possível guerra envolvendo a vida dos escravos. Queria dizer-lhe umas palavras amigas, mas achei melhor deixá-la descansar, torcendo para que ela ficasse bem pela manhã. Após algum tempo, os seus soluços cessaram e ela finalmente dormiu.

Eu me revirava de um lado para o outro, com a cabeça cheia de pensamentos ruins, e tudo o que eu queria era dormir para este dia acabar e poder ver Aidan pela manhã. Lamentei ao pensar nele, não só devido à saudade mas porque precisava do seu abraço.

Da janela, um pássaro cantou baixinho e, mais uma vez, lá estava ele, olhando-me fixamente. Então percebi que ter visto inúmeros animais brancos ultimamente não foi apenas uma série de coincidências. Apertei os meus olhos tentando decifrá-lo, até que ele voou, e a minha intuição me mandou ir atrás. Queria as minhas roupas velhas, mas Gwen já deveria ter se desfeito delas. Então botei o meu vestido azul novo e segui aquele pássaro. Por um motivo que não conseguia explicar, sabia onde ele estava me esperando.

Ele me esperava pousado no primeiro degrau da entrada. Então voou mais para frente, pousou na rua e virou-se para mim. Aproximei-me cautelosamente, e isso se repetiu umas duas vezes, até que voou rapidamente, sumindo da minha vista. Mas, estranhamente, eu sabia aonde ir. Corria quase que automaticamente em direção à floresta e, mesmo ao avistar os portões fechados, não parei. Sabia que Sean e os outros guardas não me deixariam passar, mas algo me impedia de parar, como se eu

não tivesse controle do meu corpo. Até que, em um piscar de olhos, eu estava cercada de árvores, arbustos e rochas.

Surpresa, perdi o meu equilíbrio e caí de joelhos ao me dar conta de onde eu estava. A floresta, como sempre, dava-me as boas-vindas, exalando o seu cheiro verde. Olhei exatamente para um galho segundos antes de o pássaro pousar. Ele brilhava na escuridão como uma vela em um quarto escuro, iluminando boa parte da floresta. De repente, ele voou para trás da árvore do lado esquerdo, onde um clarão de luz estourou por trás do tronco. Fui cercada por pontos brancos luminosos que pareciam dançar alegremente. Maravilhada, eu os olhava atentamente, e então o meu queixo quase caiu ao ver quem havia surgido daquelas luzes que se dissiparam, abrindo caminho. Se eu tivesse levantado, haveria caído novamente com aquela visão.

Um enorme cervo prateado, quase branco, de peito estufado e cabeça erguida, encarava-me fixamente. A leve brisa balançava os pelos do seu peito, enquanto ele inalava calmamente o cheiro vindo da floresta. O seu olhar expressava uma mistura de poder e fúria.

Os meus olhos se encheram d'água. Báhlgor existia e estava na minha frente, porém, a minha emoção ao vê-lo logo foi interrompida ao me lembrar das visões de Izobel. Comecei a entrar em pânico, afinal, ele, a força maior e um Deus que não gostava de mim por ser metade humana, estava irritado comigo por tê-lo desobedecido.

Ele me olhava, mantendo a mesma posição, e eu só conseguia encolher os meus ombros de medo e constrangimento.

– Por que tem medo de mim? – falou majestosamente. Curiosamente, agora parecia me olhar com carinho.

Respirei aliviada.

– Levante-se.

Obedeci e levantei mantendo os meus ombros encolhidos.

– Me desculpe por tê-lo desobedecido.

Ele apenas me olhou por uns segundos e nada disse.

– Venho observando você ultimamente.

– Claro! Os animais brancos... Era você?

Consentiu lentamente, fechando os seus olhos.

– Sempre soube dos seus poderes mesmo antes de terem se manifestado, assim como soube quem você se tornaria.

– Então por que nunca apareceu para mim? – perguntei decepcionada.

– Sempre apareci. Você é quem nunca me enxergou. – disse enigmático.

Balancei a cabeça um pouco triste.

– Você não precisa ver um Deus para saber que ele te protege. E, mesmo que não saiba sobre ele, não significa que não está sendo protegida.

– Sempre acreditei na sua existência, mas, como nunca o vi, pensei que não gostava de mim por eu ser metade humana.

– Os Deuses reconhecem a bondade nas diferentes espécies.

– Verdade. – ergui as minhas sobrancelhas concordando. – E eu pensando que tivesse mudado de ideia quanto à promessa que fez ao meu pai. – disse aliviada.

Ele prendeu o fôlego por instantes. Havia dor nos seus olhos por tê-lo mencionado.

– Os Deuses nunca se esquecem de um castigo ou uma promessa.

– E quanto ao meu pai? – fiz uma pausa. – Ele esqueceu? – perguntei melancólica.

Báhlgor manteve a expressão triste, e os meus olhos se encheram d'água. Até então, nunca havia chorado pelo meu pai, mas ter a confirmação de que ele havia me esquecido foi como se sentisse pela primeira vez a dor do abandono. Ele me olhou em um misto de compaixão e tristeza enquanto eu me acalmava. Doía, mas talvez eu precisasse da verdade para esquecê-lo de vez e seguir em frente.

– Por que se irritou por eu ter tentado desenvolver os meus poderes? – perguntei limpando as minhas lágrimas.

– O poder é seu, e você deve sim ter conhecimento dele para usá-lo.

– Então por que não permitiu que me fosse oferecida ajuda de Aidan ou Izobel? – perguntei confusa.

Respirou fundo.

– Porque era eu quem deveria te ajudar. – falou desapontado.

Não conseguia acreditar no que estava ouvindo.

– Já sabia que tentaria sozinha e que Aidan ajudaria, mas queria que tivesse sido eu o primeiro a te ajudar.

– Então por que não me ajudou?

– Porque não se muda um destino. – suspirou.

– Mas você é um Deus!

– Deuses não devem interferir nos destinos.

Eu percebia o quanto ele queria ter feito algo.

– Ainda tenho muito que aprender. Vou precisar da sua ajuda, se ainda quiser.

– Poderes são como qualquer sentido do seu corpo. Eles se desenvolvem com o tempo. Você chegou a uma determinada idade em que eles começaram a aflorar, e, assim como toda mudança, é assustador no início. Sei dos seus receios em relação a eles, mas vai precisar usá-los tanto para o bem quanto para o mal.

– Mas eu não quero machucar ninguém!

– Mas vai!

- E se eu me recusar?
- Não terá escolha.
- Por quê?
- Em uma guerra, nem sempre um guerreiro quer matar ou machucar o inimigo, mas precisa fazê-lo para proteger aqueles que ele ama. A vida é assim.
- É dos escravos que você está falando? – o meu coração disparou.
- Estou falando de todas as espécies.
- Por favor, me responda se vai haver uma guerra ou não!
- Se concentre nos seus poderes, Kyara! É com isso que você deve se preocupar no momento.
- Mas vidas de pessoas com quem me importo podem estar correndo perigo!
- Ajude a si mesma e conseguirá ajudá-los se necessário. Os seus poderes se manifestam de acordo com os seus sentimentos. Controlando-os, você também controlará os seus poderes.
- Você me vê matando pessoas? – perguntei temendo a resposta.
- Prevejo você aprendendo a controlar os seus poderes.
- Matando ou machucando pessoas? – insisti.
- Curando também, mas parece que não está tão preocupada com isso. Como foi a última vez?

A imagem da pequena Brisêys veio na minha mente. Fechei os meus olhos e sorri, lembrando-me do quanto eu a ajudei.

- Responda. O que sentiu ao ajudar a fada?
- Foi... sinceramente, não tenho palavras.
- Gostaria de fazer novamente se necessário?
- Mas é claro! Não quero contestá-lo, mas não entendo por que tenho de aprender um poder que não me sinto bem em ter. Não poderia deixá-lo adormecido?

Pensei que ele fosse perder a paciência, mas, para a minha surpresa, ele suspirou, olhando-me de forma serena.

- O poder é um só. Você apenas decide para qual fim irá usá-lo. Assim como os elfos, você possui o poder de cura, mas também tem o poder de destruir. Poderia ter matado Brisêys se quisesse. O poder estava lá, mas foram as suas intenções que decidiram. Quanto mais focar em aprender, melhor será para enfrentar os seus inimigos.

Então finalmente entendi não só a importância de aprendê-los mas também a sua urgência. Haveria uma guerra em breve, mas o presente também não estava calmo. Christine!

- Então que assim seja!
- Sabia que entenderia. – parecia feliz com a minha decisão.
- Quando podemos começar? – perguntei ansiosa.

– Já começou. Basta apenas praticar.
Peguei ar para falar, mas ele me interrompeu.
– Não tenho muito que lhe ensinar.
– Não?
– Tente com pequenas coisas para que se familiarize com os seus poderes.
– Mas eu pensei que você...
– Está tarde, Kyara! Precisa dormir. – lentamente, virou de costas e começou a se distanciar.
– Espere!
Báhlgor parou, sem virar para trás.
– Preciso da sua ajuda.
– Você precisa descansar. – falou calmamente, erguendo a cabeça para o horizonte. E assim sumiu diante dos meus olhos. Um segundo depois, eu estava de volta na frente de casa. Olhei as minhas mãos, até então normais, e as fechei, suspirando e temendo praticar sozinha, mas determinada em tentar. Já cansada, entrei em casa querendo dormir. Amanhã, teria muito que contar a Aidan e Izobel. Finalmente, começaria a praticar os meus poderes.



Capítulo 14

Acordamos com a doce Gwen batendo na nossa porta. Mesmo cansadas, sorrimos ao vê-la com aquela energia de sempre. Ela vestia um vestido azul claro simples, com mangas até os cotovelos, e um avental branco manchado, carregando uns panos nas suas mãos. Lana aparentava estar constrangida pela forma como a tratara na noite anterior, mas sorriu timidamente como se pedisse desculpas.

– Separei três vestidos para vocês. Como estão um pouco largos em mim, devem servir.

Eram simples e nos serviram perfeitamente. Eram beges e tinham o mesmo tipo de manga do vestido que Gwen usava. Os nossos sapatos ainda eram os mesmos, velhos e desgastados, de couro, mas não ligávamos mais, pois ao menos eram confortáveis.

– Ficaram ótimos! Assim, podemos ir ao mercado sem que usem as suas roupas velhas.

Era realmente bom poder usar roupas femininas. O que eu mal podia esperar era que Aidan me visse assim.

O meu tinha dois bolsos, e, na mesma hora, pensei em Brisêys. Olhei para cima do armário disfarçadamente, e ela já estava de pé. Mostrei os meus bolsos, e aguardamos o momento certo para que ela pudesse vir a mim.

Começamos a separar as frutas e os cereais para o café, quando Lana nos interrompeu.

– Deixe que eu separe tudo. É a forma que tenho de me desculpar com você, Gwen, pelo meu comportamento ontem antes de dormir.

– Está tudo bem, Lana. – Gwen a abraçou.

– Eu insisto. Vou fazer o café. Podem subir e me esperar que eu levo.

Eu sabia que ela gostava de Gwen e senti que estava sendo sincera. Torcia que servisse de alerta para que ela não se deixasse influenciar por Christine.

– Estou fazendo somente por ela. – disse fechando a cara ao me ver.

– Eu sei. – disse amargamente enquanto subia as escadas. Mas voltei para o quarto para pegar Brisêys, com a desculpa de que havia esquecido os meus sapatos.

Brisêys já me esperava com a sua pequena trouxinha de comida e voou direto para o meu bolso quando eu o abri.

Por sorte, Lana estava tão preocupada em se redimir com Gwen que, por um segundo, esqueceu-se de mim. Nem veio tentar bisbilhotar o que eu estava fazendo no quarto.

Subi para a sala no mesmo instante em que Tristan e Arturo desciam as escadas vestindo as suas armaduras. Tristan e Megan foram ao encontro um do outro com um beijo de bom dia.

Não poderia estar mais feliz por Megan. Depois de tudo o que ela passou, merecia alguém como Tristan. Pensei em Aidan e o quanto queria poder estar com ele agora e ter a certeza de que, assim como ela, eu o veria todos os dias.

Eu ajudava Gwen com a louça e, antes que Megan pudesse tentar nos ajudar, fiz sinal para que ela não se preocupasse. Arturo foi pegar o leite deixado na porta pelo leiteiro, e começamos a pôr a mesa.

Lana subiu com largo sorriso no rosto, carregando uma bandeja com as frutas e os cereais, mas o seu sorriso se desfez ao ver Megan e Tristan abraçados. Às vezes, eu quase tenho pena dela. Mesmo sendo como ela é, eu torcia para que encontrasse alguém que a amasse, pois só assim ela os deixaria em paz.

Então o seu olhar mudou, e um sorriso maléfico brotou no seu rosto por se lembrar da promessa de Christine. Báhlgor veio à minha mente, e, em momentos como este, eu me dava conta não somente da urgência mas também da necessidade de desenvolver os meus poderes. Se fosse preciso machucar Lana para evitar que ela machucasse Megan, eu o faria! Serrei os meus punhos, imaginando o quanto eu estava disposta a enfrentá-la e já sentia as minhas mãos queimando. Eu a olhava com raiva, mas esse sentimento se desfez ao vê-la colocando a bandeja na mesa e abraçando Arturo.

– Me desculpe por ontem.

– Está perdoada. – disse ele sem se mover a princípio, mas logo resolvendo retribuir o gesto. – Quero deixá-la avisada de que tais comportamentos não serão mais tolerados, correndo o risco de voltar à Ardhem se os repetir.

Mesmo que não tenha sido dita para nós, essa frase surtia um efeito pavoroso ao pensarmos na possibilidade de voltar à nossa vida antiga. Estávamos felizes aqui, mas ainda éramos constantemente assombradas pelas terríveis lembranças. Lana engoliu em seco e talvez, após essa ameaça, ela tentasse mudar. Mas então, como se tivéssemos tido o mesmo pressentimento, ela sorriu ao sentir que Christine não perderia a sua aliada e a tomaria para si se Arturo a mandasse de volta.

Sentamos para comer, e eu torcia para que pudéssemos comer em silêncio porque cada palavra dita à mesa seria um convite para Lana abrir a boca. Brisêys botou a cabeça para fora do meu bolso e olhou o meu copo de leite quando eu estava prestes a dar o meu primeiro gole. Percebi que ela estava com sede e, aproveitando que Megan, sentada ao meu lado, trocava olhares com Tristan, disfarçadamente levei o

copo ao meu colo para que Brisêys pudesse beber. Por sorte, ela logo cessou a sua sede, voltando para o meu bolso. Podia senti-la remexendo na trouxinha pegando algo para comer, mas pensei que uma fruta cairia bem. Peguei duas uvas e deixei cair uma no meu colo. Pela velocidade que ela saiu do meu bolso para pegá-la, percebi que acertei em cheio. E, como uva tem bastante água, ajudaria com a sua sede caso ainda sentisse.

O café da manhã correu perfeitamente bem. Gosto de conversar, mas o silêncio também me agrada, principalmente se for para não ouvir Lana se vangloriando da comida ou atacando a mim de alguma forma. Infelizmente, aquela paz matinal foi interrompida, mas não por Lana ou pelo barulho dos cascos de cavalos que se aproximavam lá de fora, e sim por sentir quem eles estavam trazendo. Os cavalos relincharam, e o barulho das rédeas ressoou levemente ao sacudirem a cabeça quando o cocheiro as puxou.

Tristan foi até a porta enquanto nos levantávamos sem entender. Uma enorme carruagem marrom com adornos dourados em forma de folhas sobrepostas que contornavam as portas e as janelas parou diante de nós. O cocheiro olhava sério para frente e sequer se moveu.

Uma mão com enormes unhas vermelhas abriu as cortinas brancas quando Lana suspirou alto de alegria ao mesmo tempo em que respirei fundo fechando os meus punhos. Megan abraçou Tristan receosa, e Christine surgiu com aquele enorme sorriso falso.

De trás da carruagem, saiu um menino. Deveria ter a nossa idade e tinha o mesmo semblante sério do cocheiro. Abriu a porta e ergueu a mão para ajudar Christine, que saiu majestosamente com os seus cabelos soltos, jogados para trás, vestindo um longo vestido roxo, com decote transpassado e finas costuras em dourado. O seu cristal estava escondido dentro do seu decote, e eu só o notei pelo fio preto que aparecera rapidamente em um dos seus movimentos para sair da carruagem.

Abriu os braços para Lana, que correu na sua direção, e as duas se abraçaram como mãe e filha que não se viam há anos. Christine carinhosamente se afastou, olhando-a de cima a baixo enquanto acariciava os seus braços.

Outra carruagem surgia ao longe.

– Você fica linda nesse vestido, minha querida, mas ele não faz real jus a sua beleza. – passou um braço pelo ombro de Lana e caminhou na nossa direção com o outro aberto para vir nos abraçar. – Arturo, meu querido... – largou-a, o abraçando e dando um beijo demorado na sua bochecha.

Arturo ficou sem graça, mas sorriu educadamente. Ela o olhou discretamente de cima a baixo, com um sorrisinho malicioso, lembrando-se da noite anterior.

– Quando olho para você, me lembro de quando o seu pai e eu tínhamos a sua idade. – falou para Tristan, acariciando o seu rosto. – virou-se para Arturo. – Não me canso de dizer o quanto o seu filho está se tornando um belo homem.

Arturo sorriu, mas Tristan parecia não se sentir à vontade. Forçou um sorriso agradecendo e virou o seu rosto para desvencilhar-se da mão de Christine.

Christine virou-se para Megan, que estava na minha frente.

– Olá, minha querida Reagan! – errara o seu nome propositalmente, porém Megan foi inteligente em não cair nos seus truques.

– Olá, Christine! – Sorriu de volta com a mesma falsidade.

Ela deu uma risada cínica e ajeitou os seus cabelos e o seu vestido. Megan ia falar algo quando a outra carruagem chegou. Era mais simples, marrom, sem adornos ou outros detalhes, e a parte de trás era aberta. Parecia trazer alguma coisa, coberta por um enorme pano marrom muito bem cuidado. O cocheiro sorriu discretamente para nós, consentindo com a cabeça.

– O que a trouxe aqui hoje, Christine? – perguntou Arturo.

– Fiquei tão triste com o passado dessas meninas que resolvi fazer algo para ajudar. – levou a mão ao colo fingindo estar sentida. – Leve tudo para dentro da casa! – ordenou bruscamente ao menino, que tremeu e correu para obedecê-la.

– Você! – apontou para o cocheiro. – Ajude-o e vamos depressa que não temos muito tempo! – batia palmas, apressando-os.

Os dois se moveram rapidamente e começaram a remover o enorme pano marrom. Pegaram umas caixas douradas bem bonitas e levaram para dentro de casa.

– Christine, o que é tudo isso? – Arturo sorria impressionado.

– Ora, meu querido. Apenas uns presentinhos para as nossas meninas. Considere como um presente de boas-vindas.

Lana deu um pulo de alegria, juntando as mãos no colo, mas Megan e eu não gostamos nem um pouco, embora Gwen estivesse feliz por nós.

Arturo e Tristan foram ajudá-los com as caixas, e, aproveitando a distração de todos, Christine olhou para Megan de forma superior, virando o seu olhar para mim. Um sorriso não tão largo brotou dos seus lábios, e então ela veio na minha direção me puxando contra ela. Eu queria empurrá-la para longe, tamanho era o meu nojo, mas algo me dizia para continuar fazendo o jogo dela.

Ela me abraçou de um lado, e eu travei o meu corpo. Em seguida, estendeu a mão para Lana se juntar a nós e entrou na casa nos abraçando. As duas sorriam e andavam como duas Deusas entrando no seu templo, enquanto eu parecia uma rocha.

Christine finalmente nos soltou, indo em direção a uma caixa. Era dourada, e, em cada lado, havia uma pedra verde cravada.

Com um largo e falso sorriso, a estendeu para Lana, que quase caiu para trás emocionada. Rapidamente, ela abriu a caixa e, com as mãos no ar, paralisou boquiaberta. Ofegante, tremeu ao levantar o vestido. Nunca imaginou que um dia ganharia algo assim. Ele era azul, levemente esverdeado, com costuras douradas no seu decote reto e lindas mangas largas e transparentes que caíam até um palmo acima dos seus cotovelos. Em outra caixa menor que Christine lhe estendera, uma sapatilha dourada simples, que combinaria não só com o vestido que acabara de ganhar mas também com o que estava usando, dado por Gwen.

Emocionada, correu para os braços de Christine, agradecendo os presentes. Todos ficaram felizes por Lana, inclusive Tristan, e acho que foi a primeira vez que ele sorriu para ela. Christine limpava as suas lágrimas carinhosamente, colocando Lana ao seu lado. Ela ordenou ao menino e ao cocheiro que nos entregassem as outras caixas. O menino me deu as minhas, e o cocheiro entregou as de Megan. Eles se curvaram e recuaram, permanecendo em pé perto da porta, atentos às próximas ordens.

Nós três havíamos ganhado os mesmos sapatos dourados. Eram lindos e confortáveis, mas os vestidos eram diferentes, como se ela os tivesse escolhido a dedo.

O vestido de Megan era de um modelo bem parecido com o de Lana, porém era marrom e as mangas eram longas, de bainhas douradas.

Lana olhou para o vestido de Megan, sorrindo cinicamente e erguendo as sobrancelhas. Era notória a comparação na sua mente, achando que o de Megan não chegava aos pés do dela, com as suas mangas transparentes.

Christine buscou a minha reação ao ganhar um vestido, mas eu nem abri a caixa. Apenas fingi estar contente pela alegria de Megan em ter ganhado um lindo vestido. Percebendo a minha relutância e ainda com o seu olhar em mim, sorriu ao cantarolar o nome de Gwen, que não imaginou que fosse ganhar algo. Christine olhou séria para o menino e apontou para a outra caixa. Então ele rapidamente pegou a caixa e a estendeu a Gwen. Ela puxou um longo vestido verde esmeralda de decote reto, bordado com renda branca.

O olhar de Arturo brilhou ao imaginar a sua filha naquele vestido, e Tristan também sorria, feliz pela irmã. Christine, de canto de olho, notou os olhares de Arturo e sorriu maliciosamente.

– Achei que o verde ia lhe cair muito bem para ressaltar os seus lindos olhos.

Gwen olhava o vestido nas suas mãos, feliz pelo presente, mas se sentindo um pouco desconfortável. Timidamente, agradeceu à Christine com um abraço, e Lana, claro, mais uma vez, fez aquela comparação mentalmente, sorrindo vitoriosa porque o dela era o mais bonito.

O bom gosto de Christine era indiscutível, mas eu não conseguia aceitar o presente.

– Vejo que alguém ainda não abriu o seu. – piscou. – Não está envergonhada, está? – colocou a mão no peito fingindo preocupação.

Arturo consentiu para mim e, acreditando que poderia ser esse o motivo, sorriu para me incentivar.

A contragosto, abri a caixa. O meu era um longo roxo, decote reto com bainhas lilás costuradas no colo e nas bordas das mangas compridas.

Forcei um sorriso e, ao pegar fôlego para agradecer, Christine se levantou do sofá e veio me abraçar.

– Não precisa agradecer. – largou o meu queixo lentamente, enquanto dava uns dois passos para trás, virando-se para o menino que parecia ter medo dela.

– Onde está o cocheiro? – perguntou rispidamente.

– Lá fora. – respondeu trêmulo.

– Mande-o entrar! E ajude-o a trazer o resto das coisas!

– Que coisas? – perguntou Arturo.

– Apenas mais um presente singelo de boas-vindas. – piscou para ele. – Afinal, elas merecem. – sorriu.

– Fico sem graça, Christine. Não quero que pense que não estou agradecido pelo seu gesto, mas realmente não precisava.

O cocheiro e o menino entraram pela porta carregando um enorme colchão. Lana abriu um largo sorriso, enquanto eu e Megan nos olhamos espantadas.

– Claro que precisava, meu querido. Não acha que eu ia deixar as meninas dormirem no chão, não é mesmo?

Arturo ficou visivelmente desconfortável, pois era ele quem nos daria os colchões, mas, mesmo assim, aceitou, pois não teria condições de comprar colchões tão bons. Por mim, eu preferia um mais simples dado por ele do que esse dado por Christine.

Tristan rapidamente se prontificou a ajudá-los, feliz por Megan ter uma cama confortável. Arturo, constrangido, mal nos olhava nos olhos. Megan e eu corremos para abraçá-lo e confortá-lo, e ele sentiu o nosso gesto. Lana, mal-agradecida, nem se moveu. Ela e Christine trocaram olhares, e, claro, ela teve de se pronunciar.

– Ora, Arturo! Eu sei o quanto você queria ter lhes dado as camas mas também sei que estava juntando ouros para isso. Só resolvi ajudar para que você possa pegar o que juntou e comprar comida ou outros presentes. – sorriu, enquanto Lana a abraçava. – Aliás, aproveito para lhes dar carona até o castelo e peço permissão para levá-la comigo.

Lana quase enfiou. Abanava-se rapidamente com as mãos, boquiaberta, quase perdendo o equilíbrio, sendo segurada por Christine que ria como se estivesse

realmente tocada com a sua reação.

– Mesmo? Passar um dia com você no castelo? – engasgou, olhando para Arturo, suplicando para que ele consentisse.

Eu queria que ele negasse, queria que pedisse a ela que ficasse e ajudasse com as tarefas, mas não por inveja, e sim porque um dia juntas, longe de todos, elas iriam tramar. E tramariam contra mim e Megan!

– Meninas, Lana fará falta hoje para realizar as tarefas?

– Ontem eu fiz o jantar sozinha, e hoje não temos nenhuma roupa para lavar ou lenha para buscar. – pronunciou-se rapidamente antes que pudéssemos falar algo que a fizesse ficar. – Logo, Kyara pode ir ao mercado no meu lugar. – olhou-me de modo a me desafiar a contradizê-la.

O meu coração apertou de raiva e decepção. Depois de tudo o que passei na noite anterior, tanto com Christine ou Báhlgor, tudo o que eu mais queria era poder ver Aidan e contar a ele. Suspirei, e Lana percebeu a minha tristeza com um largo sorriso triunfante.

– Muito bem, Lana. Pode ir. À noite, traremos você de volta.

Ela não se conteve de tanta alegria. Tudo o que eu pude fazer no momento era me contentar, afinal, ela havia ganhado essa, mas as palavras de Báhlgor e Aidan me encheram de esperança, como se essas pequenas vitórias não fossem durar muito.

Tristan, o menino e os cocheiros chegaram à sala.

– Vou ver como ficaram as camas. – disse Lana empolgada, correndo para o nosso quarto, mas Christine a interrompeu, segurando o seu braço.

– Depois, querida. Agora temos de ir. – disse conduzindo-a até a porta.

Tristan beijou Megan aos olhares das duas malignas. Lana respirou fundo, mas sorriu para Christine, que a assegurou com o olhar de que aquilo era apenas passageiro.

Nós três estávamos finalmente sozinhas, e, como de costume, Gwen me fez sorrir.

– Lamento você não ir à floresta, mas estou feliz que vá conosco ao mercado. Assim, posso finalmente começar a ensiná-la como usar as moedas.

Sorri para Gwen por ver o quanto ela estava feliz em nos ensinar. Megan estava tão ansiosa por aprender, que já havia pegado duas moedas diferentes para tentar se familiarizar. Quanto a mim, questionava-me se isso seria realmente útil. A verdade é que, desde que saímos de casa, eu lamentava cada segundo por não ir à floresta ver Aidan e testar os meus poderes.

Megan murmurava canções, andando no meio de nós, e Gwen sorria, saltitando.

– A noite ontem foi tão tensa que nem consegui dizer o quanto estou feliz por você e Tristan. – falei.

– Eu também! Sempre quis que o meu irmão conhecesse alguém como você. – abraçou o seu braço, recostando no seu ombro.

– Mas e quanto a você, Kyara? – perguntou Gwen. – Existe alguém especial? – os seus olhos brilhavam esperançosos de que eu pudesse contar ao menos alguma paixão do passado, mas Luke não merecia ter o seu nome mencionado a alguém como ela.

– Não, Gwen. Não há ninguém no momento. – respondi de forma doce.

Megan me olhou ansiosa, mas disfarçou a sua decepção com a minha resposta. Ela também queria que eu falasse a respeito.

– Ora, não se preocupe! Bonita do jeito que você é, com certeza, deve ter algum admirador. Vai ver alguém gosta de você em segredo. – ria daquela forma doce e inocente, fazendo com que eu e Megan sorríssemos juntos.

– O meu amor é com a floresta apenas. – sorri.

Não gostava de ter de mentir para Gwen, mas receava que algo sobre Aidan chegasse aos ouvidos de Lana. Então optei por não contar nem meia verdade como fiz com Megan.

Uma borboleta branca voava perto de nós, trazendo as lembranças da minha conversa com Báhlgor. Mas me recusei a lamentar pelo meu pai. Precisava focar nos meus afazeres e, já que não poderia ir à floresta, tentaria descobrir algo sobre os escravos e mandar Brisêys de volta.

Notando a minha expressão triste, Megan passou o braço pelo meu ombro. Ela sabia que não poderíamos conversar, mas não deixou de demonstrar apoio. Gwen se juntou a nós, e eu não pude deixar de sorrir perto dessas duas meninas que eu considerava irmãs.

Passamos pelo aqueduto, e uma mulher retirava água enquanto conversava com a outra. Era o momento perfeito para enviar Brisêys a Shadowfalls. Aproveitei e me distanciei com a desculpa de que precisava de água.

Fui até o aqueduto com os meus pensamentos nos Deuses para que as duas terminassem de encher os seus baldes e saíssem de lá. E assim foi feito. Discretamente, retirei Brisêys do meu bolso, levando-a para perto do meu rosto, com as mãos em concha, como se eu bebesse água.

– Pelo visto, não conseguirei ver Aidan hoje, mas não podemos esperar até amanhã para contar o que aconteceu.

Brisêys concordou, apontou para a floresta e balançou as suas asas rapidamente.

– Está me dizendo que pode voltar a Shadowfalls sozinha?

Sentia que ela não queria voltar, mas sabia da urgência em avisá-los.

– Então pode avisar a Aidan por mim?

Consentiu. Eu não sei como ela faria para se comunicar com ele, mas sabia que os dois conseguiam se entender. Sendo assim, a deixei ir.

– Mas como vai chegar lá a tempo?

Sorrindo, balançou as asinhas, que mexiam tão rápido como as de um beija-flor.

– Ótimo. Então vá! Não a quero aqui correndo risco com Lana me observando a pedido de Christine.

Ela parecia triste em ter de ir embora, mas sabia que eu estava certa quanto à sua segurança.

– Aproveite e diga-lhe que estou com saudades e que amanhã farei de tudo para ir até ele. – sorri.

Brisêys voou das minhas mãos, pairando perto do meu rosto. Deu um leve abraço na minha bochecha e saiu voando em disparada, deixando-me mais tranquila.

Chegávamos perto dos portões, e logo senti que algo estava errado. Confirmei as minhas suspeitas ao ver Sean com semblante triste. Ele forçou um sorriso ao ver Gwen e a chamou em seguida. Eu olhava em volta a fim de ver algo incomum, mas tudo parecia normal. Megan achou que eu procurava pelo Aidan de Weston, aquele sobre quem eu menti a respeito.

– Onde ele está? – cutucou-me ansiosa.

– Não o vi ainda. – disse sem disfarçar muita a minha preocupação.

– Ah...

– Você está bem?

– Não...

– O que houve?

– Não sei, mas algo está errado.

– Mas é claro! Os escravos! – entristeceu-se. – Me sinto tão estúpida!

– Por quê? – ergui as minhas sobrancelhas.

– Porque estou tão nas nuvens com Tristan que me esqueci dos perigos que eles correm. – os seus olhos se encheram d'água.

Não poderia julgá-la. Sabia como era estar apaixonada e como o amor às vezes nos distraía. Botei os nossos cestos no chão e a abracei.

– Sei que se preocupa com eles, mas não se culpe por poder sorrir um pouco. Prometo que irei descobrir o que está acontecendo e farei algo a respeito.

Ela sorriu, mas logo desfez o seu sorriso ao notar Gwen, chegando cabisbaixa.

– Sean me perguntou se o meu pai está bem.

Megan e eu nos olhamos desconfiadas.

– Ele disse que o meu pai, desde que chegou, anda triste pelo castelo e fica pior quando sai das reuniões com o rei. – Ele e o meu pai são melhores amigos desde a infância. Só me perguntam sobre ele quando estão realmente preocupados.

– Acha que o rei possa ter lhe dado uma ordem que ele não concorde em cumprir? – perguntei arriscando uma pergunta mais direta.

– Sinceramente, não sei. Em casa, ele parece bem, mas para Sean ter me perguntado, então deve ser sério.

– Mas como ele sabe do que se passa no castelo?

– Quando os soldados do rei vão à taberna, sempre comentam algo. Muitas vezes, os guardas dos portões que não estão de serviço acabam ouvindo e comentam com outros.

– Estranho... Ele em casa parecia tão bem. – disse pensativa.

– Conheço o meu pai, Kyara... – balançou a cabeça. – Ele não estava bem, apenas sabe disfarçar.

– Será que Tristan sabe de alguma coisa? – perguntou Megan pensativa.

– Não. O meu pai não contaria nada que não fosse extremamente necessário, e Tristan não saberia disfarçar como ele.

Mesmo que as nossas suspeitas e os nossos medos estivessem bem perto de serem reais, não ia preocupar Gwen com algo sobre o qual eu não tinha certeza. Por hora, tentei distraí-la para que se sentisse melhor.

– Não temos escolha a não ser esperar até hoje à noite, não é mesmo?

– É... Acho que tem razão.

– Então vamos até o mercado comprar comida. Estou ansiosa para aprender como funciona a compra. Assim, o dia passará rápido e logo seu pai estará em casa para que possam conversar.

– É... – respondeu olhando para as suas mãos, segurando a alça do cesto.

Gentilmente, levantei o seu rosto para que ela olhasse para mim, e ela me abraçou forte, trazendo Megan para o abraço.

– Obrigada por tudo o que vocês têm feito por mim. Nesses poucos dias, vocês fizeram uma enorme diferença na minha vida.

O meu coração doeu ao ouvir as suas palavras. Qualquer escolha que eu fizesse, teria de deixar alguém importante para mim. Ter de deixá-la seria uma dor que nunca passaria. Tentei lutar ao máximo contra o choro, mas, ao ver as duas já com os olhos vermelhos, não aguentei.

– Nós é que temos de agradecer por tudo o que fizeram pela gente.

– E como!!! – Megan completou sorrindo, referindo-se a Tristan.

Então começamos a rir, e, naquele momento, senti que Gwen havia deixado de lado a preocupação com o seu pai, mas que algo ainda a incomodava.

– Posso confiar em vocês, não posso?

– Sempre! – respondemos em coro.

– Não me sinto nem um pouco bem em dizer isso, mas... – olhou para o chão e suspirou. Nós a encorajamos a falar.

– Não sinto uma ligação tão forte com Lana. – percebeu o quanto não estávamos surpresas. – Ela é diferente, não sei... Gosto dela, mas não como gosto de vocês.

– Não precisamos lembrar o que ela fez no nosso primeiro jantar, como tentou humilhar Megan para atrair a atenção de Tristan. – falei amargamente.

– Queria que todas nós fôssemos amigas, mas não acho possível. – lamentou.

– E não é mesmo! Ela é a única pessoa que não deixa a minha vida aqui em Weston ser perfeita. Muito menos a de Megan!

– Nossa, Kyara! Não sabia que era assim tão sério. Por que não me disse antes?

– Não queria envolvê-la nisso, afinal, não há nada que você possa fazer a respeito.

– Vocês são como irmãs! É só me dizer o que eu preciso fazer.

Se Lana tem uma aliada de longe, porque eu não poderia ter duas por perto?

– Nunca a deixe vir comigo à floresta. E, se eu precisar de ajuda, mande Megan vir no seu lugar. Deixe-me ir lá todos os dias, que compensarei os meus serviços à noite se for preciso.

– A floresta é mesmo tão importante para você? – olhou-me de forma tenra.

– Gwen, se você soubesse... Vai além do que eu possa explicar.

– Bom, se é assim, então está bem. Pode ir todos os dias, e, no que depender de mim, Lana jamais a seguirá. – colocamos as mãos umas nas outras, firmando a nossa nova aliança.

Estava radiante em saber que as teria ao meu lado, mas o meu sorriso se desfez no momento em que vi o caminho que estava trilhando. Não pude evitar olhar para a direita, para onde eu sentia que deveria ir. As estruturas em forma de arco dos aquedutos e o rio nunca foram tão convidativos. Suspirei ao olhar para o outro lado do rio, por onde ele surgiu da segunda vez. Hoje parecia um dia perdido sem que eu estivesse com ele e treinando os meus poderes.

O caminho que dava para perto do cais, o mesmo que nos deu boas-vindas, agora parecia estranho. Antes de chegar aqui, ansiava por trilhá-lo, mas hoje tudo o que eu queria era evitá-lo.

Sorri ao notar a linda e grande borboleta branca que nos acompanhava. Báhlgor veio para me apoiar, e, embora preferisse estar na sala de Izobel falando sobre ele e Christine, conformei-me um pouco mais em ter de ir com elas ao mercado.

O que antes eram as lindas e coloridas barracas dos mercadores, agora não passavam de uma multidão fedorenta e barulhenta. De fato, não era o meu lugar, e só desejava nunca mais ter de voltar aqui.

Gwen fez uma pausa antes que entrássemos naquela confusão para nos ensinar rapidamente sobre as moedas e os seus valores. Havia a coroa do rei nas moedas de ouro e o lince, brasão de Weston, nas demais de prata e cobre. Imaginei que as de ouro valessem mais, e nada além disso me pareceu interessar. Megan, por outro lado, estava atenta, feliz por estar aprendendo.

Mal havíamos chegado, e cinco mercadores diferentes gritavam de longe, tentando nos empurrar as suas mercadorias. Mal conseguíamos pensar no que precisávamos. Gritavam, gesticulavam ou simplesmente surgiam na nossa frente, impedindo-nos de seguir caminho. Gwen já estava acostumada e sabia muito bem se desvencilhar deles. Tudo o que ela pedia era para que déssemos as mãos para ficarmos juntas.

Andávamos espremidas entre as pessoas, desvencilhando-nos o tempo todo. Era um eterno e frustrante vai e vem de gente suada por todas as direções, que gritavam feito loucos. Durava uma eternidade para conseguirmos chegar a uma barraca, e, quando chegávamos, eu estava tão enfurecida que já queria ir embora sem levar nada. Mas o pior era tentar sair depois de realizarmos as nossas compras. Os mercadores tentavam nos expulsar para a chegada de novos fregueses que nos espremiavam contra a bancada, dificultando a nossa saída, pois estavam sendo empurrados por outros que vinham mais atrás. Por muitas vezes, tínhamos de usar força, mesmo que fôssemos mais fracas, mas apenas o suficiente para conseguirmos passar.

Um homem tentou aproveitar a confusão da multidão para roubar um saco no cesto de Gwen, mas eu o impedi, agarrando o seu punho antes mesmo que ele pudesse encostar na nossa mercadoria. As minhas mãos começaram a querer queimar, e eu o apertava forte, fulminando-o com os olhos. Por sorte, Báhlgor, em forma de gato, surgiu por cima da tenda mais próxima, rosnando como um alerta para que eu me controlasse. O homem não sentiu os meus poderes, mas saiu em disparada, esquivando-se e se arrastando pela multidão até sumir de vez. Não sabia o que era mais frustrante, ter de estar naquela multidão ou fingir um sorriso para que Megan e Gwen não percebessem.

Fingia prestar atenção enquanto Megan tentava comprar algo com a ajuda de Gwen. Enquanto isso, eu olhava para os cestos receosa de que mais alguém tentasse nos roubar. Até tentaram, mas desistiram no momento em que me pegaram olhando ou em que gritei para que saíssem.

Finalmente, só faltavam os temperos, mas, infelizmente, eram todos vendidos em uma única barraca. E, como os Deuses por muitas vezes parecem se divertir com as nossas vidas, eu senti que a minha raiva os divertia de uma forma bizarra. Foi a barraca mais difícil de conseguirmos chegar. Pessoas se empurravam o tempo todo, impacientes por esperarem a sua vez, e os mercadores embalavam tudo às pressas antes que alguém desistisse ou que fosse empurrado para longe por outros fregueses mal-educados.

Havia vários grupos na nossa frente. Nem sei quanto tempo demoramos, mas foi a gota d'água quando um homem gordo forçou passagem entre nós, fazendo Megan derrubar umas frutas da sua cesta. Imediatamente, abaixei-me e, com um braço, eu

afastava as pessoas, enquanto catava e botava no meu bolso as poucas maçãs que não rolaram para longe ou foram pisoteadas. Eu gritava de raiva pela falta de respeito, mas os meus gritos eram abafados pelo murmurinho e pelos gritos dos mercadores.

Uma brecha se fez entre dois fregueses quando um conseguiu deixar a bancada, e, antes que outra pessoa pudesse preencher esse espaço, dei um largo passo, puxando-as comigo, chegando descabelada e ofegante na bancada. Infelizmente, os nossos braços esticados deram lugar para uma desconhecida ficar entre nós, e ela se recusou a sair. O mercador sorria, mas estava impaciente para que comprássemos logo, dando espaço para o próximo. Pelos Deuses, paguei os meus pecados naquele momento.

Megan estava atrás de mim, e Gwen, por último, atrás dessa mulher inconveniente, de rosto azedo. Não tinha como trocar de lugar com elas, portanto, sobraria para mim ter de realizar a compra, o que eu teria feito logo se soubesse o que Gwen queria comprar. Então o mercador começou a perguntar, e o tempo que demorava entre passarmos as perguntas e respostas começou a deixá-lo frustrado. Ele tentou desistir da venda pela demora, mas eu me recusei a sair dali sem levar o que precisávamos. Não depois de tudo o que eu passei!

Por sorte, finalizamos, comprando tudo em maior quantidade para temperarmos as carnes no sal, evitando voltar aqui por, pelo menos, uns três dias. Báhlgor, em sua forma de pássaro branco, pousou em cima da barraca onde estávamos. Ele me olhava de cima, e eu apenas elevei o meu olhar, sem mover muito o meu rosto. Parecia ler os meus pensamentos quando eu perguntava se estava sendo castigada ao ter sido enviada para esse local demoníaco.

Trilhávamos o caminho de volta para os portões de Weston e estávamos exaustas, não somente pelo peso mas pelo estresse da multidão e da gritaria há alguns minutos. Inevitavelmente, olhei para a esquerda, em direção à floresta, e suspirei baixinho, lamentando.

Megan ainda apertava o passo ao passarmos pela taberna para se afastar o mais rápido possível, mas hoje as coisas foram um pouco diferentes. A porta se abriu, e um homem vestido com as roupas de guerreiro de Weston saiu. Uma voz conhecida chamou os nossos nomes e quase deixamos os cestos caírem ao ver Odo em tais vestimentas. Sempre quis vê-lo como um dos guerreiros e, por mais que eu ficasse feliz por ele, hoje nada de bom poderia vir pelo motivo que ele as vestia.

– Odo! Que bom ver você! – colocou o cesto no chão, correndo para abraçá-lo.

– Olá! – cumprimentei-o de longe, porém com um sorriso no rosto.

– Olá, Kyara! – sorriu.

– Esta é Gwen, filha de Arturo. – apresentou-a.

Os dois inclinaram os seus corpos.

– Quase não as reconheci nessas vestimentas.

– Pensamos o mesmo de você. – respondi.

Odo deu um sorriso amarelo.

Não poderíamos tentar sondar com Gwen por perto, e teríamos de pensar rápido. Mas Megan agiu antes, chamando Gwen para ir na frente com ela.

Odo também havia entendido que eu ia querer conversar e parecia feliz em poder se abrir. Ele permaneceu em pé, mas, ao notar o meu cesto, ofereceu-se para carregá-lo. Ele me guiou para longe da porta da taberna, para que ninguém escutasse a nossa conversa.

Pela primeira vez, nós nos olhamos de forma carinhosa.

– Como tem estado, Odo? – perguntei afetuosa.

– Bem, eu acho... Mas vocês estão bem, acredito. – olhava as minhas vestimentas.

– Sim, estamos felizes com a nossa nova vida aqui, mas Megan e eu estamos preocupadas com vocês.

– Então vocês sabem. – suspirou.

– O que está acontecendo, Odo? – perguntei preocupada.

– Os guerreiros nos convocaram para lutar, prometendo-nos uma vida ao lado deles quando retornarmos para Ardhem.

– Então vai mesmo haver uma guerra? – perguntei desamparada.

– Sim. – fez uma pausa triste. – Em breve.

Prendi a respiração em desespero. Eu sentia que ele ansiava por uma vida melhor, mas ter de matar por isso não o deixava feliz. E muito menos a mim, sabendo que muitos com quem me preocupo correriam perigo.

– É isso mesmo que você quer? – perguntei lamentando.

Ele não respondeu, mas já sabia a resposta.

– Acreditam mesmo que os guerreiros irão cumprir a promessa? – insisti.

– Estamos fazendo pela nossa família. – suspirou de olhos fechados.

Não podia deixar de entender o seu lado, mas me doía vê-los sendo enganados, forçados a fazer algo que não queriam por acreditar que as suas famílias teriam uma vida melhor.

– Quem irão atacar? – fiz a temida pergunta.

– Shadowfalls. Acho que é esse o nome.

Chorei ao ouvir a confirmação.

– Odo, por favor, não faça isso. – implorei pegando na sua mão livre. – Não dê ouvidos a eles. Vocês todos irão morrer!

Ele parecia acreditar nas minhas palavras, mas, ao mesmo tempo, recusava-se a aceitar que a promessa foi uma mentira. Apenas fitou o chão, constrangido, entregando-me o cesto em silêncio.

– Preciso ir, Kyara.

Peguei o cesto soluçando, limpando as minhas lágrimas que não paravam de vir. Odo começou a se distanciar.

– Quando pretendem atacar?

Ele apenas suspirou e saiu andando sem me responder.

– Ah, Odo! Por que logo alguém como você cairia nessa? – falei decepcionada, enquanto se afastava.

Ele saiu de cabeça baixa ao ouvir as minhas palavras, que claramente o machucaram, mas não a ponto de fazê-lo mudar de ideia.

De nada adiantariam as minhas lágrimas, mas não conseguia me livrar do pavor no meu coração. Subi a ladeira de volta para a casa, ansiosa para avisar a Aidan o mais rápido possível. Não sei se conseguiria esperar até amanhã, mas já estava ficando tarde. Eu me recusava a aceitar essa ideia.

Cheguei em casa com os olhos vermelhos e inchados, e me perguntava como eu contaria isso a elas. Megan logo notou a minha expressão. Vi o seu semblante se transformar ao suspeitar do que estava realmente para acontecer.

Gwen, de costas para ela, sorriu empolgada.

– E então? Contou a ele?

Fiz um semblante questionável para Gwen e depois olhei para Megan com a mesma expressão.

– Não precisa ficar tímida, Kyara. Megan me contou dos seus sentimentos por aquele jovem rapaz, e foi por isso que deixamos vocês a sós. – deu um risinho tímido.

Megan ergueu as sobrancelhas e os ombros.

– Na verdade, eu só queria me despedir. Ele vai voltar para Arnhem e parece que tem alguém esperando por ele. Não pude falar nada, apenas desejar-lhe sorte.

Gwen me abraçou para me consolar. Doía ter de mentir para ela. Megan me olhou ansiosa para saber, e eu só balancei a cabeça, confirmando as nossas suspeitas. Os seus olhos se encheram d'água em pavor.

– Kyara, tenho certeza de que ele não hesitaria se não tivesse alguém. – carinhosamente, limpou as minhas lágrimas.

– Obrigada, Gwen. – forcei um sorriso.



Capítulo 15

A noite finalmente havia chegado, e a minha cabeça latejava de tanta tensão. Não tive oportunidade de comentar com Megan, mas ela já sabia pela minha expressão e estava tão tensa quanto eu pelos escravos. A diferença era que eu estava preocupada com muito mais inocentes além deles e triste por não ter tido a oportunidade de contar a ela toda a verdade.

Estávamos na cozinha quando ouvimos a porta se abrir aos sons de passos de Lana tagarelando sobre como foi o seu dia. Gwen correu para receber o seu pai e irmão, deixando-me sozinha com Megan. Ela aproveitou para me abraçar, pois sabia exatamente como eu me sentia e que não estava em condições de lidar com Lana hoje. Comecei a caminhar para o quarto. Não fazia questão da janta, sequer tinha apetite. Só queria deitar e acordar o mais cedo possível para avisar a Aidan.

Infelizmente, Lana já descia as escadas com o seu vestido esvoaçante, com o avental enrolado nas mãos e cantarolando os nossos nomes. Tive vontade de chorar de raiva, mas Lana notou e deu um belo sorriso triunfante. Para a minha surpresa e raiva, abriu os braços vindo a mim.

– Kyara, minha querida. Eu queria lhe pedir desculpas pela forma como venho te tratando.

Eu e Megan nos olhamos, obviamente sem acreditar em uma só palavra que saía da sua boca.

Ela me puxou em um abraço. Eu travei os meus ombros, fechando os meus punhos. As minhas mãos começaram a formigar.

– Sabe, acho que podemos ser grandes amigas. – soltou-me. – Passado é passado. Vamos esquecer tudo, está bem?

Megan se posicionou na minha frente, separando-nos, fazendo o formigamento cessar, mas, infelizmente, Lana nos puxou para o quarto, ansiosa por contar sobre o seu dia. Fechou a porta rapidamente para começar a contar, mas paralisou maravilhada ao olhar para as camas. Os seus olhos brilhavam ao notar tanto as duas camas novas quanto a velha, tão confortáveis e cobertas por lençóis brancos com flores bordadas em dourado. Boquiaberta, sentou-se em uma das camas e, delicadamente, passou a sua mão pelo lençol, sentindo cada ponto do seu bordado enquanto jogava o seu corpo quase em êxtase na cama nova. Colocou de lado o avental, que parecia embrulhar algo.

Como em um pulo, ela sentou com um largo sorriso, ansiosa para nos contar alguma coisa.

– Vocês não sabem o que Christine fez por mim. – suspirou, levando as duas mãos ao peito.

Sei exatamente o que ela fez. Mandou você fingir ser minha amiga para que pudesse colher mais informações ao meu respeito. – pensei.

Eu a olhava com a expressão mais entediada possível. Nada disso me interessava e, ao mesmo tempo em que eu estava atenta para ouvir algo que me soasse como algum tipo de alerta, torcia para que ela calasse a boca. Megan sentou na cama com ela, e eu fiquei em pé na porta, de braços cruzados.

– Primeiramente, quero contar-lhes uma fofoca. Luke está apaixonado pela filha da cozinheira. Está dizendo a todos que não quer mais saber de Alyra e não voltará para Ardhem. Acho que vai pedir para dizerem que ele morreu. – riu debochadamente. – Não sei se tenho mais pena de Alyra ou da filha da cozinheira! Na verdade, acho que não tenho pena de nenhuma delas. Vocês não vão acreditar no que ele fez! Quando me viu chegando ao castelo, teve a audácia de me ameaçar com o olhar. – revirou os seus olhos de felicidade. – Felizmente, Christine percebeu e fez sinal para as suas discípulas, que vieram nos receber.

– Discípulas? – interrompi assustada.

– Sim. – respondeu-me da forma mais simples possível. – Ela tem uma escola de magia para mulheres, a única em todo o território de Weston. São muitas discípulas e todas lindíssimas, mas claro que nenhuma se compara a ela. Ela é única!

Eu e Megan nos olhamos aterrorizadas por nossas suspeitas serem verdadeiras, mas eu temi o pior. E se ela estivesse, na verdade, montando um exército? E se a escola de magia fosse apenas um disfarce para suas reais intenções?

Christine então me levou para o seu quarto, seguida por suas melhores discípulas, e mandou que o trouxessem. – começou a rir descontroladamente.

Eu e Megan apenas esperamos, mesmo que impacientemente, ela parar de rir.

Lana limpava as suas lágrimas, pegando fôlego e se abanando, tentando se recompor da crise de riso.

Luke entrou no seu quarto, completamente sem jeito, querendo saber o que Christine queria. Acho que pensou que ela queria se deitar com ele. – revirou os olhos em desdém. – Como se alguém como ela fosse querer se deitar com alguém como Luke. Quando ele me viu, fechou o seu semblante. Perguntou o que eu estava fazendo ali e veio para cima de mim, mas Christine se posicionou na minha frente e duas das suas discípulas me abraçavam em apoio, acariciando o meu braço e os meus cabelos.

Christine disse que seria uma pena se a filha da cozinheira descobrisse quem era o verdadeiro Luke, violentador, traidor, mentiroso... Garantiu que nada aconteceria

à sua amada se ele contasse toda a verdade e me pedisse desculpas de joelhos, caso contrário... – deu uma pausa, sorrindo cinicamente, fazendo suspense. – Então ele foi forçado a confessar...

– E então? O que houve depois? – perguntou Megan impaciente.

Lana, da forma mais triunfante possível, encheu a boca para falar.

Por trás de uma das enormes estantes, seguida e confortada por outras discípulas de Christine, a filha da cozinheira saiu em prantos ao ouvir cada palavra que Luke disse.

– Ainda posso sentir o seu desespero ao vê-la chorando daquela forma, decepcionada com o seu príncipe encantado. – disse como se a dor daquela moça fizesse bem a ela. – Ordenou que ele não se aproximasse e garantiu que não haveria mais casamento. Luke chorava igual a uma criança e quis ir atrás dela, mas as discípulas não permitiram, colocando-se graciosamente na frente da porta. Luke a olhava com fúria nos olhos, perguntando por que ela havia feito isso, e Christine respondeu... – suspirou, botando a mão no peito emocionada. – Você teve o que mereceu por não saber como tratar uma mulher, ainda mais a minha querida Lana.

– Pobrezinha. A filha da cozinheira deve ter tido uma enorme decepção. – disse Megan, fitando o chão.

– Não me importa! – deu de ombros. – Ela também teve o que mereceu. É o que acontece quando não se sabe por quem se apaixona. – disse friamente.

Por um lado, poderia ter ficado feliz em saber que Luke foi posto no seu lugar e que Lana, de certa forma, fora vingada, mas, além de ter achado cruel ela rir do sofrimento de uma moça que nada teve a ver com os acontecimentos passados, vi o que Christine e as suas discípulas são capazes de fazer para conseguir o que querem. Lana nem desconfiava que estava sendo manipulada, e cada vez mais eu queria sair daqui e avisar a Aidan.

– Ela está me ajudando tanto. Nem sei como conseguirei ser tão grata por tudo o que ela vem fazendo por mim.

Megan respirou fundo, olhou para mim, e eu consenti com a cabeça. Gentilmente, segurou as suas mãos e a olhou nos olhos. Ela sabia que eu não poderia falar tais palavras, pois Lana, além de estar cega por Christine, não acreditaria em mim. Mas talvez escutasse Megan.

– Acha mesmo que Christine se preocupa com você? Ou ela só está te usando para conseguir alguma coisa?

– O que você está insinuando? – puxou as suas mãos bruscamente.

– Eu não sei... Não confio muito nela.

– Claro que ela gosta! Ela me ama! Ninguém nunca foi capaz de fazer por mim o que ela fez! – esbravejava, levando as suas mãos à cabeça em desespero ao considerar a possibilidade contrária. – Não, não, não! – ergueu a cabeça, olhando

Megan com ódio. – Você está com ciúmes porque nunca ninguém fez por você o que Christine fez por mim!

As minhas têmporas latejavam, e as minhas mãos apertavam os meus braços cruzados.

– Nem mesmo Arturo? – perguntei friamente.

Lana parou por uns segundos, pensando nas suas palavras. Por um segundo, achei que ela fosse concordar comigo.

– Arturo deveria ter comprado logo uma cama para nós no primeiro dia. Se não fosse por Christine, ainda estaríamos dormindo no chão e nos vestindo como escravas! – recompôs-se, enchendo o peito e falando de forma debochada e injusta.

– Lana! – repreendeu Megan.

– É verdade! – debochou. – Ou você quer realmente comparar os vestidos que Gwen nos deu com os de Christine? – rolou os seus olhos. – Por favor, Megan! Sejam realistas! Arturo apenas nos deu um lar, e só!

Por mais que fosse inútil discutir, não consegui me manter calada.

– Acha mesmo justo o que está dizendo, Lana? Arturo nos tirou de Ardhem e nos deu uma vida livre. Só porque ele não lhe deu vestidos ou a levou ao castelo, então não merece ter a sua consideração?

– Acho justíssimo! – debochou e depois se levantou com aquele sorriso falso, que não enganaria nem a um tolo, vindo na minha direção. – Talvez você tenha razão. Posso estar sendo injusta com Arturo, da mesma forma como fui com você. Queria que houvesse algum meio de me desculpar. Conversando com Christine, ela me aconselhou, dizendo o quanto era importante uma amizade. Ela me disse que a melhor forma de se desculpar é presenteando essa pessoa.

Ergui as minhas sobrancelhas, olhando para Megan, que sacudia a cabeça em reprovação.

– Achava que bastasse pedir desculpas. – ironizei.

O semblante de Lana, por um segundo mudou de sorriso falso para zangado, mas, em seguida, ela se recompôs, voltando àquela falsidade muito bem ensinada por Christine.

– Estou tentando melhorar, Kyara. Mas você não está facilitando.

– E por que deveria? – dei de ombros. – Depois de tudo o que você fez, acha mesmo que irei acreditar na sua palavra?

Delicadamente, foi abrindo o avental ao seu lado, que, de fato, embrulhava alguma coisa. Retirou do bolso uma linda pedra azul escura, do tamanho da palma da minha mão, com pequenos brilhos mais claros.

Não sabia bem ao certo o que era, mas senti que não era coisa boa e me recusei a tocar naquilo. Megan parece ter tido a mesma impressão que eu. Notando a minha

hesitação, Lana insistiu com um sorriso agora sarcástico. Aproximou-se então de mim, estendendo a pedra quase na altura do meu rosto.

– É para lhe dar sorte, querida. Leve-a sempre consigo.

De dentro dela, uma leve fumaça acinzentada se formava, e, instantaneamente, percebi que ela era um meio de Christine vigiar os meus passos, o que foi o fim para mim! As minhas mãos começavam a emanar a energia alaranjada, ficando incandescentes, pulsando e fazendo barulho como se fossem eletrochoques. Eu nem me impressionei, tampouco fiz questão de esconder.

Megan levantou como em um pulo da cama, e o pavor estava estampado tanto nos seus olhos quanto nos de Lana, que havia dado um pulo para trás, deixando a pedra cair no chão.

Megan me jogou o avental, e eu abaixei, tampando a pedra e qualquer visão que ela poderia dar à Christine. Depois levantei lentamente, olhando fundo nos olhos daquela falsa. A minha vontade era matá-la. Assustada, Lana ameaçou gritar, mas Megan correu e tapou a sua boca.

– Kyara, por favor! Sabe que não quer fazer isso! – ergueu uma das suas mãos na minha direção, pedindo para que eu me acalmasse.

Não sei dizer se iria ou não matá-la, mas a vontade dentro de mim era grande. Já estava mais do que farta das suas atitudes, mas, ao ver a minha amiga assustada, abaixei as minhas mãos.

– Se gritar, acabarei com você antes mesmo que possa chegar alguém aqui. – ameacei.

Megan a soltou, empurrando-a no chão, e Lana então recuou arrastando-se até chegar à parede, com os olhos cobertos de pânico.

Peguei a pedra, ainda envolvida no avental, e caminhei lentamente na sua direção.

– Você é o ser humano mais desprezível que eu tive a infelicidade de conhecer. É egoísta e falsa, capaz de pisar em qualquer um para conseguir o que quer.

Megan, assustada, começou a chorar.

Eu me abaixei na sua frente, olhando-a olho no olho. Lana tremia e chorava enquanto eu sorria debochadamente do seu medo de mim.

– Você sequer foi ver o seu irmão na sua última noite para lhe oferecer comida. – fulminei-a com o olhar repleto de ódio. Lana arregalou os olhos.

– Eu, uma elfa nojenta, fui até lá dar parte da minha refeição para garantir que ele ficasse bem, enquanto você, a irmã amada, só pensava em devorar a sua metade e ir dormir.

– Mentirosa! Como se atreve? – esbravejou.

– Ah, então não foi verdade? – voltei ao meu semblante debochado. – Então não foi uma das primeiras a ir dormir de barriga quase cheia enquanto o irmão que diz

tanto amar estava sem comer o dia todo?

Ergui as minhas mãos incandescentes com pequenos choques de energia que encostaram de leve na sua maçã do rosto, causando um leve corte. Ela fechava os seus olhos com força, chorando e implorando para não a machucar.

– Acha que eu não escutei a sua conversinha com Christine? Pensa que eu não sei que está querendo me observar para lhe dar informações sobre mim? Pensa que eu não sei que estão tramando para que você fique com Tristan?

Megan, sentada na cama, chorava copiosamente com medo de que Christine tivesse sucesso em atrapalhar a sua felicidade. Ainda com as minhas mãos incandescentes, segurando o avental com a pedra embrulhada, falava sem tirar os olhos daquela falsa.

– Acha que eu não sei que essa pedra faz parte do seu plano com Christine? Diga adeus ao seu plano, querida! – desembrulhei a pedra e a esmaguei no chão em mil pedacinhos.

Lana perdeu o ar, mas, em seguida, mudou o seu semblante amedrontado para um sorriso maléfico ao olhar para a pessoa atrás de mim.

– Diga adeus a este mundo, querida!

Eu me virei, e Christine estava em pé, perto da porta, com sangue nos olhos, mostrando que iria acabar comigo em um segundo.

Megan pulou da cama, escorando-se na parede, tapando a boca para não gritar.

– Eu sabia que você seria uma ameaça e não permitirei que arruíne os meus planos! – gritou autoritária.

Levantei em um salto com as minhas mãos incandescentes e, quando tentei usá-las, ela me travou. A sua força me dominava, e eu tentava me manter de pé para poder enfrentá-la de alguma forma.

Ela ria e erguia as suas mãos envoltas de uma energia quase transparente. Apontava os seus dedos na minha direção e retorcia os seus punhos enquanto eu sufocava.

– Acabe com ela, Christine! Acabe com ela! – gritava Lana!

Megan ameaçou fugir para pedir ajuda, mas Lana correu e a puxou. Em seguida, Lana a empurrou no chão como Megan havia feito com ela. Mas Lana, por trás, envolveu o braço no seu pescoço e começou a sufocá-la. Megan tentou gritar, mas Lana, com a outra mão, tapou a sua boca.

Os meus pés já não tocavam mais o chão, e, enquanto eu era erguida, sentia as mãos de Christine no meu pescoço mesmo sem que ela me tocasse. As suas enormes unhas pareciam cravar na minha jugular. A pressão que sentia na minha cabeça me dava a sensação de que não morreria apenas sufocada, mas que sofreria cada segundo, vendo o desespero da minha amiga, até a minha cabeça explodir.

– Tristan vai ser meu e de mais ninguém! – Lana gritava e ria alto em um estado de frenesi.

As lágrimas desciam dos olhos de Megan, que já havia desistido. Ela me olhava se despedindo, mesmo que abrisse a boca desesperada por ar. As suas mãos tentavam em vão se livrar do braço de Lana, que agora ria para mim.

– Mas que barulheira é essa aqui? – apareceu Arturo ao ouvir Lana.

Ela rapidamente largou Megan e a abraçou como se a estivesse ajudando.

– Christine, o que está fazendo? – perguntou apavorado ao me ver flutuando e sufocando. Ele ia de encontro a ela para que me soltasse, mas Christine o impediu.

– Essa que você chama de filha é, na verdade, uma espiã de Shadowfalls! Izobel a seduziu logo no primeiro dia, e, desde então, ela passou para o lado deles! – berrava. – É por isso que ela tem ido à floresta! – olhou para mim com semblante enojado. – Como pôde fazer isso com Arturo depois de ele a ter acolhido como uma das suas filhas?

Ele me olhava decepcionado. Eu negava, mas ele não parecia acreditar.

– Kyara, isso é verdade? – perguntou desamparado enquanto se aproximava.

– Não chegue perto dela!!! – alertou Christine. – Não vê que as suas mãos brilham? Ela pode te matar a qualquer momento! É mais perigosa do que pensa!

Surpreso, ele deu um passo para trás e se dirigiu para Megan e Lana.

– Vocês sabiam disso? – perguntou melancolicamente.

– Não! – respondeu Christine. – São mais inocentes enganadas por essa traidora! Pense em como Gwen ficará decepcionada ao saber. – sorriu cinicamente enquanto os olhos de Arturo me encaravam lamentando.

Tentei falar, mas Christine apertou mais o meu pescoço, fazendo-me engasgar.

– Mate-a, Christine!!! – gritava Lana. – Mate-a agora!

Neste momento, alcancei o meu medalhão e apertei-o o máximo que podia junto ao meu peito, mentalizando Aidan.

Christine comemorava o gostinho da vitória, enquanto eu, enfraquecida, ia desistindo. Megan já havia se recuperado, mas me olhava com os olhos repletos de lágrimas, lamentando o que acontecia. Ela sabia que mentiam ao meu respeito, e eu, como sua amiga, torcia para que ela ficasse quieta.

– Terei o maior prazer em acabar com a sua vida! – vangloriava-se prestes a me dar o golpe final.

Então um portal se abriu por trás de mim, e de dentro dele uma esfera de energia roxa foi lançada em direção a Christine.

– Não vai ser desta vez!!! – gritou Aidan.

A esfera a empurrou contra a parede, o que a acabou forçando os seus poderes a cessarem sobre mim. Eu caí, mas ele me segurou por trás. Quando finalmente puxei o ar em desespero, em lágrimas, tentei me explicar a Arturo.

– Arturo, eu...

Decepcionado, ele desviou o olhar para Megan no chão. Depois abaixou gentilmente, abraçando-a contra o seu peito.

– Não temos tempo, Kyara! – puxava-me para dentro do portal, e, enquanto ele se fechava, Tristan apareceu, indo em direção à Megan. O portal fechou, e eu me tranquilizei, sabendo que ela estava bem. Em um segundo, estávamos nas neblinas de Shadowfalls.

– Arturo me odeia! – olhei nos seus olhos em desespero. – Preciso voltar e explicar a ele – implorava enquanto ele me acalentava nos seus braços ao tentar me acalmar.

– Mais cedo ou mais tarde, ele saberá da verdade. Mas não é seguro que você volte, muito menos agora. – tentava me convencer.

Aos poucos, eu fui voltando ao normal, enquanto ele jogava os meus cabelos para trás em um gesto de carinho. Eu o abracei. O seu coração acelerado batia contra a minha orelha, enquanto eu tentava fazer as nossas respirações entrarem em sintonia. Ele ergueu o meu rosto, buscando os meus olhos e depois me beijou intensamente.

Então senti o cheiro das pedras molhadas enquanto a neblina, aos poucos, dissipava-se, mostrando as silhuetas das pessoas que me esperavam. Essas sombras aos poucos se iluminavam lentamente, mostrando os seus rostos, e Aidan me conduziu até elas, que me receberam de forma acolhedora.

Izobel, que me esperava ansiosa, deixou os ombros caírem de alívio ao me ver. Depois correu para me abraçar.

– Criança! Estou tão feliz em te ver bem. Está a salvo agora conosco.

– Obrigada por ter agido rapidamente, Aidan. Se tivesse demorado um segundo sequer...

– Nem quero pensar no que poderia ter acontecido. – interrompeu em pânico só por imaginar.

– Venha comigo. – Izobel beijou a minha testa, tomando-me pela mão.

Abriu um portal em frente a umas dessas casas cobertas por folhas. Nem precisou bater na porta, pois uma simpática senhora já nos esperava. Os seus olhos azuis leitosos mostravam que ela não mais enxergava. Os seus cabelos eram brancos como os meus, mas por motivos diferentes. Estavam presos em um coque, enfeitado por flores amarelas, e vestia um vestido azul claro, com gola alta e mangas compridas. A sua capa cinza de capuz caído para trás não tinha mangas, deixando as cores contrastarem. Ela sorriu de forma tão doce e inocente que somente uma alma pura conseguiria. E, talvez pela sua energia tão boa, eu não me senti mal ao atravessar o portal.

Izobel retribuiu o mesmo tipo de sorriso, acariciando o seu rosto. As suas mãos enrugadas e trêmulas a tocaram. Com uma, segurava a mão de Izobel na sua

bochecha; com a outra, um pouco mais trêmula, acariciava o seu antebraço emocionada. Em seguida, veio na minha direção, sorrindo para tocar o meu rosto. Contudo, tamanha foi a minha surpresa quando ela me soltou no exato segundo em que me tocou. Espantada, deu um passo para trás, levando a mão à boca. Aqueles olhos leitosos que não mais enxergavam sabiam muito bem expressar sentimentos. Olhei para Izobel buscando uma resposta, mas ela apenas sorria de forma maternal, apontando com o queixo para que eu voltasse o meu olhar para aquela senhora.

Ela derramou umas lágrimas, mas havia um enorme sorriso no rosto. Corria as suas mãos pelo meu braço, buscando as minhas mãos, e, assim que as segurou, virou as minhas palmas para cima. Delicadamente, ela as acariciou com as suas mãos trêmulas, suspirando extasiada. Quando percebi que aquela alma tão pura havia gostado de mim, eu sorri a ponto de querer chorar.

Izobel pôs as mãos nos meus ombros, enquanto aquela senhora levava as minhas mãos para a sua testa, agradecendo aos Deuses.

– Assim como você, ela enxerga muito mais do que acha que é capaz. – disse de forma doce. – E sim, ela está feliz em ter você conosco. – sorriu.

A senhora fez um gesto para que entrássemos, e uma menina, que vestia o mesmo tipo de vestido, mas usava uma capa preta, recebeu-nos. Ela era ruiva de olhos verdes, aparentando a mesma idade de Gwen, e segurava um pano azul escuro aveludado, dobrado nos seus braços. Ela sorria de forma tímida, e uma pontinha de tristeza veio no meu coração ao me lembrar de Gwen e imaginar como ela estaria agora, com as mentiras de Christine.

A menina ajudou a senhora a me despir e me estendeu aquele pano dobrado, que se transformou em um belo vestido azul enquanto eu o desdobrava. Tinha mangas longas e justas, mas alargavam do cotovelo para baixo. O decote era transpassado de bainhas douradas.

– Obrigada! Ele é lindo! – corria os meus dedos pelas mangas, sentindo aquele aveludado tão macio.

– Estas são Aurélia e Luandra. – apresentou-nos Izobel, e inclinamos os nossos corpos.

– Eu sempre soube, ou talvez apenas torcesse para que ficasse conosco. Portanto, pedi para Luandra, que apesar de ser nova, costura como profissional, fazer um belo vestido de boas-vindas. E ainda tem mais uma coisinha.

Mais? Eu já estava tão agradecida só por um vestido que me sentia até sem graça em receber mais coisas. Nunca tive muito, e esses presentes, apesar de me fazerem feliz, também me deixavam bem constrangida.

Luandra voltou com outro pano dobrado, mas, desta vez, ela mesma abriu e me vestiu com uma linda capa encapuzada da mesma cor e mesmo tecido do vestido.

– É uma de nós agora, criança. – disse emocionada. E eu não cabia em mim de tanta felicidade.

– Sempre fui... apenas não sabia.

A doce Aurélia também se emocionou, e Luandra agora sorria, feliz por eu ter gostado do vestido.

Fui até ela e a abracei.

– Muito obrigada pelo carinho que teve ao fazê-lo.

Ela nada disse. Apenas me abraçou, sorrindo.

Izobel e eu voltamos para a sua sala onde Aidan e os donos das silhuetas nos aguardavam. O seu queixo caiu ao me ver naquele vestido, e Izobel pediu para que as pessoas se aproximassem.

– A guerra foi confirmada e está mais perto do que esperávamos. Portanto, é de extrema urgência que comecemos a nos preparar. Amanhã, vestiremos as nossas armaduras e ficaremos em alerta vinte e quatro horas por dia. Organizarei diferentes grupos com diferentes obrigações, e os treinamentos levarão mais tempo para serem realizados. – voltou o seu olhar para mim. – Ela agora é oficialmente uma de nós. Kyara e os seus poderes irão nos ajudar não só na guerra que está por vir mas em muitas outras coisas na nossa aldeia. Também é de extrema urgência que ela comece os treinamentos. Visto que nunca lutou, precisará de muita dedicação. Conto com a sua ajuda, Genevieve, não só para treiná-la pessoalmente mas também para organizar os grupos dos arqueiros que se alternarão entre treinos e vigílias.

Uma mulher de cabelos castanhos e olhos cor de mel, aparentando a mesma idade de Izobel, aproximou-se. Ela vestia uma capa cinza escura, por cima de uma bata verde até os quadris, presas por um cinturão marrom de couro. A calça era cinza, e as botas marrons, com fivelas douradas até abaixo dos joelhos. A grossa alça da sua aljava transpassava a sua blusa e, ao se curvar, notei os desenhos entalhados em formas abstratas, logo abaixo das flechas.

– Terei o maior prazer em treiná-la, majestade.

Genevieve e eu nos inclinamos uma para a outra. Se Izobel disse que ela me ajudaria mesmo sendo uma arqueira, ela tinha os seus motivos. Ela parecia disposta em me ajudar, e consenti com a cabeça como forma de agradecimento.

Izobel chamou outra pessoa, e então um enorme teriano felino de cor negra e olhos vermelhos se aproximou.

Ele se curvou para mim e Izobel.

– Este é Dunkan, o líder dos terianos.

Toda vez que eu via um deles de perto, perguntava-me qual tinha sido a sua perda, e o meu coração apertava. Ele notou o meu olhar de compaixão e imaginou que eu soubesse o motivo de eles terem ficado presos nessa forma. Abaixou a

cabeça de um jeito que fez com que aquela fera imensa e assustadora agora parecesse sensível e inofensiva.

– Seja bem-vinda.

Sorri, acenando delicadamente com a cabeça.

Uma mulher mais velha, de cabelos negros e raiz grisalha, aproximou-se sorrindo e se curvando. Ela vestia um longo vestido branco com largas mangas compridas de bainhas azuis.

– Esta é Isolda, líder dos xamãs. E, por último, este é Irvin, o líder dos magos.

Ele mal se curvou, mas sorriu, acenando com a cabeça. Ao contrário dos outros, eu o sentia um pouco arrogante, mas nada que se comparasse aos guerreiros de Arnhem. Ele vestia o mesmo tipo de roupa de Aidan, com sobretudo preto, calças, blusas e botas da mesma cor. A única diferença era que o seu sobretudo era fechado por fivelas prateadas. Ele tinha cabelos castanhos, raspados na altura da orelha e na nuca, com a franja lisa para o lado, caindo sobre as suas sobrancelhas.

Aidan também se curvou para o seu líder.

– Conte-nos o que ficou sabendo, criança. – botou as mãos nos meus ombros.

– Infelizmente, eu tive a confirmação por Odo, um dos escravos da minha antiga aldeia. Vários povos de diferentes territórios estão se reunindo para nos atacar em breve. Arturo, o capitão da guarda, foi até a minha antiga aldeia para fazer essa proposta, que, até então, eu não sabia do que se tratava. Fui dada a ele de presente, e tudo o que eu soube na época foi que, para realizar essa proposta, eles iriam negociar com os centauros, visto que somente pelas águas e cruzando o seu território poderiam chegar até aqui.

Aidan prendeu o fôlego. Depois fitou o chão triste ao ouvir o nome dos centauros.

– São muitos? – perguntou Dunkan amargamente, e eu confirmei em um gesto de cabeça. Ele bufou.

A sala foi tomada por uma energia tensa.

– Não podemos permitir! Eu proponho irmos amanhã bem cedo falar com eles! – disse Irvin autoritário.

– Temos de tomar cuidado. Não somos inimigos, mas também não somos aliados. – advertiu Izobel.

– Eles nos devem isso! – insistia inconformado. – Depois do que você fez, seria uma traição negar-nos ajuda!

Aidan levantou o olhar para Izobel, depois voltou a fitar o chão. Ela suspirou com a mão no peito.

– Então iremos amanhã. – fez uma pausa curta. – Mas Kyara precisa vir com a gente.

– Não podemos arriscar a vida dela. – disse Aidan, mostrando-se claramente contra a ideia.

– Aidan! – gritou Irvin.

– Ela precisa ir! Thalana é a única que poderá recebê-la e convencer o seu povo. – Izobel explicou.

– Mas e quanto à Christine? – perguntei.

– Fez muito bem em ter quebrado a pedra, ou ela saberia demais. – Izobel parecia não querer falar sobre ela.

– Mas o que é que ela quer? Que perigo ela representa para nós? – insisti.

A sala então foi tomada por um clima de tensão ainda maior só de imaginá-la conseguindo seja lá o que ela procura.

– Amanhã, você saberá. – suspirou. – Agora, precisamos descansar.

– Mas antes... – pronunciou Aidan. – Gostaria de levá-la a um lugar. – tomou-me pela mão. – Depois eu a levo até Genevieve.

Ela consentiu como se já soubesse aonde ele me levaria, e, pela primeira vez, desde que os conheci, sorriram de forma tenra um para o outro.

Era uma linda noite em Shadowfalls. A lua estava cheia, e Aidan me levava para o enorme lago central, onde a cachoeira caía.

As sereias choravam como da última vez, e eu sentia as suas dores como se fossem minhas. Era uma mistura de vários sentimentos frustrantes, mas o pior deles era o de me sentir sufocada, como se a prisão devido à maldição as deixassem angustiadas, querendo sair.

Uma delas sentava-se de costas para nós em uma pedra onde somente a ponta do seu topo ficava acima da água. O início da sua cauda era cinza escuro, mas não era bonito. O seu corpo ficava ainda mais pálido e acinzentado com a luz da lua refletindo sobre ele. Ao se curvar para frente, os ossos da sua coluna apareciam. Não via o seu rosto, mas parecia que o cabelo o cobria. Ela se abraçava fortemente enquanto soluçava chorando. Eu podia ver as suas unhas arroxeadas, mas ela não sentia frio. Apenas sofria de uma forma horrível, por um motivo que desconhecia. Os semblantes das sereias que nadavam perto da margem demonstravam que elas compartilhavam do mesmo sentimento. Mesmo que elas estivessem embaixo d'água, eu podia ouvi-las chorar.

– Sei que foram amaldiçoadas por desrespeitarem a sua Deusa, mas me sinto mal por elas, principalmente quando as vejo desse jeito. – lamentou Aidan.

Era impossível não se sensibilizar. Os meus olhos começaram a lacrimejar ao me perguntar do que ele estaria falando.

– São chamadas de sereias noturnas devido à sua aparência, mas já foram lindas como as outras. Elas faziam parte de um enorme grupo que queria o domínio das águas. Como você pode perceber, existem locais onde elas não atacam por não

serem inimigas do povo local. Mas elas queriam que toda e qualquer tripulação pedisse permissão a elas para navegar, e a deusa Mereen era contra. Indignadas, questionaram a Deusa de forma agressiva e, assim como Maleena, foram castigadas da pior forma, tendo todos os seus encantos retirados. A diferença é que Maleena é livre para nadar onde quiser. Já elas foram banidas para rios ou lagos, perdendo a sua beleza e liberdade.

Nós as acolhemos quando foram mandadas para cá, e, como forma de agradecimento, elas ajudam a nos proteger. Muitas delas morreram no ataque surpresa, inclusive. Há vezes como hoje, por exemplo, em noites de lua cheia, que elas se arrependem de terem contestado Mereen, sentindo falta da sua liberdade e de quem elas eram.

– Mas por que somente na lua cheia?

– A lua é a Deusa das marés e, em noites onde ela está cheia, traz uma maré crescente, que beneficia as águas, aumentando o nível do mar. Isso facilita a entrada de peixes e alimentos nos seus berçários. Também influencia na temperatura, ajudando os peixes e todas as outras criaturas marinhas na sua reprodução. É o momento em que várias vidas se formam, e, por isso, as sereias sobem à superfície para cantar para a lua em agradecimento. Já elas choram por sentirem saudades de cantar com as suas famílias.

O meu peito doía como se eu pudesse sentir as suas dores.

– Kyara, você é um ser das águas. Eu sabia que iria se sensibilizar com o sofrimento de um povo do qual você faz parte. É a hora perfeita para testar os seus poderes novamente.

Eu sabia que deveria tentar, mas algo dentro de mim ainda estava receoso. Eu me perguntava se realmente estaria pronta. Aidan pegou nas minhas mãos, que, sem que eu notasse, já estavam incandescentes.

– Olhe para ela, Kyara. – apontou para a única sereia na superfície. – Sinta o sofrimento dela.

A sereia continuava a chorar.

– Vá até ela e a toque. – incentivou-me carinhosamente.

As minhas mãos pulsavam, e aquela luz começava a ficar mais forte.

– Mas e se eu machucá-la?

– Você não vai! Não machucou Brisêys, que é um ser muito mais frágil.

– Era diferente. Eu não estava insegura como estou agora.

– Lembre-se do que Christine tentou fazer com você e pense na importância que é ter domínio e conhecimento dos seus poderes. – apontou com o queixo para a sereia. – Você sempre quis uma família, e ela está bem ali. Assim como os seus poderes, que você sempre teve. Apenas não sabia, e agora elas precisam de você.

Olhei para a sereia que ainda estava de costas e foi então que me dei conta da família que eu tinha. Sempre quis uma irmã e descobri ter milhares delas! As minhas mãos pulsavam forte, e eu estava disposta a fazer qualquer coisa por elas, assim como fizeram comigo quando nasci.

Ela se preparava para mergulhar e não me perdoaria se não tentasse acalmá-la.

Pisei na água e me aproximei. Ela pareceu sentir a minha presença e, sem olhar para trás, permaneceu imóvel, como se me aguardasse.

Ajoelhei perto dela e, com as minhas mãos incandescentes, toquei as suas costas frias e trêmulas. Nesse exato momento, os seus ombros erguidos desceram com um suspiro de alívio. A sua cabeça baixa lentamente se erguia, enquanto a luz alaranjada parecia percorrer pelas suas veias, contrastando com a sua pele clara e o escuro da noite.

A minha sensação de poder ajudá-la foi mais que gratificante, e eu parecia querer flutuar, exatamente como me senti ao ajudar Brisêys. Ela lentamente se virou para mim, e ajeitei o seu cabelo molhado para trás, deixando o seu rosto livre. Agradecida, sorriu ao segurar as minhas mãos em silêncio, não só pelo o que eu fiz a ela mas pelo meu gesto carinhoso no final. Agora, o que me impressionava não era mais a sua aparência, e sim o ser com alma e coração, que sentia falta de coisas que iam muito além da sua beleza e liberdade.

Uma sereia me olhou por debaixo d'água e, ao perceber os meus poderes, emergiu, aproximando-se. Os seus olhos tristes pareciam implorar pelo meu toque, e então estiquei uma das minhas mãos para acariciar o seu rosto. Foi quando começaram a ficar dormentes novamente, e a luz voltou a se intensificar. Então, como por uma intuição repentina, eu toquei a água escura pela noite. A luz se espalhou por debaixo d'água até tomar o lago por completo. Pequenas névoas alaranjadas se formavam a centímetros da superfície como se fossem um fog de pântano, e todas as sereias sentiram os meus poderes admiradas e agradecidas. Elas emergiam, uma a uma, e não somente as noturnas como também as outras, que se juntavam perto de mim. Absorvia todo o carinho que mostravam sorrindo, como uma troca revigorante de boas energias. Eu estava em êxtase, mas, aos poucos, começava a enfraquecer por usar os meus poderes de forma tão intensa.

Aidan e as sereias insistiam para que eu parasse, mas a necessidade de continuar ia além de qualquer controle que eu pudesse ter. Até que a minha visão ficou turva, e eu caí quase desmaiando. Da margem, Aidan gritava o meu nome, enquanto a luz laranja sumia naquele rio escuro. As sereias apararam o meu corpo, ergueram-me, e fui passada de uma a uma, até chegar a Aidan.

Agora toda a aldeia sabia quem eu era e o quanto eu queria fazer parte deles. Fui acolhida pelas minhas irmãs e oficialmente aceita por todos de Shadowfalls.

Recostei a minha cabeça nos ombros de Aidan e, pela primeira vez, não só senti orgulho de mim como também tive a certeza de que nunca mais estaria sozinha.

No entanto, no melhor momento da minha vida, o meu coração apertou ao sentir que as sereias ainda tinham saudades de casa.

Não demorou muito para eu recuperar as minhas forças e todos retomarem os seus percursos. Aidan e eu caminhávamos com os braços ao redor um do outro, em uma mistura de carinho e preocupação com o fato de eu ainda poder estar fraca.

– Sinto um pouco de tristeza em você. – disse amparador.

– Não consegui tirar a dor que as saudades ainda lhes causam.

– Poder algum cura a dor de uma saudade ou um coração partido. Veja eu, por exemplo. Por mais que eu esteja feliz ao seu lado, ajudando-lhe a se familiarizar com os seus poderes, sinto falta dos meus pais. Isso é algo que vai além de qualquer poder que você possa vir a ter. Elas sempre sentirão falta do que perderam, mas você conseguiu não só amenizar a sua dor como mostrou que existe alguém além de nós que se importa com elas.

Era difícil aceitar que não poderia realizar tudo o que eu queria com os meus poderes. Mas agora entendia afinal. Grand estaria sempre na minha memória, e nada amenizaria a dor de perdê-lo, assim como Arturo, Megan e Gwen.

– Se não fosse você acreditar em mim e me incentivar da forma que fez, não sei se teria conseguido sozinha. Não desse jeito.

Ele sorriu feliz em me ajudar, e ganhei um beijo tenro na minha têmpora.

– Quando retirei as minhas mãos da sereia, eu não fiquei fraca! – falei feliz pelo meu progresso.

– Sinal de que, aos poucos, está conhecendo melhor os seus poderes. – disse aliviado. – Só ficou fraca ao canalizá-los para a água porque exigiu mais de você. E não estou dizendo que não seja capaz, mas sim que ainda não está pronta para usá-los dessa forma. Por mais que quisesse ajudá-las, precisa lembrar que, antes de todos, você precisa estar bem para poder utilizá-los. A sua fraqueza me preocupa, pois faz de você uma presa fácil para os inimigos. Vamos tentando aos poucos, está bem?

Mais uma vez, concordei e não pude deixar de ficar feliz ao ver como ele se preocupa comigo. Cada vez menos, eu temia usar os meus poderes. E, cada vez mais, eu ansiava por aprendê-los.

– Poderia ver se as meninas estão bem? Sinto que estão, mas...

– Verei hoje mesmo e lhe digo amanhã. – assegurou.



Capítulo 16

Não sei como consegui dormir tão rápido depois de tudo o que aconteceu. Achei que não conseguiria pregar os meus olhos tão facilmente, mas a cama em que Genevieve me botara, com certeza, ajudou. Mesmo com a minha insistência para que ela não dormisse fora da sua cama e me deixasse dormir na rede.

Os arqueiros moravam nas casas cobertas de folhas, e o seu interior era rústico e simples.

Genevieve molhava umas folhas e coava, separando tudo em dois copos de madeira. Enquanto isso, eu arrumei a cama e peguei uma ponta da rede do lado direito, pendurando junto com a outra para deixar o caminho livre.

– Obrigada. – disse Genevieve, estendendo-me um dos copos.

– O que é isso? – sentia o aroma suave e adocicado.

– Lilário, uma erva local. A minha favorita.

Sorri e dei um belo gole naquela bebida, enquanto Genevieve abriu o armário, retirando um pedaço de pão e duas maçãs. Sentamos em frente à janela enquanto olhava a minha primeira e linda manhã em Shadowfalls.

– Então... você já foi ao território dos centauros alguma vez?

– Não. Somente Izobel e há muito tempo

– Eles são assim tão hostis?

Genevieve ergueu as sobrancelhas e os ombros, enquanto dava um gole no seu chá. Suspirei.

– E quanto à Thalana? Quem é ela afinal?

– É a líder deles. Eles a chamam de oráculo. Ela tem visões... Uns até dizem que ela fala diretamente com a sua Deusa. Com base nessas visões ou conversas, ela decide que atitude devem tomar.

– Então não temos nada com o que nos preocupar, visto que não sou nenhuma ameaça a eles. Aliás, nenhum de nós.

– Não somos aliados, portanto, nada os impede de aceitar uma proposta que seja benéfica para o seu povo. Não temos nada a oferecer a não ser paz. Logo, há uma grande chance de recusarem o nosso pedido.

Ela parecia não acreditar, mas eu preferi me manter positiva, presa à ideia de que eles deviam algo a Izobel.

Seguimos para o grande lago, onde todos se encontrariam para partir. Aidan e um grupo de terianos em formas ferais, incluindo Margreet, aguardavam-me. Ele veio me dar um abraço e um beijo de bom dia. Margreet baixou as orelhas e se curvou.

– Megan está bem. Eu a vi sendo amparada por dois homens.

– Obrigada. – respirei aliviada. E quanto à Gwen?

Ele balançou a cabeça triste, e eu fitei o chão. Seria questão de tempo para nós duas.

Brisêys saiu de trás dele, feliz em me ver de vez em Shadowfalls. Ela veio até mim, abraçando a minha maçã do rosto, e eu acabei sorrindo por ter sido recebida com a sua doçura de manhã.

– Só vim aqui lhe receber e desejar sorte.

– Você não vai? – perguntei surpresa.

– Não posso. – disse cabisbaixo. Brisêys voou de volta para o seu ombro. – Esse encontro é apenas para os líderes e parte do exército de Dunkan. – pegou uma das mechas do meu cabelo, pondo atrás da minha orelha. – Estarei aqui quando voltar.

Deu o último beijo na minha testa, e Irvin começou a conjurar o portal.

– Pensei que fôssemos andando.

– Levaríamos dias para chegarmos lá se fôssemos a pé. – Izobel sorriu, e Margreet deu uma leve bufada, mostrando-se impaciente pela minha falta de conhecimento local.

Saímos em um lugar completamente diferente de Shadowfalls. As flores e o verde iam sumindo gradativamente, sendo tomados por lama e terra batida. Aos poucos, areias escuras de cor acinzentada misturadas com pedregulhos cinza formavam o caminho que levava para a enorme praia, com o mar escuro e agitado à esquerda.

Os terianos iam na frente. Toda cautela era pouca, e a tensão tomava conta dos nossos corpos, pois não podíamos garantir que eles nos ouviriam. Corríamos sério risco de vida, mas não poderíamos deixar que o nosso povo sofresse outra guerra sem ao menos tentarmos. Sentíamos o cheiro dos centauros, e eles fediam!

Dunkan fez sinal para que agachássemos atrás de uma parede de arbustos. Afastei um pouco as folhas para observá-los e senti um arrepio gélido na espinha. Os seus olhos eram negros e nada amigáveis. As suas feições humanas eram largas e ossudas, com o maxilar quadrado. As orelhas eram parecidas com as de um cavalo, porém com pontas arredondadas e para baixo, quase cobertas pelos seus cabelos negros. Usavam armaduras de couraça bege. As suas partes equinas variavam entre marrom escuro e bege claro. Àquela altura, não pareciam o tipo de espécie que faria qualquer tipo de acordo. Prendi a respiração, e Margreet deu uma focinhada na minha mão para eu largar as folhas e depois rosnou baixinho. Eu a encarei com raiva, mas depois voltei o meu olhar pela brecha entre outras folhagens.

A entrada do seu território era marcada por duas enormes falésias. No topo de ambas, duas gigantescas estátuas de pedra de dois centauros apontavam os seus arcos e as suas flechas para o mar. Aos seus pés, inúmeros arqueiros observavam o mar à espera de possíveis invasores, prontos para atirar a qualquer instante. O local era apenas areia escura, pedras que se projetavam para fora da areia, enormes montanhas ao longe, inúmeras fogueiras já apagadas e cabanas feitas de couraças costuradas e sustentadas por estacas no chão. Muitas estavam com a couraça que cobria a entrada jogada para cima. Alguns saíam das suas cabanas, enquanto outros permaneciam lá dentro, mas sempre em estado de alerta, como se pudessem nos sentir de alguma forma. Andavam de um lado para o outro, segurando lanças com pontas de ferro.

– Como vamos fazer? Eles são inúmeros! – perguntou a Irvin.

– Eu posso ir na frente com o meu clã. – sugeriu Dunkan.

– Não! – advertiu Izobel. – Vocês são o meu povo, e eles me devem uma. Sendo assim, aguardem aqui e fiquem abaixados! – falou com autoridade.

Irvin tentou intervir, mas ela lhe lançou um olhar para que se calasse.

– Se eles virem vocês, virão atacar. Se eu for sozinha, não serei ameaça. Logo, as chances são maiores de eles nos ouvirem. – e ela levantou sem nem ao menos nos dar oportunidade de argumentarmos.

Izobel saiu dos arbustos com as mãos para cima, em um gesto mostrando que veio em paz. Contudo, dois centauros a avistaram e gritaram em alerta para o resto. Em segundos, uma multidão havia se formado. Uma multidão enfurecida, que gritava um grito de guerra, correndo na nossa direção, apontando as suas lanças com pontas de ferro polidas. Eu juro que pensei que fôssemos morrer. O chão tremia com os seus cavalgares, e, cada vez mais, uma enorme massa, que parecia não ter fim, juntava-se a eles.

– Façam um círculo em volta dela!!! – ordenou Irvin.

– Formar linha de defesa! Agora! – rosnou Dunkan para o seu clã, fazendo uma linha reta à nossa frente. Eles inclinaram os seus corpos, arrepiando os pelos da coluna.

Genevieve ergueu o seu arco e a sua flecha. Irvin ergueu as suas mãos, emanando uma luz roxa, e Isolda fez o mesmo, emanando uma luz azul. Eu sentia que as minhas mãos queriam deixar fluir a energia, mas estava com tanto medo que talvez isso tenha me impedido. Mas não deixei de erguer as minhas mãos em posição de luta.

E então foi como se as nossas defesas soassem como uma afronta. Eles nos rodearam à distância, mas o clã de Dunkan prontamente nos cercou, impedindo que se aproximassem mais. Os terianos rosnavam, arrepiavam os pelos e arrastavam as suas patas dianteiras no chão, apenas esperando o comando de Izobel. Margreet,

como outros, rugia, erguendo-se sobre duas patas segundos antes de cair firme no chão. Neste momento, eu admirei a sua coragem.

Um centauro em especial me encarava com tanto ódio nos olhos, que acabou se sobressaindo em relação aos outros. Parecia ser algo pessoal. Foi o olhar mais horripilante que eu já havia recebido. Irvin rapidamente me puxou para trás, colocando-me no centro do círculo com Izobel e fechando o caminho com o seu corpo.

– Baixem a guarda! – ordenou-nos Izobel de forma calma, apesar de tudo.

Irvin e Dunkan a olharam espantados, como se estivessem relutantes em obedecê-la. Mas bastou um olhar incisivo para, muito a contragosto, ergueram as suas mãos em rendição, cessando os seus poderes. Os terianos não baixaram a cabeça e mantiveram a posição de alerta, passando a mensagem de que não morreriam sem levar vários centauros com eles.

Aquele centauro babava uma gosma nojenta, e os seus músculos tremiam ansiando por me matar. O seu semblante impiedoso tinha uma enorme cicatriz que cortava o seu rosto, desde a testa até o maxilar, e o seu olho direito, mesmo deformado pela cicatriz, fulminava um ódio mortal. Sim, ele conseguiu me intimidar, como nunca ninguém havia conseguido, mas não me tirou a vontade de lutar, protegendo Izobel e os outros, mesmo que tivesse de morrer por eles.

O encarei, e o ódio o corroeu mais ainda pela minha petulância. A sua cicatriz e as veias do seu pescoço pulsavam no mesmo ritmo do meu coração acelerado. Eu sentia como inúmeras pontas afiadas tentassem perfurar a minha pele, tamanha era a vontade de emanar as minhas energias. Mas elas não saíam, e eu tentava controlar a dor o máximo que podia.

Em meio a tanta gritaria ameaçadora, o som de uma trombeta de chifre ressoou. Aquele barulho fez a multidão de centauros recuar, abrindo um caminho. No silêncio, diante de tanta tensão da nossa parte, o barulho dos cascos de outro centauro que se aproximava parecia ainda mais intimidador do que aquela multidão. Ele surgia diante do corredor onde essas enormes criaturas mostravam respeito erguendo a cabeça com postura ereta e fincando a lança no chão. Ele era maior e diferente de todos.

A sua metade cavalo era negra, com a pele um pouco mais clara, e os seus cabelos eram longos, negros e lisos, que caíam até o meio das costas. Ele vestia uma couraça peitoral pintada de preto e ombreiras e braceletes que cobriam o seu antebraço. Caminhava de forma firme e imponente, mas não tirava os olhos de Izobel, que parecia não temê-lo.

Ela pediu que os terianos abrissem caminho e então foi ao seu encontro. Eles estavam frente a frente. O centauro com a cicatriz era o mais indignado e bufava, quebrando o silêncio sem parar de me encarar.

– Tartus... – disse Izobel em tom de respeito, fazendo uma leve reverência.

– Izobel... – respondeu amargamente, sem mover um músculo sequer.

Curiosamente, o seu tom de voz não condizia com o olhar que ele expressava por ela. Parecia que aquela enorme criatura guardava algum tipo de gratidão por Izobel. Um enorme conflito interno o corroía, entre a gratidão e a relutância para aceitar a sua presença no seu território. Ele não nos queria ali, mas não nos expulsaria.

Izobel estendeu a sua mão para que eu fosse até ela, então fui. Ela me tomou pela mão, colocando-me ao seu lado e acariciando o meu ombro. Ele não parecia surpreso, tampouco interessado em saber quem eu era.

– Apenas lembre-se do motivo que me fez vir aqui anos atrás. – disse em tom doce e levemente suplicante.

– Lembro todos os dias. – suspirou, e então os seus olhos, que pareciam querer fixar o chão, mantiveram-se firmes nos dela.

– Então sabe o quanto o meu povo respeita o seu e que jamais lhes causamos problemas.

– Aonde quer chegar? – perguntou incisivo.

Precisamos que nos deixe levá-la à Thalana.

Os centauros começaram a protestar feito loucos, mas aquele da cicatriz parecia seriamente ofendido por eu ter de entrar no seu território e rosnou fulminando escárnio para mim, quebrando ao meio a sua lança com a facilidade com que se arranca uma flor. Duncan, ao perceber, o encarou rosnando tão alto quanto ele, e, por um breve momento, a rixa ficou entre os dois. Eu pensei que eles fossem se atacar, e talvez até estivesse para ocorrer uma luta, mas Tartus ergueu as suas duas patas dianteiras, causando um enorme estrondo no chão quando voltou à posição normal.

– Já basta!!! – gritou autoritário.

Contrariados, eles pararam, recompondo-se em seguida.

– Ela está esperando por vocês. – respirou fundo. – Sigam-me. – disse visivelmente contrariado.

Era nítido que os outros estavam tão surpresos quanto relutantes em ter de nos deixar entrar, mas, se Thalana consentia, então nada poderiam fazer. Indignados, deixaram-nos passar, e na medida em que andávamos, eles desfaziam o corredor, cercando a nossa retaguarda como se não tivéssemos como fugir se algo desse errado.

Bastou apenas um olhar de Duncan, e os terianos se dividiram em dois grupos, protegendo a nossa dianteira e retaguarda. Margreet estava atrás e caminhava um pouco rápido, forçando-me a apertar o passo. Ela bufava na minha nuca como se esquecesse que eu estava ao lado dela e deixando claro que ela nunca estaria do meu. Parei de andar por um breve segundo, e ela teve de frear antes que batesse em

mim. Eu a olhei desafiadoramente, recusando-me a ceder ao seu falso poder sobre mim, e Izobel, ao notar, olhou-nos com desaprovação, ordenando que parássemos. Margreet se conteve, mas o centauro da cicatriz, que agora estava na minha diagonal, notou, e o gesto de Margreet só fez o seu ódio crescer mais ainda em relação a mim.

Crianças nos olhavam curiosas por dentro das suas cabanas, mas sem deixar de nos fulminar com ódio nos seus olhos ainda tão jovens. Toda a aldeia se virava contra nós. Alguns centauros recém-chegados da caça mastigavam a carne crua da presa nos olhando ameaçadoramente como se pudéssemos ser a próxima refeição. Não teve um olhar tranquilo até então.

Izobel e os outros caminhavam de cabeça erguida, parecendo não os temer, mas a verdade era que eu estava completamente tomada pelo medo e lutava muito para manter a minha cabeça erguida sem demonstrar fraqueza aos centauros.

Tartus nos guiava para a direita, em direção à última tenda. Era um pouco maior do que as outras e ficava entre duas rochas e troncos secos e espinhentos que se entrelaçavam em uma espécie de cerca ao seu redor. A porta da cabana estava fechada, mas logo uma centauride empurrou para o lado uma das couraças que protegia a entrada e saiu para nos receber. Naquele momento, um olhar surpreso e relutante parecia destoar no meio de todos.

As suas feições humanas eram mais delicadas, tinha a pele bem clara como a minha e, assim como a de Tartus, era a mais clara de todos. A sua metade equina era branca, e os seus longos e lisos cabelos castanho-claros eram levemente beijados pelos raios solares. Ela usava uma armadura de couraça bege com decote transpassado de alças largas. O seu bracelete era largo e cobria até metade do seu antebraço. Carregava nas costas a aljava com as flechas e o arco, que, mesmo feito de madeira, parecia bem resistente.

Tartus, que até então se mantinha em uma postura firme e ameaçadora, agora parecia lutar para não desabar na presença daquela centauride. Ele se juntou a ela a uma pequena distância em que os seus corpos quase se tocavam. Como ele era mais alto, olhou para baixo para encará-la. Contudo, quando ela ergueu o olhar para ele, Tartus, que até então parecia frio, sem relutar, expressou carinho. Não foi preciso nenhum sorriso ou gesto de carinho para sentir a afinidade entre os dois, mas não era apenas Tartus que a olhava dessa forma. Izobel suspirou por um segundo, e eu podia jurar que ela queria chorar. Mas ela se manteve forte.

– Ela já pode nos receber? – perguntou Tartus carinhosamente.

– Sim. – respondeu a centauride no mesmo tom. – virou-se para nós em um tom tranquilo – Está à espera de vocês. – Ajeitou a couraça que tapava a entrada para que entrássemos.

Izobel foi a primeira a se aproximar e parou na sua frente. Dulkan e os outros nem se mexeram. De repente, o clima ficou estranhamente constrangedor. Izobel a olhou com carinho, mas a centauride parecia constrangida e lutava para não demonstrar afeto.

– Fandra. – a olhou de cima a baixo, com os olhos marejados.

A centauride calmamente desviou o olhar.

Fandra parecia ser diferente de todos, pois, até então, foi a única que não nos recebeu de forma agressiva ou ameaçadora. E, mesmo aparentando ser calma, eu não a subestimei, pois senti a grande e destemida guerreira que se escondia naquela doçura.

– Me sigam. – ignorou Izobel, voltando o olhar para nós.

Tartus nos deixou prosseguir, mas sempre nos seguindo com o olhar nada amigável.

De costas para nós, uma centauride sentava em um círculo de pedras, bem abaixo de um enfeite feito de lascas de madeiras e penas coloridas, penduradas por uma fina corda no teto. Os seus cabelos castanho-escuros e ondulados caíam abaixo dos ombros, e a sua metade cavalo era bege escura, assim como a sua couraça peitoral, que parecia ser reta, sem alças. Ela expirava e inspirava, elevando levemente os seus ombros e voltando à posição inicial.

Fandra fez um sinal para que esperássemos.

Thalana levantou a cabeça, inspirando fundo pela última vez, levantando-se e virando majestosamente para nós. O seu olhar bateu em mim logo de início, como se já me esperasse, e veio na minha direção. Fandra e Tartus endireitaram a postura, erguendo a cabeça em um gesto de respeito, enquanto Izobel e os outros se curvaram. Fiz o mesmo.

Virada para o chão, vi os seus pés equinos se posicionando na minha frente, e, ao voltar à posição normal, Thalana manteve a sua postura reta, mas baixava o olhar para mim. O seu rosto era largo, mas os seus traços eram finos, como o seu nariz e os seus lábios. Os seus olhos eram da cor do mel, contrastando com a pele levemente dourada.

– Que mistura interessante você é... – disse ao me ver.

Encolhi os meus ombros e consenti com a cabeça em um gesto de agradecimento.

– Shai tem falado muito comigo esses dias e me contou que viriam. – disse em um tom meio frio. –Inclusive, falou sobre você, Kyara. – olhou para mim.

Tartus, que até então estava sério, parecia impressionado pelo fato de essa Shai ter falado de mim. Ele e Fandra me olhavam se questionando quem seria eu.

– Então já sabe por que viemos? – perguntou Izobel esperançosa.

– Sim. – respondeu de forma simples.

– Graças aos Deuses, Thalana! – respirou aliviada. – Então sabe o quanto a sua ajuda é importante.

O sorriso de Izobel se desfez ao ver Thalana sacudindo a cabeça lentamente.

– Por favor! Precisa negar o acordo que o povo de Weston irá propor! – implorou de forma polida.

– Em todos esses anos, nunca lhe ameaçamos ou houve qualquer desavença entre os nossos povos. Por que nos negariam ajuda?

– Não estamos pedindo a sua proteção. – entrevistou Genevieve. – Também não estamos pedindo que lutem ao nosso lado. Estamos apenas querendo evitar uma guerra!

– Reconheço que os nossos povos nunca tiveram nenhuma rixa, mas Shai foi bem clara ao me pedir que aceitasse o acordo.

– Ingratos! Depois de tudo o que Izobel fez por vocês... – provocou Dunkan. Nessa hora, Tartus e Fandra rosaram, pegando impulso para matá-lo, mas Thalana os impediu com um gesto de mãos.

– O acordo é benéfico para o nosso povo. – disse de forma clara e objetiva.

Estávamos petrificados pelo que Thalana acabara de dizer.

– Você sabe que eles querem cruzar o seu território para nos atacar? Sabe quantas vidas eles já nos tiraram? E quantas tiraram de vocês? Não acha que foi o suficiente? – insistia Izobel com um pouco de frieza.

Thalana se mostrava fria, mas algo me dizia que ela estava fingindo. Notei certa tristeza nos seus olhos, que ela tentava esconder. Thalana talvez pudesse ter enganado a muitos, mas não a mim.

– Preciso pensar no bem do meu povo. – deu de ombros.

– Izobel já abriu mão de algo importante por vocês. – disse Dunkan incrédulo.

Izobel o tocou conformada, pedindo que ele não se pronunciasse mais.

Thalana nada disse, apenas suspirou, virando-se de costas para nós e voltando à sua posição sentada, anterior, meditando.

Fandra, agora um pouco mais firme, posicionou-se entre nós e a sua rainha.

– Acho melhor vocês irem!

Izobel a fitou com tristeza. Havia uma leve ponta de decepção.

Notando o clima entre as duas, Tartus entrevistou.

– A nossa rainha foi bem clara quanto à sua decisão! Agora sumam daqui e não se atrevam a voltar novamente, ou não impedirei que sejam mortos.

Arrasada, Izobel apenas balançou a cabeça, enquanto nos guiava para irmos embora.

– Não somos inimigos, Tartus. – falou decepcionada. – Achei que tivesse ficado claro entre nós, principalmente após a minha última visita. – falou amargamente.

Ele engoliu seco, mas manteve a sua firmeza na postura e no olhar.

Como eu era a última, olhei para trás antes de sair e vi Thalana virando o seu rosto levemente para a direita, como se estivesse nos vendo ir embora. Uma lágrima escorria da sua face.

Tartus andava bem atrás de mim, quase me expulsando da tenda. Lá fora, não somente Izobel e os outros me esperavam, como toda a aldeia dos centauros que ansiavam por nos expulsar.

– Por que Irvin não conjura um portal daqui mesmo? – perguntei a Izobel, louca para ir embora.

– Porque centauros não toleram magia. – respondeu melancolicamente, mas manteve a sua cabeça erguida ao passar por eles.

Os centauros rosnavam, arrastavam as suas patas no chão, pressionavam as suas mãos como se estivessem pensando em esmagar as nossas cabeças e gritavam gritos de guerra, pisoteando ou fincando lanças no chão como em um ritual. Um deles jogou um objeto pesado que bateu em um dos terianos, e ele rosnou de dor enquanto o sangue escorria das suas costas. Ferido, ele conseguiu andar. Temíamos que aquilo fosse uma tentativa de atrasar os nossos passos para um possível ataque. Se parássemos de andar, daríamos a entender que não deixaríamos o seu território. Talvez fosse isso que eles queriam, e o ódio então nos consumiu por não podermos fazer nada a respeito.

Eles queriam nos incomodar e intimidar com a barulheira, e conseguiram. Saíamos derrotados e impotentes, enquanto alguns riam, zombando da nossa derrota, cuspidos e pisando no sangue do nosso amigo que ficara no solo.

O centauro com a cicatriz me olhava, e, instantaneamente, eu pressenti que um dia duelaríamos até que um de nós caísse morto. E esse alguém seria eu.

Finalmente, já estávamos longe do território deles e precisávamos sair do campo da sua visão antes de conjurarmos o portal. O teriano, já fraco, caiu ferido, e nós os ajudamos enquanto Irvin conjurou o portal que nos fez chegar a salvo em Shadowfalls. Eu ainda olhei para trás e vi aquele cenário frio e triste sumindo no portal que se fechava.

Saímos perto do lago central, onde toda a população começava a se agrupar, esperançosos por uma boa notícia. No entanto, ao perceberem os nossos semblantes e um amigo ferido, temeram, sabendo que não falaríamos o que queriam ouvir. O grupo dos mais velhos não conseguia se contentar, e os mais novos entraram em pânico pela primeira guerra que enfrentariam.

Ninguém queria lutar. No entanto não era da guerra em si que tínhamos medo, mas sim das mortes que viriam com ela.

Izobel delicadamente limpava as suas lágrimas e sentíamos que não era somente pela guerra. Ninguém comentou ou tentou consolá-la; não porque não queriam, mas porque era um assunto sobre o qual ela não gostava de conversar. Embora eu fosse a

única sem saber do que se tratava, não tive escolha a não ser fazer o mesmo. Aidan a olhou, e ela levemente sacudiu a cabeça desapontada. Os seus olhos também se encheram d'água, então fui ao seu encontro. Ele me abraçou, mas também não quis comentar nada.

– Vamos entrar em guerra. – enfatizou Izobel, confirmando a notícia que fez todos exclamarem amedrontados. – Daqui a pouco, irei me reunir com os líderes de cada grupo e, em breve, convocarei toda a aldeia para uma reunião. – disse fitando o chão e se retirando.

Apreensivos, todos se curvaram para ela, fazendo um momento de silêncio. Shadowfalls fora tomada por uma energia horrível.

Passou um tempo, e todos já haviam partido, seguindo com o seu dia na medida do possível. Os semblantes sorridentes deram lugar às lágrimas, ao medo e à indignação.

Aidan, ainda muito abalado, havia ficado em silêncio por um tempo, e eu respeitei. Ele me levou para perto do lago onde, do outro lado da margem, uma das sereias noturnas estava sentada. Era mais velha. Os seus cabelos eram acinzentados e haviam perdido o brilho; a sua pele, levemente enrugada e pálida, com uma aparência não muito saudável. Ela acariciava os cabelos de uma sereia com a idade de Gwen aproximadamente, que deitava a cabeça na sua cauda enquanto os seus cabelos eram penteados com os dedos espaçados, como um afago. Ela parecia contar uma história à mais nova, que sorria ao fechar os olhos, imaginado um mundo cheio de fantasias. A mais velha derramou uma lágrima, mas não parou de contar até que a mais nova pareceu adormecer, e lá ficou por um tempo. A sereia mais idosa permaneceu imóvel para não a acordar. O contraste das duas espécies era gritante, mas não podia deixar de achá-la tão linda quanto a mais jovem pelo gesto carinhoso que demonstrava.

– Ela vem todos os dias visitar a mãe. – disse Aidan, que, mesmo chorando, sorriu, apontando com o queixo.

Deitei a minha cabeça no seu ombro enquanto ele deitava a sua cabeça na minha. Entrelaçamos os nossos dedos, sentados no chão.

– Fico feliz quando vejo que nem a pior das maldições separa uma família.

– E a mãe não pode sair, não é mesmo?

Aidan sacudiu a cabeça lentamente.

– Estão presas aqui devido à maldição, mas, pelo menos, as outras são livres para ir e vir. Não posso dizer que aconteceu o mesmo comigo porque, embora eu seja livre, me sinto preso nas minhas lembranças.

– Está falando dos seus pais, não é? – ergui a cabeça, limpando as suas lágrimas.

– Eu sei a dor que é perdê-los, mesmo sem tê-los conhecido.

– Não me referi a eles. Sei dentro de mim o quanto fui amado, e, se estivessem vivos, jamais me deixariam. Mas é diferente quando alguém que você ama resolve te abandonar.

– Do que está falando? – acariciava as suas costas. – Se Izobel te criou como se fosse dela...

– Como foi com os centauros? – fez uma breve pausa. – Conheceu Fandra?

Ele me olhava com os seus olhos já inchados de tanto chorar, enquanto mais lágrimas desciam. Fechou os olhos suspirando.

– Dez anos antes do ataque, os magos mais velhos costumavam fazer portais para que Izobel e outros pudessem colher espécies de plantas que cresciam em montanhas bem distantes daqui. Apesar das nossas plantas e ervas regadas pela água abençoada dos dragões, há outras espécies que Izobel gosta de colher para estudar ou fazer remédios. No topo de uma dessas montanhas, havia uma aldeia de centauros, e, como as plantas cresciam abaixo do seu território e eles não a utilizavam, não viam problemas em deixar que ela as colhesse, contanto, claro, que não ultrapassasse um determinado limite. Contudo, teve um dia em que ela sentiu um enorme distúrbio, então ela e os outros resolveram arriscar, entrando no território dos centauros. Acharam a aldeia saqueada, queimada e com corpos para todos os lados. Viram, pelas pegadas no chão, que eles haviam sido atacados pelos trolls, inimigos mortais dos centauros. Começaram a buscar por sobreviventes e, já sem esperanças, ouviram um gemido. Havia uma cabana em ruínas, e, ao retirarem os escombros, acharam o corpo de uma centauride, já quase sem vida, mas que ainda a segurava como se estivesse morrendo tentando protegê-la. Fandra deveria ter poucos dias de vida quando fora encontrada. Quando Izobel a pegou nos seus braços, não havia rivalidades, e sim um ser inocente prestes a perder a vida se não fosse cuidado. Então Izobel a trouxe e a criou, aqui em Shadowfalls, como se fosse a sua filha. Fandra tinha dez anos quando Izobel me adotou. – suspirou. – Eu adorava ouvir a história de como Fandra reagiu ao ver Izobel chegar comigo nos braços. Ela dizia que fui muito bem aceito, e minha irmã mais velha cuidava de mim como se eu fosse dela. – sorriu. – Lembro como se fosse ontem... ela me botando nas suas costas e me levando para cavalgar por toda Shadowfalls. Assim como Margreet, também conversávamos sobre os nossos pais que nunca conhecemos. Mas era diferente com ela. Margreet era amiga, e Fandra era irmã a ponto de eu não aceitar o fato de sermos irmãos de sangue. – fechou o seu sorriso. – Fandra foi crescendo e notando a diferença entre ela e os outros. Quando soube que havia um território da sua espécie aqui perto, quis se mudar. Respeitamos e entendemos a sua decisão, mas sofremos muito com a sua partida. As coisas não eram mais as mesmas sem ela. Eu me lembro de Izobel voltando sozinha, inconformada em perdê-la, mas feliz por ela ter sido aceita pelos outros centauros.

Ela e Thalana tinham a mesma idade e foram criadas como irmãs, mas somente Thalana, por ser filha legítima, teria direito ao título de rainha. Fandra jamais tentaria tirar proveito algum, pois só queria uma família. Mesmo tendo isso conosco, sentia-se isolada por ser a única centauride.

Então esse era o motivo de Izobel ter chorado e da indignação de Dunkan com Thalana. O meu coração partiu, mesmo sem entender a dor da perda de um irmão ou um filho. Por serem dores de pessoas importantes para mim, elas se tornaram minhas.

– Não deve ter sido fácil deixá-los. – disse acolhedora.

– Como ela tratou Izobel hoje? – perguntou desesperançado.

– Um pouco fria. – suspirei.

– Fandra acha que Izobel a escondeu deles propositalmente. – balançou a cabeça desapontado. – Ela apenas temia que não a aceitassem pelo fato de Fandra pertencer a outra espécie de centauro. Fandra era nova e, para ela, eles eram um só. Ser rejeitada pela própria espécie poderia lhe causar traumas irreparáveis, e era isso o que Izobel mais temia.

– Mas Izobel não explicou isso a ela?

– Sim, mas Fandra não entendia. Era nova e só queria saber de ficar com a sua espécie.

– Tenho certeza de que hoje ela entende, e talvez a sua frieza não seja verdadeira. Como não podem mais conviver, não demonstrar saudades ou qualquer sentimento de carinho pode ter sido melhor para ela evitar a sua dor ou causar algum tipo de problema com o seu povo por ainda nutrir sentimento por espécies diferentes.

– Acha mesmo que pode ter sido isso? – perguntou esperançoso.

– A decisão foi dela, Aidan. Mesmo que Izobel a tivesse impedido, mais cedo ou mais tarde, ela teria partido. Nem sempre temos certeza se pertencemos ou não a um local, e, por mais que tentemos encontrar motivos para ficar, uma hora o seu coração lhe manda partir. Não significa que seja fácil deixar algumas pessoas. Por experiência própria, mesmo que esteja feliz no seu novo lar, o antigo sempre deixa saudades. – Os meus olhos encheram-se d'água ao me lembrar de Grand, de Arturo e das meninas.

Aidan sorriu, beijando a minha testa e acariciando o meu braço.

– Nunca havia visto por esse lado. Procuro não pensar muito sobre isso, pois me magoaria saber que ela se esqueceu de mim. Sente falta de Weston, não é mesmo?

– Não de lá especificamente, mas das pessoas que deixei. – balancei a cabeça, limpando as minhas lágrimas. – Acredite, ela jamais esqueceria. Arturo, Gwen e Megan foram a minha família por muito pouco tempo, e, por mais que eu saiba que aqui é o meu lugar, a dor de não estar com eles jamais passará. Não tive tempo de me despedir, mas me conforta saber que Arturo, se soubesse da verdade, iria me

apoiar mesmo que doesse; que Megan percebeu, ao te ver, o motivo das minhas vindas à floresta, e, mesmo com saudades, está feliz por mim. Mas me preocupo com Gwen. Tão nova, tão sensível... Deve ser a que mais está sofrendo com tudo isso, ainda mais por pensar em mim como uma traidora.

– Eu lhe asseguro que eles saberão da verdade e lhe garanto que Gwen não guardará mágoa alguma de você quando descobrir.

– Assim como Fandra. – sorri. – Ela nunca deixaria de amá-los, mas é compreensível querer ficar com a sua espécie.

Ele me puxou em um forte abraço, e, neste momento, não precisávamos dizer mais nada um para o outro. Estávamos agradecidos pelas palavras que trocamos e felizes em saber que assim seriam as nossas vidas. E pensar que eu nem queria ter deixado Ardhem.

Ele se levantou, estendendo-me a sua mão para me ajudar.

Começamos a andar sem rumo pela aldeia. As pessoas lamentavam em silêncio ao aguardarem o pronunciamento de Izobel. Ninguém queria lutar, mas não tinham outra escolha. Aidan e eu estávamos arrasados com toda aquela energia pesada que tomara conta de Shadowfalls e pensamos que seria impossível ficar pior... até vermos Dunkan sentado em frente a uma pedra.

Dunkan chorava em silêncio e olhava para ela com carinho pelas lembranças que ela lhe trazia. Aidan ficou em pé. Ele já sabia o motivo, mas quis deixar que Dunkan me contasse. Eu me aproximei, sentando-me ao seu lado.

Abracei os meus joelhos, olhando para aquela pedra. Ele suspirou.

– Saudades de alguém?

As suas orelhas estavam para trás, e o seu corpo estava curvado. Inspirou fundo fechando os seus olhos e deixando cair uma lágrima.

– Lamento muito. As minhas perdas foram antes de eu nascer, e nunca sei direito o que dizer nessas horas.

– Ele adorava se sentar aqui e desenhar. – abriu os olhos fitando a pedra. – Dizia que, de todos os locais de Shadowfalls, este era o que mais lhe trazia paz. – suspirou sorrindo. – Nunca entendi por que ele gostava tanto desse canto, mas ele gostava. Ficava horas desenhando, e, por muitas vezes, perdeu-se no tempo. Perdi as contas de quantas vezes tive de vir buscá-lo, pois já era tarde e ele sequer tinha percebido.

Por mais que nunca tivesse tido uma família, sabia que nada poderia se comparar à perda de um filho. O meu coração apertou ao pensar que ele era mais um a perder a sua família... e logo uma criança!

– A perda de um filho deve ser a pior dor que existe. – disse, acariciando o seu braço.

– Nunca tive filhos. – lamentou.

– Irmão? – franzi a minha testa.

Dunkan sorriu pela minha inocência.

– Richard era o meu companheiro e foi a pessoa que eu mais amei em toda a minha vida.

Arregalei os meus olhos.

– Ele adorava criar novas estruturas para casas e sonhava construir coisas grandiosas para a nossa aldeia. – sorria orgulhoso. – A forma como ele se dedicava aos seus sonhos e a sua paixão por criar coisas que ajudassem os outros só faziam com que eu o amasse cada vez mais. Infelizmente, nem todos entenderiam o nosso amor, mas, aqui em Shadowfalls, ninguém se importava. Ele era respeitado e adorado pela pessoa que ele era.

– Então existe esse tipo de amor? – sorri abraçando os meus joelhos novamente.

– O amor é um só, e você não escolhe quem amar. Ele escolhe por você.

Suspirei emocionada pelo que ele acabara de dizer. Shadowfalls estava me ensinando muito mais do que um dia sonhei aprender.

Dunkan sorriu, e Aidan enfim se aproximou, sentando-se ao seu lado.

– Richard tinha um coração enorme e sempre trazia consigo papéis e tintas extras, porque acreditava que não havia mente mais criativa do que a de uma criança. Ele dizia que elas não tinham medo de sonhar e, talvez por isso, fossem capazes de inventar as melhores ideias. E elas adoravam! Sentavam em grupos para desenhar para ele. Inclusive, Aidan.

– Fiz vários desenhos para ele, acreditando que Richard seria capaz de realizá-los. – sorriu Aidan ao se lembrar dele.

– E ele guardava todos os seus. – sorriu. – O sonho dele era poder realizar o máximo de ideias e dedicá-las às crianças responsáveis. Vê essas pontes que interligam algumas das árvores? – apontou com o queixo para o alto.

– Sim. – respondi sorrindo.

– Foi ele quem construiu. Ela serve como outro posto dos arqueiros no caso de uma invasão. Eles ficam protegidos e distantes, mas não longe o suficiente para que as suas flechas não tenham alcance. Ele pensava em tudo.

– Impressionante. – sorri ao correr o meu olhar pelas extensões das pontes. – E alguma vez ele deu vida a uma ideia de alguma criança? – perguntei curiosa.

– Infelizmente, não... As crianças criaram coisas muito fantasiosas, e, apesar de serem excelentes ideias, não poderiam ser feitas. Mas, mesmo assim, ele adorava e guardava todos os desenhos com carinho.

– Você teria adorado conhecê-lo, Kyara. – disse Aidan com um sorriso de saudades.

– Tenho certeza que sim. – lamentei.

– Obrigado. – suspirou aliviado. – Sabe, se ele tinha um sonho maior do que construir coisas era ser pai. Se ele não tivesse morrido, teríamos adotado pelo

menos três crianças órfãs da guerra e as teríamos criado com o maior amor e carinho. Sinto tanto por ver que não poderemos concretizar os nossos sonhos, mas, por outro lado, fico feliz em saber que moro em um local onde nos permitiam ser quem realmente somos.

– Nunca pensou em adotar uma criança sozinho?

– Adotei várias. O meu clã. – sorriu. – E, sempre que nasce uma criança pertencente a ele, eu acabo adotando-a no meu coração. Então, enquanto eu viver, continuarei adotando. – riu um pouco sem jeito.

– Nunca imaginei que existiriam casais como você e Richard, mas, agora que sei, fico triste em saber que pessoas não aceitariam um amor tão puro quanto qualquer outro. Não devia ser errado amar alguém e ser correspondido.

– Infelizmente, nem todos realmente compreendem o que é o amor de verdade. – lamentou.

Era horrível ver a dor nos olhos daqueles que sofreram perdas, e foi então que eu percebi o quanto foi bom ter partido antes de ver Grand morrer. As minhas últimas lembranças eram dele sorrindo para mim, e, por mais que eu quisesse ter estado ao seu lado nos seus últimos dias, talvez não fosse capaz de suportar essa dor de vê-lo deixando este mundo.

Uma fada, a pedido de Izobel, aproximou-se e consentiu com a cabeça para Dunkan, avisando que a reunião com os líderes começaria agora.

Já haviam se passado horas desde que a reunião começou, e eu já esperava por isso, visto que o assunto não era algo para se tratar em poucos minutos. Pacientemente, eu aguardava do lado de fora, pois Izobel queria falar comigo em seguida. Confesso que a minha curiosidade me mandou tentar ouvir atrás da porta, mas o meu bom senso me impediu. Não porque Izobel descobriria, ou talvez tenha sido, mas realmente não achei certo.

Aidan foi chamado pelo seu grupo para começar o treinamento, e eu tive de esperar Genevieve, que estava na reunião e fora encarregada de me treinar. Logo, só me restava aguardar, embora ficar parada fosse um dos piores treinamentos, porque a minha ansiedade exigia que eu fizesse algo, nem que fosse regar plantas.

Dunkan foi o primeiro a sair e pediu que eu entrasse. Ele parecia tenso, como se Izobel tivesse urgência em me contar algo importante. Mesmo sentindo a sua tensão ao entrar, por fora, Izobel se mantinha serena.

Caminhávamos para perto do lago central, e, entre as gigantescas árvores que eu tanto admirei, uma pequena passagem entre duas das maiores havia passado despercebida. Ela dava para um lindo corredor de cerejeiras rosas, vermelhas e lilás, onde algumas fadas sentavam-se nos galhos para comer. Entre a grama, um lindo e extenso corredor de pedras brancas, bancos feitos por galhos entrelaçados e as tulipas luminosas que, mesmo de dia, iluminavam o caminho. O fim era um

caminho sem saída, contornado por enormes pilares adornados por trepadeiras verdes e estátuas brancas que representavam cada classe de Shadowfalls. No chão, havia um imenso círculo desenhado por runas azuis. Ao pisarmos, elas se iluminaram e nos teletransportaram para um gigantesco salão.

Na parede dos corredores, inúmeras armaduras, desde as mais antigas até as mais recentes feitas com peles e escamas de dragões, que ficavam em espaços embutidos e protegidos por vidros.

No final da sala, duas armaduras encostadas na parede se destacavam, e, apesar de serem umas das mais antigas, pareciam-me ser as principais por serem as únicas em pedestais adornados em dourado.

– Pertenceram aos meus tataravós e passaram de geração em geração até os meus pais. – suspirou, fitando-as com saudade. – Embora tivessem herdado as armaduras, optaram por não as usar, pois, além de não serem feitas de pele de dragão, têm muita história para contar, merecendo serem preservadas em homenagem a eles.

– Então, se os seus tataravós usaram...

– Sim, criança. Shadowfalls já enfrentou batalhas. Havia um povo que habitava perto daqui, e nós os chamávamos de homens de areia. Eram hostis, não possuíam muitas vestimentas, falavam uma língua estranha e, por inúmeras vezes, tentaram invadir as nossas terras. Os meus bisavós ainda reinavam quando os centauros chegaram. Eles haviam perdido os seus territórios para os trolls e refizeram o seu território perto da praia. Os homens de areia tentaram expulsá-los, o que resultou em uma grande guerra que o meu bisavô sentiu. Ele então criou um portal, levando os seus melhores soldados para lutarem ao lado dos centauros. Os homens de areia foram completamente exterminados. Sendo assim, houve um acordo entre o rei deles na época e o meu bisavô, combinando que não seríamos inimigos, mas não nos aliáramos a eles. Assim, deixaram-nos em paz, e, nesse mesmo ano, o primeiro dragão chegou.

– Mas, se houve um acordo entre Shadowfalls e os centauros, por que eles deixaram Weston passar?

– Nunca deixaram. Entre as montanhas e o território dos centauros, existe um pântano não habitado, que também leva à Shadowfalls. Contudo, levam-se meses a pé, e foi por lá que eles vieram. A partir desse dia, construímos uma torre de vigia, onde grupos diferentes se revezam e os magos fazem os portais para troca.

– Então o acordo de Weston com os centauros seria para pouparem tempo. Mas, se há outro caminho, por que fomos pedir que não aceitassem o acordo, visto que eles têm como chegar a nós?

– Porque, além de ganharmos mais tempo, havia uma ponta de esperanças de que eles se oferecessem para lutar ao nosso lado, honrando os seus mortos. – suspirou. – Houve uma batalha no caminho, entre um pequeno grupo de centauros e eles. –

fitou o chão com olhar triste. – Eu vi o fim da batalha em uma das minhas visões. Um grupo pequeno de mulheres e crianças, mortas com flechas envenenadas. – levou a mão ao peito.

– E te digo, criança. Primeiro, fiquei surpresa quando Thalana se recusou a nos ajudar, pois eu a senti do nosso lado. Mas depois, vi os benefícios que o acordo trouxe ao seu povo, como as novas armas revestidas de aço, por exemplo, e talvez ela também tenha visto. – suspirou triste. – Uma rainha que ama o seu povo de verdade deve sempre pensar neles primeiro.

Olhei para ela de forma acolhedora e me lembrei de ter visto Thalana chorando. Mas, antes que eu pudesse dizer algo, a parede que embutia as armaduras dos tataravós de Izobel se abriu no meio, deslizando lateralmente, mostrando outra sala. Havia mais cinco armaduras, todas em pedestais, e, ao lado de uma delas, havia um pedestal menor, coberto por um pano bege.

Izobel olhou para elas e suspirou.

– Eram dos meus pais, e esta aqui pertencia à Anabel. – acariciava a armadura na parte da coxa.

– E aquela outra? – apontei para a que sobrou.

– À minha outra irmã que também morreu... – suspirou tentando conter as lágrimas das dolorosas lembranças que a armadura trouxera. Ergueu os ombros tentando ser forte e voltou o seu olhar para a armadura de Anabel. – Nunca precisou usá-la, mas você fará um bom uso dela.

A armadura era constituída de duas partes principais: a primeira era feita de couraça de dragão negro, não tinha o aspecto pesado como as metálicas de Weston, era fina, muito mais resistente e se ajustava às curvas do corpo. A segunda era formada pelas peças separadas feitas de escamas de dragões violeta e possuía desenhos abstratos entalhados. Ombreiras e joelheiras tinham pontas proeminentes, e os braceletes que protegiam todo o antebraço eram feitos de pedaços de escamas sobrepostas, que pareciam abraçar o contorno do meu punho. As botas eram simples, o que ajudava a me dar mais mobilidade. Protetores de quadril prendiam nas minhas coxas e havia uma peça inteira para o busto, colo e pescoço. Por último, um elmo negro e fechado, mas que me dava um ótimo campo de visão. O seu formato me lembrava a cabeça de um dragão, com diferentes camadas sobrepostas, porém sem chifres.

Uma sensação angustiante quase me sufocava, mas não por vestir a armadura ou pela gola alta do protetor de pescoço, e sim pelo que ela representava. Izobel sentiu a minha angústia, mas a fez passar com um afago no meu braço.

– Sei o que está sentindo, mas, como os Deuses mesmo falam, não se muda um destino.

– Então vamos defender Shadowfalls! – falei com convicção. – Se há sangue a ser derramado, que seja o deles!

Ela sorriu pela minha determinação, mas ainda havia dor nos seus olhos, o que ela tentou esconder.

– Izobel...

– Criança! – disse com a intenção de me interromper antes que eu pudesse perguntar o que ela sentia. – Se quer sangue dos inimigos, primeiro precisa aprender a controlar as suas energias. E tenho aqui algo que lhe vai ser muito útil. – hesitou um pouco, mas, em seguida, levantou o lençol bege que cobria o pedestal menor, mostrando um arco e uma aljava com flechas. Fitou o arco com uma breve pausa e, gentilmente, correu a sua mão por ele.

Era violeta cintilante e brilhava como uma joia rara. Da sua empunhadura, saiam duas lâminas, que percorriam toda a extensão, tanto para cima quanto para baixo, dando a impressão de parecer um arco duplo. Apesar de aparentar ser bem pesado, era extremamente leve e adornado com desenhos que pareciam runas élficas antigas. A aljava era de couraça preta com entalhes violeta que lembravam os mesmos desenhos do arco. Era uma bela arma, mas me perguntei por que ela me daria um arco e flechas se não precisaria delas para emanar as minhas energias.

– Percebo que está se perguntando por que eu lhe entreguei isso. – disse suspirando. – Era de Anabel.

– Eu pensei que ela fosse como você. – falei surpresa.

– Uma bruxa? – riu – Não. Anabel não seguiu o caminho que a nossa família queria para ela. Ela só aprendeu magia suficiente para formar portais que a levavam até Arturo ou a outros lugares que gostava de ir. Os seus únicos interesses eram trabalhos artesanais e a cultura élfica. Por isso, forjaram um arco especialmente para ela, feito de fios de tendão de dragão, madeira e ossos. As lâminas, depois de prontas, foram forjadas e tratadas em óleo de dragão. Por isso, apesar de finas, são extremamente resistentes, não perdendo o fio. Nunca chegou a usar a sua armadura, mas o seu arco e as flechas eram os seus companheiros inseparáveis. Vi como você é capaz de canalizar a sua energia e pensei que seria muito útil canalizar nas flechas. Está vendo essa parte aqui? – apontou para as lâminas. – Elas servem para defesa e ataque a curta distância. Canalice a sua energia por todo o arco, e será um excelente escudo se precisar.

Nunca pensei em usar um desses e, ao mesmo tempo em que lamentava ter de usá-lo, ansiava poder canalizar as minhas energias nele. Apertei o arco nas minhas mãos, aceitando o presente.

– A luta interna é sempre dolorosa, mas é necessária. – disse gentilmente, pressionando a mão no meu ombro. – Você irá aprender, criança. Mas não é com isso que estou preocupada agora.

Ela juntava as suas mãos e as esfregava lentamente enquanto caminhávamos pelo salão.

– Você está bem? – perguntei preocupada.

Izobel sacudiu a cabeça lentamente ao olhar para o salão. Olhei na expectativa de descobrir o que era, mas não via nada além da enorme sala em que estávamos, até que, das extremidades do chão branco, contornando toda a sala, inúmeros desenhos luminosos surgiam. Dragões azuis rústicos sopravam fogo, e as suas chamas iam de encontro às outras, até o centro do chão, formando um círculo de fogo ao se tocarem. Dele, um pedestal branco arredondado surgia, e, quando emergiu por completo, os desenhos desapareceram.

Izobel me conduziu até ele, e, com um gesto das suas mãos, o topo se abriu. Uma enorme pedra maior que a minha cabeça surgiu, e parecia que eu havia sido engolida por uma força incomensurável. As minhas mãos e os meus braços começaram a brilhar, e eu sentia como se a pedra me convidasse a tocá-la. Eu tremia, suave e, de todas as vezes que pensei ter me dado conta da importância em aprender a usar os meus poderes, nada poderia ser comparado a este momento. Eu sabia que, se eu a tocasse, seria capaz de destruir a sala inteira e poderia, inclusive, matar Izobel. Contudo, era como se eu não tivesse controle sobre mim.

Então, quando me aproximei o suficiente a ponto do seu brilho quase cegar os meus olhos e as pontas dos meus dedos estarem prestes a tocá-la, a sua luz se intensificou, iluminando o enorme salão com uma luz branca. Izobel segurou o meu punho, afastando-me da pedra.

Ela tocou os meus ombros e pediu que olhasse para ela. Estava visivelmente preocupada com o que eu ia fazer e, sem que eu entendesse o motivo, ela me falou antes que eu pudesse perguntar:

– Ninguém seria capaz de suportar o poder de Drakenian. Por isso, ninguém nunca a tocou, ou morreria instantaneamente.

– E como ela foi trazida para cá então?

– Magia.

Assustada, eu consenti, como se promettesse não tentar tocá-la novamente, embora a sua imagem ainda me hipnotizasse. A sua força corria por mim como parte do meu corpo, e me senti revigorada, capaz de enfrentar um exército inteiro sozinha. Havia realmente entendido o seu poder.

– Drakenian é o coração de Shadowfalls. Um diamante bruto feito pelo sopro de mil dragões e abençoado pelos seus anciões mais antigos. Ela existe há muito tempo, nem saberia dizer ao certo quanto, e, por séculos, os dragões procuravam um povo que fosse capaz de guardá-la, testando a fidelidade e a verdadeira essência daqueles que a guardam. Então, após o que fizemos por eles, fomos escolhidos para receber a pedra como um presente de agradecimento. Claro que a pedra nos ajudou

a construir as nossas barreiras de magia, entre outras coisas, o que nos fez acreditar que ela nos manteria seguros para sempre. Contudo, o poder da pedra vem funcionando a nosso favor, porque todos que a guardaram não tiveram ganância. Guardá-la requer uma responsabilidade maior do que reinar, acredite.

A pedra dos dragões! Pensei comigo mesma, extasiada por estar diante da lenda que escuto desde pequena.

– Então somente quem governa pode guardá-la?

– Exatamente. Ela ajuda a manter Shadowfalls de pé, mas pode nos destruir se cair em mãos erradas. E é atrás dela que Christine está.

– Se Christine colocar as mãos nela, pense no que seria capaz de fazer? – levei as mãos ao rosto apavorada só de imaginá-la destruindo o meu povo. Então aquele riso cínico ecoou na minha mente como se ela risse dos meus medos, o que me deixou com tanta raiva que eu mesma queria me encarregar de matá-la.

– Sinto a sua vontade de lutar, e é assim que todos devem se sentir. Nem sempre queremos a guerra, mas, infelizmente, ela se faz necessária. Um pouco contraditório, mas, se quisermos paz, precisamos lutar.

– Eu entendo.

Izobel sorriu ao olhar para a pessoa atrás de mim...

Genevieve surgiu pelo mesmo círculo por que fomos teletransportadas. Ela já vestia a sua armadura peitoral dourada com calças largas e protetores de quadril embutidos. Usava calça e cinto verdes, e os seus braceletes e as suas botas também eram dourados, feitos com pele de dragão.

Deixamos a sala e seguimos em direção ao campo de treinamento dos arqueiros. Era uma área aberta, com inúmeros alvos diferentes. Uns tinham forma de pessoas, feitos com palhas, e outros eram alvos comuns. No alto, arqueiros treinavam nas pontes que interligavam uma árvore à outra. Os meus olhos brilharam só de imaginar que um dia poderia saber lutar como eles.

Usavam a mesma armadura que Genevieve usava e treinavam em grupos que se revezavam entre acertar os alvos e defesas pessoais com o uso de adagas.

A maioria parou ao me olhar, e os seus olhos fitaram o meu arco da mesma forma que Izobel, mostrando de quem ele os fazia lembrar.

– Posso? – perguntou Genevieve, apontando para o arco.

– Sim, claro – estendi-lhe.

Ela sorriu ao tocá-lo, passando as suas mãos pelas lâminas externas. Puxou uma das suas flechas e, sem nem ter parecido mirar, acertou bem no centro do pequeno círculo vermelho.

Arregalei os meus olhos impressionada.

– Para aprender a usar um arco e flecha, não basta apenas apontar e atirar. Você precisa senti-lo. Se você não o sente, você erra, e um erro para um arqueiro pode ser

tão fatal quanto um combate corpo a corpo, porque isso faz o inimigo perceber a sua presença e o deixa atento. Um erro faz ele se esquivar e se esconder. Um erro dá chance de o inimigo fugir, e um inimigo que escapa pode ser a sua passagem para o outro mundo. Se for atirar, tem de ser para matá-lo! Um arqueiro é silencioso, ágil, rápido, mas não é imortal. – disse me estendendo o arco e se posicionando ao meu lado. Eu engoli em seco só de pensar, mas fiquei atenta às suas palavras.

– Primeiramente, o mais importante é a postura. Relaxe o corpo. Em seguida, os seus pés devem estar paralelos e abertos na largura dos seus ombros. Vire sempre o seu tronco noventa graus para o alvo. – orientava-me, girando o seu próprio corpo. – Com a sua mão esquerda, você segura a empunhadura na parte mais rasa com o polegar para frente. Dessa forma, o bico do arco ficará bem no meio da sua mão.

E assim eu fiz e olhei para ela aguardando mais instruções.

– Agora, vamos segurar a flecha e a corda do arco ao mesmo tempo. Com a sua mão direita, pegue os dedos indicador, médio e anelar, sendo que o indicador ficará por cima da flecha, e os outros dois por baixo. A corda deve encostar na primeira dobra do seu dedo. – mostrava enquanto eu a copiava, prestando atenção. – Agora, você irá fazer força com os três dedos para trás, mas não solte a flecha ainda. Levante o arco até que a mão em que você está segurando a flecha e a corda fique mais ou menos na altura do seu rosto. – posicionou-se atrás de mim, ajudando-me. – Deixe o seu cotovelo direito alinhado com a flecha, e ambos os cotovelos devem se alinhar com a sua coluna, permitindo-lhe mais eficiência não só na abertura do arco mas também na sustentação.

Alinhei a minha coluna e os cotovelos. Era bastante complexo, mas estava gostando de aprender.

– Boa postura. Agora vem o que chamamos de puxada e ancoragem, em que você irá abrir o arco na direção do seu rosto, puxar a flecha, passando a mão na altura dele, deixando o dedo médio na altura da sua boca, e pronto: ancoragem! Por fim, vem a tração, em que você irá elevar o cotovelo levemente, mirar o alvo e soltar a flecha, relaxando os seus dedos sem abri-los.

Usar um arco e flecha era mais complexo do que eu imaginava e, mesmo bastante insegura, acreditei que eu era capaz. Eu precisava ser se quisesse ajudar a defender o meu povo.

Respirei fundo, lembrando-me de cada detalhe que Genevieve me explicara. A minha coluna estava alinhada com os meus cotovelos; pés paralelos na largura dos ombros; corpo não tão relaxado como gostaria, mas estava apenas começando. Mantive o meu olho no alvo, o corpo imóvel, preendi a respiração por um segundo, puxei a flecha na altura do meu rosto, com o meu dedo médio encostando na minha maçã e ouvindo a madeira do arco ranger levemente.

O meu coração disparava, as minhas têmporas latejavam e uma gota de suor escorria pela minha testa. Foi como se, por um segundo, tudo estivesse ficado em câmera lenta. Delicadamente, soltei a flecha, e ela acertou a borda do círculo vermelho central. Eu sorri orgulhosa de mim, mas Genevieve se mantinha imóvel.

– Precisa melhorar. – disse amargamente.

Tentei novamente e, desta vez, comecei a me concentrar em canalizar a energia para a flecha, como Izobel me aconselhou. Mas Genevieve me parou ao notar as minhas mãos começando a ficar incandescentes.

– Sem magia no momento. Precisa ser rápida ao mirar o seu alvo enquanto puxa a flecha. Nada pode te fazer perder o foco. E lembre-se de que agora você está parada, mas, durante a guerra, vai estar se movimentando o tempo todo.

Foram horas exaustivas. O meu corpo já pedia para que eu parasse, mas a minha mente me mandava seguir em frente com o treinamento. Genevieve não saía do meu lado, e outros arqueiros se aproximaram para me incentivar. As flechas geralmente acertavam o terceiro círculo e, aos poucos, elas se aproximavam do centro. Até que finalmente acertei. Continuei tentando e comecei a variar entre o centro e o espaço entre ele e o terceiro.

Genevieve parecia satisfeita pelo meu desempenho no primeiro dia, e eu também fiquei contente por ter aprendido mais rápido do que pensei. Então, só precisava de mais tempo para praticar e, por mais ansiosa que estivesse em aprender, mal podia esperar para unir a prática do arco e flecha às minhas energias.

O véu da noite começava a cair quando Genevieve encerrou o treinamento. Cansada, dirigi-me à entrada do campo onde Aidan me esperava com a sua armadura negra e prateada, feita com peles de dragão. Ele veio ao meu encontro, reparando na minha armadura e, mesmo sorrindo, foi a primeira vez em que não aparentava feliz em me ver. Estava preocupado por saber que eu iria lutar, e eu, por minha vez, mesmo sem nunca ter lutado, preocupava-me mais com ele e todos os outros do que comigo mesma.

– Isso está realmente acontecendo? – perguntou melancólico.

– Receio que sim. – respondi da mesma forma.

– Eu sinto a guerreira que há dentro de você, Kyara. Eu só temo que algo de ruim lhe aconteça por ser a sua primeira guerra. – pegou nas minhas mãos, encostando a sua testa na minha.

– Eu entendo, mas não posso me esconder enquanto todos lutam. O que faria se estivesse no meu lugar?

– Lutaria. – respirou fundo. – Lutaria até o meu último suspiro.

– Então você entende.

– Entendo, e é por isso que vou fazer de tudo para que desenvolva os seus poderes.

Nós nos abraçamos forte. Ele me apertava contra o seu corpo, e, naquele abraço, eu sentia a sua determinação em me ajudar, motivada pelo medo de que algo me acontecesse.

– Vou agir como se dependesse do meu treinamento para lhe manter viva.

– Sim, senhor. – brinquei.

Rindo, ele me puxou para perto dele e seguimos para a casa de Izobel, onde eu dormiria nos próximos dias. Só não usamos o portal para que pudéssemos ter mais um tempo juntos.

Dunkan, Margreet e outros quatro terianos nas suas formas ferais estavam na sala de Izobel. Aidan os cumprimentou com a cabeça, recebendo o mesmo gesto de Dunkan, que os liderava. Margreet abaixou as orelhas, encolhendo levemente os seus ombros ao olhá-lo. Mas, ao me ver, mesmo mantendo a sua posição, fincou o seu olhar em mim, cravando de leve as unhas no chão.

– Ninguém consegue se infiltrar na mata e escalar árvores sem ser notado como vocês. – elogiou Izobel. – A partir de hoje, quero que se dirijam até os locais onde a visão das torres não alcança e me reportem qualquer sinal dos nossos inimigos ou algo suspeito.

– Sim, minha rainha. Quanto mais nos espalharmos, melhor. A floresta é muito grande, e, por esses dois motivos, estou levando metade do meu clã. – curvou-se.

– Confio na sua liderança assim como nas suas decisões.

Dunkan consentiu com a cabeça, humildemente agradecido. Izobel chamou por Aidan e pediu que eu aguardasse enquanto eles se retiravam.

Ao passar por mim e longe dos olhares de todos, Margreet rosnou baixinho. Finquei o meu olhar nela, recusando-me a deixá-la me intimidar. Era triste ter alguém como Lana em Shadowfalls.

Izobel e Aidan conversavam calmamente, e ele fez um gesto com a cabeça, concordando com um pedido dela. Em seguida, ela pediu para que eu me aproximasse.

– Soube que treinou muito duro hoje, criança. Estou orgulhosa pela sua determinação.

– Obrigada! – sorri sem jeito.

– Mas agora precisa descansar para amanhã. E quanto a você, rapazinho, Irvin vai vê-lo bem cedo. – sorriu.

– Está bem. – Sorriu de volta.

Eles se abraçaram de forma tenra, e foi a primeira vez que eu os vi agindo como mãe e filho. Izobel beijou a sua testa, enquanto ele acariciava os seus braços, a puxando para outro abraço.

Eu olhava de perto, emocionada. Deveria ser maravilhoso ter uma mãe. Se a minha fosse viva, com certeza, seríamos muito unidas.

Izobel me estendeu o braço para que eu me juntasse a eles, e, claro, fui correndo. Aidan aproveitou para nos abraçar ainda mais forte, e ficamos parados assim por uns segundos. Izobel, no centro, olhava para nós com carinho, pressionando-nos contra ela e acariciando os nossos ombros.

– Será que eu ganhei uma filha? – brincou.

Aidan e eu nos olhamos, achando engraçada a possibilidade de virarmos irmãos.

– A gente se beija. Seria esquisito, não? – brincou.

– Ah esses detalhes... – suspirou de forma extrovertida, enquanto a gente ria.

Por um segundo, nós nos esquecemos das preocupações da guerra. Precisávamos desse momento, mas Izobel teve de interromper, pois queria que fôssemos dormir. Aidan e eu ficamos sem graça em demonstrar um carinho maior na frente dela, então ele se despediu com um beijo tenro na minha testa e um abraço.

Ela me levou para onde seria o meu novo quarto, o antigo quarto de Aidan, que agora morava no seu laboratório para que eu pudesse me trocar antes de tomar banho. Era um local pequeno, mas muito aconchegante. Era azul claro e possuía cortinas brancas com tecido transparente e brilhoso por cima. Simples e lindo, do jeito que eu gosto.

Havia uma cama, uma cabeceira e uma janela entre um pequeno armário e um suporte de armadura, que reconheci assim que entrei, pois já havia guardado algumas armaduras em Arnhem. Só nunca imaginei que um dia eu guardaria a minha própria. Em cima da cama, havia outra coisa que também nunca imaginei ter, mas com a qual sempre sonhei: uma linda camisola branca de mangas longas com babado no punho, que lembrava muito as que Brenda e Alyra usavam. Ao lado, estava um roupão branco, feito de um tecido tão macio quanto o da camisola. Sei que eram coisas materiais, mas, para quem nunca teve nada, eu não pude deixar de suspirar agradecida.

No armário, o meu vestido e a minha capa azul que Luandra fizera estavam delicadamente dobrados, o que me trouxe as lembranças do meu primeiro vestido, dado por Gwen, que, mesmo sendo mais simples do que o de Luandra, daria tudo para tê-lo comigo. Comecei a tirar a minha armadura peça por peça, pendurando-a no suporte.

Voltei do banho cheirando a alfazema e, por mais que já tivesse sentido esse odor que tanto gostava, nunca me pareceu tão delicado quanto agora. Tirei o meu roupão para pendurá-lo no armário e não pude deixar de observar a paisagem.

A princípio, senti falta do mar. E agora, mais do que nunca, de Maleena em cima da pedra. No entanto, morar na floresta e ver as inúmeras árvores, casas cobertas por folhas, as enormes tulipas luminosas que fitavam o chão alegraram-me os olhos, e eu sorri com a linda paisagem que ganhei. Foi então que notei as luzes por dentro das enormes tulipas se mexendo, e uma saiu de dentro delas, indo em direção à

floresta. Ao mesmo tempo, outras vinham de vários cantos, entrando e saindo de outras tulipas. Apertei os meus olhos, curiosa para tentar enxergar melhor o que seriam essas pequenas luzes que se mexiam, e uma delas, como se pudesse ler os meus pensamentos, veio até mim, pairando perto do meu rosto.

Parecia uma fadinha feita de fogo, um pouco menor que Brisêys. Não vestia nada, e os seus cabelos eram pontudos para cima e se mexiam levemente conforme ela se movia. Parecia dançar, dando-me boas-vindas. Apoiei os meus cotovelos na janela, sorrindo ao vê-la. Imaginei as expressões maravilhadas de Megan visitando Shadowfalls e suspirei triste de saudades. Foi a minha primeira amiga, e, por mais que eu estivesse feliz e tranquila por ela estar bem, não podia evitar sentir a sua falta.



Capítulo 17

As ervas de Shadowfalls faziam, sem dúvidas, os melhores chás que havia tomado. Ainda mais com pães feitos com cereais. Botei a minha aljava nas costas, peguei o meu arco e tentei correr o mais rápido que pude para não me atrasar. Mas, por algum motivo, a armadura aparentava estar mais pesada. Cheguei à área de treinamento e estava gostando da ideia de me tornar uma arqueira, ainda mais com os meus poderes, que eu também ansiava por testá-los.

Genevieve estava dando instruções a um grupo de arqueiros mais novos enquanto eles se posicionavam para mirar cada um no seu alvo. Ao me ver, fez sinal para que outro arqueiro assumisse o treinamento e veio até mim.

Retomamos de onde paramos ontem, e eu consegui me lembrar de todas as orientações. Bem, quase todas, pois não conseguia manter os meus pés paralelos e alinhados na postura inicial. Genevieve me chamou a atenção inúmeras vezes, e, toda vez em que eu me lembrava dos pés, acertava o alvo. Aos poucos, fui me familiarizando mais, errei menos e, só de ver a satisfação no seu rosto, eu me senti mais motivada em dar o meu melhor.

– Você melhorou muito de ontem para hoje. – disse orgulhosa. – Amanhã, irei te ensinar luta corporal, o que também é muito importante para um arqueiro.

Consenti com a cabeça, feliz por ser elogiada. Acho que a guerreira que dormia dentro de mim estava despertando e querendo compensar o tempo perdido.

Ao fim do treinamento, corri para me encontrar com Aidan na pedra onde Richard costumava desenhar. No caminho, precisaria atravessar um riacho, pisando na água rasa, mas lá estava ela. Margreet bebia água no final do riacho onde havia uma pequena queda d'água. Estava indisposta para certos tipos de brigas desnecessárias, então resolvi esperar que ela terminasse de beber, pois seria desrespeitoso pisar com os meus pés sujos na água que ela bebia.

Ela ergueu o olhar sem se mover e me encarou por um tempo, até fechá-los novamente, voltando a beber como se não tivesse pressa em parar. Margreet enfim se sentou e começou a lamber a sua pata. Então eu atravessei mantendo certa distância, mas, mesmo assim, ela rosnou e bufou. Instantaneamente, as minhas mãos ficaram incandescentes, e eu cravei o meu olhar no dela, o que a fez se colocar em posição de ataque.

– De novo, Margreet? – perguntei impaciente.

– Você é mesmo uma tola, sabia? – falou amargamente.
– O que disse? – rangi os meus dentes.
– Acho que sou a única em toda Shadowfalls a pensar que você não nos ajudaria em nada nessa guerra. Já lutou alguma vez? – debochou.

– E você? – retribuí o tom.
– Não, mas treino desde pequena, enquanto você fazia trabalhos domésticos.
Detestava admitir, mas ela estava certa. Não gostei da sua petulância, no entanto, infelizmente, ela era como Lana, e, portanto, discutir não levaria a nada. Ergui os meus ombros e a olhei fundo nos olhos. As minhas mãos ainda emanavam a luz.

– Se nenhuma de nós nunca lutou, não podemos pressupor nada!
– Saia do seu mundo de fantasia onde você é uma guerreira destemida! É apenas uma escrava que teve sorte! Não faz nem ideia do que é o terror de uma guerra. Você não sabe de nada! – rosnou.

– Pelo visto, é você quem não sabe de nada. – retruquei lamentando. – Mas não tenho tempo para isso. Aidan está me esperando.

Margreet rosnou tão alto que chegou a tremer. Por um segundo, pensei que ela fosse saltar na minha direção. As minhas mãos se iluminaram desafiando-a a vir até mim, mas, para a minha surpresa, ela virou para o lado e saltou atravessando o riacho. Ao chegar do outro lado, ela me olhou com as orelhas baixas, e, por um instante, eu pude sentir a dor nos seus olhos. Depois rangeu os dentes e sumiu na mata.

As suas palavras ainda surtiam efeito sobre mim, mas, assim que falei o nome de Aidan, eu me arrependi. Por mais que ela tivesse me irritado, não achei justo retrucar de forma tão baixa. Olhei as minhas mãos incandescentes e as fechei, suspirando. Não queria odiá-la tampouco fazer algum mal a ela. Mas esse comportamento me remetia à Lana, e, portanto, não conseguia me controlar. Respirei fundo, fiz as minhas mãos voltarem ao normal e segui o meu caminho.

Aidan logo sentiu que havia algo errado, mas eu não queria tocar no assunto. Apenas pedi que começássemos o treino, afinal, eu queria poder testá-los em vez de evocá-los somente em situações esporádicas. Mesmo preocupado, respeitou a minha decisão, mas não hesitou em me abraçar, mostrando o quanto se importava. Sorri, enquanto ele me apertava contra o seu peito, encostando o seu queixo no topo da minha cabeça. Acariciei as suas costas, e ele suspirou.

– Não tente me distrair. Você está aqui para treinar. – brincou.
– Sim, senhor. – brinquei, fingindo um tom sério.
– Izobel teve uma ideia perfeita para você.
– Mesmo? – sorri curiosa.
– Requer muita responsabilidade. – disse em tom sério.

Eu o olhei, e ele manteve os seus olhos castanho-escuros fixos nos meus, expressando seriedade de uma forma como nunca vira antes.

– E o que é? – franzi a testa.

– Você verá. – tomou-me pela mão, levando-me para longe da pedra onde Richard costumava se sentar.

Andávamos em silêncio, mas, pela primeira vez, ele não andava ao meu lado, e sim na frente.

– Para onde estamos indo? – perguntei começando a ficar preocupada.

– Para onde Izobel pediu que eu a levasse. – respondeu, sem olhar para trás.

– Por que você está tão estranho?

Ele parou, suspirou e olhou para trás preocupado.

– Izobel nos espera.

Largou a minha mão e começou a conjurar o portal que nos levou diretamente para um local vazio, onde Izobel nos aguardava. Ela estava chorando como se não quisesse fazer algo, mas sabia que precisava ser feito.

– Olhe... – pigarreou, pondo a mão no peito, dando uma pausa. – Olhe para trás. – disse ela com a voz falha.

Então um gigantesco dragão cinza havia se deitado. Era um ancião em sofrimento, que se contorcia de dor, cercado por outros mais novos que sofriam com o início da sua partida. Estava tão exausto, que forçava a sua barriga e as narinas para baixo, mostrando dificuldade em respirar. As suas asas cansadas da viagem não conseguiam se manter para trás e caíam sobre ele e o chão, como um enorme cobertor que o protegia.

Levei a mão ao meu peito, sentindo um nó na garganta. Era horrível vê-lo dessa forma. Olhei para Aidan, e ele baixou a cabeça, lamentando.

Izobel calmamente foi até ele, levemente se debruçando e acariciando o osso do seu nariz, no enorme espaço entre os seus olhos e as narinas.

– É nosso dever, como troca por tudo o que eles nos proporcionam, fazer da sua passagem a menos dolorosa possível. – acariciava-o. – A minha mãe era a maior responsável por ajudá-los, e hoje somos poucos a fazer isso. Precisamos de mais voluntários. – voltou o seu olhar para mim, assim como Aidan e os outros dragões.

– Eu??? – ergui as minhas mãos ao ar, boquiaberta. Era uma enorme responsabilidade.

– E por que não?

– Está me pedindo que o mate? – Os meus lábios tremeram. Estava prestes a chorar, pois, mesmo que fosse para o bem dele, não sei se teria tal coragem.

– Nunca matamos um dragão, apenas amenizamos as dores. O destino que se encarrega de levá-lo. – falou de forma serena.

E é por isso que eu lhe trouxe aqui. – disse Aidan. – Irá treinar os seus poderes com ele.

Izobel saiu de onde estava, posicionando-se ao lado de Aidan.

– Espere! Você não vai comigo?

– Não, criança. – balançou a cabeça lentamente. – Você tem capacidade de fazer sozinha.

– Não, eu... – Izobel pegou nas minhas mãos.

– O único empecilho está aqui. – tocou a minha testa.

Então eu vi que ela tinha razão e me senti tão capaz quanto determinada a ajudá-lo. Mas, no momento em que andei na sua direção, foram segundos sentindo o peso da responsabilidade que haviam me dado.

Eu virei o centro das atenções, mas me olhavam agradecidos acima de tudo. Eu sentia que confiavam que eu cessaria a sua dor, e eu temia desapontá-los.

Sacudi a cabeça a fim de me livrar de qualquer sentimento negativo que pudesse surgir. Até que lá estava eu diante dessa gigantesca e fascinante criatura que poderia me esmagar facilmente se quisesse.

Havia chifres que saíam da parte de cima e de trás da sua cabeça, cotovelos e cauda. Os seus dentes eram proeminentes, voltados para fora, mesmo com a sua boca fechada.

Percorri a longa extensão do osso do seu nariz, deslizando suavemente a minha mão esquerda por ela até chegar ao meio. Ao parar, podia sentir o quanto ele estava tenso devido à dor que fazia o seu corpo se contrair. Botei a minha mão direita de modo a deixá-las espaçadas e abaixei a cabeça. As minhas mãos eram pequenas demais para que ele pudesse sentir qualquer tipo de afago, mas, ainda assim, fechei e abri as minhas mãos lentamente, sentindo a dimensão do seu osso nasal.

Minhas mãos começaram a brilhar, e, neste momento, pela minha visão periférica, vi que os seus olhos fechavam por completo. Ele ainda estava tenso devido às dores, mas feliz por eu estar lá. Então, segundos depois, o seu corpo foi lentamente dando indícios de que os meus poderes faziam efeito. Ele começou a relaxar, e a sua respiração fluía com um pouco mais de facilidade, embora ainda fosse difícil para ele. O meu progresso estava lento, mas eu não tinha pressa. Pelo visto, nem o dragão. Preferi ir devagar e dar continuidade a oferecer tudo de mim de uma só vez e ficar exausta antes de tê-lo ajudado.

Já havia se passado algum tempo, e eu tentava ao máximo me manter concentrada nele e no que eu estava fazendo. Não era difícil me distrair ao ajudar essa magnífica criatura, mas precisava manter o foco para tentar vencer o cansaço. Eu, sozinha, dar conta de retirar toda a dor e todo o desconforto desse ser tão gigantesco estava exigindo mais do que o meu melhor. Mas eu não iria parar.

Ele abria a boca lentamente, suspirando, e a sua respiração melhorava conforme o seu corpo relaxava com cada vez menos dor. Eu começava a transpirar. O meu coração acelerava. O meu rosto queimava enquanto as minhas mãos trabalhavam sem que eu precisasse movê-las. Comecei a perder as forças. As minhas pernas estavam bambas pelo esforço, mas o dragão ainda sentia dor. Quase perdi o meu equilíbrio, e Aidan ameaçou vir, mas Izobel esticou o braço na sua frente para impedi-lo.

As minhas pernas e as minhas costas estavam doloridas, por isso, respirei fundo e me concentrei, pois as minhas dores não se comparariam as dele. Mais um tempo havia se passado, e o dragão já respirava melhor, estava completamente relaxado e agora parecia dormir. Girei o meu corpo e, recostada nele, deslizei até o chão.

Aidan e Izobel agora vinham correndo para me ajudar, e os outros dragões esticavam os seus pescoços perto de mim para ver se eu e o dragão estávamos bem. Aidan se abaixou ao meu lado, pegando na minha mão e acariciando o meu braço. Izobel abaixou na minha frente, ajeitando o meu cabelo que caía no meu rosto.

– Estou muito orgulhosa de você pelo o que acabou de fazer. – disse emocionada.

Estava tão exausta que nem conseguir responder. Apenas sorri ofegante, consentindo com a cabeça.

– Quem consegue curar um dragão inteiro sozinha é bem capaz de curar um aliado rapidamente. Mas não falo somente da cura, e sim de controlar os seus poderes. Olhe por quanto tempo você conseguiu. – sorriu como uma mãe orgulhosa.

– Amanhã, quando voltarmos, vai ser ainda mais fácil para você.

Arregalei os meus olhos e peguei fôlego para falar, mas Izobel me interrompeu.

– Como eu disse, ele leva uns dias para morrer, e tudo o que você precisa fazer é voltar para amenizar as dores que irão voltar.

Rapidamente, levantei-me com a ajuda de Aidan e estendi a minha mão para ajudá-la a se levantar. Apesar de exaustivo, era mais do que gratificante ver o que eu fui capaz de fazer por ele.

– Virei todos os dias, mesmo que ele demore meses para partir. – falei decidida.

Os dragões então se prepararam para partir, mas antes se voltaram para nós, consentindo com a cabeça em um gesto de apreciação e agradecimento. Nós nos curvamos para eles, mostrando que o nosso respeito e carinho eram mútuos.

Aidan e eu estávamos deitados na grama, de mãos dadas, olhando a lua e as estrelas em silêncio. Recebi um beijo tenro na testa. Sorri e virei o meu rosto para ele, acariciando seu rosto com a ponta do meu nariz. Ele parecia um pouco sério.

– Você não estava bem mais cedo.

– Ah... – suspirei.

– Quer me contar?

Suspirei novamente.

– Kyara... – apoiou o cotovelo no chão, debruçando-se levemente para o meu lado. – Tem algo lhe incomodando?

Sorri balançando a cabeça rapidamente.

– Acha mesmo que consegue me enganar? – disse erguendo as sobrancelhas. – Por que não quer me contar?

– Margreet e eu nos desentendemos. – olhei triste para o outro lado, fitando o nada.

– O que houve? – sentou-se voltado para mim, preocupado.

– Você sabe por que ela não gosta de mim. – eu me sentei voltada para ele. – Sei que deve ser difícil para ela, mas fico triste, pois me lembro de como as coisas eram com Lana e não queria ter de passar por tudo isso novamente. Não aqui.

– Entendo. – suspirou, encostando a sua testa na minha. – Vou falar com ela.

– Não!!! – eu me afastei, pegando nas suas mãos. – Aidan, não!

– Margreet já deveria ter aceitado há muitos anos que os meus sentimentos por ela são diferentes! Depois de tudo o que você abdicou para estar aqui, ainda tem de passar por isso? Não vou permitir!

– Estou lhe implorando, não faça nada. Deve ser difícil para ela se acostumar, afinal, nunca o viu com ninguém. – sorri, aproximando-me do seu rosto. – E que mulher não ficaria caidinha por você, hein?

– Não me importam as outras. – sorriu, beijando-me. – Está bem, Kyara. Se não quer que eu fale, não falarei. Mas, se a vir te destratando de qualquer forma, não ficarei quieto!

Sentada na janela do meu quarto, observava as pequenas fadas dançarem dentro das tulipas luminosas. Mesmo estando de camisola, quis olhá-las de perto. Como não era alto, resolvi pular, mas, ao pegar impulso, o barulho da porta abrindo atrás de mim me fez parar.

Izobel já deveria estar pronta para dormir, mas ainda usava o seu vestido e a sua capa de cor vinho.

– Sem sono, criança? – aproximou-se, apoiando na janela ao meu lado.

– Eu só queria ver de perto as fadas que moram nas tulipas luminosas.

– Tulipas luminosas? – riu. – Parecem, mas são lilários e, apesar de terem vida como qualquer outra planta, eles servem também como casa para esses elementais que chamamos de fadas de fogo.

– São perigosas?

– Não. – riu. – Mas bem que podiam ser. Temos milhares delas e muitos inimigos para enfrentar.

– Falando em inimigos, os terianos viram alguma coisa?

– Ainda não, o que é muito bom, visto que você terá mais tempo para treinar. Aliás, já deveria estar na cama, pois os treinos e a cura do dragão irão exigir muito

de você.

Concordei.

– Boa noite, criança! – beijou a minha testa. – Sei o quanto está curiosa com tudo o que está acontecendo, mas não deve esquecer que uma guerra está por vir.

– Izobel...

– Sim...

– Consegue sentir o que vai acontecer? – perguntei desamparada.

Ela apenas me olhou em silêncio, fechando a porta em seguida. Sei que os Deuses não a deixariam ver o que estaria por vir, mas ela não parecia tão esperançosa quanto deveria estar. Talvez estivesse só preocupada, porém a sua reação me inquietava. Sabia que precisaria dormir e, como estava longe de conseguir relaxar, fui dar uma volta por Shadowfalls, já que a floresta sempre me fez bem.

Com o meu roupão branco, pulei a janela torcendo para que Izobel não descobrisse. Os lilários iluminavam o caminho de pedra por onde eu caminhava, e, do nada, algo me fez ir até o local onde eu e Margreet nos vimos pela última vez. O caminho agora estava iluminado pela luz da lua somente, e Báhlgor bebia água exatamente onde Margreet havia bebido. Foi como se a luz da lua refletisse na luz que saía dele, dando-lhe mais destaque naquele cenário noturno.

Parou de beber água ao me ver, e eu me curvei para ele. Báhlgor me olhou e parecia feliz.

– Então está ajudando a curar um dragão?

– Sim. – respondi feliz do outro lado.

– E como foi?

– Difícil, mas compensador.

Ele ouvia atento, mas não parava de beber água. Algo nele estava estranho. Ele falava de forma polida e, apesar de eu saber que os Deuses são mais sérios, a sua reação não parecia normal.

– Você me trouxe aqui, Báhlgor. Quer me falar alguma coisa?

– Por que acha que lhe trouxe aqui?

– Porque sei que foi você quem me fez sentir a sua presença. E, se fez isso, é porque tem algo a me dizer.

– Você é tão sensível quanto o seu pai. – Os seus olhos expressavam saudades. Suspirou.

Prendi a respiração por um segundo ao ouvi-lo falar sobre o meu pai. Como não poderia conhecê-lo, fiquei na dúvida se iria querer ou não saber mais sobre ele. Contudo, depois uma ponta de curiosidade surgiu, afinal, seria a primeira vez em que conversaria sobre ele. Sentei na grama, sorridente, aguardando Báhlgor contar.

– O seu pai percebia as coisas exatamente como você. Ele podia dizer se uma pessoa era boa ou não só de olhar para ela. Os elfos adoram a natureza, mas Ranfel amava, principalmente, à noite. – Os seus olhos começaram a lacrimejar. – Passeava pela floresta quando não conseguia dormir ou antes de se deitar. Conhecia cada canto a ponto de voltar para casa de onde estivesse sem nem sentir por onde passava. Dizia que poderia estar distante, mas, em um piscar de olhos, se via nos portões da aldeia.

Era impressionante o quanto éramos parecidos. Apoiei o meu queixo nos meus dedos para prestar mais atenção. Mas Báhlgor simplesmente parou e fitou o nada.

– O que houve?

– Nada... estava me lembrando dele apenas, e você tem coisas mais importantes para se concentrar no momento.

– Mas foi você quem começou a falar sobre o meu pai.

– E me arrependi. Não quero que nada a distraia, não por agora.

– Mas eu só queria...

– Tem coisas mais importantes para se preocupar, como as lutas e o tiro com o arco e flecha.

Consenti com a cabeça.

– Kyara...

– Sim?

– Bom ver como controlou a intensidade dos seus poderes com o dragão. Teria ficado mais fraca caso tivesse se esforçado muito inicialmente. – elogiou sem perder o seu semblante sério. Mesmo assim, eu sorri, porque um elogio vindo de Báhlgor significava muito para mim.

– Sei o quanto ansiava por tirar-lhe a sua dor, mas se conteve ao saber o quanto ele precisava que você estivesse bem para poder ajudá-lo.

– Por que ainda me sinto tão fraca no final?

– Porque ainda está no início. No entanto, não desmaiou.

– Verdade. – sorri.

Você é realmente igual ao seu pai. – suspirou. – Era tão cego por buscar ser o melhor que, por muitas vezes, não enxergava o seu progresso. Procure sempre comparar como você se sentia antes e como se sente agora depois de usá-los.

– Tem razão. Mas quanto ao meu pai...

– Está tarde. – disse com autoridade.

Consenti mais uma vez, mesmo que levemente inconformada. Ele realmente não iria me contar mais sobre o que eu queria saber.

– Quando o verei novamente?

– Em breve.

Dei dois passos para ir embora, e, ao olhar para trás, ele tinha desaparecido. Lembrava-me das suas palavras ao voltar para o meu quarto e, mesmo concordando que eu deveria focar nas minhas responsabilidades, era inevitável pensar no meu pai. No fundo, eu torcia para que ele me contasse coisas ruins sobre ele. Contudo, saber o quanto Ranfel era bom me doeu ainda mais. Éramos tão parecidos que fiquei imaginando nós dois andando pela floresta. Não conhecia o seu rosto, mas tinha um desenhado na minha mente, imaginando-o todas as vezes que pensava nele. Eu me perguntava como teria sido se tivéssemos nos conhecido, se ele tivesse me criado... A minha vida teria sido tão diferente... Mas talvez eu não estivesse aqui hoje. Eram tantas as pessoas com quem eu me importava e eu era tão agradecida por conhecê-las, que achei que não valeria a pena sequer imaginar ter deixado de vivenciar isso por alguém que havia me esquecido. Lamentava muito ter sido tida como filha por dois homens que não eram os meus pais enquanto o verdadeiro, agora morto, havia me esquecido bem antes de vir a falecer. Eu realmente não queria pensar mais nele, mas era difícil, principalmente depois de saber o quanto tínhamos em comum.

O meu corpo doía de tanto me esquivar, mas Genevieve não me deixava desistir e vinha com toda a força para o ataque, afinal, todo o esforço e progresso ainda não seriam bons o suficiente para a guerra. Havia aprendido técnicas de defesa pessoal, como bloqueio de soco, e o quanto era importante manter o centro do meu corpo protegido. No entanto, às vezes, devido ao cansaço, era difícil manter o foco. Acabei por ser derrubada inúmeras vezes ao me descuidar da defesa, o que só fez Genevieve balançar a cabeça em desaprovação.

– Kyara, isso é apenas um treino, mas, na hora da batalha, qualquer descuido será fatal.

– Eu sei... Estou me esforçando ao máximo. – disse ofegante, com o meu corpo dobrado, apoiando as minhas mãos nos meus joelhos.

– Retomaremos amanhã. – estendeu-me um cantil com água. – O dragão precisa de você.

Aidan apareceu e conjurou o portal que me levaria direto para o dragão, e, ao atravessá-lo, percebi que por um bom tempo não mais sentia a minha cabeça doer ou ficava tonta. Até que os portais não são tão ruins assim. Aidan segurava as minhas mãos, carinhoso como sempre, mas estava em silêncio para que eu pudesse me concentrar em começar o processo de cura do dragão.

Ele estava deitado e, apesar dos seus olhos serrados, eu podia sentir que a dor estava mais amena. As suas asas agora estavam para trás, e a respiração, apesar de fraca, parecia fluir melhor. Posicionei as mãos em uma das suas enormes patas e me assustei ao ouvir uma voz vinda por trás.

– No osso nasal, por favor.

– Você fala??? – soltei a sua pata em um susto, caindo sentada para trás.
– Você também, qual o espanto? – brincou, embora estivesse fraco.
– Me desculpe. – levantei rapidamente, sentindo-me uma tola. – Quer que eu toque no mesmo local de ontem?

– Sim. A minha cabeça dói e, com as suas mãos mais próximas, ela cessa mais rápido.

– Me desculpe por ter me espantado. Pouco sabia sobre vocês. – posicionei as minhas mãos no seu osso nasal como ele queria.

– Não se preocupe. – disse compreensivo.

Segundos antes de as minhas mãos ficarem incandescentes, eu pude sentir o quanto ele estava sofrendo. Pensei em me esforçar mais, intensificando os meus poderes para que eu pudesse cessar logo a sua dor, mas logo me lembrei do conselho de Báhlgor e achei melhor ir com calma.

Então, ele fechou os seus olhos e adormeceu em seguida. Não me sentia cansada. Pelo contrário, estava cada vez mais feliz por poder fazer o que eu faço e já ansiava por ajudar os outros que viriam futuramente. Claro que era lamentável vê-los morrer, mas ajudá-los era gratificante.

Atento, Aidan permanecia em silêncio, mas sorria em apoio quando eu o olhava. Um bom tempo se passou, e agora que o dragão dormia, o meu corpo começava a dar os primeiros sinais de cansaço. As minhas pernas doíam. Endireitei a minha postura para aliviar um pouco a dor nas costas, até que Aidan se aproximou. Ele calcava a minha lombar e as minhas costas enquanto eu continuava. Por algumas vezes, acariciou os meus ombros, pronto para me segurar caso eu caísse. As gotas de suor escorriam pelas minhas têmporas, e a minha cabeça doía. Mas, apesar do esforço, não me sentia tão fraca como ontem. Então, finalmente achei que seria melhor parar o processo, soltando-o. Aidan passou o braço direito por mim, servindo de apoio para que eu andasse.

Ele estava aliviado pelo meu progresso, e agora só me bastavam os treinamentos. E, como os nossos inimigos nem estavam perto de chegar ao território dos centauros, estávamos confiantes de que eu conseguiria aprender antes mesmo de a guerra começar.

A noite chegou, e o meu corpo dolorido dos treinos pedia um descanso. Mas não sem antes dar uma bela volta por Shadowfalls. Vestindo o meu roupão branco comprido, pulei a janela do meu quarto. Contudo, estranhamente, diferente daquela sensação maravilhosa que a floresta me proporcionava, uma angústia estranha esmagava o meu peito. Talvez pelo que Báhlgor me contara sobre o meu pai... Mas um som lindo e, ao mesmo tempo, sombrio, que podia ser ouvido ao longe, fez-me perceber que estava enganada. Eu me guiei por ele, parando no lago central. Era

mais uma noite de lua cheia, e as sereias choravam devido às suas lembranças deixadas no passado.

Levei a mão à boca, tapando os meus lábios trêmulos. Eu queria chorar, não só pelo sofrimento delas, mas pelo apoio que recebiam do povo de Shadowfalls, que, mesmo visivelmente cansados, não deixaram de comparecer. As fadas de fogo e as da espécie de Brisêys também mostravam apoio, pousando e iluminando toda a margem do lago, o coreto, as duas extensões dos corrimões da ponte e o topo das árvores. Elas também pousavam nas vitórias-régias como se fossem velas flutuantes que se moviam suavemente devido às ondulações feitas pelos movimentos das minhas irmãs ao chorarem. Aos poucos, outras sereias surgiam em apoio às suas mães, irmãs ou filhas afastadas pela maldição. O contraste entre as duas espécies de sereias poderia ser chocante para uns, mas, para mim, não havia diferença entre as minhas irmãs. Espécies diferentes se juntavam em apoio a elas, unificando todos em uma enorme família. Era isso o que eu mais amava em Shadowfalls.

As minhas mãos começaram a emanar a energia alaranjada que percorria as minhas veias, indo até metade do meu antebraço, o que acabou atraindo olhares para mim. Eu sabia, ou melhor, eu queria ir até elas e repetir o que eu fiz aquela vez. Então, sem pensar muito, comecei a me aproximar do lago. As pessoas abriam caminho. Os que estavam de longe apenas observavam atentos, e as fadas na margem do lago, de onde eu me aproximava, também deram espaço para que eu me ajoelhasse. Mais uma vez, botei a minha mão na água escura pela noite, onde um rastro luminoso a preenchia até chegar a cada uma delas, que, mesmo chorando, relaxavam como em um alívio ou acalento.

Um belo rapaz teriano de olhos verdes e longos cabelos negros pousou a mão no meu ombro esquerdo, e, mesmo me concentrando apenas nas minhas irmãs, as luzes se estenderam por todo o meu braço, iluminando a sua mão e parte do seu punho. Ele fechou os olhos e respirou aliviado, sorrindo levemente. Uma mulher botou a mão no meu outro ombro, e o mesmo aconteceu com ela. Aos poucos, outras pessoas tocaram os ombros desses que me tocavam e assim foram criando uma corrente que contornou todo o lago. Outras pessoas vinham de direções diferentes e tocavam qualquer um para que a minha energia fluísse para eles também. As reações foram diversas: uns choravam, outros riam, alguns apenas sorriam. Mas a sensação de leveza era presente em todos, como se também precisassem de mim. E por que não? Era a minha família, o meu povo. E, se eu podia ajudar a trazer paz para um dragão em sofrimento, por que não para várias pessoas sofrendo devido à tensão da guerra? O melhor foi que, além de não me sentir fraca, as minhas irmãs vieram na minha direção, agradecidas. Nunca quis ser o centro das atenções, sequer me sentia bem com isso. Mas eu finalmente era querida, e não havia nada que eu mais quisesse em toda a minha vida.

Após alguns minutos, um a um foi se soltando e se recolhendo para descansar. As minhas irmãs agora estavam em silêncio, mas ainda estavam tristes. Recebiam o abraço das outras, que resolveram ficar um pouco mais antes de irem embora. O rapaz e a moça ao meu lado me ajudaram a levantar, e, receosos de eu estar fraca, ainda me seguravam quando tentei dar um passo. Fiz um gesto dizendo gentilmente que estava bem. Eles então me soltaram e, quando me virei, Aidan e Izobel assistiam a tudo emocionados. Diferentemente dos outros, não senti que eles haviam tocado alguém para receber a minha energia e me senti mal por isso. Izobel, com o peso de tantas responsabilidades nas costas, merecia mais do que ninguém, Aidan então... devo tanto a ele que me senti extremamente mal por não ter feito isso com eles antes. As minhas mãos começaram a brilhar, e, quando fui tocá-los, Aidan deu um passo para trás, recusando de forma gentil, e Izobel segurou as minhas mãos delicadamente, de forma a não querer recebê-las.

– Já chega por hoje. – disse maternalmente.

– Eu estou bem. Realmente, posso fazer isso se quiserem. – insisti.

– O que você precisa é descansar. E não há mais necessidade de pular a janela do seu quarto para dar as suas voltas pela floresta. Sei o quanto isso é importante para você e o quanto lhe ajuda a relaxar, portanto, nunca lhe impedi.

Engoli em seco, constrangida.

– Deixarei que caminhe mais um pouco. Só lhe peço para não demorar muito, afinal, dormir é necessário para repor as suas energias. Amanhã, conversaremos sobre os seus poderes. – sorriu, assoprando um beijo para mim e se virando para ir embora.

As fadas, tanto as de sangue quanto as outras, recolhiam-se, oferecendo-nos um lindo show de luzes enquanto iam embora para as suas casas. Mas, entre todas as luzes lilases, mesmo sendo umas iguais às outras, ela se destacava. Brisêys saiu de perto do seu grupo, vindo a mim e pousando na minha mão. Era muito bom tê-la por perto, e, mesmo triste, abriu um sorriso ao me ver. Eu me perguntei qual seria o motivo da sua tristeza, pois sentia que não era somente pelas sereias. Busquei uma resposta em Aidan, que, assim como eu, estava triste por ela. Então ele me guiou por um caminho, liderado por Brisêys, entre as duas árvores, que daria para as cúpulas. Em vez de entrarmos no portal, Aidan nos guiou por entre os pilares, e, após andar um bom tempo, chegamos a um imenso e lindo jardim.

Eram como flores de lótus brotando da terra no lugar das águas do pântano. Além de terem inúmeras cores diferentes, eram mais fechadas e pontudas, como rosas. Mesmo à noite, era notória a beleza daquele lugar, mas diferente do que se via, a energia não era boa. Inúmeras fadas ajoelhavam e suspiravam diante de algumas dessas flores, com as suas luzes enfraquecidas pela tristeza. Brisêys voou em direção a uma flor e cobriu o seu rosto, soluçando.

– O cemitério das fadas. Cada flor é, na verdade, uma delas que se foi.

Ver Brisêys chorando foi a gota para mim. Explodi em lágrimas toda aquela angústia que senti desde o momento em que sai do meu quarto, caindo de joelhos e dobrando o meu corpo com a cabeça próxima ao chão. Aidan se ajoelhou me confortando.

Aos poucos, enquanto ele me acalmava, pensava em tudo o que eu havia presenciado esta noite e me critiquei por sofrer em relação ao meu pai enquanto outras espécies sofriam por motivos bem maiores. Decidi então que ele não estaria somente morto por qualquer que tenha sido o motivo mas também para mim. Limpei as minhas lágrimas decidida em sequer pensar em um passado que nunca tive, focando no presente e no futuro, protegendo todos aqueles que realmente se importavam comigo. Foi então que me dei conta por completo da guerra que estava por vir... E eles sangrariam. Sim, sangrariam até a morte, arrependendo-se amargamente por terem mexido com o meu povo!



Capítulo 18

O silêncio poderia ser mais barulhento do que eu pensava. Com os meus olhos vendados e posição de guarda, mantendo o centro do meu corpo protegido, arrastava cuidadosamente o meu pé direito pelo chão em um semicírculo, virando o meu tronco na mesma direção. Uma gota de suor escorria pela minha têmpora esquerda. A minha respiração era pausada, mas os meus batimentos cardíacos aceleravam pela adrenalina. Um passo à minha direita me deixou em estado de alerta e iluminei as minhas mãos que pulsavam a energia prestes a explodir. Mas foi pelo salto vindo da esquerda que senti o perigo. O desembainhar da adaga no ar me fez esquivar e rolar por debaixo do inimigo, desviando-me do ataque. Cambalhotou ao pousar no chão, mas, em um salto, ele já estava de pé novamente. Eu não o via, mas sabia que estávamos frente a frente. Ele correu na minha direção com a adaga apontada para mim. Eu me esquivei pela esquerda e, com o braço direito, agarrei o punho que segurava a adaga. Ele gritou com a dor das minhas mãos flamejantes e, mesmo assim, torci o seu braço, jogando-o no chão. Montei-o e, com a mão esquerda, retirei-lhe a adaga. Quando estava prestes a fincá-la nas suas costas, delicadamente levantei, retirando a venda.

Genevieve aplaudia lentamente, com um sorriso orgulhoso. Dorna estava no chão, e a ajudamos a se levantar. Ela sempre foi legal comigo. Dizia gostar quando lutávamos e eu a derrotava, visto que ela tinha mais experiência, mas foi ao notar o seu semblante de dor que percebi o quanto havia exagerado. O seu punho estava queimado, e ela tentava manter a calma. Dorna se dobrava, apertando os seus dentes e segurando perto do local machucado.

– Pelos Deuses, Dorna! Me desculpe. – segurei o seu punho, curando-a.

– Tudo bem. Sei que não fez por mal. Mas, da próxima vez, destrua a adaga, e não o meu punho! – brincou.

– Pelo menos, o seu punho ela pode curar. Já a adaga... Como vai lutar sem a sua? – riu Genevieve. Ela conseguia ser muito espirituosa quando queria e aproveitávamos esses raros momentos para rirmos com ela.

– A adaga nunca reclamou de dor. – respondeu amargamente, mas em tom de brincadeira.

Foram segundos de silêncio até cairmos às gargalhadas. Andávamos de braços dados de volta para o campo de treinamento dos arqueiros. Aidan passou ao longe

com o seu grupo, e sorrimos um para o outro, mas não sem antes de ele me dar uma bela olhada de cima a baixo. Já haviam se passado dois meses, e tudo corria bem. Estávamos cada vez mais apaixonados, os meus treinos melhoravam como se tivesse treinado por anos e só lamentei a morte do dragão, ocorrida na mesma e última noite de lua cheia quando as minhas irmãs choravam. Passei, desde então, a treinar os meus poderes com todos os grupos no final do dia, após os seus treinos ou suas vigílias. Era muito bom poder ajudá-los curando dores musculares, cortes e qualquer outra dor que poderia nos enfraquecer para a guerra. Até então, o meu maior desafio estava sendo Margreet, que se recusou por duas vezes a me deixar tocá-la, cedendo da última vez apenas devido à ordem de Dunkan.

Por todo esse tempo que eu só pensei na guerra, andar de braços dados com Dorna e Genevieve me remeteu às lembranças de quando fui ao mercado com Gwen e Megan. Passava na minha mente a imagem de nós três rindo, carregando os cestos de palhas trançadas e os sacos de juta enquanto descíamos a ladeira de Weston. Suspirei baixinho e olhei para o chão por um breve segundo com um semblante triste. Mas Genevieve me trouxe de volta ao presente.

– Tenho de admitir que estou impressionada. Sempre treinei arqueiros, e você conseguiu em dois meses o que eles levam anos para aprender. – orgulhava-se.

– E nenhum deles nunca queimou o meu punho. – riu Dorna novamente.

– Se falar isso mais uma vez, não a deixarei que lhe cure por vinte e quatro horas. – brincou.

Eu ri constrangida. Não era a primeira vez em que eu a machucava. Mesmo sempre a curando depois, desta vez, parece que foi feio.

– Veja pelo lado bom, eu não deixo cicatrizes.

– Também, se deixasse, o meu corpo seria coberto por elas. – gargalhou.

– Ei! Você está subestimando os meus poderes? Se eu machuco, eu curo. – dei um largo sorriso brincalhão.

– Está bem. Deixa os nossos inimigos lhe ouvirem para você ver o quão profundo serão os ferimentos que causarão em você... – falou com olhar de tédio.

– Quero ver eles tentarem! – disse mostrando-me durona.

Genevieve e Dorna se dobravam de rir. Botei as mãos na cintura.

– Ei! – Sorri tentando entender o motivo das risadas.

– Não tem medo dos inimigos, mas surtou quando viu uma barata na sua cama. – riam de dobrar os corpos.

– Como vocês sabem? – perguntei espantada.

– Ouvimos Aidan comentando com Dunkan. – respondeu Dorna com as lágrimas escorrendo e a sua face vermelha de tanto esforço.

– Eu apenas gritei por cada segundo enquanto Aidan se livrava dela por mim. – falei da forma mais simples possível.

– É, mas até ele saber do que se tratava, pensou que tivesse acontecido alguma coisa séria.

– Vou botar três lindas baratas na sua cama para ver como se sente. – falei amargamente.

– Não, obrigada! Prefiro as queimaduras. Mas só se você mantiver o seu lema: “Eu machuco, eu curo.”. – riu.

Continuamos rindo enquanto íamos até o campo de treinamento, e Dunkan passou rapidamente por nós com dois clãs o seguindo. Os seus semblantes mostravam preocupação de tal forma que nos fez segui-los diretamente para a sala de Izobel.

Ela parecia já esperar por eles, como se soubesse que não trariam boas notícias.

Dunkan entrou liderando os outros em formas humanas e ferais, e o teriano que tocou o meu ombro no último ritual de lua cheia, olhava para Margreet como se tivesse sentimentos por ela. Ele suspirou fitando o chão logo após olhar para ela, e eu então lamentei o fato de ele não ser correspondido.

– Minha rainha. – curvou-se ofegante. – Avistamos o acampamento dos nossos inimigos há alguns quilômetros daqui. São muito mais numerosos e construíram estruturas de madeira cuja função desconhecemos. Mas sabemos que é para ataque.

– Como eram essas estruturas? – franziu o rosto pensativa.

– Grande e retangular. Havia quatro rodas, mas não parecia terminada. Pelo tamanho, estamos realmente preocupados com o dano que ela pode causar.

Murmurinhos tomaram conta do salão, e Izobel ergueu a sua mão pedindo silêncio.

– Sei o quanto estão assustados, mas não podemos esquecer que qualquer tipo de ataque físico, por maior que seja, jamais será páreo para as nossas barreiras.

– Perdoe-me, mas não nos sentimos seguros com um ataque vindo daquela coisa. Um dos meus me disse que ouviu os inimigos se referindo a isso como catapultas.

Izobel perdeu o fôlego por um segundo.

– São máquinas de guerras que têm como objetivo lançar grandes objetos nos inimigos, ou seja, em nós. Contudo, como eu disse, não passa de um ataque físico. – enfatizou. – São assustadoras, mas as nossas barreiras são inquebráveis!

– Temos conhecimento das nossas defesas, mas os nossos inimigos também. Como Richard costumava dizer, jamais subestime um inimigo. Acredito que, se são inteligentes o suficiente para criarem algo grandioso, é porque sabem ou têm uma ideia de como quebrar ou enfraquecer as nossas barreiras.

A sala parecia concordar com Dunkan.

– Faz sentido, Dunkan. Mas nunca um ataque físico superou magia.

– Não? E quanto àqueles que perdemos? – disse amargamente.

– Aquilo foi diferente. – suspirou melancólica.

– Não podemos ficar sem fazer nada!

Iremos manter o que foi combinado em relação à vigília e aos treinamentos! Aguardaremos eles nos atacarem e, se, eu disse SE, eles conseguirem quebrar as nossas barreiras, estaremos prontos! – falou impaciente.

Dorna era uma das que mais estava com medo. Não podia negar que eu também estava, mas, assim como todos, tentávamos focar em temer pelos nossos adversários ao invés de por nós mesmos.

Izobel se mantinha presa à ideia de estarmos seguros com as nossas proteções, mas algo claramente a preocupava. Mesmo relutante, acabou cedendo às preocupações de Dunkan.

– Convoquem toda Shadowfalls para uma reunião hoje à noite, no lago central. Quando eu estiver pronta, as fadas irão iluminar os topos das árvores para avisar que iremos começar. – tensa, voltava para os seus aposentos. – Até lá, continuem os treinos, alertem sobre os nossos inimigos. Mas peço que não comentem sobre as catapultas para não gerar pânico.

Voltávamos em silêncio, mas os nossos pensamentos gritavam em protesto por termos de passar por isso, por sermos obrigados a temer não só a guerra mas a perda de pessoas amadas. Não era justo; não mesmo!

Dunkan dava ordens para dois clãs, que o olhavam com respeito. Ele era o líder dos ursos, e Richard era dos felinos. Após a morte de Richard, aquele que seria o seu sucessor, em respeito ao amor e à admiração que o seu antigo líder sentia por Dunkan, resolveu segui-lo, levando todos consigo e unificando os dois clãs. A forma como ele era respeitado e admirado se deu pelo seu instinto de liderança e justiça, o que só me fazia sentir como se fizesse parte do seu clã, tamanho era o respeito que eu tinha por ele.

O dia passou, e eu nem senti. Eu me concentrei tanto no treino, principalmente após ficarmos sabendo das tais catapultas, que, quando dei por mim, já estava escuro. Então me dirigi até a cúpula dos magos, seguindo pelo caminho entre as duas árvores, perto do lago central. Izobel se juntou a mim durante a caminhada e nada disse; apenas sorriu.

Em silêncio, íamos até o círculo no chão que formaria o portal, mas ela, ao me ver olhando por entre os pilares e suspirar baixinho, perguntou:

– Conheceu enfim o cemitério das fadas?

– Infelizmente... E parece que foi ontem.

– Após curar os magos, vá até a minha cúpula, sim? Quero falar com você antes da reunião. – acariciou o meu braço.

A cúpula dos magos era cheia de cristais flutuantes e possuía uma linda fonte central de pedra branca. Irvin e alguns dos magos, inclusive Aidan, aguardavam-me para o ritual de cura. Um deles parecia fazer esforço para se manter em pé. Sem

perguntar, dirigi-me a ele e toquei os seus ombros, o fazendo sentar. Ajoelhei na sua frente, e as minhas veias começaram a brilhar aquela luz alaranjada indo para as minhas mãos, que acabou percorrendo o seu corpo. Nenhum dos magos se aproximou. Apenas aguardaram ele se sentir melhor para que pudessem tocar uns nos outros.

Terminado o processo de cura, ele me olhou agradecido.

– O que aconteceu?

– Caí de mau jeito durante o treino e machuquei as minhas costas.

Ainda com as minhas mãos nos seus ombros, percebi que os outros então se aproximaram, tocando nele e dando as mãos em uma corrente enquanto eu os curava.

– Obrigado, Kyara! – disse Irvin após a corrente de cura, botando o braço na frente de Aidan, impedindo-o de chegar perto de mim. – Izobel pediu que você fosse até ela depois que terminasse.

Consenti com a cabeça e, triste, retirei-me. Aidan e eu estávamos visivelmente chateados, pois os treinos estavam tão intensos que mal tínhamos tempo de ficar juntos. Nós nos esbarrávamos entre um treino e outro, só conseguindo cruzar os nossos olhares e sorrisos. Por mais que eu soubesse o quanto precisávamos focar nos treinos, sentia falta do seu toque ou de poder ficar com ele.

Fui até a cúpula de Izobel, e os dragões rústicos brilhavam no chão, fazendo surgir o pedestal branco que guardava Drakenian. Os dragões desapareceram, e a pedra brilhou um lindo brilho branco que parecia mais lindo do que da primeira vez que eu vi. A sua beleza e o seu poder eram tamanhos que não me espantava ter alguém que quisesse por as mãos nela. Por isso, o meu receio pela segurança do meu povo e da minha aldeia só cresciam. Izobel estava com o semblante repleto de preocupação.

– Preocupada com alguma coisa?

Balançou a cabeça, sem tirar os olhos da pedra.

– Pensei que você estivesse segura sobre as nossas barreiras. – sorri na esperança de distraí-la nem que fosse por um segundo.

– Na medida em que os dias se passam, começo a me preocupar mais com o ataque, mesmo sendo físico. Acho que Dunkan pode ter razão sobre eles terem algum tipo de trunfo.

– Lamento dizer, mas eu também não pressinto coisa boa.

Izobel suspirou, e os seus olhos começaram a se encher d'água.

– Izobel... – botei a mão no seu ombro.

– Criança, você não faz ideia do perigo que corremos se Drakenian cair em mãos erradas. Shadowfalls sumirá para sempre!

– Mas eles não terão acesso às cúpulas.

– Mas podem destruir tudo para procurá-la. De uma forma ou de outra, Shadowfalls pode desaparecer por minha culpa!

– Sua culpa?

– Deixei que a minha irmã saísse daqui para casar com o homem que eu amava, mesmo sabendo que ela poderia contar a ele sobre o que temos! Eu deveria tê-la impedido, pois nada disso teria acontecido se eu não tivesse a deixado ir! – soluçava. – Criei uma filha que me abandonou e sequer consegui convencê-los que as nossas barreiras são seguras! Você viu como todos estavam assustados hoje? Que tipo de rainha eu sou se nem consigo fazê-los acreditar que estamos seguros?

– O que está dizendo, Izobel? – abracei-a, tentando acalmá-la. – Você sempre pensou em todos antes de si mesma. Deixou a sua irmã ser feliz, abriu mão de criar a sua filha para fazer a sua vontade, deixando-a com a sua própria espécie. E quanto a Aidan? Ele nunca lhe abandonou! Tudo o que você faz é pensando nos outros. Que tipo de rainha é aquela que não ama o seu povo? Acredite, eu sei bem o que é pertencer a uma aldeia governada apenas por poder, e não é nada bom!

Ela, que havia passado por tantas coisas e aguentado tudo sozinha, a mulher mais forte que eu já havia conhecido, desabou em lágrimas por se sentir fracassada, e isso me deixou completamente inconformada.

Ela deslizava pelo pedestal branco até cair sentada no chão. Então me abaixei para abraçá-la. Apertava-a contra o meu peito, ouvindo o som abafado do seu choro, tentando consolá-la para que se acalmasse... Até que as minhas mãos começaram a emanar a energia. Desde que comecei a treinar os meus poderes com o meu povo, Izobel foi incapaz de aceitar que eu treinasse nela, cedendo a vez para alguém que ela julgava precisar mais.

Ainda chorando, os seus olhos se arregalaram ao notar os meus poderes, porém ela sabia que não haveria argumento algum que me fizesse mudar de ideia. Além disso, acho que, pela primeira vez, ela admitira, mesmo sem dizer uma palavra, que precisava de mim. Geralmente, eu ficava com as minhas mãos paradas, mas não conseguia ter Izobel no meu colo sem lhe fazer um gesto de carinho que poderia ser mais poderoso que a energia das minhas mãos. A minha mão direita acariciava o seu rosto e os seus cabelos, enquanto o seu pranto ia aumentando, como se botasse para fora anos de sentimentos contidos. Eu me questionava quando havia sido a última vez em que alguém cuidou dela e percebia que, por anos, ela não teve um afago. Ela merecia ter tido uma vida completamente diferente nessa questão.

Aos poucos, Izobel foi se acalmando até cessar o seu pranto por completo. Os seus olhos inchados estavam repletos de gratidão e, finalmente, pareciam mais calmos por terem extravasado tudo o que precisava.

– Preciso de um tempo sozinha antes da reunião. Em breve, as fadas iluminarão as árvores.

Respeitei a sua vontade e me retirei. Estava feliz por poder tê-la ajudado e fiquei mais feliz ainda ao ver Aidan me aguardando em cima do enorme círculo no chão pelo qual eu havia sido teletransportada. Corri para os seus braços, tamanha era a minha saudade.

– Ainda temos um tempo antes da reunião. Venha comigo. – sorriu ansioso em me mostrar algo.

Ele conjurou um portal que nos levou para o outro lado do rio, na parte de fora de Shadowfalls, em frente ao portão.

– O que estamos fazendo aqui?

– Com toda essa tensão da guerra e do pouco tempo que temos passado juntos, quis lhe trazer a este local de que eu tanto gosto.

Claro que eu adoraria conhecer partes da floresta em que ainda não havia ido, mas, mesmo confiando em Aidan, não consegui evitar o meu receio de caminhar fora de Shadowfalls no momento.

– Tem certeza de que é seguro?

– Jamais a colocaria em perigo. Os nossos inimigos estão bem longe, e, se eu sentir qualquer sinal de que há algo errado, conjuro o portal em um segundo.

– Ei! Vocês dois! – gritou um mago na frente dos portões.

– Está tudo bem! Não iremos longe! – gritou Aidan de volta.

O rapaz, com um semblante nada satisfeito, começou a conjurar um portal e, em segundos, estava à nossa frente.

– O que estão fazendo?

– Calma, John. Só vamos dar uma volta antes da reunião.

Mesmo contrariado, consentiu e começou a conjurar outro portal para voltar ao outro lado.

– Bom, a responsabilidade será somente sua se algo acontecer a um de vocês, principalmente a ela!

– Não a colocarei em perigo, John. Jamais faria isso.

– Eu não quero ter problemas se Izobel descobrir. – entrou no portal.

– Não vamos contar nada! – gritou para ele que chegara do outro lado da margem.

John apenas cruzou os braços, sacudindo a cabeça.

– O que ele está fazendo aqui fora? – perguntei.

– Ele reveza com outros dois magos quando os terianos saem para investigar a presença dos inimigos. Conjuram os portais que os ajudam a sair e a entrar em Shadowfalls para que não percam muito tempo nadando até o outro lado. Isso demoraria bastante.

Começamos a andar próximos ao rio, pois, apesar de ainda parecer seguro, Aidan não queria que fôssemos muito longe. Um pouco mais afastada de onde ficava o

portão, havia uma enorme árvore cujas raízes entravam no rio, envoltas por inúmeras pedras e cobertas por um lindo tapete de musgo verde claro formando um cenário lindo. Lembrava muito uma parte da floresta entre os territórios de Ardhem e dos elfos, o que me fez sentir saudades. Não ia querer voltar para Ardhem nunca mais, porém, mesmo estando vivendo dentro de uma floresta, ainda sentia falta daquela onde eu cresci.

Os musgos cobriam as raízes e parte do tronco da árvore. Mais adiante, outras árvores secas e pedras eram cobertas pelo lindo tapete verde.

Aidan me abraçou e me tomou em um beijo. Os seus dedos entrelaçavam os meus cabelos, enquanto as nossas línguas dançavam em sintonia. O cheiro do musgo e do rio nos envolvia como em um abraço. Era a benção da natureza, que terminou com um estrondo de algo caindo perto de nós. Aidan se colocou à minha frente em posição de alerta. Ele ergueu as suas mãos, emanando a energia roxa, quando vimos Margreet ofegante.

Foi uma situação um tanto constrangedora. Ela nos olhava em um misto de tristeza e ódio, mas bufou, tentando não se preocupar com o que acabara de ver.

– Desculpe interromper a alegria de vocês. – ironizou. – Mas, caso não tenham notado, as fadas já começaram a iluminar os topos das árvores!

Mesmo fora de Shadowfalls, as árvores mais próximas foram iluminadas para que os terianos que estivessem mais perto fossem avisar aos outros. E assim eles chegavam de vários locais diferentes, formando um grande grupo de enormes feras que seguiam a mesma direção. Margreet foi a última a segui-los e ainda nos criticou com o olhar por termos ficado parados.

– Vamos. – disse Aidan nos apressando.

Viramos para o rio. Eu estava tão tensa por voltar para Shadowfalls que sequer pensei no portal. Automaticamente, corri em direção ao rio e, no primeiro passo que eu dei, caí na água. Não sabia nadar, mas as minhas irmãs rapidamente me seguraram e me levaram para a superfície.

Em meio àquela tensão, Aidan estava ajoelhado na margem do rio, olhando para o horizonte, apertando os seus lábios para não rir. Os meus cabelos caíam no rosto, e eu tossi duas vezes por ter engolido um pouco d'água.

– O que você estava pensando? – inspirou fundo, prendendo o riso.

– Bom, eu... Pensei que fôssemos atravessar o rio. – disse rindo um pouco constrangida, ainda nos braços de uma das minhas irmãs, que também parecia querer rir.

Inspirou ainda mais fundo, ruborizando o seu rosto por prender o riso. Apertou os seus lábios novamente.

– E o que a fez pensar que poderia atravessar sem magia? – levou a sua mão à testa e começou a rir.

– Ei! Você nunca me disse que precisávamos de magia para atravessar! – comecei a rir também.

Aidan caiu sentado às gargalhadas quando então tomou um enorme jato de água no rosto. Olhei para trás e vi a cauda de uma das minhas irmãs sumindo, enquanto ela surgia com um olhar ameaçador, porém brincalhão.

– Ei!!! – riu, limpando o rosto.

– Acho que você acabou de mexer com a irmã dela. – brinquei.

– Vou me lembrar disso, está bem? – brincou com a sereia, enquanto me ajudava a sair do rio.

Ela apenas sorriu e voltou a mergulhar.

– Sério, não tente andar sobre as águas sem eu ou algum mago estarmos por perto. Se eu não estivesse aqui e as sereias não lhe ajudassem, poderia ter se afogado. – disse preocupado. – Só fiquei tranquilo porque sabia que elas jamais deixariam você se afogar, mas, mesmo assim, me prometa que não tentará novamente!

– Não se preocupe. Depois dessa, eu já aprendi. – ri.

– Depois que toda essa confusão passar, irei lhe ensinar a nadar. – conjurou o portal que nos levou direto para perto do lago central.

Quase todos os topos das árvores estavam iluminados, e um lindo cenário se formava mesmo em meio àquela tensão.

Izobel estava no centro da ponte que cortava o lago, aguardando toda a aldeia se juntar. As sereias surgiram com algumas da outra espécie, que, com certeza, avisariam as outras para nos fornecer ajuda. Dunkan estava ao seu lado e consentiu para duas pessoas, uma em cada extremidade da ponte, que aguardavam o seu sinal para acenderem as tochas fincadas no chão. Aos poucos, outras tochas eram acesas, rodeando-nos em um enorme círculo de fogo. O silêncio, em meio ao clima de tensão se formava aguardando Izobel se pronunciar. Furamos a multidão para chegar mais perto, e ela me avistou com desaprovação no olhar pela minha armadura e pelos meus cabelos molhados.

Sem soltar a minha mão, Aidan parou entre mim e Margreet. Ela sussurrou, mas não baixo o suficiente para que eu não pudesse ouvir.

– Você anda se distraindo muito ultimamente. – criticou.

– Não me faça ser grosseiro com você, Margreet. – ameaçou.

Izobel pegou fôlego, e toda a aldeia voltou a sua atenção para a nossa rainha, agora visivelmente aflita.

– Sei que havia prometido, desde que chegamos do território dos centauros, uma reunião com todos vocês. O motivo pelo qual ainda não havia feito foi porque precisava ter certeza de alguns fatos antes de convocar todos. Sendo assim, apenas ordenei que se iniciassem os treinos. Infelizmente, os nossos inimigos foram

avistados pelos terianos, e, por isso, esta reunião se fez necessária. Eu ainda confio nas nossas barreiras, mas, a partir de hoje, os magos continuam com os seus treinos e os xamãs irão se preparar para receber os feridos. Quero que separem quantidades enormes de ervas, sementes, seiva de árvores, terras, sementes trituradas, enfim, o que acharem que irão precisar considerando desde o ferimento mais leve ao mais profundo. Arqueiros e terianos se revezarão entre vigia e treinamento. Genevieve está encarregada de escolher qual grupo vigiará o topo dos portões e qual grupo irá treinar, assim como Dunkan decidirá quem irá para a floresta e quem ficará aqui treinando. O tempo que cada função irá durar deixo que decidam por vocês, pois confio em ambas as lideranças. Sendo bem clara, com exceção dos terianos, ninguém deve deixar a nossa aldeia! – fixou o seu olhar em mim e depois olhou para John, que engoliu em seco, olhando-nos descontente, temendo levar bronca por nossa causa.

– A culpa não foi sua. – disse tranquilizando-o. Mesmo sem ouvir o seu nome, que foi omitido para não gerar comentários na aldeia, John estava visivelmente aliviado. Já Aidan disfarçadamente abaixou a cabeça, admitindo a culpa.

Margreet endireitou a postura, olhando-nos de canto de olho. Por um segundo, até pareceu gostar de saber que estávamos em apuros com Izobel, mas, em seguida, a sua preocupação se voltou para a tal catapulta.

Tentei pensar no que poderia ser. Puxei as mais antigas memórias de quando os guerreiros de Ardhem invadiram territórios vizinhos, mas só levaram consigo as suas armas. Acredito que teria visto os escravos construindo qualquer estrutura diferente, mas nada me vinha à cabeça. Estávamos todos tão assustados que nem parecia que éramos protegidos pelas barreiras de magia.

– Sereias, quanto a vocês, sabem o que precisam fazer. A ajuda de vocês é fundamental para nós.

Elas concordaram, e eu, por minha vez, temi ainda mais a guerra por saber que as minhas irmãs também correriam perigo com o meu povo.

A reunião finalmente terminou, e Aidan me levou para casa, onde aguardávamos por Izobel, que nos daria uma bela bronca ao chegar. Foram tensos os minutos de espera até que ela finalmente abriu a porta. Mas, para a nossa surpresa, ela nos puxou em um abraço de alívio.

– Por que saíram de Shadowfalls? – perguntou um pouco mais séria.

– Apenas quis levá-la para dar uma volta. Achei que seria legal dar uma espairecida.

– Aidan... – suspirou, esfregando as mãos nos seus ombros. – Conto com você mais do que com todos para manter as coisas em ordem por aqui. Criei você como filho e sei que posso lhe exigir certas responsabilidades justamente por saber que você é mais do que capaz de cumpri-las. Por mais que eu queira, não posso me

responsabilizar apenas por vocês dois quando tenho uma aldeia inteira para me preocupar. Ambos já são maduros o suficiente para saber das consequências que os seus atos podem nos trazer. Portanto, acredito que certas coisas não irão se repetir.

– Não irão mesmo, mãe. Me desculpe. – assegurou-lhe.

Izobel o puxou em outro abraço, beijando a sua testa.

– A sua única função foi levá-la ao dragão enquanto ele vivia, certificando-se de que ela ficasse bem enquanto o curava. Mas agora que ele se foi, Genevieve se encarregará de todo o resto, está claro? – virou-se para mim. – E quanto a você, assim como todos, apenas dividirá o seu tempo entre os seus treinamentos e a vigília. Não peço nada a vocês além disso.

Aidan e eu concordamos. Notávamos claramente o quanto ela estava exausta e preocupada com a guerra. Não seria justo não contribuirmos, não fazermos a nossa parte.

Um tempo depois, Aidan se retirou, e fui para fora de casa me recostar em uma das árvores próximas. Uns momentos de silêncio na floresta me fariam bem. Contudo, ao voltar para casa, escutei uns soluços abafados. Izobel chorava e, mesmo que eu quisesse confortá-la, sentia que ela queria ficar sozinha. Parecia outra pessoa, mais magra e abatida, e o meu coração se despedaçou da mesma forma de quando vi Grand doente. Mesmo ele sendo como um pai para mim, pouco pudemos conversar e ele nunca sentou na minha cama me dando algum tipo de chá que curasse uma dor de cabeça ou gripe. Suspirei, e ela me ouviu.

– Está chorando por nossa culpa? – perguntei constrangida, fitando o chão.

– Por muitas coisas na verdade...

– Falamos sério quando prometemos que não iremos mais sair de Shadowfalls.

– Eu sei, criança... – Veio até a mim. –Tenho uma surpresa para você. – conduziu-me carinhosamente para o meu quarto.

E lá estava uma mesa com escova de cabelos, um banquinho e um espelho pendurado na parede.

– Guardei isso por muitos anos, pois acreditei que não iria precisar deles novamente. Até que você chegou. Eram de Fandra, e achei que, como toda menina, você gostaria de ter um cantinho para se cuidar de vez em quando.

Ela me botou sentada em frente ao espelho e começou a mexer nos meus cabelos.

– Elfos têm cabelos de dar inveja em qualquer mortal. Deve ter puxado do seu pai. – sorriu, depois pegou a escova e começou a penteá-los delicadamente. Pelo reflexo do espelho, os seus olhos marejados significavam lembranças de Fandra e dos momentos de mãe e filha que tiveram. Apesar das saudades, ela estava feliz em relembra-los comigo. Mesmo sendo estranho considerar que Aidan e eu tivéssemos a mesma mãe, não pude conter as minhas lágrimas, afinal, era impossível ignorar o fato de que ela foi a primeira a me remeter a uma figura materna.



Capítulo 19

Os largos caminhos de rondas dos muros nunca estiveram tão cheios. A vigília do primeiro grupo dos arqueiros havia acabado, e nada fora do normal foi avistado. Era uma mistura de alívio e tédio. Desci as escadas em direção ao campo de treinamento dos terianos e cruzei com o outro grupo que iria começar a vigília. Nos revezávamos direto, inclusive entre vigília e sono, deixando Shadowfalls em estado de alerta dia e noite. No caminho, eu observava o meu arco. As lâminas estavam bem afiadas, e, mesmo após todos esses meses de treino o usando como escudo ou arma em lutas corporais, parecia que nunca havia sido tocado. Estava feliz com ele e pelo meu progresso conquistado durante esses meses, mas nunca pensei que pudesse me apegar assim a algo material.

Dorna brincava ao se afastar passando por mim, com as mãos para cima e olhar receoso, como se eu fosse cortá-la. Também brincando, eu apontava o arco na sua direção, e ela, desesperada, fugia por entre as árvores. Abaixei-o rindo sozinha, balançando a cabeça. Ela era uma das pessoas que garantiam que eu me mantivesse sã pelos segundos de risadas, aliviando o peso que a guerra e os treinos traziam. Por mais tedioso que fosse fazer a vigília, era sempre divertido com ela só pela sua energia, que transmitia mesmo quando estava séria. Os seus cabelos castanho-escuros davam os primeiros sinais do tempo com uns míseros fios brancos que começavam a aparecer nas suas raízes. No entanto, os seus olhos cor de mel nunca perdiam o viço da jovialidade que carregava na sua alma.

Grupos de classes diferentes passavam por mim nos intervalos entre um treino e outro, e, apesar da energia carregada pelo medo, nunca deixavam de sorrir ou consentir com a cabeça.

Quais desses rostos iriam desaparecer para sempre? Esta era a pergunta que eu me fazia desde a época em Ardhem, enquanto construía os navios com os escravos.

Caminhava de cabeça baixa até que cheguei ao campo de treinamento dos terianos. De vez em quando, treinávamos em locais diferentes com outros líderes, que nos ensinavam novas técnicas. Eu sempre ansiava por aprender, mas hoje foi diferente. Suspirei desanimada ao ver com quem eu treinaria. Margreet estava indignada, e Dunkan se mantinha firme ordenando que treinasse comigo. Contrariada, posicionou-se perto de mim enquanto aguardávamos que todos chegassem para o treino. Mais uma vez, eu analisava o meu arco, passando

delicadamente os meus dedos pelas lâminas. Margreet arrepiou os pelos da coluna, bufando. Dei de ombros, mas ela não desistiria de tentar me tirar do sério.

– Acha que olhar para esse arco, que nem foi feito para você, lhe faz sentir invencível?

– Ninguém é invencível, Margreet. – respondi amargamente.

Ela continuava a me rondar, tentando encontrar um meio de me fazer perder a paciência. Eu a ignorava.

Dorna havia chegado com outros arqueiros, e, de longe, acenamos uma para a outra. Ela olhou para Margreet, percebeu o que estava acontecendo e sorriu para mim em apoio. Era só um treino e passaria em breve. Sorri com a sua atitude, mas o meu sorriso aumentou mais ainda quando vi Izobel se aproximando.

– Há meses, escuto diversos elogios em relação aos seus treinos, então hoje resolvi assistir. Anabel sempre dizia que os elfos tinham reflexos de esquiva e de luta bem mais desenvolvidos que os humanos. Portanto, acredito que esse seja o seu lado elfo desenvolvendo rapidamente.

– As suas palavras me motivam, Izobel. – curvei-me, agradecida.

Margreet também se curvou, ignorando o elogio a mim. Em seguida, Izobel se afastou quando Dunkan, de longe, a chamou para lhe falar algo.

– Se quiser, posso perder o treino propositalmente para deixar a sua mamãe orgulhosa. – ironizou após Izobel ter se afastado.

La respondê-la quando notei Izobel fitando o nada. Pôs a mão na cabeça e depois no peito, desequilibrou-se, mas foi amparada por outro arqueiro. O seu semblante era tenso, e, imediatamente, corremos até ela. Mas, antes que pudéssemos chegar, ela ordenou que parássemos e corrêssemos para os muros. Assim o fizemos, enquanto alguns assustados abriam caminho para nós. Dorna corria ao meu lado temendo o mesmo que eu. Ofegantes, chegamos ao caminho de ronda nos muros, onde os outros arqueiros se espantaram ao nos ver.

– O que está acontecendo? – perguntou Genevieve, que estava no grupo da vigília.

– Izobel nos mandou. Acho que ela sentiu algo. – respondeu Dorna, apoiando as mãos no joelho, recuperando o fôlego.

Fomos para a beirada, mas não havia nada além de uma névoa bem densa do meio do rio para o outro lado da margem. Olhamos para cima, e estava praticamente impossível avistar o penhasco.

Aos poucos, as chamas das tochas abriam a névoa, iluminando os elmos dos nossos inimigos em um número assustador. De cima do penhasco, o barulho do ranger da madeira de algo sendo empurrado até a margem fez a névoa se dissipar, mostrando as tais catapultas que nos fez exclamar, assustados.

Genevieve deu ordem para que eu e Dorna voltássemos e avisássemos a todos, e assim que o fizemos, os líderes ordenaram que tomássemos as nossas posições. Nós nos dividíamos entre aqueles que ficaram de ajudar a levar as crianças, os idosos e as grávidas para as cúpulas flutuantes, os que deveriam tomar as suas posições de imediato e os que permaneciam petrificados por não assimilarem que, desta vez, estava realmente acontecendo.

Os magos fizeram diversos portais nos locais combinados, e todos os que não lutariam corriam para a sua segurança nas cúpulas. Eu era uma das que ficou encarregada de escoltar as grávidas e voltava com o primeiro grupo delas, as guiando para os portais. Outros escoltavam o restante. Margreet foi uma das responsáveis pelas crianças, mas, ao voltar com o primeiro grupo, os seus olhos pela primeira vez me fitaram diferente.

– Você viu Owen? – desesperou-se.

– Ele não está no laboratório?

Sacudiu a cabeça rapidamente.

– Eu preciso levá-las para as torres, mas não posso esquecê-lo!

– Pode levá-las também? – perguntei enquanto as grávidas entravam no portal.

Margreet consentiu agradecida, embora ainda preocupada com o paradeiro daquele que nos proporcionou um minuto de trégua.

Sei que teria de correr para o meu posto, mas precisava ter a certeza de que ele estaria protegido. Um grupo de terianos levava outras grávidas, e esbarrei com Aidan ajudando o grupo de idosos que entrariam no mesmo portal. Ele, por me conhecer bem, sabia que algo a mais me preocupava.

– O que houve? – perguntava enquanto eu o ajudava com os idosos.

– Precisamos encontrar Owen!

– O quê???

– Margreet disse que ele não estava no laboratório!

– Ele deve estar no meu! Às vezes, vai lá para brincar com Brisêys!

– Eu os encaminharei para os portais. – disse John, tomando o nosso grupo. – Vão, mas não demorem!

Aidan então conjurou o portal diretamente para o seu laboratório, e lá estava Brisêys desesperada, apontando para o canto da parede onde Owen se encontrava encolhido e em pânico.

– Owen, venha! – estendi a minha mão.

– Tenho medo!

Aidan se ajoelhou perto dele.

– Todos nós temos medo, mas precisa vir com a gente. – Pôs o braço no seu ombro, passando-lhe confiança. – Prometo que farei um portal que te levará direto à cúpula dos magos.

Ele consentiu, limpando as lágrimas, e estendeu a sua mão para Aidan, que o ajudou a se levantar.

– Vocês vão ficar bem? – perguntou preocupado enquanto Aidan conjurava o portal.

– Claro que sim. E prometemos lhe buscar quando isso tudo terminar, está bem? – acariciei o seu rosto.

Owen consentiu novamente e se dirigiu ao portal, mas voltou envolvendo nós três em um único abraço.

– Diz para Margreet não ficar chateada comigo. Eu teria voltado para onde combinamos se não tivesse paralisado de medo.

– Vá... – disse Aidan de forma tenra.

O portal se fechou, e ele conjurou outro que nos levou para perto dos portões. Margreet, após levar todas as crianças, dirigia-se ao seu posto, mas parou ao passar por nós com o semblante repleto de tensão.

– Está seguro nas torres. – assegurei.

Ela suspirou aliviada e agradecida, mas tivemos de voltar aos nossos postos.

Depois de todos estarem em segurança ou nos seus determinados postos, começávamos a nos preparar. Izobel tentava manter a calma, mas eu sentia o seu desespero.

– Que os Deuses os façam considerar algum acordo. – disse ela a caminho dos portões.

– Acha mesmo que farão algum? – perguntou Dunkan amargamente.

– É o que pretendo descobrir.

Então eu, Aidan, Dunkan e outro teriano em forma feral seguimos com Izobel para protegê-la.

Aidan andava ao seu lado, mas ela pediu que ele ficasse atrás comigo.

– Então acredita que eu tenho capacidade para governar futuramente, mas não acredita que posso protegê-la?

– Nunca me esqueço da sua capacidade e do poder que tem. – tocou o seu ombro.

– Mas é que, para uma mãe, um filho sempre é visto como o bebê indefeso. Contraditório, eu sei, mas espero que você viva o suficiente para saber do que estou falando.

Aidan obedeceu, enquanto Dunkan e outro teriano a cercavam.

Parte dos arqueiros tomava o topo dos portões. Velhos e novos terianos nas suas formas ferais estavam próximos à entrada, seguidos pelos magos, xamãs e pelo resto dos arqueiros que ficaram por último, em cima das pontes que ligavam as árvores.

Os portões rangiam ao se abrirem. Ver o outro lado do rio tomado por eles nos deixou aterrorizados. Logo, Izobel olhou para as estátuas de Inferno e Pesadelo e

deu um leve suspiro aliviado, confiando na proteção que eles nos dariam.

Os arqueiros estavam na frente, seguidos pela infantaria, e, por último, vinha a cavalaria em um número assustador. Rostos conhecidos iam aparecendo, tanto dos escravos quanto dos guerreiros de Ardhem, mas havia rostos que pertenciam a territórios desconhecidos, e estes foram os que eu mais temi. Temia esse momento mais do que qualquer coisa, mas, surpreendentemente, o rosto que mais me doeu ver foi o de Arturo tomando a liderança. Ele parecia contrariado, mas, ao ver Izobel, o seu olhar se encheu de ódio. Ela então levou a mão ao peito como se aquele ódio doesse nela, e, neste momento, tanto ela quanto eu, por motivos diferentes, tentávamos conter o nosso pranto.

Izobel usou magia para que pudéssemos caminhar sobre as águas e fez um sinal para Arturo garantindo que era seguro passar. Ele então se aproximou escoltado por mais dois cavaleiros e dois da infantaria, sendo Luke um deles. No meio do rio, estávamos finalmente frente a frente.

Arturo estava tão focado em Izobel que sequer me notou ali. Talvez nem me notaria, uma vez que eu estava com o meu elmo. Mas, ao contrário, Luke, em toda a sua arrogância, reconheceu-me e riu ao notar a minha armadura e o meu arco, como se fosse a mais pura perda de tempo eu tentar lutar contra eles. Percebendo, Aidan serrou os punhos envoltos de uma energia roxa enquanto o fulminava com o olhar. Só não fez nada porque estávamos em uma trégua pré-guerra.

Assim como os nossos arqueiros, os deles não poderiam atirar sem um sinal. Nem sei se as suas flechas teriam alcance devido à distância do rio. Mesmo assim, eles se recusaram a baixar a guarda.

Duncan e o outro teriano se posicionaram logo atrás de Izobel, deixando Aidan e eu um pouco mais afastados. Eu estava de capacete e cabeça baixa por não querer encarar Arturo, e Luke parecia ansiar mais por acabar comigo do que pela guerra em si. Ao notar como Aidan o encarava, Luke riu como se fosse mais uma vítima que ele ajudaria a passar para o outro mundo. Então as minhas mãos rapidamente incandesceram em alerta.

Arturo se aproximou e, mesmo com ódio, suavizou o seu semblante para o acordo.

– Isso é mesmo necessário? – suspirou Izobel.

– Não. – respondeu amargamente. – Por isso, proponho que vocês se rendam, entreguem-nos Shadowfalls assim como todas as suas armas. Terá a minha palavra de que ninguém sairá machucado.

A frieza com que Arturo conduzia a negociação deixou a mim e a Izobel desnorteadas. Naquele momento, finalmente percebi o poder que a guerra tinha de congelar o coração e a alma das pessoas mais bondosas.

– E o que lhe faz acreditar que nos renderemos assim tão fácil?

– Olhe à sua volta... Acha mesmo que tem chances contra nós? Não queremos derramamento de sangue, então aceite a minha proposta. É o único meio.

– Temos grávidas, idosos e crianças aterrorizadas lá dentro! – suplicou.

Arturo prendeu a respiração por um segundo.

– Há outra opção. – disse ele, após um curto silêncio.

– Qual?

– Poderão ficar em Shadowfalls se quiserem, com a condição de nos servirem. Você renuncia o seu trono, me entrega o seu povo, e todos saem ganhando.

– Nunca! – indignou-se.

– Então que assim seja! – deu de ombros, virando-se de costas em direção ao seu grupo.

– O que lhe faz acreditar que conseguirão quebrar as nossas barreiras? – gritou.

Arturo parou, virou-se para ela e sorriu debochadamente. Tirei o meu elmo e o encarei decepcionada. Ele então me viu e parou um segundo enquanto o seu sorriso se desfazia. Luke rapidamente o pegou pelo braço, sussurrou algo no seu ouvido, enquanto lhe puxava de volta.

Izobel voltou-se para os portões inconsolável, e, assim que eles se abriram para nós, todos perceberam, pelas expressões nos nossos rostos, que não haveria acordo. Os portões se fechavam, e um berrante fora tocado por um deles, como primeiro aviso.

Ela nos pediu que nos juntássemos aos nossos grupos. O meu olhar e o de Aidan se cruzaram amedrontados. Não tínhamos tempo de dizer nada, mas, como de costume, o silêncio já dizia tudo. Iríamos proteger o nosso povo e, principalmente, um ao outro. Passou a mão no meu rosto, enquanto um portal era conjurado atrás dele para que ele entrasse.

O segundo berrante tocou.

Corri até o caminho de ronda dos muros e me juntei aos outros arqueiros. Dorna perdeu o fôlego ao olhar em direção ao penhasco. Oito das tais catapultas mandaram os primeiros projéteis. Eram enormes bolas flamejantes, mas, quando se chocaram com as nossas barreiras, quicaram e rolaram para fora sem danificá-las. Nós gritamos comemorando.

Pulavam, abraçavam-se e urravam como se fôssemos esperar em segurança até que desistissem. Mas eu não comemorava por sentir que algo pior estava por vir. Então, no exato momento em que os arqueiros fizeram silêncio, enquanto o resto de Shadowfalls comemorava por não ver o que nós víamos, portais brilhantes surgiam ao lado das catapultas e deles saíam magas de vestidos vermelhos. Então veio a segunda onda, e as magas lançaram magias que bateram nos projéteis ainda no ar, fazendo o fogo mudar a cor de amarelada para azul. Envolto por magia, acertaram as nossas barreiras, que começaram a ser corroídas, formando brechas.

Três das catapultas se voltaram para os portões, mas, enquanto eram carregadas, outros portais se formavam perto delas e deles saíram Aidan e outros magos. Urrei o seu nome, apavorada com a possibilidade de perdê-lo. Então as minhas mãos brilharam como nunca e, imediatamente, travou-se uma luta entre magia. Um grupo dos nossos incinerava as catapultas enquanto os outros davam cobertura, lutando contra as magas. Eles conseguiram destruí-las, mas somente Aidan e outros dois sobreviveram. Irvin mandou um portal que os trouxe de volta completamente aterrorizados. O mago estava em choque, e todos os arqueiros, como muitos de Shadowfalls, choravam as primeiras mortes. As magas estavam feridas, mas não cediam às dores. Com toda a classe, chutaram os corpos dos mortos penhasco abaixo. Eles sumiram na multidão que os cercava, pisoteava e esfaqueava enquanto uns cuspiam nos cadáveres irreconhecíveis. Apenas um foi poupado, e este foi John, que teve o seu corpo sem vida empalado e fincado como um troféu, próximo à margem do rio.

Os projéteis continuavam a nos atingir, mas ainda eram grandes demais em relação às brechas que causaram. Elas, por sua vez, eram largas o suficiente, permitindo aos magos mandarem outros raios ou bolas de magia para contra-atacar e os destruir. O céu foi coberto de explosões luminosas dos projéteis que se chocavam. Aqueles que não foram destruídos fizeram novas brechas ou aumentaram as que já haviam sido formadas.

As minhas mãos incandesceram, emanando a energia para a flecha. Alguns dos inimigos olharam surpresos quando a flecha tomada pelo meu poder destruiu um dos projéteis, e Arturo mais uma vez me viu. Engoliu em seco enquanto os nossos olhos já cheios de lágrimas se cruzaram. Ele gritava para continuarem o ataque, mas se calou ao me ver, permitindo, mesmo a contragosto, que continuassem. Chorei copiosamente e, enquanto lançava as minhas flechas, urrava em uma mistura entre extravasar a minha indignação e suplicar para que parassem. Arturo fitou o chão, frustrado por não poder cessar a guerra que nenhum de nós queria.

As cinco catapultas restantes voltaram-se apenas para os portões, onde os magos não tinham alcance, o que me fez ser a única capaz de nos proteger. Destruí o meu segundo projétil, mas ele se desfez em enormes pedaços. Ainda envoltos pelo fogo azul, os seus estilhaços causaram uma enorme brecha na barreira perto de onde eu estava.

— Para trás! — gritei, puxando o arqueiro que petrificou na frente da brecha, e tomei o seu lugar.

Destruí mais um, mas, em seguida, vieram três outros em diferentes direções. Eu ainda consegui destruí-los, até que surgiram mais dois. Eu estava conseguindo ser ágil o suficiente, não os deixando se aproximar muito, até o meu corpo começar a dar os primeiros sinais de exaustão. Não sabia até quando ia conseguir suportar o

cansaço. Não queria desistir, mas me sentia presa em um corpo que não respondia. Mesmo assim, consegui destruir o maior deles. Perdi as forças, quando Dorna e outro arqueiro me seguraram.

– Precisamos de ajuda!!! – gritou Dorna para Genevieve. Antes que ela desse alguma ordem, Irvin ordenou que os magos subissem imediatamente até onde estávamos. Enquanto isso, outro projétil abriu um rombo enorme na barreira perto dos portões.

Os projéteis vinham um atrás do outro, determinados em destruir de vez as nossas barreiras. No entanto, os magos eram ágeis e mandaram inúmeros outros que se chocaram contra os deles. As catapultas cessaram o ataque por uns segundos, e todos pensaram que eles estavam desistindo. Mas eles estavam apenas guardando o melhor para o final. Projéteis com quase o dobro do tamanho foram lançados contra as nossas barreiras. Foram necessários dois ou três de nós para destruí-los, e estávamos conseguindo até as magas de Christine resolverem entrar na briga. De longe, elas mandavam bolas de fogo que não tinham o tamanho dos projéteis de pedra, mas que faziam um estrago tão grande quanto. Por muitas vezes, elas se chocavam e explodiam no ar; em outras, acertavam os alvos, levando algumas delas e alguns dos nossos à morte.

O meu corpo doía, e, por isso, os meus poderes enfraqueceram. Mas eu continuei e não iria parar por nada. Dorna me pediu para que parasse um momento, deixando os magos assumirem, para que os meus poderes pudessem se fortalecer. Aidan havia feito um escudo ao seu redor, pois era incansavelmente acertado por duas outras magas. Exausto, ele caía de joelhos e urrava para manter o escudo que tremia com os projéteis de energia que explodiam nele. Elas riam, sentindo o gostinho da vitória, enquanto ele rangia os dentes, juntando as suas últimas forças. Os seus olhos brilhavam a mesma luz roxa que ele emanava das mãos, e eu pude ver a morte prestes a tocá-lo. Evitando ser alvo dos projéteis, arrastei-me até ele, tocando o seu tornozelo e emanando as minhas forças para o seu corpo. Fortalecido, ele transformou o seu escudo em um enorme projétil que foi de encontro a elas em uma rapidez tamanha que as fez morrerem sem terem tempo de questionar como ele conseguiu contra-atacá-las. Então uma delas, querendo vingar a morte das aliadas, lançou outro contra ele, que se abaixou, jogando o seu corpo contra mim, enquanto outro mago criou um escudo que nos protegia.

Outros magos subiam para reforçar o ataque, mas, após inúmeras ondas, eles nos acertaram. E nos acertaram feio! Fomos atingidos mais do que fomos capazes de destruir. Eles acabaram quebrando as nossas barreiras por completo, mas não nos demos por derrotados.

– Mantenham todos nos portões seguros! – ordenou Izobel em desespero.

– Primeira e segunda fila, façam uma barreira! O restante ataque comigo! – ordenou Irvin.

Uma parede de energia se formou à nossa frente, e as magas continuavam a formar brechas com a sua magia ou emanando-a para os projéteis das catapultas. Os próprios magos conseguiam reforçar as barreiras, mas logo foram perdendo as forças pelas vezes que precisaram dobrar o esforço para emendá-las. O choque dos projéteis fez a barreira tremer, e, como já estavam fracos, muitos caíram desequilibrados, restando poucos para dar suporte a ela. Então a nossa barreira automaticamente perdeu as forças.

Aidan me ajudava a destruir os que vinham na minha direção, e eram tantos que eu tentava atirar o mais rápido possível para acertar o máximo deles. Exausta, eu continuava a urrar para vencer o cansaço, até que, finalmente, cessaram os ataques das catapultas.

Então se fez um silêncio, e a guerra deu uma breve pausa. Shadowfalls estava, pela primeira vez, contando apenas com a proteção das nossas armas. Recuperávamos o fôlego; os caídos se levantavam; os feridos recebiam socorro de quem estava ao lado, e, entre o silêncio, ouviam-se as lamúrias pelos mortos e as promessas de proteger aqueles que sobreviveram. Os arqueiros retomaram os seus lugares nos topos dos muros, uma vez que os inimigos pareciam ter desistido do ataque. Cada segundo contava para nos recuperarmos e nos realinharmos.

Um berrante soou um som grave, e Arturo deu ordens para iniciarem o ataque por terra. Os inimigos começaram a bater as espadas nos escudos, em um ritmo sincronizado, e o som parecia que se destinava a nos amedrontar.

Magas de vestido roxo tomaram a frente do outro lado da margem. Então a sua líder apareceu, mas não era Christine. Ela também vestia roxo e possuía um cinturão dourado que a destacava das demais. Ergueu as mãos enquanto as outras tomaram a frente, pisando na água sem afundar. Debaixo dos seus pés, a água se solidificava, formando uma ponte de gelo que ia até a margem antes dos portões. Em seguida, os olhos da líder brilharam uma fumaça roxa, e, das suas mãos, uma leve camada de fumaça descia pelo seu corpo e cobria o gelo por um tapete de névoa mágica, para que pisassem sem escorregar.

Arturo, como em um ritual, ergueu a espada, encostando-a na sua testa, enquanto os seus lábios balbuciavam uma prece. Beijou a lâmina, apontou-a para nós e, gritando, deu o sinal para o último berrante, que tocou de forma quase interminável. Então, começaram a marchar na nossa direção.

Perto da margem de onde o rio não fora congelado, as sereias começaram a emergir.

– Tapem os ouvidos!!! – gritou Arturo, empurrando pedaços de cera para dentro. Elas então começaram aquele canto lindo que só fazia efeito nos inimigos.

Como nem todos tiveram tempo de pegar a cera, muitos foram para a margem hipnotizados, sendo tragados para debaixo d'água, formando as primeiras poças de sangue na superfície. Outros tentavam impedi-los de chegarem à margem, mas os hipnotizados tinham uma determinação tamanha que acabaram arrastando um ou outro junto, que também foram puxados.

Como não podiam cantar, as sereias noturnas tentavam agarrar aqueles que marchavam mais perto da margem, mas as magas congelaram a água ao seu redor, prendendo-as pela cintura. Elas morreram com golpes de lança ou espadas, fincadas na jugular, enquanto os guerreiros urravam em vitória, retorcendo e forçando as lâminas para baixo. As minhas irmãs engasgaram no próprio sangue que jorrava no chão e na armadura dos inimigos.

– Nãããão!!! – urrei inconformada por ver as minhas irmãs sendo mortas.

Um deles esfregava o sangue na sua armadura, enquanto ria em um estado de frenesi. Mas foi morto por duas lanças das sereias que atravessaram a sua barriga e o seu pescoço. Muitos caíram, acertados pelas lanças, e muitas das minhas irmãs morreram com lanças fincadas nas suas cabeças. O sangue escorria pelo gelo, juntando-se aos dos nossos inimigos em um tapete de morte.

A líder das magas ergueu o seu braço direito, suspendendo a água com as duas espécies de sereia dentro, como se uma enorme onda fosse estourar sobre elas. Mas, em seguida, duas magas tocaram a água, congelando e formando uma enorme muralha de gelo. Presas no gelo, os seus corpos já sem vida ainda transpareciam o desespero, forçando as suas mãos como se ainda fizessem forças para sair. Elas riam pela quantidade de sereias que mataram, e eu chorava de raiva, ansiando por atirar contra todos que mataram as minhas irmãs, principalmente elas.

Genevieve deu ordens para começarmos a atirar. Então erguemos os nossos arcos, atirando para cima, formando uma chuva de flechas. Contudo, eles se ajoelharam, formando uma barreira de escudos sobre as suas cabeças. Uns foram atingidos, outros permaneceram ilesos. E assim avançavam e se aproximavam cada vez mais dos nossos portões.

Começou então uma incansável guerra entre flechas e projéteis de magia vindos de ambos os lados. Inimigos e aliados caíam mortos aos montes, mas ninguém estava disposto a se render.

Atirei diretamente neles com as minhas flechas envoltas pelo meu poder, e escudo algum era páreo para mim. Uma única flecha minha perfurou quatro em uma fileira, o que me fez instantaneamente um dos alvos principais das suas flechas. Arturo só dava ordem para avançarem, mas, ao ver que tentavam me acertar, não conseguiu esconder o desespero nos seus olhos por não poder cessar o ataque contra mim. Dorna se jogou contra mim, levando-me ao chão para me proteger, no exato momento em que Aidan criou uma bolha ao nosso redor, mas não

rápido o suficiente para que pudesse proteger nós duas. Dorna acabou sendo ferida por três das inúmeras flechas direcionadas a mim.

Ajoelhada no chão, em prantos, a segurava nos meus braços, enquanto ela agonizava. Uma flecha havia acertado o seu ombro, e duas, a coluna, perfurando o seu tórax.

– Dorna, não!!! – gritei inconformada.

– Acabe com eles, Kyara. – segurava a minha mão, sorrindo mesmo naquele estado lamentável.

Gritos eram ouvidos enquanto os nossos amigos arqueiros caíam do muro ao serem acertados. Os terianos levavam os feridos para longe e deixavam os mortos onde caíram.

Consenti com a cabeça, acariciando o seu rosto.

– Você salvou a minha vida, Dorna...

– E agora você vai salvar várias. Faça com eles pior do que fez com o meu punho no último treino. – brincou mesmo enfraquecida.

Então o seu pescoço tombou levemente para trás, e a vida deixou o seu corpo. Eu soluçava contra ela, mas a minha lamúria virava ódio e sede de vingança, por ela e por todos que perdemos. Olhei para Aidan, e ele entendeu que deveria cessar a proteção. Mas, por um lado, recusava-se, pois tinha medo de que me acertassem. Ele já chorava por Dorna, pelos outros e não queria ter de chorar por mim. Peguei a adaga da minha amiga e guardei-a junto da minha. As suas flechas também se juntaram às minhas, e coloquei o seu arco perto do muro. Aqueles que a mataram seriam mortos por suas armas, e eu as estaria usando com prazer. Aidan desfez a proteção a contragosto devido às ordens de Irvin, que precisava dos seus projéteis.

Peguei uma das suas flechas e, envolta dos meus poderes, atirei contra eles. Aqueles que não morreram de imediato caíram no chão próximo à outra margem, onde as sereias noturnas se encarregaram de terminar o meu serviço. O barulho dos ossos quebrando e os gritos de pavor soaram como vingança.

Agora, já haviam se aproximado a um ponto que fez os olhos de Inferno e Pesadelo ficarem vermelhos, e ambos começaram a brilhar uma espécie de aura. Um brilhava em roxo, e outro, em vermelho. Dos seus olhos flamejantes, fumaça e fogo desciam pelos seus corpos e cobriam o chão, formando uma névoa. Dela, surgiram dois espectros de cavalos de fogo e sombra que começaram a cavalgar em direção aos inimigos, ultrapassando-os. Os tocados pelo espectro de sombra ressecaram e morreram ao terem toda a sua energia vital sugada, enquanto os outros tocados pelo de fogo eram queimados vivos. Alguns se jogaram na água em uma tentativa desesperada de apagar as chamas e foram mortos pelas sereias. A líder fez outra muralha daquelas, mas as sereias tentaram fugir enquanto a água era elevada.

Somente uma conseguiu, enquanto outras ficaram presas com metade do corpo ou da cauda para fora no exato momento em que a muralha foi congelada.

Inferno e Pesadelo começavam a formar outros espectros, mas um portal se formou perto deles, de onde Christine saiu. Ela vestia preto e, ao contrário de todos com sangue nos olhos, estava serena. Olhou diretamente para mim, do muro, como se já soubesse que eu estava lá, e dos seus lábios brotou aquele sorriso falso que eu tanto abominava. Apontei o meu arco para ela, e as minhas mãos pulsavam como nunca. Mas, antes que eu pudesse acertá-la, criou uma bolha ao seu redor. Soprou um beijo para mim e, ao virar o seu punho em uma reverência debochada, desintegrou as estátuas, fazendo os espectros sumirem antes que pudessem tomar a sua forma final. Os inimigos se aproximavam, e ela, ainda protegida pela sua magia, andava majestosamente entre aqueles que se desvencilhavam. Christine entrou no portal que criou dentro da própria bolha, desaparecendo da minha vista.

Continuávamos acertando-os, mas o número de mortos que fizemos ainda era insignificante em relação à quantidade deles. Eu, como alvo principal, não achava brecha para lançar as minhas flechas. Víamos os nossos amigos serem acertados e caírem agonizando no chão. As nossas flâmulas queimaram com as flechas flamejantes inimigas, enquanto eles riam e comemoravam, como se já tivessem ganhado a guerra. Genevieve deu ordem para cessarmos o ataque e nos protegêssemos. Abaixamos atrás do muro, e Izobel formava uma parede de fumaças para cobrir a visão dos inimigos. Mas nós víamos enquanto os nossos empilhavam vários barris repletos de óleo de dragão a alguns passos do portão, formando uma muralha. Ela ordenou que saíssemos de lá o mais rápido possível, e assim o fizemos, posicionando-nos no chão, a frente de todos.

Os portões eram resistentes, e eles demoraram para conseguir quebrá-los. O aríete bateu várias vezes contra eles, até que finalmente cederam. Sem medo da neblina que Izobel criou, correram urrando os seus gritos de guerra. Então Irvin deu o sinal, e os magos enviaram projétil de magia de fogo contra os barris, explodindo e matando inúmeros deles instantaneamente. O fogo começou a se espalhar de forma que tornaria impossível a entrada dos inimigos, mas inúmeros jatos de água que se congelavam, vindos de fora, apagavam o fogo aos poucos, criando uma parede de gelo e tapando o buraco da explosão.

Foram segundos de silêncio até que um estrondo fez o gelo tremer, seguido de um urro vindo lá de fora. Espadas voltaram a bater nos seus escudos, e agora também pisavam forte no chão.

Então veio o segundo estrondo, e o gelo tremeu novamente. O ritmo das espadas batendo aumentava. Veio o terceiro estrondo, que começou a criar rachaduras na parede de gelo.

Os terianos rosnavam e bufavam alto, arrastavam os seus pés no chão e se arrepiavam aguardando a entrada. Aidan segurou a minha mão, e, em silêncio, nós nos prometíamos proteção entre juras de amor.

O quarto estrondo aumentou as rachaduras, tornando o muro mais fácil de ser quebrado. Em um último estrondo, ele se rompeu em grandes pedaços. Então todos fizeram silêncio, e, da névoa, surgiu um homem bem alto e forte, segurando uma maça. Ele nos fitou como se fôssemos a sua próxima refeição. As flechas voaram, mas ele as varreu com maestria. Após um urro expelindo cuspe, os inimigos entraram por trás, invadindo Shadowfalls. Ele recebeu a primeira flecha, dada por Genevieve, que pegou no seu ombro, mas ele a quebrou e continuou avançando. Um teriano na sua forma feral saltou sobre ele, mas foi morto em um abraço do inimigo, quebrando todos os seus ossos enquanto ele urrava de dor. O corpo do teriano fora jogado no chão, e, quando o inimigo pegou fôlego para gritar e continuar, foi atingido na coxa. Ele caiu ajoelhado, mas rapidamente se levantou. Enquanto ele ria ao retirar a flecha, eu lancei a minha iluminada sobre ele, que finalmente não resistiu.

Os homens e os terianos ferais na primeira fila se chocaram e se misturaram. Terianos saltaram por cima, dilacerando-os ou arrancando-lhes a cabeça, mas outros foram fincados por espadas ainda no ar. Mesmo feridos, ainda lutavam, e muitos conseguiram matar os inimigos.

Arturo matou o teriano que saltou sobre ele, e Margreet, ao ver o sangue de um dos seus na espada do inimigo, rosnou arrepiando os pelos da espinha para atacá-lo. Arturo ergueu a espada em posição de ataque, e uma batalha estava prestes a se travar entre eles. Mas eu os impedi atirando uma flecha no espaço entre os dois, formando uma cratera que os fez cair para trás.

Indignada, Margreet me olhava como se me considerasse uma traidora. Outro teriano saltou sobre Arturo, e eles começaram a lutar, porém ambos eram bons em se desvencilhar dos golpes. Não vi o que aconteceu ou quem acabou morto, mas ver a vontade de Margreet em me matar me levou ao meu limite. Ergui o meu arco e flecha na sua direção e atirei, acertando, ainda no ar, um dos guerreiros de Ardhem que tentava atacá-la por trás. Assustada, ela se virou para ver o corpo do inimigo agonizando. Contrariada, virou-se para mim, consentindo com a cabeça em agradecimento, mas sem se esquecer do que eu fiz anteriormente.

Os inimigos tentavam subir pela escada de pedras que dava para as partes dos muros não afetadas pela explosão e se protegiam com os seus escudos contra as flechas daqueles que haviam voltado para o posto após a invasão. Muitos morreram no caminho. Os que conseguiam subir, duelavam com o inimigo. Do chão, atirei em três que subiam as escadas, e eles caíram, abrindo caminho para mim. No entanto, fui cercada por dois guerreiros de Ardhem. Virei o meu arco na horizontal como um

escudo e aponte as lâminas para eles. Com a outra mão, desembainhei a adaga de Dorna, e as minhas mãos brilharam. Defendi o seu golpe de espada com o meu arco e empurrei-o para trás. Ele avançou novamente, e eu o cortei em um golpe vertical das lâminas, que pegou na sua jugular. Caído no chão, ele apertava o pescoço enquanto engasgava com o sangue que jorrava entre os dedos. O outro, inconformado pela morte do amigo, girou a espada para me atacar. Ele avançou, mas eu me esquivei, fazendo um corte lateral no seu peito. Depois finquei a adaga no seu coração.

Outro correu para me matar e foi pego por Margreet, que saltou pela lateral, arrancando a sua cabeça ainda no ar. Ela estava ferida. O seu ombro sangrava, mas tentava ignorar a dor. Botei a minha mão incandescente no seu ombro em forma de agradecimento, enquanto a curava. A trégua voltou a reinar entre nós. Então um grupo de lanceiros nos cercou. Eu ergui o meu arco e flecha, e ela rosnou enquanto protegíamos a nossa retaguarda. Eles acabaram sendo mortos pelas flechas dos arqueiros nos muros.

Ainda havia muitos arqueiros e magos no portão. As magas de vermelho deram ordens para voltarem o ataque das catapultas, e um enorme projétil atingiu o local perto de onde Aidan e Genevieve estavam, matando três arqueiros. Um tentou fugir, mas ficou preso da cintura para baixo e gritou de dor ao sentir o seu corpo sendo esmagado. Genevieve agachou perto dele em lágrimas e soluçou segurando a sua mão.

– Para as pontes! Agora! – gritou ela para o resto dos arqueiros. Eu precisava me juntar a eles, mas os terianos haviam tapado o caminho da entrada do muro, duelando com os inimigos que tentaram subir.

Outro projétil veio, mas ninguém se feriu. Pularam as brechas e correram para a enorme árvore perto do muro, usando os resistentes cogumelos que brotavam nos troncos como apoio e chegando às pontes que cortavam caminho para o centro de Shadowfalls. Lanceiros inimigos atiraram lanças, e quatro foram atingidos, caindo e morrendo a golpes de espadas. Mas eu atirei e matei boa parte do grupo. Então Genevieve me viu e pediu que eu os seguisse.

Eu corria e atirava flechas em inimigos que se aproximavam ou me esquivava dos seus golpes, mas havia um que me seguia há um tempo. Então me vi forçada a parar para enfrentá-lo, quando do chão brotaram raízes espinhentas que o agarraram e prenderam. Uma xamã consentiu para mim e apontou com o queixo para eu continuar o meu curso. Ela então fez um gesto com as mãos, e as raízes se separaram, mutilando-o. Dois homens tentaram matá-la, mas ela só conseguiu prender um. O outro morreu pela minha flecha, e voltei a correr, aproximando-me das árvores.

– Suba! – gritava Genevieve, apontando para as árvores mais afastadas, onde nenhum inimigo havia chegado.

Eu tentei correr o mais depressa até elas, mas fui pega por trás.

– Você vai morrer, escrava! – rosnava um dos guerreiros de Ardhem enquanto tentava cortar a minha garganta com a espada. As minhas mãos brilharam, e eu queimava os seus punhos. Ele tentou resistir à dor, mas não resistiu à flecha de um dos arqueiros no meio da sua testa.

Empurrei-o com o meu cotovelo e continuei correndo, mas agora eu era seguida por um enorme grupo.

– Matem a elfa!!! – gritou um, atirando uma lança contra mim, que pegou de raspão, ferindo o meu braço.

– Vai se arrepender de ter se virado contra nós! – ameaçou o outro.

Então uma parede de xamãs se formou, e, um a um, foram sendo agarrados pelas raízes espinhosas que os dilaceraram. Eu gritei de alegria, até as magas de roxo e de vermelho aparecerem, traçando uma guerra entre elas e os xamãs. Uma lançou um projétil de fogo contra mim, mas a terra atrás dos meus pés tremeu e uma enorme rocha surgiu, como um escudo. A xamã que me salvou foi acertada por um raio de fogo. Eu me virava rapidamente para atirar contra as magas, mas Genevieve voltou a me chamar.

– Kyara, agora! – gritava estendendo a sua mão enquanto corria. – Agora!

As dríades que guardavam o corredor da sala de Izobel correram me dando cobertura, e, finalmente, saltei, escalando rapidamente os cogumelos. Infelizmente, eles acabaram antes que eu pudesse chegar à ponte, então eu pulei e agarrei a mão de Genevieve no ar. Uma esfera de gelo pontuda fincou na árvore onde eu estava um segundo atrás. Era uma das que haviam matado as minhas irmãs e já se preparava para mandar outra esfera, mas foi morta pelas flechas dos arqueiros.

Tentava usar o pé para pisar na ponte e ajudá-los, mas não tinha alcance. As nossas mãos começaram a escorregar. Outros arqueiros ajudaram a me puxar e me levantaram, a ponto de eu conseguir apoiar o meu pé e dar impulso para dentro da ponte.

Outra maga viu o corpo da amiga no chão e, junto com uma de vestido vermelho, tentava incansavelmente nos acertar, deixando um rastro carbonizado e outro de gelo onde suas esferas atingiam. Por sorte, as pontes eram feitas de madeiras sólidas, e, mesmo com rombos, elas se mantinham firmes. Os outros arqueiros saltavam sobre as brechas, e os mais distantes tentavam acertar as magas.

As dríades tentavam pará-las, mas foram incineradas. Gritavam e giravam enquanto os seus corpos de cascas de árvores estalavam ao queimar rapidamente. Mais na frente, um xamã caiu ferido e estava prestes a morrer por uma das magas de vermelho, que elevava as suas mãos prestes a brilhar a sua energia. No entanto,

os dedos pontudos e finos de outra dríade perfuraram o seu coração e a ergueram no ar, enquanto ela gritava agonizando.

A maga de vermelho que tentava nos acertar foi finalmente morta por uma xamã, e eu urrei em comemoração. Mas a de roxo com cinturão dourado ainda vivia, e eu, mais do que ninguém, a queria morta. Alguns arqueiros que estavam mais para trás tentaram acertá-la, mas ela se esquivava perfeitamente das flechas ou as desviava com raios de gelo. Uma das nossas magas tentou atingi-la com uma esfera de energia roxa, e ela precisou se defender, deixando-nos escapar. Rodopiavam no ar para se desvencilharem das esferas que mandavam uma para a outra, e eu não queria que a nossa maga morresse. Ao mesmo tempo, não queria que ela a matasse, tirando-me o direito de vingar a morte das minhas irmãs.

Então chegamos ao local onde deveríamos ficar, concentrando-nos somente em atirar. Acertamos vários deles. As magas chegaram e atiraram contra nós ao comando daquela de cinturão dourado. Na verdade, o plano não era nos acertar, e sim a ponte até que nos derrubassem. Atirávamos contra elas, e algumas foram mortas. Mas os estragos que faziam na ponte eram maiores. A madeira começou a tremer e a ceder. Alguns dos arqueiros caíram e foram mortos pela queda; outros ficaram pendurados, tentando voltar à ponte. Uns conseguiram, e outros foram atingidos no ar por projéteis de gelo pontudo ou de fogo, fazendo os seus corpos caírem em chamas.

Portais apareceram, e pensamos que mais delas estavam vindo. Contudo, deles saíram os nossos xamãs, terianos e magos, com Aidan entre eles. Uma batalha se formou, forçando-as a nos esquecer, e então aproveitamos para saltar para as árvores. Desceremos pelos cogumelos enquanto nos davam cobertura. Mesmo assim, alguns ainda foram mortos.

No chão, as minhas mãos brilhavam ao ver Aidan lutando contra a maga de cinturão dourado. No caminho, dois lanceiros tentaram me impedir, mas um foi morto por Dunkan e o outro, por mim quando eu me esquivei do seu golpe e finquei uma flecha iluminada na sua virilha.

Aidan atirou uma bola de energia contra a maga do cinturão dourado que a fez voar contra uma árvore. Ela se feriu, mas, quando ia se levantar, foi pega por uma dríade camuflada no tronco. As duas lutaram por um momento, mas a maga conseguiu se soltar na hora em que outra surgiu e atirou fogo contra a dríade. A de cinturão dourado ria enquanto a dríade se retorcia de dor, e a de vermelho se preparava para atear fogo novamente, quando foi morta por Aidan. A de roxo novamente se voltou para ele, e os dois começaram uma guerra entre magias. Enquanto isso, uma das nossas magas surgiu e, com um projétil de água, apagou o fogo da dríade, que ficou no chão ferida. Eu corri para curá-la, mas ela me impediu.

– Ajude-o! – olhava para Aidan. – Eu ficarei bem. – assegurou.

Então eu corri, e outra maga de vermelho se juntou em defesa daquela de cinturão dourado. Ela atirou dois projéteis de fogo contra nós, e eu rolei no chão para me desvencilhar no momento em que Aidan emanou a bolha de proteção. Ele desfez a bolha, atirando contra a de vermelho, mas ela se esquivou, mandando outro projétil de fogo contra ele, que foi apagado pelo jato de água da mesma maga que salvou a dríade. Ela lançava jatos tão fortes que fez a maga de vermelho bater contra uma árvore. Aidan então emanou a energia roxa, que a eletrocutou, matando-a instantaneamente.

Enquanto isso, a de cinturão dourado e eu lutávamos. Ela atirou um projétil de gelo pontudo, e eu saltei para o lado, caindo no chão. Mas acabei caindo de mau jeito, torcendo o meu tornozelo.

– Kyara!!! – gritou Aidan com as mãos envoltas da sua energia, e um escudo de proteção começou a surgir ao meu redor. Mas um lanceiro inimigo apareceu, tentando lhe dar um golpe lateral. Aidan se esquivou para o lado, desfazendo o escudo. Os dois começaram a lutar, mas a atenção de Aidan estava em mim.

A maga se aproximava majestosamente, rindo exatamente como fez com as minhas irmãs. Das suas mãos, os projéteis começaram a aparecer, assim como o sorriso de satisfação pela vitória na sua face. Então eu vi uma pedra próxima a mim e tentei me arrastar até ela. A maga cantarolava como se não tivesse pressa, e eu tentava vencer a minha dor enquanto tateava o chão perto da pedra para alcançá-la. Agarrei-a, envolvendo-a com os meus poderes, atirando contra a maga. Eu mirei na cabeça, mas pegou no ombro, o que a fez mudar a direção do projétil milésimos de segundos antes do seu braço explodir.

– Aidan!!! – gritei em alerta ao ver o projétil indo contra ele. Como não teria tempo de formar o seu escudo, esquivou-se para trás do lanceiro, que foi atingido bem no meio das suas costas.

A maga ferida urrava de dor, e eu gargalhava em uma mistura de alívio por Aidan estar bem e por vê-la ferida. Ela erguia a mão para o buraco que eu fiz no seu ombro, e então a dor virou ódio. Com a única mão que lhe restou, tentou formar outro projétil, mas eu fui mais rápida e mirei a minha flecha flamejante no seu abdômen. Ela caiu para trás, e Aidan correu até mim e me ajudou a levantar. Curei o meu tornozelo, e nos aproximamos da maga agonizante. As suas mãos começaram a brilhar para matá-la, mas eu o impedi. Ele então me deixou fazer o que eu queria. Abaixei e a olhei fundo nos olhos repletos de dor e raiva, mas com um leve sorriso no meu rosto. Eu acariciei a sua face até as minhas mãos brilharem e eu agarrar o seu pescoço, estrangulando-a.

– Isso é por todas as minhas irmãs que você matou! – urrei, enquanto ela sufocava buscando por ar. Com o outro braço, tentou me deter, mas foi impedida ao ter o seu punho pisado pela mesma maga que salvou a dríade. As minhas energias

percorriam o seu corpo, e ela revirava os olhos sufocada, até que a morte finalmente a tocou.

Guerreiros de Ardhem e Weston vieram, mas Aidan, a maga e outros terianos me deram cobertura para terminar de curar a dríade. Ao terminar, juntas, voltamos correndo para ajudá-los.

Havia corpos no chão, e tínhamos de saltar sobre eles, mas a dríade parou e se ajoelhou em lágrimas ao ver o corpo da maga que nos ajudou entre os mortos. Três homens vieram e a atacaram com golpes de machadinhas. Ela gritava, erguendo o braço pedindo ajuda, e um teriano saltou sobre um deles, mas levou um golpe profundo no seu peito, o que não o impediu de morder e arrancar um tampo da sua cabeça. Os dois caíram e na mesma posição permaneceram, enquanto sangravam e agonizavam até a morte.

Matei os outros dois com as minhas flechas flamejantes, enquanto a dríade dava os seus últimos suspiros, caindo sobre o corpo da maga que a salvou.

O teriano ferido urrou sem forças, e eu corri para tentar curá-lo, mas Kendrick subiu nas suas costas e fincou uma enorme lança na sua coluna, retorcendo enquanto a lâmina perfurava a sua pele. Ele ria como se tivesse conquistado um território. Cerrei os meus punhos e mirei a minha flecha flamejante nele, mas um projétil de gelo a desviou e a levou na direção onde um dos escravos lutava com um dos nossos xamãs, matando-os na hora.

Eu gritei em indignação por ter um aliado e um dos escravos mortos acidentalmente pelas minhas flechas, mas me recusava a carregar aquele sangue inocente na minha consciência. Peguei duas adagas e as iluminei, enquanto corria contra ela, desviando dos seus projéteis de gelo. Kendrick ria enquanto se apoiava na lança, assistindo à nossa luta. Mas bastou um projétil de fogo de um dos nossos magos para ele se abaixar e correr dali feito um covarde.

Ao me verem em direção a ela, dois inimigos se aproximaram pelas laterais para tentar me impedir. Tive de lançar as adagas contra eles. Uma acertou o da minha direita na garganta, e a outra acertou o da esquerda na cabeça.

A maga então, ao me ver sem as adagas, lançou o seu último projétil. E digo que foi o último porque eu me esquivei, pegando-o no ar. Envolto dos meus poderes, eu urrei ao jogá-lo com toda a força contra ela, acertando-a no coração.

Voltei para pegar as minhas adagas, limpei o sangue inimigo na minha armadura e depois enfrentei vários que foram mortos pelas minhas flechas ou com ajuda de outros que me protegeram. Quando dei por mim, estávamos perto do lago central, onde Izobel também lutava.

Aquele rosto gentil, aquela aparência frágil lutava como se estivesse possuída pelos espíritos de vários guerreiros enfurecidos. De repente, outras cenas pavorosas aconteciam diante dos meus olhos. As magas com poder de fogo queimavam e

derrubavam as árvores, matando também as dríades em combates, e muitas delas estavam vencendo a luta. As árvores caíam em chamas sobre muitos de nós, que morriam na hora. Nem mesmo os jatos de água das nossas magas conseguiam conter o fogo, pois muitas foram mortas enquanto tentavam.

Um grupo de terianos tentava proteger Izobel. Mesmo com ela dispensando ajuda, não saíam de perto. As sereias noturnas surgiram do lago e rosnavam enquanto tacavam lanças contra os inimigos. Não havia mais muitas magas de gelo para congelar a água, então mandavam mais projéteis para perfurá-las, forçando-as mergulhar. O lago ficou quieto por um segundo, e as outras sereias surgiram cantando. As magas jogaram jatos de água contra elas para abafar o canto, e os inimigos que iam para o lago hipnotizados acordaram do transe. As magas ergueram as águas, mas as sereias tentaram fugir temendo serem congeladas e foram mortas pelas flechas dos arqueiros inimigos.

– Cerquem o lago!!! – ordenou Izobel. Então eu, xamãs, magos e arqueiros, que podiam acertar à distância, o cercamos para protegê-las. Os xamãs abriram enormes buracos aos pés dos nossos inimigos, e eles foram tragados pela terra, que se fechava em seguida. Depois foram mortos por magas, caindo no rio com os corpos perfurados de gelos pontudos ou explodidos por magia, sujando o solo e o lago com os seus restos mortais. Outros inimigos morreram pelas nossas flechas e pelas grossas raízes de espinhos que brotaram da terra. Elas os enrolavam e os matavam perfurados e sufocados.

Muitos de nós também foram acertados, e então mais sereias surgiram para nos ajudar, matando vários dos inimigos a golpes de lança.

Um tentou me acertar com uma flecha, e eu rodei e a desviei para o alto, com o meu arco em posição de escudo ao me agachar. Ele atirou novamente, mas uma sereia loira me puxou para a água. Assim que mergulhamos, a lança que havia sido jogada contra mim caiu próxima a nós, perdendo a força pelo contato com a água. Ela sorriu ao me ver, e então notei a cicatriz no ombro e no antebraço. Sorri ao reconhecê-la, e, feliz por vê-la bem, toquei o seu rosto, enquanto outra sereia pegava a lança do inimigo para jogar de volta contra ele. Ela me levou de volta à superfície. Era a sereia capturada em Arnhem, e mal tive tempo de agradecê-la. Izobel me ajudou a subir rapidamente, e um inimigo tentou nos atacar, mas Aidan surgiu, protegendo-nos com a sua enorme bolha de escudo. O mesmo inimigo foi morto por Irvin, que o eletrocutou em seguida.

Um inimigo se aproximou e duelou com um arqueiro à margem do rio, próximo a nós, e Izobel ordenou que Aidan desfizesse a barreira para que pudéssemos ajudá-lo, mas o inimigo foi ferido pela adaga do arqueiro, caindo no lago em seguida.

Aidan desfez a proteção, e a sereia de Arnhem se aproximou para checar se estávamos bem, quando, de repente, o inimigo que caiu no lago surgiu na superfície

e, antes de ser pego por outra sereia, fincou a espada nas suas costas. Ela gritou de dor ao arregalar os olhos lacrimejados.

– Nããão!!! – chorei enquanto a segurava.

Ela sorriu para mim e tocou o meu rosto, mas o seu braço logo caiu quando a vida a deixou. O seu sangue e o do inimigo se misturavam na água. Em lágrimas, eu a soltei.

Izobel e Aidan estavam cansados, mas lutavam bravamente. Os inimigos se aproximavam, e os terianos, já exaustos e feridos, não davam conta de impedi-los. Eles eram muitos, e a proporção dos corpos caídos dos nossos era superior à dos deles. As árvores eram derrubadas. Casas eram queimadas, e, de dentro delas, saíam aqueles que não tiveram tempo de se esconder nas cúpulas. O lindo lago central, antes cristalino, agora estava vermelho, coberto por corpos de sereias, aliados e inimigos. Neste momento, percebemos que a guerra estava perdida. Izobel, Aidan, eu e milhares que estavam perto o suficiente fizemos uma pausa de um segundo e consentimos aceitando a derrota. No entanto, já que iríamos morrer, levaríamos o máximo deles conosco. Os terianos rosnavam, nós urrávamos e, quando estávamos prestes a atacá-los, um berrante soou dos penhascos, paralisando todos por um momento. Os inimigos comemoravam, levantando as suas armas, porque os centauros haviam chegado para lutarem ao seu lado.



Capítulo 20

Eles tomavam o penhasco, e, enquanto Tartus tocava o som contínuo e ensurdecedor, Izobel nos abraçou inconformada.

– Eu falhei com vocês. – chorava.

– Mãe... – Aidan e eu falamos juntos, e os seus olhos brilharam emocionados por eu ter me referido a ela dessa maneira.

Era lamentável perder a mãe que eu acabara de ganhar, mas, conforme o prometido, morreríamos com honra.

Os inimigos dançavam e vibravam, mas logo se calaram quando os centauros ergueram os corpos sem vidas das magas de vestidos vermelhos que restaram lá em cima, jogando-as penhasco abaixo. Em seguida, as catapultas se moveram e caíram ao serem empurradas. Elas atingiram o solo, causando um enorme estrondo, e o chão tremeu. E continuou tremendo. Então os barulhos dos cascos e gritos de guerra vieram. Da parede de fumaça que as árvores e casas em chamas deixaram, surgiram Thalana e Fandra liderando os centauros. Ficamos surpresos por um momento, mas depois foi a nossa vez de comemorar. Aquela aliança inesperada pareceu ter trazido todas as nossas forças de voltas. Lutávamos feito animais, massacrando os inimigos próximos a nós.

Eles tremeram por um segundo, mas depois os enfrentaram, porque, mesmo com os centauros do nosso lado, ainda eram mais numerosos.

Formaram uma parede de escudos com as lanças apontadas para eles, mas os centauros não pararam. Os primeiros saltaram por cima, pisoteando-os e matando-os com golpes de lanças. Alguns centauros até foram feridos no momento do salto, mas, mesmo assim, o corte parecia nem fazer efeito devido à forma como lutavam.

Duelávamos com um inimigo próximo ao rio, e ele era bom! Eu me esquivei tanto dos seus golpes que comecei a cansar. Percebendo isso, ele me deu uma rasteira que me fez cair de costas. Eu quase bati a cabeça na pedra da margem do rio. O meu corpo caído ficou entre as suas pernas abertas, e, enquanto ele urrava prestes a fincar a espada no meu ventre, aquela sombra das águas surgiu e o pegou pelo abdômen, rosnado enquanto as suas unhas o rasgavam ao puxá-lo para a água. O seu sangue caiu sobre mim como uma cachoeira, e, ao me virar, ouvi o barulho dos seus ossos quebrando enquanto ele gritava até ser tragado.

Maleena voltou à superfície, e muitos dos nossos, ao percebê-la, empurraram os inimigos no lago, onde ela se encarregaria do resto.

A ponte que cortava o lago poderia não ser tão larga, mas acabou abrigando vários grupos que duelavam nela. Maleena saltou sobre eles, fincando uma lança na cabeça de um inimigo que quase vencia. Depois mergulhou do outro lado. Em seguida, saltou novamente e quebrou o pescoço de outro. Ao mergulhar, outros grupos de sereias noturnas surgiram e saltaram sobre os inimigos com lanças. Uns foram fincados e mortos, outros as atingiram no ar e as fizeram cair agonizando do outro lado. Maleena rosnou e rosnou alto. Então um dos nossos sobreviventes da ponte retirou uma das lanças do corpo do inimigo e jogou para ela, que arremessou contra outro prestes a dar o golpe final em um dos nossos com quem lutava à margem do rio.

Conseguimos cercar um grupo inimigo, e os centauros os matavam pela frente enquanto nós os acertávamos com as nossas flechas e magias. O grupo do meio começou a entrar em pânico, e talvez isso lhes tenha dado forças, porque começaram a revidar e a ferir inúmeros deles. Thalana matou um com o golpe de lança, e outro se aproximou por trás para matá-la com a espada, mas morreu pela minha flecha iluminada.

Próximo a mim, um centauro de aparência mais nova, como eu e Aidan, havia sido cercado por três homens. Um tentou golpeá-lo, e a sua esquiva não o impediu de levar um belo corte lateral no abdômen. Ferido, ele caía sobre as duas patas traseiras, mas tentou se levantar. Dois morreram pelas minhas flechas, e, quando me coloquei à frente para defendê-lo, o inimigo tentou me acertar. Desviei, cravando a adaga na sua virilha. Depois o esfaqueei no peito.

– Você está bem? – perguntei ofegante, pondo a mão no corte profundo.

Ele urrou de dor, e então eu comecei a curá-lo.

– Obrigado! – disse levantando-se pronto para a próxima briga. – Eu sou Brumus. Não irei me esquecer de você.

Ele podia ser novo, mas lutava com bravura. Talvez até mais do que eu ou Aidan.

Então eu o vi... Com o corpo manchado de sangue inimigo e ofegante pela luta que acabara de vencer, o centauro da cicatriz me encarava. Mesmo sendo aliados no momento, eu tremi ao vê-lo, pois eu o temia mais que qualquer inimigo.

Thalana e Fandra estavam lutando lado a lado contra um grupo que as cercaram, e Izobel rapidamente se juntou a elas, matando três com um raio de magia. Fandra acertou alguns com a sua flecha, e Thalana golpeava outros com a espada, mas eles a cercaram novamente em um número maior. Eu corria até elas, matando os inimigos que se aproximavam. Foi então que o chão prendeu os meus pés.

A maga inimiga congelava a terra, e o gelo subia até os meus joelhos. A dor era insuportável, e, mesmo assim, tentei acertá-la com a minha adaga, mas ela se

esquivou. Depois riu por eu ter errado. O gelo continuava a subir e já alcançava os meus quadris, mas ela foi morta pelas flechas de Genevieve e um grupo de arqueiros. Emanei as minhas energias o máximo que pude, e o gelo ao meu redor se quebrou.

Um centauro lutava contra um inimigo, e Irvin o ajudou, matando-o eletrocutado. Outro grupo vinha em massa, então Genevieve ordenou que formássemos uma linha. Ao seu comando, atiramos contra eles. Não podíamos fazer a chuva de flechas, ou acertaríamos os nossos, mas nem foi preciso, porque os inimigos caíram como pragas.

Então outro exército de magas chegou e lançou projéteis de fogo e gelo contra nós, mas Irvin nos protegeu com escudo de magia, enquanto outros magos as contra-atacavam com os seus projéteis.

Thalana, Izobel e Fandra ainda lutavam contra o grupo que as cercavam. Eu queria ajudá-las, mas não poderia deixar a linha dos arqueiros. No entanto, tranquilizei-me ao ver uma centauride tão forte quanto os machos da sua espécie cavalgando contra eles. Ela saltou sobre dois inimigos e rosnou enquanto ambos tinham os seus pescoços perfurados por duas lâminas.

Linhas inimigas continuavam vindo. Acertamos um grupo, outros caíram mortos ou feridos ao nosso lado. Fandra sofreu um golpe de espada no dorso e caiu. Izobel gritou em desespero, e, com um gesto de mão, elevou o culpado no ar, sufocando-o. Ele segurava o seu pescoço enquanto abria a boca buscando por oxigênio, mas morreu pela espada de Thalana.

A centauride foi tomada por uma ira severa, dilacerando o inimigo que estava próximo. Fandra estava caída, e Izobel se abaixou em prantos segurando-a nos braços. Aidan, também em desespero por ver a sua irmã ferida, correu para elas, atirando raios de energia roxa contra os inimigos, mas foi parado por um grupo. Um centauro tentou ajudá-lo, mas um homem igualmente forte o parou, sendo morto por Dunkan, que saltou sobre o inimigo e cravou os dentes na sua jugular.

Irvin nos protegia com uma mão que mantinha o escudo. Com a outra, atirava contra os inimigos que se aproximavam.

– Desfaça o escudo, Irvin! – ordenou Genevieve, mas ele não desfazia, recusando-se a aceitar a nossa ajuda, até ser acertado por um raio de fogo que o forçou a cessar o escudo.

Uma maga de vestido vermelho e cinturão dourado lançava raios de fogo que carbonizaram o seu corpo, deixando uma enorme mancha negra na grama. Genevieve gritou em desespero. Tentamos acertá-la, mas ela lançava projéteis de fogo que incineravam as nossas flechas, reduzindo-as a pó.

Então eu ergui a minha, e, no momento em que a iluminei, a ponta de uma lança a perfumou por trás. O seu corpo caiu sem vida, e, entre os corpos que boiavam no

lago central, uma das minhas irmãs noturnas ofegava e se apoiava com o abdômen à margem após o arremesso. Ela então rosnou e depois tombou a cabeça para frente, caindo de rosto na grama. Foi então que vi as flechas inimigas nas suas costas.

Do outro lado da margem, o arqueiro inimigo ainda estava de pé, mas morreu pela minha flecha, seguida do meu urro.

– Kyara! – gritou Dunkan, apontando com a cabeça na direção de Fandra.

A centauride, outros centauros e terianos lutaram contra o grupo que insistia em se formar ao redor delas. Eu corri até eles e pedi ajuda a uma xamã que encontrei pelo caminho e que acabara de matar dois inimigos.

Ela ergueu os braços, e, da terra, brotaram várias mãos feitas de galhos, com longos dedos finos que fincaram nas suas nuças ou virilhas e começaram a puxá-los para baixo. Um deles conseguiu cortar um dos galhos com a sua espada, mas, em seguida, uma raiz grossa e sem espinhos se enroscou no seu braço como uma cobra. Outra se enroscou no seu pescoço, e ele ergueu a mão livre em pânico, gritando por ajuda, até ser engolido por completo. Os outros dois eu mesma me encarreguei de matar: um com o golpe das lâminas do meu arco e outro com uma flecha iluminada que finquei no seu peito.

Fandra estava gravemente ferida, e Izobel e Thalana se desesperavam.

– Me deem cobertura! – pedi enquanto me ajoelhei próximo à Fandra.

A centauride consentiu. O olhar de Izobel se encheu de alívio com a minha chegada, o que a fez se erguer como nunca para enfrentar os inimigos que se aproximavam.

Fandra me olhou com os olhos repletos de dor e dúvida sobre como poderia ajudá-la, até sentir os meus poderes fazendo efeito.

Outro grupo de centauros liderado por Tartus invadiu Shadowfalls. Cavalgavam o mais rápido possível, matando vários no seu caminho. Muitos deles caíram, mas levaram os inimigos junto. Ao ver Fandra ferida, Tartus se encheu de fúria, e, dos seus dentes cerrados, ele expelia baba ao matar um grupo que tentava se aproximar de nós.

– Hoga!!! – gritou Tartus em alerta para a centauride. Ela se virou a tempo de ver um lanceiro inimigo que corria contra ela. Ele levou um coice que o fez voar longe, batendo com as costas em uma árvore. Outro tentou acertá-la com uma flecha, mas ela defendeu com o seu escudo e cavalgou até ele, matando-o com um corte no pescoço com a ponta afiada do mesmo instrumento.

Vendo que Tartus duelava com um inimigo, Hoga retirou a lança fincada no corpo de um aliado morto e atirou contra outro que tentava atacá-lo por trás. Tartus matou o seu adversário em seguida, com um golpe de lança.

– Fandra!!! – gritou Tartus em desespero ao se ajoelhar perto de nós.

Ela se erguia devagar, e ele viu as minhas mãos cessando as luzes que a curaram.

Quando viu que Fandra estava bem, após matar um inimigo, Izobel levou as mãos ao peito aliviada. Aidan vinha de longe, mancando, com um aspecto cansado. Havia sangue no seu rosto, mas, quando fui curá-lo, todos paralisaram com outro som de um berrante mais melódico.

Inimigos e aliados ficaram de prontidão, e senti o meu coração disparar. Então quebrei o silêncio com um grito emocionado quando os elfos invadiram com suas armaduras verdes e douradas reluzentes.

Os inimigos voltaram a se alinhar e, agora, sentindo o gostinho da derrota, os guerreiros de Weston se desesperavam. Mas os guerreiros restantes de Ardhem eram prepotentes demais para se darem por vencidos.

Aidan e Hoga foram cercados por dois guerreiros de Ardhem, e os meus olhos se encheram de fúria ao ver Kendrick se aproveitando do estado de Aidan para matá-lo. Hoga tentou golpeá-lo, mas ambos eram bons em esquiva. Sendo assim, mantiveram-se ocupados, dando-me tempo para que pudesse curar Aidan.

– Você está ferido? – perguntei em desespero ao tentar achar o ferimento. – O que aconteceu? – As minhas mãos brilhavam, e ele me puxou em um beijo rápido.

– Foi só uma queda de mau jeito. – tentava me tranquilizar.

Dois guerreiros de Ardhem tentaram nos atacar enquanto estávamos no chão, e tive de cessar a sua cura para defendê-lo.

Um eu matei com as lâminas do meu arco. Hoga e Kendrick haviam sumido no meio da multidão, e, enquanto o outro erguia o braço para fincar a espada no abdômen de Aidan, que já erguia as suas mãos para matá-lo com magia, a ponta de uma espada inimiga perfurou o seu tórax pelas mãos de Fandra.

– Ninguém mexe com o meu irmão! – forçou a lâmina para cima, rasgando o seu tórax até a garganta. Jogou-o para o lado e depois chutou terra em cima do corpo sem vida do inimigo. Com um largo sorriso no rosto, Aidan levantou-se em um salto, e os dois sorriram se juntando lado a lado, quando Hoga chegou para nos ajudar contra os outros que se aproximavam.

– Onde ele está? – perguntei à Hoga, após furar a barriga do inimigo e a sua testa com uma adaga, referindo-me a Kendrick.

– Aquele covarde? – parou o golpe de espada do inimigo, torcendo o seu braço, virando-o e quebrando o seu pescoço. – Ele fugiu quando ela chegou com eles. – apontou com o queixo para Margreet e os elfos que lutavam ao nosso lado.

Margreet saltou sobre o inimigo, desfigurando o seu rosto, matando-o instantaneamente.

O homem que me atacava levou uma cotovelada nos dentes e um golpe lateral na testa com as lâminas do meu arco.

Um dos elfos tinha cabelos castanho-escuros, e a sua técnica de luta era invejável. Eu o admirei pela forma como realizava os seus golpes. Os inimigos

sequer conseguiram encostar nele.

Eu lutava com um inimigo que acabou sendo morto pelo elfo. Depois, outros dois chegaram, e eu matei um terceiro que se aproximava para matá-lo pelas costas. Ele consentiu em agradecimento quando finalmente matamos o grupo que nos atacava.

– Válerym! – gritou o outro elfo para ele. Depois apontou para Genevieve, que havia sido cercada.

Margreet saltou em direção ao grupo, levando Válerym e o outro elfo para ajudá-la. Eu até ameacei ir junto, mas vi três inimigos atacando Fandra e Aidan.

Peguei uma espada do inimigo que Margreet matara e corri para um deles, que tentou me dar um chute, mas eu me abaixei e voltei com a espada no seu peito. Ele caiu, e eu forcei a espada para baixo, retorcendo a lâmina para ouvi-lo gritar.

Brumus havia voltado e me ajudou a matar outro inimigo, mas depois encontrou dificuldades para matar o seu adversário, então eu o ajudei. Após nós quatro termos terminado de matá-los, mal tivemos tempo de recuperar o fôlego e logo vi o centauro da cicatriz com sangue nos olhos, correndo na minha direção com a lança apontada para mim. Ele então a lançou, e eu desviei, mas notei que ela passou longe, acertando um guerreiro de Ardhem que tentava me matar por trás.

Ofegante após ter matado o inimigo, ele me encarou, bateu no peito com o punho fechado e consentiu com a cabeça. Surpresa, eu agradei retribuindo o gesto. No entanto, a minha surpresa logo se transformou em ódio, fazendo as minhas mãos voltarem a brilhar.

Do outro lado da margem, um grupo de escravos era liderado por Kendrick e Luke, que tentavam invadir uma casa. Botaram os escravos para chutar as portas e socar as janelas com as lanças, incentivando-os a gritar para aterrorizar quem se escondia.

Aidan se virou para mim, e, com o mesmo ódio que eu, urramos e corremos até eles, derrubando todos os inimigos no nosso caminho. Fandra, Brumus e o centauro da cicatriz vieram conosco. Hoga se defendia de um adversário que a atacara logo depois, e Válerym e o outro elfo se juntaram a nós no meio do caminho quando viram para onde estávamos indo.

As minhas mãos brilharam como nunca, e eu não sei se foi por ver Luke ou pelo fato de ele incentivar os escravos a invadirem uma casa cheia de inocentes.

Com a porta arrombada, ouvíamos os gritos de pânico. Chegamos no exato momento em que Kendrick saía da casa, trazendo uma mulher grávida como refém. Os escravos afrouxaram as suas armas, tocados com o que viam. Duas crianças choravam lá dentro, e Luke entrou na casa com grosseria.

– Ataque qualquer um de nós, e ela morre. – ameaçava, com a lâmina da espada no pescoço da mulher em prantos. Fomos obrigados a baixar a nossa guarda.

Luke, em seguida, arrastou as duas crianças em desespero pelos braços.

Aidan criou um escudo protetor ao nosso redor, impedindo o ataque dos grupos inimigos que chegavam. E, para proteger a mulher e as crianças, teve de incluir os escravos e os dois dentro da bolha.

Amedrontados, uma menina e um menino de aparentemente seis anos, choravam e se abraçavam ajoelhados.

– Joguem as suas armas no chão! Ou começo matando ela. – disse Luke, levantando a menina pelo bracinho. Ela então gritou em desespero, implorando para que ele a soltasse. A grávida quase perdeu as forças.

– De pé! – ameaçou Kendrick, dando-lhe uma joelhada nas costas. – A próxima vai ser na barriga! – passou a lâmina calmamente de ponta a ponta no seu ventre.

Ela levantava as mãos em súplica para que ele não machucasse o seu bebê e, juntando as suas forças, ergueu-se.

Calmamente, colocamos as armas no chão. Os escravos estavam visivelmente perturbados com o que viam.

– Você! – jogou a espada para um dos escravos, e ele a pegou desajeitadamente. – prove que é capaz de ser um de nós! Arranque o bebê da barriga dela, e a sua família terá uma vida de fartura como lhe prometemos.

O escravo tirou o elmo calmamente, e então eu o reconheci. Odo estava descabelado, e uma mancha de sangue tampava a sua têmpora e parte da sua cabeça.

– É isso que quer se tonar? – perguntei amargamente.

– O bebê!!! – ordenou Kendrick com raiva.

Válerym e o outro elfo bufavam indignados.

Odo olhava a mulher ajoelhada aos seus pés, que suplicava pela sua vida e pela dos seus filhos.

– Acha que vale a pena carregar sangue inocente nas mãos por uma vida melhor? – insisti.

– Dê-me o bebê agora ou a sua família pagará pela sua traição! Se tentarem impedir... – pegou a espada de Luke apontando para a cabeça do menino. – Eles morrerão, mas, se me entregar o bebê, terão a minha palavra de que as crianças não sofrerão arranhões e darei ordem aos meus homens para manterem-nas em segurança.

Os escravos se entreolharam, e os choros da mulher e das crianças cortavam o tenso silêncio entre todos. O centauro da cicatriz rosnou. Fandra levou a mão à boca para tapar o seu pranto. E os elfos estavam indignados com a cena que viam. Eu tentava ao máximo conter o meu desespero, então eu gritei quando Odo ergueu a espada. Os outros escravos abaixaram o olhar.

– Se fizer isso, esse dia o assombrará para o resto da sua vida. – alertou Válerym.

– Mais uma palavra, e as crianças morrerão lentamente! – ameaçou Kendrick. – Agora, dê-me o bebê!!! – rosnou a ordem para Odo.

Odo levou a espada em direção à mulher ajoelhada aos seus pés. Ela já se dava como morta, mas a espada ressoou um barulho metálico ao ser jogada no chão.

– Vocês mataram meus irmãos, nos forçaram a lutar a sua guerra em troca de nossa liberdade e nos fez cometer inúmeras atrocidades neste local. – lamentou. – E agora tem coragem de me pedir que cometa essa covardia? Então tudo o que fizemos ainda não foi o suficiente? Não sou e nem quero ser como vocês. – disse melancólico, aguardando a sua morte como punição.

A mulher ofegou aliviada e depois, ajoelhada, mas ainda assustada, engatinhou rapidamente para trás de mim. As minhas mãos brilharam para protegê-la. As crianças aproveitaram que a atenção estava em Odo e correram para trás do centauro da cicatriz. O menino conseguiu, mas a menina foi pega por Kendrick.

– Ou ela ou as suas famílias! Façam as suas escolhas! – dizia com as mãos na garganta da menina, ameaçando estrangulá-la.

A mãe gritou e até se ofereceu para trocar de lugar com a menina, mas Válerym não deixou.

– Traidor!!! – rosnou Luke. – Matem-no! – ordenou para os outros escravos. Eles se mantiveram imóveis por um tempo, mas depois, um a um, jogaram as armas no chão, indo para o nosso lado.

– Desistam! – gritei. – Os escravos se viraram contra vocês! Sabem que não sobreviverão dentro dessa bolha por muito tempo!

Os escravos se alinhavam cercando Luke, e Kendrick começou a apertar o pescoço da menina, que abria a boca em uma tentativa desesperada por ar, mas morreu pela adaga de Válerym, que voou na sua cabeça mais rápido do que ele poderia imaginar.

A menina estava em choque.

– Obrigada, muito obrigada! – agradecia a mulher em prantos por tê-los deixado viver.

Odo pegou a menininha no colo e a acalmou, levando-a para a mãe.

– Me soltem ou pagarão caro por isso! – ameaçava Luke ao ser segurado por um grupo de escravos.

– Devia ter lhe ouvido, Kyara. – Odo baixou a cabeça constrangido.

Sorri e botei a mão no seu ombro.

Aidan começava a se cansar em manter a bolha funcionando.

– Não queremos mais lutar ao lado deles.

– Então lutem conosco! – disse Válerym.

– Kyara! – gritou Aidan perdendo as forças. A bolha começava a falhar.

– E quanto a ele? – perguntou Odo, referindo-se a Luke.

– Cuidamos dele depois! – implorou Aidan.

Válerym teve uma ideia.

– Consegue mover a bolha? – perguntou, preocupado com a fraqueza que Aidan sentia.

– Sim.

– Façam um círculo ao redor dela e das crianças. Nós lhe daremos cobertura enquanto você conjura um portal para onde elas possam estar em segurança.

Os escravos consentiram, e então Aidan moveu a bolha. Nós os rodeamos, aguardando. Dois escravos seguraram Luke desarmado no centro do círculo. Os inimigos batiam e chutavam a bolha indignados pela traição dos escravos.

– Por que não estavam nas cúpulas? – perguntou Aidan.

– Ela estava assustada. Não queria sair de debaixo da cama, e não pude deixá-la.

Aidan consentiu compreensivo.

– Estão prontos? – perguntou. – e nós urramos erguendo as nossas armas.

Aidan então desfez a bolha, e aquela massa inimiga se juntou contra nós. Eu lutava com a minha adaga e o meu arco iluminados, matando dois deles. Os corpos caídos começaram a nos dar distância dos inimigos, então pude usar as minhas flechas.

Aidan terminou o portal, e a mulher e as crianças entraram. Então ele se voltou para nos ajudar, mas dois escravos foram mortos. Um inimigo furou a brecha, matando um dos escravos que segurava Luke. O outro precisou duelar para se defender e acabou deixando Luke fugir.

Aidan tentou acertá-lo à distância, mas ele mudou o curso, entrando por entre as árvores que davam para os portais das cúpulas. O seu raio pegou em uma delas, que caiu sobre um grupo que lutava. Apenas um dos nossos amigos se feriu, e este foi logo ajudado por outro que acabara de matar o adversário.

– Não!!! – gritei indignada por ele ter fugido e por ver para onde ele ia.

Mais dois escravos morreram, e depois conseguimos acabar com o grupo que nos atacava.

– Fiquem conosco. – disse Válerym, botando a mão no ombro de Odo. – E vão saber que estão ao nosso lado.

Odo consentiu, e juntos eles atacaram outro grupo. Em paralelo, eu atirava contra três que cercaram uma das nossas magas ferida. Dois dos escravos correram em direção a Dunkan, que lutava contra mais dois homens. Eles mataram os seus novos adversários por trás, e Dunkan, surpreso, olhou-me de longe. Eu consenti, e juntos montaram a guarda para os novos adversários.

O centauro da cicatriz foi cercado, mas conseguiu matar um, fincando a sua lança na barriga. O outro lutava bem, e ele encontrava dificuldade para matá-lo por não ter tido tempo de pegar a lança de volta. Ele se esquivava e rosnava, até que

Maleena surgiu. Assim que os seus olhares se cruzaram, ela lhe atirou uma lança, que ele pegou no ar e desceu fíncando-a no peito do inimigo.

– Não podemos deixar que Luke chegue perto das cúpulas! – eu me desesperei enquanto atirava as minhas flechas contra inimigos em grupos distantes.

– Vá atrás dele que lhes daremos cobertura! – disse Fandra, sabendo o que a cúpula guardava.

O centauro da cicatriz apontou com o queixo para eu ir atrás de Luke e, em seguida, rosnou, cavalcando contra outro grupo.

Então eu corri... e corri o mais rápido que pude. Tinha uma adaga nas mãos pronta para atirar contra ele, mas eu não o via. Os meus maiores medos se misturavam entre ele matar os inocentes e encontrar Drakenian. Apoiei as mãos nas minhas coxas, pegando fôlego antes de procurá-lo pelas cúpulas.

– Kyara, cuidado! – gritou Aidan com as mãos envoltas da energia roxa que ele estava prestes a lançar. Foi quando alguém saltou por trás de mim, fazendo a minha adaga voar longe. A queda fez a minha testa bater no chão, deixando-me desorientada.

Luke ria, chutando o meu corpo para o lado e montando em mim.

– Tire as mãos dela! – gritou Aidan. E depois gritou de novo quando algo o agarrou por trás.

– Achou mesmo que iria conseguir me matar, elfa nojenta? – cuspiu na minha cara e depois me deu um tapa.

– Achou mesmo que ia conseguir me matar? – deu-me outro tapa. – Responda!!! – Levei outro e estava tonta demais para conseguir revidar.

Ele me xingava e ameaçava, até que o som da sua voz foi cessando e um lindo canto ressoou pelo local, mas Luke parecia não ouvir.

Olhei para o lado e, mesmo com a visão turva, eu vi Báhlgor parado entre os pilares. Ele mantinha a sua pose imponente, e ouvi a sua voz no meu crânio.

– Kyara...

– Báhlgor? – disse com a voz falha.

Luke aproximou o rosto e ria.

– Delirando elfa? Isso, delire, delire. – encostava a lâmina no meu queixo, onde o elmo não pegava. – Assim eu posso te torturar um pouco antes de te mandar para o outro mundo.

Válerym corria até nós, erguendo o seu arco e flecha em direção a Luke, mas tomou três flechas pelas costas do arqueiro inimigo, caindo morto em seguida.

– Vá e avise aos outros que não deixem ninguém passar! – ordenou Luke ao seu arqueiro.

Báhlgor continuou a falar comigo.

– Você escuta esse som?

– Sim. – respondi na minha mente. – São os anjos que vieram por mim?

Luke fez um corte no meu braço.

– São as suas irmãs. Elas cantam por você. A sua hora não chegou.

– Não consigo me mexer...

– Está na hora de saber a verdade sobre quem você realmente é.

Luke então começou aos poucos a forçar a lâmina contra o meu flanco, mas sem perfurá-lo.

– Está vendo aquele elfo caído?

– Válerym... – lamentei a sua morte.

– Ele ainda vive... E ele é o meu filho.

Perdi o fôlego por um segundo.

– O seu verdadeiro nome é Ranfel Woodgreen... E ele é o seu pai!

Lágrimas escorriam pela minha face.

– Então, se ele é o seu filho...?

– Você é a minha neta!

Então eu começava a querer rir de alegria, em um leve estado de loucura, mas Luke fincou a espada no meu flanco, e eu urrei de dor.

– Isso explica os seus poderes mais evoluídos que os dos outros elfos. O seu pai ainda era um Deus quando gerou você, e eu o amaldiçoei tirando a sua imortalidade quando soube.

– Pendurarei a sua cabeça como um troféu na minha casa. – gargalhava em um estado de frenesi.

– Você é uma semideusa, Kyara! A sua arma corre nas suas veias!

Luke torcia a lâmina.

– Lembre-se de quem você é! – insistia Báhlgor. Os cantos aumentaram. – Agora!!! – gritou com uma voz estrondosa, fazendo o meu corpo tremer em um susto. Então eu urrei cerrando os meus dentes e os meus braços. As minhas mãos incandesceram, renovando as minhas forças. Apertei o seu pescoço, pegando-o de surpresa, e a energia que corria pelas minhas mãos agora penetrava no seu corpo como veias luminosas. Aterrorizado, ele tentava gritar, mas a voz sumia na densa fumaça escura que saía da sua boca. A sua pele começou a rachar, deixando escapar pequenos feixes luminosos que finalmente consumiram o seu corpo por completo, reduzindo-o a cinzas.

Retirei a lâmina que perfurava o meu flanco e gritei, tapando o buraco por onde o meu sangue jorrava. Endureci e retorci o meu corpo. Desesperada, olhei para Báhlgor em um pedido de ajuda, mas ele se mantinha sereno.

– Não se esqueça dos seus poderes. – Lembrou-me e depois fitou o meu pai caído no chão.

Mesmo fraca e lutando contra a dor, não havia dor maior do que ver o meu pai caído. O tempo corria, e, se eu o perdesse agora, essa dor jamais passaria. As fadas se aproximaram, e os seus lábios pareciam balbuciar um som inaudível para nós, mas não para as outras que vieram aos montes. Elas voavam me rodeando e brilharam inúmeras luzes diferentes enquanto ressoavam um som. Naquele momento, eu percebi que estava recebendo a benção de inúmeras fadas. Aquilo me acalmou como se estivesse anestesiando a minha alma, mas, ao ver o meu pai caído entre as brechas que elas formavam ao me redor, as minhas mãos brilharam mais. Toquei o meu ferimento que fechava enquanto eu ofegava em alívio com os olhos cheios de lágrimas. Ainda no chão, girei o meu corpo para levantar, mas me ergui firme e olhei para Báhlgor, que parecia sorrir com os olhos. Ele consentiu e desapareceu, e eu corri até o meu pai, enquanto as fadas subiam para me dar passagem.

Arranquei as flechas das suas costas enquanto ele urrava de dor, até que sentiu o meu toque e, mesmo antes de começar a curá-lo, ele pareceu relaxar. Apressei o processo tamanho era o meu desespero em salvá-lo. Somente quando ele deu o primeiro suspiro aliviado, eu o virei para mim. Eu o tomara em um dos meus braços e, com a mão livre, retirei o meu elmo emocionada.

– Você... Você não é humana, é? – perguntou olhando confuso para as minhas orelhas.

Neguei lentamente, sorrindo enquanto as lágrimas desciam.

– O meu nome é Kyara Morrigan, filha de Alda Morrigan e Ranfel Woodgreen.

Ele prendeu a respiração por um segundo, e, com um sorriso radiante, as suas lágrimas começaram a descer.

Sentou-se, pegou os meus ombros me olhando dos pés à cabeça, e ríamos surpresos e realizados por termos nos encontrado. Então ele me puxou em um forte abraço, onde choramos anos de saudades.

– Durante todos esses anos, não teve uma noite sequer em que eu não tenha pensado em você ou que não tenha desejado lhe abraçar. No fundo, eu sentia que tinha uma filha, mas não poder confirmar ou lhe abraçar me deixou doente por anos.

– Eu pensei que tivesse me esquecido ou que estivesse morto.

– Jamais lhe esqueci. O meu maior erro foi ter deixado o meu pai me forçar a desistir de você e da sua mãe.

– E o meu maior erro foi tê-lo forçado a isso. – disse um elfo com um brilho branco que se aproximava.

– Pai! – exclamou Ranfel surpreso.

– Então essa é a sua forma original? – sorri maravilhada.

Ele consentiu com um sorriso tenro.

– Não tenho como compensá-los pelo meu erro que levou à morte de Alda, mas posso compensá-los por outro.

Ele ergueu as suas mãos, e o meu pai começou a brilhar enquanto o seu cabelo castanho-escuro foi ficando branco como o de Báhlgor, que eu tinha o prazer de chamar de avô.

– Até os Deuses comentem erros. – falou após ter devolvido a sua imortalidade.

Nesta hora, Aidan, Fandra, Hoga, o centauro da cicatriz e Brumus olhavam atônitos pela cena que acabaram de presenciar, mas se curvaram perante a presença de dois Deuses.

– Filha. – botou a mão no meu ombro. – Mesmo mortal, eu lutei ao seu lado. E agora, mais do que nunca, irei lutar.

– Não. – interrompeu Báhlgor. – O destino está traçado, e nenhum Deus deve interferir nesta guerra.

– Você interferiu ao nos pedir que os ajudassem. E agora eu sei o porquê. – olhou-me emocionado. Báhlgor então derramou as suas primeiras lágrimas.

– Eu não interferei. Jamais o fiz, mas não podia deixar de oferecer ajuda à minha neta. Você é um Deus agora e deve ficar fora disso. Ela viverá, independente de quem vença.

Sendo assim, o meu pai aceitou. Ele segurou o meu queixo, erguendo o meu rosto para ele.

– Você lembra tanto a sua mãe... – disse com os olhos cheios de saudades, e eu o abracei. – Eu voltarei, minha filha. – e desapareceram.

Aidan correu até mim e me envolveu em um abraço.

O centauro da cicatriz se aproximou sereno pela primeira vez.

– O meu nome é Bravan, e este é o meu filho. – olhou para Brumus. – Quando eu a vi, pensei que fosse de Weston por ter sido a única que não mostrou ter nenhum poder. A minha esposa e as minhas quatro filhas foram vítimas do povo de Weston na primeira guerra a Shadowfalls, e eles também me deram isto. – apontou para a cicatriz.

Levei a mão à boca, contendo o pranto.

– Eu as encontrei mortas perto do pântano e fui acertado por um pequeno grupo que desistiu da guerra. Eu os matei e jurei para mim mesmo que eles seriam apenas os primeiros. Percebi que não era um deles quando a vi salvar o meu filho. Naquele momento, eu me vi em dívida com você.

– Você salvou a minha vida. Não me deve nada. – disse agradecida.

– Sim, eu lhe devo. Assim como desculpas pela forma como a tratei inicialmente.

– Aceito as suas desculpas e fico feliz em recebê-las. Mas porque insiste em me dever quando já fez muito por mim? Lutou ao meu lado, salvou a minha vida...

– Porque nada que ele lhe faça será suficiente. – disse Fandra. – Um centauro nunca paga uma dívida com apenas um favor e, principalmente, nunca esquece o que fazem pela sua família. – aproximou-se de Aidan, e os dois finalmente se abraçaram em lágrimas. – Eu a vi salvando o meu irmão e a minha mãe, e também terei uma eterna dívida com você.

– Diga-me o que quer que eu faça. – disse Bravan. – A guerra ainda acontece, e, a qualquer momento, os inimigos entrarão por ali. – apontou para o corredor, na direção da entrada das duas árvores.

Então eu tive um pressentimento forte que me deixou aterrorizada.

– Precisamos chegar às cúpulas!

– Vou com você. – disse Aidan, pegando nas minhas mãos.

Bravan consentiu.

– Nós guardaremos a entrada. – assegurou-nos.

Então eles bateram no peito com o punho fechado e inclinaram levemente a cabeça.

– Boa sorte! – disse-nos e, em seguida, deu sinal para os outros, que o seguiram cavalgando pelo caminho enquanto urravam, levantando as suas armas.

Foi quando eu entrei em pânico por sentir exatamente o que a minha intuição ou aquela voz quis me dizer.

– Christine está aqui!

– Também a senti! – Aidan estava horrorizado. Precisávamos correr.

Nós nos demos as mãos, e Brisêys se juntou a nós. Fomos até o centro do círculo e nos abraçamos forte, enquanto ele nos teletransportava para a cúpula onde Drakenian estava.

Aidan me puxou para trás de um largo pilar. Brisêys pousou no meu ombro, e Arturo estava de costas enquanto Christine remexia tudo em desespero.

– Onde está? Onde está? Eu sei que está por aqui, eu a sinto, eu a sinto!

Então, sentindo a energia da pedra, Christine conseguiu descobrir onde ela estava. Ela fez o mesmo gesto de mãos que Izobel havia feito. Os dragões se iluminaram no chão, trazendo o pedestal para cima. Por um segundo, ela me hipnotizou novamente, mas eu mesma me encarreguei de controlar o chamado que eu sentia dela. E, pelo visto, Christine e Arturo sentiram a mesma coisa.

A pedra brilhava e piscava rapidamente. Como em um estado de frenesi, Christine sorria extasiada.

– Finalmente!!! – ria como louca, e Arturo, boquiaberto, parecia paralisado diante dela.

Enquanto eu estava em pânico ao ver Christine perto de Drakenian, Izobel surgiu serena de dentro de uma sala. Ela, que sempre temeu este momento, parecia decepcionada.

– Christiel... – disse amargamente.

– Christiel morreu há anos quando deixei Shadowfalls! – rosnou.

Arturo ergueu a sua espada ameaçadoramente, mas Christine o impediu.

– Não... – disse Izobel melancolicamente. – Ela morreu quando os nossos pais se recusaram a dar o trono para a filha mais velha por não confiarem na sua bondade.

Arturo ergueu a sobrancelha, e eu e Aidan nos olhamos espantados. Izobel continuou:

– Ela morreu para mim quando fez a cabeça da nossa irmã caçula para deixar Shadowfalls. Todos sabiam que ela teria sido a melhor rainha, e, por isso, quis tirá-la do caminho, acreditando ser fácil corrompê-la com as suas falsas promessas e ambições. Ela amava você, Christiel... Confiava em você... Eu também... – lamentou, deixando escorrer uma lágrima.

– Do que ela está falando, Christine? – perguntou Arturo confuso.

– Não fui eu quem amaldiçoou o amor da minha irmã só porque estava apaixonada por um homem que nunca nem soube da minha existência! – disse Christine dando de ombros.

Izobel abriu a boca em estado de choque.

– Do que está falando, Christiel? Eu nunca...

– Foi ela! – interrompeu, correndo em direção a Arturo. Depois segurou o seu braço, apontando para Izobel com a sua mão livre. – Ela é a verdadeira culpada pela morte de Anabel!!!

– Jamais amaldiçoaria a minha irmã! – olhou para Arturo em súplica. – Eu amava Anabel! – disse na esperança de convencê-lo. Mas ele parecia confuso.

– Se não fosse pela inveja dela, Anabel estaria viva! – virou Arturo para ela. – Os seus filhos teriam uma mãe para criá-los! – insistia. – Acha que eu mentiria para você? – fingiu estar ofendida. – Acha que eu não amava a minha irmã?

Bufando, Arturo virou o rosto para Izobel, fulminando-a com o olhar, e Christine aproveitou para sorrir cinicamente.

– Como ousa ser tão baixa, Christiel? Os nossos pais estavam certos a seu respeito... E pensar que eu lhe defendi... – disse decepcionada.

– Me defendeu? – ironizou. – Você tinha inveja da gente! Eu tinha mais amigos, Anabel era mais bonita, e você não era nada! Logo, somente lhe restava o trono!

– De nós três, somente você queria o trono! E pelos motivos errados, Christiel!!!

– Ora vamos, irmãzinha. – debochou. – Eu tinha amigos, Anabel tinha admiradores, e você era apenas uma sombra em uma árvore. Ninguém a notava, ninguém se interessava. Então o que sobraria para alguém como você? O trono! Sim, o trono! Apoiou Anabel a deixar Shadowfalls para se casar com aquele que VOCÊ amava, porque seria mais fácil ter o seu trono sem ela por perto. – virou-se

para Arturo. – Acontece que, apesar de ser uma excluída, ela tinha ambições. E o que seria um trono sem um rei? Se ela não o tivesse, então ninguém mais poderia.

As minhas mãos brilharam de ódio, mas Aidan não me deixou interferir.

– Como tem coragem de mentir dessa maneira? – Izobel chorava decepcionada. – Não sente vergonha?

– Vergonha? – ergueu os braços fingindo estar ofendida – Não fui eu quem deixou os meus sobrinhos órfãos!

– Já chega!!! – gritou Arturo. – Você! – apontou para Izobel. – De todos os monstros que eu já matei, nenhum nunca se comparou a você!

Izobel assustou-se, soluçando e chorando ao ouvir as suas palavras.

– Arturo, por favor, precisa acreditar em mim...

– Cale-se!!! – ordenou!

Christine sorria com os olhos cheios de maldade, e Izobel notou.

– O que foi que houve com você, minha irmã? – lamentou Izobel.

– Fora daqui, no mundo real, nem tudo é tão lindo e justo. As pessoas nem sempre se ajudam ou se respeitam. Sendo assim, só os mais fortes sobrevivem. Acredita mesmo que o amor deixa você mais forte? – riu e depois balançou a cabeça lentamente. – Não, irmãzinha! O ódio e a ganância despertam o seu lado mais sombrio, que lhe fortalece. Isso que lhe é escasso, em mim, tem de sobra! – gritou, mandando um raio de energia verde. Izobel rapidamente se desvencilhara e mandou um raio roxo contra a irmã. Christine rebateu e enviou outro, atingindo Izobel, que caiu ferida.

Aidan e eu corremos detrás da pilastra para impedi-la.

– Pare com isso, Christine! – gritou Arturo, enquanto ela erguia as mãos em uma rendição sarcástica.

Izobel estava caída no chão e levantou rapidamente o seu olhar para ele e para nós em posição de ataque.

– Defende aquela que matou a sua esposa? – perguntou Christine ironicamente.

– Jamais! – então ele urrou, correndo e erguendo a sua arma contra Izobel, que foi pega de surpresa.

– Não!!! – gritei indo atrás dele para bloqueá-lo.

Christine mandou um raio de energia, que se desfez no meio do escudo que Aidan criou para me proteger. Em seguida, ele mandou um contra ela, e os dois se mantiveram ocupados por um tempo.

Tentei saltar sobre Arturo para segurar o seu braço, mas a sua espada chegou antes no ventre de Izobel.

Brisêys levou sua mão à boca em pânico, e Aidan gritou em indignação enquanto lutava contra Christine, que aproveitou o momento de distração para feri-lo gravemente com um raio. Aidan estava caído e, mesmo fraco, ainda tentava lutar.

Izobel sequer gritou, mas eu berrei ao cair de joelhos perto do seu corpo, a abraçando. Em prantos, olhei para Arturo, que, ao me ver, percebeu o que fez. O seu semblante de ódio logo se transformou em arrependimento. Izobel, ainda fraca, tocou o seu tornozelo. Talvez por eu a estar tocando, pude ver o resumo de toda a verdade, que ela passava para ele.

Lá estava ela, bem mais nova, aparentando ter os seus seis anos de idade, sentada triste no seu jardim, enquanto outras crianças brincavam. Ela queria se juntar a elas, mas lutava contra uma timidez severa que sempre vencia, a impedindo de interagir.

Já adolescente, ela se olhava no espelho se achando feia. No entanto, quando Anabel, um pouco mais nova, entrou no quarto, o sorriso de Izobel se iluminou. Rapidamente, puxou a irmã, fazendo-lhe um lindo penteado enfeitado por flores.

À noite, Anabel ria admirada com os gestos e as caretas de Izobel ao interpretar as histórias que contava para a irmã dormir.

Depois, Izobel perdia horas se enfeitando, escolhia o vestido perfeito para o dia e ia ao encontro de Arturo, feliz por acreditar que de hoje não passaria. Contudo, ao vê-lo, ela travava e se martirizava por horas por não conseguir fazer algo tão simples como dizer um oi.

A pior dor veio quando Anabel e ele se conheceram. Essa dor se estendeu por todas as noites em que ela chorou sozinha. Izobel era só sorrisos ao ouvir a sua irmã dizer o quanto o homem que ela amava em segredo era maravilhoso, mas bastava Anabel deixar o quarto para, mesmo estando feliz pela irmã, Izobel cair em prantos.

Depois a vimos mais velha novamente e o quanto ela sofria pelas vezes em que via Gwen e Tristan, lamentando não ter conhecido os seus sobrinhos. Ela amava Anabel e nunca havia superado a dor de perdê-la. Mas não para Arturo, e sim para a morte.

Depois, ela mostrou a mim ainda como escrava em Ardhem, quando Arturo e eu conversávamos no meu quarto, como foi desde que cheguei a Shadowfalls pela primeira vez e o meu desespero em explicar-me para Arturo.

Então voltamos para a realidade, e Arturo me abraçou em prantos.

– No fundo, eu sabia que você jamais seria capaz de me trair. – depois olhou para Izobel, que agonizava, e a tomou em seus braços completamente arrependido.

Aidan, ainda no chão, gritou de dor pelo esforço para manter o seu escudo ativo. Arturo, ao ver que Christine tentava matar um menino que tinha quase a idade do seu filho, levantou-se, apontando a sua espada para ela.

– Largue-o! – ordenou.

Ela parou e, furiosa, encarou Arturo. Aidan desfez o escudo e, exausto, relaxou os seus ombros, deixando a cabeça bater no chão.

– Como ousa se virar contra mim depois de tudo o que eu fiz por você?

– Estou farto das suas mentiras! – disse se aproximando e erguendo a arma.

– Acha mesmo que uma espada pode me deter? – ria da sua tolice em desafiá-la.

– Depois virou novamente para Aidan completamente sem forças e ergueu as suas mãos brilhando a energia verde para o golpe final. Antes que eu pudesse enviar as minhas flechas iluminadas, uma espécie de parede de fumaça branca e densa explodiu perto dela, empurrando Christine contra a parede.

Izobel se arrastava e, mesmo trêmula, a sua mão direita ainda estava erguida com a fumaça que acabara de enviar. Aidan começava a perder muito sangue.

Arturo se assustou ao ver de onde a fumaça viera e, assim como eu, em uma esperança de que Izobel pudesse ficar bem, correu para ajudá-la. Christine tentou matá-lo pelas costas.

Izobel tentou combatê-la novamente com outra parede de fumaça, mas estava tão fraca que a parede se desfez segundos depois de as suas mãos se iluminarem. Izobel acabou caindo com o rosto rente ao chão, como se fosse desmaiar. Eu consegui desviar o raio com uma adaga iluminada, que o fez explodir antes de encostar em Arturo. Ele tombou o seu corpo para a frente, assustado, e eu pedi que ficasse com Izobel. Enquanto isso, Christine, agora de pé, virou-se novamente para Aidan, que sequer tinha forças para se defender.

– Aidan, não!!! – gritei ao erguer a minha flecha iluminada contra Christine, que se protegeu antes que eu a acertasse.

Kyara! – gritou Aidan, rastejando para mim, deixando um rastro de sangue no chão.

Christine o parou com um pé nas suas costas, não para esmagá-lo, mas leve o suficiente para impedi-lo de continuar devido à sua fraqueza.

– Você já está morto, rapaz! – ironizou. Depois olhou para Drakenian à minha direita. – Tenho urgências maiores. – ergueu as mãos em direção à pedra, que começou a tremer segundos antes de levitar. Aidan arregalou os olhos e me olhou suplicando para que eu a impedisse de alguma forma.

Brisêys tentou distraí-la, voando ao redor da sua cabeça. Mas Christine, apenas com uma mão, deu-lhe um tapa que a fez cair no chão.

Drakenian agora estava entre nós duas, flutuando no ar ao ser controlada por Christine. Ao ver as minhas mãos incandescendo para impedi-la, começou a formar um escudo para protegê-la e proteger a pedra.

Drakenian agora passava perto de mim, e o seu brilho se fortaleceu, refletindo no meu rosto como um chamado. A fenda do escudo começava a se fechar diante de nós duas. Em um ato de desespero, eu saltei, atirei a minha flecha contra Christine, agarrei Drakenian e caí de joelhos com ela nos meus braços. Imediatamente, eu senti como se a pedra fosse me desintegrar. Eu estava cada vez mais fraca, e Christine, que havia se esquivado da minha flecha, começou a gargalhar.

Um clarão explodiu nos meus olhos, e fui automaticamente teletransportada para um local etéreo e muito claro, onde eu me vi rodeada de dragões que me observavam. As suas bocas não mexiam, mas eu ouvia sussurros incompreensíveis de uma língua bem antiga. Então outro clarão estourou, levando-me de volta à cúpula.

– Sua tola, ninguém pode tocar a pedra! – ria da minha estupidez enquanto erguia os seus braços para me dar o golpe final. Em um segundo, aquela fraqueza se transformou em uma força tamanha que fez com que os meus olhos emanassem a energia que, até então, só corria nas minhas mãos.

Então eu me ergui mais forte do que nunca.

– Christine! – urrei o seu nome, cerrando os meus punhos. Ela, agora incrédula em relação ao que estava vendo, recuou assustada.

– Você tem razão. O ódio nos faz mais fortes. – o meu corpo então se iluminou por completo. Ia me aproximando enquanto atirava contra ela, uma flecha atrás da outra. Christine formou um escudo de magia e, apesar de confiar nele, ela me temia pela primeira vez. As flechas se chocavam contra o escudo, e ela, aos poucos, ia enfraquecendo pelo esforço de mantê-lo ativo. O escudo tremeu, e ela caiu de joelhos, gritando para conseguir se manter protegida.

Nesse instante, ao alcançar a minha aljava e tateá-la pelas bordas, percebi que as minhas flechas haviam acabado. Christine riu em um deboche aliviado, acreditando que teria tempo de se recompor e ainda manter o seu escudo para se proteger. Mas aquele riso cínico despertou o que considereei ser todo o resto de ódio que eu podia guardar em mim. Com os meus olhos emanando a energia laranja, estiquei o meu braço para pegá-la. Ao tocar o escudo, mesmo que com certa dificuldade, atravessei-o e senti a minha armadura queimar.

A resistência do escudo era fraca para a minha força, que o fez se desintegrar ao redor do meu braço. Apavorada, Christine deu um passo para trás, cessando o escudo por completo. Então fui de encontro a ela, agarrando o seu pescoço. As minhas mãos tremiam ao apertar a sua jugular, e Christine abria a boca desesperada por ar. O seu pescoço e metade do seu rosto aos poucos se deformavam, exatamente como fiz com Luke. Em um ato de desespero, ela tentou um último golpe. Um clarão verde explodiu entre nós duas, fazendo-me voar para longe. Ferida, eu caí perto de onde Arturo estava. Tanto ele quanto Izobel se desesperaram ao me ver e me puxaram para perto deles. Christine, agora de pé, esgoelava-se de dor e desespero e, ao ver o seu reflexo em uma das armaduras reluzentes que ficavam nas paredes, mesmo sem ter uma visão precisa, percebeu o seu rosto deformado. Estava coberta de fúria e sede de vingança, mas ainda me temia.

– Isso não acaba aqui, Kyara! Não acaba! – disse com autoridade. Depois riu um sorriso sarcástico. – Enquanto eu não for rainha, irei matar todos que você ama. –

Nessa hora, Brisêys surgiu voando por detrás de Christine, enquanto um portal se abria.

Aterrorizada, eu prendi a minha respiração quando ela agarrou Brisêys no ar, tendo a mais cruel das ideias. Ergui o olhar em desespero enquanto Christine apertava os seus dedos, esmagando-a.

– BRISÊYS!!! NÃO!!! – gritou Aidan angustiado.

Berrei indignada, enquanto Christine abria e sacudia a sua mão para que os restos mortais de Brisêys, presos pelo sangue, caíssem. Depois limpou o sangue no vestido e, cantarolando serenamente, entrou no portal e sumiu.

O corpo de Aidan começou a dar leves sinais de espasmos, então corri até ele e o curei enquanto chorávamos a morte de Brisêys. Curado, ele sentou e me abraçou, abafando o seu pranto no meu peito. Eu tremia com as minhas mãos prestes a explodir. Aidan olhou para o corpo da sua mãe caído, e nós dois corremos até ela.

Aidan se aproximou de Izobel e, delicadamente, tomou o seu corpo dos braços de Arturo.

– Você... Você a tocou... – disse Izobel maravilhada. Quando pegou fôlego para falar novamente,

Duncan foi teletransportado para a cúpula e rosnou, arrepiando todos os pelos da espinha ao ver Izobel ferida. Depois olhou para Arturo e, babando de tanto bufar, quis enfrentá-lo. Duncan se preparava para saltar sobre ele, que não moveu um músculo para se defender. Ele queria morrer pelo que fez, mas eu não poderia permitir. No entanto, antes que eu pudesse fazer alguma coisa, Izobel estendeu o braço impedindo-o.

– O que foi que eu fiz? – lamentava, fitando Izobel, que, mesmo ferida, sorria ao olhar para ele. – Como pude acreditar em Christine por todos esses anos?

Duncan ainda tinha ódio, mas suavizou o seu semblante ao sentir o arrependimento de Arturo.

As minhas mãos brilharam para curá-la, mas ela me impediu.

– Lembre-se do que os Deuses sempre disseram. Não se muda o destino.

– Não me importa, eu não quero perdê-la. – ia me aproximando quando Duncan, a contragosto, colocou-se à minha frente para me impedir.

– São as ordens da nossa rainha, Kyara... – disse completamente desamparado.



Capítulo 21

Dunkan liderava o caminho. Atrás, eu e Aidan andávamos de mãos dadas. Arturo vinha por último, carregando Izobel nos seus braços. A guerra ainda acontecia, e, mesmo exaustos, todos juntavam as suas últimas forças para continuar. Os grupos mais próximos imediatamente cessaram os seus movimentos: uns por verem a sua rainha quase morta nos braços de Arturo, outros por verem a expressão de remorso no rosto do seu líder carregando o corpo fraco da inimiga.

Arturo aproveitou a atenção de parte dos seus homens e ordenou-lhes que baixassem as armas e se entregassem. Uns aceitaram, outros se mantiveram relutantes. Mesmo assim, acabaram obedecendo sem questioná-lo. Em seguida, Arturo pediu-lhes que fossem avisar aos outros que fizessem o mesmo.

Passamos pela entrada das duas árvores que levava ao lago central. Foi quando vimos a real situação. Shadowfalls estava esfumaçada. Corpos das minhas irmãs boiavam junto com inimigos. Os nossos sobreviventes ajudavam a retirá-los, empilhando-os em dois montes. Na ponte que cortava o lago central, o corpo de uma das minhas irmãs pendia com uma lança nas suas costas, cobrindo o lindo emaranhado de flores com o seu sangue, que pingava no lago vermelho.

No chão e na grama, também cobertos por mortes, grupos se dividiam entre empilhar os corpos e levar os feridos para os xamãs. Os elfos choravam as mortes dos seus amigos e das dríades, e olhavam inconformados para as árvores que foram derrubadas ou destruídas. Lamúrias dos órfãos e viúvos cortavam o silêncio, enquanto alguns guerreiros de Weston e os escravos sobreviventes de Ardhem se dividiam entre manter os inimigos que ainda resistiam aprisionados ou ajudar os feridos como forma de se redimirem.

A guerra havia acabado, e, mesmo que tivéssemos vencido, eu olhava ao redor e me perguntava se realmente vencemos. E quanto às vidas que se foram? E quanto a essa destruição? Shadowfalls parecia estar sofrendo uma maldição, com tanto sangue, tantas mortes e tantas lágrimas.

Dunkan rosnou, chamando a atenção de todos. Arturo veio na frente e, gentilmente, conduziu Izobel para o lago central, para onde ela apontava. Entre as lamentações que aumentavam, o povo abria caminho. Fandra se pôs ao lado de Arturo, acompanhando-os em desespero. Delicadamente, ela o ajudou a pôr o corpo da mãe no chão. Então a abraçou, sussurrando desculpas e despedidas. Arturo

cavalheiramente se pôs de pé em respeito, dando-lhes privacidade, enquanto mãe e filha se despediam.

Por estar fraca demais, Izobel começou a falar com todos nós em pensamento:

– Durante anos, eu tive a mesma visão de uma mulher que reinava ao lado do meu filho. Ela guardava a pedra como nunca ninguém a guardou antes. Vinha de longe e fazia Shadowfalls florescer novamente pelo seu espírito humilde e benevolente. Sempre me perguntei quem ela era, mas estava tão focada na guerra que nem percebi que estava diante dela quando eu a conheci: Kyara... E, se ainda havia dúvidas de que o que eu sentia era verdadeiro, esta cessou quando a vi sobrevivendo ao tocar Drakenian.

Todos, inclusive eu, prendemos o fôlego ao exclamarmos surpresos.

– Hoje, eu deixo esta vida em paz e tranquila por conhecer e acreditar na rainha que tomará o meu lugar. – ela chamou os líderes de cada grupo, que se aproximaram e, em lágrimas, ajoelharam em respeito. – Vocês devem amá-la e respeitá-la como fizeram comigo. – fitou-me com os olhos repletos de lágrimas em um sorriso radiante. – Se vocês pudessem ver o que eu vi... – tossiu duas vezes, expelindo sangue. – Todo o meu amor eu deposei nos meus filhos que não nasceram de mim e no meu povo, que fui encarregada de cuidar. Amei e cuidei de todos como uma verdadeira rainha deve fazer. Fui a melhor guardiã que eu pude, embora confesse que tive medo de me deixar corromper por ela. Mas a verdade é que, se no passado eu pudesse ter escolhido, teria uma casinha simples, com pés de morangos no meu jardim, ao lado de alguém que pudesse me amar... – fitou Arturo, que se ajoelhou, tomando-a pela mão. – Se é do meu perdão que você precisa para seguir em frente, eu o perdoo de todo o meu coração. Mas é muito importante que você saiba que jamais o amaldiçoei.

Arturo consentiu em lágrimas e beijou a sua mão. Izobel então explicou a todos que ele nunca quis uma guerra, mas que havia sido enganado por Christine. Portanto, devíamos perdoo-lo assim como ela o fez. Voltou a tossir e, após um último suspiro, Izobel caiu morta. Lágrimas de indignação pela morte da nossa rainha explodiam por Shadowfalls. Em seguida, uma forte, porém curta, ventania surgiu. A Deusa Airya parecia ter finalmente achado o paradeiro do seu marido e correr para o seu encontro, pois nunca a senti dessa forma. Ela levou embora as últimas camadas de fumaça e o cheiro de queimado que ainda ficara. E tudo começava a se acalmar, quando, por detrás de uma grande árvore, um clarão se formava.

O meu avô, que estava em forma de cervo, e o meu pai surgiram. Eu era rainha e teria de aprender a me comportar de forma mais madura. Mas, naquele momento, eu era apenas uma criança, feliz por ver o pai. Então apenas corri para os seus braços. Ele me levantou no ar e depois me botou no chão. Arturo abaixou a cabeça

emocionado, mas, em seguida, assim como todos, ajoelharam-se maravilhados pela presença dos Deuses.

Triste, Báhlgor lamentava ao ver o estado de Shadowfalls.

– Minha neta, você pode mudar isso.

– As árvores estão mortas. As casas estão derrubadas... O que eu posso fazer a respeito?

Ele me olhou, respirou fundo e depois consentiu.

– Somente esta vez. Suba. – disse ao virar-se de lado.

O meu pai apertou o meu ombro para me encorajar, e todos se entreolharam questionando o que estava prestes a acontecer. Naquele momento, eu soube o que precisava ser feito e, montada no meu avô, as minhas mãos brilhavam e as minhas energias percorriam o seu corpo, juntando-se as dele. Começamos a cavalgar, e a vida voltava a florescer por onde passávamos. Reconstruíamos Shadowfalls, inclusive as casas destruídas. Os carvalhos voltaram trazendo as suas dríades consigo, e o povo comemorava emocionado.

Éramos recebidos com aplausos e gritos pelo caminho. As crianças corriam atrás de nós, rindo aquela risada tão pura e maravilhosa. Foi como se o que estávamos fazendo levasse embora as terríveis lembranças que presenciaram.

Perto do lago central, Báhlgor abaixou para que eu descesse, e o meu povo me olhou admirado.

Os mais velhos pareciam não mais ter dúvidas sobre o meu reinado, mas eu ainda estava um pouco relutante em aceitar. Talvez pelo medo, mas faria o meu melhor. Então eu senti uma carícia molhada na minha perna e me virei para ver Maleena, que sorria feliz por mim. As outras surgiram em seguida, e, da cachoeira que batia no espelho d'água, a névoa que se elevava, aos poucos, tomou a forma de uma mulher que caminhava graciosamente até nós.

Ela vinha em formato de água, que escorria mostrando o seu rosto, pescoço e colo. No entanto, a água permanecia onde era o seu vestido, formado por pequenas ondulações que faziam lindos movimentos enquanto ela caminhava. Mereen não tinha cauda de sereia; tinha pernas como as minhas, cabelos castanho-claros e traços finos e delicados. O seu vestido feito pela água tinha longas mangas compridas, de onde as suas mãos surgiam.

– Minha filha. – disse emocionada, e todos, que não podiam ficar mais surpresos, agora estavam perplexos.

As sereias abaixaram a cabeça em respeito e, baixinho, cantavam uma linda canção.

– Muitas vidas como a sua precisaram da minha benção para viver, mas poucas eu consenti por não sentir que seriam pessoas dignas de serem consideradas uma de nós. O povo das águas é um povo bom, que se protege e se abraça em uma enorme

família. Jamais salvaria vidas que se formariam para o mal ou que pudessem vir a maltratar um dos meus filhos. Tampouco pouparíamos vidas de quem maltratasse um de nós.

– Como os escravos, por exemplo. – disse finalmente entendendo, porém ainda triste.

– Não, minha amada filha. – disse maternalmente. – Durante toda a sua vida, as suas irmãs se aproximavam para se certificar de que você estava bem e, por meu intermédio, souberam exatamente quem devia morrer e quem seria poupado.

Tocou a minha testa, e eu pude ver as imagens de alguns que foram tragados, mas que, em seguida, receberam o beijo que os impediriam de se afogar. Surpresos, mas ainda assustados, foram levados a territórios onde os povos têm acordos com as sereias e lá ficaram. Hoje, eu os via formando famílias ou felizes com a sua nova vida onde não mais sofriam abusos.

Levei a mão ao peito e suspirei aliviada.

– Por que eu não fui levada a um desses lugares quando nasci?

– Porque o seu destino era em Shadowfalls. Arturo não passaria por aqueles territórios tão pequenos e sem grandes guerreiros. Logo, você jamais teria saído de algum deles. Não pense que foi fácil vê-la sofrendo maus tratos por todos esses anos.

Mereen abaixou perto do corpo de Izobel e a pegou nos seus braços com a mesma facilidade de quem pega uma flor.

– Temos uma eterna dívida com ela. Se me permitir, gostaria de levá-la comigo.

Achei que essa decisão caberia aos filhos, portanto, olhei para Aidan e Fandra, que se entreolharam e depois consentiram.

Deram o seu último adeus. Depois foi a minha vez. Em lágrimas, acariciei o seu rosto e mentalmente agradei por tudo o que ela fez por mim, prometendo jamais decepcioná-la durante o meu reinado.

Mereen sorriu ao levar o corpo da antiga rainha de Shadowfalls. Depois se afastou, e as ondulações do seu vestido ficaram mais fortes, cobrindo-as por completo enquanto elas desciam e desapareciam nas águas do lago cristalino.

As sereias cantaram mais alto, e então um túnel se formou onde a cachoeira caía. Ele se alargou para os lados, e, do chão, a água subiu, formando dois tronos d'água em fortes movimentações. Finalmente, pararam e escorreram delicadamente, mostrando tronos feitos de corais brancos. O túnel permaneceu acima dos tronos onde as águas caíam pelas laterais. No centro do lago, um redemoinho se formava, e dele surgiram duas coroas, também feitas de água, que pairavam no ar.

Então Maleena pegou uma, e Bayleigh, antigo sucessor e agora novo líder dos magos, pegou a outra. Ao tocarem nelas, a água escorreu, mostrando a minha coroa e a de Aidan. A minha era em forma de tiara, feita de corais brancos, contornada

por pequenas conchas e com uma enorme pérola brilhante no centro. A de Aidan era em formato de anel, feita de cristal facetado roxo e contornada por cristais transparentes intercalados.

O meu avô, agora na sua forma original, e o meu pai pegaram as coroas, e Dunkan então urrou, fazendo todos se ajoelharem. Emocionado, o meu pai vestiu a minha coroa, enquanto o meu avô vestiu a de Aidan.

– Vida longa ao rei e à rainha de Shadowfalls!!! – gritou o meu pai, elevando o meu braço. O meu avô ergueu o de Aidan em seguida.

O povo repetiu a frase, gritando e aplaudindo em seguida. Os centauros ergueram a cabeça em respeito, Bravan me olhava de longe, batendo no peito novamente, insistindo em uma dívida comigo. Os elfos se ajoelharam.

Thalana então se aproximou.

– De uma rainha para outra, eu lhe desejo um bom reinado, majestade. – ela me estendeu um raminho que guardava atrás da sua orelha. – Graças a você e ao seu povo, não apenas muitos de nós fomos salvos, como, finalmente, pudemos vingar as mortes de algumas das nossas mulheres e crianças. Sendo assim, eu proponho uma nova aliança como agradecimento.

– Nós é que agradecemos. Se não fossem por vocês e os elfos, teríamos perdido a guerra. – aceitei o raminho. – Sendo assim, Shadowfalls e Tornuár agora são oficialmente aliados. – apertamos as mãos, e todos levantaram as armas em comemoração pela mais nova aliança.

– O que lhes fez mudar de ideia ao nosso respeito? – perguntei curiosa.

– Nossa Deusa Shai disse que não deveríamos negar o acordo, mas nunca disse que não poderíamos lutar ao seu lado. Doeui em mim negar ajuda a um povo que nunca nos prejudicou e que, em breve, sofreria perdas como as nossas. Fandra também foi criada aqui, e levamos anos para perceber o quanto devemos a vocês pelo o que fizeram por ela.

O clima ainda era de comemoração, e a energia revigorante que Shadowfalls emanava voltou a pairar sobre nós. No entanto, entre todos os rostos felizes, Arturo ainda era assombrado pela morte de uma mulher inocente. Fiquei triste por um momento e pensei em lhe dizer algo, mas ele se aproximou humildemente. Fizeram silêncio.

Arturo respirou fundo e depois fitou Aidan e Dunkan com respeito.

– Jamais me perdoarei pela morte da sua mãe e, mesmo que tenha sido o desejo final dela, ainda acho que eu mereço pagar pelo que fiz.

– Arturo! – interrompi-o. – Não irei permitir que isso aconteça!

– Você não entende. Eu já estou morto! Quando voltarmos derrotados, a minha traição será exposta, e a morte de um traidor se estende a toda a sua família! –

fechou os olhos, suspirando. Depois falou com a voz falha e os olhos marejados em súplica. – Não posso permitir que os meus filhos morram!

Toda a Shadowfalls pareceu não respirar por um momento. A morte de crianças inocentes, mesmo sendo de um território inimigo, nunca nos agradou. Os homens de Arturo pareciam frustrados por não quererem ir contra ele. Mas também havia aqueles que temiam ir contra o rei e os que cumpririam o juramento de fidelidade àquele que possuía o trono.

– Se puderem criar um portal para buscar os meus filhos e os criarem aqui e em segurança, eu os permitirei ter a sua vingança. – voltou o olhar para Aidan e Dunkan, que não mais pareciam querer matá-lo.

Então a Deusa Airya soprou um vento forte apenas sobre mim e, com ele, trouxe uma essência muito parecida com a de Izobel, como se eu pudesse senti-la. Os meus cabelos esvoaçaram, e eu respirei fundo, fechando os meus olhos por um momento. Quando eu os abri, uma energia revigorante me tomou.

– Por mais que a sua morte nos seja eternamente dolorosa, Izobel teve o seu destino traçado. Se Arturo foi o escolhido para fazer cumprir o seu destino, não cabe a nós vingar a morte de uma mulher que já teve a morte decretada pelos Deuses.

Então eu olhei para Arturo e suspirei. Triste, ele pensava nos seus filhos, mas consentiu, feliz em saber que, pelo menos, ele morreria. Era dolorido sentir realmente a vontade dos Deuses e nunca seria fácil cumprir com certos destinos.



Capítulo 22

O caminho de Weston não era mais como eu lembrava. Em tão pouco tempo, parecia diferente. Ou talvez eu é quem tinha mudado.

Arturo caminhava ao meu lado de cabeça erguida. Era claro que ele não queria viver assombrado pela morte de Izobel e, mesmo morrendo como um traidor, ele se sentia quitando uma dívida com o meu povo. No entanto, eu sofria e relutava em aceitar a vontade dos Deuses em relação à sua morte. Os seus filhos ficariam em Shadowfalls, local onde a sua mãe nascera. Mas, por mais que eles pudessem ter uma vida maravilhosa, jamais preencheriam o vazio deixado pela falta do pai.

– Jamais deixarei de tê-la como a minha filha e, enquanto eu estiver queimando eternamente no submundo, você estará nas minhas lembranças, junto a Gwen e Tristan. Graças a isso, eu conseguirei suportar a minha dor.

Segurei a sua mão enquanto as lágrimas desciam do meu rosto.

– Sean! – gritou, e ele e os outros guardiões quase caíram ao ver quem estava nos seus portões. – Por favor, deixe-nos passar. – pediu de forma polida.

Sean hesitou um pouco, mas não teria como impedir a entrada de parte dos seus guerreiros, dos centauros e das enormes feras em forma de urso ou felino.

– Deixe-os passar, deixe-os passar! – gritou gesticulando para que os guardiões que estavam no chão abrissem caminho. E assim fizeram, boquiabertos. Sean veio ao nosso encontro e seguiu ao nosso lado.

– O que está acontecendo?

– Sean, volte para os portões. Isso é entre mim e o nosso rei.

– Você sempre foi como um irmão para mim, e eu seguirei ao seu lado, não importa para onde. – disse, segurando o seu ombro.

Arturo apertou o ombro de Sean em reciprocidade e consentiu, agradecido pela fidelidade do seu amigo.

Os rostos se viraram para nós, com as mais diversas expressões. Se houve alguém que pensou em nos hostilizar, com certeza, mudou de ideia ao notar a presença de centauros como Tartus, Hoga e Bravan. Sussurros, exclamações e, mais do que tudo, a curiosidade nos seguiram até o castelo do rei.

Na porta, vários guardas ergueram as armas em ameaça, mas Arturo gentilmente pediu que as abaixassem. Eles obedeceram.

Ele nos guiou até o salão onde o rei estava comendo, e os guardas, ao verem Arturo e os outros, ficaram confusos. Arturo então fez um gesto dizendo que estava tudo bem. Os sobreviventes da guerra consentiram para os outros, em apoio a ele. O rei socou a mesa enfurecido, limpando a boca e a barba com o guardanapo sujo, jogando-o no chão impaciente.

– Como se atrevem a interromper a minha refeição? – gritou.

– Enquanto você comia, o seu povo estava morrendo, deixando várias mulheres viúvas e crianças órfãs. – eu disse amargamente.

– E daí? – deu de ombros.

– E daí que você mentiu para o seu povo e agora mostra não se importar com a vida daqueles que lhe serviram fielmente e morreram pelas suas mentiras! – eu me enfureci.

O rei olhou para os lados, confuso e enfurecido.

– Quem é essa menina atrevida que ousa entrar no meu castelo?

– O meu nome é Kyara Morrigan, filha de Alda Morrigan e Ranfel Woodgreen, e rainha de Shadowfalls.

– Rainha? – desdenhou. – Uma menina! – gargalhava. – Mas que piada é essa?

– Sim, rainha. E sim, uma menina que pode acabar com você em um segundo se não aceitar o que eu venho lhe propor.

O rei bufou, cerrando os punhos.

– Shadowfalls não quer mais guerras! Muito sangue inocente pelos dois povos já foi derramado. Não precisamos mais disso!

– E o que lhe faz acreditar que aceitarei tão facilmente a sua proposta? – debochava.

– Nós vencemos, majestade. – disse amargamente. – Vocês perderam, e os seus sobreviventes são as minhas testemunhas.

Os guardas do castelo e os sobreviventes se olharam e consentiram humildemente, concordando com o que eu dizia.

– E se eu me recusar? – ele me ameaçou.

– Então irá se arrepender. – respondi calma e serena.

– Mas isso é ultrajante!!! – gritava, olhando para os guardas. – Matem-na!!! – apontava para mim.

Confusos, os guardas se entreolharam, mas Arturo fez um gesto com as mãos para que abaixassem as armas. No entanto, foi a fúria nos olhos dos centauros e terianos que os intimidaram, fazendo-os recuar feito gatinhos indefesos.

– Como... – olhava para os lados. – Como ousam me desobedecer? – gritava para os seus guardas, que baixavam a cabeça. – Estão com medo de uma menina???

O rei então pegou a espada de um dos guardas e o feriu desprevenidamente. Ele caiu no chão sangrando, e outros tentaram ajudá-lo, mas o rei apontou a espada

ensanguentada para eles.

– Quem ousar ajudá-lo será morto em seguida! – advertiu. – E que sirva de lição para os próximos que me desobedecerem!

Urrando, ele correu até mim, com a espada apontada na minha direção. Dunkan tentou se enfiar na frente, mas eu serenamente o impedi, permanecendo imóvel. Assim que o rei ergueu a espada, prestes a me dar o único golpe, que seria fatal, as minhas mãos brilharam. Retirei duas adagas e as finquei nos seus flancos, erguendo-o no ar. Ele soltou a espada, agonizando enquanto as adagas brilhantes lhe tiravam a vida aos olhares aterrorizados dos guardas e sobreviventes. Retirei-as, e o corpo do rei, em espasmos, caiu sem vida. Em silêncio, limpei o sangue das lâminas na minha calça e as guardei.

– Como eu disse, Shadowfalls agora está sob a minha liderança, e estamos sob a proteção dos centauros, elfos, Deuses e dragões. Mas não estou aqui para lhes ameaçar, e sim para propor a paz. Trago os sobreviventes como prova da minha palavra. O seu rei mentiu, e muitas famílias foram desfeitas pelas suas mentiras. É essa a vida que querem? – eu me aproximei do guarda ferido e o curei. Os olhos se arregalaram em espanto, e exclamações ressoaram pelo castelo. Eu o ajudei a se levantar. – Esta é apenas mais uma prova de que não queremos problemas. Contudo, se discordarem, infelizmente, Weston desaparecerá para sempre, pois não posso permitir mais mortes inocentes do meu povo. Nem que eu tenha de matar outros para isso.

Todos então consentiram, e a paz foi selada. Sean levava as mãos ao rosto boquiaberto, mas, rapidamente correu até nós e, junto com o guarda ferido, conduziu-nos para fora do castelo, onde todo o povo de Weston aguardava para saber o que estava acontecendo.

– O nosso rei mentiu para nós! – gritou Sean para o povo, que o olhava espantado. Depois, ele pegou Arturo pelo braço. – Mas ele... – apontava para Arturo. – Ele sempre se mostrou digno do nosso respeito e da nossa admiração.

– Sean, o que está fazendo? – perguntou Arturo assustado e relutante.

– Quantos de nós ele já ajudou? – gritava Sean, ignorando-o.

O povo ovacionou Arturo.

– Quantas famílias receberam remédio escondido porque o rei se recusava a ceder ao seu povo?

Ergueram as mãos gritando. Arturo chorava surpreso.

– Quantos de nós já tiveram alimentos na mesa pela bondade deste homem? – gritou novamente, e o povo, mais uma vez, urrou.

– VIDA LONGA AO NOSSO REI! – urrou erguendo o seu braço.

– VIDA LONGA AO NOSSO REI! – respondeu o povo de Weston com fervor, aplaudindo e urrando, enquanto o guarda que havia sido ferido trazia a coroa do

antigo rei.

Eu lhe vesti a coroa, e nos curvamos com respeito. Em seguida, ele me puxou em um abraço paternal, e eu não fugi.

O povo aplaudia, berrava e comemorava, enquanto nós dois chorávamos pela surpresa que os Deuses nos prepararam.

– Ainda carrego a culpa pela morte de Izobel, mas viverei tentando recompensar esse erro. Como forma de agradecimento e para demonstrar que ainda a vejo como uma das minhas filhas, eu prometo que, se um dia Shadowfalls for ameaçada, Weston lutará ao seu lado. O meu povo saberá de toda a verdade.

Do meio da multidão, surgiram três pessoas, e eu gritei quando vi Gwen, Megan e Tristan, que subiam as escadas apressadamente. Gwen e Tristan correram para o seu pai, e Megan veio ao meu encontro. Foi a primeira vez em que nos abraçamos dessa forma.

– Megan, quanto ao que Christine disse...

– Ora, Kyara! – sorriu, puxando-me de volta em um abraço apertado. – Acha mesmo que eu acreditaria nela? – Gentilmente, afastou-se do meu abraço. – Agora entendo por que queria tanto ir à floresta. – disse sorrindo e se inclinando educadamente para Aidan, que sorriu retribuindo o seu gesto.

– Eu também. – disse Gwen de forma serena. Ela ainda sentia saudades.

Megan foi até Arturo para lhe abraçar, e eu estendi os meus braços a Gwen, que me abraçou em prantos.

– Senti tantas saudades de vocês, minhas irmãs. Mas, como somos aliados agora, prometo que me verão bastante.

– Promete mesmo? – os seus olhos brilharam. Sacudi a cabeça sorrindo.

Então eu chorei feliz com o seu perdão, e Tristan se inclinou em um gesto de respeito.

Do nada, o vento soprou forte novamente, deixando todos assustados. Por detrás de Arturo, Báhlgor surgiu olhando furioso para a multidão, como se farejasse alguém em específico.

– TRAGAM-NA A MIM! – a sua voz parecia ressoar em ecos por toda Weston, e até eu tremi de medo. Nuvens se formaram escuras no céu azul, iluminadas por raios que não caíram sobre nós, mas faziam barulhos ensurdecedores. O vento soprava forte, mas parecia levar sujeiras somente aos olhos daquela que ele procurava.

Duas pessoas trouxeram Lana, que tentava se esconder.

– Me soltem! – debatia-se. Mas eles não a soltaram, e foram necessárias mais duas pessoas para assegurar que ela ficasse quieta.

Eles a posicionaram no chão, próximo às escadas que Báhlgor descia enfurecidamente. Ela então tremeu e se encolheu.

– Como ousa mentir sobre o meu povo dessa maneira? COMO OUSA NOS DIFAMAR, DIZENDO QUE FOMOS CONIVENTES COM UM ATO DEPLORÁVEL DESSES??? – urrou erguendo as patas dianteiras, pousando-as com força no chão e trazendo um raio que caiu próximo a ela para amedrontá-la. Ela caiu para o lado, e a poça molhada da sua urina se formava sob os seus pés.

– LEVANTE-SE ENQUANTO UM DEUS FALA COM VOCÊ!!!

Todos saltamos de susto, e Lana novamente urinou no chão em pânico.

– Báhlgor, do que está falando? – perguntei atônita.

– Não houve estupro! Nunca houve, e o meu povo não tem rivalidade com mulheres vítimas de uma coisa dessas! – urrou enfurecidamente.

Exclamações ressoaram, e as minhas mãos brilharam de indignação.

– Foi consensual porque ela acreditava que, se deitasse com um guerreiro, poderia melhorar de vida. Mas, como Luke apenas a usou, ela tentou difamá-lo. Para pessoas como ela, a rejeição é uma ofensa grave. E, pelo visto, não foi a primeira vez. – olhou para Tristan, que a olhava enojado enquanto abraçava Megan.

– Me desculpe, por favor, me desculpe. – suplicava humilhada. – O que vai fazer comigo? – perguntou apavorada.

– Quando um Deus vira as costas a alguém, os outros também se viram. Não virá de mim o pior castigo que irá receber. – olhou para Arturo, que então se aproximou sereno e ergueu o seu rosto para ele.

– Vá embora de Weston e nunca mais ponha os pés aqui!

– Arturo... – implorava de joelhos. – Por favor, não me faça voltar à Arnhem!

Ele me olhou, e eu então descí as escadas e a peguei pelo braço com toda a força.

– Eu mesma a levarei para onde nunca deveria ter saído!

Antes mesmo que ela pudesse fazer algo, Dunkan, Tartus e Bravan rosnaram. Ela, tremendo, ergueu as mãos em rendição.

Os sobreviventes dos guerreiros de Arnhem engoliram a sua arrogância, mesmo mostrando dificuldades em aceitar a derrota. Os escravos os amarraram e os colocaram de volta no navio que os levaria para casa como derrotados, aos olhares atentos dos centauros e terianos em formas ferais.

– Você pode ser rei, mas ela ainda é a minha garotinha. – advertiu Arturo a Aidan em forma de brincadeira. – Portanto, espero que cuide dela com o respeito e o carinho que ela merece, porque eu daria a minha vida por ela. – disse com os olhos cheios de lágrimas.

– E eu também. – respondeu. Em seguida, apertaram as mãos em respeito.

– Bom saber, e, para o seu bem, fico feliz em sentir a sua sinceridade. – disse o meu pai.

– Pelos Deuses! Dois sogros! – brincou, e rimos descontraidamente.

O meu pai e Arturo se abraçaram. Depois fizeram o mesmo comigo e Aidan, selando uma nova família.

– Obrigada por abrigar os escravos no seu novo reino, Arturo. – agradecia humildemente.

– Eu é que agradeço por eles quererem ficar. São excelentes guerreiros e, com treinamento adequado, lutarão como bravos soldados.

– Mas não eu... – disse Odo, aproximando-se e se curvando.

– Vai voltar para Ardhem? – perguntei perplexa.

– Jamais! – disse erguendo as mãos. – Mas não quero lutar, nunca quis. Só queria uma família, e encontrei a minha aqui.

Então uma linda e tímida menina ruiva se aproximou, e ele a envolveu nos seus braços.

– Margreet? – perguntou Aidan. Nós dois a olhamos espantados.

– Kyara... – pegou nas minhas mãos e depois se curvou. – Nunca tive dúvidas do seu caráter e da sua força. Entendia porque Aidan se apaixonou, mas talvez eu ainda quisesse me prender a ele por ser o único que me restou. O meu erro foi pensar que, com a sua chegada, o perderia para sempre. Peço perdão pela forma como começamos e prometo compensar lhe servindo fielmente.

– Ela diz a verdade. – disse o meu pai em tom sereno.

Eu então a abracei, perdoando-a. Aidan chorava.

– Você sempre foi a minha melhor amiga, e nada mudará isso. – abraçou-a em lágrimas após eu soltá-la do abraço.

– Majestade, agora que tenho o seu perdão e jurei fidelidade a você, se me permite, poderia lhe pedir um favor? – olhou para Odo em seguida.

– Ele será muito bem-vindo em Shadowfalls se prometer que irá fazê-lo um homem feliz. – sorri.

Margreet pulou nos braços de Odo, e rimos de como o amor fazia bem às pessoas que o mereciam.

Perto de nós, Lana estava diante de Owen, sendo vigiada por Hoga. Ela nem o olhava nos olhos.

– Todos esses meses, eu senti a falta da minha irmã, mas nunca imaginei que ela seria esse tipo de pessoa. – dizia decepcionado.

– Owen, por favor, não me abandone você também. – implorava em prantos.

– Eu não a abandonaria jamais, mas não voltarei para um povo que me condenou à morte, nem mesmo por você, minha irmã... não posso.

Então ele veio até nós e abraçou Margreet.

– Cuidaremos bem dele, Lana. – assegurou Odo. – E espero que você se cuide também.



Capítulo 23

Sempre acreditei que a Deusa Airya se fizesse presente apenas para procurar o seu marido. No entanto, primeiro ela dissipou aquela terrível fumaça; depois me trouxe uma mensagem dos Deuses; e hoje, bem... Hoje ela parecia soprar ao nosso favor. Como Bravan insistia em sua dívida comigo, achei que não se importaria em vir.

– Nervosa? – perguntei segurando a mão de Megan em apoio.

Ela suspirava, repousando a outra mão no seu colo enquanto olhava o horizonte. Tristan estava ao seu lado em apoio, mas parecia nervoso.

– Preciso disso ou nunca poderei descansar. – afirmou.

Estávamos a caminho de Ardhem para devolver os guerreiros derrotados e buscar o resto dos escravos que ainda moravam lá. Embora estivesse feliz em ver a reviravolta que os Deuses deram nos seus destinos, fiquei mais feliz em perceber que os escravos não perderam a sua essência, agredindo os guerreiros. Por ordem do seu novo rei, receberam dos guerreiros de Weston a mesma armadura metálica que usavam, como um presente de boas-vindas ao seu mais novo lar.

Já os guerreiros de Ardhem agora remavam com sacos na cabeça, com buracos nos olhos e na boca para poderem enxergar e respirar. Eram ordenados para continuarem remando, e, se houvesse algum que ousasse desobedecer, bastava uma rosnada de um dos centauros ou terianos para que rapidamente voltasse a remar. Também lhes foram oferecidos água e comida. Mesmo desgostosos em ajudá-los pelos anos de maus tratos que sofreram, os escravos se recusavam a ser como eles.

Era difícil para Megan voltar à Ardhem, mas, se não confrontasse Lugh, seria eternamente assombrada pelas terríveis lembranças que ele lhe causou.

Eu olhava para trás e não havia nem metade das embarcações de quando fomos para Weston. Foi quando me dei conta de quantas vidas se perderam. Pela primeira vez, eu lamentei. E lamentei, inclusive, as mortes dos guerreiros. Isso me fez enxergar para onde a ganância nos leva.

As sereias nos acompanhavam, mas Maleena ia na frente do navio como se nos liderasse.

Finalmente, avistamos terra firme.

– Então é dali que você veio? – perguntou Aidan, abraçando-me por trás.

– Sim... – recostei o meu corpo nele e suspirei.

– É estranho voltar? – beijou o topo da minha cabeça.

– Um pouco...

Não era surpresa que a energia do local fosse hostil, mas não conseguia imaginar que ali já havia sido o meu lar um dia.

Os arqueiros de Ardhem, ao verem as sereias e os navios, rapidamente se alinharam em duas fileiras. A primeira ficou ajoelhada; os da segunda fila ficaram de pé. O líder deles deu a ordem, e então apontaram os seus arcos para o céu para nos receberem com uma chuva de flechas, que os magos desintegraram no ar, transformando-as em pó. As sereias queriam começar a cantar, mas eu fiz um gesto pedindo que parassem.

Nessa hora, todos os cidadãos perto da praia gritaram e correram para chamar o resto da aldeia. Formou-se então uma enorme multidão curiosa.

Os escravos tiraram os seus elmos e, em seguida, os sacos das cabeças dos guerreiros. Quando nos reconheceram, os centauros se aproximaram das proas, e, em seguida, os terianos ferais rosnaram alto. Os magos ergueram as mãos em alerta, envoltas pela energia roxa, e os xamãs ergueram parte da areia, ameaçando começar uma tempestade se não se rendessem.

Então aquele povo arrogante se ajoelhou com as mãos erguidas. Os arqueiros baixaram as armas, e todos os aldeões estavam visivelmente em pânico. Os escravos que haviam ficado sentiram, ao ver os seus amigos voltando daquela forma, que não estariam em perigo.

Tirei o meu elmo e me juntei à proa, ao lado de Bravan, e os olhares perplexos se voltaram a mim. Antes que eu pudesse falar, Norár apareceu seguido pelos outros sábios.

– Parem, parem, não atirem! – gritava, ordenando aos arqueiros que já haviam se rendido.

– Tarde demais! – disse amargamente, enquanto descia do navio. Os outros sábios se espantaram quando eu e todos descemos, caminhando pelas águas.

Pela primeira vez, notaram as minhas orelhas, mas eu os encarei, desafiando-os a me desrespeitarem. Talvez por isso ou por quem estava comigo, eles baixaram a cabeça novamente.

Norár se aproximou chorando e sereno como nunca havia sido.

– A minha neta, a minha amada neta... – veio a mim para me abraçar, mas dei um passo para trás.

– Viemos apenas terminar uns assuntos pendentes, e, se tentarem nos impedir, guerreiro algum será páreo para eles. – aponteí para os centauros e terianos. – Ou para mim. – as minhas mãos incandesceram, fazendo os aldeões exclamarem surpresos.

Sem dizer uma palavra, Norár concordou. Então os centauros trouxeram os guerreiros, e os escravos trouxeram Lana. Eu a peguei pelo braço.

– Com exceção desta daqui. – empurrei-a, fazendo-a cair de joelhos na areia. – Estou levando todos os escravos comigo. – Os escravos arregalaram os olhos, e Norár pegou fôlego para falar, mas estendi a mão para impedi-lo de me interromper. – Por ordens do seu novo rei, ficou decretado que todos aqueles rejeitados a escravos deverão ser levados à Weston para treinarem, juntando-se ao exército. Mulheres poderão lutar se desejarem, ou apenas trabalhar ou aprender coisas novas, mas todos serão bem-vindos, tendo uma vida digna.

Fez-se um momento de silêncio, e, quando os ex-escravos que estavam comigo consentiram para os seus amigos e familiares, o silêncio foi quebrado por gritos de comemoração e choros de alívio pela vida de maus tratos que agora seria deixada para trás.

Uns largaram os seus afazeres ali mesmo. Outros correram para dar as boas novas às suas famílias. Tiveram também aqueles que, cansados, ainda chutaram as cercas de madeiras ao deixarem a casa dos seus antigos donos. No entanto, o que mais me deixou emocionada foi um grupo de mulheres que voltavam com cestos de roupas lavadas. A primeira, incrédula, deixou cair o cesto, virando parte das roupas no chão. Depois levou as mãos aos lábios trêmulos, caindo de joelhos, abafando o choro.

Em pânico e sem saberem do novo destino, o grupo de mulheres e crianças que vinham atrás correram e se dividiram entre ajudá-la a se levantar e catar as roupas do chão, temendo o castigo severo por tê-las sujado. Ela tentou explicar, e, vendo que mal conseguia dizer uma única palavra, um dos escravos com roupas de Weston se aproximou. Primeiramente, elas ficaram surpresas ao vê-lo em tais vestimentas. Logo depois, ele as reuniu e, baixinho, revelou o seu novo destino. As crianças paralisaram sem saber se acreditavam ou não. Parte das mulheres caiu no chão perto da amiga. As outras, em prantos, abraçavam as crianças que, somente agora, haviam entendido que teriam uma nova vida com dignidade.

Outras famílias correram felizes para os irmãos ou pais que chegaram no navio, não só por saírem daqui mas por verem que os parentes estavam vivos. As crianças estavam felizes, mas, ainda assim, assustaram-se com o alvoroço. Escravos, centauros e terianos as asseguraram de que ficaria tudo bem se viessem conosco.

A melhor parte do meu dia foi vê-las rindo pela primeira vez ao brincarem com Fandra, que levava três no seu dorso e segurava outras pelas mãos. Elas hesitaram um pouco em entrar na água por causa das sereias, mas os escravos as asseguraram de que não havia perigo. As sereias ergueram os seus braços sorrindo e encorajando-as a entrar, prometendo que não as machucariam. As crianças então gargalhavam ao furar as ondas onde os seus pés ainda alcançavam, sendo pegas pelas sereias, que as

rodopiavam na água. Estavam encantadas com as novas amizades. Talvez mais do que com a nova vida que teriam.

– Mas isso é um ultraje! – gritou Vaugan. – Vai mesmo permitir esse absurdo? – perguntou a Norár.

Ordens do rei. – suspirou e depois olhou para mim. – Mas e quanto a ela? – olhou para Lana em prantos no chão.

– Dê-lhe o meu quarto. – disse amargamente.

Megan se aproximou com Tristan. Lana os olhou constrangida.

– Que pena Lana... – lamentou Megan. Depois pegou na minha mão e apontou com o queixo em direção ao caminho da taberna.

Lana, com olhar de súplica, tentou pegar a perna de Megan, que, sem parar de andar, puxou a barra do seu vestido impedindo que ela a tocasse.

– Megan!!! – gritava de quatro no chão, com o braço esticado. – Não me deixe aqui, por favor!

Só se calou quando Tristan a olhou por trás, com os olhos cheios de ódio, e urrou para que ela se calasse, enquanto Hoga, Bravan, Dunkan e Aidan também passaram por ela com olhares ameaçadores.

Megan suspirou fundo, engolindo o nó na garganta enquanto as lágrimas desciam. Mesmo com tudo o que Lana havia feito, ela ainda se sentia mal por deixá-la em Ardhem.

Trilhávamos aquele caminho cheio de lembranças terríveis, mas Tristan, Aidan e os outros nos apoiavam mesmo sem dizer nada. Talvez por isso, Megan conseguiu forças para seguir em frente.

Durante todo o caminho, a vila parecia diferente e mais feia, mas a taberna parecia igual, com as mesmas lembranças aterrorizantes que insistiam em assombrar os pensamentos de Megan.

Ela estava tão nervosa que parou perto da porta um segundo. Eu me propus a entrar na frente, enquanto Aidan e Bravan a encorajavam.

A taberna parecia a mesma. Pouco acolhedora, escura e fria. As mesmas paredes que guardavam anos de histórias de maus tratos. Contudo, o que me partiu o coração foi ver uma menina aparentando ser mais nova que Gwen, com o corpo coberto por trapos e hematomas que contrastavam com a sua pele clara. Ela chorava assustada, enquanto limpava a mesa. Com a mão livre, tocou a maçã do rosto, inchada e roxa, que ainda doía do soco que acabara de levar. Apavorada ao nos ver, correu para o canto da taberna, agachando e se escondendo atrás de uma das mesas.

– Está tudo bem. – tentava acalmá-la. – O meu nome é Kyara e não vou lhe machucar.

Megan então entrou com os outros e, ao ver a menina que se escondia amedrontada, levou a mão ao rosto em prantos só de imaginar o que aquele monstro

a estava fazendo sofrer.

– Deixe que eu fale com ela. – pediu gentilmente, tocando o meu braço. Depois, apontou para a porta pedindo para que saíssemos.

– Estaremos na entrada. Grite se precisar de nós. – disse Aidan gentilmente.

– Oi, meu nome é Megan. – disse daquela forma doce que só ela conseguia, ajoelhando-se perto da menina.

– O meu é Anika... – disse com a voz rouca de choro.

A porta se fechou, e foram segundos de um tenso silêncio até o ranger da porta quebrá-lo. Megan apareceu de mãos dadas com a menina, que ainda encolhia os seus ombros assustada.

Tristan foi ao seu encontro e se ajoelhou diante dela. A sua presença automaticamente a fez sentir-se mais segura. Anika não hesitou em lhe dar um abraço aliviada e agradecida por ser salva.

– Vamos cuidar de você e prometemos que nunca ninguém lhe encostará dessa forma novamente. – assegurou Megan.

Ela limpava as lágrimas aliviada. Nem mesmo Bravan conseguiu se conter. Megan agora estava corroída por um ódio mortal como nunca a vi antes. Mas, desta vez, por mais que ela quisesse, não entraria sozinha lá dentro novamente.

– Lugh! – gritava raivosa. – Apareça, seu porco nojento!!!

Ele surgiu, e o seu fedor como sempre empestou o local.

– Que gritaria é essa aqui? – olhou para nós duas nos reconhecendo. – Saiam já da minha taberna! – olhou para os lados. – Cadê Anika? Anika!!! – gritava. Mesmo sem vê-la, eu a senti tremendo ao ouvir a sua voz.

– Ela não mais lhe pertence, seu monstro! – gritou Megan.

– Claro que pertence! Sabe quantos o meu filho teve de matar para dá-la a mim??? Anika!!! – começou a revirar mesas e cadeiras, procurando-a.

– Desista! Ela não está mais aqui. – eu disse amargamente.

– Que direito acham que têm para tirá-la de mim? – apontava o dedo relutante em perdê-la. – Não podem!

– Nunca mais encostará em outra mulher novamente! Mulher ou menina alguma será vítima das suas atrocidades! – ameaçava Megan, cuspiendo de ódio. Lugh se aproximou para agredi-la, mas as minhas mãos brilharam quando eu me coloquei à sua frente, protegendo-a. Rapidamente, Bravan entrou seguido por Dunkan, Tristan e Aidan com as suas mãos envoltas da energia roxa. Então Lugh, agora com medo, foi forçado a se acalmar.

– O que querem aqui? – perguntou ofegante.

– Vingança! – enfatizou Megan com autoridade.

Lugh tremeu e agora chorava e implorava como um covarde.

– Você é um porco! – rosnava. – E sabe o que costumávamos fazer com os porcos na minha aldeia? Aquela que o seu filho ajudou a incendiar? – estendeu-me a mão, e eu lhe entreguei a adaga.

Lugh ergueu a sobancelha apavorado.

– Kyara... – virou-se para mim. – Preciso fazer isso sozinha. Além do mais, Anika pode se assustar com os gritos.

Respeitei a sua vontade, e, antes que eu saísse, Dunkan urrou ao empurrá-lo sobre a mesa. Aidan e Tristan seguravam os seus braços, enquanto Bravan despiu-lhe as calças.

– Não, não! Pelos Deuses, não!!! – implorava. Mas tomou um soco de Tristan que lhe quebrou os dentes da frente.

Megan olhou a adaga e, de olhos fechados, suspirou, apertando firmemente a empunhadura contra o seu corpo. Quando os abriu, nem parecia que era a minha amiga. Com sangue nos olhos, ela ergueu levemente a adaga, aproximando-se do porco que gritava em desespero, e eu então fechei a porta.

Hoga tinha músculos tão grandes quanto Tartus e Bravan, mas a sua delicadeza ao conversar com Anika a fez parecer tão frágil quanto a menina. Hoga apontou para mim quando apareci e sussurrou algo encorajador para ela, que, mais calma, pela primeira vez, sorriu ao me ver. Então arrisquei esticar os meus braços, e tamanha foi a minha surpresa quando ela veio a mim. Eu me ajoelhei feliz em abraçá-la e mais feliz ainda em sentir que Lugh não a havia violentado sexualmente.

Lágrimas de alívio e agradecimento escorreram pela minha face. Sentir, nos meus braços, toda a gratidão e segurança que aquela menina tão nova sentia estando conosco fez despertar dentro de mim a vontade de ser mãe. Talvez tenha aprendido com Izobel que um filho não precisa vir de mim. E quem sabe ela não seria a primeira?

De dentro da taberna, pedidos de perdões explodiam em gritos estridentes de pavor, e eu abraçava Anika, que se assustava com os gritos. Vários clarões da energia roxa de Aidan saíam pelas janelas e frestas da porta, trazendo um enorme grupo de curiosos. Os sábios? Sequer apareceram.

Um cheiro terrível de carne queimada pareceu entranhar nas nossas narinas, e acreditamos que Lugh fora incinerado.

Naquele tenso silêncio, Megan saiu da taberna. Com os braços e troncos ensanguentados, atirou os seus testículos contra o povo de Arnhem. Todos se afastaram gritando.

Em seguida, Bravan o trouxe com brutalidade. Lugh estava completamente desolado. Não nos olhava nos olhos e, com as mãos, tocava delicadamente o seu órgão sexual, que agora só lhe seria útil para urinar.

– Há mais algum estuprador aqui? – gritei, desafiando-os a se manifestar. Mas nenhum apareceu. – Se eu souber, por meio do meu avô Báhlgor, Deus da floresta, que mais uma mulher foi violentada dessa forma, agora que os magos sabem o caminho, abriremos um portal e traremos um exército para garantir que ele tenha o mesmo fim de Lugh!

Os homens olharam os restos de Lugh no chão e rapidamente consentiram. Então um mago se aproximou e, junto com Aidan, começou a incendiar a taberna.

Coberta por sangue e sem expressar qualquer remorso ou outro tipo de emoção, Megan pegou Anika pela mão e, juntando-se a Tristan, seguiu de volta para o navio. A multidão impressionada abria caminho para que ela passasse. As mulheres pareciam felizes e aliviadas com a nova lei, mas alguns homens pareciam não ter gostado.

Os centauros e os outros também seguiram para os navios, mas eu ainda tinha uma última coisa a fazer. Aidan me acompanhava, e juntos fomos à floresta. Chegando lá, seguimos para a pedra dos sussurros.

Eu me ajoelhei na água enquanto apoiava a minha mão na pedra. Suspirei sem nenhuma esperança em ouvi-lo, mas precisava me despedir.

– Adeus, Grand. – sussurrei em lágrimas, e, quando levantei, Aidan me aguardava na margem. De repente, uma leve brisa, que não parecia ser a Deusa Airya, soprou trazendo um sussurro quase inaudível.

– Adeus, Kyara...

Ergui a minha cabeça espantada.

– O que foi? – perguntou Aidan.

– Nada. – disse emocionada, puxando-o de volta para a aldeia.

Ainda ouvíamos os gritos de indignação de Lugh, não só pelo que fizeram a ele mas por ver que a sua taberna fora reduzida a um monte de madeira carbonizada que esfumaçava boa parte da aldeia.

À esquerda, Alyra estava na sua porta, chorando.

– Luke veio? – perguntou desamparada.

Balancei a minha cabeça lentamente, e ela então caiu em prantos.

– Ele teve o que mereceu. – disse o mais amigável possível, olhando-a enquanto ela soluçava.

Apesar de tudo, eu lamentei a sua dor. Queria dizer a ela que ele não planejava voltar, que havia dado o seu coração a outra, e fora morto pelas minhas mãos. Mas, como não éramos inimigas, achei melhor que ela não soubesse.

– Siga em frente com a sua vida, Alyra. Ainda é jovem e cheia de desafios pela frente. – botei a mão no seu ombro. – Ela consentiu, limpando as lágrimas.

Então puxei Aidan para seguirmos caminho.

– Kyara! Kyara, espere! – gritou Alyra, mas eu não parei. – Kyara!!! – implorava em prantos.

– Quem é ela? – perguntou Aidan.

– Ninguém. – disse enxugando as minhas lágrimas enquanto saíamos.

No caminho, uma casa me era familiar, mas não como todas. Era a única diferente, que me fez lembrar que ainda havia uma última pendência em Ardhem.

Abri a porta, e lá estava ele. Sequer havia se impressionado ou se importado em verificar do que se tratava todo aquele alvoroço. Estava sóbrio, como poucas vezes o vi.

– Dórken... – disse amigavelmente.

– Kyara? – olhou-me espantado, notando as minhas vestimentas e a coroa. – Você voltou para a aldeia?

– Sim, mas não para ficar.

– Menina esperta. – disse desesperançado. – Ainda há aqueles que sonham em partir, mas para onde eu iria?

– Para Shadowfalls comigo. – disse me abaixando e pondo a mão no seu ombro. Depois me virei para Aidan. – Ele é um excelente ferreiro, o melhor de Ardhem!

– Forjou todas essas armas? – perguntou Aidan impressionado, inspecionando-as.

– E sem nenhuma ajuda, senhor! – respondeu se levantando em uma alegria repentina. Depois mostrou outras que ele escondera, e Aidan sorria impressionado.

Todos nos aguardavam a bordo dos navios, e, antes de entrar, Norár me chamou.

– Por favor, entenda. Tudo o que eu fiz foi para lhe proteger.

– Posso perdoá-lo pelo que fez, mas será tudo o que terá de mim.

Inconformado, apenas consentiu.

– Você me odeia?

– Não... já superei isso. – disse gentilmente.

– Estarei aqui se um dia me quiser.

– Obrigada! Fico feliz em saber. – sorri.

– Quem sabe um dia? – disse esperançoso.

– Quem sabe? – retruquei.

No fundo, eu realmente lamentava sabendo o que ele fez por mim. Mas, ao mesmo tempo, as terríveis lembranças e as palavras de ódio que tanto me machucaram não seriam facilmente apagadas.

O olhar de Dórken se iluminou ao olhar para o mar repleto de lindas sereias. Ele quase deixou os seus pertences caírem no chão totalmente impressionado. Caminhávamos para os navios, mas Dórken se jogou nos braços das minhas irmãs.

Por fim, deixei Ardhem para sempre.



Capítulo 24

Luandra me fez um lindo vestido longo. A segunda camada da saia subia até o joelho, franzindo-o verticalmente, e era preso por uma concha redonda. As mangas eram simples, mas os babados nos punhos, que iam quase até o chão, eram rendados com pequenas pérolas, bordados à mão. Luandra quis dar um toque especial em homenagem ao local de onde eu vim, e não podia ter ficado mais perfeito.

– Está precisando de alguma coisa? – perguntou Megan ansiosa ao entrar na sala.

Estendi as minhas mãos, e ela veio ao meu encontro.

– Você está linda, minha amiga!

– Em breve, será você! – brinquei, e nos abraçamos rindo.

– Alguma vez imaginou que terminaríamos assim? – perguntou sonhadora.

Balancei a cabeça sorrindo.

Gwen entrou na sala segurando as flores que prenderiam os meus cabelos e sorria de orelha a orelha. Megan me ajudou esticando o meu vestido para que eu sentasse, enquanto a doce Gwen separava-as delicadamente. Assim, as minhas irmãs de coração me fizeram um penteado enfeitado de flores, que, junto com a minha coroa, pareciam se complementar.

– Já viu como a Deusa Yuim está sorrindo hoje? – Megan abriu a janela e apontou para cima.

Ela brilhava em um fino sorriso como se nos abençoasse, e respirei aliviada porque, mesmo que ela pudesse brilhar totalmente, iluminando a cerimônia com a sua linda luz prateada, não ia ficar feliz por casar em uma noite em que parte das minhas irmãs ficava triste.

– Estão prontas? – perguntou Margreet, surgindo com metade do corpo para dentro da sala.

– Só falta uma coisinha. – disse, encaminhando-me para onde eu o havia guardado. Delicadamente, peguei o arco de Anabel, e, quando me virei, sem mesmo dizer uma palavra, os olhos de Gwen brilharam.

– Era da sua mãe. – disse, estendendo-lhe. – Achei que iria gostar de ficar com ele.

– Uau! – passava os dedos delicadamente pela sua extensão. – Mas e quanto a você? – perguntou sem jeito.

– Dórken já está fazendo um para mim. – sorri.

Não irei mentir; foi um pouco doloroso me despedir do arco, mas ele não havia sido feito para mim, e, como eu teria o meu próprio, nada mais justo que Gwen ficasse com ele.

– A sua mãe tinha um apego muito grande a ele, então pensei que gostaria de guardá-lo.

– Era esse que ela usava? – perguntou impressionada.

Consenti sorrindo, e os olhos de Gwen brilharam.

– Todos os pertences da minha mãe lhe foram retirados quando ela perdeu o status de guerreira, e eu nunca tive nada dela que eu pudesse guardar. – lamentei.

– Tem o gorro que ela lhe fez. – lembrou-me carinhosamente.

– Que eu guardo com o maior carinho... Mas queria algo de valor emocional.

– Como o arco era para a minha mãe... – os seus olhos se encheram de lágrimas.

– Izobel me deu porque foi necessário, mas senti o quanto foi difícil por ser um dos bens mais preciosos da sua mãe. Quem sabe você não segue os seus passos e se torna uma excelente arqueira? – brinquei, e Gwen pareceu gostar da ideia.

– Ela se orgulharia se eu aprendesse.

– Ela se orgulharia de você independente disso, Gwen. – nós nos abraçamos emocionadas, lamentando nunca termos conhecido as nossas mães, mas felizes por termos uma a outra.

– Ela teria amado você assim como o meu pai, que, aliás, está triste por não levá-la ao altar, mesmo entendendo o motivo.

Megan e Gwen me acompanhavam por um caminho de pedras, enfeitados por flores e tochas, onde o meu pai me aguardava. Os seus olhos me fitaram com ternura por um segundo, e então ele me abraçou emocionado. Megan e Gwen se afastaram delicadamente.

– Quando eu era imortal, o meu único pavor era a perda da mulher que eu amei, pois ela um dia partiria para sempre. O meu pai acreditou ter me castigado ao tirar a minha imortalidade e sequer imaginou que foi o melhor que ele havia me feito, pois eu não mais precisaria viver para sempre e sofrer eternamente com a morte da sua mãe. Quando eu perdi vocês, o meu único conforto era saber que a morte um dia chegaria a mim e me levaria deste mundo para que eu parasse de sofrer. A ausência passou a ser parte de mim, até que eu a reencontrei. – parou, reparando no meu vestido emocionado. – Saber que você continuará comigo mesmo após a sua morte é o único motivo que me faz gostar de ter a minha imortalidade de volta, mas sempre sentirei saudades da sua mãe... Toda vez que eu olhar nos seus olhos. Ela se orgulharia da mulher que a nossa filha se tornou e hoje estaria radiante de felicidade.

– Pai... – nós nos abraçamos em prantos. – Acho que nunca lamentei tanto a ausência dela como hoje...

Ouvimos os soluços de Megan e Gwen. Megan era a única que se lembrava da mãe, e o meu pai, sabendo disso, abraçou as duas para confortá-las e as abençoou de forma que pareceram sair renovadas. Felizes, elas agora se retiraram para tomar os seus lugares na cerimônia. Eu e o meu pai aguardávamos atrás de um exército de elfos, que tapava a nossa visão. Ele estava emocionado. Mesmo tendo perdido os meus primeiros passos e as minhas primeiras palavras, levar-me ao altar parecia ter compensado.

Era o dia mais feliz da minha vida, mas suspirei triste me lembrando de que nunca nada seria completamente perfeito. Queria que Grand me levasse ao altar junto com o meu pai. Queria que Izobel entrasse com o seu filho, que a risada de Dorna pudesse ser ouvida entre os convidados. E Brisêys... Ah, Brisêys... Se estivesse viva, sentaria no meu buquê de alfazemas em sua homenagem, pela linda luz lilás que emanava.

Quando ameacei chorar mais uma vez, uma corneta melódica tocou suavemente, e, em seguida, os primeiros acordes da gaita de fole, que ganhou companhia do nickelharpá. O suave e melódico som do clarinete entrou para compor a música, e, somente quando eu entrei, as sereias se juntaram à banda, cantando para marcar a minha entrada em uma nota única e perfeita. Os elfos iam abrindo espaço para uma passagem feita de estacas floridas que viraram tochas ao comando de Bayleigh. As fadas clarearam o coreto por completo, com uma linda luz amarela, onde Aidan me esperava ansioso.

Arturo sorriu quando eu passei por ele e pousou as suas mãos nos ombros da pequena Anika, que ele veio a amar como sua neta, uma vez que Megan e Tristan a adotaram. Os centauros também estavam presentes, e Bravan, agora meu amigo, pela primeira vez, sorriu ao me ver passar.

O meu avô preferiu abandonar a sua forma de cervo e me aguardava ao lado de Aidan para realizar a cerimônia.

Aidan suspirou apaixonado, e, quando desceu os degraus para me tomar pela mão, as sereias elevaram o canto em uma linda nota final, que terminou para que o meu avô pudesse dar início à cerimônia.

– Nós, Deuses, costumamos dizer que as estrelas têm memórias infinitas e guardam as mais lindas histórias vistas lá de cima. Que noiva não gostaria de contar a sua história para elas? Que noiva não gostaria de receber a benção da vaidosa e bondosa Deusa Yuim, Deusa da noite e das noivas, que usam a sua cor branca para marcar o dia mais especial das suas vidas? Como Deus da floresta e, especialmente, como seu avô, eu garanto que hoje entrará para a história das mais belas visões das estrelas, que não se cansarão de contar para a Deusa lua. – Ele olhou para trás de nós e deu o sinal com a cabeça. A nickelharpá voltou a ser tocada, e o canto das sereias completavam as notas enquanto quatro magas de vestidos e capas lilases

dançavam, guiando Megan, Gwen e Margreet, que, enfileiradas, seguravam uma enorme fita acetinada prata. Báhlgor gentilmente pegou a fita das suas mãos, sem se importar que ela tocasse o chão. Elas e as magas jogavam pétalas e algumas flores inteiras enquanto dançavam ao nosso redor, como um ritual de bênçãos. Báhlgor pediu que virássemos um para o outro e nos déssemos as mãos.

– Hoje é apenas o primeiro capítulo da história de vocês como amantes – envolveu a fita nas nossas mãos –, amigos – outra volta –, rei, rainha e como pais dos frutos que essa relação irá lhes trazer futuramente. – pediu para que fizéssemos desejos mentalmente. A cada desejo, dava uma volta na fita, até que ela assim terminasse.

Com todos os pedidos feitos e as mãos completamente atadas, enquanto Báhlgor dizia as palavras finais, Genevieve se aproximou a pedido dele, e as magas que nos cercavam abriam caminho para ela passar. A música parou, e todos fizeram silêncio pela parte mais importante da cerimônia. Ela se ajoelhou ao estender uma das adagas de Dorna, e ele então a enfiou gentilmente entre as nossas mãos e a fita, cortando-a de baixo para cima. Ela se desenrolou e caiu. Todos aplaudiram, cantaram e vibraram, porque o início do resto das nossas vidas havia acabado de começar.

De repente, eu me dei conta de quem eu me tornei. Eu tinha um reino para cuidar e Drakenian para guardar. Por mais assustador que pudesse ter sido inicialmente, confiei no destino que os Deuses me reservaram e me senti capaz de realizá-lo. Mas a maior das surpresas eu deixei para o final. Durante as comemorações, peguei a mão do meu marido e a pressionei contra o meu ventre. Emocionado, Aidan derramou a primeira das inúmeras lágrimas que vieram. De todos os deveres e missões que eu teria como rainha, essa que crescia dentro de mim, era de longe a mais assustadora. Ao mesmo tempo, não poderia estar mais agradecida e feliz.



Capítulo 25

Parecia um sonho, ou talvez um pesadelo. Não podia enxergar onde pisava, se é que os meus pés tocavam o chão. O meu corpo estava dormente, e eu sentia não ser a única que aquela escuridão abrigava. Os passos arrastados de alguém ferido e a respiração ofegante e amedrontada daquele que se aproximava rapidamente confirmaram as minhas suspeitas. A luz trêmula do fogo da tocha mostrava uma silhueta feminina e as paredes rochosas por onde ela passava. Ela não me via, mas eu estava ali. Quando a reconheci, logo percebi que se tratava de uma visão do passado.

Ela ofegava em pânico pelo castigo prestes a receber.

– Christine! – a voz ecoou pela caverna escura e fria.

– Mestre! – suplicava ajoelhando.

– Você falhou! – ameaçou com autoridade, prestes a dar o golpe final.

– Izobel morreu! – disse apavorada ao se curvar, cruzando os pulsos sobre a sua cabeça.

Ele então parou e bufou. Christine tremeu.

– Com ela morta fica mais fácil pegar a pedra. Há uma nova guardiã, mas será simples matá-la! – assegurou.

– A mesma que fez isso com o seu rosto? – ele zombou.

– Eu desconhecia os seus poderes, mas agora que os conheço, estarei pronta para ela. Dê-me mais tempo e outra chance! – suplicava. – Deixe-me provar que sou capaz, e poderemos ter tudo aquilo que merecemos!

Ele pensou e, mesmo contrariado, decidiu aceitar.

– Será a sua última chance. Se ousar falhar novamente...

– Não falharei! – garantiu!

– Assim espero, pois você sabe o que acontece com aqueles que falham comigo. – ameaçou.

Christine tremeu e consentiu instantaneamente.

Lana cantarolava em um leve estado de loucura na cama do meu antigo quarto. Ela sentava abraçando os seus joelhos, com os cabelos desgrenhados e os olhos perdidos no horizonte. Um portal se abriu à sua frente, e ela, em um salto, voltou à realidade.

Christine surgiu com uma máscara dourada cobrindo a metade do seu rosto desfigurado, e pousou uma mão na cintura, iluminando o seu único olho bom com uma luz verde. Lana se assustou.

– Decidi lhe dar mais uma chance, querida.

Lana pegou fôlego para falar, mas Christine a impediu, levando o dedo indicador aos lábios e pedindo silêncio. Ela olhou para trás como se pudesse me ver e, sorrindo, lançou-me um olhar sarcástico:

– Alguém nos observa. – sorriu maliciosamente.

E, de repente, um clarão de luz cessou as minhas visões.

Kyara Morrigan

— CA —

PROFECIA DOS
DRAGÕES



JULIANA CHERNI

JULIANA CHERNI

Kyara Morrigan



PROFECIA DOS
DRAGÕES

1ª edição

Florianópolis - SC
Juliana Guimarães Cherni
2019

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra em formato digital pode ser apropriada, reproduzida ou transmitida por nenhum meio sem a prévia autorização por escrito. Qualquer duplicação ou exploração não autorizada constitui violação de copyright e estará sujeita a penalidades.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C521kc

Cherni, Juliana.

Kyara Morrigan e a profecia dos dragões [recurso eletrônico] / Juliana Cherni; ilustrações Leandro Oliveira. – Florianópolis (SC): Ed. do Autor, 2019.

Formato: ePUB

Requisitos de sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-924858-3-2

1. Ficção brasileira. 2. Literatura brasileira – Romance. I. Oliveira, Leandro. II. Título.

CDD B869.3

Copyright Ilustrações © 2019 **Leandro Oliveira**

CAPA, PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO - **Leandro Oliveira**

REVISÃO - **Amanda Bonatti**



www.facebook.com/julianagcherni/



www.instagram.com/julianagcherni/

Agradeço primeiramente à minha mãe Angela e minha irmã Maria Pia, que sempre me incentivaram a escrever. Ao meu marido e melhor amigo Leandro, que releu comigo inúmeras vezes o livro e me apoiou desde o início, criando as capas dos meus livros e todo o projeto gráfico.

Ao meu filho Arthur, que me ensinou a olhar o mundo de forma diferente e ao meu outro filho mais novo, Julian.

Sou grata pelas amizades incríveis que o mundo literário me deu: Glaucia, Letícia, Michelayne, e as autoras Juliana Barbosa e Eline Sato.

Aos meus leitores e parceiros, que com suas resenhas e comentários encheram meus dias de alegria e me incentivaram mais do que imaginam, a seguir em frente. Vocês foram as peças fundamentais para a realização do meu sonho!

Por último, agradeço àquele que foi meu maior fã em vida: Meu pai Sergio Cherni, que se foi anos antes de sequer desconfiar que a filha se tornaria escritora. Ele teria amado minhas obras.

Pai, eu te dedico esse livro com esperanças de que você o poderá ler de alguma forma. Eu posso criar mil mundos e enfrentar as mais terríveis criaturas, mas não há batalha maior do que aprender a viver em um mundo sem você. Eu sigo tentando.



Capítulo 01

Fumaça e fogo tomavam o céu em uma dança macabra e linda. Sim, eu conseguia reconhecer a beleza daquele fenômeno da natureza, mesmo que o laranja do fogo cortasse por entre as árvores, trazendo um caminho de devastação e morte. Os estalos das madeiras em chamas misturavam-se aos gritos, e silhuetas escuras de pessoas em desespero corriam de um lado para o outro. A essa altura, eu me via incapacitada de identificar inimigos e aliados.

As dríades urravam, rodopiando em chamas, antes de caírem sem vida. Os gritos estridentes dos poucos sobreviventes sobre os corpos dos mortos me desnorтеavam. Fraca, meu corpo imobilizado da cintura para baixo rastejava sobre uma trilha sangrenta que se misturava com a terra. Tentei gritar, mas acabei por inalar aquela fumaça que entrou em meus pulmões e tossei a ponto de quase perder o ar.

As risadas e gritos de comemoração dos inimigos sobressaíam-se às lamúrias. Fagulhas queimando em brasas caíam sobre mim como uma chuva de fogo. Elas queimavam minha pele, mas eu estava fraca demais para me curar. Então algo mais macio e molhado caiu em meus cabelos e precisei checar o que era.

Minha mão trêmula trouxe os restos mortais de uma fada e, assim, elas começaram a cair mortas ao meu redor, juntando-se à chuva interminável de fogo, sangue e morte. Indignada, gritei o mais alto que podia e os inimigos debocharam vitoriosos. Eles me seguiam cuspendo xingamentos, mas eu me recusava a parar. Eu era movida pela fúria e a urgência, pois precisava ver com meus próprios olhos, mesmo sabendo que eu desejaria minha própria morte, após confirmada as minhas suspeitas. Em prantos, entre soluços e urros, arrastava-me naquele sangue que entranhava nas minhas narinas com um forte cheiro de ferro. Horrorizada, urrei ao ver o corpo curvado e sem vida no final da trilha.

Próximo ao corpo, Christine e Lana pareciam dançar em êxtase, como se meu sofrimento fosse inebriante para as suas maldades. Lana saiu brevemente daquele estado e, com os olhos borbulhando maldade, chutou o corpo que virou para o meu

lado. A cabeça de Aidan tombou levemente para trás e eu nem tinha mais forças para protestar, até notar uma manta preta que cobria um corpo menor, que Aidan parecia estar protegendo antes de morrer. Christine fez a manta voar, mostrando o rostinho da minha filha, também sem vida. Angustiada, tentei gritar, mas a voz não saía. Em meio a todo aquele terror, uma luz surgiu.

Paralisado, ele olhava os corpos do pai e da irmã. Desesperada, eu gesticulava insistentemente e apontava com a testa para uma árvore próxima, onde ele pudesse se esconder. Christine se aproximava como se fosse sua salvadora e o tomou em seus braços, consolando-o. Cerrei meus punhos e dentes, mas a paralisia tomou meu corpo por completo e nem os lábios eu conseguia mexer. Meus gritos saíam como uma brisa em meio a uma tempestade, enquanto um portal se formava atrás dela. Ele dava para um cenário rochoso escuro, cortado por um rio de lava borbulhante. Eu ouvia gritos estridentes e horrorizados, que podiam vir daquele local sinistro, ou seriam dos poucos sobreviventes de Shadowfalls, implorando pela vida. Christine balbuciou algo em seu ouvido e, carinhosamente, o tomou pela mão, guiando-o e o encorajando a entrarem naquele local, onde o portal se fechou em seguida.

— NÃÃÃÃÃÃO!!! KAI!!! — gritei, enquanto sacudiam meu corpo. — KAI!!!

— Kyara! — Uma voz conhecida me chamou. — Kyara, acorde!!!

Foi como se um *flash* de luz estourasse diante dos meus olhos. Assustada, sentei-me na cama em um salto. Meu coração disparava enquanto Aidan me abraçava para tentar me acalmar.

— Está tudo bem, meu amor. Estou aqui, está tudo bem — repetia ninando meu corpo contra o dele enquanto meu pranto abafava em seu peito.

Suspirei aliviada e abracei-o com força. Mais calma, ele secou meu suor e lágrimas com carinho.

— Outro pesadelo? — Pousava sua mão em meu rosto para que eu o olhasse.

— O mesmo de sempre — ofegava. — As crianças.

Empurrei-o para o lado e corri de camisola até o lago central, onde ela se encontrava. Sentada às margens do lago com o seu vestido e capa preferidos, ela ria enquanto Maleena e as outras sereias saltavam e mergulhavam, fazendo barulho. Ela adorava o *splash* das águas e as sereias adoravam diverti-la. Ajoelhei-me em silêncio, para não atrapalhar, mas ela sempre me sentia.

— Mamãe! — Virou-se para trás com aquele sorriso que eu amava mais do que tudo. Tomei-a em meus braços como se quisesse protegê-la.

— Foi aquele sonho ruim de novo, não foi? — perguntou melancólica e eu sacudi a cabeça em silêncio.

Ela então se afastou carinhosamente do abraço e aqueles olhos verdes leitosos, quase se juntando ao branco da esclera, me fitaram.

— Sua luz muda quando você fica triste — falou abatida.

— E que cor ela fica? — perguntei, ajeitando seus cabelos negros como os do pai.

— Uma cor feia...

Ri e beijei sua testa. Minha filha era tão perceptiva que muitas vezes eu esquecia de sua condição. Descrevia as pessoas como silhuetas cintilantes e mesmo não distinguindo cores, sabia dividi-las em boas ou ruins, pelo tom e intensidade. Não posso dizer que ela era cega, porque Síndel enxergava além do que os nossos olhos podiam ver. Ela via a alma e a aura das pessoas.

— Olha o que a tia Maleena me deu! — Tirou uma concha do bolso de sua capa roxa e dourada.

Olhei para minha irmã na beira do lago e sorri. Ela tinha se tornado minha melhor amiga e era a única que parecia acreditar que talvez não fosse só um sonho. Seu semblante se mostrou preocupado pelo ocorrido, mas depois sorriu.

— Agradeceu sua tia pelo presente?

— Claro!

— Então se despeça, já está na hora de seu treino.

Síndel foi até ela e acariciou seu rosto. Parou as mãos sobre suas maçãs por um segundo e Maleena fechou os olhos, ganhando um abraço apertado em seguida.

Tomei-a pela mão e enquanto caminhávamos notei-a pensativa.

— O que foi?

— Tia Maleena tem uma cor tão bonita, mas parece estar sempre um pouco apagada. Como se estivesse triste.

— Ela está sob uma maldição, querida — lamentei.

— O que é isso?

— É como um castigo que dura uma vida inteira.

Triste, ela franziu a testa tentando imaginar, mas sorriu quando Aidan apareceu.

— Papai!

Ele se ajoelhou de braços abertos a esperá-la enquanto ela corria até ele.

— Síndel!!! — Abraçou-a forte.

— Olha! — Mostrou a concha que ganhara de presente.

— Que bonita! — Ele sorriu.

— Está atrasada, meu amor — falei carinhosamente, lembrando-os de seu treino.

Aidan a olhou e consentiu para que ela me obedecesse.

— Quer que eu a leve?

— Wallandra disse que me levaria. — Acenou para a amiga que a esperava.

— Não tem ninguém lá, querida — Aidan falou carinhosamente, mas seu olhar mostrava desaprovação. Ela já estava bem grandinha para ter amigos imaginários.

— Tem sim! — assegurou certa do que dizia. — Sei chegar lá mesmo sem a ajuda dela, mas ela gosta de me acompanhar.

— Bayleigh está esperando, meu amor — lembrei-a.

Ela me deu um abraço e seguiu cantando pela floresta ao conversar com sua amiga invisível.

— Kai já está lá? — perguntei enquanto via nossa filha se afastando.

— Acordou e foi.

— Ótimo. — Suspirei.

— Você fica estranha toda vez que tem esse pesadelo.

— Sou constantemente assombrada pelas visões de Christine naquela caverna.

— Então talvez seja essa a resposta para os seus pesadelos. Sabe que refletimos nossos medos e desejos em sonhos.

— Mais cedo ou mais tarde teremos de enfrentá-la. — Tentei alcançar minha adaga, esquecendo que estava de camisola.

— Então estaremos prontos!

Ele se aproximou, tocando as pontas de nossos narizes.

— Sei que não haverá paz eterna em Shadowfalls, mas já se passaram oito anos desde a última guerra e acredito que venham muitos outros anos de paz pela frente.

— Oito anos de paz. — Suspirei pensativa. — Tempo suficiente para Christine se fortalecer.

— E nós também. — Lembrou-me, seguro de ninguém ser páreo para nós. — Não tínhamos alianças com os Elfos, Centauros e Weston. Acredita que agora ela teria alguma chance? Os povos mais fortes estão do nosso lado.

Eu suspirei novamente.

— Desde aquele dia, você vive com medo, temendo uma guerra que não aconteceu. — Tomou-me em seus braços. — Não gosto de te ver assim. Nossos filhos percebem quando você não está bem, principalmente Síndel. Eles sofrem com isso.

— Tem razão... Talvez eu esteja exagerando um pouco.

— Acredito que se houvesse uma guerra, seu pai ou avô já teriam nos alertado.

— Os deuses não podem interferir — lembrei-o.

— Mas também não mentiriam se você perguntasse — aconselhou-me carinhosamente.

— E se eu estiver certa? — perguntei receosa.

— Estaremos preparados!



Eu limpava meu arco, o qual ainda insistia em chamá-lo de novo, mesmo após oito anos de sua fabricação. Pedi para que Dórken o fizesse da mesma forma como foi feito o antigo. Embora eu adorasse o violeta, o preto metálico lhe deu um ar mais imponente. Eu o guardava no mesmo local onde por anos guardou-se o de

Anabel e sempre me lembrava da primeira vez em que o vi. Izobel o deu para mim, segura de que eu precisava usá-lo, mas eu sabia o quanto lhe doía se desfazer de algo que sua falecida irmã tanto amava e que guardava com tanto carinho.

Guardei-o e me dirigi a saída, quando escutei novamente aqueles sussurros. Drakenian estava guardada sob o solo, mas ela falava comigo toda vez que eu passava. Eu era a única a ouvir seus sussurros. Por anos tentei sem sucesso decifrar aquela linguagem. Eu já sabia repetir parte delas, mas ninguém parecia entendê-las.

Já no chão, sobre o círculo central que nos teletransportava para as cúpulas, tentei ignorar o que aquelas pilastras escondiam. Somente visitei o cemitério das fadas poucas vezes após a morte de Brisêys, pois a dor de pisar naquele local ia além da saudade. Eu absorvia aquela energia que me consumia de forma a me deixar fraca e deprimida por horas após sair, portanto, decidi que não pisaria mais lá. Aidan, ao contrário, costumava ir para lamentar a perda da amada amiga.

Como sempre, respirei fundo e tentei seguir meu caminho, mas talvez por eu estar sensível pelo pesadelo, a saudade de Brisêys bateu como um soco no estômago. Criando coragem, entrei naquele lindo lugar de energia pesada e me dirigi à flor que a representava. Era rosa de pontas roxas que emanavam uma energia lilás. As lágrimas surgiram ao lembrar daquele pequeno sorriso tão encantador.

— Se eu pudesse ao menos voltar no tempo, teria lhe impedido de subir nas cúpulas e hoje você estaria viva, brincando com meus filhos — lamentei. — Síndel teria adorado você. Não há uma vez que não imagine vocês duas brincando quando vejo minha filha. — Limpei as lágrimas que desciam do meu rosto. — Sinto que uma guerra está próxima e irei vingar cada morte, inclusive a sua — prometi.

Fraca, deixei o local e me sentei em um dos bancos no caminho para descansar. As dríades me trouxeram água em uma cuia feita de folhas e eu não havia percebido minha garganta seca até tomar toda aquela água. Já melhor, elas me ajudaram a levantar e me acompanharam pelo caminho de pedras brancas, onde as duas enormes árvores marcavam a entrada.

— Obrigada, já estou melhor. Fiquem perto das suas árvores — pedi educadamente e elas consentiram ao se retirar.

No lago central, no local onde a deusa Mereen levou o corpo de Izobel, foi feita uma estátua de pedra branca, uma réplica perfeita em homenagem à antiga rainha, que eu também chamava de mãe. Aos pés da estátua, vasos de flores, fragmentos de cristais e velas eram colocados para prestar homenagem. Aidan se ajoelhava, chorando pelos anos de saudades.

— Minha rainha — Genevieve cumprimentou ao passar com o grupo de arqueiros que se revezariam nos portões.

Notei-a olhando para o local onde Irvin morreu e senti seu suspiro baixinho. Ela tinha fortes sentimentos por ele, mas não havia lugar para tais sentimentos em pessoas como Irvin. Ele morreu vítima do próprio orgulho, quando recusou nossa ajuda ao nos manter dentro da bolha de escudo.

Há anos não via Shadowfalls tomada por essa energia tão triste e pesada, parecia aqueles tempos em que nos preparávamos para a última guerra.

Somente Dórken me fez rir ao vê-lo apoiar um dos pés na borda do lago central, enquanto contava algum tipo de ato heroico do passado para as sereias. O estado louco e deprimido o abandonou por completo desde o dia em que deixamos Ardhem. O belo homem de olhos azuis que antes se escondia atrás da barba e cabelos desgrehados, agora era evidente, de barba cuidada e cabelo preso em um rabo para trás. Dórken fez as mais belas mulheres de Shadowfalls se apaixonarem, mas ele só tinha olhos para as sereias, que por sua sorte também se encantaram por ele.

Eu sabia que ele vinha me dizer algo, mas nunca resistia ao parar no lago para conversar com minhas irmãs, então eu o deixava ter seu momento.

— Minha rainha. — Curvou-se.

— Dórken. — Fiz uma leve reverência.

— Gostaria de mostrar-lhe as mais novas armas que fizemos.

— Já acabaram? — Surpreendi-me e Dórken sorriu orgulhoso ao sacudir a cabeça positivamente.

— Vocês são mesmo rápidos — disse Aidan com o rosto inchado, tentando um sorriso.

Segurei sua mão em apoio.

Após um tempo de caminhada, começávamos a ouvir ao longe os ferreiros trabalhando nas forjas. Como para muitos o barulho poderia ser incômodo, o próprio Dórken se encarregou de realizar seu trabalho o mais afastado possível. Trazer parte dos escravos de Ardhem para Shadowfalls foi uma das melhores ideias que tivemos. Jovens e adultos que não foram para Weston, vieram para cá aprender com Dórken as técnicas da ferraria, entre outras profissões que escolheram. O fato de eles terem direito a uma vida sem abusos, enchiam-lhes de vontades para aprender tudo o que lhes era ensinado, e como recompensa pelos seus esforços, ganharam casas de pedras até melhores do que as dos sábios e dos guerreiros. Uma vez ouvi um grupo de ex-jovens-escravos prometendo construir as armas que vingariam as mortes de seus amigos e familiares. Como mãe, era triste ver meninos e meninas tão novos com esses sentimentos, mas eu os compreendia perfeitamente e até gostava dessa determinação, uma vez que eles também eram treinados para lutar ao nosso lado quando crescessem.

— Olá, Odo! — cumprimentei-o enquanto ele terminava de forjar uma espada.

— Olá, Kyara... Digo, minha rainha. — Constrangeu-se.

Sorri para ele, consentindo. Na verdade, eu particularmente não gostava de ser chamada assim, preferia ser chamada pelo meu nome, principalmente por Odo, que tanto me ajudara no passado, mas meu pai e meu avô me ensinaram a importância de se referirem a mim pelo meu título, pois mesmo sendo amada pelo meu povo, era importante manter o respeito.

Odo nos mostrou a espada quase pronta e Aidan o elogiou, impressionado. Ele havia se tornado um dos melhores aprendizes, embora Dórken sempre mencionasse uma menina chamada Meredith.

— Por aqui, majestade. — Dórken nos guiava para dentro do depósito onde guardavam as armas e encontramos um belo arsenal.

Inspecionávamos admirados com o trabalho de seus alunos, que estavam aprendendo com o melhor. Dentes e unhas de dragões se transformaram em adagas. Escamas viraram escudos e os fios de tendões se encaixaram perfeitamente aos arcos. Os ossos também foram esculpidos em outras adagas, espadas e pontas de lanças.

— Esses arcos estão perfeitos! — espantei-me. — Quem os fez?

— Meredith. — Sorriu orgulhoso.

— São tantos rostos para lembrar, que nem sempre consigo. Poderia trazê-la, por favor?

Ele consentiu e se retirou para buscá-la.

— Viu a qualidade desses arcos? E esse acabamento impecável? — Mostrei a Aidan, que também se admirava com cada detalhe. Indaguei o porquê de os Sábios não conseguirem prever o talento dessa menina.

— Majestade, essa é a Meredith — apresentou uma menina tímida, de olhos castanhos e cabelos claros, presos em um coque levemente desganhado pelo trabalho.

Ela sorriu e timidamente fez uma leve reverência.

— Quantos anos você tem? — perguntei afetuosa.

— Quinze — respondeu com um leve sorriso.

— Seu trabalho é impressionante. Está aprendendo arco e flecha também?

— E está indo muito bem — respondeu Dórken por ela, como um pai orgulhoso, acariciando sua bochecha. — Parece que foi ontem que vocês nos resgataram — lembrou emocionado.

Ela tinha sete anos, a mesma idade que a filha de Dórken tinha ao morrer, e como ela também era órfã, não me admirava eles terem se apegado um ao outro dessa forma.

— Estou à disposição para aulas extras se for necessário — falei.

— Obrigada, majestade. — Arregalou os olhos, agradecida, depois fez uma reverência.

Dórken carinhosamente apontou a porta com a cabeça para que ela voltasse ao trabalho e ela assim o fez.

— Obrigado, ela vai ficar muito feliz em aprender com a rainha.

— Será um prazer. Sempre quis ensinar minha filha, mas já que ela não se interessou muito, então ensinarei a sua.

Ele então deu um sorriso que quase não cabia em seu rosto. Seus olhos começaram a lacrimejar.

— Que bom vê-lo feliz novamente — falei carinhosamente.

Ele limpou as lágrimas.

— Nunca pensei que alguém pudesse substituir minha filha, mas Meredith, além da mesma idade, é muito parecida com ela, então quando eu soube que Meredith era órfã, me prontifiquei a adotá-la.

— O que aconteceu com os pais dela? — perguntou Aidan.

— A mãe é alfaiate e o pai é um guerreiro. Tiveram duas filhas guerreiras e Meredith, a mais nova, foi rejeitada à condição de escrava. Os escravos que a criaram como filha, morreram. O pai morreu na última guerra e dias antes de vocês chegarem para nos resgatar, a mãe foi espancada até a morte pelos patrões, porque foi trabalhar doente e não fez um serviço satisfatório — lamentou.

Nós estávamos indignados, e eu só podia usar como consolo o fato de que nenhuma mulher, homem ou criança passaria por esses maus tratos novamente.

— Isso é completamente desumano! — Aidan se enfureceu.

— Meredith ajudou e muito a trazer a minha sanidade de volta — reconheceu. — A propósito, posso lhes pedir uma coisa? — Retirou um pedaço de osso de dragão do bolso. — Gostaria de guardá-lo para poder esculpir um enfeite de cabelo.

Havia uma montanha de ossos a serem utilizados, portanto nem cogitamos negar tal pedido.

— Meredith irá adorar. — Sorri mostrando meu apoio, mas Dórken corou as bochechas em um sorriso que ia muito além de paternal.

— É para a Shelly. — Encolheu os ombros e sorriu tímido.

Aidan e eu franzimos a testa.

— Não me lembro de nenhuma Shelly — disse pensativa.

— É como eu a chamo, majestade. As sereias têm nomes que não são compreendidos na nossa língua, portanto, resolvi chamá-la assim, pelas conchas que ela usa no cabelo.

— Então faça o mais lindo enfeite que conseguir. — peguei em suas mãos para dar-lhe força.

— Obrigado — consentiu humildemente.

Perto dali também foram construídas casas para os alfaiates que vieram nos chamar. Precisávamos testar a qualidade das peles que ficavam por baixo das escamas para confeccionar as armaduras. Desde a última guerra, pedi que fizessem armaduras de couraça dupla no peitoral e, por isso, precisávamos ter certeza de que a pele estaria em boas condições para tal.

Shadowfalls sempre teve alfaiates, ferreiros, agricultores e várias outras profissões que se misturavam entre as classes, e poder vê-los trabalhando juntos aos ex-escravos, igualmente empenhados, era de fato o resultado positivo de umas de minhas escolhas como rainha. E nada poderia ser tão recompensador quanto isso.



Capítulo 02

As risadas das crianças fizeram Shadowfalls parar para olhá-las. O enorme grupo de pequenos magos e arqueiros voltavam do treino e Owen os acompanhava. Ele já era um homem e parecia dar umas dicas a Kai, que o ouvia atentamente. Meus filhos sempre quiseram ser magos. Kai admirava o pai e era reconhecido como uma das crianças mais determinadas em aprender sua classe, treinando inclusive em casa. Já Síndel escolheu magia por conseguir ver a áurea das pessoas, sem distrações visuais ou outros elementos, e como seus atributos lhe ofereciam um foco acima do normal, eu lamentava por ela não querer aprender arco e flecha.

Kai e Síndel se afastaram do grupo e vieram até mim, e como era a primeira vez que via meu filho naquele dia, corri para lhe dar um abraço mais apertado do que de costume.

— As pessoas estão olhando, mãe. — Riu um pouco sem graça.

— *Sanäel* — sussurrei em seu ouvido e ele imediatamente soube que tive outro pesadelo.

Essa era a nossa palavra secreta, que significava que estava tudo bem ou que tudo iria ficar bem. Não tinha origem alguma e fora inventada por ele. Gostávamos de dizer isso um para o outro em momentos tristes e era impressionante o poder que ela tinha. Na verdade, eu precisava dizer mais para mim do que para ele.

— *Sanäel*, mamãe — disse ele acariciando meu rosto. — Não foi real, apenas um sonho ruim. — Ele não gostava da palavra pesadelo.

Voltei a abraçá-lo com força, cobrindo seu rosto de beijos.

— Mamãe... — dizia entre os dentes ao olhar com timidez para as outras crianças que nos olhavam.

— Não me importo — brinquei, mas em seguida o soltei.

A noite começou a cair e durante o caminho para a casa notei Síndel triste.

— As cores e luzes das sereias estão tão fracas... — lamentou. — Sempre ficam assim quando a luz da lua está forte.

— É por causa da maldição. — Kai olhava seus dedos emanando uma energia laranja.

A lua cheia me trazia as mais lindas noites, mas lamentava que fizesse minhas irmãs sofrerem. Indagava-me porque Mereen não as perdoou, visto que muitas lutaram e morreram na guerra. Uma dúvida que guardava só para mim, pois título algum nos daria o direito de contestar as decisões dos deuses.

— Wallandra disse que também sente muito por elas — Síndel comentou abatida.

Kai me olhou e ergueu os ombros, confuso. Dei uma bufada de leve e tentei ignorar, mas Síndel percebeu e ficou quieta. Eu não gostava dessa ideia de amigos imaginários, mas partia meu coração ver minha filha triste por eu não acreditar nela.

— As dríades falam a mesma coisa... — lamentou Kai.

Após a última guerra, os elfos, plantaram inúmeros carvalhos próximos ao rio, não somente pelo nascimento de novas dríades, mas porque elas ajudariam as sereias a defender Shadowfalls na parte externa. As jovens dríades e meu filho criaram um lindo laço de amizade e como não sentíamos perigo vindo do território externo, ele ia muito lá conversar e mostrar seus poderes a elas, que também se divertiam ao vê-lo. Kai também se identificou muito com as sereias noturnas. Assim como Síndel, adorava as sereias e lamentava a maldição. Eles até brigavam, visto que Síndel dizia sentir melhor as suas dores, por conseguir ver as cores e suas áureas. Kai, por outro lado, dizia que a irmã não via as lágrimas, feições e expressões de quando elas choravam na lua cheia, algo que ele lamentava presenciar. Não havia nada que eu ou Aidan pudéssemos fazer para apartar as discussões. Por outro lado, era lindo vê-los brigando para decidir quem se sensibilizava mais com elas.

Vivíamos na mesma casa onde Izobel morara. O meu quarto ficara para os meus filhos, e a sala de Izobel tornou-se o novo laboratório de Aidan. Na sala, à direita, ficava a mesa de jantar, e à esquerda ficava a lareira que Kai adorava acender com sua magia nas noites mais frias.

Estávamos prestes a pôr as crianças para dormir. Síndel era como eu, adorava ficar na janela vendo a floresta e as fadas, enquanto Kai se sentava na cama brincando de emanar suas energias de uma mão para outra.

— Muito bem, crianças, hora de dormir. — Aidan esfregou as mãos.

Síndel acenou para fora da janela, onde não havia ninguém, e correu para a cama. Kai revirou os olhos e se deitou.

— Você fica tão estranha quando faz isso — criticou.

— Kai! — Aidan o corrigiu, mas Síndel deu de ombros.

— Um dia você irá vê-la!

— E por que não agora? Quero ver agora! — Ameaçava pegar a irmã na mentira.

— Não adianta você querer! É ela quem decide para quem e quando aparecer! — Mostrou-lhe a língua.

— Já chega, vocês dois! — pedi, tentando não me exaltar. — Não acha que você já está bem grandinha para ter amigos imaginários?

— Não é imaginária! É a mãe dos sussurros da floresta!

— Aquelas luzes azuis que guiam os perdidos para os locais seguros? — Kai perguntou sarcasticamente e Síndel sacudiu a cabeça confirmando.

— Filha, eles não existem... — falei carinhosamente.

— Por que não acredita em mim, mamãe? — perguntou sentida.

— Porque eu sempre andei pelas florestas e nunca os vi.

— Porque nunca precisou. Quando foi que se perdeu na floresta ou não sabia quando um caminho não era seguro? — Tentei argumentar, mas ela me cortou novamente. — Ninguém em Ardhem acreditava em Báhlgor, nem mesmo você. Ele é seu avô, não é? — Franziu a testa, esperando minha resposta.

Aidan apertou os lábios para não rir, porque o que ela falou fazia total sentido.

— Espere aí! — Kai sentou-se na cama — Você diz ver luzes pela floresta... Luzes que não são dos sussurros?

— Sim, e daí?

— E daí, que você distingue uma luz da outra como boa ou ruim. Não é você quem gosta de se gabar por saber quais caminhos são perigosos ou seguros sem mesmo tê-los traçado antes? Por que eles precisariam te guiar para mantê-la fora de perigo?

— Eles não me guiam, eles me acompanham! E como disse, Wallandra aparece para quem ela escolhe.

Kai revirou os olhos.

— Que seja! Pelo menos as dríades e as sereias aparecem para todos — zombou.

— Está bem, já chega! — disse Aidan.

— Só acreditei no meu avô quando eu o vi. — Beijeí sua testa enquanto a cobria. — Agora vão dormir. Vocês dois! — Apontei para eles.

Aidan fechou a porta do quarto e ambos prendemos o riso.

— Dá para acreditar nisso? — perguntei pasma.

— Nossa filha é mais esperta do que imaginávamos, talvez até mais que nós quando tínhamos a idade dela.

— Mas não tínhamos amigos imaginários. Aliás, acho que jamais havia pensado nisso.

— E se ela não estiver mentindo? Síndel não é dessas...

— E se ela estiver apenas querendo acreditar?

— Quando ela crescer, ela esquece.

Concordei.

De mãos dadas, seguimos para os nossos aposentos. Já deitados em nossa cama, ele acariciava minhas costas, enquanto nos abraçávamos.

— Não é só aos nossos filhos que você não consegue enganar quando não está bem, Kyara...

Suspirei.

— Ainda não tirou aquele pesadelo da cabeça?

— Não, embora tenha tentado muitas vezes.

— Falou com seu pai?

— Não, mas falei com Brisêys.

Aidan suspirou, fitando o teto.

— Não sei o que houve. Todas as vezes que tenho esse pesadelo, fico bem ao acordar e ver que não passou de um sonho. Mas, embora sempre fique com ele na cabeça, hoje foi diferente...

— Diferente como?

— Como se ele não me deixasse. Passei o dia todo com uma sensação ruim, como se algo horrível estivesse para acontecer.

— Então por que não falou com seu pai ou seu avô? — Sentou-se na cama, visivelmente preocupado.

— Não tivemos tempo.

— Acredito nos seus instintos, se não conseguiu até agora se livrar deles, então precisamos ser rápidos. Você tem de falar com um deles.

— Veremos como vai ser amanhã. Precisamos ir a Ardhem e depois Weston.

— Solstício de inverno? — Suspirou.

— Sim — lamentei.



Minha filha segurava a concha que Maleena lhe dera, enquanto conversava com uma sereia de sua idade, à beira do lago central. As duas riam e cochichavam e notei a sereia olhando para Kai, que de longe se recostava em uma árvore, perdido em seus pensamentos.

Ele tinha os meus olhos e os cabelos escuros como os do pai. Não era por ser meu filho, mas Kai era um lindo menino e não me admirava a sereia olhá-lo com um sorriso tímido. Ele, por outro lado, sequer percebeu. Era interessante ver que mesmo nas diferentes espécies, os comportamentos eram iguais.

— Do que estão conversando? — perguntei ao sentar-me ao lado de Síndel que colocava a concha no ouvido.

A sereia corou as bochechas, sorrindo. Em seguida, sua mãe veio buscá-la.

— Ela me disse que as conchas guardam os maiores segredos dos mares, mas elas te contam se você as coloca no ouvido.

— É mesmo? — Sorri enquanto ela colocava a concha para que eu pudesse ouvir.
— Não escuto nada. Apenas um barulho parecido com o mar.
— Essa é a língua das conchas. Só os seres das águas que entendem. Você é uma delas, não é?

— Talvez elas não queiram que eu saiba pois sou metade elfo e metade humana — brinquei.

— A sereia me contou que os Nagárons dormem embaixo da água e são protegidos pelos... — Franziu a testa como se tentasse lembrar de algo. — Como é mesmo que se chamam os *sereios*? — perguntou a uma das sereias noturnas, que riu da inocência de Síndel, mas como ela não falava, não conseguiu responder.

— Sereios? — questionei-a rindo.

— Eles não podem vir à superfície, porque ficam tomando conta dos Nagárons. A sereia me contou quando perguntei quem era o pai dela. Eles possuem uma cauda muito, mas muito maior que as das sereias e suas musculaturas são tão fortes, que eles podem ficar eretos e arrastarem-se rapidamente na terra. Como se fosse uma cobra ajoelhada!

Dei uma gargalhada com a sua comparação.

— Nossa! — impressionei-me.

Os magos lançaram a magia de fogo que explodiu em um clarão no ar, para avisar que os treinos estariam prestes a começar. Ao vê-los, Kai e Síndel se prepararam para ir. Eles sempre iam por caminhos opostos, porque Síndel gostava de passar por dentro da floresta e Kai gostava de pegar o caminho de pedras. Os dois vieram se despedir de mim. Síndel olhou sorrindo para o horizonte, prestes a acenar. Eu não ia falar mais nada quanto a isso, mas notando que o irmão a olhava, ela se conteve, apenas seguindo o caminho.

— Tritões, mamãe! Os sereios são chamados de Tritões!! — gritou feliz ao lembrar do nome.

— Você também precisa ir. — Abaixei para lhe dar um beijo no rosto. — Por que nunca vai com sua irmã?

— Ela fica falando sozinha, feito uma maluca.

— Kai...

— Mas é! — Ergueu os ombros. — Ainda bem que hoje é dia de treinarmos em turmas separadas. Ela fica falando da Wallandra para todo mundo, então hoje não preciso ouvir as suas maluquices.

Peguei em seu ombro.

— Sua irmã não é como você, Kai... Ela é muito tímida, logo não tem a sua facilidade para fazer amigos.

— Mas todos querem ser amigos dela!

— Existem pessoas que simplesmente não conseguem e não significa que sejam ruins ou metidos... É mais forte do que elas. Sua avó, por exemplo, era assim — lamentei ao lembrar de Izobel se isolando das crianças durante sua infância.

— Então é por isso que ela inventou essa amiga imaginária? — perguntou abatido.

— Pode ter sido.

Kai fitou o chão triste.

— Olha, só porque sua irmã é tímida, não significa que ela não gostaria que fosse chamada para brincar. E você, como irmão dela, tem de ser o primeiro a ajudá-la. Promete que vai incluir sua irmã nas brincadeiras? Quem sabe a Wallandra desaparece?

— Eu já fiz isso, mãe! Muitas vezes, inclusive! Não importa o que a gente faça, Síndel nunca vai deixar de “conversar” com a Wallandra. — Seu semblante enrijeceu por um momento. — Às vezes, penso que nós não somos o suficiente, que ela precisa dessa amiga para se sentir bem, como se faltasse algo.

— Você já perguntou isso a ela? — inquiri carinhosamente.

— Não... — Ele coçou a nuca, constrangido.

— Então pergunte — encorajei-o afetuosamente. — Talvez você esteja certo, mas só irá descobrir se perguntar. Você é o irmão dela, precisa fazer com que ela confie em você assim como vocês confiam em mim.

— Farei isso, mamãe. Até porque Shadowfalls não precisa de uma rainha que converse com seres inexistentes — zombou.

— Kai... — repreendi-o de leve.

— *Sanäel*, mãe. — Sorriu.

— *Sanäel*, meu filho. — Tocamos nossa testa uma na outra. — Tenha um ótimo treino — desejei afetuosa e ele apenas consentiu e seguiu seu caminho.

Era triste ver o quanto ele lamentava em não ser o futuro rei, mas as leis eram claras quanto ao mais velho ter direito ao trono. E mesmo que eu quisesse mudar, não poderia por conta da Mereen.

Realizei meu parto no mar, perto do território dos centauros, pois queria que meus filhos também recebessem a bênção da deusa Mereen, se tornando seres das águas. Eu usava uma camisola branca e as sereias me ajudaram. A deusa Mereen abençoou os dois e nunca vou esquecer seu olhar quando pegou Kai no colo. Ela o olhou diferente e disse que ele era digno de se tornar um de nós, uma vez que sua alma era boa, mas mesmo se tivesse sido o primeiro a nascer, jamais se tornaria rei de Shadowfalls. Ela não me disse o motivo, e como ele havia sido o segundo a nascer e era bom o suficiente para receber a sua bênção, não me importei em saber o porquê. Só lamentava vê-lo triste por não ter direito ao trono. Kai não era

ambicioso, mas queria cuidar do seu povo e eu nunca lhe contei o que a deusa dissera, temendo que ficasse frustrado por ter sido impedido dessa forma.

Algumas horas depois, sombras vindas do céu passaram por nós, e logo percebi do que se tratava. Os que estavam por perto logo me olharam ou fitaram o chão, lamentando. Aidan saiu de um portal visivelmente chateado e pediu que eu o seguisse, pois mais um dragão ancião se deitava em seus últimos dias de vida. Mesmo sabendo que eu o ajudaria com suas dores, era sempre de partir o coração vê-los dessa forma.

Ele era cinza e sua linha espinhal tinha a cor azul. Seus olhos eram acinzentados e, assim como a boca, estavam entreabertos pelo cansaço. Os acompanhantes o deixaram quando cheguei e logo tratei de tocar a enorme extensão de seu osso nasal.

— Aidan...

— Sim, meu amor.

— Por favor, peça a Síndel que venha até aqui. Não me importo que interrompa o treinamento, isso é importante — pedi com a voz arrastada.

Ele concordou e entrou no portal para buscá-la.

Lágrimas começam a surgir quando comecei o processo de cura.

— Está triste? — o dragão perguntou quase sem forças.

Afirmei em um gesto positivo com a cabeça.

— Não fique — aconselhou-me carinhosamente

— Não gosto de vê-lo sofrer.

— Por isso está me ajudando.

— Mas não tenho permissão para curá-lo como gostaria.

— A cura completa seria apenas para os jovens que não mais morrem em seu tempo certo. Para mim é diferente.

— Pensei que os dragões só morressem de velhice. — Franzi a testa.

— Os acompanhantes sempre voltam falando daqueles que nos curam e guardam nossa pedra. Vocês acabam por ter uma imensa gratidão pela nossa espécie, a ponto de nos sentirmos honrados em ficar em suas mãos em nossos últimos dias.

— Mas o que quis dizer com “aqueles que não morrem em seu tempo”?

— UAU!!!! — Uma voz falou atrás de mim. Dórken estava estupefato e boquiaberto diante do dragão. — Sabe quantas adagas eu poderia fazer com os dentes dele?

— Dórken! — repreendi-o.

— Quantas achar necessárias — disse o dragão. — Minhas unhas também dariam belas armas, não? — disse espirituoso, embora fraco.

— Acha que já não pensei nisso? Vejo um arsenal inteiro em você!

Olhei-o completamente incrédula de suas palavras, mas o dragão parecia nem se incomodar.

— Volte para as suas tarefas! Preciso me concentrar aqui! — falei.

Ele consentiu, mas não sem antes dar outra olhada no dragão. Aidan havia deixado o portal aberto que permaneceria lá por todos os dias até a morte do ancião.

— Dórken! — Apontei o portal com a cabeça, para ele ir embora e ele se retirou. — Perdoe-me por ele. Muitas vezes se deixa levar pela emoção de um momento e acaba por não medir suas palavras.

— Eu não ligo, ficamos felizes em poder ajudá-los dessa forma — disse acomodado.

— Mas o que está acontecendo em seu reino?

— Desavenças... — Ele começou a tossir e não conseguiu terminar a frase. — Temos companhia — disse sereno.

Aidan havia trazido Síndel, que levava a mãozinhas à boca, espantada. Era a primeira vez que ela via um dragão e seus olhos leitosos franziam como se a imensa luz dele incomodasse seus olhos tão sensíveis.

Com uma mão ainda no osso nasal, estendi a outra para que ela se aproximasse. Ela veio sem medo, mas cobria os olhos, ainda sensíveis pela imensa luz do dragão. Expliquei a ela exatamente como Izobel me explicara sobre o processo de cura e que Síndel, a partir de então, me ajudaria com os dragões anciões.

— Precisamos de pessoas como você. Como futura rainha de Shadowfalls é um dos deveres mais importantes.

— Kai também vai fazer?

— Infelizmente não. Ele não quis aprender a curar — lamentei.

Adoraria que meus dois filhos pudessem fazer esse trabalho tão lindo e importante, mas eu precisava respeitar suas escolhas.

Síndel posicionou as mãos na altura dos lábios do dragão e elas brilharam uma luz azul.

— Vá devagar, meu anjo — aconselhei afetuosa. — Não quero te ver fraca.

Aidan assistia a tudo orgulhoso e até se ajoelhou com os olhos cheios de lágrimas ao ver a filha realizando uma tarefa de tal importância.

— Se sentir fraqueza ou dor de cabeça, avise — pediu Aidan, e ela consentiu para o pai.

Já havia se passado alguns minutos e Síndel mantinha o processo de cura como uma verdadeira profissional e só veio a se sentir fraca após mais de uma hora. O dragão adormeceu pacificamente, portanto peguei minha filha no colo e, em silêncio, deixamos o local.

O portal que Aidan deixara nos levou para perto do lago central, próximo à estátua de Izobel.

— Estou tão orgulhosa de você! — Apertei-a forte contra mim. — Aguentou muito mais do eu em minha primeira vez.

— Verdade, meu anjo! — Aidan acariciou suas costas, emocionado. — Sua avó também ficaria muito orgulhosa. — Olhou para a estátua com os olhos marejados.

— A luz dele é tão linda, mamãe! Quase não percebi que ele estava doente.

— É porque ele deve ter ficado feliz ao ver a linda garotinha que iria ajudá-lo. — Pegou nossa filha no colo e beijou sua bochecha. Síndel riu.

— Ainda se sente fraca? — perguntou afetuoso e ela negou com a cabeça.

— Ótimo, então ainda tem algumas horas de treino — incentivei.

Aidan a colocou no chão, ela se despediu e saiu, saltitando feliz com o que acabara de fazer.

— Você está bem? — Abracei meu marido.

Ele me apertou forte e depois caiu em prantos. Era difícil superar a falta da mãe em momentos como esses. Eu o acalmei por um tempo, depois ele ficou bem.

— Você também não está legal.

— Estou preocupada com o que o dragão me contou.

Aidan franziu a testa.

— Deu a entender que algo está acontecendo no reino deles.

— Como o que, por exemplo? — preocupou-se

— Ele evitou contar na frente de Síndel, mas há dragões morrendo antes do tempo — lamentei.

— Precisamos falar com seu pai ou avô!

— Tem razão. Além do mais, há algo que não parece certo. Ainda temo a guerra próxima.

— Majestade! — disse uma teriana em forma humana que tentava recuperar o fôlego. — A cerimônia começará em breve.

— Solstício de inverno. — Suspirei com olhar de tédio.



Capítulo 03

Eu adorava as trocas de estações, principalmente a do outono para o inverno, mas, infelizmente, esse evento também trazia a cerimônia ridícula, onde bebês e crianças inocentes teriam seus destinos traçados sem opção de escolha. Eu realmente não queria ter de participar, mas temia que minha ausência fizesse os sábios mentirem para que essas crianças ficassem e fossem mortas depois, uma vez que muitos não aceitavam o fato de não poder ter mais escravos para servir-lhes.

Na cerimônia do ano anterior, ouvi um aldeão comentar que ele mesmo tiraria suas vidas, pois se não pudessem tê-los, eu também não os teria. Imediatamente confrontei-o, perguntando se ele teria coragem de matar crianças inocentes. Quando minhas mãos brilharam, ele molhou as calças e chorou como um covarde, implorando pela vida. Perguntei o que ele faria se em nosso lugar estivesse ele e as crianças que disse querer matar, mas como não estava lá para tirar a vida de ninguém, nem mesmo a de um covarde, reporte a situação a seu rei. Arturo mandou buscá-lo e ele foi açoitado e humilhado em praça pública. Hoje, ele pensa duas vezes antes mesmo de respirar quando passo por perto.

Havia um corredor por trás dos nossos tronos e no final uma sala redonda onde criamos portais para Ardhem, Weston, Tork e Fainord, o território dos elfos. O portal de Ardhem somente poderia ser usado por nós e eu sempre enviava um grupo para checar se a cerimônia estava prestes a começar. Tinha total repúdio daquele lugar e das pessoas que ali viviam, evitava ao máximo pisar ali, me limitando apenas a voltar nas cerimônias. Se ao menos Grand ainda estivesse vivo...

— Também não gosto desse lugar — disse uma voz conhecida. Aidan e eu sorrimos ao ver nosso amigo.

— Bravan!

— Mais uma vez, me ofereço para fazer sua segurança.

— Obrigada. É bom ter um apoio como o seu. — Suspirei. — Quem mais vem?

— Nós! — Dunkan apareceu com um grupo de Terianos em forma de ursos e felinos.

Atrás deles, um grupo de magas vinha para ajudar a trazer os bebês.

— Não íamos ficar de fora — disse Tartus e Fandra ao atravessar o portal de Tork. Ela e Aidan se cumprimentavam com um abraço apertado.

Ao contrário das outras vezes, notei que o ódio em seus olhos ia muito além de precisarem pisar em Ardhem. Algo mais estava acontecendo, e pelo visto era sério.

— Você está bem? — perguntou Aidan à sua irmã. Seu semblante era triste, mas Bravan e Tartus estavam indignados.

— Não é hora para falarmos sobre isso. — Ela esquivou-se. — A cerimônia vai começar.

O portal, que só poderia ser visto e usado por nós e nossos aliados, dava para a entrada da aldeia, onde antes era a taberna. Agora era ocupada por outra casa, bonita inclusive, mas não deixava de me remeter às terríveis lembranças que aquele local trazia. Dias depois de ser castrado, Lugh cometera suicídio, por não suportar mais a ideia de que não teria mais relações sexuais ou abusar de meninas novas, por assim dizer.

Ignorei a casa à minha esquerda, a casa *dela*, que me remeteu a uma grande decepção de amizade. Alyra não merecia sequer fazer parte das lembranças ruins, mas era difícil não lembrar.

— Todas as vezes que piso aqui, pareço ser engolido por uma energia horrível que me consome em ódio. — Bravan rosnou ao andar do meu lado e a encarar alguns aldeões.

— Não é o único — respondi amargamente.

Aidan apertou minha mão em apoio.

A cerimônia era feita perto da praia e ao nos ver chegar, mesmo de longe, contiveram a hostilidade. Eu dava de ombros para as arrogâncias deles e eles tentavam em vão se contentar em não poder nos atacar.

Os bebês choravam e chutavam nos colos das mães, as crianças de um ano tentavam deixar seus braços e apenas poucas ficaram quietas. Já era normal as mães não se apegarem tanto aos filhos, pois haveria a possibilidade de cortarem os laços no caso de serem escravos, mas claro, nem toda mãe conseguia. Duas delas, visivelmente angustiadas, temiam os resultados e isso me partia o coração.

Norár suavizou seu semblante ao me ver e eu sentia o quanto ele lamentava pela forma como me criou. Eu começava a querer perdoá-lo, mas nunca seria a mesma coisa. Jonsin, assim como os outros aprendizes havia crescido e com a ausência de Grand, ele já ocupara o lugar de seu mestre nas cerimônias como um verdadeiro profissional. Ele era a única esperança que eu tinha para que Ardhem pudesse ser governada por pelo menos uma boa pessoa, mas Kenneth, mesmo sentindo que seu

mestre Norár queria o meu perdão, havia crescido frio, desprezível e exalava inveja por Jonsin começar mais cedo do que ele a ouvir as vozes dos deuses.

De longe, avistei o local onde era meu quarto, e da janela vi entulhos de fenos e madeira, mostrando que ninguém mais dormia ali.

Não sei por que eles pensaram ser uma boa ideia criar uma barreira à nossa frente para que não víssemos a cerimônia, mas logo tratei de resolver a situação.

— Saiam! — ordenei, iluminando minhas mãos, lembrando que quando estávamos ali, não eram os sábios quem ditavam as regras. Os centauros e Terianos rosnavam enquanto passávamos por eles, que abriam caminho amedrontados até que todos nós acabássemos por ocupar a primeira fila.

Norár começou a cerimônia. Pegou um dos bebês em seus braços e fechou os olhos, passando-o de um em um para os sábios. O bebê chorava e se contorcia, mas eles se mantinham serenos.

No final os sábios concordaram e Norár gritou:

— Alfaiate! — Entregou o menino para a mãe, visivelmente aliviada.

Era o sonho de toda família dar à luz a um guerreiro pelo status, mas quando vinha a sentença de um cidadão livre, o alívio de poder criar seus filhos compensava. No entanto, não houve sequer comemoração dos aldeões, só porque o menino não fora sentenciado como guerreiro.

O segundo bebê lhe foi entregue e após passar duas vezes pelas mãos de cada sábio, já sabíamos que nada havia sido previsto. Mas o pior foi a careta azeda da mãe, que há segundos segurava seu filho no colo com carinho. Era uma ofensa dar à luz a um escravo, como se tivessem sido amaldiçoadas injustamente. Curioso o fato das mães se sentirem vítimas de uma maldição quando não eram elas quem viveriam uma vida repleta de maus tratos e condições desumanas.

Olhei para uma das magas e dei-lhe permissão para buscar o bebê. Norár o entregou sem hesitar, mas senti o ar de Ardhem pesar pela raiva em termos de levá-lo.

A cerimônia ocorreu normalmente. Das quinze crianças, oito foram guerreiros, quatro cidadãos livres e três escravos. No final, acabei feliz pelas mães que puderam ter seus filhos com elas e era a única coisa que me alegrava quando gritavam feito idiotas, celebrando a chegada de mais um guerreiro. Eu captaria as mentiras, mas felizmente todos os destinos foram corretos. Infelizmente, as três crianças rejeitadas a escravas eram coincidentemente bebês de poucos meses, e somente uma mãe parecia não aceitar o fato de ter seu filho levado embora.

Repúdio algum seria maior do que minha compreensão como mãe, e era inevitável me colocar em seu lugar. Deixei-a ter seus últimos momentos com seu filho. Ela chorava, lamentava, mas sabia tanto quanto eu que se o deixasse na aldeia, ele seria morto. Garanti que seria bem cuidado, assim como pedi alto aos

deuses para que seus próximos filhos fossem livres ou guerreiros, para que ela pudesse criá-los.

Caminhávamos de volta para o portal enquanto a multidão se dissipava atrás de nós, quando escutei alguém gritar meu nome. Norár estava fraco e sua expressão abatida. Prestei tanta atenção em detectar mentiras que sequer o notei.

— Meus dias estão terminando — lamentou.

Eu guardava as maiores mágoas dele, mas não foi fácil vê-lo dessa forma e saber do estado de sua saúde.

— Não irei lhe dar a água sagrada se não tive permissão para dar a Grand — disse decisiva, embora lamentasse negar-lhe ajuda.

— Só quero poder conhecer meus bisnetos... — juntava as mãos em súplica.

Aidan me olhou de canto de olho. Não esperávamos por essa. Não queria ter de levar Norár a Shadowfalls, muito menos queria trazer meus filhos a Ardhem.

— Verei o que posso fazer — prometi.

Ele consentiu um pouco triste, porém conformado, e nós seguimos caminho para voltar a Shadowfalls. Um outro rosto conhecido nos avistou. Ela parava em nossa frente sem medo. Estava mais magra e abatida. A esperança havia deixado seus olhos sempre tão cheio de vidas. Aquele azul brilhante agora parecia cinza, e os cabelos brilhosos que sempre foram presos nos mais lindos penteados, agora estavam soltos e opacos. Alyra não era minha amiga, mas vê-la dessa forma mexeu comigo.

— Você o matou... — falou desamparada.

— Precisei me defender — respondi com um certo pesar, não por tê-lo matado e sim por ver como ela ficou após a morte de Luke.

— Você tirou de mim a única oportunidade que tive de ser feliz. — Seus lábios tremiam e uma lágrima escorreu de seu olho esquerdo.

— Por que não conta a verdade? — sugeriu Fandra, impaciente.

Alyra se espantou e me olhou buscando a resposta, mas eu hesitei.

— Luke não é o único homem existente em Ardhem — falei pacífica.

Ela caiu em prantos.

— Tenho certeza que terá muitas chances de ser feliz — dei-lhe forças, depois fiz sinal para que continuássemos o caminho.

— Por quê? Por quê? — repetia angustiada enquanto caminhávamos sem olhar para trás.

— Por que não contou a ela? — Fandra parecia não entender minhas razões.

— Porque não é necessário ela saber que ele não voltaria mesmo que estivesse vivo. Ele se apaixonou por outra — lamentei, apesar de tudo. Ela o amava.

— No estado em que ela se encontra, contar a verdade poderia fazer com que ela tirasse a própria vida — Disse Aidan.

As magas e os Terianos nos aguardavam para ir a Weston entregar os bebês, mas não podia deixar os centauros irem embora sem antes perguntar o motivo que os afligia mais cedo.

— Alguma coisa acontecendo em Tork? — perguntei aos três que se entreolharam. Tartus consentiu e tomou a palavra.

— Shadowfalls pode não ser o único território a entrar em guerra.

Aidan franziu a testa.

— Perdemos oito dos nossos batedores.

— Mas quem faria isso? — indaguei.

— Trolls? — perguntou Aidan, lembrando da antiga aldeia da irmã.

— Trolls não conseguem chegar até nós. Já tentaram em um passado muito distante, mas acabamos com eles — Bravan comentou.

— Então quem seria? — indaguei.

— Minotauros! — Tartus cerrou os punhos de ódio.

Eu ouvira falar dos minotauros dias depois da última guerra. Com a nova aliança, os centauros nos contaram sobre eles. Seu território era afastado, eles moravam nas planícies, aos pés das montanhas. A única coisa que sabíamos é que essas montanhas possuíam cavernas que eram verdadeiros labirintos. Assim como os centauros, não se interessavam em alianças. Weston, ainda sob o reinado do antigo rei, tentou acordo com os minotauros, prometendo-lhes poder e riquezas. A resposta foi enviar apenas um de seus mensageiros com dois sacos, contendo as cabeças daqueles que os acompanharam. Eles tinham um ódio mortal dos humanos e acreditavam que nada que pudesse vir deles era bom.

— Ambos os nossos territórios expandiram nesses últimos oito anos — explicou Tartus. — Portanto era comum que nos esbarrássemos enquanto explorávamos as áreas próximas, a fim de descobrir algum perigo.

— E nunca houve confronto? — perguntei.

— Jamais! — enfatizou. — Por isso estranhamos quando vimos suas armas fincadas nos corpos dos nossos batedouros. Um típico costume dos minotauros.

— Demoramos para acreditar que teriam sido eles. Na verdade, nos recusávamos a acreditar — completou Fandra, decepcionada. — Mas quando vimos as perfurações de chifres nas armaduras, um no flanco e outro no ombro, não tivemos como negar, porque esse é um de seus golpes mortais mais conhecidos.

— Havia pegadas de sangue no chão e alguns pedaços de chifres também. — Bravan rangia os dentes.

— Não sabemos por que eles se viraram contra nós, mas estamos em alerta dia e noite — disse Fandra.

Ela parecia estar mais decepcionada com os minotauros do que preocupada com a guerra prestes a acontecer.

— Shadowfalls lutará ao seu lado se necessário! — prometi. — Enviarei grupos de Terianos que irão se revezar entre Tork e Shadowfalls.

Tartus tocou o peito com o punho fechado em respeito.

— Faremos o mesmo — afirmou. — Thalana inclusive já nos separou em grupos, caso ambas as guerras aconteçam em paralelo.

Consenti, mas temi que isso pudesse acontecer. Aidan também estava preocupado, mas por outro lado parecia aliviado.

— Quando contaram sobre o ataque, confesso que temi os trolls — disse, quando já havíamos seguido para Shadowfalls.

— Mas também devemos temer os minotauros! Eles são maiores que os centauros e bem mais fortes.

— Trolls são ainda maiores e mais fortes que centauros e minotauros juntos. Lembre-se que eles dizimaram várias aldeias de centauros, inclusive a da minha irmã — lamentou. — Só de pensar que eles poderiam colocá-la em risco novamente... — Suspirou amedrontado. — Ao menos, os minotauros não são tão difíceis de derrotar.

— Nada irá acontecer a eles, nem com sua irmã — prometi receosa.



Solicitei apenas que as magas fossem comigo a Weston, para me ajudar com as crianças. Levei uma menina no colo que aparentava uns sete meses e as outras duas levavam um menino de um ano e outra menina recém-nascida. Eles seriam dados a famílias em Weston, que não conseguiam engravidar ou por terem perdido seus filhos no parto. Infelizmente havia uma enorme lista de espera e só três famílias teriam a sorte de ter seus filhos nos braços.

Subíamos as ladeiras de pedra, do único local onde por tão pouco tempo fora mais meu lar do que a aldeia onde nasci. A menina acabou adormecendo em meus braços e toda vez que íamos a Weston, éramos recebidos de forma acolhedora. Curiosos, eles nos acompanhavam a fim de saber quais famílias seriam as felizardas.

Os guardas abriram as portas do castelo e nem precisaram anunciar nossa chegada, porque a notícia correu tão rápido que ele já me aguardava. Arturo prendeu o fôlego em um sorriso ao me ver. Eu queria deixar a formalidade de lado e correr para seus braços e até ele queria isso, mas precisávamos manter a compostura na frente de todos.

As magas se aproximaram e Arturo pegou a menina recém-nascida no colo. Ela dormia tranquila e nos remeteu à época em que nossos filhos cabiam no nosso antebraço.

— Chame as famílias Benthros, Rogers e os Fullers — pediu de forma serena a um dos guardas enquanto olhava a bebezinha em seu colo.

— Parece que foi ontem que meus filhos nasceram — dizia com o olhar cheio de saudades.

— Em breve terá um em seus braços novamente — brinquei e ele suspirou em um sorriso.

— Teria tido mais um se Anabel não tivesse falecido, mas o destino se encarregou de me dar mais duas lindas filhas.

De longe, ouvíamos os gritos das famílias escolhidas e elas mal continham a ansiedade ao entrar no castelo para receberem seus tão esperados filhos. As mães já haviam perdido seus filhos no parto, mas havia uma que sequer conseguia engravidar e essa foi a que mais se emocionou quando viu os bebês. Ela paralisou, tapando seu pranto com as mãos e foi acolhida e incentivada pelas outras, que se abraçaram. Os pais pareciam estar ainda processando o fato de que teriam seus filhos nos braços, mas os sorrisos então brotaram e a emoção tomou conta do castelo do rei. Parte dos guardas tinha esposas que também estavam na fila de espera e, em meio a tristeza de não terem sido os felizardos da vez, estavam felizes pelas famílias beneficiadas.

Entregamos as crianças. Realizadas, as novas mães se emocionaram ao nos agradecer. Arturo e eu lhes desejamos sorte e que as crianças pudessem encher suas vidas de alegrias.

Após elas se retirarem, Arturo pediu que os guardas fizessem o mesmo e eu agradei às magas, pedindo que retornassem a Shadowfalls.

Uma vez que estávamos sozinhos na sala, corri para seus braços.

— Como estão meus netos?

— Ótimos! Um dragão ancião chegou e Síndel me ajudou a curá-lo.

— Mas isso é fantástico! — Falou como um avô orgulhoso. — E Kai?

— Cada vez mais empenhado — gabei-me levemente.

— Eu achava que ninguém poderia ser tão importante quanto os meus filhos, mas como disse, o destino se encarregou de aumentar minha família. — Olhou pela janela.

— Acha que não sei do que está falando? — Debrucei-me levemente para ver Anika, que dançava feliz no jardim dos fundos do castelo.

A mocinha sorridente de dezessete anos nem lembrava aquela menina assustada e machucada que resgatamos da taberna. Eu a teria criado como filha, se ela não tivesse escolhido Megan e Tristan como seus pais. Arturo a amava incondicionalmente e eu a via como a filha mais velha que não tive.

— Kyara!!!

Virei-me para ver aquelas que, junto a Arturo, formavam meu único arrependimento em ter deixado Weston, pela falta que o convívio diário me fazia. Minhas irmãs que não tinham rabo de peixe, mas que eu amava igualmente. Gwen cresceu e se tornou uma linda mulher. Ela carregava seu arco nas costas e vestia roupas das arqueiras de Weston, uma saia por cima da calça, botas até os joelhos e uma blusa de gola alta fechada em cima, que caía para os lados como um sobretudo. Eram as novas armaduras, feitas com as peles de dragão que doamos para nossos novos aliados. Ao seu lado, Megan segurava seu ventre inchado em um lindo vestido azul-claro. Gwen e eu corremos em direção uma a outra enquanto Arturo ajudava carinhosamente Megan descer as escadas. Ela logo se juntou a nós em um abraço triplo. Arturo nos olhava emocionado.

— Precisa vir mais vezes — pediu Gwen em tom de saudades e eu lamentava não ter mais tempo.

— Eu juro que tento.

Desfizemos o abraço e beijei a barriga da minha irmã.

— Parece que foi ontem que soube que eu seria titia. — Acaricieei seu ventre e Megan apertou minhas mãos emocionada. — Síndel vai lamentar não ter vindo quando souber que a vi.

— Sempre lamento quando não a vejo. Primeiro porque a amo como minha e, segundo, porque ela me tranquiliza ao ver a luz do bebê e dizer que está tudo bem.

— Mas por que não estaria? — Gwen acariciou a barriga.

Sentamo-nos à mesa para um lanche, enquanto conversávamos e matávamos as saudades, relembrando as refeições na época em que Arturo era capitão da guarda, e sem Lana para quebrar qualquer clima familiar. Comentei sobre as novas armas e peles que seriam doados e Arturo se sentia agradecido, não somente pela minha ajuda, mas porque essa era a vontade de Anabel. Ele também sentiu que algo me incomodava, mas não comentei por não querer preocupá-lo. Nos víamos tão pouco, que só queria saber como as coisas andavam por lá.



Capítulo 04

Weston ainda era como um lar, mas voltar a Shadowfalls era sempre encantador, como se fosse a primeira vez. Aidan havia mandado um grupo de Terianos a Tork e um grande grupo de centauros cruzava Shadowfalls para a troca de vigília dos portões. Meu povo lhes dava água e comida em agradecimento pela ajuda e, no caminho, muitos deles auxiliavam as mulheres, carregando cestos ou vasilhames pesados. Ver a cumplicidade entre dois povos completamente diferentes era gratificante e fortalecedor, mas os temores da guerra próxima ainda estavam presentes e eu era assombrada pelas terríveis lembranças das tragédias da última guerra.

A noite começava a cair e Aidan estava perdido em seus pensamentos, visivelmente preocupado.

— Está pensando no que os centauros nos contaram? — indaguei afetuosa e ele consentiu.

— E se a guerra que você tanto teme, seja na verdade a guerra deles?

— Também me fiz essa pergunta mais cedo. — Fitei o chão, pensativa.

— Temos grupos de prontidão em ambos os territórios. Não podemos fazer mais nada além disso. Amanhã vou a Fainord e falarei com meu pai — prometi.

A água cristalina do lago central era um lindo espelho negro que refletia as estrelas. As sereias noturnas, que sempre eram vistas nas margens, naquele momento descansavam submersas, enquanto Dórken conversava com sua Shelly. Ela se sentava nas escadas do coreto que descia nas águas e ele estava no chão próximo a ela, enquanto conversavam ao pé do ouvido e de mãos dadas. A luz prateada da lua crescente brilhava sobre eles, transformando-os em duas lindas silhuetas de luz e sombras.

— Parece a gente, quando nos conhecemos. — Apontei com o queixo, sorrindo.

— E quem disse que ainda não somos assim? — Aproximou-se, beijando meus lábios.

Abraçamo-nos próximos ao lago, mas mesmo curtindo o momento, eu não conseguia relaxar totalmente.

Ao longe, minha filha que com certeza viu minha luz mudar de cor, já se atentou para o meu estado e, preocupada, correu para perto de mim.

— O que houve, mamãe?

— Nada meu amor — falei afetuosa, mas ela percebeu, Sem acreditar em mim olhou para o pai, em busca da resposta.

— Só estou preocupada com algumas coisas, mas é normal quando se é rainha. Você irá saber, futuramente — brinquei.



Já era de manhã, as crianças haviam ido para os treinos. Junto a Dunkan e Aidan, analisava as plantas de novas construções.

— Achei necessário criarmos mais pontes, uma vez que novos canais de rios foram interconectados ao longo de Shadowfalls.

— E quanto a esta aqui? — perguntou Aidan, mostrando um papiro amarelado pelo tempo.

Dunkan suspirou e logo percebemos quem havia desenhado.

— Este é um projeto antigo de Richard — disse após curta pausa. — Ele queria tê-la construído, mas naquela época, não havia os canais. Como era um dos projetos favoritos dele, me lembrei de trazê-lo para que dessem uma olhada. O caminho dela é bem largo, proporcionando que até quatro pessoas a atravessem ao mesmo tempo. No caso de uma outra invasão, os aliados que estiverem lutando nelas, poderão contar com a ajuda das sereias.

— Não vejo por que um projeto tão útil deveria ficar guardado! — Olhei para Aidan, aguardando seu consentimento, afinal, toda e qualquer mudança precisa do aval de ambos, rei e rainha.

Ele consentiu com um sorriso e os olhos de Dunkan brilharam.

— Façam muitas delas, será necessário para o dia-a-dia também — ordenou Aidan polidamente.

Dunkan se curvou em agradecimento e dois de seu clã, na forma humana, tomaram os projetos em suas mãos, para começarem as construções.

— Ele ainda sente muito a falta de Richard, não é mesmo? — lamentei.

— Eu também sinto. — Suspirou. — Mas veja pelo lado positivo, graças à sua ideia de construir os canais, não somente as sereias noturnas tiveram mais espaço para se locomover e nos ajudar no caso de invasões, como proporcionou Dunkan a realizar um sonho antigo de seu parceiro.

Sorri, mas a dor de Dunkan era tamanha, que eu não podia evitar de senti-la quando o via. Os anos se arrastavam para ele, e a saudade de Richard, que deveria

amenizar, parecia que aumentava, como se fosse recente.

— Preciso ir a Fainord falar com os elfos. Não sei se volto antes do término dos treinos das crianças.

— Leve o tempo que achar necessário — tranquilizou-me. — Preciso treinar e acompanhar algumas construções. Disse às crianças que elas poderiam brincar após os treinos e me encontrar no lago central, perto da hora do jantar.

— Obrigada. — Beijei seus lábios.



Fainord era um local tão maravilhoso que se eu não amasse tanto o meu lar, me mudaria para lá sem pestanejar. Como se não fosse um sonho realizado poder finalmente me relacionar com eles, ainda tive o prazer de conhecer o motivo real do nome de seu território. Fain significa branco, e Nord é carvalho na língua dos elfos. Esse nome é devido à Gálatha, um enorme carvalho ancião branco e mãe de todas as dríades. De todos os territórios do elfos, Fainord é o mais conhecido e respeitado por cuidar dela com tanto carinho.

Fiz questão que o portal fosse feito perto da entrada, desse jeito, eu poderia percorrer toda aquela floresta linda até chegar à sua cidade. Apesar do meu estado de alerta por temer a guerra, eu precisava relaxar, portanto resolvi deixar minha armadura em Shadowfalls e ir com um longo vestido aveludado azul turquesa, com bainhas verde-água, minha combinação favorita de cores. Meu arco negro e fiel companheiro estava em minhas costas com a aljava, pois mesmo sem a armadura, precisava estar preparada caso ocorresse uma tentativa de invasão a Shadowfalls ou a Tork.

Eu trilhava um caminho de pedras cinzentas que cortava uma floresta, habitat de lindas e exóticas criaturas que não se viam em Shadowfalls. Inúmeros carvalhos e árvores grandiosas eram vistas por todos os lados. Sentinelas com suas armaduras douradas e reluzentes guardavam o caminho a poucos metros de distância uns dos outros, e todos me cumprimentavam quando eu passava.

Nas árvores, eu via as casas das fadas, que mais se assemelhavam a ninhos de pássaros pendurados por longos fios trançados e enfeitados por flores. Era umas das coisas mais lindas que meus olhos já viram. Então, senti algo pousar no meu ombro e quando olhei, não evitei sorrir ao ver minha espécie favorita. Draklings eram dragões do tamanho de uma fada, uma longa cauda onde, na ponta, três escamas se abriam para ajudá-los no voo, mas que pareciam três pétalas de rosas e com asas de borboletas. Ele era todo vermelho rubi, como uma pequena joia preciosa.

Sentou-se no meu ombro para coçar seu maxilar com a pata traseira, depois lambeu as patinhas dianteiras para limpar seu rosto, retomando seu voo em seguida.

Suspirei maravilhada ao vê-lo voar tão graciosamente. Era a primeira vez que um deles pousava em mim.

Continuei trilhando aquele lindo caminho de pedra, que percebi que separava a floresta de um rio. À frente, vi uma jovem elfa de vestido branco e dourado, entrando na água descalça. Ela usava uma coroa de flores amarelas na cabeça e a ponta de suas orelhas ultrapassava o enfeite florido. Seu cabelo estava solto, era loiro e caía em uma ponta até o meio de suas costas. Sem se preocupar em molhar o vestido, ela caminhou até que a água batesse abaixo de seus joelhos, tirou uma flauta dourada de seu cinto marrom e começou a tocar. As dríades que estavam perto se aproximaram para assistir, o sentinela mais próximo esticou o pescoço e sorriu antes mesmo do que aconteceria, como se já soubesse o que aquela linda jovem estava prestes a fazer.

Ela tocou sua flauta e, em questões de segundos, peixes cintilantes nas cores roxas, vermelhas e douradas muito similares a carpas, apareceram. Eles a rodeavam em movimentos como se estivessem dançando, reluzindo seu brilho na água como um espetáculo colorido. Fiquei completamente estupefata com aquela visão, então os draklings surgiram voando e a rodeando na altura da cintura, enquanto as fadas pairavam no ar, em diversas alturas, exibindo seu brilho colorido. Aquela simples brincadeira era um espetáculo para quem via. Mas quem disse que o espetáculo era apenas de cores? Pequenas ações me encantavam, mas também traziam as amargas lembranças do passado, de quando eu ainda era uma escrava.

Eu era constantemente assombrada pelo meu passado e lamentei por muitos que até naquele momento se encontram no meu antigo lugar, privados de conhecer diferentes locais, aprender que o mundo não é somente aquela bolha injusta em que vivem e que muito daquilo que se é levado a acreditar, não é exatamente a verdade. Ao menos em Ardhem, os escravos possuíam uma chance, mas a triste verdade é que ainda havia muitas *Ardhens* espalhadas por Valdállen e milhares morreriam sem ter essa chance. Suspirei angustiada.

O rio acabou e o caminho voltou a cortar florestas, até que avistei as construções. Fainord era uma fantasia viva, daquelas que habitavam no subconsciente de qualquer criatura, seja criança ou adulta, e que te abraçava de forma convidativa a não querer mais deixar seus braços. Se eu não amasse tanto Shadowfalls, se não fosse rainha... Suspirei, sugando todo aquele ar puro e energia que só se encontrava ali.

As construções eram exuberantes jardins construídos nas florestas. Bancos de madeira entrelaçados eram separados por enormes jarros que guardavam lindos enfeites de flores. Os caminhos eram contornados por arbustos frutíferos, estátuas brancas de elfos importantes em pedestais e as diferentes espécies de borboletas que voavam como uma dança no vento.

Pequenas pontes enfeitadas com flores cortavam os lagos rodeados de pedras cinzentas, onde os peixes cintilantes nadavam. Crianças corriam livremente, adultos se sentavam nos bancos para observá-las e as espécies de animais exóticos caminhavam livremente entre todos, porque ali não havia motivo para temer o homem.

A entrada era uma gigantesca porta esculpida no muro, contornada por entalhes élficos brilhantes. No chão, os sentinelas sempre a postos de ambos os lados, se enfileiravam na borda do luxuoso tapete azul e dourado, que além de maravilhoso, era um conforto para meus pés.

Eles inclinaram levemente a cabeça em um tom de respeito e eu fiz o mesmo ao passar por eles. Eu era considerada como parte do seu povo, porque minha metade elfo era de maior importância, impressionantemente, bem maior do que o fato de eu ser neta do Deus que cultuavam. Por isso, minha presença nunca precisava ser anunciada. Talvez um dia, quando os anos pesassem o suficiente para enrugar minha pele e retirar-me as forças, quando meus filhos atingissem a idade adulta e minha filha tomasse o trono, Aidan e eu poderíamos nos mudar e desfrutar nossos últimos anos de vida ali. Afinal, eles também eram minha família.

No entanto, o maior deslumbre para os meus olhos era a gigantesca estátua de Báhlgor, um cervo, feita de pedras brancas, e ao contrário de qualquer representação de cervos que já tenha visto, este era imponente e com um olhar de fúria. Tinha um enfeite de flores em vermelho vivo que cruzava seu tórax como uma faixa. A estátua ficava no centro de dois corredores que se dividiam, mas davam para o mesmo lugar, a parte interna de Fainord.

O corredor parecia o interior de uma caverna luxuosa, tochas iluminavam o caminho e eu passava por várias estátuas dos antigos reis e rainhas, ainda muito lembrados e amados. Os homens eram esculpidos em pedras prateadas, porque para os elfos, a cor prata significava força. Já as mulheres eram esculpidas em dourado com detalhes vermelhos nas roupas, pois o dourado significava astúcia e o vermelho era a cor que representava o respeito pela mulher, por ser geradora da vida. Não foi à toa que Báhlgor se revoltou com a mentira de Lana.

As luzes do sol refletiam em meu rosto como um carinho de boas-vindas, quando saí do corredor e entrei na cidade. Respirei fundo novamente e sorri para aquela obra de arte que criatura alguma conseguiria esculpir, senão eles.

Fainord era toda construída com entalhes élficos nas portas e janelas, as entradas eram enormes e as peças raras de tapeçaria, móveis e cortinas davam um luxo àquele local como jamais eu vira antes. Portas e estruturas eram enormes, dando a sensação de grandiosidade. Sentia-me pequena lá dentro, mas isso estava longe de ser soberba. Os elfos eram apenas grandes fãs de arquitetura, mas eram as criaturas mais humildes que eu já havia conhecido. Ofereci-lhes materiais dos dragões para

fortalecer suas armas e armaduras, mas eles gentilmente recusaram, sugerindo que eu oferecesse a parte deles a Weston, que julgaram precisar mais.

Percorri a cidade por entre as estruturas até chegar no centro de Fainord que fora construído de modo aos elfos terem uma enorme floresta cercada. E lá estava ela, no centro de uma ilha rodeada de um deslumbrante e reluzente rio, que emanava uma névoa quase mágica. Seus galhos, que eram também seus braços, beijavam as águas com suas folhas brancas. Ela era uma dríade que incorporara o corpo de seu carvalho por completo, limitando a mover-se. Seu largo tronco possuía curvas de uma silhueta feminina e nem mesmo as raízes das mais velhas e fortes árvores fíncavam-se tão fortemente ao solo como as dela. Ela era a mais forte não só de todos os carvalhos, mas de todas as árvores e possuía respeito e admiração por todos que cultuavam ou tinham qualquer ligação com a natureza. A ponte de madeira arqueada, decorada com adornos em dourados, ligava a passagem entre o chão e a ilha onde Gálatha ficava. Inúmeras carpas e espécies de peixes diferentes nadavam naquele lago tão cristalino quanto o de Shadowfalls, ajudando a compor um cenário mágico. As inúmeras passagens com portas em formato de arco, me lembravam os aquedutos próximos à floresta de Weston. Inúmeras lindas elfas tocavam harpas ou flautas, o que resultava em um constante, delicado e relaxante fundo musical que parecia compor o território.

Gálatha adorava ouvir os sons dos instrumentos élficos, ela dizia que as plantas, assim como todas as criaturas, também gostam de carinho, e a música muitas vezes as fazem crescer melhor. Por isso, era muito comum ver elfos tocando perto de determinadas plantas e, juntando com seus poderes de cura, eles acabavam por morar na mais magnífica floresta que eu já vira em toda minha vida.

Há alguns metros, à direita do lago, havia um enorme morro de pedra. O topo servia como base para os aposentos da rainha, um lindo castelo com uma enorme varanda, construída em um penhasco, e de onde Windriel acenava para mim, feliz com minha chegada.

Subi as escadas delicadamente esculpidas por entre as pedras do grande morro e saí em um corredor branco, onde os arqueiros reais guardavam a entrada. Inclinarão-se levemente com a minha chegada e eu retribuí em respeito. Eles se sentiam honrados com minha presença, mas se houvesse uma única chance de eu tomá-los como tolos, seria pelo fato de desconhecerem a importância que tinham para mim e o quanto eu me sentia honrada de ser parte deles.

O corredor logo ganhou a presença de Windriel, que vinha em minha direção com um sorriso nos lábios. Ela era uma das mais belas elfas, tornou-se o braço direito da rainha e a melhor dos arqueiros. Deixamos a formalidade de lado em um abraço apertado. Ela vestia um longo vestido vermelho com bainhas douradas, de tecido leve e esvoaçante, parecendo dançar a cada passo que dava. No entanto, sua

presença era dolorosa ao mesmo tempo. Minha intuição pulsava na ideia de que ela escondia mais do que suas palavras diziam. Eu sabia que o segredo que ela guardava e o silêncio sobre o assunto a consumiam.

— Windriel! — sorri.

— Sempre uma honra recebê-la. — sorriu de volta.

Minha presença era ao mesmo tempo dolorosa e reconfortante pelo o que eu especificamente representava a ela.

— Presumo que não irá treinar hoje — eu disse, fitando sua vestimenta.

— Quase nunca descanso. Achei que um dia relaxante não me faria mal.

— Lostrédiel pode me ver?

— Sempre que as harpas e flautas são tocadas, ela medita.

— Eu sempre me esqueço — ri.

Ela sorriu, mas depois fitou o chão por um breve momento.

Mesmo os elfos sendo espécies conhecidas por sua bravura e benevolência, não havia uma que se comparasse a Windriel. Ela aparentava poucos anos mais velha, mas a verdade era que havia cerca de duzentos anos de diferença entre nós. Eu a sentia como nunca senti os outros e, por isso, sua tristeza me consumia. Então, depois de inúmeras esperanças onde em vão eu aguardei que ela me contasse, resolvi que era hora de pôr um fim em seu silêncio.

— Podemos conversar? — falei afetuosa, conduzindo-a para as escadas.

Ela percebeu minhas intenções e, por um momento, pensei que fosse hesitar. Mas, em seguida, ela deu um suspiro de alívio em poder finalmente falar sobre isso. Viramos à direita e nos sentamos em uma enorme praça onde elfos e dríades conversavam. Havia uma linda e larga fonte branca que me lembrava a de Aidan, mas sem o cristal flutuando. O restante do cenário era um lindo jardim de flores vermelhas em arbustos verdes, com árvores e dríades ao redor.

Ela sentou-se em silêncio, pacientemente aguardando minha pergunta óbvia. Seus olhos por um segundo zanzaram, fitando o bando de borboletas coloridas que voavam, seguindo seu curso, com ajuda da deusa Airya em uma leve brisa.

— Por que nunca contou a ele? — perguntei afetuosa.

Sua cabeça virou abruptamente em minha direção e somente depois ela relaxou os ombros.

— Quando um elfo ama alguém, ele ama de verdade, e se ele a perde, não existe outra que possa tomar o lugar da que se foi — lamentou.

Windriel era uma das mais lindas elfas que eu já havia visto. Seus cabelos pareciam querer competir com o sol de tão amarelo e brilhante, seus olhos eram verdes como duas joias raras em um rosto delicado e de traços finos. Não havia um elfo sequer que não a notasse, mas seu coração sempre pertenceu aquele que ela nunca teve: Meu pai.

— Há anos tento te contar, mas nunca tivemos oportunidades de nos sentarmos juntas.

— Estou aqui agora. — Peguei em sua mão em apoio.

Ela então suspirou e esfregou a mão livre nas coxas para se preparar para contar.

— Mesmo sendo um Deus, ele adorava ficar entre nós e assumia uma forma mortal. Somente Lostrédiel sabia quem ele realmente era, e o aceitou não somente por ser um Deus, mas porque sentia que parte dele desejava ter uma vida como a nossa. Eu mesma, que era sua melhor amiga, nunca soube a verdade. — Suspirou. — Gostávamos de caçar juntos e eu era completamente apaixonada por ele, mas a sua paixão era a vida na aldeia e hoje compreendo. Às vezes ele gostava de ir sozinho à floresta e foi em um desses dias que ele conheceu a sua mãe. — Fitou o chão.

— Windriel, Kyara... — disse um dos guardas nos saudando. — Lostrédiel está à sua espera.

Não podia deixar a rainha esperando, mas não consegui evitar a curiosidade em querer saber o resto da história.

— Termine de contar depois — prometeu-me.



Capítulo 05

Lostrédiel se sentava em seu trono feito de madeira escura. O encosto era como o tronco e vários galhos de uma grande árvore, que se estendia por diversas direções, tocando a parede e se juntando a detalhes élficos esculpidos.

— Majestade! — Ela sorriu e se levantou de seu trono.

— Majestade. — Curvei-me em respeito com um enorme sorriso no rosto.

Lostrédiel tinha lindos olhos azuis e cabelo branco acinzentado, muito parecido com os meus, mas em um tom mais escuro. Eles eram trançados ao redor da cabeça em um lindo penteado, onde as pontas das orelhas apareciam. Vestia um longo vestido cinza com adornos arredondados em azul.

Fomos de encontro uma a outra e, muito gentilmente, ela me conduziu para a mesma varanda onde vi Windriel ao chegar.

— Elas tocam tão bem, não é mesmo? — Sorriu Lostrédiel ao olhar para as elfas que conversavam com Gálatha. A grande árvore parecia dar-lhes conselhos os quais elas ouviam maravilhadas.

Sorri para a paisagem.

— Como estão as jovens dríades? — ela perguntou.

— Estão fortes e felizes. Kai adora ficar com elas.

Lostrédiel sorriu.

— Não tinha dúvidas de que elas ficariam bem em Shadowfalls, mas há algo que gostaria de consultar com você antes.

— E o que seria?

— Arturo me visitou há uns dias. A pedido de seu pai, foi feito um portal aqui para Weston também.

— Verdade? — Sorri feliz com a notícia.

— Ele quer plantar mudas de carvalho na floresta próxima a Weston. Como uma forma de se redimir.

— Até hoje se sente em dívida com nossos povos — lamentei. — Arturo é um homem bom, talvez um dos melhores que ainda existem.

— Não vejo sombras em sua alma. Vejo clareza e uma linda energia.

— Parece-me que algo a preocupa... — Franzi a testa. Ela suspirou.

— Nossos laços com as dríades transcendem os laços de sangue. Confio em Arturo, mas e quanto ao seu enorme povoado? Não gostaríamos de arriscar que um deles derrubassem um carvalho. Seria como gerar um filho para perdê-lo ainda jovem.

— Entendo sua preocupação, majestade, mas confio que Arturo, sabendo dessa ligação, jamais faria algo que colocasse as dríades em perigo. Ele é amado e respeitado pelo seu povo. Se ele deixar claro que ninguém deve sequer encostar em um carvalho, ninguém fará!

— Você realmente confia nele, não é mesmo? — Fitou-me afetuosa.

— Sem sombras de dúvidas, majestade. E eu o amo o suficiente para garantir a sua palavra — falei respeitosa.

— Mas ele não é o seu pai verdadeiro — disse uma voz fingindo ciúmes.

Lostrédiel e ele sorriram e se curvaram.

— Dê as mudas para Arturo. — Assegurou meu pai. — Prevejo um bom futuro entre elas e as crianças de Weston. Também prevejo uma excelente oportunidade de uma reaproximação do homem com a natureza.

Lostrédiel consentiu com a cabeça, depois sorriu e se curvou respeitosamente.

— Irei providenciar, mas faço questão que meus homens escolham os melhores lugares para eles serem plantados. — Retirou-se para nos deixar a sós.

— Preciso vir a Fainord para te ver? — brinquei enquanto ele me abraçava.

— Pode me encontrar onde quiser.

Voltamos para a varanda. Meu pai adorava olhar o lago, que sempre foi seu lugar preferido.

— Sente saudades daqui?

Ele fez um gesto positivo com a cabeça, enquanto fitava o horizonte, perdido. Parecia triste.

— Por que não volta a viver aqui como costumava? É um Deus novamente.

As elfas agora já haviam ido embora, mas ela atravessava a ponte com um embrulho nas mãos. O semblante de Gálatha se entristeceu ao vê-la. Seus lábios mexiam em palavras de afeto, e Windriel ouvia atentamente, enquanto abria o embrulho de um pano bege nas mãos, onde guardava as rações dos peixes.

— Não é mais a mesma coisa... — lamentou meu pai ao olhá-la.

— Ela te ama, pai...

Ele suspirou.

— É exatamente por isso que quase não venho mais.

— Sinto que você gosta dela — instiguei-o.

— Mas eu amo a sua mãe. — Suspirou.

— Ela está morta. Não é errado seguir em frente.

Ele não respondeu, mas lamentava.

— Windriel me contou algumas coisas.

— Contou? — Tocou meu braço para ver até aonde eu sabia.

Ele suspirou fundo ao ver a expressão no olhar de Windriel quando me contava de sua vida antes de ele conhecer Alda.

— O que está me escondendo, pai?

— Quando a imortalidade me foi devolvida, pensei em continuar por aqui e voltei com os outros elfos sobreviventes da guerra. Houve festa com a nossa chegada e comemoraram o fato de eu ter minha imortalidade de volta. Então, quando Windriel me abraçou, pude ver toda a verdade. Um Deus consegue ver ou passar para um mortal toda a visão de um passado quando encosta nele.

— Izobel fez isso antes de morrer... — Suspirei.

— Humanos também podem, se permitido pelos deuses, mas são raros. Izobel foi uma das últimas a conseguir, pela sua bondade. Acho que você vai preferir ver, para entender melhor. — Tocou meu braço e eu me senti como se fosse sugada para uma outra dimensão.

Windriel aguardava aparentemente tranquila, mas eu sabia que havia uma certa tensão. Era como se o encontro prestes a acontecer, lhe causasse desconforto. Ela vestia um longo vestido verde simples e havia flores em seus cabelos presos para trás. Uma pessoa estranha se aproximava, mas Windriel não se assustou. Uma linda mulher apareceu. Seus cabelos negros estravam trançados para trás em duas tranças embutidas e usava as armaduras de couraças de Arnhem. Ela olhava para os lados, procurando-o.

— Era aqui que vocês costumavam se encontrar? — perguntou Windriel abatida, saindo detrás de uma árvore.

A mulher virou-se rapidamente, erguendo sua espada em alerta.

— Não vou lhe machucar, Alda — assegurou-lhe em um tom tranquilo.

— Como sabe meu nome, elfa? — inquiriu com escárnio, olhando para os lados.

— Onde está Ranfel? — Ameaçava-a de longe ainda apontando a espada.

— Tenho uma mensagem para você.

— E por que ele não veio dizer pessoalmente? — Lançou lhe um olhar desconfiado.

Foi então que os olhos de Windriel encheram-se de lágrimas, enquanto ela cruzava os braços, afagando-os, demonstrando um leve desconforto de estar ali. Somente assim, Alda desfez lentamente a posição de ataque.

— Ele está bem? — Ergueu as sobrancelhas, tensa com a possibilidade de meu pai estar ferido.

Windriel balançou a cabeça e limpou uma lágrima.

— Nosso Deus Báhlgor descobriu o romance de vocês e o castigou.

Alda engoliu seco.

— Como castigo, sua imortalidade foi retirada e Ranfel agora está preso em nossa aldeia.

— Imortalidade? — Franziu a testa.

Windriel pela primeira vez se aproximou e pegou as mãos de Alda como súplica.

— Ranfel é filho de Báhlgor. Ele ainda era um Deus quando gerou um filho em você. — Tocou seu ventre.

— Filho?! — Solto as mãos, dando um passo para trás

— Ele cresce dentro de você. Um semideus.

Alda estava visivelmente assustada e confusa. Windriel segurou seus ombros e buscou seu olhar para lhe dar força.

— Escute, Ranfel e você não poderão mais se ver, mas isso não importa no momento! Precisamos proteger seu filho!

Alda parecia processar a notícia em sua mente, até que se deu conta da gravidade da situação.

— Irão matá-lo em Arnhem!

— Não se pensarem que é fruto de uma relação entre um deles. — Windriel falou desconfortavelmente. Ela sabia que pertenciam a espécies diferentes, mas jamais lhe agradaria aconselhar uma mulher a deitar-se com um homem sem amor, mesmo que fosse para salvar um bebê.

Alda franziu a testa novamente em um semblante enojado.

— Deite-se com alguém e salve seu filho. É a única forma de ele sobreviver e poder criá-lo.

— Não vou criar meu filho lá! Ele não merece aquele lugar! Fugirei antes mesmo de ele nascer.

Windriel pensou por um momento e teve uma ideia.

— Por mais que não sejamos aliados, nós, elfos, jamais deixaríamos de prestar ajuda a uma mulher que dá à luz. Proponho nos encontrarmos neste mesmo local, daqui há sete luas e eu lhe ajudarei a entrar em Fainord para ter o seu filho. Não podemos lhe dar abrigo, mas a criança ficará segura. Até lá, se algo ruim acontecer ou se lhe ameaçarem, não pense duas vezes, PULE NA ÁGUA!

— E ser morta pelas sereias, aqueles monstros marinhos? — respondeu em um ódio sarcástico. — Por que acha que eu iria recorrer à criaturas que já mataram vários dos meus?

— Elas irão ajudar se eu pedir. Elfos e sereias são aliados e eu mesma tenho duas grandes amigas entre elas. Farão isso por mim, por Ranfel e principalmente pela criança.

Alda parecia relutante.

— Por que acha que eu mentiria para você?

— Porque você é uma elfa — resmungou.

Suas palavras saíram como farpas, pois mesmo pacífica com a situação, não conseguia ignorar o fato de serem rivais. Desaprovei o gesto de Alda, mas, ao mesmo tempo, tentei entendê-la. Como se não fosse doloroso o suficiente saber que não veria mais o amor de sua vida, ainda descobria estar carregando um filho dele. Um filho que teria de entregar a duas espécies rivais para que ele sobrevivesse. Alda estava arruinada em saber que os elfos o criariam em seu lugar e ela jamais teria a chance de vê-lo crescer. Ela enfrentava o pesadelo de qualquer mãe.

Por outro lado, também não era fácil para nenhuma mulher de coração partido, independente da espécie, ter de olhar nos olhos de sua rival, oferecer uma ajuda para depois ouvir ofensas desnecessárias.

Windriel cerrou os olhos.

— Sim, uma elfa — ela disse contendo sua raiva. — Uma espécie superior à sua, que pode acabar com você em um piscar de olhos — ameaçou.

— Tente a sorte. — Desembainhou a espada, apontando para ela em ameaça. — Não sou qualquer humana e mesmo grávida posso acabar com você.

Os punhos de Windriel cerraram, mas ela respirou fundo.

— Não luto com mulheres. — Expirou fundo, baixando e retirando a tensão dos ombros. — Muito menos com uma grávida.

Grávida de Ranfel, ela pensou, fitando o chão. Nesse momento, Alda percebeu.

— Há quanto tempo você o ama, elfa? — perguntou debochadamente.

— Tempo suficiente para querer salvar o filho dele — respondeu firme. — Não me importo com você.

— Por que acha que eu entregaria meu filho a você, se posso apenas não mais retornar a Ardhem? Sei caçar, construir abrigo e tudo o que preciso para sobreviver sozinha.

Alda estava blefando. Ela seria de fato capaz, mas a solidão não lhe agradava. Windriel percebeu.

— Vocês humanos mentem tão mal...

— Acha que me conhece, elfa? — zombou.

— Você é que não nos conhece. Há algo sobre nós que vocês deveriam saber.

Alda a fitou semicerrando os olhos.

— Não andamos sozinhos — ela falou seriamente enquanto outras elfas saíam detrás das árvores ou de dentro das folhagens, pousando em troncos altos,

ameaçando-lhe com flechas, prestes a atirar.

Alda então se viu cercada e, a contragosto, abaixou sua espada.

— Teriam coragem de atirar em uma mulher grávida? — zombou. — Vocês não são melhores do que os humanos.

— Você não entende, Alda. Se quiséssemos, já teríamos matado você. Eu mesma teria feito sozinha. Vim em paz e fui ameaçada. O que seria mais importante? Proteger uma criança que carrega metade de nosso sangue ou um de nós? A resposta é meio óbvia, não é mesmo?

— Nada diferente do que os humanos fariam, o que só prova que vocês são exatamente como nós. — Cuspiu no chão enojada. — Hipócritas!

— Você ajudaria sua rival, salvando a criança que ela carrega, por amor ao mesmo homem? Mesmo que essa criança não pertencesse à sua espécie por inteiro? — Windriel perguntou abatida.

Alda titubeou e Windriel balançou a cabeça de forma a tentar não se enfurecer.

— Mesmo que a criança fosse inteiramente humana, você o mataria, impedindo a criança de vir ao mundo, porque o filho do homem que você ama, e que nasceu fruto de um relacionamento com outra mulher, seria um eterno fardo em sua vida — acusou-a. — É por isso que queremos criá-lo conosco! Não queremos que uma criança inocente que carrega parte do nosso sangue se comporte como os humanos.

Alda então suavizou o olhar e fitou o chão. Sentiu um leve constrangimento e, por mais que doesse, preferiu que o filho fosse criado pelos elfos e aprendesse a ser o que ela não era.

— Sete luas, você disse... — falou secamente.

— As sereias estarão de prontidão caso você precise pular na água.

— Diga a Ranfel que eu o amo...

Windriel, visivelmente de coração partido, consentiu. Sabia que ele jamais teria o seu coração como tinha o de Alda, portando, estava disposta a fazer qualquer coisa para salvar o filho do homem que amava.

— Lembre-se de deitar-se com alguém, afinal, você e o bebê precisam estar em segurança durante a gestação. Não lhes farão mal enquanto acreditarem que a criança é um deles.

Fui trazida de volta das visões e meu pai me olhou afetuosamente quando me notou decepcionada.

— O que houve? — ele perguntou, já sabendo a resposta.

— Alda era como os cidadãos de Ardhem — comentei com a voz falha.

— Filha, há mais coisas em relação à sua mãe que você precisa saber. — Suspirou e tocou meu braço novamente. Ele estava prestes a me proporcionar novas visões. Eu consenti, e então ele o fez.

Em um piscar de olhos, as visões se voltaram para Alda no salão dos tronos, de frente para Norár, que a olhava com desgosto. Windriel não sabia que Alda era filha de um sábio e que, por mais decepcionado que ele estivesse, não deixaria que matassem sua filha. Sendo assim, Alda nunca se deitou com ninguém para proteger sua gestação.

Ela o olhava de cabeça erguida, se recusando a se arrepender de seus atos, mas ao mesmo tempo estava arrasada por ter decepcionado seu pai. Norár lhe cuspiu palavras árduas por se recusar a aceitar o que sua filha havia feito. Com exceção de Grand, os olhares dos sábios a condenavam à morte, mesmo sabendo que não poderiam interferir no destino que os deuses lhe deram.

— Os deuses me amaldiçoaram — ele falou com voz arrastada.

Grand baixou a cabeça, lamentando as cruéis palavras de Norár.

— É seu neto... — Alda falou amargamente.

— Meu neto não é filho de elfos! — cuspiu no chão.

— E vai permitir que me matem? — encarou-nos nos olhos, falando amargamente.

Então Norár, pela primeira vez, suspirou melancólico.

— Não posso permitir — falou com a voz embargada. — No entanto, não pense que terei amor pela criança, assim como não tenho mais amor por você! — enraivou-se.

— Pelos deuses, Norár! O que está dizendo? — Grand questionou-o incrédulo.

Alda enrijeceu seu corpo e mesmo com os olhos repletos de lágrimas, ela expressava raiva.

Ele então deu a ordem e ela perdeu sua liberdade. Os aldeões a xingavam, a humilhavam, mas ela não se deixava abater. Passava de cabeça erguida sem esboçar uma única reação diante das hostilidades. Alda tinha um autocontrole como eu jamais vi em ninguém. À noite, ela se deitava e conversava comigo em seu vente.

— Vai ficar tudo bem. — Chorava, acariciando a barriga em movimentos circulares — Prometo, minha criança, que quando você nascer, não fará parte de Ardhem. Não posso permitir que se torne um deles, ainda mais um escravo! Você merece uma vida muito melhor do que essa.

Alda olhou para frente e respirou fundo.

— Eu recorreria a exércitos de espécies rivais se eles pudessem te proteger. — As palavras saíram como um tormento. — Mesmo que se tornasse um guerreiro, e eu sinto essa força em você, ainda assim, desfrutar do que nosso status nos proporciona, lhe seria insuficiente, porque você estaria em Ardhem. Eu te amo o suficiente para saber que você não pertence a esse lugar. Isso é a maior dor no meu coração, mas irei lhe entregar aos elfos. — Caiu em prantos por longos minutos. —

Por favor, não cresça acreditando em uma ideia irreal de que eu o abandonei por não te amar.

Alda continuou chorando até que Grand, também aos prantos, entrou pela porta e foi em direção a ela, abraçando-a como um pai abraça uma filha.

— Enquanto estiverem por aqui, protegerei vocês — prometeu, fazendo Alda relaxar. — E estarei ao seu lado para secar seu pranto quando entregar a criança aos elfos.

Grand sabia, não pelas visões dos deuses, mas porque Alda havia contado. A situação era tão crítica que ele em momento algum se opôs. Ele lamentava não poder ficar com a criança, mas Grand também não me queria lá. Ele estava disposto a dar todo apoio para a filha que jamais nascera dele e ambos sofreriam juntos a falta que a criança faria.

— Lembre-se — ele direcionou o rosto de Alda para ele —, quando sentir saudades ou questionar se fez certo em entregar seu filho, olhe ao redor e veja do que você o poupou.

Alda consentiu em silêncio, mas a sua dor era gritante. Nenhuma mãe deveria passar por aquilo.

Um flash estourou em meus olhos e eu fui levada novamente para um outro local. As visões de Alda já haviam cessado, mas meu pai parecia ter mais coisas a me mostrar.

Perto de Fainord, Windriel estava ajoelhada em uma pedra, perto ao mar. Ela conversava com uma sereia sentada em uma rocha próxima. Eu logo a reconheci, pelos seus lindos cabelos negros. Maleena, antes da maldição, a mesma que salvou minha mãe. Windriel chorava e falava de Ranfel, do quanto doía não ser correspondida, mas explicava a importância de salvarem o bebê de Alda. Maleena não tinha muito interesse em salvar uma aldeã de Ardhem, mas o fato de um bebê inocente correr perigo era algo que ela não estava disposta a deixar acontecer. Então, houve uma leve movimentação na água, onde uma outra sereia emergiu e, para o meu espanto, era exatamente igual a Maleena! Ela tinha uma irmã gêmea! As duas ouviam atentamente, estavam tocadas com a tristeza de sua amiga.

Outro flash me levou a um dia onde os ventos sopravam forte, um dia de fúria da deusa Airya. Maleena olhava tensa para a faixa de areia onde Alda era arrastada.

— Isso não era para estar acontecendo! — ela se desesperava.

— O que você vê? — perguntou sua irmã gêmea, aflita. Ela estava no mar, mantendo-se firme enquanto as ondas quebravam e o mar se agitava.

— Ainda faltam dois dias!

— Ela vai pular? — sua irmã se espantou.

Maleena viu Alda se jogar na água.

— Vá! — Ordenou — Avise as outras para me ajudar, depois avise a Windriel que estamos chegando dois dias antes do combinado!

Maleena pulou na água e nadou o mais rápido que pôde. Sua irmã chamou as outras e depois avisou a Windriel, para que ela pudesse trazer uma manta seca pois Alda chegaria antes do previsto.

Mais uma vez fui levada por um flash de luz e Maleena chorava ao sofrer a maldição. Ao longe, ela ouvia sua irmã gêmea chamar seu nome, incompreensível para minha língua.

As sereias a olhavam com pena, pensando em como contariam.

— Onde está minha irmã? O que aconteceu? — desesperou-se.

A deusa Mereen apareceu. Ela nadava com uma enorme cauda e se sentou graciosamente à sua frente.

— Elas sobreviveram? — A sereia perguntou aflita.

Mereen balançou a cabeça de forma triste e a irmã gêmea de Maleena levou a mão à boca, em prantos.

— Alda não sobreviveu — Mereen disse com um certo pesar. — A rocha em que vocês estavam ficava de um lado completamente oposto, e apesar de vocês nadarem em uma velocidade rápida, Alda aspirou e engoliu muita água devido ao turbilhão do mar agitado.

— E a criança? — Levou as mãos ao rosto em espanto.

— Ela sim, sobreviveu. E é uma de nós.

— E onde ela está? E minha irmã? — perguntou impaciente, olhando para os lados.

— A criança foi devolvida a Ardhem, conforme seu destino.

A sereia franziu a testa e Maleena, agora amaldiçoada, surgiu. Não havia maldição que pudesse fazer com que ela não reconhecesse a amada irmã. O semblante assustado e confuso da sereia tocou até o coração da deusa, mas ela não voltaria atrás com o castigo. Aos prantos, ela nadou rapidamente até a irmã para abraçá-la.

— O que houve com você? — perguntou abatida, enquanto suas lágrimas se juntavam ao oceano.

— Ela contestou minha decisão! — respondeu a deusa com autoridade.

— E com toda razão! Depois de todo trabalho que tivemos para levar a criança ao pai, você resolve devolvê-la a Ardhem?? — indignou-se.

Mereen a direcionou um olhar de advertência, desafiando-a a se calar, mas a sereia não se conteve.

— São nossos inimigos! Como tem coragem de entregar um bebê, que agora é um de nós, para um povo que irá maltratá-la?

Maleena sacudia os braços da irmã em desespero para que ela se calasse, mas ela continuou:

— Ainda por cima, amaldiçoa uma de suas filhas porque foi contra a sua decisão injusta e cruel?

A deusa as olhou com raiva e seu semblante logo se transformou. Aquela deusa de rosto delicado parecia um demônio enfurecido. As águas se agitaram em um redemoinho que poderia tê-las arremessado para longe, mas a deusa se encarregou de que ninguém fosse levada, para que pudessem ouvir o que ela estava prestes a dizer. Seus corpos pendiam sob as águas e seus cabelos eram bruscamente jogados. Pedacos de conchas corais e rochas eram levados, mas não as acertavam. O mar parecia estar sendo destruído pela fúria da deusa.

— Quando um Deus escolhe um destino, não cabe a interferência de nenhuma outra espécie! — Ela esbravejava com a voz estrondosamente modificada. Dava tanto medo que até eu estremeci, como se a ameaça estivesse sendo feita a mim. — Não aprenderam com as sereias noturnas que não se deve contestar o porquê eu tomo minhas decisões? Quantas mais precisarei amaldiçoar para que possam finalmente entender?

Apesar de sua fúria, vi tristeza em seus olhos. Ela parecia arrependida da maldição que jogou em metade de suas filhas e não lhe agradava ter de fazer novamente, mas faria se fosse preciso.

Ela então foi se acalmando e seu rosto foi voltando ao estado normal. O redemoinho parou aos poucos e todas as rochas e corais danificados pela sua ira voltaram e se regeneraram no mesmo lugar. Estava tudo calmo, nem parecia que ali acabara de acontecer algo tão assustador.

Mereen então desapareceu e um silêncio se formou quando a irmã de Maleena começou a se contorcer e a gritar. As águas ao seu redor ficaram escuras e essa escuridão aos poucos a envolvia, até tomar a forma de um furacão que a cobriu e parecia contorcê-la ainda mais.

As sereias, que estavam ao redor, exclamaram com a mão na boca e, amedrontadas, nadaram para longe, fugindo e temendo a ira de sua deusa, mesmo que ela já não estivesse mais presente. Quando percebeu que virara o mesmo monstro que Maleena havia se tornado, reconheceu seu erro em contestar a decisão que não lhe cabia.

Maleena se juntou à irmã e as duas sereias se olhavam. Maleena estava conformada, mas sua irmã rosnava de ódio e desespero, se recusando a aceitar tal maldição.

Veio um outro flash, o que demonstrava que meu pai me traria novas visões.

Algumas horas depois, Windriel levava suas mãos à boca em prantos, enquanto via no que suas amigas haviam se transformado. Ela carregava culpa de vários

fracassos de seus planos, mas ao menos Maleena e sua irmã não pareciam culpá-la. Elas estavam mais preocupadas com Windriel do que suas aparências.

Os dias foram passando e as duas sempre subiam à superfície para encontrar Windriel, até que um dia apenas uma dela apareceu. E assim continuou nos próximos dias que se seguiram. As duas choraram a ausência da outra sereia que desapareceu misteriosamente.

Outro flash então estourou, me levando para o lago central de Fainord, onde Windriel e meu pai, com sua imortalidade devolvida, abraçou a amiga. E foi quando ele teve uma visão do que aconteceu no passado.

— Por que nunca me contou?

— Como eu teria coragem de contar que meu plano deu errado e que, por minha culpa, Alda estava morta? Como eu contaria que o bebê foi entregue aos nossos inimigos? Temi que você me odiasse, portanto, achei melhor omitir. Você já havia sofrido demais... — lamentou.

Então meu pai cessou todas as visões por completo e eu voltei à minha realidade. Ele me olhava com tristeza nos olhos.

— Após a guerra de Shadowfalls, quando retornei à Fainord, já com minha imortalidade devolvida, soube o que Windriel fez. Naquele momento, senti que poderia amá-la. Ninguém nunca fez tanto por mim.

— Ela possui uma longevidade superior a de qualquer espécie, pai...

— Longevidade não a faz imortal. Mesmo que dure anos, um dia ela nos deixará e eu não serei capaz de suportar essa perda novamente. Até hoje não superei a perda de sua mãe.

Eu o abracei forte. Lamentava por eles, mas podia compreendê-lo.

— Lembro de Grand contando que minha mãe nunca soube de Báhlgor ou da maldição, mas ela sabia! Windriel contou. — Suspirei. — Agora tudo faz sentido, os deuses não permitiram que os sábios descobrissem o plano entre as duas.

— Exatamente.

— Mas se não se pode mudar o destino...

— Há muitas coisas que os deuses escondem, porque mesmo sabendo que devem respeitar as suas decisões, algumas revelações causam indignações que poderiam pôr em risco o destino. Se soubesse do acordo entre sua mãe e Windriel, Alda poderia ter sido morta com você na barriga. Claro que os deuses os castigariam, mas isso teria mudado tudo!

— Entendi...

— Eu preciso ir agora, Kyara.

— Mas pai...

— Estão me chamando.

— Mas preciso falar com você!

— Quando um Deus é requisitado, temos de ir imediatamente. Voltarei para que possamos conversar.

Ele começava a desaparecer na minha frente.

— Kai está na floresta. — Ele sorriu, antes de desaparecer por completo.

Eu não queria deixar Fainord. Não naquele momento. Eu nunca saía sem antes falar com Gálatha e naquele dia era mais do que necessário.

Pela primeira vez ela me viu triste, mesmo assim sorriu para me confortar.

— Olá, pequena elfa — falou com uma doçura fora do normal em sua voz.

Era assim que ela me chamava e eu sorri como sempre, porque eu era a única que ela se referia de tal maneira.

— Que ventos lhe trazem hoje? Um não muito bom, presumo...

— Meu pai me fez uma revelação.

— Conte-me mais... — pediu afetuosa.

— As visões que tive de minha mãe, mexeram comigo como nunca pensei que fosse acontecer. Sempre lamentei não a ter conhecido, mas dessa vez foi como se eu tivesse acabado de perdê-la. Ela tinha os seus defeitos, mas me amava e eu não fazia ideia do quanto, nem do que teve de enfrentar por mim. Alda era boa demais para um lugar como Ardhem, e mesmo possuindo o melhor status perante os cidadãos, ela os odiava tanto quanto eu...

— Ora, mas que história linda acabo de ouvir. Por que me conta com tristeza? Sabe, pequena elfa, perdi milhões das minhas filhas e não há dor maior do que isso, mas o problema que eu vejo em todos vocês, espécies diferentes de nós da natureza, é o fato de se prenderem à negatividades. É doloroso para você, saber que não houve a oportunidade de conhecê-la, mas é necessário lamentar? Quantos filhos têm pais que não os amam? Muitos gostariam de estar no seu lugar, por saber que ao menos já foram amados um dia... Lembre-se do amor dela por você e o que ela fez. Apenas isso. — Sorriu de forma maternal.

— Não é só isso... — Suspirei e Gálatha me fitou atenciosa. — Não sei se sou capaz de perdoá-la totalmente pela forma como a vi tratando Windriel. Sei que elfos e humanos não são aliados, mas por anos acreditei que minha mãe fosse diferente, por ter amado meu pai e a mim. Foi doloroso ver tamanha repulsa em seu olhar.

— Pequena elfa, nem todas as espécies irão se unir. Seria lindo se acontecesse, mas é utópico de nossa parte. Lembre-se do que eu disse sobre a prender-se à negatividades. Sua mãe amou Ranfel e não sua espécie. Amou você, mesmo sabendo que carregaria o sangue dele. Quem pode nos garantir que se ela ainda vivesse, não teria passado a gostar deles? E se não tivesse, ao menos com um foi diferente. Não esqueça que humanos crescem com a ideia de que elfos são ruins, ideias injustas são plantadas em suas mentes desde cedo. Como é bom ouvir que sua

mãe o viu com outros olhos... — Ela sorria de uma forma que era reconfortante, ninguém sabia usar as palavras como ela.

— Acho que tem razão, mas não é fácil deixar de lamentar.

— Nunca é, pequena elfa, mas é um dos inúmeros exercícios que devemos fazer dentro de nós mesmos. Pode levar dias, meses, ou anos, mas as frustrações passam e gente consegue seguir em frente.

— Como consegue ser tão forte, mesmo após ter perdido inúmeras filhas? — sorri carinhosamente.

— Porque na natureza há um ciclo onde tudo nasce, morre e depois volta. Eu as sinto no exato momento em que morrem e elas voltam, soprando um vento gentil contra mim. Sei quando se trata da deusa Airya e quando são minhas filhas, e uso esses momentos para sentir o quanto nos amamos e estamos juntas, independente de não senti-las em terra.

— Milhões delas são plantadas a meses de distância — falei impressionada.

— A distância pode ser grande, mas a terra está toda interconectada, mesmo que haja oceanos entre nós. Conseguimos nos ouvir sempre e inclusive sentir as emoções, como as de minhas filhas mais novas ao brincar com seu filho. — Ela sorriu maravilhada com a aproximação deles.

— Obrigada, Gálatha. — Toquei seu enorme tronco e emanei minhas energias, depois ela emanou uma energia branca que percorreu meu corpo, me renovando como nem eu mesma conseguia.

— Obrigada você, pequena elfa. Venha mais vezes.

— Venho sempre que posso. — Virei-me para ir embora, mas depois voltei meu corpo para ela, pensativa. Ela me olhou aguardando a pergunta. — De onde vem seu nome?

Ela riu.

— Me nome verdadeiro é Galathilion, que significa árvore branca, mas os elfos carinhosamente me chamam de Gálatha. Eles são como filhos para mim, portanto é um prazer enorme ter recebido esse apelido que hoje adoto como nome.



Capítulo 06

— Detesto ser filha de um Deus — comentei amargamente.

— Eu iria gostar que minha mãe fosse uma — Aidan respondeu enquanto organizava seus cristais.

— Sei que deuses têm suas urgências, mas não deixa de ser frustrante não poder terminar uma conversa com meu pai. Ainda mais quando tenho mais a perguntar.

— Não consegui falar sobre seus sonhos?

— Não... — Suspirei.

— Se houvesse algo a temer, ele teria lhe dito. — Tranquilizou-me.

— Verdade — falei, embora ainda temesse algo.

— Vamos buscar as crianças?

— Preciso falar com os arqueiros, e como Kai está com as dríades, eu o busco.

— Perfeito. Síndel está no lugar de sempre, brincado com a... Como é mesmo o nome dela?

— Wallandra... — cerrei o olhar entediada.

Eu caminhava até os portões quando Margreet em sua forma humana caminhava de mãos dadas com Odo. Os dois se despediram e seguiram seu caminho, mas Odo se juntou a mim.

— Vai buscar Kai?

— Sim.

— Um dia, Margreet e eu também formaremos uma família. Já temos Owen, mas queríamos um que fosse fruto do nosso amor.

— Filhos são nossa maior alegria, mesmo que não nasçam de nós. — Sorri ao me lembrar de Anika. — Fico feliz que pensem em ter filhos.

— É o nosso maior sonho. — Ele fitava o horizonte.

— Nunca perguntei como vocês se conheceram. Aliás, foi uma dúvida que eu tive, uma vez que ela não voltava à forma humana e estávamos em guerra.

Odo então suspirou. Essa lembrança ainda lhe era dolorida.

— Estávamos em guerra e meu irmão havia acabado de morrer pelas mãos de um mago daqui. — Suspirou. — Tínhamos um ano de idade quando fomos sentenciados a viver como escravos. A mesma escrava adulta nos criou como seus. Crescemos como irmãos e juramos proteger um ao outro. — Ele se engasgou com as lembranças — Falhei naquele dia e na hora não entendi o porquê daquele mago não me atacar. Acho que meu pranto sobre o corpo sem vida do meu irmão deve tê-lo tocado de alguma forma. Então, inesperadamente, vi que uma enorme fera se preparava para saltar sobre mim. Eu estava desprevenido, sofrendo e assustado com sua fúria. Sabia que não conseguiria vencê-la, mas precisava me defender. Peguei a lança do meu irmão e lancei contra ela, acertando próximo ao seu quadril. Seu corpo virou de lado quando a lança a acertou. Ainda no ar, ela rosnou de dor e seu corpo caiu pesadamente de lado. Ela tentou levantar-se duas vezes e falhou. Eu sabia que não éramos aliados, mas ver aquela enorme fera em sofrimento, mexeu comigo, principalmente quando a vi mancando e se arrastando para trás de uma moita. Ela queria fugir. — Suspirou. — Olha, Kyara, não sei se a morte do meu irmão havia mexido comigo a ponto de me sensibilizar com o que eu acabava de fazer. Eu queria sair dali, na verdade, queria abandonar todos, mas meu instinto foi mais forte e acabei indo atrás da fera para ver como ela estava. Quando afastei a mata para o lado, vi uma mulher caída no chão, nua e com a lança fincada exatamente onde eu acertei naquela fera. Foi então que percebi que havia ferido uma mulher. Ela sofria, havia pânico e lágrimas em seus olhos e até tentou sem sucesso voltar à forma feral novamente. Margreet só se acalmou quando viu a expressão de remorso em meus olhos. Calmamente, eu me ajoelhei próximo a ela, tirei minha túnica para cobrir seu corpo nu e nossos olhos se encontraram. Ela era a mulher mais bonita que eu havia visto e estava ferida por minha causa. Eu disse o quanto lamentava por tudo e ela acreditou em mim, mas quando ela tomou minha mão, me veio um sentimento como jamais pensei que pudesse sentir. Então o mesmo mago que matou meu irmão apareceu e Margreet logo olhou para ele, como se pedisse que não me machucasse, mas ele não parecia querer fazer algo contra mim. Tudo o que pude fazer, foi pedir a ele que cuidasse dela. Disse-lhe que eu ia embora, não queria nada daquilo e não poderia mais fazer parte da guerra. Eu seria um desertor, seria morto, mas não me importava. Ele consentiu, dei meu último olhar para ela, que parecia lamentar minha partida, e quando voltei à guerra, um amigo me viu sem minha túnica. Rapidamente, ele retirou a do meu irmão morto e me fez vesti-la, temendo que pudessem me matar. Nem tive tempo de responder, porque Luke apareceu e nos chamou para uma missão. Aquela missão covarde de cercamos uma casa repleta de inocentes.

— Eu me lembro — falei amargamente.

— Sabe, Kyara, sempre gostei de você e nunca me agradaria lutar de um lado que não fosse o seu. Eu não fazia ideia de que lutaríamos um contra o outro. Portanto, quanto te vi lutar, lembrei daquela escrava que você era em Ardhem. Simplesmente não conseguia acreditar que a guerreira que vi lutando diante dos meus olhos era você. Então percebi duas coisas. A primeira foi que até aquele momento, nunca havia te conhecido realmente e a segunda era que estava de fato lutando do lado errado. Eu ia desistir, Kyara! Mas você me fez querer lutar e reparar meu erro. Quando nos viramos contra eles e tomamos o lado de Shadowfalls, estávamos ajudando os feridos como forma de nos redirmos e eu fui procurar por ela. Precisava saber como ela estava. Eu andava entre os feridos, angustiado, e mesmo ainda fraca ela me estendeu a mão, como se soubesse que era por ela quem eu procurava. Eu não sairia mais de seu lado até que ela ficasse boa. Não foi necessário levá-la para os mais gravemente feridos, pois os xamãs haviam conseguido cuidar deles e deixá-los fora de perigo.

Perguntei sobre o mago que nos viu e ela disse que acabara de saber que ele havia morrido em batalha. Ele pediu a uma dríade que chamasse os xamãs para buscá-la no local onde eu a deixei. Mas antes que pudessem aparecer, ele comentou que não quis me matar quando me viu chorando a morte de um dos meus. Ele não sabia o que significava para mim, mas percebeu que era alguém importante. O mago ainda estava arrasado porque também juntava forças para lutar, desde o momento em que viu o corpo de seu irmão empalado e fincado morto próximo às margens do outro lado do rio.

— John... — Suspirei.

— E foi assim que nos conhecemos.

— Que história linda, Odo. Eu não fazia ideia.

— Por isso quero dar filhos a ela, Kyara. Ela merece, depois do que fiz.

— Mas você a ajudou, Odo — falei compreensiva.

— Nada do que eu possa fazer será o suficiente para reparar o ferimento que eu lhe causei. Isso me assombra até hoje.

Então ele precisou ir. Eu entendia o seu lado, mas lamentei que ele se martirizasse tanto por ter tentado se defender. Como ele saberia agir diante daquilo? Ele era como eu, um mero escravo em busca de sua liberdade.



— Vou contar até três, hein? — gritava Kai, enquanto as jovens dríades pulavam eufóricas, próximas às margens do rio e as sereias se posicionaram atrás para segurá-las caso caíssem.

Três espécies diferentes brincavam entre si sob os olhares dos arqueiros e centauros, que riam ao assistir tudo do caminho de ronda dos muros.

Então ele jogou um jato de água contra elas. As sereias noturnas viraram os rostos rapidamente ao sentirem o primeiro jato, depois se voltaram para as dríades que forçavam seus corpos contra o jato de Kai. Uma a uma, elas foram perdendo as forças e, gargalhando, caíam na água, sendo amparadas pelas sereias. Uma última ficou de pé e ainda lutou bravamente contra o jato que Kai mandava. Ele precisou se esforçar para intensificar o jato, mas a dríade foi mais forte, fazendo Kai cansar e desistir.

— Eu venci! Eu venci! — comemorava a jovem dríade, pulando de alegria. As sereias aplaudiam junto às outras dríades.

Kai ofegava pelo esforço, mas sorria para amiga. Aplaudindo, ele se juntou a ela, depois ergueu seu braço em comemoração.

— E mais uma vez, a Drana me venceu! — riu, mas, brincalhão, a desafiava para outra competição.

Drana foi o nome que Kai deu a ela. Era sua melhor amiga e eu adorava a ligação que ele tinha com as dríades e as sereias. Embora Síndel também tivesse essa ligação, ela gostava de passar mais tempo sozinha com a sua imaginação, por assim dizer.

— Kai... — eu disse surgindo de um portal feito por uma maga que passava.

Ele veio correndo e me abraçou.

— Posso brincar só mais uma vez?

— Está tarde, meu amor. Amanhã vocês brincam mais.

Ele concordou. Triste, mas concordou. Drana, por outro lado, parecia bem mais triste. Ela sempre sentia quando Kai ia embora, como se a presença dele fosse tão importante quanto as outras dríades e sereias.

— Até mais, pessoal. — Acenou para todas, que acenaram de volta. O portal estava para se fechar.

— Amanhã eu serei o vencedor!

— Vai precisar jogar um rio inteiro em mim para me fazer cair! — respondeu Drana às gargalhadas, embora ainda estivesse triste pela partida de Kai.

— Ela sempre sente muito quando você vai embora — falei carinhosamente.

Kai suspirou.

— Às vezes, eu queria dizer a nossa palavra mágica para ela.

Assustei por um momento, mas não quis deixar Kai perceber. Como mãe, eu queria que fosse algo só nosso, mas, por outro lado, era maravilhoso ver o quanto ele se importava com ela, a ponto de querer dividir algo de tamanho significado pelo bem da sua amiga. Como minha ligação com a floresta e com as dríades era tamanha, pensei em concordar e estava prestes a aconselhá-lo a dizer, quando ele me cortou:

— Acho melhor eu inventar uma com ela. A nossa é só nossa — enfatizou.

Genevieve estava prestes a trocar de posto, então aproveitamos para caminhar juntos, enquanto Kai ia na frente.

— Desde que as crianças nasceram, nunca vi as sereias noturnas tão contentes — ela falou com um sorriso.

— É como se elas esquecessem um pouco da maldição.

Genevieve sorriu, mas depois suspirou. Ela também lamentava as dores que a maldição lhes trazia.



Kai se sentou próximo a um tronco de árvore. Ele fitava as palmas de suas mãos, franzindo o cenho. Não consegui interpretar se sua expressão demonstrava algo que ele já havia feito ou estava prestes a fazer. Algo que nunca pensou ser capaz. Eu o chamei para entrar, mas ao voltar ele viu um passarinho morto no chão. Kai delicadamente se ajoelhou próximo ao corpo daquela pequena criatura e a pegou. Com as mãos em concha, ele fechou o pássaro e se concentrou. Balbuciou palavras inaudíveis e abriu os olhos, tomados pelo azul da mesma magia que saía por entre as brechas de seus dedos. Ao abri-la, o animal saiu voando e pousou em um galho próximo aos olhares encantados de Kai. Aidan estava atrás de mim e pôde ver o que ele acabava de fazer. Kai nos olhou orgulhoso e aguardava que déssemos um sorriso em apoio, mas, na verdade, estávamos preocupados por aquilo que ele acreditava estar fazendo.

Aidan pediu que eu aguardasse, enquanto ele se aproximou carinhosamente do filho.

— Kai — disse com a mão em seu ombro. — Alguém já lhe viu fazendo isso? — perguntou aflito.

— Não sei. Fiz algo errado?

Aidan suspirou.

— Sabe o que acabou de fazer?

— Eu lhe devolvi a vida! — falou orgulhoso, voltando seu olhar para o pássaro que coçava sua asa com o bico.

Aidan balançou a cabeça.

— Isso se chama necromancia, filho — falou em um tom levemente decepcionado.

Kai ergueu a sobrancelha, confuso.

— Existem dois tipos de magia. — Segurou suas mãos — A arcana, que é aquela manipulada pelos elementos da natureza, como fogo, terra, ar, água e de luz. A outra é a necromântica. Mas, meu filho, por melhor que tenha sido sua intenção, o que acaba de fazer não é bem visto entre os magos.

— Por quê?

— Porque acreditamos se tratar de um ato maléfico.
— Mas eu devolvi a vida para aquele passarinho! — insistia.
— Nós magos acreditamos que quando uma vida deixa o corpo, é porque já cumpriu o seu propósito no mundo. Quando o sopro da vida se vai, nada pode trazê-la de volta.

Kai olhava para o pássaro confuso. Para ele, o fato de o animal estar vivo e bem, não poderia ser um ato ruim.

Uma fada então pousou no galho ao seu lado. Pássaros e fadas sempre foram muito unidos, nunca houve sequer um ataque entre eles, portanto, Kai se espantou ao ver que o pássaro começou a atacar ferozmente a fada.

Ele deu um salto espantado, mas Báhlgor surgiu em sua forma élfica e impediu que ele a matasse, ao desintegrar o animal.

— Com quem aprendeu isso? — Báhlgor perguntou em desespero.

— Sozinho... — Ele ergueu os ombros assustado e Báhlgor só não lhe deu uma bronca porque sabia se tratar da inocência de uma criança.

Báhlgor então pegou a fada ferida e assustada.

— Isso é muito comum. A maioria dos necromantes trazem os mortos de volta por acreditar que possam controlá-los, mas muitas vezes eles são mortos por aqueles que os reviveram.

— Mas se revivemos criaturas do bem, por que elas se tornam maléficas? — Kai ainda custava a entender.

— Porque a magia quando usada para esses fins, não funciona como você acredita. Logo, boas criaturas se tornam ruins ao reviver. — Ele entregou a fada em suas mãos. Kai a olhou com remorso.

— Se fosse possível que os mortos pudessem reviver, pense em quantas pessoas que perdemos na guerra estariam aqui conosco? Eles poderiam andar entre nós, mas não seriam os mesmos. Poderiam nos fazer um mal maior que o pássaro fez a ela. — Báhlgor curou a fada que se deitava assustada nas mãos de Kai.

— E esse é o principal motivo que nós magos jamais usamos necromancia — Aidan falou como o último conselho ao filho.

— Desculpe-me — ele disse à fada e ela voou em direção à maçã de seu rosto para lhe dar um abraço.



A deusa Fyra nos abençoou com um dia bem quente e as crianças já haviam ido para os treinos. Aidan foi inspecionar as obras das pontes e eu fiquei encarregada de ir a Weston para ajudar os elfos a escolher um bom lugar para plantar os carvalhos. Eles inspecionariam os locais, auxiliando Tristan e seus homens, indicando onde seria melhor para plantá-las. Os elfos e os homens de Tristan se dividiram em

grupos para escolherem o melhor tipo de solo e posição solar. Tristan parecia animado.

— Meu filho ou filha vai adorar brincar com elas. Não teria alguma possibilidade de plantar alguns no jardim real? Há muito espaço por lá.

— As raízes dos carvalhos são imensas. Podemos plantar um lá, mas se quiser mais do que isso, teremos de inspecionar o local primeiro — informou um elfo.

Tristan concordou. Ao chegarmos no jardim real, os elfos acharam que seria seguro se plantassem apenas dois, mas Anika estava tão radiante com a ideia de ter dríades como amigas, que se ainda houvesse alguma dúvida dos elfos, foi embora com aquele sorriso inocente.

Ela me puxou para conversar e eu ouvia cada palavra, maravilhada em conhecer melhor o mundo dela e suas dúvidas frequentes, que as meninas têm ao crescer. Eu não tive uma mãe para me aconselhar e minha filha ainda era nova, presa ao seu mundinho particular. Eu proporcionava à Anika tudo o que nunca fizeram comigo e o que não podia fazer com minha filha. Como eu a amava! Ela sempre seria aquela menina assustada da taberna e por mais feliz que eu estivesse em vê-la crescer, sempre temia que algo ruim pudesse acontecer a ela. Assim como faria por meus filhos, daria minha vida por Anika.

Após um dia bem cheio, voltei a Shadowfalls, só fiquei triste em deixar Weston por causa de minha família. Passeava próximo ao lago central, quando a vi. Maleena gostava de pegar sol, próxima à estátua da grande sereia. Ela se deitava na rocha esculpida em pedra quando me viu. Sorri, e de forma afetuosa a chamei. Ela se aproximou da margem e eu me sentei com as pernas cruzadas. Ela logo percebeu que havia algo estranho e franziu a testa.

— Não sabia que você tinha uma irmã — acariciei seu rosto.

Ela primeiro se espantou, mas depois ameaçou chorar.

— Sinto muito. Por que nunca ninguém me contou a respeito? — indaguei.

Maleena não podia responder, ela só fitou a pedra da margem do lago e balançou a cabeça. Por um momento me senti culpada por fazê-la chorar.

— Só queria dizer que eu sei. Se houver algo que eu possa fazer...

— Não há nada, infelizmente... — disse Shelly ao se aproximar. Ela também lamentava. — Ela fez a sua escolha e não houve nada que pudéssemos fazer. — Acariciou o braço de Maleena em apoio.

— Mas o que aconteceu realmente?

Aidan me chamou de longe para ver detalhes da ponte. Por que isso sempre acontecia?



Deixamos Kai e Síndel brincarem na floresta após os treinos. Resolvemos fazer disso um hábito diário, afinal, eram crianças. Não tive uma infância feliz, portanto não quis privar meus filhos de serem eles mesmos. Tentei procurar Shelly para terminarmos a conversa, mas após meus afazeres, a vi sentada no coreto com Dórken e não quis interrompê-la.

Eu tinha muito o que perguntar, mas o dia passou rápido com tantas tarefas e quando dei por mim, o sol já estava quase se pondo e Shelly e as outras sereias voltaram para suas famílias submersas.

Preparava-me para buscar Síndel, e Aidan, já havia se retirado para buscar Kai na floresta quando escutei alguns gritos vindos dos portões. Imediatamente corri até eles, junto a enormes grupos que queriam saber do que aquela gritaria preocupante se tratava. A sereias noturnas grunhiam e gritavam um grito estridente, apontando para uma direção na floresta. As jovens dríades estavam em pânico, tremendo e encolhidas.

— O que aconteceu?? Onde está meu filho? — perguntou Aidan em desespero.

— Não sabemos ao certo — disse um arqueiro tenso. — Eles estavam brincando e, do nada, Kai desapareceu.

O povo exclamou em desespero e eu bufei cerrando meus punhos. Por que eu desconfiava que Christine estava por trás daquilo?

— Eu vou lá! — falei tomada pela fúria. Depois olhei para uma maga que imediatamente lançou magia sobre as águas para que eu pudesse passar.

Aidan me seguiu e pedimos reforços dos Terianos, magos e centauros.

— Suba! — ordenou Margreet se pondo ao meu lado.

Olhei-a espantada por um momento, mas depois percebi que ela correria mais rápido do que eu em sua forma feral, que era bem maior. Um outro teriano fez o mesmo com Aidan, então nós quatro fomos na frente.

Drana estava tão assustada que não conseguia falar. Ela pegou minha mão e rapidamente nos levou até um arbusto. Respirei aliviada e afastei as folhas gentilmente.

— Kai... — cochichei em alívio.

Então ele me olhou.

— Colton? — Espantei-me ao ver o amigo mago de Kai, encolhido entre as moitas. — O que aconteceu? — perguntei enquanto esticava meu braço para ajudá-lo a sair.

Aidan olhou para os lados abruptamente.

— Houve magia aqui! E não foi a de Kai!

Enrijeci meu corpo. Aidan agachou perto do menino, limpando as folhas de seus ombros e braços.

— Você está bem? — perguntou. O menino fez um sinal positivo com a cabeça.

— Kai me chamou para brincar hoje. — Ele disse assustado — Uma mulher apareceu. Ela pegou Kai com magia e entrou em um portal.

— Christine! — Minha visão ficou turva de ódio.

— Não foi ela, mas Christine está envolvida — Aidan afirmou, lançando um olhar preocupado para um local à distância, de onde ela deveria ter surgido. — Como ela era? — perguntou a Colton.

— Cabelos ruivos ondulados.

— Mandou alguém para fazer seu trabalho sujo — falei com escárnio.

Peguei Colton pela mão e pedi que Aidan fizesse um portal.

Do nada, os olhos de Aidan arregalaram em desespero e eu senti a sua urgência em me falar algo, e quando tomou fôlego, o gigantesco escudo de Shadowfalls falhou duas vezes, antes de se desfazer por completo.

O pânico foi geral. Gritos aterrorizados e olhares desesperados em busca de respostas que não tínhamos.

— A pedra! — gritei espantada.

Aidan fez um portal para a cúpula onde Drakenian estava. Angustiados, saímos do outro lado, onde as nossas suspeitas haviam sido confirmadas.

Christine erguia a pedra com magia. Ao seu lado, havia a mulher descrita por Colton, e do outro, Lana com aquele sorriso cínico. Kai estava à frente dela, seus olhos estavam completamente negros e seu corpo cambaleava lentamente para frente e para trás, sob algum tipo de feitiço.

— Achou que eu fosse desistir? — Ela zombou.

Ergui meu arco e flecha, iluminado pelos meus poderes.

— Eu não faria isso, querida... — advertiu Lana, pondo uma adaga no pescoço de Kai, que parecia um zumbi.

Aidan prendeu o fôlego e eu fui forçada a abaixar a arma.

— Se encostar em um só dedo nele... — Lancei um olhar ameaçador.

— A capacidade dele de fazer portais é como a de um mago experiente. — Ela me interrompeu. — Mas como ainda é uma criança, foi fácil dominar a mente dele — gabou-se.

— Você já tem a pedra — disse Aidan em tom de súplica. — Nos devolva o nosso filho!

Christine olhou para Lana e consentiu. Respirei aliviada, e quando ela retirou a adaga de seu pescoço, Kai voltou a si. Assustado, ele olhava ao redor a fim de entender o que estava acontecendo. Tentei assegurá-lo de que estava tudo bem e quando acreditei que elas o deixariam ir, um portal se abriu por trás delas e elas entraram, levando Kai junto.

— Mãe! Pai! — ele gritou apavorado, esticando a mão em socorro, desaparecendo completamente.

— NÃÃÃÃO!!!! — gritei em desespero.

Aidan caiu ajoelhado com as mãos na cabeça. Dunkan e Tartus chegaram às cúpulas e em menos de poucos minutos, toda Shadowfalls sabia que Kai e Drakenian haviam sido levados.

— Somente meu pai ou meu avô poderão nos ajudar! — expliquei para meu povo, que se mantinha confiante de que eu os traria de volta.

Estávamos completamente expostos sem a proteção da pedra, mas a presença dos centauros e agora de elfos contribuíram para nos deixar um pouco mais seguros quanto ao próximo ataque, que naquele instante era óbvio.



Capítulo 07

Inferno e pesadelo haviam sido reconstruídos e melhorados após a última guerra. Eles agora tinham armaduras esculpidas em escamas de dragão, tingidas de negro, a mesma cor das pedras que eram feitos. Ampliamos sua percepção de perigo, fazendo seus olhos brilharem em alerta e colocando os arqueiros de prontidão, assim como a rapidez em que eles formariam os espectros. Ao longe, eu via seus olhos brilharem a luz vermelha que pulsava em querer liberá-los, mas não havíamos avistado ninguém.

— Preciso ir até lá — disse Aidan conjurando um portal e eu fiz sinal para que Margreet nos acompanhasse.

Os Terianos também haviam recebido armaduras feitas por Dórken, porque ele acreditava no fato de que muitos teriam sobrevivido a última guerra se as estivessem usando. Ele dizia que a suas peles poderiam ser mais densas, mas não estavam livres de uma perfuração. O fato de eles estarem protegidos por vestimentas especiais, também nos tranquilizava, pois era uma forma de fortalecer ainda mais os nossos melhores guerreiros.

Nós três vasculhávamos a floresta sem fazer muito barulho, para não atrapalharmos a concentração de Aidan. Ele queria sentir de onde e que tipo de magia estaria nos rondando. Margreet farejou algo no ar, no exato momento em que Aidan sentiu de onde ela vinha.

— Por aqui! — apontou o caminho.

Ela arrepiou os pelos da espinha e eu imediatamente senti que havia algo errado. Mal teve tempo de rosnar e uma força invisível atirou ela e Aidan para o lado, fazendo-os bater com as costas em uma árvore. Margreet caiu de lado e rosnou enfraquecida pela dor. Aidan curvava seu corpo na intenção de se levantar o mais rápido possível, mas foram jogados longe novamente.

— Aidan! — corri até ele quando uma risada conhecida me fez travar.

Lentamente virei-me, me contorcendo de ódio e a olhei enfurecida. Ela apoiava uma mão na cintura e a outra estava para trás, como se escondesse algo, talvez uma arma. Iluminei minhas mãos em ameaça.

— Que bom poder ter esse encontro entre nós duas — ironizou. Ela parecia não mais me temer.

— O que você quer, Lana?

— A pergunta é o que *você* quer, minha querida. — Retirou o sobretudo de Kai, que escondia atrás das costas, balançando-o no ar.

— O que fez com meu filho? — exigi a resposta.

— Sua pergunta é uma ofensa para mim — fingiu.

— Responda! — gritei com autoridade.

— Eu não fiz nada, mas outros farão! — Ela zombou com um riso triunfal. — Só segui ordens — falou de forma a se isentar de culpa, sem abandonar o lado sarcástico.

— Como pôde ter se tornado tão desprezível? — Olhei-a com escárnio. — Por que teve de levar uma criança que nada tem a ver com nossas rivalidades?

Seu olhar pela primeira vez suavizou. Era um misto de tristeza com raiva.

— Porque você me tirou a única chance de ser feliz... — começou a bufar.

— Lana... — Enrijeci meu corpo.

— Você destruiu minha vida quando me mandou de volta a Ardhem, aquele local infernal! Eu era a única escrava. E como fui proibida de servir as pessoas, elas sequer se importaram comigo! Faz ideia do que é ser invisível?

— Acha que não sei? — A olhei com olhar de tédio, acusando-a e todos que na época fizeram o mesmo comigo.

— Você me deixou lá para morrer! Se não fosse por Christine, eu teria enlouquecido naquele lugar!!

Ela parecia sair de si e por mais que eu quisesse destruí-la, eu cerrava meus punhos para me conter. Precisava manter a calma para tentar um possível acordo.

— Devolva meu filho e então poderei fazer algo por você! — ressaltei.

— Você não pode me dar o que quero. — Ela sorriu sarcasticamente.

— E o que quer? — franzi a testa.

Ela fitou o chão, depois ergueu o olhar para mim com um sorriso maligno.

— Tristan!

— Não pode estar falando sério! — Abismei-me. — Se pensa em tocar em um só fio de cabelo de Megan para isso, eu...

— Ela vai viver — interrompeu-me de forma serena, depois sorriu maliciosamente. — Para chorar cada dia em que Tristan e eu estivermos juntos e felizes. Aquela criança que nem deveria vir ao mundo, vai morrer no exato momento em que nascer!

Enfurecida, alcancei uma das minhas adagas para atirar em sua coxa, quando ela me surpreendeu ao criar um escudo de magia ao seu redor.

— Não desta vez, querida! — Um portal se formava perto dela.

— Dê-me o meu filho! — ordenei e ela riu.

— Nunca irá encontrá-lo! — Entrou triunfante no portal. — A vitória é nossa, querida! — Soprou um beijo como forma de deboche.

Gritei o mais alto que pude, indignada com tudo o que acabara de ouvir, mas acabei por me acalmar ao sentir um toque afetuoso em meus ombros.

Meu pai me abraçava forte e estava tão desesperado quanto eu. Meu avô em forma original, curava Margreet caída no chão, enquanto Aidan se aproximava mancando e ofegante.

— Para onde levaram meu filho? Digam-me! — implorei desamparada e tanto meu pai quanto meu avô pareciam chocados em não saber.

— Há algo muito errado! — Meu avô parecia perdido. — Não consigo senti-lo.

— Nem eu! — Meu pai estava tomado pela angústia.

— Como isso é possível? — indaguei enquanto ajudava Margreet ficar de pé.

— Há uma maneira de saber. — Meu avô parecia se lembrar de algo e nossa atenção se voltou abruptamente para ele. — Se por algum motivo eu não estou conseguindo senti-lo, não quer dizer que outro Deus ou deuses não possam. E se eles conseguem, os dragões têm chances de saber, uma vez que lhes é permitido alcançar as visões além do que qualquer outra espécie consegue.

Indaguei em minha mente “Por que não perguntamos para os outros deuses, ao invés dos dragões?”, mas meu pai pareceu ter lido meus pensamentos.

— No entanto, não é comum que um Deus não saiba de algo, mas há um código entre nós que nos impede de falar caso isso aconteça. Portanto, agora, os deuses se calam para nós, mas os dragões têm permissão. — Meu pai explicou.

— Não exatamente. — Lembrou meu avô. — Se os deuses se calam, há uma grande chance de os dragões não alcançarem as visões, mesmo que tentem. E, se conseguirem, há a possibilidade de se calarem também, uma vez que os deuses escondem a verdade de outros.

— Mas por que eles esconderiam algo de vocês? — Espantei-me.

— Não sabemos. — Meu pai respondeu chateado.

— É a única escolha que temos! — falei.



Shadowfalls então entrou em estado de alerta constante. Eu tinha de admitir, as últimas guerras tinham nos trazido perdas insubstituíveis e lembranças que insistiam em nos aterrorizar como se nossas almas sofressem a dor de eternas feridas abertas, mas quando a pedra foi roubada, nossa fúria atingiu o ápice e nos

fez mais fortes! Fortes o suficiente para enfrentar a nossa maior guerra que estava por vir.

Temendo pela nossa segurança, Arturo enviou grande parte de seus melhores homens que se juntaram aos centauros do lado de fora dos portões. Magos, elfos e arqueiros ficaram nos muros, as sereias estavam de prontidão no rio e somente os Terianos poderiam atravessá-lo para farejarem qualquer ameaça. Aidan e Bayleigh foram voluntários em atravessar o rio e vasculhar a floresta para sentir a presença de magia estranha. Só permiti pois eles eram convictos em dizer que abririam os portais mais rapidamente em caso de urgência. Os Terianos ficaram próximos aos portões, na parte interna, para dilacerar o primeiro inimigo que ousasse atravessar. Estávamos sem a proteção de Drakenian, mas nos recusávamos veementemente a sermos alvos fáceis.

Aidan pegou firme em minhas mãos, estava com os olhos marejados e cobertos por fúria.

— Vou encontrá-lo — prometi-lhe. — Não irei sossegar enquanto nosso filho não voltar são e salvo!

— Síndel finalmente conseguiu dormir — disse Margreet na companhia de Owen, que se ofereceu para vigiar a porta da minha casa.

— Está na hora — falou meu avô.

Toda Shadowfalls e nossos aliados estavam próximos a nós, não só para me dar forças, mas garantindo que manteriam minha aldeia e seus habitantes seguros. Eu confiava nos meus homens e mulheres, mas ainda temia deixá-los pensando na guerra que poderia ocorrer enquanto eu estivesse fora. Temia as mortes que eu poderia evitar se estivesse presente, mas meu filho estava perdido e assustado em algum lugar, e como mãe, temendo pela sua segurança, era fundamental que eu o encontrasse primeiramente.

Báhlgor nos teletransportou para o reino dos dragões. Era um local flutuante e cheio de luz. Gigantescos fragmentos de cristais lindamente transparentes cercavam o local. O céu tinha tons claros de rosa e laranja, e eles surgiram, sobrevoando, se juntando àquela linda paisagem.

Não era a primeira vez que eu via dragões vivos. Os mais novos sempre guiavam os anciões para Shadowfalls, mas minha atenção sempre estava naquele que se deitaria para seus últimos dias. Era a primeira vez em que os via de verdade, enxergando sua energia e essência. Eles deixavam rastros de luzes cintilantes, das mesmas cores de suas escamas por onde voavam, que atenuavam lentamente até sumir. Como seus movimentos eram contínuos, novos rastros eram formados, antes mesmos dos anteriores sumirem. O bater de suas asas, aos meus olhos, pareciam suaves como uma dança, mas causava uma ventania que poderiam facilmente atirar mortais para longe. Nossos cabelos esvoaçaram para trás e eu estava completamente

estupefata pela presença deles, então, o tremor que eles causaram no chão, mesmo pousando gentilmente, me trouxe de volta à realidade.

Os dragões eram grandiosas criaturas de pura energia sagrada, mas havia um que se destacava dos demais. Ele era negro, de escamas tão reluzentes que pareciam gigantescas joias preciosas. Era impossível não me encantar com a sua aparência, mas precisei manter a serenidade em meus olhos.

— O conselho lhes dá as boas-vindas — disse um dragão fêmea, ela era roxa e tinha um tom de voz aveludado.

— Não são todos que podem vir até nós. — O grande dragão negro falou em um tom polido e nós nos curvamos humildemente agradecendo as boas-vindas.

— Meu nome é Ságron — disse ele. — O líder supremo do conselho dos dragões. E esses são meus fiéis conselheiros que ajudam a formar o conselho.

— Meu nome é Ocshantra — disse o dragão fêmea roxa. Ela parecia uma ametista gigante e o interior de suas asas era azul-turquesa.

— Eu sou Khadra — disse outro dragão fêmea, de cor marfim com a linha espinhal e as extremidades das asas em dourado.

— E eu me chamo Khoma — Um dragão verde-água de extremidades azuis falou de forma polida.

— Obrigado por nos receberem. — Meu avô agradeceu humildemente mais uma vez.

— O que os traz até nós? — perguntou Ságron civilizadamente.

Eu sentia que ele era dotado de uma astúcia brutal e saberia dizer o porquê estávamos ali, mas por algum motivo, ele quis extrair a informação diretamente de nós. Talvez receoso de que pudéssemos mentir ou omitir algo. Assim, saberia se éramos ou não dignos de sua confiança.

— Uma criança foi raptada por um de nossos inimigos.

Contidamente, eles enrijecerem seus gigantescos corpos. Minha notícia trazia a eles um certo pesar, mas talvez eles não fossem bons em demonstrar seus reais sentimentos, ou quem sabe por outras questões, não lhes era interessante ou necessário fazê-lo.

— Acontece que essa criança é o meu filho de oito anos e o mesmo possui laço de sangue com dois deuses estranhamente incapazes de localizá-lo. Desconhecemos o motivo, mas sabemos a urgência que é tirá-lo das mãos inimigas, não por *somente ser uma criança*, mas pelo fato de ser uma criatura incapaz de fazer mal a outra criatura. Sei que minhas explicações não seriam necessárias, uma vez que sou ciente de sua capacidade em saber muito além do que lhes conto. Porém, como uma simples mãe em desespero, achei melhor explicar.

Os dragões se entreolharam. Ságron primeiramente endureceu o olhar para mim, depois suavizou-o, mantendo a postura majestosa.

— Você é uma criatura muito sábia, Kyara — elogiou-me polidamente.

Eu consenti.

— Acredito que saibam onde podemos encontrá-lo, assim como acredito em sua benevolência, incapazes de permitir que a criança permaneça onde ela se encontra — falei.

— Se me permitem que tome a palavra. — Meu pai pediu educadamente, aguardando a permissão. Ságron consentiu. — Esse estranho bloqueio nos leva a crer que as chances de perigo que ele corre, são ainda piores do que imaginávamos. E isso deixa claro a urgência que é poder encontrá-lo.

— Inocentes se perdem ou morrem o tempo todo — Ságron falou com calma. — Já imaginou se todas as criaturas viessem a nós, toda vez que isso acontecesse?

— Não quero ser petulante, mas... Está jogando comigo, senhor? — Insinuei que reconheci um certo blefe. — Ou como devo me reportar sem que lhe ofenda?

— Senhor está bom — falou pacificamente. — Se é tão astuta como parece, responda: por que deveria lhes dar essa informação, uma vez que não é necessário dizer que os deuses nos deixaram cientes de que poderíamos nos calar perante uma situação como essa?

— Não é necessário mencionar novamente o que já foi dito em relação a meu filho. — Fitei-o levemente desafiadora. — Não posso diminuir a urgência dos que passam pelo o que estou passando no momento. Seria demasiadamente cruel e egoísta de minha parte, mas há astúcia em mim, como o senhor mesmo disse. Astúcia o suficiente para sentir o quanto vocês se importam, e posso dizer com propriedade que minha situação possui um detalhe que me destaca das demais.

— E qual seria esse detalhe? — interrompeu-me polidamente. — Pois você é uma rainha? — ironizou de leve.

— Sabe de onde eu vim e onde fui criada. Se houvesse um título que pudesse usar para lhe convencer, não seria meu título real e sim de mãe.

— Suas belas palavras não respondem minha pergunta, Kyara. O que você possui de diferente das outras criaturas?

— Sua permissão para vir até o conselho.

Os dragões prenderam o fôlego.

— Quais outras criaturas puderam vir até aqui em busca de auxílio? Quase nenhuma, senhor! Mas vieram! E foram ajudadas! O que me difere de outros que já os procuraram que não me faria digna de sua ajuda?

— Nunca ninguém me chamou de senhor — desconversou. — Já ouvi majestade, alteza, grande fera, conselheiro, mas nunca senhor.

Continuei fitando-o com a mesma expressão, aguardando paciente sua resposta.

— Sua astúcia não a difere das outras criaturas que já vieram a nós, uma vez que todas eram dotadas de uma inteligência admirável. Mas a sua bondade ainda é rara

entre as espécies — Ságron falou sereno. — Não será fácil resgatá-lo — advertiu após curta pausa.

— Onde? — perguntei isenta de qualquer medo ou receio de ir ao seu encontro.

— Acho importante frisar que os deuses não se calaram para vocês — assegurou. — Ele foi levado para um mundo diferente de todos aqueles que você já conheceu. Um mundo onde nenhum humano jamais voltou.

— Por isso não conseguia senti-lo! — Meu avô exclamou, aliviado por descobrir o paradeiro de Kai. — Fílmor! — Seus olhos, segundos antes tão tranquilos, voltaram a expressar desespero.

Estranhamente, era como se fosse mais amedrontador saber onde meu filho estava, do que não fazer ideia de como encontrá-lo.

— Quem é esse? — perguntei a ambos e os dragões fizeram silêncio.

— É meu irmão — Báhlgor falou decepcionado. — Após anos de desavenças, não nos falamos mais e prometemos que jamais viríamos a saber um do outro novamente.

— Com seus mundos bloqueados, Báhlgor jamais sentiria Kai se ele estivesse com Fílmor — explicou meu pai. — Foram tantos anos sem contato, que sequer percebemos algo tão óbvio.

— Ele não faria mal a Kai, faria? — preocupei-me.

— Não sei dizer — Ságron respondeu minha pergunta. — Mas como disse, uma vez em seu mundo, jamais conseguirá sair dele.

— Que mundo é esse, afinal? — franzi minha testa.

Ele suspirou e fitou o chão, relutante em contar. Eu insisti.

— O local onde todos os mortais serão enviados um dia...

— Onde? — insisti com veemência, me recusando a aceitar a desistência em encontrar Kai.

Ele inspirou novamente, certo de que eu não aceitaria seu silêncio.

— O mundo dos mortos. — Suspirou Báhlgor e eu enrijei meu corpo, prendendo o fôlego.

Meu pai apertou minhas mãos e Ságron agora não mais conseguia esconder sua preocupação.

— *Sanäel*. — Eu repetia para mim mesma em silêncio, mentalizando Kai, como se ele pudesse me ouvir.

Não era tola em acreditar que meus pensamentos chegariam a ele, mas só de imaginá-lo ouvindo minhas palavras, me tranquilizava por um momento.

— Como é o mundo dos mortos? — perguntei desamparada ao meu avô.

— Há locais lindos e há locais onde se escondem seus piores pesadelos. Almas boas vão para locais de paz, onde possam criar o seu próprio mundo, vivendo a eternidade que sempre sonharam. Outras são levadas ao labirinto, um local escuro,

abafado onde a temperatura parece fazer sua pele ferver, transformando sua realidade em tormento eterno. Não há maldição que sobressaia ao que esse lugar representa.

— Há vulcões e rios de lavas? — perguntei angustiada e meu avô confirmou, depois se perguntou como eu sabia. — É para onde eu vi Kai sendo levado em meus sonhos!

Báhlgor respirou pesadamente com inquietação em seus olhos.

— Mas se há um lado bom e Kai é inocente, então há possibilidade de ele não estar no local do labirinto.

— O Labirinto é a única entrada para aqueles que querem adentrar o mundo dos mortos. O lado bom é aberto apenas para merecedores quando deixam este plano. Kai pode ser inocente e ter sido enganado, mas está no labirinto e sujeito à suas leis. Leis estas que consistem em não mais sair, uma vez que você entra. — disse derrotado.

— Você disse que humano nenhum jamais voltou, não é mesmo? — Fixei meu olhar em Ságron, que consentiu. — Não sou totalmente humana! — gabei-me.

— Mas é mortal — exclamou meu pai apavorado com a ideia de eu entrar lá.

— Ela é uma semideusa — disse Ságron polidamente, lembrando quem eu era.

— Exatamente! Portanto, se há alguma chance, mesmo que remota, eu irei até lá salvar meu filho! Vocês virão comigo? — perguntei ao meu pai e avô, que fitaram o chão decepcionados em não poder me ajudar.

— Posso te levar até os portões, mas não podemos entrar com você.

— Por que não?

— Porque não temos permissão para entrar em seu mundo e é de nosso código respeitar.

— Nem que fosse para salvar Kai ou qualquer outro que amamos — lamentou meu pai, lembrando que eles não me salvariam se eu precisasse.

Fitei o chão por um momento, depois ergui meu olhar para Ságron, decidida.

— Há algo mais que esteja me escondendo?

— Nós dragões nunca escondemos nada, mas há algo que você nos omite. — Ele instigou com os olhos apertados.

— A pedra! — Suspirei constrangida.

Ságron pela primeira vez pareceu irritado e os outros dragões, além de desapontados, temeram terem suas pedras em mãos inimigas.

— Alertamos o primeiro guardião, não somente da importância de nossa aliança, mas também da responsabilidade em mantê-la em segurança, pois seu povo sofreria severas consequências se ela caísse em mãos inimigas, uma vez que sempre havia aqueles que desejavam tomá-la!

— Pensamos em retomá-la para o bem de seu povo e do nosso... — falou Khoma e Ságron pareceu desaprovar que ele nos desse essa informação. Então as palavras do dragão ancião me vieram à cabeça.

— O ancião levado a mim, me contou sobre umas desavenças que seu povo vem sofrendo. Algo a ver com a pedra.

Ságron suspirou.

— Por anos Drakenian tem estado aos seus cuidados e jamais questionamos a essência daqueles que vêm guardando-a. No entanto, receosos de um dia sermos traídos, nosso povo começou a se dividir entre aqueles que, como nós, acreditam na benevolência de seu povo e aqueles que afirmam não ter ninguém melhor do que nós para guardá-la, uma vez que ela é nossa.

— Então começaram as discussões e uma coisa levou a outra. Hoje nosso povo está sofrendo com as opiniões contrárias, que geram brigas, levando à morte muitos de nós, inclusive os mais jovens — lamentou Khadra.

— Então por que nunca guardaram a pedra vocês mesmos? — perguntei, esforçando ao máximo para não soar grosseira.

— Porque até entre nós havia aqueles que poderiam sucumbir ao seu poder — lamentou Ságron. — Precisávamos de aliados, mas os destruiríamos no exato momento em que descobríssemos a sua traição.

— A pedra foi roubada de nós pela nossa inimiga. Meu povo jamais demonstrou interesse em Drakenian além da proteção que ela nos dava. Como rainha, assumo a responsabilidade de ter falhado e deixarei que me punam, mas peço que deixe meu povo fora disso, e que eu ao menos tenha a chance de resgatar meu filho primeiro — pedi.

— Os dragões jamais atacariam qualquer povo sem nossa permissão e nunca permitiríamos um ataque àqueles que por anos vêm provando sua lealdade a nós — assegurou Ságron. — Seus inimigos não somos nós. Jamais seríamos! Mas eles existem e, enquanto viverem, não estarão seguros!

Eu estava visivelmente constrangida, mas ao mesmo tempo aliviada em saber. Poderia enfrentar mil exércitos do reino dos mortos, mas não havia uma única célula do meu corpo que não temesse sofrer com a fúria de um dragão.

— E irão atacá-la? O nome dela é Christine — perguntei na esperança de que eles pudessem reaver a pedra, mesmo que me tirassem a sede de vingança que eu tinha em matá-la.

— Não podemos nos intrometer em guerras, porque somos proibidos pelos deuses e só teríamos permissão para matá-la se ela usasse o poder contra nós. Felizmente para ela, não somos seus alvos.

— Mas Shadowfalls sempre lhe foi fiel.

— E por isso nos corroemos em remorso em não poder ajudá-la — disse Ságron, sereno novamente. Os outros dragões baixaram a cabeça.

Consenti abatida e quando estava prestes a me retirar, lembrei de algo. Virei-me para eles, que elevaram o olhar para o que eu estava prestes a contar-lhes.

— A pedra costumava falar comigo... Uma língua antiga, incompreensível.

— Você foi a única que sobreviveu para tocar a pedra e com isso abriu um canal para uma comunicação direta com nossos anciões, mas como a linguagem é antiga, pode ser apenas um simples eco do que aconteceu há milênios — explicou Khadra.

— Mas, e quanto às visões que tive? Fui levada para um local muito parecido com este.

— Visões do passado, como o eco que você escuta — disse Ságron. — Mas isso não é importante no momento. A pedra está em mãos inimigas, seu povo está prestes a sofrer outra guerra e seu filho se encontra no mundo dos mortos. Eu aconselho a tentar salvar o seu filho e nós daremos um jeito de descobrir onde nossa pedra está para a retomarmos.

— Ela será devolvida a Shadowfalls?

— Tem minha palavra — assegurou-me fielmente.

Eu lhes agradei humildemente por toda a ajuda e voltamos a Shadowfalls completamente abatidos.



Capítulo 08

Meu povo se dividia entre dormir e vigiar os portões. Achei que seria melhor convocar uma reunião logo pela manhã, para que pudesse, em seguida, resgatar meu filho. Conteí a Aidan sobre a reunião com o conselho e o paradeiro de Kai. Não sabíamos quando a guerra aconteceria, mas eu sabia que Shadowfalls estaria em ótimas mãos com os elfos, centauros e Weston ao nosso lado. Eu traria Kai o mais rápido possível e chegaria antes da guerra. Aidan e eu não conseguimos dormir devido ao desespero que era imaginar nosso filho aterrorizado e não estar lá para protegê-lo.

Pedi às fadas de sangue que iluminassem os topos das árvores, mostrando uma reunião de emergência. Shadowfalls acordou em estado de alerta; e eu, no centro da ponte que cortava o lago central lotado de sereias, iniciei a reunião. Houve um alvoroço desesperador após explicar o paradeiro de Kai, mas consegui passar-lhe segurança em lembrar-lhe o que já havíamos enfrentado e garantindo que seria a nossa última guerra.

Eles ergueram os braços com bravura e gritaram como vencedores. Ninguém iria nos destruir assim tão fácil. Mesmo já lamentando as mortes que viriam, lutaríamos até nosso último suspiro.

Margreet trouxe Síndel, que estava aos prantos.

— Não vá, mamãe! — implorava e nem mesmo a mais forte das mulheres conseguiria se manter séria em um momento como aquele. Apertei-a forte contra o meu peito e, em lágrimas, prometi que voltaria.

— Odo, Owen e eu ajudaremos a tomar conta dela — prometeu carinhosa.

— Obrigada. — Consenti humildemente com a cabeça.

— Sabe que jamais me perdoarei por não ir com você. — Aidan lamentou.

— Sabe que jamais permitiria que você fosse, uma vez que não é um semideus. Por que eu o levaria a um mundo de onde você jamais sairia? — Acariciei seu rosto. — As crianças são como eu, e Kai não sabe como sair de lá.

Aidan me tomou em seus braços e após um longo abraço ele beijou meus lábios com força.

— Traga nosso filho o mais rápido que puder — implorou-me e eu prometi que assim o faria.

Báhlgor apareceu em sua forma de cervo e eu podia ver a angústia em seus olhos ao ter de me levar até o mundo de seu irmão. Meu pai sentia o mesmo, mas tentava me passar confiança.

Eles me levaram para os portões do labirinto, no interior de uma caverna tenebrosa, onde um lindo e gigantesco portão de madeira com adornos dourados parecia trancado.

Ambos estavam visivelmente relutantes em me deixar entrar.

— Como possui conhecimento desse lugar, se nunca entrou?

— Porque era como ele descrevia que seria. Conhecendo meu irmão, duvido muito que ele tenha feito diferente.

— Meus maiores medos estão na guerra e no meu filho assustado, mas não no labirinto em si — assegurei.

— Tranquiliza-me o fato de saber que está tão confiante e segura, mas é necessário que eu a alerte dos truques que esse lugar tem, destinados a fazer você desistir.

— Jamais desistiria do meu filho — falei com veemência.

— Diz isso por desconhecer o que é o labirinto! As almas são capazes de fazer com que você se perca em seus pesadelos. Eles podem fazer-lhe esquecer quem você é e lhe tirar toda e qualquer vontade de cumprir sua missão. Até mesmo de viver! Você pode esquecer do perigo que Shadowfalls corre, porque as almas irão convencê-la de que nada disso é importante. Todos aqueles que ali entram, sucumbem na própria escuridão! — Báhlgor insistia em me fazer desistir.

— Já ouviu falar no local onde as sombras se deitam? — Interveio meu pai. — Ali é pior! É onde as sombras se reúnem para brindar com o sangue de suas vítimas e planejar o próximo passo!

— Kai já deve ter sucumbido ao labirinto. Acredite, ele não tem salvação! — Báhlgor já não conseguia mais conter o pranto.

— Por que não me disseram isso antes? — afrontei-os.

— Porque não queríamos que você desistisse perante o seu povo. Nosso plano foi trazê-la aqui e fazer com que desistisse. Podemos arquitetar uma resposta para o motivo do seu fracasso.

Uma rainha precisa demonstrar bravura para o seu povo, portanto eu estava irredutível.

— Ainda pensa em entrar? — Meu pai perguntou incrédulo. — Não faz ideia de onde está se metendo! Nenhum perigo que você passou ou irá passar, pode se

comparar ao que vai acontecer lá dentro!

— Kyara... Por mais que seja difícil, esqueça-o! Seu reino tem um rei e todos têm suas famílias, mas sua filha precisa de você!

— Posso desconhecer o labirinto, mas as almas também *me* desconhecem! Se acham que podem ficar com ele e eu nada farei a respeito... — bufei.

— Filha... — Meu pai botou a mão no meu ombro e eu dei um passo para trás, revoltada.

— Se fosse eu lá dentro, você desistiria de mim? — desafiei-o a me responder. Ele baixou a cabeça e eu soube da resposta.

— Eu enfrentaria os maiores perigos por você... Mas entenda que a decisão de um Deus, deve ser respeitada. Ele bloqueou esse mundo para nós e não podemos desrespeitá-lo.

— Então entende que eu preciso entrar! Se Kai está em um perigo como esses que me relataram, então minha presença se faz mais do que necessária. Faz-se urgente!

Derrotados, fizeram uma curta pausa como se sofressem o luto de minha morte. Estavam convictos de que seria a última vez que me veriam, mas eu estava ainda mais convencida de que conseguiria provar o quanto estavam errados.

— Que assim seja. — Meu avô ergueu a cabeça. — Confie sempre em seus instintos, é o único conselho que posso lhe dar.

— Meu instinto me manda entrar — falei carinhosamente. Beijeí sua testa e ele fechou os olhos, sem se mover. Ele não queria ter de se despedir de mim.

Em seguida meu pai me abraçou. Após alguns segundos me afastei lentamente. Não poderia mais esperar.

— Daqui você vai sozinha. — Lamentou meu avô com a voz embargada. Meu pai preferiu ficar em silêncio.

Assim que dei o primeiro passo em direção aos portões, o chão por trás de mim tremeu e se rasgou em uma enorme fenda entre nós. Nesse momento, eu sabia que não teria mais volta, nem que eu quisesse desistir. Os portões rangeram ao se abrir e assim que o atravessei, eles bateram em um estrondo forte que fez o chão tremer novamente, antes mesmo que eu pudesse dar uma “última” olhada para meu pai e avô. Havia apenas a parede rochosa do interior da caverna, como se o portão nunca tivesse existido.

Então, me deparei com milhões de almas que atravessavam as paredes e olhavam para frente nas mais diversas expressões. Notei que alguns estavam extasiados e outros aterrorizados e eu me questioneei o porquê de tais reações, quando na verdade estava apenas confusa com o que via.

Havia uma ponte de pedras cinza, era luxuosa e ligava o caminho para uma escadaria coberta por um tapete vermelho aveludado, com adornos dourados nas

bordas. Aos pés da escadaria havia duas estátuas de mulheres viradas de frente uma para outra. À esquerda, uma súcubo prateada; e à direita, uma mulher dourada com asas mais delicadas.

Ambas eram minuciosamente esculpidas, mostrando duas lindíssimas e diferentes mulheres, desde suas feições às vestimentas. A súcubo tinha armaduras metálicas que se ajeitavam sensualmente às curvas de seu corpo e um par de asas pontudas. Ela também tinha enormes chifres e um olhar enigmático. A outra tinha a aparência mais leve, uma asa delicada como penas de gigantesco pássaro. Vestia um longo e simples vestido de alças, levemente esvoaçante perto dos pés descalços.

A disparidade entre as duas era algo realmente magnífico, mas a súcubo não era tão amedrontadora a ponto de causar quase que uma histeria coletiva entre alguns e nem a de anjo era tão linda a ponto de fazer brilhar os olhos extasiados de pessoas que pareciam hipnotizadas.

Minha reação em nada poderia se comparar aos dois extremos de todas aquelas almas. Quando um homem ao meu lado direito suspirou, quase que apaixonadamente, e depois riu como se seus olhos não acreditassem no que viam, eu me vi na necessidade de lhe perguntar:

— Do que você está rindo? — questionei respeitosamente, não porque suas vestimentas mostravam se tratar de um guerreiro, mas porque mesmo desconhecendo o emblema cravado na armadura metálica, senti que ele era um homem honrado.

— Você não vê os portões dourados? — ele me questionou com o semblante confuso.

Franzi meus olhos, sem entender o que acontecia, e ao voltar o olhar para frente, ainda via o mesmo cenário de antes. Um grito de um pedido desesperado de ajuda interrompeu meus pensamentos. Uma mulher agarrava minha perna em desespero e olhava para frente completamente aterrorizada, relutante em prosseguir.

— Eles querem me pegar! — apontava para frente em pânico e me olhava suplicante, como se acreditasse que eu fosse capaz de ajudá-la.

— Quem? — perguntei olhando novamente para frente, sem ver nada.

— As criaturas das sombras, atrás do túnel de fogo!

Então, ao mesmo tempo em que o guerreiro e outras almas andavam quase que hipnotizados em direção àquilo que somente eles viam, outras eram arrastadas ou sugadas em desespero. Todas desapareciam no exato momento em que pisavam no vão ao redor da ponte.

Em meio a todo aquele cenário ambíguo, uma cena se sobressaiu, a ponto de cessar os sons de gritos ou risadas que se misturavam ao meu redor. A alma de uma jovem mulher caminhava em leves passos de dança, claramente agradecida pelo seu destino. Ela chorava, mas seu pranto era de alívio por saber que não mais sofreria os

horrores que seu corpo e mente sofreu quando viva. Aquela dança tão linda e inusitada, claramente se tratava da cultura de sua aldeia, onde ela agradecia aos deuses por aquilo que parecia lhe aguardar do outro lado. Aos poucos, sua alma desapareceu conforme o seu caminhar. Sim, eu me emocionei, porque o fim do sofrimento daquela mulher era para mim um acalento momentâneo.

Os sons voltaram normalmente e, com eles, um momento de lucidez, onde pela primeira vez questionei minha decisão. Uma mãe jamais deveria se martirizar por tentar salvar seu filho, então por que eu questionei minha decisão?

“Porque você deixou sua filha para buscar uma criança que não tem salvação!”, uma voz sussurrou em acusação.

Enfurecida, olhei para os lados a fim de procurar quem ousava dizer tais palavras, mas ninguém me olhava. Aquela voz ria em deboche, então percebi que a voz vinha de dentro da minha mente, como um pensamento incontrolável.

“Excelente escolha, Kyara... Antes, era uma criança sem mãe, agora serão duas! Acha mesmo que irá conseguir encontrá-lo?”, ela sussurrava em afirmação do meu fracasso.

Tapei meus ouvidos a fim de não a escutar, mas ela ria novamente, como se tapá-los fosse inútil. Ela ia continuar a me sabotar, ela fazia parte daquele lugar e eu precisava ignorá-la, afinal, quando foi que palavras me travaram? Se fui contra o conselho de dois deuses, por que daria ouvidos a uma voz que eu nem sequer fazia ideia de onde vinha?

Comecei a caminhar, mas ao dar o meu primeiro passo na ponte, todas as almas desapareceram, porque assim como eles, também fui levada para outro local. Debrucei-me levemente na margem esquerda da ponte a fim de ver o que havia lá embaixo. Tudo era apenas um vão negro.

Cruzei a ponte, passando entre as duas estátuas. Eu poderia jurar que elas interagiriam comigo de alguma forma, mas não quis ficar ali para saber. A escada era dourada e coberta por um carpete aveludado, que mesmo com a bota da minha armadura, eu podia sentir sua maciez, pela forma que meus pés repousavam quando eu andava.

Havia pilares dourados arredondados e, entre um e outro, eu via estátuas de diferentes criaturas. Do lado esquerdo, onde a súcubos estava, vi demônios, criaturas de orelhas e dentes pontudos, feras deformadas, monstros, cobras de duas cabeças e até uma serpente gigante que se enroscava no pilar e projetava sua cabeça com a boca aberta e os enormes dentes protuberantes, como se fosse me abocanhar. Do lado direito, eu via estátuas de homens e mulheres com armaduras ou roupas leves, expressões serenas, crianças e animais, e até dríades, mostrando claramente os dois opostos do mundo dos mortos. Aquilo me causava o extremo das duas sensações de acolhimento e ameaça. Eu tinha medo e vontade de prosseguir, mas só

continuava por não ter muito controle do meu corpo, as escadas pareciam levar-me como um encantamento. Encantamento esse que cessou quando cheguei ao topo de onde a escada levava. Uma sala escura e vazia, onde o único objeto era uma estátua em um pedestal e onde diferentemente das outras, não era nem dourada ou prateada, mas, sim, branca.

Corri meus olhos desde os seus pés até a cabeça, e, enquanto eu ia me aproximando da face daquela estátua, eu já tremia só de imaginar quem era. Meu coração palpitava aceleradamente quando minhas suspeitas se confirmaram. Modelaram perfeitamente cada traço do rosto, porque quem fez a estátua, claramente conhecia aquele quem ele esculpia. Então, prendi meu fôlego, enrijecendo meu corpo com susto que tomei, ao ver uma réplica exata minha, com cada detalhe da minha armadura. Ao me aproximar, bruscamente caí em um abismo que se abriu do nada, debaixo dos meus pés.

A queda parecia não ter fim, eu caía com uma violência tão extrema, que minha queda não parecia ter acontecido, mas sim forçada, como se tivessem me empurrado com brutalidade. A pressão do ar partiu minhas costelas e a dor era insuportável. Meu coração parecia sofrer algum tipo de arritmia, porque ele acelerava mais que as asas de um beija-flor pairando no ar.

O cenário ao meu redor era um céu em tempestade. Mesmo das grossas nuvens acinzentadas, eu via as sombras com asas pontudas das criaturas que voavam por trás delas. Então, uma dessas sombras ultrapassou a nuvem cinza. Vi um demônio alado de corpo vermelho e musculoso, com pernas como as de um boi. Seu rosto era deformado e os dentes cresceram mais quando abriu a boca para rosnar, mas foi a odiosidade em seus olhos que mais me aterrorizou. Ele ergueu as enormes garras e me agrediu com um intenso tapa que me empurrou brutalmente para as nuvens, me levando direto para o dorso de outra criatura igual.

Irritado, ele me deu um soco no rosto e, nesse momento, foi como se eu perdesse a consciência, mas não a ponto de não ver o que acontecia, foi como se o meu corpo adormecesse, me impedindo de sentir traumas ou dores. Outras criaturas surgiram e fui jogada de uma para a outra, como se eles se divertissem ao me machucar. Meu corpo passava dando rasantes por pedras flutuantes, até que me choquei de encontro a elas, mudando a direção pela qual eu havia sido arremessada. A cada agressão, eu sentia meus órgãos internos esmagados ou perfurados pelos ossos partidos. Eu não sentia dor, mas também não conseguia me mexer e nem as inúmeras fraturas expostas me causaram traumas. Eu estava letárgica, prestes a perder a consciência por completo.

Então, fui pega novamente por algo que me puxou pelas minhas costas. Algo que não parecia ser uma daquelas criaturas. Aos poucos, enquanto eu era levada, o cenário se modificava e me mostrava um breu. O silêncio me acalmou e quando

pensei em tentar me curar, estranhamente meu corpo foi voltando ao normal, como se agisse por conta própria. Em segundos, não havia mais nem sinal de qualquer lesão sofrida recentemente. Então, gentilmente fui colocada no chão e quando olhei a fim de ver quem havia me conduzido, eu nada vi



Capítulo 09

Eu havia entrado em uma escuridão silenciosa onde o ar era úmido e sufocante. O odor era indistinguível, mas era repugnante, me causando ânsia de vômito. Retirei uma das minhas flechas e preparei meu arco para atirar no primeiro perigo que encontrasse. As iluminei com minha energia, não somente para dar mais potência à minha arma, mas para enxergar o caminho que eu percorria, perdida. Minha armadura começou a ranger e a pesar, e eu precisava me esforçar para caminhar, porque além do peso, o chão parecia querer prender meus pés, como um imã. Arrastava minhas pernas em um esforço exaustivo para poder prosseguir e acabei, por fim, deixando meus braços caírem doloridos, derrubando meu arco e flecha. Aguardei alguns segundos para descansar, mas ficar imóvel parecia ser ainda mais exaustivo. Ajoelhada, peguei-os e os devolvi em minhas costas novamente. Eu engatinhava e minha respiração era curta. Queria me livrar da armadura, porque ela me impedia de prosseguir. As memórias da última guerra voltaram com força em minha mente, como se alguém as manipulasse propositalmente para me atormentar, e o que antes parecia só lembranças, se tornou realidade diante de meus olhos.

O breu fora ganhando o verde da floresta de Shadowfalls e junto com ele, o cenário de morte. Eu engatinhava em meio à guerra e me via matando cada inimigo. A fúria em meu olhar, que antes me parecia o certo por defender meu povo, agora me apavorava, me fazendo temer a mim mesma. O terror nos olhos dos meus inimigos me levou às lágrimas, como se eu sentisse compaixão por eles. Então percebi que o que eu via era, na verdade, toda a culpa que carregava inconscientemente pelas vidas que tirei. A culpa já conhecida por todas que não consegui salvar. O chão que antes era uma terra áspera e escura, aos poucos foi umidificando, como se água surgisse por debaixo dela, prestes a transbordar. Havia uma pequena brecha transparente de vidro, esfreguei a terra para os lados, a fim de ver o que tinha ali, mas assim que a toquei, uma completa escuridão tomou o local. Meu coração acelerou, meus batimentos cardíacos faziam eco e minha respiração

parecia querer falhar. Toda a terra ao meu redor inexplicavelmente desapareceu, não pela escuridão, mas porque eu sentia, ao engatinhar, que estava sobre uma superfície completamente lisa. Superfície essa que começou a esfriar aos poucos e trouxe uma estranha sensação de corrente que passava por baixo dela. Iluminei minhas mãos e toquei o chão para enxergar. Foi então que as luzes que emanei refletiram nos olhos de um enorme peixe que passava boiando de lado naquele momento. Era claro que ele estava em sofrimento, abrindo e fechando a boca lentamente, e a corrente de água se encarregou de levá-lo para longe.

Em um piscar de olhos, a escuridão se foi e eu me vi perdida, engatinhando em um mar congelado. Havia inúmeros icebergs, uns bem próximos, outros mais distantes. Teve um que desmoronou e rachou o gelo próximo a ele. Pensei que a fenda formada se estenderia até a mim, mas, para minha sorte, parou bem antes de se aproximar.

O cansaço sumiu, dando espaço a uma angustiante sensação de isolamento. Os únicos sons eram das gigantescas geleiras, cujos estalos ecoavam constantemente e o assóvio do vento gélido e cortante que soprava contra meu corpo.

Minha atenção voltou-se para o gelo fino em que eu estava. Minhas palmas e joelhos começaram a queimar pelo frio, mas eu não poderia me erguer, ou o gelo se romperia. Eu sentia que deveria ficar imóvel.

A corrente marinha, que antes levava só peixes mortos, começou a trazer corpos humanos desmembrados, como se ela manipulasse tudo o que seria me mostrado. Consegui, bem devagar, tirar minhas palmas do chão, ficando somente ajoelhada, enquanto cruzava os braços na frente do tórax em uma tentativa sem sucesso de me aquecer. Meus joelhos tapavam a visão do que estava prestes a surgir, e abaixo deles, pela água abaixo do gelo, um tórax humano desmembrado e sem cabeça ia sendo levado lentamente. Quando chegou na cintura, ele parou um segundo, e antes que eu pudesse temer o que seria, a corrente o levou e mostrou uma enorme cauda de sereia em decomposição.

A temperatura do meu corpo começou a cair bruscamente, eu tremia, enquanto minha pele queimava e rasgava pelo frio. Aos poucos, senti como se meus órgãos internos comessem a falhar. Como se não fosse o bastante, vi o cadáver inteiro de uma das minhas irmãs sendo levado lentamente e me desesperei ao reconhecê-la. Ela foi a primeira que eu conversei, ainda em Ardhem, quando fora capturada. Suas cicatrizes pulsavam como se animais peçonhentos lutassem dentro dela para rasgar sua pele. Eu gritava sem parar. Gritava por socorro, gritava em desespero e cheguei a um ponto onde nem eu mesma sabia por que eu gritava, mas não conseguia parar. Não sei até que ponto um ser precisa atingir o ápice da loucura para chegar à sanidade, sequer sei se isso era possível, mas aconteceu. Parei e fechei os olhos, me focando na respiração, que já começava a falhar, e me lembrei de quando levei

Arturo de volta a Weston, após a última guerra. Naquele dia, ele acreditava que iria morrer e seu consolo seria pensar em mim e nos filhos. Então, de olhos fechados, mentalizei o gelo se transformando em grama. Meus pensamentos se tornaram reais. A textura dura e gélida deu espaço para outra, macia e quente. Voltei a posicionar minhas mãos no chão e pude sentir a terra entrar por entre meus dedos enquanto os pressionava contra o solo. Sorrindo, respirei em alívio por um segundo. Era tudo em minha mente, mas eu estava em casa! Aidan segurava Kai e Síndel em cada mão e todos sorriam como se me encorajassem a prosseguir. Anika surgiu dançando, como gostava de fazer. Arturo se recostava em uma árvore sorrindo ao observá-la e Megan carregava seu bebê no colo enrolado em uma manta.

Seus rostos em minha mente me ajudaram e me acalmaram, mas havia algo ou alguém que insistia em manipular meus pensamentos, como se quisesse me impedir de pensar naqueles que amava. De repente, um grito me fez abrir os olhos novamente.

— MÃE! ME AJUDA!!!! — gritava Kai em desespero.

Levantei-me em um salto para ir em direção à voz do meu filho, no exato segundo em que percebi estar de volta às geleiras. O gelo por debaixo dos meus pés rachou e estalou, e mesmo imóvel, ele continuou. Fez-se um rombo ao meu redor e eu caí naquela água congelante. Em desespero, senti minhas extremidades comprometidas, meu corpo pesou como uma bigorna e eu era incapaz de voltar à superfície.

Havia pontas de icebergs submersas e, detrás delas, uma espécie diferente de sereias surgiu. Elas tinham cabelos completamente brancos, olhos azuis leitosos que quase se juntavam ao branco de seus olhos, suas caudas eram de um azul-claro cintilante e nadavam rapidamente em minha direção.

“*Estou salva!*”, pensei antes de elas abrirem a boca e mostrar enormes presas. Elas eram hostis e me cercaram para me atacar. O enorme grupo se juntou e, no que a primeira cravou os dentes no meu ventre, em um piscar de olhos, fui levada a outro lugar.

Meu corpo inexplicavelmente estava seco e eu caía em um abismo sem fim. Meu coração acelerava a ponto de eu pensar que ele explodiria. Temi, terrificada só de imaginar em encontrar aquelas criaturas aladas novamente. Graças aos deuses, elas não vieram. Meu corpo continuava a cair e assim foi por um tempo. Quando menos esperei, atingi o solo. Eu estava dolorida pelo impacto, mas não quebrei um osso sequer, como se eu tivesse levado um tombo bobo e não sofrido uma queda como a que acabara de sofrer.

Não sei se eu precisava ser punida severamente ou se aquilo apenas queria que eu fosse. Ainda de bruços, não mais conseguia me arrastar. Soquei o chão com força e indignação por não estar no local onde ouvi a voz do meu filho. E continuei

socando inúmeras vezes a fim de extravasar minha raiva. Então senti as dores dos ossos quebrados na minha mão. Eu contraía meu braço em agonia sem poder mexer meus dedos. Tentei me curar e pela primeira vez fracassei. Poderia estar perdendo meus poderes ou estava tão enfraquecida a ponto de não conseguir me lembrar de como usá-los? Só sei que a dor aumentava, assim com o peso da armadura que voltou a pesar como se alguém se sentasse em meus ombros.

Eu precisava me livrar dela para caminhar novamente. Tentei, mas sem sucesso. Estava tão fraca que nem conseguia me despir. E se conseguisse, com a mão quebrada não suportaria a dor de nada que passasse pelo meu braço.

Então, as paredes pareceram se fechar na minha direção e, apesar da temperatura estar bastante elevada, senti calafrios. Minhas pernas e braços começaram a coçar pela falta de oxigênio e a sensação era de estar sendo assada viva em um enorme caldeirão sem água.

O chão começou a rachar e formar brechas que flutuavam em um rio de lavas borbulhante entre um pedaço e outro ao se afastarem. Eu sabia que poderia morrer, mas minha vontade de sobreviver ultrapassava qualquer dor física ou terror mental, porque meu filho precisava de mim. Talvez mais até do que eu precisasse encontrá-lo. Minha adrenalina atingiu o ápice e levantei-me com dificuldade, porém o mais rápido que consegui. O pedaço de chão em que eu estava começou aos poucos a ser engolido pelas lavas. Em desespero, fiquei na ponta dos pés, sentindo meu coração palpitar como socos internos no meu peito. Eu precisava pular para outra pedra, antes que ela se afastasse o suficiente, se tornando impossível, alcançá-la. Eu sabia que em algum momento poderia ser transportada para outro local ou simplesmente morrer, mas enquanto houvesse chances de sobreviver, eu continuaria, porque meu fim não aconteceria por desistência.

Peguei impulso, quando algo pareceu se fixar em minhas costas. Um enorme par de asas negras me levava para perto de outro portão aberto que dava para o mesmo cenário do meu sonho. Estranhamente, isso me trouxe uma sensação de alívio. Elas praticamente me jogaram no chão e eu rolei, me erguendo rapidamente. Limpei a sujeira da minha armadura e ajeitei o arco em minhas costas.

O caminho que eu percorria era escuro, mas não o suficiente que eu não pudesse enxergar. Não havia ninguém, ao menos ninguém que meus olhos pudessem ver, porque fui subitamente tomada pela fobia de me sentir observada. A presença era forte, hostil, e eu não acreditava que pudesse enfrentá-la. Ouvia seus passos firmes pelo chão, mas não importava para onde eu olhasse, porque eu nada via. Era angustiante. Os passos que antes caminhavam lentamente pareceram ganhar companhia. Eram muitos, como uma horda de criaturas monstruosas. Então eles aceleraram e correram com tudo até mim. Duas estranhas sensações repentinas de pavor e urgência me consumiram de uma forma que sem explicar, comecei a correr.

Não sabia do porquê ou de quem eu fugia, mas se ficasse ali, poderia resultar na minha morte. Meu corpo começava a dar sinais de exaustão. Entre todos os passos, um em específico se aproximava mais apressadamente para me alcançar. Olhei para trás e, novamente, nada vi. Aquela criatura invisível fincou-se nas minhas costas e o impacto foi tão grande que eu tombei para frente.

No entanto, ela não perfurou minha pele, mas a ultrapassou, unindo sua energia em minha corrente sanguínea. Ela pesava e sua energia me consumia como se sugasse minha força vital. Enfraquecida, parei de correr e as sensações de perseguição e urgência de fuga também cessaram, assim como os outros passos.

Caí de joelhos, tombei meu corpo para o lado e, após alguns segundos, consegui levantar-me. Ergui-me com dificuldade, mas consegui manter-me ereta novamente, porém, o aperto no peito não me deixou. Tudo estava em silêncio, mas, novamente, eu não estava sozinha. Eu parecia estar no interior de uma enorme caverna, com cheiro ácido e nauseante, como o vômito. As palpitações não me permitiam andar normalmente, mas eu insistia. Um vulto negro se escondeu atrás de uma das rochas e outro saltou sobre mim, pelas costas. Virei no exato momento em que ele ia me atacar e consegui pegá-lo pela garganta com minhas mãos incandescentes. Era uma criatura estranha, parecia uma sombra sólida, olhos amarelos, orelhas de enormes pontas na horizontal, dentes pontudos e corpo de um humano. Não tinha vestimentas e suas armas eram as enormes unhas, que fracassaram ao tentar destruir minha armadura para furar meu braço. Ele tentava se soltar de minhas mãos, mas eu o forcei para baixo, fazendo-o ficar de joelhos.

— Procuro pelo meu filho!

A criatura rosnou.

— Uma criança, você o viu? — perguntei praticamente ordenando que ele me respondesse, mas ele só grunhia.

A criatura não era dotada de comunicação, mas era hostil e eu precisava me defender! Apertei ainda mais a sua garganta e ele começou a sufocar. Soltei-o e o chutei para que caísse sem ar no chão.

— Não quero problemas, só quero encontrar a criança... — falei derrotada a mim mesma.

A criatura rosnou e tentou saltar sobre mim, mas morreu ainda no ar pela ponta de minha adaga incandescente. Ele se liquefez, escorrendo um líquido escuro, denso e fétido que borbulhou no chão antes de sumir. Das rochas, várias delas surgiram e uma a uma se aproximaram para o ataque.

Minha única mão não machucada ficou em posição de garras, cerrei meus olhos e rosnei feito um animal, aguardando que viessem a mim. Por um segundo, estranhei minha reação, mas depois voltei meu olhar para as criaturas.

Eles andavam lateralmente com as mãos no chão e saltavam alto, como se fossem algum tipo de animal. O primeiro saltou de uma das rochas mais altas e morreu por uma das minhas adagas incandescentes que lhe acertou no meio da testa e o fez explodir em líquido no ar, que caiu sobre outros que se aproximavam. O segundo morreu pela minha outra adaga em sua garganta, e o terceiro saltou sobre mim e lutamos um pouco. Ele tentou me estrangular e eu finquei a adaga várias vezes em suas costas. Aquele líquido nojento escorreu em mim e quase vomitei, mas tive de me conter quando outro agarrou minha perna e mordeu minha coxa. Ele grunhiu alto pela dor dos dentes quebrados. Ele tinha força, mas nada comparado à resistência da minha armadura. Esmaguei seu crânio com minha mão que não cessava o brilho. Coberta de sangue e do líquido negro, rangi os dentes em desafio para as outras criaturas que aguardavam para me atacar. Elas agora me temiam e aos poucos se afastavam.

— Só quero saber onde encontro meu filho! — gritei, depois rosnei como um alerta para que se afastassem de vez, já que não podiam me ajudar.

Elas continuaram a caminhar para trás, quase que rastejando, e sumiram de vez por entre as rochas. Foram segundos de silêncio enquanto eu ofegava. Senti que a criatura não deixaria as minhas costas e eu sabia que precisaria me acostumar com o peso. Concentrei-me para reunir minhas forças e seguir adiante.

— Eu vi um menino... — Uma voz doce falou.



Capítulo 10

Tentei buscar de onde veio, mas o som parecia vir de todos os lugares.

Notei um movimento sutil no chão, encostado em uma rocha. Ela parecia assustada, como se arrependesse de ter me feito notar sua presença. Ela me temia. Aproximei-me vagarosamente.

— Não irei machucá-la — prometi afetuosa.

Ela vestia uma capa negra encapuzada e se sentava de costas para mim, abraçando seus joelhos. Gentilmente, ela virou seu rosto, parcialmente escondido pela sombra do capuz, mas podia ver seu queixo de pele mais ávida que a minha e os rubros lábios que se contraíam receosos.

— Meu nome é...

— Kyara. — Ela completou ao se levantar e jogar delicadamente o capuz para trás, mostrando um rosto de traços finos, cabelos negros e olhos castanho-claros acinzentados.

Ela era jovem, mas seus olhos eram velhos. Talvez resultado do que aquele lugar podia fazer.

— Me chamo Crystal.

— Como sabe meu nome?

— Porque a criança não parava de repetir, dizia ser filho de Kyara Morrigan e, mesmo aterrorizado, havia esperança em sua voz, quando afirmava que a mãe viria buscá-lo.

Suspirei tomada pela terrível e frustrante sensação de fracasso em protegê-lo.

— Ele te disse isso?

— Falou para a mulher que o trouxe!

— Então ele não entrou sozinho?

— Não.

— Christine... — Cerrei meus punhos e Crystal deu um passo para trás, assustada.

Eu não sabia o que era pior, meu filho estar sozinho ou acompanhado de alguém que poderia ser pior do que todas aquelas almas juntas.

— Quem era essa mulher? Eu lhe peço, me conte tudo o que viu.

— Não a conheci, tampouco fiz questão, mas ela tinha cabelos ruivos e ondulados.

“*A mesma descrição da que raptou Kai*”, pensei comigo mesma, após socar o solo abruptamente para extravasar minha raiva... Sequer perceber o rombo que fiz em um chão sólido.

— E depois? — perguntei com o coração dilacerado.

— Quando o portão se fecha, ele não abre novamente. Não importa se você veio por livre vontade ou se foi obrigado. Eu estava lá quando você chegou e percebi a diferença entre você e as outras almas, mas não pelo o que sei que seus olhos enxergaram, e sim por eu conseguir distinguir quem está morto e quem entrou vivo. E assim também foi com ela e seu filho. Quando os escutei gritando apavorados, percebi que foram enganados.

Crystal continuou:

— Depois, as asas os trouxeram sãos e salvos. Então as criaturas apareceram e a mulher duelou com eles. Eu vi as mãos da criança brilharem e sabia que ela poderia enfrentá-los, mas o garoto estava muito assustado, portanto, tomei-o pelo braço e corri antes que nos alcançassem, pois essas criaturas que você viu, não entram no labirinto.

— Levou meu filho para o labirinto? — enrijei meu olhar para ela.

— Foi preciso! Mas sei onde ele está e posso levá-la até ele — prometeu, suplicando para que eu não a machucasse, mesmo que eu não estivesse a ameaçando.

— E essa mulher, onde ela está? — perguntei me corroendo pela vontade de matá-la com minhas próprias mãos, sem precisar incandescê-las.

— Por que acha que me importaria com ela depois do que fez? Eu sei diferenciar pelas reações de quem entra aqui enganado e quem não entra. Não sei quais os planos dela, mas, ao contrário do seu filho, ela sabia o que estava fazendo.

— Você sabe meu nome, mas se refere a ele, como meu filho. Para alguém que diz tê-lo ajudado, é duvidoso acreditar na veracidade de suas palavras, uma vez que você não menciona o nome dele. — Franzi minha testa, desafiando-a a falar, na esperança de que a pegaria na mentira pela sua expressão de espanto, mas, para minha surpresa, ela se manteve serena.

— Kai. — ela respondeu calmamente, compreensiva dos motivos que ainda me levavam a ter dúvidas sobre ela. — Foi ele mesmo quem me contou, enquanto eu o guiava.

Suavizei meu olhar para ela e consenti levemente constrangida. Ela queria ajudar e eu estava sendo grosseira em duvidar. Sem contar que era um alívio poder conhecer alguém tão familiarizado com o lugar e que sabia o paradeiro do meu filho.

— Entendo que seja difícil confiar em mim, mas que outra escolha você tem? Acabei de descrever a pessoa que veio com ele e pelo seu olhar nem um pouco satisfatório, acredito ter acertado na descrição, assim como na minha decisão em tê-la abandonado.

Ao ouvir suas palavras sobre a mulher, minhas mãos incandesceram só de me imaginar pondo minhas mãos nela, e Crystal mais uma vez se afastou com as mãos em súplica, acreditando estar sendo ameaçada.

— Prometo que só quero ajudá-la! — Seus lábios tremiam, estava prestes a chorar e eu ouvia seus batimentos cardíacos acelerados de pavor.

Não a conhecia, mas ela me pareceu genuína. Relaxei meus ombros e meu semblante.

— Não lhe ameacei. — Assegurei-lhe. — Essa é a reação que tenho e ainda terei por um bom tempo, enquanto pensar nessa mulher que trouxe meu filho para este lugar. — Olhei ao redor com repúdio.

Crystal então relaxou também.

— Não a culpo por desconfiar de mim. É sempre assim. — Ela suspirou abatida, fitando o chão. — Nem todas as almas daqui são ruins — lamentou.

— Então o que você faz aqui? — perguntei serena, e ela engoliu seco. Parecia magoada.

— Temos assuntos mais urgentes...

Ela fitava o chão com os olhos cheios de lembranças, mas logo se recompôs em um suspiro e pediu que eu a seguisse.

— Conheço o labirinto como ninguém e posso levá-la pelo caminho mais rápido, embora ainda seja demorado.

— Certo!

Ela parecia hesitar.

— Algo aqui a assusta?

— Não gosto de cruzar o labirinto, poucas vezes o fiz... Poucas se comparar com o tempo que estou aqui. — Ela fitou o chão. — Seu filho não foi o único inocente a ser trazido para cá por engano — lamentou.

— E o que houve com esses que não deveriam estar aqui?

— Eu os guiei para um local seguro.

Havia um enorme rio de lavas borbulhantes, onde Crystal olhava apavorada, como se temesse alguma criatura medonha que pudesse surgir dali.

— Vamos, vamos rápido. — Pegou-me pelo braço e atravessamos a larga e escura ponte rochosa que cortava o rio.

Ela corria o mais rápido que podia e ofegava em pânico. Chegamos do outro lado da ponte, onde ela soltou minha mão. À frente, havia uma enorme entrada em ruínas, onde uma fonte de água turva cascadeava pela lateral e se juntava ao rio de lavas. Era a única saída do local em que estávamos.

— Ali começa o labirinto e, desculpe minha petulância, mas seria melhor que você se limpasse primeiro. — Apontou com a cabeça para a fonte. Até ela estava nauseada com o meu cheiro.

A água tinha um cheiro estranho e a textura parecia pegajosa, mas nada era pior do que o líquido fétido daquelas almas que eu havia derrotado antes. Para falar a verdade, estava tão preocupada com meu filho que sequer me dava conta do quanto fedia.

Mesmo conhecendo o caminho, ela parecia andar com cautela. O labirinto era, de fato, perturbador e eu podia entender claramente o porquê de Crystal evitar o lugar, eu mesma não achava que conseguiria me acostumar. Estávamos em uma caverna revestida de carne humana, com pilares de ossos, portais negros para todos os cantos e criaturas de sombras esqueléticas que se arrastavam no chão e nos seguiam.

Ela me guiava por entre as paredes entrecruzadas do labirinto e os portais iam surgindo como um convite tentador, mas, mesmo tentada a entrar, Crystal segurava firme em minha mão e me pedia que apenas a seguisse. Até que, de dentro de um deles, uma mão verde e enrugada surgiu, pegando meu braço. Como Crystal segurava minha mão que não estava machucada, ela começou a me puxar para impedir a criatura de me pegar, mas eu me vi na urgência de me soltar de suas mãos para alcançar minha adaga e fincar no braço da criatura. E assim o fiz. A criatura me soltou e, gritando de dor, voltou para o portal que se fechou bruscamente.

— Desculpe, nunca precisei ajudar alguém que soubesse lutar antes. E essa criatura também nunca apareceu nessa parte — ela disse confusa.

— Está tudo bem — assegurei, olhando para minha mão.

Os ossos não mais estavam quebrados, foi como se eles tivessem se regenerado, mas eu ainda sentia dor em minha mão e uma dificuldade estranha em mexê-la. Tentei me curar, mas não conseguia e isso me deixava frustrada. Crystal olhou como se não estivesse surpresa, então, se era algo normal de acontecer ali, e uma vez que a dor se tornou suportável, decidi por hora não dar importância.

O portal que entramos era como se fosse a parede de um túnel negro e ficava à direita de um extenso corredor feito de ossos. O chão estava inundado de sangue com crânios que tínhamos de chutar para fora do caminho. Quando entramos no portal, saímos em um corredor extenso com uma única porta a muitos metros de

nós. O problema era que deveríamos passar por um corredor repleto de jaulas feitas de ossos humanos, que trancavam almas em desespero. Elas colocavam as mãos para fora, umas pediam ajuda, outras cuspiam xingamentos e queriam nos atacar. Por sorte, o corredor era largo e as mãos não nos alcançavam, mas era desesperador e atordoante passar por elas. Então, uma delas chamou meu nome, e todas as outras instantaneamente se calaram. Parei confusa e pedi a Crystal que me esperasse.

De todas as almas, havia uma única que estava encolhida no canto da jaula. Quando me aproximei da grade, não a ponto de ela me alcançar se tentasse, mas para mostrar-lhe que eu estava curiosa a seu respeito, a alma então se aproximou. Assim como todas, ela tinha a pele parcialmente enrugada e a outra metade estava em carne viva. Não tinha cabelos, os olhos eram apenas os glóbulos oculares e alguns dentes apareciam por falhas na pele da mandíbula. Não conseguia distingui-la das demais, só soube que se tratava de um homem pelo tom de sua voz.

— Por favor, me ajude! Não aguento mais esse local! — ele suplicava desesperadamente.

Franzi meu olhar e tombei levemente a cabeça para o lado, tentando reconhecê-lo. Crystal me pedia para que seguissemos o caminho e eu fiz um gesto para que ela esperasse.

— Você não me reconhece? — ele perguntou surpreso, mas logo o reconheci pela malícia em seu olhar, acreditando que usaria isso a seu favor.

— Kendrick! — falei enojada ao reconhecê-lo.

— Só segui ordens de nosso rei! — Tentou explicar, isentando-se de culpa.

— E quando ajudou a destruir a aldeia de Megan e a levando para o seu pai? Quando se juntou ao grupo sem escrúpulos que violentou o corpo de uma jovem, próxima ao corpo sem vida da mãe? Também seguiu ordens do rei? — perguntei com escárnio e Crystal levou a mão ao seu colo, frustrada com o que ouvia.

— Monstro! — ela gritou.

— Você precisa entender que todos nós seguimos regras! Agora me tire logo daqui!

Eu nem tinha palavras para descrever o que queria fazer com ele, porém, por mais que quisesse lhe causar um dano terrível, apenas me afastei com o olhar de repúdio.

— Vamos sair daqui — pedi à Crystal, que consentiu, enquanto o fitava com raiva.

— ELFA! — ele gritou como último recurso para chamar minha atenção. E conseguiu!

Virei-me lentamente para trás e cravei meu olhar nele, que mais uma vez tentou usar uma de suas artimanhas.

— Você não me tira daqui porque é incapaz! Ora, Kyara, nem mesmo quando era uma escrava, você tinha medo de nós! Enfrentou Norár em seu último dia em Ardhem, enfrentou Brenda e todos nós no barco. E segundo você mesma, só não viajou conosco lá embaixo, porque não quis! Você nunca teve medo! Assim como não tem medo de mim! Mas não é por isso que você não me ajuda e, sim, porque você não sabe. — Ele ria debochadamente, na falsa esperança de que eu ia ajudá-lo para provar-lhe o contrário. — Você é uma fracassada! Não consegue fazer algo tão simples! Solte-me e prove que estou errado a seu respeito, elfa inútil. Se você me soltar, eu a ajudo com o que você precisar. Posso não saber muitas coisas, mas sei que não pertence a este lugar, que está de passagem com essa daí. — Olhou para Crystal com desdém.

— Como ousa se referir a mim debochadamente? Nem sequer me conhece ou sabe o que eu posso fazer por Kyara!

— Você tem a minha força para lutar? Acha que não sei que há monstros aqui?

— É fácil dizer que há monstros aqui quando você é um deles! — Ela zombou e ele bateu na grade com raiva.

— Alguma vez você me viu ter medo do inimigo? — Ele virou-se para mim rapidamente, ignorando as palavras de Crystal. Eu o olhei com tédio, lembrando-me de como ele fugiu feito um covarde durante a guerra de Shadowfalls.

— Tire-me daqui e eu ajudo vocês!

— Eu não pediria a sua ajuda nem que fosse minha última alternativa — falei amargamente e ele então se enfureceu e começou a forçar os ossos da cela para tentar sair.

Ele me xingava e esbravejava, mas eu nem conseguia prestar atenção nas suas palavras, porque sua ira me bastava. Após uns minutos, fixei meu olhar nele e falei como quem joga uma maldição:

— Que a eternidade seja o seu tormento.

E saímos daquele local sob os gritos de todas aquelas almas. O portal se fechou, cessando os sons estridentes.



Capítulo 11

Crystal deu um suspiro de alívio quando deixamos o local, mas me olhava assustada. Ela ainda parecia me temer e, talvez, isso fosse um dos motivos em que ela me ajudava, por temer que eu a machucasse.

— Lá! — Apontou para um canto da parede, onde não havia passagem nem nada que se parecesse com uma saída.

— Mas não tem nada... — Inspecionei o local, sem entender.

— Nem tudo aqui é aquilo que seus olhos enxergam. — Pegou minha mão machucada e a acariciou vagarosamente, levando a dor embora. Então pude mexê-la novamente como se nada tivesse acontecido. — Você não se machucou, sequer quebrou algum osso. Apenas acreditou nisso, porque é o que esse lugar faz.

— Mas eu soquei o chão! Eu senti!

— Eu a vi durante suas alucinações. Para você, estava ajoelhada, socando alguma superfície sólida, mas na verdade, eu a vi de pé, socando o ar em desespero. Quando você voltou, a sensação de dor se fez tão presente nas alucinações que você a trouxe com você. Agora me siga.

Tomando-me pela mão, atravessamos a parede como que por magia, surgindo em um local sem iluminação e de um silêncio sepulcral. O chão era inundado por uma água cristalina, que, mesmo na escuridão, podíamos ver nosso reflexo claramente. Mesmo que caminhássemos, as pequenas ondulações causadas por nossos passos não modificavam nosso reflexo por muito tempo. Então aquele silêncio se desfez com uma lamúria de uma mulher, deixando Crystal surpresa.

— Eu nunca vi ninguém aqui — ela dizia olhando confusa para os lados.

O som daquele choro se fez mais próximo, à medida que caminhávamos para a saída daquele local. Então nós a vimos. Ela estava seminua e ajoelhava curvada, fitando seu rosto no reflexo das águas. Ela o tocava insistentemente com as mãos trêmulas e repetia sem parar:

— A minha beleza! Eles levaram minha beleza! Levaram minha beleza!

O reflexo de seu rosto estava deformado, mas seu rosto em si estava normal. Ela nos viu, levantou-se às pressas, vindo em nossa direção com as mãos ainda no rosto.

— Brenda? — perguntei surpresa e Crystal me olhou espantada por eu conhecê-la também.

Ela estava tão desesperada pela beleza que acreditava ter perdido, que sequer me reconheceu ou ouviu-me dizer seu nome.

— A minha beleza! Eles a levaram embora! — Seus olhos em desespero pareceram congelar, como se ela estranhasse algo.

Então, de repente, vermes e insetos saíram de sua boca, narinas e olhos, e começaram a devorar a sua pele de verdade, enquanto ela gritava de pavor. As figuras de Luke, Kendrick e outros guerreiros de Ardhem surgiram como reflexo nas águas e começaram a cercá-la.

— Vagabunda! — xingou, Luke, trazendo um momento de lucidez à Brenda.

Assustada, ela olhava para eles nas águas, depois ao redor, como se buscasse respostas para o que estava acontecendo.

Eles se juntavam, cercando-a cada vez mais. Os insetos agora quase tomavam seu corpo. Na ponta dos pés, ela gritava para os guerreiros a deixarem em paz.

— Traidora! — Kendrick acusou-lhe.

Ela deu um grito de pavor e arrependimento.

— Alyra era sua melhor amiga! — outro falou com desprezo, criticando suas ações.

Mesmo eles sendo apenas reflexos nas águas, Brenda não conseguia fugir. Desesperada, ela ficava nas pontas dos pés e sacudia os braços como se pudesse espantá-los. Então ela nos viu.

— Kyara? — Seus olhos, a única parte de seu corpo não tapada pelos insetos, me fitaram em um misto de espanto e esperança, mas eu sequer tive tempo de esboçar qualquer reação, porque, subitamente, uma mão sombria a puxou, tragando-a para baixo d'água.

As ondulações cessaram em um segundo, assim como o reflexo dos guerreiros. Foi como se nada tivesse acontecido.

— Você disse que nunca viu ninguém aqui... — lembrei ainda abalada com o que acabava de ver.

— Ela deve ter encontrado esse local. Eles sempre encontram...

Depois de percorrer inúmeras partes do labirinto, driblar os portais que surgiam, nós finalmente entramos em um que nos levou para o interior de uma caverna coberta por mofo e onde eu comecei a passar mal. Estávamos em uma enorme sala central, cercadas de paredes que levavam a mais locais do labirinto, porém, havia uma passagem à frente, não muito diferente das demais, mas que Crystal reconheceu por ter feito uma marca. Era lá que deveríamos ir, mas antes,

precisávamos passar pelas almas com buracos negros no lugar dos olhos e bocas, e que andavam levemente curvadas, arrastando os pés. Seus corpos eram envoltos de correntes pesadas e elas emitiam um som como se estivessem em agonia. Iam sem rumo e em diversas direções, mas quando se chocavam acidentalmente, eram eletrocutadas. Elas gritavam como se sofressem a pior das dores e os que estavam em volta gritavam aterrorizados, temendo acontecer o mesmo com eles. Era um misto de súplica por ajuda e desespero de não poder falar ou ver o que acontecia.

— Não deixe que te encostem ou te escutem — ela sussurrou. — Se souberem que estamos aqui, vão vir de encontro ao som da sua voz e você será eternamente eletrocutada.

— Como conseguiu passar por aqui inúmeras vezes sem ser tocada? — sussurrei em seu ouvido.

— Apenas pise onde eu pisar. — Ela fez um sinal para que eu esperasse. Somente quando ela consentiu, demos o primeiro passo.

Foram longos minutos naquele lugar, onde o tempo entre um passo e outro era desigual. A sala era grande e eu podia esperar se fosse preciso para que saíssemos dali, mas a agonia daquelas almas me consumia e tive de me conter para não sair correndo ou gritar. Sem contar no cheiro do mofo, que fazia minha garganta coçar e eu precisava me concentrar para não espirrar. Meu corpo tremia, mas Crystal apertou minhas mãos, me dando força. Ela sabia o que eu sentia e me passou tranquilidade. Tinha de me focar nela e em seus comandos.

“*Fuja...*”, aquela voz sussurrou novamente dentro da minha cabeça.

“*Uma semideusa como você é capaz de matar todas essas almas, antes mesmo que elas te encostem.*”

Franzi a testa, tentando buscar de onde ela vinha e ela gargalhou por eu tentar descobrir.

“*Achou que eu fosse me calar? Achou que eu ia te deixar em paz? Pensa que me esqueci daquilo que te acusei? Ah, Kyara... Como se não bastasse ter abandonado sua única filha, marido e povo, ainda deixa Crystal, essa tola, te fazer acreditar que você precisa dela.*”

Zombou.

“*Cale a boca!*”, respondi em pensamento e ela riu novamente.

“*É melhor se acostumar...*” aconselhou-me em tom de deboche e eu resolvi ignorá-la.

Finalmente conseguimos sair e atravessamos a porta que dava para a frente de uma casa abandonada. Às vezes entrávamos em locais onde não havia sequer um sinal de que eu estava em um labirinto, mas eu me sentia encurralada, como se mesmo em um local aberto, as paredes estivessem próximas. Eu podia abrir os meus braços e jurar que as sentia, mas nada condizia com o cenário que eu enxergava. A

casa era empoeirada e todas as janelas estavam quebradas. Ela ficava a três degraus do chão e o do meio estava quebrado, com um rombo central. Todas as árvores ao redor estavam mortas, e no chão havia um tapete de folhas secas onde enormes e gordos vermes andavam e desapareciam entre elas.

— Como soube onde pisar?

— Elas são cegas e trilham sempre os mesmos caminhos. Não sei explicar ao certo, mas é como se acreditassem só haver um caminho a percorrer.

— Então por que elas se chocam?

— Porque os caminhos e trilhas vão de encontro um com o outro. Eu vi que há espaços, locais seguros, onde nenhuma dessas almas se encontram. É por lá que guio as pessoas.

— Como conseguiu descobrir?

— Depois de ser eletrocutada milhares de vezes, acabei aprendendo.

— Você me disse que eu seria eternamente eletrocutada se me encostassem. Por que o mesmo não ocorreu com você? — perguntei desconfiada de suas palavras.

— Porque eu sou daqui, Kyara! Fui sentenciada a ficar, você não.

— Mas então deveria ser ao contrário. — Eu a olhava suspeita e ela se assustou.

— Por que eu sofreria eternamente se meu lugar não é aqui? — fitei-a fundo nos olhos.

— Não sei te responder — ela disse melancolicamente.

— Pensei que soubesse tudo a respeito do labirinto — continuei a indagá-la.

— Se há uma única coisa que não sei em relação a esse lugar, são as regras daqui — ela respondeu calmamente, segura de suas palavras. — Não fui eu quem ditou as regras... — Ergueu os ombros. — Mas se não quiser acreditar em mim, eu entendo.

“*Mate-a!*”, a voz voltou a sussurrar.

Crystal parecia chateada por eu duvidar de suas palavras, mas depois de tudo o que ela fez, achei injusto questioná-la. Talvez ela estivesse certa, talvez as regras fossem além de nossa compreensão, mas a verdade era que eu não teria conseguido chegar ali se não fosse por sua ajuda.

Eu consenti para ela.

— Cuidado com o degrau. — Ela apontou para o do meio.

A casa tinha uma sala estreita, sem móveis, sem nada. Não condizia com o espaço que a casa aparentava ter. Era como se tivéssemos entrado em outro local. Quando dei outro passo, a sala se transformou novamente em um cenário completamente diferente. Era escuro, sem paredes ou portas.

— Onde nós estamos?

— Vamos embora daqui! Rápido! — Ela me levava para onde deveria ser a saída, foi quando ouvi o som das ondas quebrando no oceano e o cheiro de maresia.

Quando ameacei sair, fui tomada por uma angústia inexplicável. Algo pingou na minha cabeça, depois na minha maçã do rosto, quando limpei, vi que era água. Olhei para cima, de onde o som vinha e um mar invertido começou a se formar. As ondas quebravam no mar agitado, como um dia de tempestade, e minhas irmãs que morreram na guerra surgiram. Com os olhos repletos de horror, elas estenderam suas mãos por socorro e eu pensei que elas fossem cair sobre mim. Estiquei meu braço para tentar tocá-las, quando as pontas das armas inimigas as perfuraram. Elas pareciam presas às lanças e gritavam em desespero, pedindo ajuda.

Uma névoa bem sutil começou a subir pelas paredes, transformando-as em gelo e mostrando os cadáveres das sereias mortas na guerra. As mesmas muralhas que prenderam e mataram minhas irmãs, voltaram a me cercar e me atormentar com as visões horripilantes. Elas ficaram imóveis por alguns segundos, até que a primeira abriu os olhos. Aquele azul, que antes era vibrante como uma joia, agora estava leitoso e sem vida. Ela me olhou em súplica e eu preendi o fôlego, mas por um breve segundo me senti encorajada de salvá-las, ou ao menos libertar suas almas daquela tortura sem fim. Ela encostou a palma da mão no gelo como um pedido de ajuda e eu tentei tocá-la emanando minhas energias para poder derreter a parede, quando sua expressão facial logo se transformou em hostil. Assustada, dei um passo trás, quando vi que todas me olhavam em julgamento e nutriam um ódio fora do normal por mim, como se eu fosse culpada pelas suas mortes.

Elas batiam insistentemente no gelo, formando rachaduras, mas percebi que se tratava de um truque, quando olhei para trás vi uma das minhas irmãs, presas pela cintura, com o corpo pendendo para fora da muralha. Em agonia, ela vomitava sangue. Eu sabia que não era real, mas precisei de um esforço brutal para que meu coração não sentisse o que meus olhos viam.

— Não olhe para elas, olhe para mim! Olhe para mim!!! — Crystal puxava meu rosto para que eu a olhasse.

— É tudo culpa sua!!! — gritou uma.

— Jamais devíamos ter ajudado você! — afirmou outra.

— Não é uma de nós!

— Por quê? Por que deixou que morrêssemos?

Fui xingada, julgada e mesmo sabendo que era um truque, era exatamente assim que eu me sentia em relação a cada irmã que havia perdido naquela guerra.

Em minha mente, eu repetia em *looping* as minhas palavras secretas com Kai.

“*Tarde demais para isso! Assume que foi sua culpa!*”, a voz sussurrava enraivecida.

Crystal me abraçava e tentava tapar meus ouvidos.

— Sei que é difícil, mas sei também que você é forte, Kyara e tem consciência de que não são suas irmãs! Se não as enfrentar agora, jamais sairemos daqui! —

Aconselhou-me rapidamente. — Nenhuma alma que morre de forma inocente ou por defender quem ama vem parar no labirinto! São ilusões!

“O que essa tola sabe? Vai dar ouvido a ela?”

Fechei meus olhos, mas as palavras ásperas de um julgamento injusto pesavam sobre mim. E eu me odiava por isso! Como pude permitir que tivessem esse poder?

— DESISTAM, ALMAS IMUNDAS!!! — Minha voz saiu com um estrondo que fez o local tremer. — Como ousam, se passar por minhas irmãs que nada têm a ver com vocês ou com esse local abominável?

Surpresas, elas se calaram, mas ainda mantinham a forma das minhas irmãs.

— Almas inferiores... — falei com escárnio, encarando-as com ódio nos olhos.

Minhas mãos começaram a brilhar e a pulsar como nunca. As batidas do meu coração ecoavam pela sala e a fazia tremer como se eu pudesse destruir o local e todos ali presentes.

Crystal tapou os ouvidos, perturbada pelo som e tombou de lado pelo tremor no chão que eu causei. No entanto, ela parecia aliviada, pois sabia o quanto aquilo era preciso para sairmos daqui.

— Continue! — Ela me incentivava. — Ninguém nunca falou assim com elas!

“Pode ignorar as almas, mas não a culpa que carrega...”

As almas estavam mais do que surpresas, estavam assustadas. Havia muito que eu queria esbravejar, mas a odiosidade em meu olhar, parecia ser suficiente para que elas parassem. Quando o silêncio finalmente tomou o local, fechei os olhos por um segundo e respirei fundo.

Quando os abri, olhei para cima novamente, em meio ao silêncio, corpos esqueléticos, de peles ressecadas e sem cabelos eram presos pelas estalactites no teto. As paredes eram feitas de pele humana com essas almas costuradas em várias posições diferentes. Elas tentavam se soltar e algo parecia puxá-las de volta. Eles ainda estendiam as mãos em ajuda, mas depois gritavam de ódio quando resolvi ignorá-los.

Crystal me pegou pelas mãos e rapidamente me levou até a saída que surgiu naquele exato momento.

“Frac...”, a voz zombou.

— O que eram aquelas almas?

— São encarregadas em fazer com que você se sinta culpada e se enfraqueça. As almas desse labirinto se alimentam da dor, do medo e qualquer sentimento ruim que consigam extrair de você. Por isso, escondi seu filho em minha capa e o guiei. Uma criança seria facilmente pega. — Seus olhos encheram de lágrimas. — Louise era o nome dela — disse após curta pausa.

Fitei-a afetuosamente.

— Eu costumava contar-lhe histórias de fantasias quando ela sentia medo, então fiz o mesmo com seu filho. Senti que ele não gostava de historinhas, mas continuei porque o som da minha voz o acalmava.

“*O som da voz dela é irritante. Mate-a logo! Sei que é isso que você quer Kyara!*”, a voz tentava me manipular e eu sacudi a cabeça para me livrar dela.

— O que houve com a sua filha? — perguntei serena.

As lembranças lhe eram dolorosas. Ela deixou escapar umas lágrimas, limpando-as em seguida.

— Vim de uma antiga aldeia do sul chamada Tardwar, onde nasci e fui criada. Wallace foi meu melhor amigo de infância e, por muitos anos, meu grande e secreto amor. — Suspirou. — Ele cresceu e se tornou um dos guardas do rei, portanto nosso contato acabou por se tornar escasso. Certa noite, deitamos juntos e eu acabei engravidando. Ele desapareceu quando lhe contei e passei anos acreditando que nada me deixaria tão devastada quanto o abandono, mas eu tinha uma criança crescendo dentro de mim e mesmo que meu corpo não demonstrasse sinais visíveis para outros, eu sentia a mudança e já jurava dar minha vida por aquele pequeno ser. Ouvi dizer que Wallace se casou com uma moça de uma aldeia distante quando se mudou para lá, outros disseram que ele foi assassinado na guerra. Talvez não saber da verdade tenha sido pior, porque eu precisava de um desfecho para seguir minha vida. Então, quando minha filha e fruto do amor com o homem que amei nasceu, ela levou embora qualquer angústia que eu carregava em não saber da verdade sobre o seu pai. Eu não podia mentir para ela, mas não achava certo que ela carregasse a mesma angústia que eu, portanto, falei que ele havia morrido e que ela foi muito amada pelo pai antes de sua morte. Louise não merecia saber que o pai nunca a quis. Que filho precisa crescer com esse trauma? — Ela me fitou em lágrimas, depois suspirou. — Cinco anos após o nascimento da nossa filha, a praga nos alcançou. O rei Anthony III, o mais cruel que tivemos, mandou exterminar os doentes, queimando também suas casas e pertences para evitar qualquer possibilidade de contágio. Louise tinha cinco anos e brincava perto do rio quando os guardas chegaram. Ela estava melhorando de uma gripe e notei que um deles a fitou de forma estranha. Eu a abracei para protegê-la e ficamos ali até que os guardas terminassem de matar os doentes. Cantei para ela, que assustada, não conseguia se focar na minha voz, porque os gritos aterrorizados daqueles que morriam, eram maiores. Os guardas voltavam vitoriosos depois do massacre e aquele mesmo que fitou minha filha, a ouviu tossir uma única vez. Apontou a espada e falou alto que ela carregava a praga e precisava ser morta. — Começou a soluçar.

Continuei ouvindo sua narrativa emocionante:

— Foi apenas uma tosse, uma única tosse... — lamentou. — Desesperei-me, tentei explicar que era apenas uma gripe, mas eles a mataram a sangue frio diante dos meus olhos. Meu único pecado, que me mantém presa aqui, foi ter seduzido e matado o assassino da minha filha. Eu o vi na taberna, comemorando alguma coisa, meses após a morte da minha Louise. Como um monstro daqueles tinha coragem de comemorar alguma coisa? Um assassino de crianças! — Seus olhos expressaram raiva, ela continuou: — Eu teria feito tudo novamente se tivesse a chance e meu único consolo é vê-lo sofrer em uma das piores partes do labirinto.

— Mas você disse que quem mata para proteger aqueles a quem amam, não vêm parar aqui.

— Matei por vingança, meses depois!

— No seu lugar, eu teria feito o mesmo. — Peguei em sua mão para lhe dar apoio. — Não deveriam ser punidos aqueles que vingam a morte de um filho.

— Agora você entende quando digo que até hoje não compreendo as regras? — Suspirou.

“*Quanto drama...*”, a voz falou arrastada.

Nada que eu dissesse poderia consolá-la, porque não existe dor maior do que a perda de um filho. Em silêncio, aguardei pacientemente enquanto ela chorava aterrorizada pelas cruéis lembranças. Ela não merecia estar ali, mas não entendia as regras e não achei prudente tentar entendê-las no momento.

— Não podemos perder tempo! — Crystal se recompôs e se levantou quase que em um salto.

— Você está bem?

— Não me sinto bem há anos. — Fitou o horizonte, indiferente. — Mas, seu filho precisa de você.

— Por que está tão preocupada que eu o encontre?

— Porque se fosse minha Louise, ia querer que alguém me ajudasse a chegar até ela — respondeu assustada, da mesma forma quando tivemos de atravessar a ponte.

Estávamos em uma sala redonda, cercada de inúmeras portas iguais, que faziam rotação após alguns segundos, confundindo nossa mente.

— Aonde devemos ir? — perguntei e Crystal tocava o queixo concentrada, olhando as portas calmamente.

— Ali.

— São todas iguais! Como sabe?

— Olhe de perto. — Ela apontou para a maçaneta. — Há uma runa diferente — respondeu nos segundos que a porta estava parada.



Capítulo 12

Estávamos em uma ilha de chão rochoso, cercada por um enorme rio de lavas. O céu era alaranjado, coberto por nuvens negras de raios que estouravam entre elas. Havia caminhos formados por degraus flutuantes que saíam da ilha e davam para portais escuros que também flutuavam. Crystal parecia saber para qual dos portais deveríamos ir, mas temia subir os degraus. As nuvens se distanciaram e detrás delas surgiram blocos de rochas flutuantes, de onde pássaros deformados se aproximaram e começaram a sobrevoar nossas cabeças. Matei alguns que tentaram nos atacar e os outros fugiram amedrontados.

— Aqui é onde o labirinto começa a ficar mais confuso.

— Onde esses portais nos levarão?

— Não irá gostar de saber. Há mais portais dentro de cada local que entrarmos e uma vez que você se perde, nunca mais sai daqui. É para lá que devemos ir e foi para onde o levei. — Apontou para o portal que ficava à direita do portal central.

— Então vamos! — Comecei a andar, mas ela não se moveu.

Ela tremia e cruzava seus braços, amedrontada. Então seus olhos arregalados voltaram-se novamente em direção ao rio de fogo, para uma movimentação estranha que se locomovia em direção ao primeiro degrau de onde devíamos ir. O ser que nadava ali emergiu em uma silhueta feminina de fogo, mergulhando e erguendo uma cauda de sereia em seguida. Seus movimentos desenhavam símbolos do infinito, entre os degraus de dois portais, como se desafiasse uma aproximação. Eu sentia a sua ira, como se nossa presença fosse ultrajante. Seu rastro era marcado pelas bolhas de fogo que subiam e estouravam na superfície, fazendo um barulho denso. Então, o tenso silêncio foi cortado pelo seu lindo canto. Um canto como eu nunca ouvira antes, ecoou pela ilha. Parecia mais um misto de lamúria e raiva. Ela cantava em um tom pesado e forte, como uma forma de extravasar toda sua indignação que eu desconhecia. Então, ela emergiu de forma firme e se arrastou sem paciência até o topo de uma rocha de ponta arredondada que se projetava para

fora do rio de lavas. As chamas que até então queimavam por completo e escondiam suas feições, aos poucos foi se acalmando e diminuindo, mostrando a belíssima mulher que se escondia atrás daquele fogo laranja. Era uma sereia ruiva cujos cabelos cobriam os seios nus, ela tinha a cauda vermelha coral e a ponta ficava submersa nas lavas. Ela piscou os olhos que ainda brilhavam em fogo, mas quando os abriu novamente, eles se tornaram rubros como dois rubis. Eu estava encantada com ela, mas questionei internamente a razão de sua ira.

Seu semblante me era familiar, e ela parecia gostar de minha curiosidade a seu respeito. Ela continuava cantando aquele canto que por alguns segundos quase me enfeitiçou, mas Crystal interveio imediatamente.

— CALE-SE!!! — ela gritou e a sereia expirou o ar pesadamente.

Por mais que Crystal tivesse a intenção de ajudar, me desagradou muito a forma como ela tratou uma de minhas irmãs. Eu estava prestes a questioná-la, quando Crystal me interrompeu.

— Não se engane com ela — alertou-me e eu consenti.

Tentou acertá-lhe uma pedra, mas a sereia sequer se mexeu, porque a pedra caiu antes mesmo de chegar ao rio de lavas. Ela cerrou os olhos para Crystal.

— Não queremos problemas, Medrene... — Crystal falou amargamente.

A sereia então lhe lançou um olhar sarcástico, em seguida olhou para o local onde a pedra caiu e que ainda borbulhava.

— Vai nos deixar passar?

A sereia lhe lançou um olhar enfurecido.

— Medrene! — insistiu autoritária.

— O que houve com aquela alma amedrontada que cruzava as pontes se esgueirando por temer a mim? — Medrene perguntou com ironia.

— Ao menos hoje, não dificulte as coisas — Crystal implorou.

Com um sorriso irônico, Medrene apontou com o queixo para o local onde deveríamos passar.

— Está nos desafiando ou permitindo que passemos sem que nos ataque? — Crystal perguntou confusa, mas sem desfazer o semblante enrijecido.

Medrene manteve-se em silêncio.

Não me agradaria ser rude com uma de minhas irmãs, mas sereia alguma me impediria de chegar até meu filho.

— Ela te fez uma pergunta! — eu falei.

Ela apertou as pontas dos dedos na rocha e se conteve para não falar algo que pudesse se arrepender.

— A passagem está livre — falou isentando-se de qualquer culpa.

— Então vamos! — falei de forma a apressar Crystal, que enrijeceu seu corpo no mesmo local, recusando-se a vir comigo.

Medrene agora me encarava em desafio.

— Está com medo? — Medrene zombou.

— Não tenho medo de você — respondi serenamente.

— Mas teme entrar por aquele portal sozinha! — Ela me lançou um olhar desafiador e quando eu ia respondê-la, ela me interrompeu: — Vamos, Kyara! Ou devo dizer *irmãzinha*? — continuou. Eu já havia perdido completamente a paciência.

— Como sabe meu nome? — franzi a testa.

— Há muitas de nós que você desconhece — falou amargamente. — No entanto, todas nós a conhecemos. — Fez uma pausa. — Ou pensávamos conhecer, afinal, a tão destemida Kyara que ouvimos falar, está se mostrando uma verdadeira covarde por não querer cruzar um portal sozinha.

Crystal me segurou quando dei um passo forte, com minhas mãos iluminadas e um olhar mortal para a sereia. Medrene, por sua vez, rosnou alto feito uma fera e seu corpo se curvou para frente em desafio.

— Está bem, parem! — Crystal implorou amedrontada, mas Medrene e eu, mesmo em silêncio, nos encarávamos prestes a iniciar uma luta. Jamais pensei em sequer machucar uma de minhas irmãs, mas se fosse preciso para salvar meu filho, eu nem pensaria duas vezes.

— Enquanto vocês ficam aí, brigando, uma criança está perdida e assustada! — ela falou, fazendo Medrene mudar completamente o olhar, confusa pelo o que acabara de ouvir.

— Então há uma criança no labirinto? — Medrene perguntou desacreditada das palavras de Crystal.

Crystal, com os olhos marejados, fez um gesto positivo com a cabeça.

— De todas as mentiras que você contou, essa foi de longe a pior delas — a sereia respondeu enfurecida.

— Que mentiras, Medrene? — Ela, que antes segurava as mãos na cabeça, agora deixava os braços cair em derrota. — Já estou farta de você tentar me impedir de ajudar as almas só porque está fadada a nadar no rio de lavas!

A sereia rosnou de forma a desafiá-la a se calar, mas Crystal logo resolveu se impor.

— Já perdi muitas almas pelas suas mentiras! Enfrento os maiores perigos para chegar até aqui e você estraga todos os meus esforços, as colocando contra mim e fazendo-as ir embora, se perdendo para sempre. Você quase sempre consegue o que quer, mas não irei permitir que faça o mesmo com Kyara!

A sereia a olhou com ira nos olhos.

— Só queremos chegar até a criança... — Suspirou e depois se virou para mim novamente. — É uma velha alma do labirinto e uma das piores que já vi! Ela

sempre me atrapalha e é por culpa dela que eu demoro mais do que deveria. É por culpa *dela* que inúmeras almas inocentes agora se encontram perdidas. — Olhou-a com ódio e Medrene rosnou.

— “Uma velha alma do labirinto...” — Medrene ameaçou que ela repetisse as insinuações.

— Se não fosse por você ficar nos atrapalhando, já teríamos percorrido mais da metade do caminho que devemos seguir! — Crystal se defendeu.

— Não busco confusão com nenhuma de minhas irmãs, mas você não me deixa outra escolha.

— Você não iria querer uma irmã como ela!

Medrene a olhou com raiva.

“*Mate-as! Mate as duas logo de uma vez!*”, a voz voltou a sussurrar no meu ouvido. “*Precisa mesmo delas? Sabe que pode seguir seus instintos sem ajuda!*”

Não pude ouvir o que elas discutiam, porque a voz me atrapalhou, mas seja lá o que Crystal tenha dito, elevou a ira de Medrene ao ápice, porque ela rosnou e seu olhar voltou a brilhar como duas bolas de fogo. Densas fumaças negras das chamas que viriam começaram a surgir, contornando seu corpo como uma silhueta. Apavorada, Crystal agarrou meu braço.

— Ela só quer buscar o filho — disse Crystal derrotada, juntando as mãos em súplica. — Se há alguma bondade em você...

“*Patéticas essas duas...*”, a voz zombava. Tapei meus ouvidos a fim de ignorá-la. “*Não pode evitar me ouvir!*” Gargalhou.

Medrene disse algo enquanto a voz sussurrava e por conta disso não a escutei.

“*A mais patética é você em acreditar precisar delas!*”

— Cale-se!!! — gritei para a voz, com as mãos na cabeça.

Fiz Medrene rosnar novamente. As chamas agora voltaram a cobrir seu corpo por completo e então minhas mãos incandesceram. O calor de suas chamas conseguia ser mais intenso que todo o rio de lavas, mas não a temi. Incandesci minhas mãos novamente e o meu rosnar se igualou ao dela, como se fôssemos duas feras prestes a se enfrentar.

Bufando, ela estendeu o braço direito e um enorme tridente dourado e reluzente emergiu do rio de fogo até sua mão. Crystal gritou de pavor e o semblante de Medrene mudou, eram olhos demoníacos e dentes pontudos como os de um animal. Com facilidade, girou o tridente na horizontal e o apontou para nós, lançando-o em seguida. Pulei sobre Crystal para desviarmos do tridente, que fincou no chão rochoso, milímetros da minha perna.

Medrene gritou de ódio por ter errado, então peguei o tridente e o iluminei com minhas mãos. O brilho quase cegou seus olhos. Ela parecia saber do que meus

poderes eram capazes e, temendo que eu a atirasse no rio de lavas e a matasse, ela mergulhou em desespero, sumindo de vez.

Crystal tremia e eu ainda apontava o tridente na direção do rio, mas calmamente cessei meus poderes e ele voltou ao seu brilho normal. Guardei-o nas costas, junto com minha aljava. Após alguns segundos, Crystal tomou coragem para finalmente seguimos até o portal.

— Você está bem? — perguntou preocupada.

— O que uma de minhas irmãs faz nesse local? — lamentei.

— Humanos não são os únicos que aqui habitam — respondeu abatida. — Como disse, nem todas as almas daqui são ruins, sendo assim, nem todas as sereias são boas. Já perdi alguns por culpa dela, mas não poderia sequer permitir que acontecesse o mesmo com você, Kyara! Eu lhe devo isso pela amiga que você se tornou e pela criança que precisa de você.

— Obrigada.

No curto silêncio que fizemos, me peguei pensando no quanto aquele rosto me era familiar e o quanto era frustrante ver uma de minhas irmãs em um local como aquele. Sei que eu não conhecia todas elas, mas era demasiadamente doloroso me questionar o que ela poderia ter feito para que viesse parar ali.

— Disseram-me que esse lugar muda as pessoas, mas, pelos anos que estou aqui e por tudo o que eu vivenciei, posso dizer com propriedade que a escuridão só penetra na alma daqueles que permitem — falou aborrecida.

— E por que elas permitiriam?

Crystal suspirou abatidamente.

— Por vários motivos. Há almas que, como eu, vieram para cá injustamente, mas deixam a escuridão penetrar por não serem completamente boas ou pelo simples fato de não terem esperanças. Eu não fui completamente boa quando viva. — Seus olhos fitaram o horizonte. — Mas tenho Louise e ela é meu escudo. Não sei se um dia poderei vê-la novamente, mas a eternidade pode dar voltas e me apego na esperança de que um dia poderemos nos reencontrar.

— Então é por isso que você é diferente? Digo, sua fisionomia? — perguntei carinhosamente e ela fez um gesto positivo com a cabeça.

— As lembranças da minha filha impedem que eu sucumba completamente à escuridão — disse fitando o horizonte com os olhos saudosos.

Toquei seu ombro em apoio. Senti-me mal por ela, se houvesse ao menos algo que eu pudesse fazer.

— Obrigada, Kyara — ela falou carinhosamente.

— Pelo o quê? — franzi a testa.

— Por se importar. Já ajudei milhares de almas, mas nenhuma delas sequer se preocupou com nada além de chegar ao local onde eu as levava. Eu era apenas uma

guia.

— Sinto muito.

Ela deu de ombros.

— Aprendi a não me importar com isso, mas quando você agiu diferente, não pude evitar me sentir agradecida.

— Eu é que tenho muito a lhe agradecer.

— Lembrarei de você depois que for embora. Não é todo dia que se faz uma amiga por aqui.



O corredor exalava temperatura baixa. O frio era forte e meu corpo chegava a doer. Aos poucos, lamúrias eram ouvidas. Choros contidos e desesperadores se misturavam em uma energia angustiante. Meu coração já estava apertado e apertou ainda mais quando vi mulheres nuas, sujas e se encolhendo de frio. Elas tremiam em desespero e por algum motivo não conseguiam se mover. Estavam todas jogadas no chão, se escorando nas paredes e mesmo que passássemos por elas, elas não nos viam. Até que uma delas fixou o olhar em mim, como se minha presença fosse uma esperança repentina.

— Você pode me ver? — Ela parecia aliviada e surpresa. — Pode? — insistiu angustiada.

Crystal me tomou pela mão, para que seguíssemos caminho.

— Isso tudo é um engano! Por favor, me tire daqui!

— Ignore-a — Crystal falou com um certo pesar.

— Quero meus filhos! — ela gritou com os braços estendidos em sua última tentativa desesperada por ajuda.

Suas palavras me fizeram travar e engolir seco. A mulher chorava e, entre soluços, suplicou novamente por ajuda.

— Tirem-me daqui, por favor. — Sua voz era fraca, mas eu sentia a urgência de ajudá-la.

Crystal me olhou. Ela também tinha lágrimas nos olhos, mas sabia que não havia nada que pudéssemos fazer por aquela alma.

“Kyara Morrigan negando ajuda a uma mãe. Já não basta toda culpa que carrega e ainda quer mais essa?”, insistia a voz e eu sacudi a cabeça tentando ignorá-la juntamente aos gritos de socorro daquela mulher.

— Por que ela foi a única alma que se comunicou e parecia sã? — indaguei ainda relutante em não a ajudar.

Crystal limpou as lágrimas.

— Vê todas essas mulheres? — perguntou melancólica, olhando para o cenário estarrecido.

Fiz um gesto positivo com a cabeça.

— Foram pessoas que pararam para ouvir o que ela dizia. Suas histórias são tão reais, que quem as ouve, primeiro ficam anos ouvindo-a contar e aos poucos passam a acreditar estar vivendo aquilo que ela conta, ficam presas em uma eterna ilusão mental. Nesse estágio, nada nem ninguém poderá trazê-las de volta. — Ela chorou. — O pior de tudo é que mesmo sabendo do que ela é encarregada, seu falso sofrimento sempre me afeta como se fosse a primeira vez que eu a vejo.



Capítulo 13

Crystal me guiava por um longo corredor pouco iluminado, onde o ar era pesado e úmido. Ainda me prendia às recentes lembranças das minhas ilusões e, mesmo sabendo que eu caminhava em um pesadelo encarnado, nada era pior do que vivenciar aquela falsa realidade de Shadowfalls. Eu estava extremamente consolada pela sensação de alívio em saber que ainda estava na minha missão e, por isso, não me abalei pelos sons perturbadores vindos do local onde estávamos prestes a entrarmos.

Barulhos de coisas quebrando e gritos estridentes de dor e ódio, muito me lembravam as desavenças que os cidadãos livres tinham na taberna de Lugh. Era a típica multidão enfurecida que costumava me assustar, mas naquele momento eu estava totalmente absorta.

— Essa é a parte do labirinto que mais detesto — falou amargamente.

Era um local fétido, abafado e pouco iluminado onde milhões de goblins lutavam entre si. Eram de média estatura, na altura dos meus joelhos, nas cores verde ou cinza, repletos de manchas pelo corpo, orelhas pontudas e se matavam impiedosamente.

— Quando eu disse que todas as espécies vêm para cá... — Revirou os olhos entediada. — No seu mundo, se reproduzem como pragas e são tão imbecis que lutam em si sem motivo aparente. Portanto, chegam aos montes, lotando o labirinto, como se tudo de ruim que há por aqui não fosse suficiente. Mais um motivo pelo qual eu detesto cruzá-lo — falou com escárnio.

Próximo a nós, dois goblins rolaram enquanto lutavam. Um montou por cima do outro e cravou uma adaga na sua jugular, depois, saiu entre tropeços em nossa direção.

— Gôbu venceu!!! — Ele erguia as mãos para cima em comemoração, até nos notar...

— Parabéns... — disse Crystal amargamente.

Ele olhou para os lados sem entender.

— Gôbu quer ir para a casa agora, mas Gôbu confuso...

— Essa é a sua casa, idiota! — ela falou sem compaixão, mas ao notar a expressão de espanto em Gôbu, eu tive pena.

— Aqui não é minha casa... — ele disse melancólico.

— Passou a ser quando você morreu em uma luta sem sentido no seu antigo mundo — falou secamente.

— Gôbu morreu? — Seus olhos se encheram de lágrimas. — Gôbu não queria morrer... Gôbu quer família. — Seus olhos fitaram o chão e ele começou a chorar.

— Tarde demais para isso! Kyara, vamos! — Pegou-me pela mão sem paciência, para sairmos dali o mais rápido possível.

Ele me tomou pela outra mão.

— Gôbu não quer ficar aqui. Gôbu pode ir com vocês? — perguntou desamparado.

— NÃO!!! — ela gritou e ele se assustou e paralisou sem esperanças.

— Gôbu tem medo daqui...

— Crystal... — falei de forma doce.

— Ah, não! Não me diga que quer que ele venha conosco! — disse aborrecida.

— Eles são chatos demais!

Ele abraçou minha perna.

— Sinto-me mal por ele. Acabou de perceber que morreu e não verá mais sua família. Que mal ele pode nos fazer?

“*Vai mesmo permitir que essa criatura inferior lhe siga?*”, sussurrou novamente a voz em deboche.

— Está bem! — Rolou os olhos e Gôbu comemorou. — Mas não serei responsável por ele. Se ele se perder ou se ferir, vai ficar para trás!

— Gôbu vai viver! Gôbu forte!!! — Batia no peito.

Ela respirou fundo, buscando paciência.

— Esse corredor é longo e está lotado dessas pragas. — Olhou Gôbu com raiva. — Temos de passar por eles, portanto, vamos andando.

Gôbu me escalou e se sentou nos meus ombros para que pudéssemos passar pelos Goblins. Ele não era pesado, mas foi um peso a mais que se formou em mim e eu comecei a andar com certa dificuldade.

“*Bem feito! Ninguém mandou querer ajudar essa criatura irritante!*”, disse a voz. Sacudi a cabeça em um leve espasmo para ignorá-la.

Foram minutos bem chatos tendo de passar por eles, Crystal chutou alguns para fora do caminho ou berrava para que nos deixassem passar. Alguns tentaram atacar Gôbu em minhas costas e eu tive de apartar os golpes com minhas adagas, enquanto Gôbu fazia careta e ria da tentativa fracassada deles em feri-lo. Não culpava Crystal

por odiá-los, porque com a exceção de Gôbu, até eu me via com vontade de eliminá-los.

Saímos em uma sala que mais parecia um limbo. Não tinha nada, era apenas uma ilha flutuante.

— Estamos no lugar certo? — perguntei olhando ao redor.

— Sim — confirmou olhando para cima.

Do nada senti um peteleco na ponta das minhas orelhas e uma risada.

— Orelhas iguais a de Gôbu. — Deu outro peteleco. — He-he-he, orelhas de Gôbu. — Deu outro peteleco.

— Já chega — pedi gentilmente, segurando suas mãos. Ele parou.

Crystal começava a querer se aborrecer novamente com ele.

— Eu avisei que eles eram chatos... — disse amargamente.

Pedras começaram a surgir, formando degraus.

— Precisamos subir — ela disse.

Os degraus pareciam intermináveis, mas nos levaram a uma sala com três portais. Retirei Gôbu de meus ombros e o coloquei no chão. Ela apontou para o da esquerda e no primeiro passo que demos, ele puxou o seu vestido.

— Gôbu quer ir para lá. — Apontou para o portal do meio. Ela puxou a barra do vestido bruscamente.

— Você não escolhe nada! Vai para onde eu disser!

— Mas Gôbu viu um menino lá... — Apontou para um dos portais.

Agachei-me próxima a ele com urgência no olhar.

— Como era esse menino?

— Tinha olhos como os seus...

— Kyara! — Ela segurou meus ombros amigavelmente. — Precisa entender, a figura de Kai irá aparecer algumas vezes. É o que esse lugar faz para despistá-la.

“E se ela estiver mentindo?”

— Mas o que tem lá, então? — Ele insistiu.

— Se quiser saber, vai descobrir. — Encorajava-o maliciosamente.

— E lá tem o quê? — Apontou para o portal da direita.

— Cala a boca e me segue se quiser continuar conosco.

“Você é muito superior a isso. Acha mesmo que precisa da ajuda dela? E quanto a aturar essa criatura inconveniente que mal chegou e já está lhe causando problemas?”

Gôbu tremeu, depois baixou o olhar, triste. Ele era uma criatura irritante, mas sem maldade, portanto, tive pena.

— Gôbu, vamos... — Encorajei-o amigavelmente, quando, de repente, uma mulher assustada saiu pelo portal da direita.

Ela era ruiva de cabelos ondulados trajava-se com um vestido verde de mangas longas, manchado com sangue e líquidos negros das criaturas que devia ter enfrentado. Eu a reconheci no exato momento que a vi.

“*Vai poupar a vida dessa aí também?*” a voz zombou de mim. “*Preciso te lembrar quem ela é?*”

— Você!!! — Crystal apontou o dedo, acusando-a odiosamente. — Foi ela quem trouxe seu filho!

Minha cabeça se moveu em espasmos laterais.

“*Finalmente vai tomar uma atitude!*”, vibrou a voz com fervor.

Eu estava prestes a emanar minhas energias enquanto o ódio me consumia. Eu bufava e rosnava feito um animal e meu rosnar ecoou pela sala, fazendo o chão tremer. Em pânico, ela criou uma bolha ao seu redor.

Gôbu correu para trás de Crystal. Ela estava tão assustada com meu rosnado que nem se incomodou com ele se enroscando em seu vestido novamente.

Eu ia acabar com ela e a faria sofrer cada segundo. Atravessei seu escudo sem a menor dificuldade, como se nada houvesse ali. Instantaneamente o portal falhou e, vendo o que eu era capaz de fazer, apavorada, ela deu um passo atrás com as mãos em rendição.

— *Sanäel!!!* — ela falou ofegante, como se fosse seu último recurso para me impedir.

Aquilo me travou, mas não cessou minha ira.

— O que foi que você disse? — perguntei, desafiando-a a repetir.

— Sua palavra secreta, não é mesmo? — Ela ainda me olhava com os olhos arregalados em pavor. — Kai me contou sobre o significado e repetiu essas palavras para me acalmar!

Eu suavizei meu olhar ao lembrar-me de meu filho e ela então, aos poucos, foi relaxando.

— Antes de sermos pegos pelo par de asas negras, quando os portões se fecharam, começamos a gritar. Tentei abrir um buraco com minha magia, que serviria como uma saída. Kai me ajudou, mas não fomos fortes o suficiente. Kai estava aos prantos e eu precisei ser forte por ele. Abracei-o, me desculpei e expliquei que jamais teria permitido se eu desconfiasse dos reais planos de Christine. E foi quando ele me falou essa frase. — Seus olhos enchiam de lágrimas e eu sentia o seu arrependimento. No entanto, ainda queria matá-la. — Meu nome é Sórum! Não sou quem você pensa!

— Era você quem estava com Christine e Lana quando raptaram meu filho e roubaram a pedra!

— Eu as ajudei a roubar a pedra, mas jamais traria uma criança para esse lugar! Sequer sabia que ela existia! Christine mentiu para mim também! Precisa acreditar

em mim!

— Você concordou em raptar uma criança! — gritou Crystal em acusação.

— Ela me prometeu que Kai estaria seguro! Disse que ele ficaria conosco e não sofreria nenhum arranhão. — Seus olhos se mantinham arregalados em um misto de pavor e urgência para se explicar. — Quando Kai me repetiu suas palavras, eu as repetia alto com ele, pois minha prioridade era acalmá-lo e depois prometi que o protegeria.

A vontade de acabar com ela ainda corria em minhas veias, mas senti que falava a verdade. Suavizei meu olhar, mesmo que a contragosto, e Sórum me encarou tensa por uns segundos. Consenti e ela então soltou o ar e baixou os ombros em alívio.

Pelos deuses, como você é fraca!!!

— Christine queria te tirar de Shadowfalls e, para isso, precisava pegar um de seus filhos! Kai era o único que saía de seu território.

“Lá vai você se derreter novamente com outra história triste...”, falou sem paciência.

— Por que concordou com isso? — perguntei amargamente.

— Porque eu não sabia de seus reais planos! Quando chegamos aos portões, percebi que desconhecia o local, assim como percebi que algo estava errado. Ela nos empurrou para dentro. Acredite, se eu soubesse que ela o traria para cá, jamais teria concordado!

— E o que teriam feito com meu filho? — franzi a testa irritada.

— O acordo foi que o devolveríamos após a guerra, uma vez que ele não nos seria útil. Eu não machuco, tampouco mato crianças! Estou até agora tentando encontrá-lo! — Ela olhava para os lados em desespero.

— Se eu desconfiar por um momento de sua traição, não irei poupar sua vida! — adverti.

“Não deveria poupar nem agora, mas sendo a tola que você é...”

— Tenho conhecimento de que meus poderes não se comparam aos seus. Antes, jamais a enfrentaria sozinha e agora não me vejo lutando contra você, nem que um exército inteiro me ajudasse. — Garantiu, levando a mão ao peito em um gesto de lealdade.

Consenti novamente, apreciando o gesto.

— Aonde vocês estão indo? — perguntou um pouco mais calma.

— Buscar Kai — respondeu Crystal impaciente, puxando o vestido e fazendo Gôbu rodopiar. — O menino que você deixou escapar — falou amargamente.

— Precisei lutar contra aquelas criaturas bizarras para nos proteger, mas quando acabei com eles, o menino já havia sumido — respondeu.

— Claro! Alguém tinha de resgatá-lo, uma vez que ele foi covardemente raptado.

— Crystal cerrou o olhar.

— Então por que não me ajudou? — perguntou amargamente.

— Por que eu deveria? Não me importa que você foi enganada, jamais irei perdoar uma mulher que tira uma criança da própria mãe! — Ela esbravejou com os olhos cheios de lágrimas.

— Quantas vezes preciso dizer que sinto muito para você entender?

“Que maravilha, Kyara! Agora são três chatos para você aturar!”

— Está, bem, parem! — pedi. — Não temos tempo para isso.

— Vamos Andando, Kyara. — Crystal me conduzia para o portal enquanto Gôbu nos seguia saltitando. — Já perdemos tempo demais.

— Eu vou com vocês! Quero ter certeza de que o menino está bem e ainda há criaturas que devemos enfrentar. Você pelo visto não sabe lutar, não é? — Sórum olhou para Crystal com olhar de tédio e ela desviou o olhar com raiva. — Foi o que pensei. — Consentiu para mim e veio a nossa direção.

Aceitei sua companhia, não pelas lutas, mas porque eu sentia que ela precisava disso para se redimir do que fez.

— Você boazinha? — perguntou Gôbu puxando gentilmente seu vestido para lhe chamar atenção.

Sórum o olhou por um momento. Seu olhar era sério e Gôbu ficou na expectativa de uma resposta positiva.



Capítulo 14

Entramos em uma linda floresta, um local que não condizia com nada do que tínhamos visto desde que chegamos ali. Sórum e Gôbu estavam maravilhados, mas após darmos três passos, o breu engoliu a paisagem. Não havia nada, nem uma criatura sequer, nada que nos pudesse causar ilusões. Era apenas um breu, criado propositalmente para aqueles que tinham pânico de ficar sozinhos, engolidos pela escuridão. Eu não ouvia os gritos, mas sentia a energia angustiante do local, daqueles que se perderam no breu para sempre e tentavam alcançar a luz. A sala parecia não ter fim, mas Crystal sabia exatamente aonde ir. Nós a seguíamos em silêncio.

— Mãe! — escutei Kai me chamar.

Ele estava aos prantos e o desespero era nítido em sua voz. Sórum imediatamente olhou para os lados e eu fechei os olhos, inspirando. Eu sabia que não era ele.

— É um truque — Crystal falou amargamente, olhando para Sórum.

— Como você sabe? — Sórum a desafiou.

— Porque eu estou aqui há mais tempo e conheço os truques. E o mais importante, graças a *mim*, ele está em um local seguro! — Cerrou seus olhos para Sórum, novamente em acusação. — Fiquem próximas o máximo possível, pois a escuridão pode engoli-los se ficarmos distantes.

— Gôbu tem medo do escuro! — Aproximou-se de Crystal, que o fulminou com o olhar e ele rapidamente recuou uns passos para trás.

Ele segurou minha mão em seguida, encostando seu rosto no meu punho.

“Você sabe que poderia facilmente esmagar a cabeça dele?”, a voz insistia.

“Até quando vai dar ouvido a ela? E se dessa vez for realmente seu filho?”

— Então você é a Kyara que Christine tanto falou... — Sórum suspirou.

— Ela me teme? Seria bom se me temesse — falei amargamente.

— Claro que sim! Mas Christine é muito determinada e não deixa se abater pelos seus medos.

— Por que ela temer você? — perguntou Gôbu sem entender. — Kyara boazinha. Sórum o encarou por um momento.

— Acredite, ela tem seus motivos.

Ele me olhava atentamente, aguardando a resposta.

— Assim como ela, também tenho meus poderes, mas ela é humana; e eu, uma semideusa.

“Blá-Blá-blá...”

— Precisamos aguardar um momento. Há um portal que se abre aqui, mas ele demora um tempo.

Sentamo-nos próximos de onde o portal surgiria.

— Fique atentos, ele só abre por uns segundos — alertou-nos.

— Você filha de Deus??? — Gôbu se sentou ao meu lado, apoiando as mãos no queixo, ansioso com a história. — Então você sabe voar? — perguntou extasiado com os olhos arregalados.

Crystal rolou os olhos.

— Não, Gôbu, não sei voar — respondi rindo.

— Então você pode ficar invisível? Ou pode mexer objetos com a mente? Pode ler meus pensamentos? Você escala paredes? — Ele ia continuar quando balancei a cabeça em um gesto negativo, porém ainda rindo da sua curiosidade inocente.

Então iluminei minhas mãos e seus olhos brilharam.

— Olha! Sua mão vira tocha!! — exclamou maravilhado.

Sórum deixou escapar um riso.

— Ainda falta muito para encontrá-lo? — Sórum perguntou à Crystal, que a ignorou.

— Não pareceu se preocupar com a criança quando o raptou — respondeu amargamente.

— Só estou tensa por querer encontrá-lo — explicou-se.

— Você não é a mãe dele! — falou odiosa. — Se ao menos fosse Kyara a me perguntar... — Ainda falta um longo caminho, mas te garanto que ele está bem — assegurou-me gentilmente, depois fez uma careta para Sórum e virou a cara.

— Qual o problema dela, afinal? — Sórum me perguntou impaciente.

— Ela teve uma filha assassinada. — Suspirei. — Veio parar aqui porque matou o assassino.

Gôbu voltou seu olhar para nós, de forma a prestar atenção na conversa.

— Coitada... — falou Sórum com compaixão.

Gôbu a olhou com pena e Sórum levou a mão ao peito, engolindo em seco.

— Deixe-a ter o tempo dela. — Aconselhei. — Não é de me admirar que ela seja sensível quando se trata de assuntos que envolvem crianças. Mas, e quanto a você? Qual a sua história — perguntei curiosa.

— Assim como as outras, fui treinada por Christine desde cedo, mas sempre me achei diferente. Não gostava de guerras, lutas, ou desavenças... Christine já havia me chamado atenção inúmeras vezes e me achava fraca. Não participei da última guerra porque ela achava que eu não estava pronta e, se quer saber, acho que nem agora eu estou. Talvez por isso, ela tenha me enganado e me trazido para cá. Como eu não faria parte do seu exército, acredito que ela temia que eu a traísse um dia.

— Lamento muito.

Gôbu também parecia triste. Ele ouviu a tudo e fitava os pés, sentado no chão.

— E qual é a sua? — Sórum perguntou.

— Nasci em uma aldeia chamada Ardhem e fui criada como escrava, porque eu era filha de um elfo, espécie rival à nossa. Minha mãe morreu ao me dar à luz. Foram anos de maus tratos, mas isso é passado... Preocupo-me mais com meu filho, que deve estar assustado.

— Ele é filho único?

— Tem uma irmã gêmea.

Sórum sorriu, suspirando de leve.

— Sempre quis ter filhos... — fitou o chão, triste.

— Que bom que não teve — disparou Crystal em ofensa. — Ou talvez devesse ter tido. Talvez seu instinto materno não teria lhe permitido raptar uma criança. — Cerrou o olhar.

Sórum inspirou profundamente e se conteve para não responder. Até eu já estava ficando cansada das insistentes ofensas de Crystal.

— Há crianças por aqui? — ela perguntou e Crystal a olhou incrédula.

— Mas que tipo de pergunta idiota é essa?

— Pergunta idiota de quem não viu sequer uma alma de criança neste lugar.

— E você queria ver? — perguntou abruptamente.

— Não queria nem estar aqui! Sequer tive conhecimento deste local. E falando em conhecimento, você deveria saber que a maldade habita em qualquer criatura, independentemente da idade — respondeu impaciente.

Crystal revirou o olhar e riu debochadamente.

— Conhecimento é algo que, pelo visto, lhe é escasso. Crianças são seres bons!

— Sórum tem razão — intrometi-me. — Já conheci crianças terríveis. Elas eram numerosas em Ardhem.

Ela mudou o seu semblante impaciente para compreensivo quando me dirigi a ela.

— Quando tudo é manipulado pelos deuses, as trevas encarnam nas mais inocentes almas, pelas missões que estão encarregadas em seu mundo. Se uma criança sem bondade morre, ela vem para o labirinto como adulto, porque são assim

as suas verdadeiras almas. Por isso não se vê crianças por aqui. Não faz ideia do susto que eu tomei quando vi Kai... — Fulminou Sórum com olhar.

Sórum engoliu em seco. Seu olhar era um misto de espanto com alívio, porque ver uma criança em um local como aquele seria ainda mais perturbador do que tudo o que já havíamos presenciado.

— Eu não sabia disso...

— E do que você sabe realmente, se foi capaz de se deixar enganar pela sua líder? — Zombou. — Então não desconfiou que um dia ela pudesse armar contra você?

Ela abaixou a cabeça sem responder.

— Quando eu era viva, nunca ninguém conseguiu me enganar! — Gabou-se, depois olhou para Sórum com desdém. — Talvez tenha sido mesmo fácil enganar alguém como você. Talvez você seja mesmo uma burra!

Gôbu tomou um susto e virou-se para Sórum com o olhar espantado. Sórum a olhou abruptamente.

— Talvez eu tenha sido boa demais, a ponto disso sequer me passar pela cabeça! — disparou.

— Ser boa e ser burra são coisas completamente diferentes! — Crystal a acusou e Sórum cerrou os punhos com uma energia roxa em ameaça.

Tive de me meter entre as duas e pedir que se acalmassem. Acabei por ameaçar ambas, caso as discussões distraíssem Crystal de seu foco. Estávamos ali por Kai.

Uma vez que ambas se aquietaram, sentamo-nos novamente e aguardamos em silêncio.

— Gôbu fica triste... — fitou-nos com os olhos marejados.

Havia mais do que instinto de guerra naquela criatura. Havia sentimentos que desconhecíamos.

Eu sorri e apertei sua mão.

— E quanto a você, Gôbu? Tem família? — perguntei serena.

Ele sacudiu a cabeça e derramou lágrimas em silêncio.

— Gôbu tem irmãos, mas irmãos de Gôbu estão longe...

Sórum pela primeira vez o tocou em um gesto carinhoso, o que o fez ficar surpreso por um momento, mas depois se arrastou até ela e deitou a cabeça em seu ombro.

— Gôbu quer ver a tocha de novo!

Nós demos risadas e eu iluminei novamente. Crystal virou o rosto, achando tudo uma perda de tempo.

“Está regredindo, Kyara? Desde quando emana seus poderes para fazer rir uma criatura idiota? Você é fraca! Somente os fracos agem assim. Péssima mãe! Péssima mãe! Péssima mãe!”, disse a voz.

Sacudi a cabeça em espasmos novamente. Eu não queria dar ouvidos a ela, mas ela começava a fazer efeito sobre mim. Eu começava a entender e a concordar. Não precisava deles! Minhas mãos deram os primeiros indícios de brilho e uma vontade inexplicável de matá-los surgiu.

— Gôbu pode ficar perto de você?

— Sim, Gôbu. Você pode. — Ela sorriu e, vendo a felicidade estampada no rosto daquela criatura, advertiu, tentando em vão ser fria. — Mas não significa que eu goste de você...

Ele deu de ombros e continuou apoiando sua cabeça no ombro dela. Sem que ele notasse e sem perceber que eu disfarçava o olhar para baixo, ela prendeu um sorriso.

Suspirei e minhas mãos cessaram o brilho. O que eu estava prestes a fazer? Eu ia mesmo matá-los?

— Crystal... — chamei-a de forma a incluí-la na conversa. Ela voltou seu olhar para mim. — Como conseguiu conhecer o labirinto sem se perder?

— Eu já me perdi aqui, inúmeras vezes, até que consegui gravar os caminhos. Percorri milhões de vezes cada ponto desse lugar e comecei a gravar os portais e onde cada um levava. Não foi fácil, quase me perdi de vez, passei por inúmeros perigos, mas sempre mantive em minha mente a visão da minha filha e ela me deu forças para continuar. Não gosto daqui e só venho quando tenho de ajudar algum inocente. Eu geralmente fico perto da entrada, onde nos encontramos.

— Então você sempre volta para lá depois de guiar as almas para um local seguro?

Ela fez que sim com a cabeça. Gôbu a olhou desconfiado.

— Local seguro? Mas você disse que labirinto é ruim... — Ele tocava o queixo pensativo, franzindo o olhar para cima.

— Como ousa tentar me contestar, depois de tê-lo deixado vir com a gente e depois de tudo que venho fazendo por vocês? — Ela se enfureceu.

“Mate-os, Kyara! E me prove que estou errada a seu respeito. Quem sabe não é acabando com eles que você encontrará a saída? Talvez ainda haja tempo para resgatar Kai e voltar para a sua filha.. A sua pobre filha que você abandonou...”

Gritei por dentro como um animal feroz para que a voz se calasse, iluminando minhas mãos novamente.

— Ele tem um ponto! — Sórum o deu razão, questionando-a sobre a veracidade de suas palavras e minhas mãos imediatamente cessaram o brilho.

— Há um local específico para almas não tão ruins, é como se fosse um enorme salão e, mesmo sendo quente, não há perigos lá dentro. Sem sensações de sufocamento, sem palpitações, ilusões, nada! Elas se apoiam umas nas outras para

driblar as saudades de suas famílias, mas é claro que nem todas as almas que merecem estar lá, conseguem chegar.

— Então por que você não fica com elas? — Sórum a questionou amargamente e Crystal bufou.

— Se não fosse por Kyara, eu os abandonaria aqui agora mesmo! Tudo o que eu queria era poder ficar com eles e nunca mais colocar os pés no labirinto, mas se eu o fizer, quem ajudaria os inocentes que chegam aqui? Sou a única que se importa!

Sórum e Gôbu se sentiram constrangidos e eu agradei humildemente por toda sua ajuda. A voz queria me perturbar e me forçar a fazer coisas que eu não queria. Eu precisava me controlar!

— Gôbu sente muito... — Tentou tocar Crystal em um gesto afetuoso.

— Não me toque, criatura! — Ela o ameaçou.

Ele se recolheu desamparado e foi para os braços de Sórum novamente.

— Por que você o trata tão mal? — perguntei.

— Porque os goblins são a pior espécie que existe! Só querem sangue e guerra!

Gôbu fitou o chão e as lágrimas começaram a surgir.

— É fácil só dar valor quando perde quem vocês amam, não é mesmo? — Perguntou amargamente. — Por isso que desprezo todos da sua espécie!

— Não confio em você. — Sórum cerrou o olhar. — Não se preocupe, Gôbu, estamos juntos, não importa o que aconteça. — prometeu-lhe amigavelmente.

— Por acha que eu minto?

— Não sei. Há algo em você que não me parece genuíno.

— Então sigam sozinhos por aí e boa sorte com esse lugar.

— Ninguém vai a lugar nenhum! — gritei. — Estamos juntos, e quando buscar meu filho, vocês ficarão no local seguro.

“E se ela estiver mentindo? E se Kai estiver perdido?”

O portal se abriu, nos levando a um labirinto estreito que, para não nos perdermos, tivemos de andar de mãos dadas. Algumas paredes viravam portais e, de dentro delas, ouvíamos gritos de socorro de entes queridos que já se foram. Gôbu se desesperou quando a imagem de um de seus irmãos surgiu em um dos portais.

— Gôbu, ajuda!!! Irmão precisa de você! — ele gritou estendendo a mão para fora do portal. A mesma que se transformou em uma mão cinza e ressecada, diferente da imagem que víamos.

E só assim Gôbu percebeu se tratar de uma ilusão. Sórum acertou-lhe com magia antes mesmo da mão alcançá-lo. A criatura deu um grito e a imagem do irmão de Gôbu no portal se transformou na criatura horrenda que tentaria pegá-lo. Ela iluminou as mãos novamente e a criatura sumiu, gritando estridentemente.

Gôbu encolhia o rosto contra o colo de Sórum. Os sons abafados de seu choro e os leves espasmos dos soluços mexeram conosco. Pelo tamanho, ele parecia uma

criança assustada e a situação foi tão desconfortante que até Crystal permaneceu calada diante dela.

— Não preciso alertá-los, não é mesmo? — Ela falou ainda nos guiando por entre as paredes entrecruzadas que hora pareciam se fechar e hora pareciam se abrir. — Os portais lhes causarão ilusões. Não deem ouvidos, não deixem que te peguem.

Mais à frente, havia um portal enorme e ele surgia dentro de construções feitas por ossos humanos, moldados de forma a se entrelaçarem. Havia crânios de diferentes criaturas no topo e os olhos dos esqueletos brilharam uma luz vermelha, enquanto de sua boca, uma fumaça verde saía.

— Cubram os narizes! Se inspirarem essa fumaça, vão se intoxicar! — Ela dizia enquanto corríamos apressadamente para o portal. Saímos do outro lado ofegantes e tossindo. Uma sensação de exaustão repentina nos tomou, mas Crystal não queria nos deixar descansar, alegando que seria pior se parássemos.

Juntamos forças, à medida que dávamos passos a sensação estranhamente ia embora.

Se não fosse pelas inúmeras entradas e degraus, poderíamos jurar estar caminhando dentro de uma criatura em decomposição. As paredes eram de carne viva, com ossos de costelas gigantes que apareciam entre falhas na parede. O chão era rochoso e desigual, e nele, muitas poças densas dos sangues que escorriam das paredes se formavam, em um tapete. O cheiro de ferro era insuportável, assim como o zumbido das moscas que pareciam querer entrar pelos nossos ouvidos, narinas ou boca.

Sórum teve de fazer um escudo em forma de bolha para nos proteger, mas, inevitavelmente, muitas delas ficaram dentro da nossa barreira. Gôbu e Crystal as abanavam insistentemente, até que eu e Sórum conseguíssemos matá-las com magia. A quantidade de moscas era tão grande, que elas tomaram o exterior do escudo, tapando de vez a nossa visão. Sórum poderia emanar uma energia para eletrocutá-las, mas ela ficaria fraca. Eu então toquei o escudo com minhas mãos e minhas energias se encarregaram. Elas caíram em um segundo e o cheiro de queimado foi tão forte que ultrapassou o escudo.

O surpreendente foi que, quando as moscas caíram e retomamos a visão, avistamos um cenário diferente, com várias almas perdidas. Elas não pareciam ser ameaças, pelo contrário, estavam assustadas. Eles eram esqueléticos, como estes que vemos morrer de fome. Uma sensação que não se sentia ali, mas para aquelas em específico, parecia se fazer presente.

Os corredores exalavam uma fumaça verde tóxica, a mesma do portal pela qual entramos e, por isso, Sórum precisou manter o escudo. As almas inevitavelmente inalavam aquela fumaça e tossiam a ponto de vomitar vermes, sangue e uma gosma

amarelada. Gôbu levou a mão à boca para conter a ânsia de vômito e Crystal o olhou de forma a ameaçá-lo a se controlar.

Passávamos por entre as almas, completamente perturbados com o que víamos, porque sabíamos que estavam em sofrimento. Crystal se mantinha fria quanto a elas e eu poderia entender, pois estava ali tempo o suficiente para saber que não estavam em sofrimento à toa. No entanto, era difícil ignorar. Principalmente em relação às mulheres que pareciam tão frágeis, ansiando por um fim de suas agonias.

Então, o inevitável aconteceu. Fomos notados por elas, mas não somente por nossa presença, e sim por nossa aparência. Ao perceber que não éramos dali, vieram a nós pedindo auxílio.

— Por favor, abram espaço para que eles passem! — Um homem gritou, pedindo que as almas não nos cercassem. — Só assim para eles nos ouvirem!

A multidão então se acalmou, mas a súplica em seus olhares era gritante.

— Precisam nos ajudar! — ele implorou.

— Isso foi o que suas vítimas gritaram, minutos antes de serem mortas — Crystal rebateu com escárnio.

— Só queremos uma chance de sair daqui — falou tossindo sangue.

— E quanto àqueles inocentes que mataram? Vocês lhe deram alguma? — ela perguntou amargamente, nos fazendo um gesto para que deixássemos essa parte com ela.

Quando o homem tentou aproximação, foi pego por uma criatura demoníaca e em carne viva que surgiu da parede. Aterrorizadas, as almas correram em direções opostas e também foram pegas, enquanto outras foram tragadas pelo chão, pelas mãos dessas mesmas criaturas.

Sórum e Gôbu ficaram petrificados e o escudo automaticamente foi desfeito. Com o sumiço das almas, as fumaças tóxicas também cessaram.

— Não fiquem aí olhando e se lamentando — Crystal os repreendeu. — Se soubessem que muitos que eles mataram envenenados foram crianças, vocês mesmo iam querer ter acabado com cada uma dessas almas.

— O que aconteceu com eles? — perguntei.

— Depois de serem severamente torturados, eles voltam.



Capítulo 15

A caminhada era mentalmente exaustiva, pelas inúmeras vezes que tivemos de driblar os portais que surgiam entre as paredes, trazendo ilusões avassaladoras. Nossas cabeças doíam com tudo o que víamos e ouvíamos, se tornando cada vez mais difícil manter o foco no caminho. Viramos inúmeras vezes para a esquerda ou direita e sempre de mãos dadas para não nos perdermos. Crystal mantinha o tom suave em sua voz para ajudar a nos guiar e, finalmente, quando nossas pernas doíam e a cabeça estava a ponto de explodir, Crystal apontou um portal com o queixo.

Entramos em um lugar que parecia um enorme pântano. Andávamos com certa dificuldade em uma água viscosa e fétida que batia acima dos nossos joelhos. Havia névoas no chão e um enorme tapete de limo, de onde brotavam árvores sinistras de galhos secos e sem folhas. Uma névoa intensa cobria as águas e, deles, espectros gritantes em agonia nos rondavam. Sórum levava Gôbu e ele escondia o rosto em suas costas, tremendo pelos gritos dos espectros.

Ela caiu de joelhos e eu parei para ajudá-la.

— Não consigo respirar!!! — Ela puxava o ar com dificuldade.

Pedi que Gôbu pulasse para as minhas costas e a ergui, dando-lhe forças. Passei a carregar a criatura invisível, Gôbu e Sórum, sem mencionar a exaustão que tomava meu corpo e fazia quase impossível manter-me de pé.

— O que é esse lugar, afinal? — perguntei olhando em volta.

— Aqui é para onde vem as almas que mataram inocentes afogados.

A névoa se dissipou das águas e milhões de almas tentavam sair, em busca de ar, mas era como se elas estivessem presas abaixo d'água, sem conseguir emergir.

Crystal me puxava para me ajudar e precisávamos puxar nossos pés, puxados pelas almas que nos agarravam em desespero, pedindo ajuda. Sórum quase caiu novamente.

— Se ela for pega pelas almas, ficará presa para sempre! — falou sem se importar muito caso isso acontecesse.

“Empurre-a logo, então! Vai se livrar de um peso!”, a voz me fez parar.

Eu olhei para Sórum e pela primeira vez percebi o quanto ela poderia me atrapalhar. Eu não poderia deixar que nada ficasse no meu caminho para buscar meu filho. Ela estava realmente me atrasando. E se eu fosse pega por culpa dela?

Olhei para Sórum prestes a seguir os conselhos da voz. Ela estava pesada demais.

“Ou você se livra dela, ou vai acabar caindo junto! Se você cair, Kai se perderá para sempre!”

Sórum começou a ficar pálida, como se a respiração fosse cessando aos poucos. Gôbu começou a se desesperar e balançava as pernas nas minhas costas, apertando minhas costelas.

Apressei Crystal para que saíssemos de lá o mais rápido possível.

— O caminho é longo, Kyara! — advertiu. — O pântano sempre pega uma pessoa por vez. Quando ela perder o ar, vai ser puxada para baixo, depois será você... E depois eu!

— Não podemos deixar que a levem! — insisti.

“Ande logo, empurre-a!!! Não vê que ela está lhe atrasando?”, a voz gritava impaciente.

Sórum começava a ficar pálida. Seus olhos me fitavam em súplica e, sozinha, ela tentava andar por conta própria. A voz estava certa, ela estava nos atrasando, mas também tentava apressar-se ao máximo. Eu não poderia matá-la, não depois de tudo o que ela contou e vinha fazendo para se redimir. Então, notei Crystal fitando Gôbu em minhas costas. Ele tremeu ao perceber suas intenções.

— Só há uma maneira. — Ela cerrou os olhos para Gôbu, arrancando-o de mim. — Ele se debatia e gritava, enquanto ela o segurava pelo pescoço, quase enforcando-o.

— Somente um sacrifício poderá salvá-la. É uma troca! Ela voltará a respirar novamente e poderemos todos sair daqui.

— NÃO!!! NÃO!!! Kyara, ajuda Gôbu!!! — Ele implorava tentando soltar as mãos de Crystal.

— Solte-o! — ordenei tentando pegá-lo enquanto uma das árvores começou a se mexer e um de seus galhos, que pareciam enormes braços com dedos compridos, se aproximava para pegar Gôbu.

O tapete de limo se abriu, mostrando uma enorme boca de dentes pontudos. Os lábios de Sórum começaram a ficar roxos e Crystal o oferecia para a árvore.

— Leve-o e nos deixe sair!!! — ela gritava. Gôbu entrava em desespero.

“Se deixar que o peguem, aproveite e se livre logo dessas duas. Você consegue sozinha!”, a voz me encorajava e tremeliquei da cabeça aos pés, mas a cena que eu

via não me permitia seguir seus conselhos.

Minhas mãos incandesceram e eu peguei o tridente, emanando meus poderes para que acertasse a árvore. Se eu a matasse, poderíamos ter uma chance. Também comecei a perder o ar de forma rápida e com isso perdi minhas forças. Tentei acertá-lo o tridente e pensei que eu fosse falhar, foi quando Sórum reuniu as últimas forças que lhe restavam e mandou um raio de energia de fogo, que empurrou o tridente, acertando a árvore milímetros antes de ela tocar Gôbu.

Sórum ainda estendia a mão pelo raio que acabara de mandar e encarava Crystal com ódio.

— O próximo será em você se não me entregá-lo! — ameaçou-a.

Assustada, ela entregou-o para mim e o coitado tremia tanto que ficou em choque.

Do nada, Sórum puxou o ar com força e, aos poucos, foi voltando à respiração normal.

— O que há de errado com você? — esbravejou.

— Acabei de tentar salvar sua vida!

— Pondo Gôbu em perigo? — contestou.

— Já basta, vocês duas! — Minha voz causou em estrondo que as fez se calar.

— Por que o ofereceu para sacrifício se bastávamos ter enfrentado aquela criatura? — Sórum a questionou em tom de acusação.

Ela tinha um ponto.

— Responda! — ordenei amargamente.

Crystal fitava o chão.

— Não farei novamente. — prometeu.

— Sabe que precisamos de você, mas não poderei tolerar que tente machucá-los.

“Entenda você... não... precisa...”

Ela consentiu.

— Ótimo. — Apontei com o queixo para que ela continuasse o caminho que deveríamos percorrer.

— Não confio nela. — Sórum sussurrou.

— Não fui eu quem raptou uma criança! — Crystal rebateu, fazendo Sórum se calar.

Bufei e revirei meus olhos. Pensei que aquela voz se pronunciaria novamente, mas ela se calou.

Após longos minutos percorrendo aquele rio de almas, finalmente pisávamos em solo sólido. A sensação era estranha, como se a gravidade fosse alterada. Nossos pés tocavam o chão, mas tínhamos de nos esforçar para caminharmos sem que nossos corpos flutuassem. O tridente de Medrene e a criatura nas minhas costas eram pesados e me ajudavam a caminhar normalmente, mas Sórum e Crystal

forçavam seus corpos para conseguir se manter no chão. Por ser mais leve, Gôbu flutuava e Sórum o segurava quase acima de sua cabeça.

— Gôbu pode voar!!!! — Divertia-se, abrindo os braços.

Ela o puxou para perto e o segurou no colo, como se segurasse uma criança.

Havia crateras no chão escuro e rochoso e várias pedras de inúmeros tamanhos. Crystal pegou algumas e colocou na parte de trás de seu capuz e depois botou outras nos bolsos de seu vestido desgastado.

Ajudei-a a pegar algumas e entreguei a Sórum, que as colocou dentro de sua roupa. Elas caíam na cintura e eram presas pelo seu cinturão. Gôbu levava uma em suas mãos e ele a abraçava contra si, com medo de levitar para longe.

Então o chão tremeu e Crystal deu um grito de pavor.

— Não, não pode ser!!! Ele não vem aqui há anos!!!

Um raio de fogo brotava da superfície, desenhando um círculo ao nosso redor. O solo se desfez em mil pedaços e flutuávamos em um limbo. Chovia corpos queimados que gritavam em agonia. Giramos em volta do nosso eixo e nos unimos no centro do círculo, protegendo Gôbu.

Uma gargalhada horripilante em eco fez Gôbu tremer e agarrar minha perna.

— É Ophyus! — Entrou em pânico. — Uma das mais medonhas e impiedosas criaturas do labirinto. Poucos sobrevivem a ele!

Então ele surgiu. Uma serpente gigante de olhos e escamas vermelhas, que abria a boca para pegar os corpos cadentes. Eles tentavam fugir, mas eram mastigados e engolidos.

Seus olhos me fitaram com fúria e nesse momento o medo deu lugar ao ódio que me fez cerrar meus punhos iluminados.

— Olha só quem conseguiu chegar até aqui! — ele esbravejou com indignação por eu não ter desistido ou sucumbido ao labirinto.

— Diga ao responsável por este lugar que ele precisa se esforçar muito para que eu desista!! — Encarei-o.

Ele gargalhou ironicamente.

— Sua tolice me diverte, mortal!

Sórum estava com medo, mas minha determinação lhe deu forças. Olhamo-nos e consentimos, sabendo o que deveria ser feito.

— Você se acha invencível? — perguntei secamente.

Ele voltou a rir.

— Sua diversão acaba agora! — Enrijeci os braços para baixo, iluminando minhas mãos.

— Não, sua tola. Só está começando... — ele sibilou e um portal se abriu.

Dele, saiu um homem que vestia uma armadura de couraça negra e um elmo que deixava seu maxilar à mostra. Ele tinha partes do corpo queimadas, brasas o

queimavam por dentro, e ele gritava em agonia. Havia pânico em seus olhos como nunca havia visto antes em nenhum inimigo. Então o homem foi se acalmando aos poucos, como se Ophyus tivesse enfim lhe retirado toda sua dor.

— Acabe com ela e prometo que jamais voltará a sentir essa agonia interminável que penetra e consome sua pele ao queimá-la.

O homem se curvou em agradecimento. Ele parecia aliviado, então cerrei meus olhos e fechei meus punhos em ira quando desconfie de quem poderia ser.

Ele retirou o elmo e se virou para mim com um sorriso debochado.

— Lembra de mim, elfa? — piscou e mandou um beijo.

— LUKE! — cerrei meus olhos em fúria.

Sórum iluminou as mãos e eu estendi meu braço, pedindo que ela parasse.

— Ele é meu!

Luke urrou para o alto, abrindo os braços e duas espadas caíram do céu, fincando-se no chão à sua frente. Ele as pegou e correu em minha direção, girando-as com maestria. Por um segundo quase o temi, mas a ira que ele mais uma vez despertou em mim, veio com tanto vigor que eu poderia matar um exército inteiro.

Tentei lhe acertar uma flecha iluminada, mas ele desviou.

— Precisa mudar suas técnicas — ironizou.

— Se você insiste... — retirei o tridente de Medrene e o girei, iluminando-o.

Tentei fincá-lo em seu tórax, mas Luke apartou meu golpe, cruzando as espadas. Girei meu corpo para retirar o tridente e ele me acertou um golpe lateral de espada. Consegui me curar rapidamente, então ele me deu um chute nas costelas que me fez cair.

— O que é você, afinal? — perguntou com escárnio.

— Ainda não percebeu? — respondi em zombaria.

— Aquela que se gabava por ser tão diferente de mim, agora se encontra comigo nesse lugar. — Caçoou novamente.

Preparei-me para levantar-me o mais rápido possível, mas ele se aproximou e chutou meu queixo com força, tombando minha cabeça para trás. Girei meu corpo antes que ele pudesse montar em mim para me fincar a espada e levantei-me rapidamente.

Tentei fincar o tridente em sua barriga, mas ele desviou para o lado e tentou me acertar com sua espada. Desviei todos os seus golpes, mas o tridente pesado me fez começar a cansar. Ele, pelo contrário, estava se fortalecendo com o início da minha exaustão.

Luke acertou um golpe no meu braço quando tentei atacá-lo com o tridente novamente. O corte foi fundo e gritei de dor, mas me curei novamente em seguida.

Começamos a desferir golpes mortais, mas acabávamos bloqueando ou desvencilhando um do outro. Ele chegou a me cortar algumas vezes, mas eu sempre

me curava e cada vez mais eu ficava cansada. Então, em um ímpeto de repulsa pelas coisas que ele me dizia, juntei minhas forças e tentei um último golpe com o tridente. Ele desviou, mas consegui acertar-lhe de raspão o braço, o que o fez perder as espadas. Ele girou seu corpo para que eu não o acertasse novamente e acabou se distanciando de mim.

Então, escutei o som metálico das espadas se arrastando no chão, pela magia de Sórum, que as levava até meus pés. Pisei nelas, parando-as.

Pela primeira vez, ele me temeu.

— Não! — A repreendi com veemência. — Essa luta é minha! — chutei-as de volta para Luke.

Impressionado, ele as pegou novamente e se convenceu de sua vitória. Seu sorriso já demonstrava o quanto ele me achava tola por ter devolvido suas armas.

Luke corria em minha direção, com uma espada na frente e a outra em posição de ataque para trás. Ele veio com tanta ira que eu nem conseguia mais atacar.

Depois de um bom tempo só desviando de seus golpes, tentei mais uma vez fincar-lhe o tridente, mas ele desviou e desferiu um golpe lateral na minha coxa. O corte foi profundo e caí de joelhos. Luke me chutou no peito e mais uma vez fui ao chão, caindo para trás, batendo as costas e a cabeça.

Ele rodeou meu corpo girando as espadas, rindo e debochando de mim, enquanto eu lutava com a dor do golpe e da queda. Senti-me tão fraca que não consegui me curar.

Percebendo minha impotência, ele tomou impulso para me acertar o golpe final.

— Reaja, Kyara! — Sórum gritou. Gôbu estava com as mãos na cabeça para não ver e Crystal em choque com as mãos no peito.

Enquanto ele se aproximava, me ajoelhei, usando o tridente como apoio. Quando Luke saltou com as duas espadas voltadas para mim, iluminei o tridente, o fincando em seu tórax.

Ele gritou apavorado enquanto me levantei do chão e o ergui pelo tridente urrando de fúria, feito um animal. Seu corpo estava no ar, descendo pelas pontas da minha arma que perfurava seu corpo cada vez mais. Por um breve segundo ele tentou se apoiar no tridente, evitando que seu corpo continuasse sendo perfurado, mas estava tão fraco que soltou as mãos e o corpo caiu com força.

Então, suas pernas começaram a se dizimar e ele aos poucos foi tomado por cinzas que desapareceram com o vento.

— Já acabou? — perguntei amargamente a Ophyus.

Sórum veio ao meu lado com as mãos brilhando e criou um escudo protetor para Gôbu e Crystal, que estavam em choque.

— Aquele velho ditado que os mortais adoram usar... Se quer algo bem feito, faça você mesmo!

Sua coluna bifurcou e dela surgiu outro pescoço e cabeça de serpente, porém na cor branca.

A cabeça branca tentou me acertar, mas rolei para o lado. Sórum a feriu com um raio, mas ela se ergueu novamente. Eu o acertei com uma flecha iluminada e podia ver minhas energias percorrendo dentro dele, mas as dores lhe pareciam suportáveis. Sórum acertou a cabeça vermelha que tentou pegá-la desprevenidamente, mas os raios que ela emanava não eram fortes o suficiente para detê-lo.

Atirei duas flechas contra ele e então a serpente se sacodi em agonia, mantendo-se ocupada por um tempo. A serpente branca tentou acertar-me novamente. Dei um mortal para trás e todas as minhas flechas e o tridente caíram. Vendo-me desarmada, ela voltou em seguida, mas Sórum pegou o tridente de Medrene e, mesmo com dificuldade, ela o jogou para mim. Peguei-o no ar e bati com o tridente no chão. Dele, emanei energias que a acertaram e a feriram gravemente. Seu enorme pescoço tombou, ele tentava se erguer sem sucesso. Escalei-o por trás enquanto Sórum mantinha a cabeça vermelha ocupada, enviando raios contra ela, que impediam de se aproximar. Girei o tridente no ar e com toda minha força e energias que percorriam meu corpo, eu o finquei em seu crânio, depois o girei, fazendo-a cair. Emanei minhas energias que fez seu crânio desintegrar em um golpe final. Queria explodi-lo, mas tive de me controlar, a força da explosão poderia me atirar no abismo.

Indignado, Ophyus me abocanhou. O tridente ainda estava fincado na cabeça branca, mas Sórum teve chance de chutar uma adaga para mim antes que ele me pegasse. Estava escuro, úmido e fedido, ao sentir aquela enorme língua me empurrando para o lado para me mastigar, iluminei minha adaga e a cortei ao meio. Depois urrei mais uma vez como um animal e emanei minhas energias pelo corpo explodindo-o por dentro.

Caí no chão, junto aos restos mortais daquela criatura e, coberta por sangue e saliva, eu me ergui, mais forte do que nunca.

O escudo de Sórum foi desfeito e Crystal correu para retirar o tridente da cabeça branca e me entregar. Gôbu ainda estava paralisado.

— Para onde agora? — perguntei amargamente.

Ela engoliu em seco e, trêmula, apontou para o local.



Capítulo 16

Parecia um enorme rio de lodo, mas quando demos o primeiro passo, o chão ficou sólido e rochoso. Era um longo e fino corredor, onde só se passava um por vez. Andávamos enfileirados e Gôbu começou a ter calafrios.

— Gôbu não gosta daqui...

Ouvíamos gritos aterrorizantes que cessavam do nada, como se alguém os calassem. Quando viramos para a direita, entramos em um enorme local, cercado de vulcões, pouca iluminação e um imenso e largo rio de piche. À margem havia criaturas que vestiam armaduras metálicas com espinhos nos ombros. Na cabeça usavam um capuz da cor de vinho e seus rostos eram buracos negros. Eles seguravam uma lança com pontas de bolas espinhentas que de longe se notava o quanto eram perfeitamente afiadas. Nossa presença os fez virarem em nossa direção, mas pareciam desinteressados de nós.

— Eles vão nos machucar? — Gôbu travou seu corpo, amedrontado, prendendo o fôlego por um segundo.

— Está com medo? — Crystal perguntou amargamente com os olhos cerrados. — Não deveria temê-los, uma vez que sua espécie podre adora uma briga. — Revirou os olhos. — Covardes!

Ele abaixou a cabeça, sentido.

No rio, mãos e braços pareciam alcançar a superfície com dificuldade e alguns até conseguiram pôr o rosto para fora em uma busca desesperada por ar. Contudo, eram tragados para baixo ou forçados a afundar pelas pontas das lanças dessas almas que cercavam o rio.

— Que lugar é esse?? — Sórum perguntou visivelmente perturbada com o que via. Gôbu andava abraçando minha perna, com o rosto contra minha coxa, a fim de não ver aquela cena.

— Não se preocupem — Crystal respondeu secamente. — Eles não querem nada conosco.

— E quem são essas almas? — perguntei.
— As de armadura são encarregadas de não os deixar sair do piche.
— E por que eles estão no piche? — franzi a testa.
— Melhor que não saiba, ou você mesma se encarregará de matá-los. Se isso acontecer, enfrentaremos um exército de almas armadas. Acreditem, eles podem ser piores do que imaginam.

— Então vamos logo embora daqui! — Sórum nos apressou. — Não queremos problemas.

Era uma longa caminhada, a cada passo que dávamos mais almas conseguiam subir à superfície, porém, muitas delas eram constantemente afogadas e forçadas a permanecerem abaixo do piche pelas pontas das lanças. Mas o mais perturbador eram as gargalhadas em um eco sinistro e arrastado, de prazer por não permitirem que elas subissem por um bom tempo.

Era perturbador, meu único consolo era pensar que tudo lhes era merecido, mesmo que eu não soubesse o motivo.

Entramos em uma sala redonda, onde novamente os portais faziam rotação a cada dez segundos. Havia runas que brilhavam em fogo e por mais que a escrita fosse incompreensível para nós, notei leves diferenças. Algumas possuíam um traço ou um espaçamento maior entre eles e Crystal franzia a testa, prestando atenção.

Gôbu e Sórum olhavam como se não entendessem. Crystal educadamente pediu silêncio ao levar o dedo indicador aos lábios, assim entendemos que ela sabia qual era a diferença que levaria para a porta que deveríamos entrar. O lado ruim, era que a porta certa estava perdida entre milhares de outras e prevemos que demoraria um bom tempo até que ela encontrasse.



— Crystal, sente-se um pouco. Você está aí há horas, deve estar cansada — falei.
— Não posso. Há uma sequência de portas e, se eu a perder, ficaremos mais tempo esperando — disse sem tirar os olhos atentos da rotação.

— Como será que ela sabe tanto? — Sórum sussurrou.

Ergui meus ombros. Sua presença era necessária, então a deixei fazer o que era preciso.

Do meu lado, Gôbu fitava os pés como se revivesse tristes lembranças.

— Você está bem? — perguntei

Ele negou com a cabeça.

— Gôbu não queria estar aqui. Gôbu sente saudade da família. — As lágrimas desciam pelo seu rosto.

Sórum passou o braço pelo seu ombro e segurei sua mão em apoio.

— Se ao menos Gôbu soubesse...

— Está tudo bem. Também sinto falta da minha, mas nada podemos fazer a respeito, senão aceitar. Serei sua família aqui. — Prometeu Sórum, deitando sua cabeça na dele.

Ele deu um leve sorriso. Estava feliz em tê-la com ele, mas nada superava a falta da família. Eu podia entendê-lo.

— É esta! Vamos rápido! — gritou Crystal.

Nos levantamos em um salto e corremos antes que ela pudesse se fechar e sumir.

— Então agora você entende, não é? — Ela o provocou desnecessariamente.

— Por que não deixa ele em paz? Não vê que ele reconheceu o erro? — Sórum partiu em defesa de Gôbu, mas Crystal deu de ombros e seguiu andando.

— Se quiser vir comigo, venha. Caso contrário, se minha presença ou minhas atitudes lhe incomodam, fiquem por aí e se virem para encontrar o local seguro, sem se perderem por milhões de anos.

— Crystal! — Chamei sua atenção e ela baixou a cabeça.

— Só estou ajudando porque lhe prometi. Agora precisamos ir.

Por horas caminhávamos naquele local com cheiro de carne em putrefação e, depois de entrar em diversas passagens que nos confundiam facilmente, chegamos a uma enorme sala com um altar de sacrifício no centro.

— Sórum! — Um grupo de cinco magas de Christine surgiu.

Entre elas, as primeiras a matar minhas irmãs na muralha de gelo. Minhas mãos se iluminaram, mas Sórum me segurou.

— Kyara, não é hora para isso! — Uma delas falou e seu semblante estava longe de ser cínico.

Eu ia me acertar com elas, com cada uma delas, mas a urgência na sua voz causou um estranho sentimento em mim e parei para ouvi-las.

“Se tivessem matado sua filha, você também as perdoaria? Francamente, Kyara! O que há de errado com você?”, a voz me acusou em desgosto.

— Achamos uma saída! — A líder com cinturão dourado falou. — Sabíamos que você se juntaria a nós, Sórum, mas de forma diferente!

Sórum franziu o cenho, confusa.

— Não existe saída! — Crystal as desmentiu e então a líder se aproximou esperançosa, pegando em suas mãos.

— Existe, para almas como nós, que se arrependeram profundamente.

— Mentira! — Crystal rebateu, soltando suas mãos bruscamente da líder das magas.

— Você é a Crystal, não é? — perguntou outra maga de forma amigável.

— Como sabe meu nome? — A desafiou a falar.

— Fílmor nos contou sobre você e sua história. Como quer sair daqui se não consegue se arrepender de seus atos?

— De matar o assassino da minha filha? — Cerrou os olhos.

A maga fitou o chão, triste, e balançou a cabeça em negação.

— Sórum, ele disse que você chegaria, disse que viria para cá enganada!

— É claro que ela viria! Pelo ato que cometeu, não poderia ter outro destino! — Disparou Crystal em acusação. — Não importa que tenha sido enganada, ela merece estar aqui. Como podem acreditar que ela era digna a deixar esse lugar?

A maga então se virou para mim.

— Lembro até hoje do pavor nos rostos das sereias quando as matei. — Seus olhos encheram de água. — Acreditem, essas visões têm sido meu tormento.

— Ela diz a verdade! — Outra maga se aproximou. — Você teve as visões da guerra ao chegar, não teve?

Fiz que sim com a cabeça.

— Nós também. E desde então nos demos conta de nossos atos. Estávamos tão arrependidas, que Fílmor veio a nós e nos deu uma missão. Se a concluíssemos, poderíamos sair daqui. E vocês viriam junto.

— E onde vocês estavam esse tempo todo? — Crystal perguntou ainda insinuando que elas mentiam.

— Com Fílmor! — insistiu desesperada para que acreditássemos nela.

Sórum e eu estávamos completamente confusas. Gôbu as olhava maravilhado, como se estivesse hipnotizado por elas.

— Venha, pequena criatura. — A líder esticou a mão para Gôbu. — Fílmor nos contou que você viria. Você se arrepende por ter matado vários de sua espécie?

— Gobô muuuuito arrependido. Gôbu quer ir embora com você...

A maga sorriu maternalmente.

— Não estranhe meus atos, Kyara — ela pediu de forma amigável. — Sei que é difícil acreditar em nós depois de todo o ocorrido, mas a morte muda as pessoas. Quando temos chances de ver realmente o que fizemos, tudo muda. Felizmente há aqueles que ainda vivos conseguem perceber, mas não foi o nosso caso. — Suspirou. — Por isso, peço que acreditem em mim e que venham conosco. Seu perdão e confiança são necessários para seguirmos em frente.

— Por favor, Kyara. — A maga de cinturão dourado falou em tom de súplica. — Fílmor nos concedeu a saída e uma chance no lado bom do mundo dos mortos, mas somente se você nos perdoasse.

— Por que acha que seria tão fácil acreditar em vocês? — perguntei ainda relutante.

— O grupo está completo, Kyara... Não temos muito a explicar, apenas pedir que acreditem em nós.

— O que quer dizer com grupo completo? — Crystal zombou. — Isso não existe!

— Ele existe. — A maga respondeu com certo pesar. — E lamentamos muito você não estar dentro dele.

Sórum abruptamente lançou um olhar para Crystal, claramente acusando-a de mentir.

— Se elas dizem que existe, como você não sabia disso?

— Crystal devia saber! — Gôbu a enfrentou pela primeira vez. — Crystal está mais tempo no labirinto!

— Elas mentem! — Crystal rebateu as acusações, fitando-os nos olhos, repletos de ira. — Por que acha que as palavras delas são mais confiáveis do que as minhas?

— Porque eu não a conheço!

— Fui eu quem te trouxe aqui? — Crystal perguntou amargamente e Sórum baixou a cabeça. — Acha que se elas fossem vivas, não teriam apoiado sua líder em te enganar?

— Não precisa ficar contra ela, Sórum. — A maga disse em defesa de Crystal, que se mostrou surpresa. — Fílmor decidiu isso recentemente e só tomamos conhecimento por nos ter sido dada a missão.

— E o que seria esse grupo? — eu as interrompi. — O que nos faz pensar que fazemos parte dele?

— É um grupo formado por pessoas que vieram parar aqui por motivos diferentes, como nós, que cometemos atos terríveis, aqueles que como Sórum foram enganados e por fim, aquele único que, ao perceber seus erros, resolveu se afastar dos demais. O que temos em comum? Arrependimento. Esse sentimento é o elo que nos une, portanto, temos uma chance, mas, para isso, precisamos do seu perdão.

— Mas, e quanto a mim? — perguntei confusa.

— Kyara, você pode sair quando bem desejar. Ele lhe concedeu essa escolha. — Virou-se para Gôbu. — Seu coração sempre foi puro. Você apenas seguiu os instintos que foram impostos a você pela sua espécie.

Ele fitou o chão, tocado com as palavras e, claramente remetido a tantas lembranças, deu início a um pranto.

— Gôbu quer sair daqui!! Gôbu não suporta mais tanta dor! — implorou, indo em direção à mão da maga que ainda se estendia a ele. Sórum o segurou.

— Lembro das vezes que me enganaram quando vivas — falou com um tom repleto de mágoas.

— Nós também, Sórum. — A líder de cinturão dourado falou. — E também nos arrependemos por ter deixado Christine nos envenenar com suas palavras o tempo todo. Se não tivéssemos dado ouvidos a ela, talvez tivéssemos sido iguais a você e não estaríamos aqui agora.

— Não é hora para isso. — A outra maga interrompeu ansiosa. — Por que não deixamos para explicar tudo quando chegarmos do outro lado, longe desse

pesadelo?

Sórum deixou o ar escapar em alívio. As palavras das magas realmente mexeram com ela e pude perceber naquele momento que uma das coisas que ela mais queria quando viva, era ter amigos.

Ela então estendeu a mão, confiante das palavras das magas, que a aguardavam felizes e aliviadas pelo perdão dela. Até eu me intrometer bruscamente entre as duas e agarrar a líder pelo pescoço com minhas mãos incandescentes.

— Kyara, não! — Sórum e Gôbu gritaram para que eu parasse.

A maga começou a sufocar, enquanto eu apertava ainda mais minha mão, rangendo todos os meus dentes, consumida pelo ódio.

Ela me olhou em súplica por um segundo, mas não conseguiu prolongar mais a mentira, quando seu rosto começou a deformar e mostrar a criatura horrenda por debaixo daquela máscara.

As outras, ainda usando o disfarce, fugiram amedrontadas e a que eu estrangulava morreu pelos raios que Sórum enviou.

“Custou, mas ao menos percebeu...”, a voz zombou novamente.

Fez-se um silêncio mórbido onde os únicos sons eram nossas respirações ofegantes. Decepcionada pelas mentiras, Sórum se sentou no chão e pôs as mãos na cabeça. Era demasiadamente devastador ver que a saída que nos fora oferecida, não passou de mais uma das mentiras daquelas almas tão cruéis.

— Como percebeu que elas mentiam? — ela me perguntou, limpando as lágrimas.

— Porque em nenhum momento mencionaram o Kai.

Um choro contido nos chamou atenção. Gôbu nos olhava confuso com as mãos para cima, isentando-se de ser aquele quem chorava.

Crystal olhou com raiva para o centro do local de sacrifício e havia uma menininha que abraçava seus joelhos e escondia o rosto, amedrontada.

Ela usava uma capa roxa de bainhas douradas que eu conhecia bem, e mesmo tocada com a visão, eu já estava farta das armadilhas daquele lugar.

— Mamãe? — Síndel, ou aquele que se passava por ela, me encarou. — Eles me pegaram quando você partiu! Por que me abandonou?

As lágrimas eram inevitáveis, assim como minha raiva. No entanto, eu não teria coragem de matá-la, porque ela se disfarçava com a aparência de minha filha.

— Vamos embora! — pedi com firmeza e todos concordaram.

Crystal nos guiava para outro local, enquanto a criatura gritava por socorro, sem desistir da mentira. Aquilo apertou meu coração de tal forma, que tive de repetir as palavras secretas entre mim e Kai. Quando chegamos ao outro local, desabei em lágrimas.

“Não adianta se martirizar por não ter “ajudado a sua filha”, afinal, foi exatamente isso que você fez quando veio para cá!”

— Já chega!!! — urrei tapando meus ouvidos e todos se assustaram, me olhando completamente confusos.

— Você está bem? — Sórum perguntou e eu me desabei a chorar.

Senti a mão de Gôbu tocar meu ombro, quando me ajoelhei desabando em prantos. Eles sentiam que eu precisava daquilo e sabiam o quanto a última visão havia mexido comigo.

Compreensivos, eles se aproximaram em silêncio. Crystal me tomou em seus braços.

— Como mãe, sei o quanto aquilo foi perturbador — ela dizia compreensiva.

— Kyara assustou Gôbu quando gritou.

— Desculpe — pedi, retomando meu fôlego. — Ando escutando uma voz, que me recrimina constantemente. Acreditei poder ignorá-la, mas não consigo.

— Sabe algo sobre isso? — Sórum questionou Crystal, que aparentou igualmente surpresa.

— Nunca ninguém me relatou algo do tipo — ela disse pensativa. — O que ela lhe diz?

— Desde que entrei, ela me diz que não preciso de vocês e que foi o maior erro ter entrado aqui para salvar meu filho. Ela me acusa de ter abandonado minha filha por uma causa perdida e que eu deveria ter ficado com meu povo. Às vezes dou razão a ela, mas, ao mesmo tempo, como posso achar errado ter escolhido enfrentar todo esse terror para salvar meu filho?

— É preciso muita coragem para fazer o que fez — disse Crystal me encorajando.

— Até poderia dizer que amor de mãe nos dá coragem para enfrentar o impossível, mas, infelizmente, conheci mães que não amavam seus filhos. Então, acho que não basta ser mãe. Basta apenas ser como você, Kyara... — Sórum falou e Crystal a olhou de forma amigável pela primeira vez.

— Olha só... — Ela ironizou de leve. — Não pensei que algum dia pudesse concordar com você.

— Obrigada. — Ela sorriu e Crystal consentiu.

— Desculpe por ter sido tão rude com você. Foi clara ao admitir que se arrependia, mas acho que esse lugar me tornou uma pessoa amarga, pelos anos que aqui estou.

— Não estou aqui há tanto tempo quanto você, mas posso compreendê-la perfeitamente. De minha parte, também peço desculpas por tê-la acusado de mentir. Depois de tudo o que tem feito por nós, tenho certeza que suas ações são verdadeiras.

As duas se renderam, finalmente deixando a rivalidade de lado. Então, o sorriso de Crystal cessou e seu semblante modificou completamente.

— Mas não devia! — Ela fixou o olhar em Sórum, que a olhou surpresa. Crystal estava cansada e irritada.

Tomei um susto e encarei as duas.

— O que está dizendo? — Sórum engoliu seco.

Crystal cerrou o olhar para ela e ameaçou dizer algo, mas Sórum a olhava em desespero, de forma a pedir que ela se calasse.

— Agora não... — ela pedia quase em um sussurro.

— Agora, sim! Já estou farta de tanto mentir! E você deveria estar também!

Então as olhei completamente perplexa.

— Finalmente essa baboseira vai acabar! — Intrometeu-se Gôbu na conversa. — Gôbu tem medo disso, Gôbu quer isso, Gôbu sente muito... ARGH! — Ele chutou uma pedra em seu caminho para longe. — Cansei de falar igual a um imbecil!

— Imbecil, foram suas atitudes! Quase arruinaram o plano! — Sórum disparou.

— Já deveríamos ter recebido o sinal há muito tempo! Não aguento mais mentir e ter de criar todas essas ilusões! Estou fraca e exausta! Já não sei mais o que fazer!

Simplesmente não consegui acreditar no que escutava. Estava tão incrédula que sequer conseguia tomar uma atitude.

— E o que nós temos a ver com isso? — Gritou Gôbu com raiva. — Foi você quem se gabou por dizer que conseguiria enganá-la com uma falsa realidade e que não teríamos pressa até que mandassem o sinal.

— Ao menos ela não quis mentir sobre não gostar de você! — Sórum disparou com um olhar de ódio e Gôbu rangeu os dentes, retirando uma adaga de seu cinturão. Ela iluminou as mãos e os dois iriam começar a lutar quando Crystal os impediu.

— Parem!!! Agora só nos resta esperar! — ela ordenou.

Sórum deixou as mãos caírem com força e bufou, virando-se de costas para Gôbu, que apontava a adaga para ela.

— Não teria pena nenhuma de matar você! — ele disse nervoso.

— Seria possível que, ao menos, mudasse a realidade para um local mais bonito? — Sórum pediu com ironia.

Crystal só suavizou o olhar quando me viu e percebeu o quanto eu estava em choque com tudo o que ouvia.

Ela fez um gesto de mãos e criou uma linda floresta com um rio cristalino próximo a nós.

— Desculpe por tudo isso, Kyara. Nós realmente não queríamos, mas fomos pagos para fazer isso.

— Pagos por quem? De uma vez por todas, o que está acontecendo? — perguntei completamente angustiada.

— A realidade que está prestes a enfrentar não chega a ser como essa, mas não é fácil. Nos disseram que se você enfrentasse um pesadelo em um mundo fictício, seria mais fácil aceitar o que está prestes a vir — Crystal se explicava, tentando ao máximo me acalmar.

— Sua história cruzou os diversos ventos e mares, chegando nas mais diferentes e distantes aldeias — Sórum continuou. — Desde o seu desaparecimento, iniciou-se uma incansável busca pelo seu paradeiro, e se tratando de Christine, você poderia estar em qualquer lugar de Valdállen. Aidan fez de tudo para que você fosse conhecida através de todos os mares, as sereias o ajudaram, fadas voaram quilômetros de distâncias e até as dríades se afastaram ao máximo que puderam de seus carvalhos para passar a notícia adiante entre outras de suas espécies.

— Não se engane em acreditar que o fim das buscas viria por aqueles que desejavam seu bem — Gôbu falou em tom áspero, enquanto lavava o rosto e as axilas na água do rio. — Alguns, como eu, já não viam a hora de te encontrar, porque eram como espinho no meu traseiro, ver inúmeras vezes criaturas se passando por você e sendo entregues por um grupo que claramente queria a recompensa.

Crystal tocou a testa, franzindo o cenho.

— O sinal! Eu o recebi.

— Finalmente! — Gôbu falou com olhar de tédio.



Capítulo 17

Nem tive tempo de sanar qualquer dúvida, primeiramente porque ainda tentava assimilar o que me diziam e, segundo, porque um portal começou a surgir e eu conhecia muito bem de onde vinha aquela magia. Aidan! Eu chorava aliviada e mal podia esperar para abraçar minha família. No entanto, não era Aidan quem me aguardava fora do portal.

Lana, com as mãos no rosto e lágrimas nos olhos, correu em minha direção para me abraçar e, em um ato automático a empurrei com toda força, fazendo-a cair de costas no chão. Assustada, ela engatinhava para trás, mas também havia decepção em seu olhar.

Owen veio em seguida, agachou próximo a irmã e a tomou nos braços, ajudando-a se levantar.

— Não se preocupe — ele disse a ela carinhosamente. — Sabíamos que isso iria acontecer.

Lana começou a chorar e eu olhei para os lados, completamente incrédula do que via e ouvia. Toda Shadowfalls estava presente e me olhavam com lágrimas nos olhos em alívio. Eu sentia que queriam vir a mim e dar-me as boas-vindas, mas precisavam se conter.

— Onde está minha família? — Foi a primeira coisa que perguntei e olhava para os lados em desespero, procurando as crianças.

Então notei os olhares confusos que se entreolhavam, claramente se perguntando do que eu falava.

— Kai e Síndel...

Eu falava insistentemente, implorando para que me dessem uma resposta, mas todos estavam calados. Virei-me para Crystal e Sórum.

— Eles estão bem? — insisti em desespero.

— Deem um tempo para ela. — Ouvi a voz de Aidan, que cortava a multidão para me ver. Então corri ao seu encontro.

Ele me recebeu com um abraço apertado e ambos chorávamos. Devo ter ficado uns bons minutos chorando contra o seu peito e, quando fui beijá-lo, surpreendentemente, ele me afastou de forma carinhosa, tocando meus lábios para evitar o beijo.

— Precisamos conversar — ele disse constrangido.

Eu o olhei, completamente confusa.

— Podem deixar a conversa para depois? — Se intrometeu Gôbu de forma grosseira e impaciente. — Quero minhas pedras e minhas bebidas! Aproveita e faz logo um portal para a minha aldeia! Não vejo a hora de sentar-se na taberna e beber.

— Você é tão estúpido, Gôbu. — Sórum falou com amargura. — Não vê que ela está confusa?

— E daí? Aceitei a missão pelo pagamento, nunca disse que me importava! — Ele deu de ombros.

Aidan então consentiu e fez um gesto com a cabeça. Os magos trouxeram duas trouxas pequenas de joias e um barril.

— Vocês disseram três sacos! — Ele cerrou o olhar.

— Desculpe, Gôbu. Perdemos muitas coisas e isso é tudo o que temos. Podemos providenciar outro barril, se quiser.

— Que seja! — Ele bufou. — Me tire logo daqui!

Aidan fez um portal que dava para a aldeia dele e, antes de entrar, virou-se para nós e falou pela última vez:

— A propósito, meu nome é Gustharb! Não sei quem teve a *brilhante* ideia de inventar esse nome ridículo. — E o portal se fechou, no exato momento em que ele entrou.

— Desculpe por ele, Kyara — Crystal falou constrangida. — Sórum e eu conversamos enquanto Gustharb reclamava. Sabemos as condições que se encontram. Portanto, em consideração a vocês e ao carinho que tomamos pela Kyara, não precisam nos pagar.

— Só estamos felizes de ela estar de volta e queremos ficar ao seu lado enquanto lhes contam a verdade, pois ela vai precisar do maior apoio possível. — Sórum completou e Aidan consentiu.

— Pelos deuses, o que está acontecendo? Aidan, cadê as crianças?

Ele me acalmou com um gesto de mãos e calmamente me guiou por um caminho. Eu não conhecia aquela floresta e me espantei ao ver que as inúmeras cortinas de nobres tecidos das nossas construções, agora estavam sujas e remendadas, formando tendas improvisadas. Havia também abrigos de troncos e folhas, ao invés das construções das árvores. Era um enorme acampamento precário e até as roupas de todos estavam em farrapos.

— Que lugar é esse? Por que não estamos em Shadowfalls? — perguntei ao entrarmos em uma tenda que ele abria para mim.

Não havia muito lá dentro, a não ser um lençol sujo e amarrotado no chão, mostrando o local onde ele dormia e, do outro lado, uma pedra que servia de mesa para um vasilhame com água. Ele tinha uns cristais escondidos que rodeavam uma pequena poça, feita manualmente para servir como uma fonte de onde ele teria suas visões.

Ele pegou água do vasilhame.

— É melhor se sentar — falou, estendendo a cuia para mim.

Sórum e Crystal se sentaram ao meu lado e toda Shadowfalls cercou a tenda, aguardando o que ele teria para me contar.

— Perdemos a guerra aquele dia.

— De qual guerra você fala? Da última?

Aidan então fez um semblante confuso.

— Só enfrentamos uma guerra, Kyara. E perdemos — ele disse abatido.

Prendi meu fôlego por um segundo.

— Aquele dia nas cúpulas, depois de matar minha mãe, Christine pegou a pedra e tomou Shadowfalls para si.

— Isso é impossível! Eu me lembro de termos vencido! Consegui tocar a pedra e Christine fugiu! Izobel morreu e, com a ajuda de Báhlgor, nós reconstruímos Shadowfalls! — falei incrédula do que ele me contava.

Aidan balançava a cabeça decepcionado e deixou cair uma lágrima.

Peguei seu rosto e o virei para mim.

— Nós nos casamos Aidan! Tivemos dois filhos!

— Chega! — Ele me cortou, segurando seu pranto, não querendo acreditar no que eu dizia. — A verdade foi que você desmaiou no exato momento em que tocou a pedra e não mais voltou. Christine conseguiu pegar a Drakenian e Izobel morreu! Ela destruiu Shadowfalls e hoje está reinando em Weston.

— Isso não pode ser verdade! — Eu falava para mim mesma. — E quanto Arturo?

— Arturo também morreu depois de deixar Shadowfalls. — Ele suspirou. — Acho melhor você ver por si mesma.

Ele abriu um portal que nos levou a Shadowfalls e meu coração estilhaçou ao olhar a destruição ao redor. O lago central era uma enorme poça lamacenta, o coreto estava destruído, as árvores derrubadas, as casas cobertas de folhas e as construções nas árvores eram apenas ruínas. Foi uma visão muito mais devastadora do que a que vi após a guerra. Eu me recusava a acreditar que o que eu via era verdade.

— Filha? — Meu pai surgiu e eu corri para seus braços aos prantos.

No momento em que o toquei, ele me passou a verdade do que aconteceu.

Fui mais uma vez transportada para outro local e me vi novamente naquele dia, enquanto lutávamos dentro da cúpula.

— Kyara! — gritou Aidan, rastejando para mim, deixando um rastro de sangue no chão.

Eu não havia notado quanto sangue ele perdia e só não entrei em pânico porque sabia que se tratava de uma visão do passado.

— Você já está morto, rapaz! — Ironizou. Depois olhou para Drakenian à minha direita. — Tenho urgências maiores. — Christine ergueu as mãos em direção à pedra, que começou a tremer segundos antes de levitar. Aidan arregalou os olhos e me olhou suplicando para que eu a impedisse de alguma forma.

Brisêys tentou distrai-la voando ao redor da sua cabeça. Mas, Christine, apenas com uma mão, deu-lhe um tapa que a fez cair no chão.

Drakenian estava entre nós duas, flutuando no ar ao ser controlada por Christine. Ao ver as minhas mãos incandescendo para impedi-la, começou a formar um escudo para protegê-la e proteger a pedra.

A pedra agora passava perto de mim, e o seu brilho se fortaleceu, refletindo no meu rosto como um chamado. A fenda do escudo começava a se fechar diante de nós duas. Em um ato de desespero, saltei atirando minha flecha contra Christine, agarrei Drakenian e caí de joelhos com ela nos meus braços.

Imediatamente, senti como se a pedra fosse me desintegrar. Eu estava cada vez mais fraca e, Christine, que havia se esquivado da minha flecha, começou a gargalhar.

No portal atrás dela, saiu Lana e mais duas magas. Elas me olhavam estremecendo em fortes espasmos no chão. Aidan gritava em desespero, Arturo estava em choque e Izobel já estava morta.

Quando Lana me viu agonizando, ao contrário do que eu esperava, seus olhos lacrimejaram. Ela estava assustada e impressionada com o que vira.

— Sua tola, ninguém pode tocar a pedra! — ria da minha estupidez enquanto meus espasmos iam cessando aos poucos.

Christine deu sinal para uma de suas magas terminarem o serviço, pois ela estava muito ocupada, tentando manter a pedra erguida por magia. A maga ia mandar um raio de energia elétrica contra mim, mas Aidan a impediu com outro. No entanto, ele estava tão fraco que o raio se desfez antes mesmo de chegar até ela, que, enfurecida, redirecionou o raio contra ele. Aidan caiu morto e Lana levou às mãos a boca, assustada.

— Peguem o corpo dela! — ordenou Christine e as magas se juntaram para me pegar.

Lana estava em choque e Arturo nem conseguia fazer nada, pois sabia que sua espada seria inútil para a magia de Christine.

— Não!!! O que vai fazer com ela??? — ele gritava em desespero.

— Não se preocupe, querido, cuidarei dela. — Piscou de forma debochada.

— Vai ficar aí parada? — Uma das magas perguntou de forma grosseira para Lana, que permanecia em pé ao lado de Christine.

Outra maga surgiu por trás do portal, trazendo um cetro, onde Christine com magia apoiava a pedra. Com a mão livre, ela empurrou Lana para longe do portal, fazendo-a cair de joelhos no chão.

— Christine? — ela perguntou em desespero enquanto as magas passavam por ela, carregando meu corpo.

— Já possuo o que quero, querida! Não me é mais útil.

O portal se fechou e Lana gritou, caindo em prantos em seguida. Seu choro era o único som naquela cúpula.

Arturo abraçava o corpo sem vida de Izobel e quando Dunkan apareceu, apesar de toda ira que ele guardava por Arturo, percebeu a cena diante dele. Sentindo seu arrependimento, Dunkan se aproximou do corpo de Izobel com as orelhas baixas.

— Sabe que irão querer matá-lo. — Ele disse com a voz arrastada. Arturo consentiu.

— Acabo de perder minha filha e matar uma mulher inocente. Não quero nada senão a morte — ele disse em lágrimas. — Só peço, por favor, que antes resgatem meus filhos e os criem aqui em Shadowfalls. Se souberem que eu traí o rei, minha sentença de morte será estendida à minha família. Não posso permitir isso.

Dunkan consentiu.

Ao ouvi-lo, Lana, visivelmente arrependida, tentou buscar consolo em Arturo, que a parou com um olhar raivoso, impedindo-a de se aproximar.

— Fui tola em acreditar em Christine! Por favor, me perdoe! — suplicava em prantos.

— Prove que você mudou e nos ajude. Então terá meu perdão — ele falou rígido.

— E terá também um abrigo em Shadowfalls — Dunkan a prometeu. Ele sentia a bondade vindo dela.

Ela se aproximou do corpo de Aidan e tocou seu pescoço.

— Ele está vivo!!! — ela gritou aliviada.

Então Brisêys surgiu detrás de uma pilastra e pousou sobre os ombros de Aidan, esperançosa.

Fui sugada por uma energia e vi um resumo de tudo. Arturo nunca conseguiu salvar seus filhos, pois a primeira coisa que Christine fez ao chegar em Weston, foi matá-los e depois matar ao rei, tomando o trono e a aldeia para si, escravizando a todos.

Depois, Christine destruiu Shadowfalls por completo. Muitos conseguiram fugir, e outros foram mortos antes de buscar Gwen e Tristan. Ela dizia que não queria que

esse lugar existisse, porque só lhe trazia péssimas lembranças, e que com a pedra poderia construir algo bem melhor e mais imponente que uma simples *aldeiazinha bonita*.

Quanto a mim, surgiram boatos que se dividiam entre eu estar morta ou apenas desacordada em algum lugar, impossível de ser encontrada. Porém, Shadowfalls começou uma busca incansável por se recusar a aceitar qualquer uma das opções, nem que precisassem ver com os próprios olhos e me dessem um enterro digno.



Capítulo 18

Aidan tinha o corpo coberto por talas manchadas de sangue velho. Lana estava ao seu lado, limpando algumas feridas e o ajudando a tomar água com uma cuia. Dias e noites se passaram sem que ela saísse do seu lado. No início, aquele que era apenas um moribundo para ela cuidar, aos poucos se fortaleceu. Aquele que antes mal conseguia falar, agora sorria e dividiam histórias de vida. Com o tempo, os olhares amigáveis ganharam um brilho diferente e, agora, mesmo com dificuldade, Aidan conseguia andar, se apoiando em Lana, feliz com sua melhora.

Ela passou a ser querida em Shadowfalls e era uma pessoa completamente diferente, de quem o irmão se orgulhava. Tinham-na como exemplo maior que Margreet um dia foi.

Vi o dia em que Gôbu, Sórum e Crystal foram encontrados. Eles realmente eram os melhores das suas distantes redondezas. Por meses e guiados pelas sereias, cruzaram os diferentes mares, até chegarem à Shadowfalls onde lhes foi explicado melhor sobre quem eu era e a importância de me encontrarem.

Foi Crystal quem me encontrou. Meu corpo deitado em um círculo de magia, no canto da mais distante caverna dos territórios habitáveis. Por algum motivo ainda desconhecido, Christine não queria que eu morresse e não queria me guardar em Weston para impedir realmente que soubessem de meu paradeiro.

Quando ela me encontrou, fez um portal para Shadowfalls, e dele saiu Aidan, completamente curado.

Ele travou ao olhar meu corpo e engoliu em seco com lágrimas nos olhos. Ela já sabia o que precisava ser feito, e ao tocar meu corpo, consegui ver o que ela fazia. Tive duas visões ao mesmo tempo, uma do meu corpo na caverna e outra do dia nas cúpulas, onde acreditei ter feito Christine fugir.

No momento em que acreditei ter sido transportada para um local etéreo no conselho dos dragões, ela perguntou a Aidan se isso seria o melhor a fazer. E, enquanto ela falava, eu ouvia os sussurros que acreditei ser de Drakenian. Então

todas as vezes em que eu chegava perto e acreditei ouvir as vozes da pedra, eram, na verdade, as conversas das pessoas próximas ao meu corpo. Somente Dunkan e Aidan tinham acesso ao meu paradeiro, junto a Sórum, Crystal e Gôbu. Eles não poderiam remover a magia que me cercava, portanto, enquanto tentavam descobrir um meio, Crystal criava a realidade que eu acreditei viver. Ela criou o dia do meu casamento, meus filhos e meu reinado. Aidan não fazia ideia de como ela manipulava minha realidade e esconderam de todos onde eu estava, alegando que poderia causar pânico na população.

Crystal era tão poderosa que conseguia rastrear qualquer magia, mas não conseguiu desfazer aquela que cercava meu corpo. Preocupado, Aidan pediu que os três entrassem na minha realidade e me ajudassem, porque mesmo sabendo que eu não estava sozinha em minha mente, ele não se sentia bem em ver que não havia ninguém real comigo. E foi aí que, um por um, entraram e compartilharam da minha falsa e cruel realidade.

Então meu pai me trouxe de volta. Ele e Aidan estavam preocupados em como eu iria reagir. Talvez acreditassem que eu pudesse suportar a verdade e destruir tudo, mas só o que consegui fazer foi baixar minha cabeça e deixar escapar umas lágrimas.

— Quero ir embora — pedi com a voz rouca pelo choro e Aidan consentiu, criando um portal direto para o acampamento.

Já sabendo que eu sabia a verdade, muitos se aproximaram compreensivos e se mostrando aptos a me apoiar. Eu agradecia internamente, pois por fora eu não era capaz de esboçar uma reação sequer. Aidan sabia o quanto eu precisava ficar sozinha em momentos difíceis, mas aquele era demasiadamente perturbador e, portanto, não quis deixar o meu lado. Sórum e Crystal se aproximaram, pois Crystal queria me explicar o porquê fizera aquilo.

Sentamo-nos em um local afastado e ninguém disse uma palavra sequer, aguardando que eu quebrasse o silêncio. Então eu finalmente o fiz.

— Você e Lana? — perguntei com desgosto.

Ele suspirou incomodado e constrangido com minha pergunta.

— Você sumiu por três anos, Kyara. Eu pensei que estivesse morta... — Ele mal me olhava nos olhos.

— E quanto a você? — Encarei Crystal com raiva. — Nem preciso dizer que aguardo sua resposta e espero que me convença a não lhe matar — falei entre os dentes com minhas mãos incandescendo.

— Eu errei — ela falou calma e nem sequer parecia temer que eu a machucasse. — Quando a encontrei, seu corpo estava imóvel, mas a sua mente se retorcia em agonia pelo pesadelo que Christine a fez acreditar viver por esses anos. Pude ver

parte do que sofria e nem de longe se compara ao mundo dos mortos que eu criei.

— Ela suspirou. — Consegui apagar tudo da sua mente e lhe dar outra realidade.

— Tirou-me de um tormento e me levou a outro. Muito nobre de sua parte — falei em sarcasmo.

— Quando limpei sua mente, pude perceber melhor suas feições. Seu semblante muito me lembrou de uma pessoa que me feriu no passado. Louise não era minha filha e sim minha companheira, que me traiu com outro homem e fugiu. Você se parece muito com ela, Kyara, e eu te odiei por isso. Quando Aidan pediu que lhe criasse outra realidade apagando aquele tormento, projetei em você toda fúria e toda minha sede de vingança. Por isso criei seus filhos e tirei um de você. — Suspirou.

Aidan e Sórum a olharam em desaprovação pelo o que ela fez.

— Quando entrei em sua mente, a pedido de Aidan, queria lhe fazer sofrer, então te dei a vitória sobre sua inimiga, um reinado, casamento e filhos para depois lhe tirar tudo! Mas foi ao interagir diretamente com você que eu percebi sua lealdade. Eu me arrependi profundamente, mas não podia voltar atrás, até que Aidan nos chamasse.

— Finalmente consegui encontrar uma forma de quebrar a magia de Drakenian — ele disse. — E só então pudermos lhe trazer de volta. Foram seis longos anos de pesquisas... — ele suspirou.

Seis anos! Acreditei ter vivido oito anos da minha vida enquanto desacordada. Aquilo era muito difícil de aceitar.

— Por que não pediu ajuda ao meu pai ou avô? São deuses!

— Você estava sob um feitiço da pedra dos dragões e eles são superiores aos deuses. Nem seu pai ou avô seriam capazes de quebrar o feitiço.

— Você disse que derrotei minha inimiga, mas Christine fugiu ferida na realidade que você criou. — Eu a olhei desconfiada.

— Eu não queria que ela morresse. Queria que você vivesse angustiada tomada pela sede da vingança que jamais viria.

Aidan e Sórum pareciam preocupados e desconfiei de algo.

— O que está realmente acontecendo? — Cerrei meus olhos quando fui surpreendida pela presença de Brisêys.

Ela me trouxe o primeiro sorriso, o primeiro suspiro aliviado, porque vê-la bem foi meu único consolo diante daquela realidade perturbadora.

Levantei-me e estendi a mão para receber seu pouso, quando ela simplesmente passou por mim e pousou no ombro de Lana, que vinha logo atrás.

Bufei e bufei feio. Eu jamais viria a ser amiga dela, não importava o bem que ela poderia vir a fazer. Eu a odiava, e vê-la com Brisêys elevou minha ira ao ápice.

Percebendo minhas feições, ela se assustou e olhou para Aidan em apoio. Ele então se levantou e pôs-se ao seu lado para acalmá-la.

Todos olhavam para baixo, constrangidos com a situação. Lana me olhou abatida.

— Acredita que um dia será capaz de me perdoar? — ela perguntou cabisbaixa.

— Ela não terá outra escolha! — disse Genevieve se aproximando. — Você mal chegou e quer atacar alguém que pertence ao seu povo?

— Lana jamais pertencerá a Shadowfalls! — protestei.

— Tarde demais, Lana está conosco há seis anos e nada fez para que desconfiássemos dela — Genevieve falou me desafiando a contestá-la.

— Ainda sou a rainha de vocês, não? — perguntei amargamente. — Eu quem decido quem faz parte de nós e, acredite, ela — aponte bruscamente — jamais fará! Lana é falsa e não permitirei que ela fique.

— Kyara... — Aidan se pronunciou tentando me acalmar. — Com a sua ausência e devido ao nosso relacionamento... — ele afagou seus cabelos quando Lana deitou a cabeça em seu ombro e aquilo me encheu de repulsa. — Ela agora é a nossa rainha.

Meu corpo tremia pelo ódio corroendo cada célula minha. Minhas mãos brilharam e só então o pânico se fez presente nos olhos daquela que parecia ter esquecido quem eu era.

— Kyara, não faça isso! — Aidan quase suplicou. — Essa não é a solução!

— Ela só quer o trono! Não percebe?

— Que trono? — Genevieve interveio impaciente. — Olhe ao redor e veja se temos alguma riqueza!

— Ela quer poder! Não percebem que está usando Aidan para isso?

Nessa hora, Lana se mostrou completamente ofendida e tomou a palavra.

— Eu nem fazia ideia de quem ele era quando me apaixonei! — Ela o olhou tomada por um sentimento nunca visto nela antes. — Você estava desacordado e repleto de feridas — Aidan encostou o nariz no dela, exatamente como costumava fazer comigo.

Eu estava enojada a ponto de querer matar os dois!

— Você acha que a matando vai voltar a ser rainha? — Genevieve se colocou em minha frente para que eu cessasse o brilho das minhas mãos.

— Não me importa! Não a quero aqui!

Genevieve me empurrou com dois tapas no peito e eu me assustei com sua atitude.

— Se quiser matar minha rainha, terá de passar por cima de mim e de toda Shadowfalls para isso!

— Genevieve, eu...

— Qual o seu problema afinal? — ela dizia encarando-me, rente ao meu rosto. Havia uma odiosidade em seu olhar que eu nunca vira antes.

— Não vou te machucar, Gen!

— E nem a nossa rainha! — ela me disse em ameaça.

Então, percebendo que estava segura, Lana resolveu se pronunciar.

— Kyara, entenda, não quero poder algum. Sequer dou ordens aqui! Só quero paz.

— Mentirosa! — gritei.

— Você não aprende, não é mesmo? — disse Genevieve amargamente. — Por isso nunca foi e jamais será uma boa rainha.

— Não vou permitir que fale assim comigo depois de tudo que fiz por Shadowfalls!

Nós duas começamos a discutir. Eu não queria machucá-la, apesar de tudo, pois minha ira estava voltada para Lana. Após muitas discussões e os nervos elevados, Lana parecia lamentar o que via e ao percebê-la buscando auxílio nos braços de Aidan novamente, quando Genevieve desembainhou sua adaga para me atacar, minhas mãos incandesceram. Empurrei Genevieve para o lado e tomei-lhe a adaga para mim, atirando-a contra Lana.

Quando a adaga incandescente fincou em seu coração, ela curvou o corpo para frente, com as mãos próximas à ferida. Ela tentou gritar enquanto o sangue saía pela sua boca. Sangue este que aos poucos virou uma fumaça negra que me engoliu em uma escuridão.

Levantei-me em um salto com a mão para frente, como quem acaba de lançar a adaga, e me vi de volta ao mundo dos mortos. Crystal, Sórum e Gôbu estavam no chão. Aos poucos, eles tentavam se levantar com dificuldade. Mais uma vez eu me senti perdida.

— Acho que ela acordou... — falou Crystal com a mão na testa e uma voz arrastada pela dor.

— O que aconteceu, Kyara? — Sórum parecia confusa, mas não mais do que eu, pois ainda tentava assimilar tudo.

Eu estava de volta a Shadowfalls segundos antes e agora de volta ao labirinto.

— Sei que deve estar confusa, mas você foi tocada pelo Sombrio, uma silhueta de fumaça em forma de um cavaleiro fantasma. Ele te faz entrar em um pesadelo e a única forma de sair é derrotando aquele que assume a forma de seu inimigo. Muitos não conseguiram voltar até hoje, mas tínhamos esperanças de que você conseguiria — Crystal explicou.

— E como conseguiu... — Sórum falou ao se levantar com dificuldade.

— Fílmor deve tê-lo mandado — Crystal falava para si mesmo.

— Não queria machucá-los — falei constrangida.

— Está tudo bem. Tivemos sorte que você não emanou seus poderes realmente. Foi só uma explosão de energia.

— Ele tentou pegar o Gôbu também — Sórum disse assustada.

— Sórum protegeu Gôbu — ele afirmou agradecido.
— Mas por que Fílmor o mandaria? — Sórum questionou confusa.
— Ele não a quer aqui, Kyara — Crystal respondeu.
— Mas ele não tentou me pegar — Sórum disse pensativa.
— Talvez você seja tão insignificante que nem mesmo sua presença faz diferença
— Crystal respondeu a olhando de canto de olho.
— Foi apenas um pesadelo. — Suspirei, pondo as mãos na cabeça, em um misto de alívio e agonia por ter voltado àquele lugar. — Às vezes, já nem sei o que é sonho ou o que é real... — Sou surpreendida por um beliscão doloroso. — Ai!!! — Passei a mão no local dolorido e Gôbu estava ao meu lado com as mãos para cima.
— Gôbu só queria ver se Kyara não estava sonhando.



Capítulo 19

Enfrentamos as mais diversas criaturas, cada uma mais bizarra que a outra, do tipo que não se imagina nem nos seus piores pesadelos. Por inúmeras vezes quase morremos, mas não por elas e, sim, pelo estado de loucura em que chegávamos. Nossas mais aterrorizantes lembranças se tornaram reais, porém três vezes pior. Sentíamos que um lado dos nossos rostos e corpos paralisavam do nada, trazendo uma sensação de agulhamento insuportavelmente dolorosa.

Nossos corações palpitavam como socos internos e a dor era tamanha que tentamos arrancá-los do nosso próprio peito. Aos poucos, nossos corpos pararam de responder ao comando de nossas mentes, e se não fosse por Crystal conhecer tão bem o labirinto e todos os efeitos que ele nos causava, ela teria falhado em nos trazer de volta à sanidade. Contudo, eu ainda precisava driblar a voz na minha cabeça, que me mandava insistentemente matá-los. Por inúmeras vezes, quase os matei covardemente pelas costas. Nem queria pensar no que teria acontecido se eu tivesse dado ouvidos a ela ou se Crystal tivesse falhado.

Eu seria a única a ouvir aquela voz? Ela seria mais um truque daquele local infernal para fazer com que eu ficasse presa ali? A única certeza que eu tinha era que se tivéssemos falhado, estaríamos perdidos em um mundo dentro de nossas cabeças, um mundo de dor eterna, capaz de destruir as mais fortes e sãs das criaturas. Ali habitavam os piores pesadelos, a impotência daquele que vê a morte se aproximar, o gosto forte de ferro daquele que se engasga com próprio sangue e angústia por ar... Era o pesadelo encarnado!

— Estou tão cansada... — disse Crystal em tom arrastado.

— Não a vi se esforçando para lutar contra aquelas criaturas. — Sórum falou amargamente.

— Se não fosse por mim, vocês teriam se perdido no labirinto e nas suas loucuras. E o cansaço mental pode ser tão ou mais exaustivo quanto. Então não reclame!!!

Sórum se calou e Crystal continuou.

— Se não tivesse ajudado a raptar uma criança inocente, nenhum deles precisaria passar por isso.

Ela abaixou o olhar. Gôbu pegou sua mão em apoio.

— Gôbu feliz por conhecer você...

Sórum sorriu para ele.

“Patéticos. Olhe só para eles! Tão inferiores...”



Estávamos em um imenso corredor luxuoso de chão branco e brilhante. Nas paredes, inúmeros castiçais de cristal brilhavam uma linda chama. Havia um portão de vidro transparente de extremidades douradas, esculpidas delicadamente.

Os olhos de Gôbu brilharam.

Crystal tentou bater no portão, mas ele se abriu antes mesmo que nos aproximássemos.

Era um enorme salão de dois andares. Nele, havia as mais belas mulheres que um dia imaginei ver. Elas tinham corpos esculturais, como se os deuses as tivessem moldado, porque eu nunca vira silhuetas tão belas como as delas. Vestiam armaduras femininas como corpetes e saias de couraças que variavam nas cores vermelho, roxo e preto. Elas nos olhavam de cima, sensualmente debruçadas nas varandas. As que estavam no primeiro andar se deitavam ou se sentavam em longos sofás vermelhos aveludados. Algumas se deitavam no colo das outras ou estavam em pé se abraçando pela cintura. Elas demonstravam um carinho que me parecia ir além de uma amizade e nenhuma nos oferecia perigo. Não pareciam ofendidas ou surpresas com nossa presença, muito pelo contrário, era como se nos aguardassem.

Talvez fosse um lugar seguro para meu filho estar. Ansiosa, eu olhava para os lados, procurando-o, na esperança de que uma das mulheres pudesse trazê-lo.

Então a líder apareceu. Uma mulher deslumbrantemente linda. Sua armadura era mais bruta que as de suas discípulas. Ela usava calça e peitoral metálico, de forma que a armadura abraçava cada curva de seu corpo. Ela tinha longos cabelos loiros, orelhas pontudas como as dos elfos e olhos cor de fogo.

— Gôbu apaixonado... — ele falou quase hipnotizado.

Crystal revirou os olhos.

— Kyara... — ela disse em um tom de voz inebriante.

Senti palpitações.

— Que surpresa agradável... — ela continuou.

— O que é esse lugar? Quem são vocês?

— Neste lado sombrio do reino dos mortos, somos as fiéis protetoras e guardiãs de Fílmor. — Ela e todas as outras se inclinaram levemente.

— Há outras guardiãs do outro lado?

— Vestidos claros e delicados. Sem contar as asas brancas — zombou e todas prenderam o riso.

— Elas têm asas? — Perguntou Gôbu impressionado. — Mas vocês não? — questionou curioso.

A líder então sorriu, virando o rosto em direção ao ombro direito. Ela tinha um charme que parecia nos hipnotizar. De forma muito sensual, espreguiçou-se, fazendo rotação com os ombros para trás e projetando seu tórax para frente, deixando sua armadura peitoral em evidência por uns segundos. Então, um enorme par de asas negras como as de um morcego surgiu majestosamente, abrindo em pequenas camadas. Ela gemeu baixinho em um leve prazer ao esticar as asas e, sensualmente, voltou seu olhar para nós.

Gôbu foi para frente hipnotizado.

— Não precisam ter medo de nós — assegurou.

Sua voz se mantinha sempre em um tom sereno, e pela primeira vez desde que eu chegara ao reino dos mortos, relaxei meus ombros. Foi como se ela tivesse mandado embora a criatura nas minhas costas e feito a voz se calar. Ou talvez a sua beleza tenha sido tamanha que até a voz não conseguia dizer uma só palavra. Estávamos estupefatas diante dela.

— Eu não as temo — disse de forma respeitosa. — Acredito que saiba porque vim até aqui.

Ela consentiu de forma polida.

— Kai está bem — disse com a voz doce.

— Onde ele está? — perguntei aliviada, controlando minha ansiedade e vontade de desabar em choro.

— Há regras aqui. — Ela me alertou. — Quem entra, não sai mais e não será diferente com ele por ser seu filho.

Tentei falar, mas ela me impediu.

— Por que não se junta a nós? — Ela vinha em minha direção. Engoli em seco enquanto ela me rodeava próxima ao meu corpo. — Não há perigos aqui. — Ela passou as mãos nas minhas costas como um carinho e senti um arrepio gélido correr pela minha espinha. — Precisamos de pessoas como você, Kyara... — Ela parou centímetros do meu rosto e pousou a mão no meu colo, próximo ao meu seio. — Seu toque é quente e há algo em suas palavras, ou talvez seja o tom de voz, capaz de quebrar qualquer barreira de sentimento ou astúcia das mais sábias criaturas. — Eu segurei firme em sua mão e respirei inflando meu seio, o que a fez sorrir.

— Meu nome é Sebile... — ela disse com a voz lânguida.

— Não, obrigada — respondi respeitosamente, retirei sua mão e a olhei fundo nos olhos.

Ela não pareceu impressionada e sorriu como se já esperasse esse tipo de resposta.

— Eu aceito! — Sórum ergueu o braço com timidez e Sebile a fitou com um sorriso convidativo.

Crystal cerrou os olhos para ela.

— O quê? — Sórum questionou o olhar que acabara de levar.

— Gôbu também quer ficar!! Quer ficar com Sebile...

— Lamento, pequena criatura... — ela disse com compaixão. — Seu lugar não é aqui.

— Nem o meu, nem o do meu filho — eu disse de forma serena. — E nada me fará desistir dele.

Sebile consentiu. Ela demonstrou respeito e admiração.

— Não posso forçá-la a ficar, mas deixarei que converse com Fílmor.

— É sério? — perguntou Crystal abruptamente. — Poderemos mesmo falar com ele?

Sebile não a respondeu e a linda parede branca e dourada atrás dela começou a rachar, se rompendo em uma enorme fenda. Pedacos da parede ainda caíam no chão, como se o local fosse alvo de demolição. O chão tremeu e Gôbu se assustou, segurando na minha perna.

Então olhamos adiante e atrás da fenda havia um local medonho, contrastando bruscamente com o lindo e luxuoso salão em que estávamos. Havia uma floresta ressecada e escura e a única luz saía do enorme rio de fogo borbulhante. Então, juntos, caminhamos para aquele local.

Sórum passou desconcertada por Sebile, que sorriu para ela como se a convidasse a ficar, mas ela resistiu.

Ao pisarmos naquela floresta, Gôbu fixou o olhar no nada e assim ficou. Ele parecia em choque e Sórum e eu tentamos trazê-lo de volta.

— O que está acontecendo com ele? — perguntei à Crystal.

— Não faço ideia — ela respondeu visivelmente chocada.

— Você deveria saber!!! — Sórum cerrou o olhar para ela.

Ele permaneceu imóvel, parecia hipnotizado.

— O que o afetou dessa forma? E por que o mesmo não ocorreu conosco? — Ela se enfureceu, acusando Crystal em falhar propositalmente.

— Eu não sei! Eu não sei!!! — Ela insistia visivelmente assustada e me pareceu genuína.

O rio de fogo começou a borbulhar e se agitar. Parecia que estava prestes a transbordar e nos engolir. Precisávamos buscar um local para subir, mas não havia nenhuma rocha sequer, apenas árvores de troncos velhos que se quebrariam facilmente com o peso dos nossos corpos.

— O que vamos fazer? — Crystal se desesperou. — Essas árvores não nos servem!

— Elas devem aguentar o Gôbu! — eu disse, indo em sua direção para buscá-lo e travei no exato momento em que percebi o rio de fogo se acalmar e a expressão nos olhos dele.

Gôbu agora nos olhava com uma expressão serena e sorriso sarcástico.

— Gôbu? — Sórum franziu a testa. — Você está bem?

Fumaças negras começaram a surgir sobre seus pés. Ele inclinou levemente o corpo para frente e foi engolido pela mesma, que cresceu em uma forma estranha e se movimentava como se algo dentro dela tomasse outra forma.

Então escutamos um uivo que ecoou alto por toda a floresta e a fumaça que cobria Gôbu começou a se dissipar. Sórum e eu ficamos completamente confusas ao ver um enorme lobo negro que a fumaça mostrou ao se desfazer.

— NÃÃÃÃÕOO!!!! — Crystal gritou em pânico, mas ele não lhe ofereceu perigo, pelo contrário, parece decepcionado.

— Onde está o Gôbu? O que fez com ele? — Sórum perguntou em desespero.

Eu continuava perplexa, demorei um pouco para assimilar o que acontecia, enquanto Crystal caía de joelhos, com as mãos no rosto em desespero.

— Quem é você? — perguntei em um leve tom de ameaça, já imaginando que eu teria de enfrentá-lo.

— O perigo aqui não sou eu, Kyara — Ele falou pacífico, depois virou-se para Crystal. — Por que não diz a elas quem eu sou?

— Crystal, do que ele está falando? — perguntei, abaixando e tocando seu ombro em apoio.

— Cadê o Gôbu? — Sórum insistiu quase em súplicas, enquanto olhava ao redor à sua procura.

— Mestre! Eu posso explicar! — Crystal tentou falar em um tom de urgência.

— Mestre? — Sórum indagou.

— Você nunca aprende, Roxane — ele lamentou com as orelhas baixas.

— Roxane? — eu a questioneei. Sórum a olhou enfurecida.

— Eu fiz o que você queria!!! Eu a trouxe até você! — Ela tentou se explicar.

Ele a olhou em silêncio. Senti o quanto estava decepcionado.

— Deixe-me ir para o outro lado do mundo dos mortos! — Crystal suplicou de joelhos.

Nessa hora, ele se ergueu e estufou o peito.

— O que mais você quer que eu faça? Até quando precisarei provar a você que eu não mereço este lugar? — implorou.

Ele continuou calado e seu silêncio a frustrou.

— Fiz tudo o que pude para mantê-los salvos e não mereço ir para o outro lado?
— ela gritou indignada.

Então ele cerrou o olhar e Roxane gritou de raiva.

— Não entendo!!! — Ela levou as mãos ao cabelo, puxando suas raízes, visivelmente frustrada. Quando ela sentiu que eu me levantei e me afastei desconfiada, com as mãos em súplica, tentou se explicar, mas não conseguiu dizer uma única palavra.

Sórum estava boquiaberta, com as mãos no rosto por desconfiar de quem ele realmente era. Eu me peguei pensando a mesma coisa, mas ainda era difícil acreditar.

— Acredito que já faça ideia de quem eu sou — ele disse educadamente.

— Fílmor! — falei e em seguida fiz uma leve reverência em respeito.



Capítulo 20

Crystal correu e me puxou para longe dele. Ela segurou meu rosto em desespero e pediu que a olhasse nos olhos.

— Ele está mentindo! Precisa acreditar em mim! Olha para mim, Kyara! Não estou mentindo, nunca menti para você! Ele é mais um truque!

À medida que ela falava e me afastava dele, eu indaguei se ela estava vendo o rio de lavas para o qual ela parecia me conduzir desesperadamente. Pisei firme no chão a fim de fazê-la parar e segurei seus punhos, afastando suas mãos do meu rosto.

— Roxane? — eu a questionei enfurecida e a desafiei a me contar a verdade.

— Não acredita em mim? — perguntou incrédula. — Foi ele quem mentiu para nós esse tempo todo e, mesmo depois de tudo o que fiz, ele insiste em me manter onde eu não pertenço! Por que as palavras dele devem ser ouvidas e as minhas não?

— Olhe para ela, Roxane. Suas mentiras não mais surtirão efeito — Fílmor disse. Roxane me pegou olhando-a enfurecida.

— Onde está o meu filho? — perguntei entre os dentes. — Para onde estava nos levando esse tempo todo?

Ela começou a chorar copiosamente como se quisesse o meu perdão. Fílmor se manteve imóvel.

— ME RESPONDA! — ordenei e ela primeiro me olhou aterrorizada, mas, no segundo seguinte, sua expressão mudou para raiva.

— Você não entende! — Ela disse em tom de acusação. — O pouco tempo que ficou aqui não foi suficiente para que saiba realmente o quanto esse lugar é um tormento! — Começou a chorar. — Você poderia ser mais agradecida, Kyara, afinal, em meio às minhas mentiras, a maior verdade é que você não teria conseguido chegar até aqui sem minha ajuda.

Eu ainda tinha raiva dela, mas talvez Roxane estivesse tão desesperada para sair dali que seria capaz de fazer qualquer coisa. Eu estaria sendo justa? Soltei delicadamente seus punhos e ela se afastou, depois se sentou, abraçando os joelhos

derrotada, como se finalmente tivesse entendido que jamais sairia daquele lugar, porque não havia de fato bondade em seu coração. Até Sórum se sentiu mal por ela.

Então, comecei a me sentir estranha. Algo se contorceu dentro de mim e eu perdi o controle sobre o lado direito do meu corpo. Meu punho começou a querer fechar para me socar e com a mão esquerda a segurei bruscamente, completamente confusa e assustada.

Sórum não sabia o que fazer, Roxane se arrastou para longe, escorando-se na parede, apavorada, e Fílmor permanecia tranquilo, como se nada fosse novidade.

Meu punho finalmente relaxou como se tivesse desistido e eu voltei a ter controle do meu corpo, até sentir algo estranho no meu rosto. Levei minhas mãos a ele e algo parecia querer sair de mim. Então, eu me peguei arrancando minha própria pele do rosto, pescoço e colo, que se esticou e se partiu, tomando uma outra forma.

Abri os olhos e me espantei ao ver que a criatura que eu arrancava de mim era, na verdade, eu mesma. Um outro eu, furioso e que me deu um soco, fazendo meu rosto virar bruscamente para o lado. Ela levou o joelho na altura do meu peito e me chutou como impulso para se desprender de mim por completo.

— Vai mesmo poupar a vida dessa mentirosa? O que há de errado com você? — ela perguntou com escárnio.

Eu ainda me via confusa por ver a mim mesma fora do meu corpo.

Olhei para Fílmor em auxílio, mas ele nada dizia. Roxane e Sórum estavam em choque.

— A guerra não é feita só de mortes para alguém como você. — Ela cerrou o olhar. — Para que matá-los se você poderia facilmente enfraquecê-los para que fossem levados embora?

— Fiz o que deveria ser feito! — retruquei me recuperando.

— E quem você acha que carrega a culpa? — ela perguntou enfurecida, depois apontou para si mesma.

— Carregaria a mesma culpa se eu os tivesse matado, como me influenciou? — perguntei amargamente.

Ela fitou o chão e quando voltou seu rosto para mim novamente, seu corpo e cabelo se transforaram, tomando a forma de Izobel. Ela me olhou abatida.

Ainda no chão, paralisei horrorizada.

— Depois de tudo o que fiz por você, por que não me desobedeceu e me curou? — Izobel balançou a cabeça, decepcionada, depois fitou o chão.

— Eu tive netos que nem sequer pude conhecer. Era o meu lugar que você queria? — Ela perguntou abatida. — E pensar que eu a tive como se fosse minha filha...

Eu me desmanchei em prantos. Ela se cobriu por nevoas que diminuía para o tamanho da palma da minha mão. Raios lilases explodiam entre as névoas que se

desfaziam. Brisêys pairou no ar em fúria.

— Você sabia que eu corria perigo subindo as cúpulas! Por que não me impediu?
— ela tinha raiva no olhar, uma raiva que jamais imaginaria vir de um ser tão puro.

Cobri o meu rosto e comecei a soluçar.

— Fui eu quem chamei as fadas, sabia? Eu te ajudei, mas você nem sequer pensou em mim! É uma egoísta! Alguém como você jamais mereceria a benção das fadas... — disse com escárnio.

Ainda cobrindo meu rosto, balancei a cabeça em negação. Aquilo estava realmente acontecendo?

— Kyara? — Uma voz conhecida chamou meu nome de forma doce.

Ergui meu rosto já inchado de tanto chorar. Alyra se abaixou à minha frente. Ela pegou em minhas mãos de forma amigável, como se quisesse me consolar. Eu a olhei agradecida e aliviada, e ela sorriu afetuosa, passando a mão pelo meu rosto. Então ela enrijeceu o olhar e puxou meus cabelos para trás, rangendo os dentes.

— Você acha que eu sou falsa? Acha que eu, depois de tudo o que fiz por você, mereceria seu silêncio em relação às duas traições que sofri? — Puxou-me para trás e se levantou com ódio.

— Eu quis te dar um vestido para as comemorações, lembra? Sempre te tratei bem — Ela me rodeou pisando firme — Conteí meu segredo a você e nem preciso mencionar as inúmeras vezes em que te dei um sorriso quando passou por mim. Quem mais em Arnhem fez isso pelos escravos? *Eu* me importava! *Eu* quis ajudá-los inúmeras vezes, mas não o fiz por medo dos sábios! Você sempre soube disso! — Apontou o dedo me acusando.

Tentei me levantar.

— Fui gentil com você antes de me apaixonar por Luke! Se conseguiu perdoar Megan por estar tão apaixonada por Tristan a ponto de esquecer o perigo que os escravos corriam, por que não fez o mesmo comigo? — gritou ofendida e coberta de fúria.

Eu me ergui e a olhei fundo nos olhos.

— Por que não me levou embora dali como fez com Dórken? Por que não me contou a verdade para que eu pudesse ter recomeçado?

Duas sombras tomam a forma de Luke e a filha da cozinheira. Eles estavam abraçados, com os rostos próximos.

— Cometi um erro ao pedir Alyra em casamento. É você quem eu quero...

Os dois se beijaram e Alyra caiu em prantos ao ver a cena.

— Devia ter me contado!!! — Ela apontou para os dois, que desapareceram em meio às névoas.

Voltei meu olhar para Alyra e vi Grand em minha frente.

— Por que aceitou ir embora? — questionou-me decepcionado. — A menina que criei como minha própria filha me deixou por uma vida melhor e tudo o que eu queria era ter visto o seu sorriso, enquanto eu dava meu último suspiro. Não poderia ter esperado alguns dias para partir? Arturo teria permitido! — Seu semblante mudou para ódio.

Eu chorava, completamente tomada pela culpa. Que criatura horrível foi essa que me tornei? Olhei para Fílmor como a pedir ajuda, e ele, mesmo lamentando internamente, se manteve em uma postura firme. Ele sentia minha dor, mas nada fez para me ajudar. Então, enquanto Grand me cuspiu xingamentos, percebi o que acontecia. Estava diante de mim mesma e das culpas que carregava. Umas eu conhecia e outras estavam no meu subconsciente. Eu queria me desculpar, mas algo em mim ordenava me conter. Mantive meu olhar firme nos dela até que ela se transformou novamente.

Norár tinha o corpo curvado. Estava fraco e fitava o chão em prantos. Meu coração se estilhaçou pela primeira vez ao vê-lo, como se finalmente eu tivesse entendido.

— Nem mesmo com todas as visões que os deuses lhe proporcionaram, você foi capaz de compreender o quanto foi necessário e doloroso fazer o que eu fiz. — Ele lamentou. — Eu me arrependi, mas você sequer me perdoou. Tampouco me deixa ver meus bisnetos... — Chorou copiosamente com as mãos no rosto.

Fui até ele e abaixei-me, tocando suas costas, mas quando ele me olhou, foi o meu rosto que eu vi. Cerrei meus punhos e juntas nos levantamos, enquanto encarávamos uma a outra em desafio.

— Foi um teste, sua estúpida! Estou lhe testando desde o momento em que entrou e você foi incapaz de perceber. — Balançou a cabeça em desaprovação.

— Como pode ser parte de mim? — perguntei com escárnio.

— Então acha que sou ruim? — questionou zombando, depois se enfureceu. — Você é muito pior! — Suas mãos brilharam e ela alcançou uma adaga, iluminando-a.

Ela tentou fincar em mim, mas rapidamente eu me esquivei para o lado. Ela riu me desafiando.

Iluminei outra adaga e atirei, mas ela deu um mortal para trás, se desvencilhando do golpe e zombou da minha falha. Minhas mãos brilharam e meus pulsos latejaram de forma estranha. Senti como se algo quisesse tomar o meu corpo. O estranho acontecimento me distraiu por um segundo e ela se aproveitou para saltar sobre mim, mas eu desviei e lhe acertei um soco. O golpe não a machucou, pois ela mal virou o rosto com o impacto. Quando voltou seu olhar raivoso para mim, me desferiu um outro soco que me fez voar longe e bater com as costas e cabeça em uma parede rochosa, que rachou com meu impacto.

Fui ao chão, fraca e completamente aterrorizada com a sua força. Ela se aproximou vitoriosa e me arrastou pelos cabelos sem muito esforço. Estava enfraquecida, mas jamais pensei em desistir. Tentei segurar seu braço, mas isso não a impediu de continuar me arrastando para o rio de lavas. Quando chegamos à margem, meu coração disparou em pânico. Não podia morrer ali! Fui erguida pelos cabelos e ela cuspiu na minha cara.

— Só pode haver uma de nós! Você é muito fraca para existir e eu não aguento mais sofrer as consequências de seus atos!

Ela me lançou para o meio do rio e afundei desesperada, esperando a morte me tocar de vez, visto que quem morria no reino dos mortos, se perdia para sempre. Pensei em quantas almas eu já havia enfrentado. Havia sido tudo em vão? O fogo por um segundo queimou cada poro do meu corpo, mas, surpreendentemente, uma sensação revigorante me tomou por completo. Era como se uma criatura dentro de mim desse um grito de liberdade. Eu já não me sentia queimando novamente, também não estava mais amedrontada, e então percebi, estranhamente, que nunca me sentira tão viva! Eu conseguia respirar submersa em um rio de chamas e tentei buscar a superfície em um ímpeto desesperado de subir e acabar de vez com aquela que queria tomar o meu lugar!

Então eu a vi! Medrene se aproximou e me tocou. Tentei lutar, mas ela me surpreendeu em um gesto amigável, ao me pegar pelo braço para me ajudar a subir.

Roxane se levantou em um salto e Sórum levou as mãos à boca. Ambas estavam em choque por me ver sair ilesa, mas Fílmor novamente não pareceu surpreso.

Pressionei minhas mãos no solo para subir. Ao mesmo tempo, Medrene me empurrou para cima e eu notei que, em meu antebraço, veias estranhas apareceram em ondulações quando fiz esforço, mas desapareceram quando me coloquei de pé.

Corremos em direção uma da outra e rolamos no chão entre socos. Ela montou em meus quadris, tentando me enforcar. Sórum iluminou suas mãos, mas Fílmor pediu para que ela não interferisse.

Ela tentou socar meu rosto, eu desviei e ela socou bruscamente o chão, formando um buraco. Agarrei seus punhos e os torci para trás lhe causando desconforto. Ela enrijeceu as costas de dor e gritou. Acertei-lhe uma cabeçada no nariz e a joguei para o lado. Ela então levou as mãos em concha para conter o sangramento.

Eu a encarei repleta de fúria e ela por um instante se espantou por eu não ter morrido. Minhas energias emanaram por todo meu corpo e atirei flechas contra ela, que desviou de todas com maestria. Quando ela já estava mais próxima, atirei uma das minhas flechas iluminadas no chão, que se abriu em uma cratera. Ela rapidamente rolou para o lado e se levantou em um salto.

— Não sabe mesmo com quem está lutando? — Ela cuspiu o sangue no chão.

Iluminei minhas mãos, rangendo os dentes e ela me aguardou erguendo as mãos iluminadas. Corremos de encontro uma a outra e nossos corpos travaram quando nos chocamos, então ela me empurrou em direção a uma parede rochosa, me fazendo bater com a cabeça novamente. Eu mais uma vez fui ao chão de joelhos para o lado e ela aproveitou para iluminar uma flecha e acertar o topo da parede, que se partiu fazendo cair enormes destroços sobre mim.

Após um esforço, consegui desintegrar os maiores destroços. Levantei e joguei algumas pedras para o lado, me ergui consumida pelo ódio, enquanto minhas feridas se curaram com facilidade.

Ela me aplaudiu lentamente em deboche e com a cara azeda.

Comecei a atirar-lhes flechas e ela se esquivava sem dificuldade, até eu enganá-la atirando uma flecha para a esquerda e uma adaga em seguida para a direita que acabou acertando seu ventre. Ela caiu de joelhos e os poderes emanados pela minha adaga pareciam lutar contra os dela ao tentar se curar. Emanei energias para uma outra flecha que acertou o chão, próximo a seus pés, formando um buraco que a arrastou para dentro.

Rapidamente, escalei uma parede rochosa, onde perfurações me permitiam apoiar meus pés para subir. No topo, eu a vi saindo do buraco e, então, lhe acertei mais três flechas. Ela envergou a coluna para trás, gritando de dor, e quando a encarei soube que estava enfraquecida, eu enfim recuperei o tridente com minha respiração ofegante.

Então, com um grito de raiva, saltei em sua direção e finquei minha arma com força em seu peito.

— Você é mesmo uma estúpida, sabia? — Ela desdenhou.

Soltei um grito de ódio e afundei ainda mais o tridente, o girando para causar-lhe mais dor e ela, enfim, tombou a cabeça para o lado com os olhos revirados.

Pisei em seu quadril para arrancar o tridente. Ela enfim estava morta, mas eu não estava contente com o que acabara de fazer.

Fílmor se colocou próximo a mim, ao lado de Roxane e Sórum. Ele permaneceu calmo, enquanto as duas continuaram em choque. Escalei a cratera e saí com dificuldade. Ajoelhei-me ofegante buscando conforto no chão. Tentei pegar ar, meu coração estava disparado enquanto eu tentei ao máximo retomar meu fôlego.

De repente, em meio àqueles segundos de silêncio, eu a vi surgir da cratera com facilidade. Ela se levantou e o seu corpo começou a se curar.

— Você não pode me derrotar, Kyara! Desista!

— E o que a faz pensar ser mais forte do que eu? — indaguei.

Ela me atirou uma flecha iluminada e meus poderes lutaram com o dela. Eu desabei, tomada por uma dor insuportável, até que ela correu e montou em cima de mim.

— Quando eu retornar a Shadowfalls em seu lugar, nunca mais precisarei sofrer com os erros que você cometeu. Tampouco meu povo! — disse ciente de sua vitória.



Capítulo 21

Ela batia minha cabeça contra o chão insistentemente. Então, as ondulações voltaram e as veias pulsaram como se quisessem sair do meu corpo, me trazendo uma força repentina.

Eu a peguei pelo pescoço e ela me soltou, abrindo a boca em busca de ar.

— Você pode ser parte de mim, mas jamais será eu, portando, nunca permitirei que me controle!

Então eu a ergui do chão e a joguei novamente com força para enfraquecê-la ao máximo, e no solo onde ela caiu formou-se um vão. Ela percebeu e, por um momento, se assustou e tentou sair, contudo, eu a interrompi com o pé sobre seu peito.

— Jamais tomarão meu lugar, meu povo e família! Sou *eu* quem controla você! Nem que tenhamos de duelar pela eternidade!

Ao perceber que eu enfim entendia realmente o que era preciso para derrotá-la, ela arregalou os olhos desesperada, depois fincou uma adaga no meu joelho que me fez cair de dor. Ela se ergueu rapidamente, ficando em pé na minha frente.

Eu retirei a adaga com ódio e aguardei me curar para ficar frente a frente com ela novamente, entretanto, me espantei quando a vi com serenidade em seu olhar. Com um sorriso, ela me estendeu a mão para me ajudar a levantar. Dei um tapa para desviar sua mão do meu caminho e me levantei sozinha.

— Finalmente você entendeu, Kyara — disse com um sorriso e, para meu espanto, pareceu aliviada.

— Você é louca? — perguntei enraivecida.

— Para sua sorte, esse lado seu não existe — ela brincou.

— Do que está falando?

— Não percebeu a deixei mais forte?

Eu a olhei confusa.

Fílmor então se aproximou pela primeira vez, tomando a palavra.

— Ela é toda culpa que você carrega pelas decisões que precisou tomar ou até por destinos já traçados os quais você não teve domínio.

— Por que tentou manipular minha mente para matá-los?

— Apenas um teste. Se soubesse o que o destino lhe reserva, saberia que será responsável por muitas mortes. E se não souber conviver com a culpa, você poderá sucumbir e falhar.

— Não sei do que você fala, mas entendo que não posso me culpar por erros dos outros e que há consequências em cada escolha que tomamos.

— Nunca estaremos totalmente satisfeitos, Kyara. Fico feliz que finalmente entenda isso.

Respirei fundo e ela estendeu a mão para que eu a tocassem. Ela começou a ser sugada para dentro de mim novamente, então me lembrei de suas palavras ao dizer que me deixava mais forte, e uma vez que com ela de volta a mim, realmente me senti mais forte do que nunca.

Fílmor se aproximou pela segunda vez e paramos frente a frente. Ele parecia orgulhoso.

— Você é muito sábia, Kyara. Não preciso ser um Deus para perceber isso.

— Eu curvei meu corpo em respeito e agradecimento. Ele se virou para Roxane e pareceu cansado de tanto se decepcionar com ela.

— Nenhuma alma conheceu tão bem o labirinto como você — disse admirado.
— É frustrante ver uma alma tão inteligente, que conseguiu driblar todas as barreiras emocionais e psicológicas do labirinto, não conseguir perceber algo tão óbvio. Não são as ações que determinam quem fica ou não no labirinto, mas, sim, suas emoções! Se sentisse verdadeiramente todas aquelas lágrimas que você fingiu... — Ele agora pareceu lamentar. — Mas isso não habita em você, então não há nada que poderei fazer para tirá-la daqui. — Ele suspirou e Roxane, abaixou a cabeça. — Tentei, pela última vez, lhe dar uma chance, mas assim como todas as vezes, você falhou.

— Por todos esses anos, eu a protegi de forma que você não sucumbisse totalmente ao labirinto e, por isso, manteve sua aparência, mas eu cansei, Roxane.

— Não, não, por favor!! — ela implorou, já sabendo sua sentença. — Não irei mais mentir, eu quero me juntar a você! Quero fazer parte do seu exército!

Ele lamentava. Suas palavras, como sempre, não eram verdadeiras. Ela estava aterrorizada e só prometia lealdade por medo. Ele sabia que ela o trairia futuramente.

Fílmor abaixou as orelhas novamente, então sombras diabólicas surgiram por detrás das árvores, desviando de mim e de Sórum.

Roxane tentou correr, mas foi pega pelo tornozelo por uma das sombras.

— Larguem-na! — Fílmor pediu abatido.

As almas ficaram confusas, mas obedeceram seu mestre, sumindo em seguida. Roxane mais do que nunca estava em choque.

— Não vai castigá-la? — perguntei amargamente.

— Eu, o Deus do mundo dos mortos, devo ser o mais tolo de todos, por insistir em acreditar em algo que jamais vai acontecer. Para alguém como ela, vagar pelo labirinto é o pior dos castigos, ainda mais agora, que ela é como eles. Vá! — ele ordenou a ela. — Quem sabe um dia você não ajude alguém de verdade?

Roxane saiu enraivecida e sumiu por um dos portais.

— Sabe que ela jamais ajudará alguém, não é mesmo?

— Sei disso, mas gosto dela apesar de tudo. Foi a alma mais inteligente que conheci e, portanto, ela tem meu respeito. Deixarei que vague por aí.

— E quanto às almas que ela disse ter ajudado?

— Foi apenas mais uma de suas mentiras. — Respirou fundo. — As almas boas não pertencem a esse lado e jamais permitiria que ficassem. — Ele encarou Sórum. — Você cometeu um erro, mas eu sinto seu arrependimento, assim como sua compaixão comigo, sem fazer ideia de quem eu era. Sendo assim, eu a perdoo.

Sórum levou a mão ao peito em alívio e agradeceu humildemente.

— Você pertence ao outro lado — ele disse sereno e eu a abracei, feliz em saber que ela ficaria bem.

Fílmor então faz um gesto com a cabeça. Ele inspirou fundo e abaixou o pescoço, como se consentisse ou permitisse algo que estava por vir. Então, por trás dele, ao longe, uma criança surgiu com um lindo e longo vestido de rendas azuis e douradas.

Fílmor permaneceu imóvel, mas vi em seus olhos que ele sorria por entro.

Sórum então abriu a boca, espantada. Ela por um momento questionou quem seria aquela criança, mas após fitá-la com atenção, pareceu reconhecê-la e estava feliz em vê-la. Sórum ainda se questionou, mas quando a criança sorriu, ela prendeu o fôlego, estupefata.

As duas correram uma para outra e Sórum a abraçou. Emocionada, eu observei as duas e virei-me para Fílmor no aguardo de uma resposta.

— Sabe que, no outro lado, você tem direito de ter a vida que sempre sonhou?

— Meu avô me disse — eu falei carinhosamente e Fílmor abaixou a cabeça e as orelhas.

Foi então que me lembrei de quem ele era realmente, além do Deus do mundo dos mortos. Ele pareceu sentir saudades, contudo, ainda não estava pronto para falar ou fazer algo a respeito.

— Quem é a criança? — perguntei na intenção de quebrar o clima desconfortável, o qual sem querer remeti.

— Ela não te contou que perdeu um filho quando viva?

Eu prendi meu fôlego, emocionada, e sorri para as duas.

— Eu salvei aquela alma — disse pacífico e orgulhoso do que fez.



Capítulo 22

Sórum então nos olhou emocionada, ela mal tinha forças para dizer uma só palavra, mas sabíamos o quanto estava agradecida. Fílmor olhou para o lado, onde um portal de luz se abriu e Sórum foi carinhosamente conduzida pela filha até ele.

Então, a amiga que eu nunca imaginei fazer, se virou para mim em um largo sorriso e balbuciou:

— Obrigada, Kyara, por acreditar em mim.

Deixei cair algumas lágrimas e fiz um gesto positivo com a cabeça, quando elas entraram o portal enfim se fechou.

— Como foi que Sórum perdeu o bebê?

— Dias depois de nascer. — Ele suspirou. — Eu salvo todas essas almas inocentes e as permito crescerem normalmente do outro lado. Elas não tiveram uma chance em seu mundo, então resolvi fazer as minhas regras. Se o destino lá fora lhes é curto e se forem almas boas, elas têm uma chance aqui. Caso contrário, o labirinto se encarrega.

— Mas Roxane disse que não há crianças no labirinto.

— E não há. Essa foi a única verdade que ela contou, inclusive sobre como as almas delas são realmente.

— Então Kai não está aqui — eu disse aliviada.

— Não. Eu o busquei no exato momento em que eu o senti e o levei para o outro lado.

— Fílmor... — eu o interrompi de forma a quase suplicar, mas nem precisei fazer a pergunta.

— Mamãe!!! — Aquela voz doce e inocente que eu tanto amo, chamou por mim, e quando eu me virei, Kai correu em minha direção.

Apoiei meus joelhos no chão em prantos e ele se jogou em meus braços. Tombamos de lado no chão e eu cobri seu rosto de beijos fortes enquanto ele ria

como se fizesse cócegas. Eu então o afastei carinhosamente de mim e inspecionei cada parte de seu corpo, para me certificar de que não havia um arranhão sequer.

Aquela floresta escura em seguida se transformou em verde. O rio de lavas, agora estava cristalino, mas Medrene manteve a aparência de cabelos e olhos vermelhos. Ela olhou para mim e Kai com carinho. Pouco depois, eu me aproximei amigavelmente.

— Acho que isso lhe pertence. — Entreguei-lhe o tridente. — Por que tentou me matar? — questionei com pesar.

— Você é minha irmã. Eu jamais tentaria tal coisa — falou em juramento.

— Você tentou me acertar com o tridente. — Lembrei pacificamente.

— Não o joguei para lhe acertar. Joguei-o para você usar! Fingi errar propositalmente, pois sem ele, muitas das criaturas que você enfrentou não teriam morrido facilmente apenas pelos seus poderes.

— Por que não disse nada quando nos conhecemos? — perguntei de forma gentil.

— Conhecendo Roxane, percebi que ela já havia lhe conquistado com suas mentiras. Calei-me por medo de que ela te contasse a verdade sobre mim.

Eu franzi minha testa.

— Eu já te odiei no passado. — Lamentou. — Mas as almas que chegam aqui comentam e, assim, eu soube da verdade. — Ela suspirou. — Maleena, como vocês a chamam, foi amaldiçoada por não aceitar o seu destino em Ardhem e eu recebi a mesma maldição por defender minha irmã. — Seus olhos se encheram de lágrimas e eu me espantei.

Eu sabia que reconhecia seu rosto de algum lugar!

— Culpei você por tudo, pelo sofrimento que eu e minha irmã enfrentamos e principalmente quando vim parar aqui. Maleena não se incomodou com a maldição, mas eu era vaidosa demais para aceitar. Acabei pondo um fim em minha vida para cessar a dor, mas ela só aumentou.

Eu prendi o fôlego, abismada.

— Quando as almas da última guerra de Shadowfalls chegaram aqui no labirinto, eles comentaram que falharam por sua causa. Então eu soube o que fez para defender e vingar as mortes das sereias.

— Ela finalmente se convenceu de que um bebê não tem culpa do destino que lhe é dado e, só então, ela não encontrou mais motivos para te odiar — completou Fílmor.

— Acredite, sofro até hoje com o ódio que me consumiu e me fez tirar minha própria vida. Mesmo que eu não sinta dores físicas, a dor da saudade é angustiante. Meu pior castigo é uma eternidade sem ver minhas irmãs.

Fílmor então fitou o chão de forma a lamentar algo profundamente.

— Eu compreendo a sua ira. Já fui como você e quase errei quando pensei te castigar com as dores do rio no qual você nadava. Às vezes, meu próprio mundo me consome e acabo por tomar decisões erradas. Ainda bem que voltei atrás. Você já sofria demais, não precisava de mais uma dor — ele lamentou, mas depois continuou: — Meu irmão e eu éramos os deuses da floresta. Reinávamos juntos, mas tínhamos opiniões diferentes. Nós sabíamos por que tais pessoas eram predestinadas a determinados destinos, mas quando pessoas ruins tinham destinos bons, eu não concordava. Depois de tanto brigar, acabei criando o meu mundo, o mundo dos mortos, onde eu me encarregaria de punir os culpados e recompensar os inocentes.

— E para onde os mortos iam antes?

— As almas eram dizimadas no exato momento em que morriam, mas acabei por fazer minhas próprias regras. Os deuses concordaram, pois eles mandariam nos destinos das pessoas enquanto vivas, mas depois que morressem, eles se isentariam de qualquer responsabilidade. E seria ali que eu entraria. Meu mundo, minhas regras, sem intervenções. Eu respeitaria as decisões deles e eles me deixariam livre para me encarregar das almas.

Kai me abraçou forte e então me lembrei do que Fílmor me contou quando estava na forma de Gôbu.

— Falou a verdade quando disse sentir falta da sua família? — perguntei afetuosa.

Ele fitou o horizonte por um tempo, depois confirmou em um gesto de cabeça.

Kai se pôs à frente dele e Fílmor baixou a cabeça em sua direção. Os dois encostaram suas testas uma na outra e meu filho segurou em suas bochechas como se lhe desse força a fazer o que Fílmor relutava.

— Meu irmão nunca bloqueou seu mundo para mim, mas eu fui egoísta e bloqueei o meu para ele. — Suspirou arrependido.

— Nunca é tarde para reparar um erro — aconselhei serenamente.

Então, uma mulher apareceu procurando algo pelos cantos, como se tivesse uma urgência em encontrar algo ou alguém. Ela vestia uma armadura em farrapos e usava um elmo que cobria parte de seu rosto. Eu a conhecia de algum lugar. Ela então nos notou e paralisou de longe.

— Antes de sucumbir por completo na escuridão, te ouvi dizer várias vezes que reconheceria sua filha, Alda. — Ele brincou.

Ela então tirou o elmo e seus cabelos, que pareciam presos, caíram na altura dos ombros. Nos olhamos boquiabertas por um segundo.

— Kyara? — perguntou incrédula. Eu estava tão confusa que não consegui dizer uma palavra sequer.

Alda então correu até a mim e seu abraço me tirou do transe. A emoção era tamanha que perdíamos as forças, então caímos ajoelhadas e depois tombamos para o lado. Ambas estávamos aos prantos enquanto ela me segurava em seu colo como se eu fosse uma criança e não soube dizer exatamente quanto tempo ficamos assim, só sei que nunca pareceria tempo suficiente. Então, finalmente, tive forças para falar:

— Mãe? Mãe!

Ela me apertou mais em seu colo e Fílmor então se pronunciou.

— Alda foi uma das raríssimas almas que já chegou derrotada, sem vontade de lutar contra as sombras, pois ela jamais se conformaria em não poder criá-la. Aos poucos, a escuridão a engoliu e ela se perdeu em seus pesadelos, mas quando as almas comentaram que você estava aqui, ouvir seu nome lhe trouxe de volta à lucidez e ela fez de tudo para te encontrar. Os deuses também têm sentimentos e ver o amor que ela carrega por você, me tocou profundamente.

— Então ela poderá ir para o outro lado? — perguntei esperançosa, mas o olhar da minha mãe não dizia isso. Ela sabia de sua sentença.

— Alda também cometeu atos hediondos enquanto viva, portanto, não posso ajudá-la.

— Mas Sórum também. E ela teve uma chance — contestei de forma polida.

— Ela tinha um bom coração, Kyara. Eu não. Minha única bondade foi amar você e seu pai.

— Tive as visões de você em Ardhem! Você não era como eles.

— Sim eu era. — Ela lamentou. — O fato de eu não gostar deles, não me fez diferente. Matei muitos inocentes sem remorso algum. Hoje eu me arrependo e teria feito tudo diferente, mas não é o suficiente para ser perdoada por tudo o que eu fiz.

— Mas posso perdoá-la, fazendo-a parte do meu exército — ele disse, nos pegando de surpresa.

Alda arregalou os olhos.

— Seria uma honra!

— E para onde seu exército vai? — perguntei, curiosa com o paradeiro de minha mãe. — Roxane comentou sobre um local seguro, era o lugar para onde ela dizia estar nos levando.

— Não existe um local seguro. Seu plano era enganá-las e guiá-las pela eternidade porque ela acreditava que ajudando vocês a fugir dos perigos do labirinto, eu a tiraria daqui. Mas, como disse, ela fez por ela e não com real intenção de te ajudar.

— Então, se não há um local seguro, para onde minha mãe vai?

— Há um limbo criado por mim e neste local eles ficam em segurança, longe dos tormentos desse lugar. Não tem beleza, mas há paz e eles gostam pelo fato de não

pertencer ao labirinto. São livres para passearem por aqui se quiserem, mas sabem se teletransportar de volta ao limbo quando bem entenderem.

— Eu ficarei bem, filha — disse olhando nos meus olhos.

Seus olhos transbordam agradecimento pelo momento em que estávamos tendo e por finalmente poder deixar aquele lugar.

— Poder finalmente conhecê-la já me basta para poder aceitar minha morte, pois sei que você está bem. — Ela olhou para Kai com tristeza. — Só lamento por outros que deixei de conhecer.

Kai se juntou a ela em um abraço apertado e Alda derramou lágrimas em silêncio. Fílmor estava satisfeito com o que via e ela o olhou extremamente agradecida, quando então, seu olhar fixou-se em alguém atrás de mim. Devagar, ela largou Kai e se levantou completamente chocada com o que via.

Eu a olhei em questionamento e antes que eu pudesse me virar ou perguntar o que era, Fílmor disse:

— Enquanto estavam ocupadas, eu finalmente me comuniquei com meu irmão e lhe convidei para entrar.

Quando me virei, notei meu pai fitando minha mãe em choque e, ao seu lado, Báhlgor em forma de cervo encarava Fílmor com raiva. Fílmor rosnou parecendo incomodado.

Com os dois prestes a se atacar, Ranfel se contorceu em angústia por não poder ir até Alda. Ela, por sua vez, estava ao lado de Fílmor e se sentiu da mesma forma, mas ambos sabiam que precisavam ser fiéis aos seus superiores e nada puderam fazer.



Capítulo 23

Báhlgor ainda manteve um semblante nada amigável e não parecia nem um pouco impressionado ou surpreso, tampouco feliz em ver o irmão após tantos anos. Fílmor rosnou novamente e o encontro que deveria ser feliz, acabou por se tornar hostil.

Meu avô arrastava os pés no chão, enquanto o cenário ia ficando sombrio novamente. De seus cascos, raios amarelos e brilhantes como relâmpagos surgiam e eram atirados pelas laterais. Muitos derrubaram algumas árvores quando se chocaram e barulhos de trovoadas com ecos nos fizeram tapar os ouvidos, enquanto todo cenário, inclusive o chão, tremia como em um terremoto. Depois, ele esfregou os chifres em uma rocha próxima e o atrito causou faíscas. Fílmor arrepiava os pelos das espinhas, rosnava e cravava as garras no chão. Elas eram tão fortes que os separava em fendas grossas, mostrando o rio de lavas que corria por baixo.

Kai se assustou e eu o abracei forte para protegê-lo. Minha mãe nos puxou para ela. Meu pai permanecia imóvel e assustado quando Fílmor e Báhlgor correram e se chocaram no ar. Báhlgor o feriu com seus chifres e o jogou longe. Aquele lobo imenso caiu e causou um estrondo no chão pelo rombo que se formou com a queda. Fílmor rolou e se ralou no chão rochoso, mas se levantou, ignorando a dor dos ferimentos que saravam instantaneamente.

Ele rosnou alto e, mais forte, correu para Báhlgor, desviando de seus chifres e surpreendendo o irmão com uma mordida no dorso. Meu avô gritou de dor e, fraco, perdeu a força em suas patas. Ele relutava para levantar-se e Fílmor estava de pé, travando seu corpo e impedindo que meu avô se movesse. Eles rosnavam um para o outro há milímetros de seus rostos.

— Faça alguma coisa!!! — implorei ao meu pai, mas ele nada pôde fazer, pois quando os deuses brigam, ninguém interfere.

Kai chorava e tapava o rosto para não ver nada. Eu me encarreguei de tapar seus ouvidos para também cessar os sons aterrorizantes.

A ferida agora exposta e grande mostrava a gravidade da situação do meu avô. O sangue escorria e ele, enfraquecido, ainda tentava se manter de pé, mas era impedido por Fílmor que aproximava o rosto e continuava a mover o corpo de forma a impedir meu avô de se levantar.

— Acabou de dar o seu showzinho? — perguntou Báhlgor amargamente.

O sangue ainda jorrava. A expressão de Fílmor então mudou da fúria para um olhar cerrado e irônico.

— Como ousa falar em showzinho se não consegue nem fazer parar o próprio sangue? — ironizou.

Os dois começam a rir e Báhlgor se levantou totalmente curado.

Meu pai deu um sorriso de canto de boca e eu, aliviada por ter sido tudo uma brincadeira, corri em direção ao meu avô para abraçá-lo. Ele então mudou para sua forma original novamente.

— Por que fizeram isso? — perguntei assustada, mas ele riu.

— Um velho hábito entre irmãos.

Nessa hora, meus pais correram ao encontro um do outro e se beijaram apaixonadamente. Eu olhei aquilo enquanto abraçava meu filho, que se juntou no meu abraço com seu bisavô. Não poderia estar mais feliz em ver minha família junta, algo que jamais pensei que pudesse acontecer. Eu estava completamente emocionada, até meu avô olhar para Fílmor atrás de mim e quebrar o clima.

— Sério? Uma foice? — Báhlgor indagou amargamente com os olhos semicerrados.

Eu me virei curiosa e me deparei com um dos mais lindos elfos que já imaginei ver. Com longos cabelos e olhos negros, sua vestimenta me lembrou muito a de Aidan, com um sobretudo preto e um sorriso tão fascinantemente sedutor, que desconcertaria qualquer criatura. Fílmor girou a foice com a lâmina passando acima de sua cabeça em um ato descontraído.

— Não sei por que os humanos sempre associaram a morte como uma figura esquelética que usa uma foice. Não me agradou a figura esquelética, mas da foice eu gostei — brincou.

Báhlgor manteve o olhar de tédio.

— O quê? Achei interessante! Me dá um certo poder, afinal, como espera que eu receba as almas no meu mundo? Com uma espada? — respondeu com sarcasmo.

— Você sempre gostou de aparecer.

— Você escolheu saltitar reluzentemente pelas florestas e eu que gosto de aparecer? — Fílmor riu. — Não nos vemos há anos e você vai criticar minha foice?

— Por isso que nunca escolhi uma forma animal — disse meu pai a Kai e a mim, enquanto abraçava minha mãe.

As ondulações escamosas voltam no meu braço, mas agora, involuntariamente. Eles então perceberam. Fílmor se aproximou e pegou em meu braço para ver melhor e elas aconteceram novamente. As veias grossas e negras apareciam e sumiam de acordo com a intensidade das ondulações.

— A verdade, Kyara, é que todos que entram no meu reino, morrem.

Eu abri a boca em espanto e ele continuou:

— Todos vocês, inclusive Kai, morreram quando entraram. No entanto, você não é uma simples humana, portanto, ainda está apegada ao corpo físico que não mostra quem é você na verdade.

— Os urros animais que eu dei...

— Foi a sua real forma querendo sair, mas ela só sairá quando você realmente a permitir.

— Mas se eu e Kai morremos, estamos presos aqui? — perguntei angustiada e Fílmor negou com a cabeça, me aliviando em seguida.

— Se esqueceu de que é uma semideusa? E seu filho também?

— Sua parte humana e élfica morreu, Kyara. São deuses agora! — disse meu pai orgulhoso. — Fílmor não poderia prendê-los aqui, nem que ele quisesse.

Eu abracei fortemente meu filho. A ideia de ter me tornado uma deusa não me afetou, sequer mudou algo em mim. Eu só queria levar meu filho para casa.

— Então, se nada nos impede de ficar, podemos ir embora — disse aliviada.

Para meu espanto, Kai soltou minha mão carinhosamente e caminhou para o lado de Fílmor.

Meu pai e avô não pareceram surpresos.

— Kai? — perguntei de coração partido. — O que está fazendo? Vamos para casa! — estendi a mão, agoniada.

— Não, mãe — ele respondeu carinhosamente.

Prendi o fôlego com o nó na garganta.

— Fílmor me mostrou o outro lado e como tudo funciona. Eu nunca me senti tão em casa.

— Sua casa é em Shadowfalls com sua família — insisti desamparada.

— Ele também é minha família — Kai disse, enquanto Fílmor apoiou a mão em seu ombro e o apertou carinhosamente contra si.

— A deusa Mereen deixou claro que Kai jamais viria a ser rei de Shadowfalls, mesmo que fosse o primeiro a nascer — lembrou Báhlgor.

— Kai é muito maduro para a pouca idade que tem. É como se fosse um espírito velho no corpo de uma criança e a decisão de um Deus deve ser respeitada — disse Fílmor em apoio ao meu filho.

— E quanto a minha decisão? Eu também sou uma deusa agora e digo que quero que Kai venha comigo!

— O destino dele é aqui, Kyara — meu pai disse firme e com pesar.

Não segurei o pranto e meu filho veio me abraçar.

— Ele sempre teve uma estranha ligação com o meu mundo — Fílmor afirmou.

— Por que acha que a morte sempre o fascinou?

— Aquele episódio do pássaro não foi o único — Báhlgor se pronunciou. — Como nunca pude ver seu real destino por ter o mundo dos mortos bloqueado, eu não sabia o verdadeiro motivo. Eu o impedi aquela vez para salvar a fada, mas algo me dizia que eu não poderia me meter, pois sentia que tinha algo a ver com seu destino.

— Cuidaremos bem dele — garantiu Medrene de forma gentil.

— Entendo a sua dor — Báhlgor disse se colocando ao meu lado. — Também senti quando Ranfel quis viver com os elfos, mas como Fílmor mesmo falou, precisamos respeitar as decisões dos deuses.

— São livres para voltar sempre que quiserem — Fílmor faz uma leve reverência. — O mundo dos mortos agora se abre para vocês.

— O mundo lá fora também. — Báhlgor tocou o ombro do irmão com força e Fílmor consentiu.

Meu pai e minha mãe se olharam felizes em saber que poderiam continuar juntos. Os dois se abraçam novamente.

Fílmor parecia feliz, mas Báhlgor estava arrependido. Ele então aproximou-se de Alda dizendo:

— Jamais deveria ter me intrometido.

— Não fui uma das melhores criaturas. Entendo sua decisão.

Eles tocaram o ombro um do outro e se perdoaram, mantendo um grande respeito entre si.

Ainda relutante em aceitar a decisão de Kai, eu só tinha como consolo que ele ficaria bem e que, com o tempo, eu entenderia melhor a importância de respeitar a vontade de um deus, afinal, é mais fácil quando seu filho não é um deles. Eu ri da minha própria piada mentalmente e apertei meu filho contra meu corpo mais uma vez. Confessei a mim mesma que me preocupava com a reação do meu povo e família ao me ver retornando sem ele.

— Não se preocupe — Fílmor me assegurou carinhosamente. — Ficarão chateados com a ausência de Kai, mas você sempre será amada pelo seu povo.

— Estou pronta para ir. Preciso voltar para casa antes que a guerra comece.

Houve um silêncio repentino e então me dei conta de que os deuses nunca devem interferir na guerra. Eu me virei para eles com os olhos repletos de angústia.

— Minha filha está lá! Meu marido e meu povo também. Que os deuses me castiguem com sua pior punição, mas não há imortalidade alguma que me permitirá

ficar de fora de uma guerra onde eles correm perigo — falei respeitosamente, mas incisiva.

— Há uma força muito poderosa e não humana a qual Christine se uniu para obter sucesso. E quando isso acontece, a intervenção dos deuses não é apenas permitida, se faz necessária!

— Não é mais uma guerra só de humanos! — Meu pai explicou completamente aterrorizado. — Jamais foi permitida tamanha intervenção, pois isso gera um desequilíbrio brutal nas forças, mudando vários destinos já traçados! É uma catástrofe!

— Essa força é a voz da caverna em meu sonho!! Os olhos de Christine ficaram repletos de terror ao ser ameaçada por ela! Agora tudo faz sentido!

— Consegue reconhecer a voz? — Fílmor perguntou, aflito.

— Não é nada comparado a qualquer voz que eu tenha escutado. Eu desconheço essa força, mas sinto ser muito poderosa! Precisamos ser rápidos!

— Você sente os temores da guerra que já acontece — Báhlgor falou e eu escutei os gritos dos inocentes e o barulho das lâminas cortando sua carne. Eu comecei a tremer.

— Shadowfalls não está em guerra! — Senti a paz em meu lar ao visualizá-lo, mas senti também o desespero que partia do meu povo. — Não entendo.. — eu disse aflita. — Há uma guerra acontecendo, mas não consigo sentir onde! Pelos deuses!!! — Eu finalmente me dei conta. — WESTON!!!! — Dei um grito de pavor repentino.

— Eu sabia que você iria senti-la — Báhlgor falou orgulhoso, mas sem perder a urgência em agirmos. — Ranfel, vá para Fainord, convoque os elfos com urgência e crie dois portais: Um que os leve para as proximidades do castelo e outro para a porta de entrada de Weston!

Ranfel consentiu e sumiu por um portal que ele conjurou.

— Weston está toda tomada pela guerra, mas venha comigo para as proximidades do castelo. Sinto Christine por lá!

— Certo!

Báhlgor sumiu de minha vista e eu me concentrei, mas fui interrompida por Fílmor.

— Não sem antes eu lhe dar um presente. Afinal, somos uma família — disse Fílmor com um sorriso brincalhão ao acariciar meu arco. Ele em seguida desintegrou minhas flechas, me causando incômodo.

— Não precisará mais delas.

Eu o encarei desentendida e questionei seriamente:

— Como vou usá-lo sem elas? E meu arco continua o mesmo. — Eu o inspecionei minuciosamente sem achar nada de diferente, até que ele riu.

— Você verá!



Capítulo 24

Abri os olhos após minha primeira tentativa de teletransporte e me vi na floresta próxima a Shadowfalls.

— Mas que droga! Como será que isso funciona?? Concentre-se, Kyara, concentre-se! — Eu disse a mim mesma, nervosa.

Senti meu corpo ondular como se um ser quisesse rasgar minha pele, então me dei conta de que eu precisava correr! Corri enquanto mentalizava Weston com força, tive a sensação de ser sugada quando parei em um local onde os gritos e o pavor da guerra se faziam presentes. Eu havia conseguido! Quando abri meus olhos e vi onde estava, não consegui evitar de revirá-los

— Só pode ser brincadeira!!! — Eu disse em pé, exatamente em cima de um dos aquedutos. — Ainda tenho muito o que aprender! — resmunguei enquanto corria por um dos aquedutos e pulava para um dos muros de Weston, vendo todos de cima.

Seres metade mulher, metade pássaros de penas brancas, sobrevoavam e pousavam no meio do campo de batalha, retirando meus aliados do perigo. Eu ouvia dizer que as harpias eram apenas lendas! Elas os pegavam pelos ombros com as garras dos pés. Respirei aliviada por saber que elas existiam e estavam do nosso lado. Meus homens sorriam em agradecimento, quando outro grupo delas surgiu, os pegando pelos braços ou pernas, desmembrando-os no ar. Alguns tiveram seus olhos arrancados antes e os membros caíam com uma chuva de sangue sobre aqueles, que ainda lutavam.

Outro grupo voltou, mas estavam erguendo elfos e magos que atiravam magias ou flechas nas inimigas que se aproximavam. Algumas harpias caíram feridas e morreram com a queda. Uma maga juntou-se a um elfo durante a queda e um homem no solo esticou suas mãos para o chão. Dele, brotaram duas raízes em formas de mãos e essas os pegaram no ar e o levaram ao solo em segurança. Muitos conseguiram se salvar usando poderes parecidos, outros foram mortos pelas harpias ou pelas lanças dos minotauros que atiravam do chão.

Minotauros! Não pensei temê-los quando soube de sua existência, mas sua presença era intimidadora. Bípedes com pernas e cabeças de touro, tronco humano, peludo e musculoso como uma fera e, por fim, possuíam chifres pontiagudos e fatais. Seus cascos eram tão pesados que quando pisavam no chão com fúria, o solo parecia ceder um pouco, marcando suas pegadas de bode.

As magas lançavam projéteis de magia contra as harpias e eram cercadas pelos nossos arqueiros, que atiravam contra um grupo de minotauros que se aproximavam. Eles eram tão fortes, que precisavam de três flechas ou mais para diminuir seus avanços, mas os arqueiros atiravam insistentemente. Os elfos, por serem mais ágeis, conseguiam atirar mais flechas em menos tempo, mas, infelizmente, muitos foram covardemente mortos por magas inimigas em ataques pelas costas. Elas formavam portais próximos, pegando-os de surpresa com magias mortais de fogo ou de gelos pontiagudos que perfuravam suas nucas ou tórax.

Alguns minotauros caíram, outros tiveram tempo de se aproximar e matar os arqueiros com golpes de chifres ou de enormes e pesados machados que poderiam facilmente matar em um só golpe. As magas fizeram brotar raízes do chão, prendendo-os, mas eles conseguiam destruí-las, abrindo os braços e urrando. Outro usou o machado para cortar uma grossa raiz que se enroscou no tornozelo do seu aliado. Em seguida, um enorme grupo se aproximava para terminar de aniquilar as magas e arqueiros de Shadowfalls que se juntavam para matar as harpias. Eu estava prestes a intervir, afinal, era um grupo grande e meus homens, já cansados, não conseguiriam sobreviver a eles. Então, o chão começou a tremer como um terremoto e uma enorme fenda se formou diante dos pés dos minotauros, fazendo-os cair. Alguns se salvaram ao pular para os lados, antes da fenda aumentar, mas outros morreram quando a terra se fechou e os engoliu.

O enorme grupo de magas responsáveis pelas fendas surgiu e ajudou os outros a terminar de matar os minotauros que não foram engolidos.

Eu precisava ajudá-los! Mas quando pensei em fazer alguma coisa, minha presença acabou sendo notada por um grupo de harpias negras que se formava perto de mim. Elas eram maiores, mais fortes e pairavam no ar ao meu redor, gritando e vibrando as asas em ameaça. Eu alcancei o arco em minhas costas, quando me dei conta: As flechas! Lembrei-me de Fílmor tê-las desintegrado, mas quando eu o segurei firme em minhas mãos, o arco tomou a forma de um fogo vermelho vivo que não me queimou. Então foi como se a criatura dentro de mim me guiasse para fazer o que eu fiz. Puxei a corda do arco para trás e uma flecha de fogo surgiu instantaneamente.

Atirei-a sobre as harpias que se dissiparam e a força da flecha foi tanta, que eu não estava preparada. Caí desajeitadamente de cima dos aquedutos, de uma altura

bastante elevada e batendo com as costas no chão. Eu me levantei e olhei confusa para o rombo que minha silhueta fez no solo.

Elas ainda erguiam e destroçavam meus aliados no ar, mas consegui matar todas com minhas flechas flamejantes, causando uma enorme explosão que fez seus restos mortais caírem sobre aqueles que ainda lutavam no solo. Meus aliados em queda foram salvos pelas magias dos magos que faziam brotar raízes ou galhos no chão, que os pegavam, apartando a queda. Eles buscaram de onde a explosão veio e ao notarem minha presença, meu povo vibrou com fervor, enquanto os inimigos se misturavam entre aqueles que se encheram de fúria e os aterrorizados, pois todos já sabiam de onde eu havia voltado.

As harpias se dividiram em dois grupos, um para me atacar e outro para atacar mais aliados distantes. Eu matava todas que se aproximavam de mim, elas caíam e se contorciam no chão em espasmos. Raios de fogo se juntavam às minhas flechas e quando percebi, um grupo de magos de Shadowfalls se juntava a mim até que finalmente um grupo sobrevivente começou a recuar e voar para longe. Elas haviam desistido, mas eu não.

— Majestade! — Um deles falou já sem fôlego. — Você voltou!

— E na hora certa pelo visto! — Outro comemorou.

— Precisamos ser rápidos. Weston foi atacado desprevenidamente. Há muitos inocentes sendo mortos.

—Vamos! — eu disse apressadamente e todos me seguiram.

Enquanto eu corria para ajudar meus aliados, observei o cenário de terror diante dos meus olhos, quando um belo e enorme corvo negro pousou no meu ombro.

— Depois de anos, finalmente decidi que animal me tornar.

— Pai? — Olhei para o corvo, confusa.

— Você tem trabalho a fazer! — ele disse e depois crocitou alto, levantando voo entre aqueles que lutavam.

Milhares de casas foram queimadas pelas magias das magas de Christine. Uma mulher e duas crianças gritavam quando um telhado em chamas desabou sobre elas. Minhas magas apagaram o fogo rapidamente com suas magias de água, enquanto eu atirava contra o grupo que incendiou a casa. Entretanto, elas conseguiram fugir. Terianos e centauros ajudavam a retirar os destroços e as crianças saíam com leves ferimentos, enquanto a mãe gritava de dor com partes de seu corpo queimadas. Consegui curá-las rapidamente, depois avistei um grupo de inocentes correndo por trás das casas e instantaneamente eu já sabia do que se tratava.

Um mago conjurou um portal que levaria os inocentes direto para Shadowfalls em segurança, mas nem todos conseguiram entrar, pois quando cheguei com a família que acabara de salvar, o mago já havia sido morto por trás, pelo machado de um minotauro. O Portal se fechou abruptamente e os inocentes gritaram em pânico,

correndo para lados opostos. Apontei meu arco para aquele minotauro maldito, mas ele foi pego pelas costas, por Margreet, que abocanhou sua nuca. Ele caiu com os dentes dela travados na sua carne enquanto ela sacudia o focinho para destruí-lo, antes que pudesse tentar revidar, a criatura foi morta pela minha flecha.

— Margreet!!! — Corri até ela. — Você está bem?

— Você voltou! — disse feliz e aliviada em me ver.

— Precisamos de outro mago!

— Mas primeiro precisamos encontrar os inocentes!

As magas de Cristine lutavam contra os Terianos e, ao lado delas, elementais em forma de ar, fogo e pedra as ajudavam. Eles possuíam uma espécie de anel que os rodeavam com runas luminosas e percebi que eram esses anéis que os mantinham vivos.

— Forme um grupo para procurar e proteger os inocentes! Eu lido com os inimigos!

Ela concordou, rosnou alto e saltou para longe, correndo mais do que podia.

Magos de Shadowfalls já estavam cansados e enfraquecidos, mas relutavam bravamente contra os elementais que ajudavam os inimigos e os fortalecia. Seus poderes complementavam os de suas donas e meus homens não pareciam páreos para eles.

Finquei o meu pé no chão e atirei minhas flechas nos anéis, que se desfizeram, desintegrando as criaturas junto. Depois eu tentei acertar as magas. Umas caíram mortas, outras fugiram em portais.

Mais à frente, os gritos de pavor dos inocentes me chamaram a atenção. Havia minotauros bloqueando as portas com enormes pedras, enquanto algumas das magas de Christine ateavam fogo nos telhados. Havia famílias lá dentro que gritavam desesperadamente para sair. Jatos de água das minhas magas apagaram as chamas sem muito esforço. Eu atirei e matei o minotauro que bloqueou a passagem. Em seguida, acabei com as duas magas juntas, mas outras se aproximaram por trás das minhas magas e as mataram com magia de fogo, que se voltou para as casas novamente.

Aproximei-me dos grupos e vi Margreet ferida, lutando contra um minotauro. Perto dela, estava um enorme grupo de famílias que ela havia conseguido resgatar. Em meio à batalha, um mago se juntou a ela para ajudar com magia de fogo.

— Não! — ela gritou enquanto se esquivava de seu golpe de chifres. — Salve-os primeiro!! — Apontou com a cabeça e o mago rapidamente fez um portal para Shadowfalls.

Nessa hora, um enorme grupo de magas com seus elementais chegaram para atacar Margreet, o mago e os inocentes.

— Eu cubro vocês! — disse, enquanto atirava contra cada um que se aproximava.

O mago chegou a ser ferido por um raio, mas a maga responsável por feri-lo foi morta pela minha flecha. Ele caiu ajoelhado e o portal falhou por um segundo. Os inocentes então gritaram apavorados. Eu não podia curá-lo naquele momento, senão todos acabariam mortos. O grupo inimigo chegou em grandes quantidades, entretanto, minhas flechas de fogo foram capazes de matar parte do grupo de uma só vez.

Eu olhei para o mago e lhe dei força e mesmo sendo ajudado pelos inocentes, ele se ergueu com dificuldade e se concentrou no portal, o conjurando novamente.

Margreet lutava com bravura e suas esquivas começavam a cansar o oponente. Ele estava cada vez mais enraivecido pelas inúmeras vezes em que falhou ao acertá-la e eu resolvi me intrometer, atirando uma adaga no meio da sua testa. Margreet demonstrava-se incansável e já queria partir para outra batalha, enquanto eu continuei atirando flechas nas magas que tentavam atacar os inocentes. Felizmente, centauros e Terianos chegavam em massa e conseguiam atacá-las, mantendo-as ocupadas enquanto os inocentes corriam para o portal.

Margreet pulou sobre uma maga que tentou matar uma criança e arrancou sua cabeça com fúria. Ela jogou a cabeça como se a cuspsse e logo foi cercada por um grupo que tentou atacá-la, mas foram mortas pelas flechas dos meus arqueiros que chegaram aos montes.

Nunca senti tamanha fúria vinda dela, Margreet deixou-me orgulhosa.

Alguns inocentes morreram pelas magas, outros conseguiram entrar no portal. O mago, que reuniu todas as suas forças para manter o portal, caiu exausto e o portal se fechou bruscamente. Sem inimigos por perto, eu pude curá-lo. Assim eu o fiz e me deparei com Margreet furiosa em busca dos inimigos, ela saiu correndo e rosnando para a estrada de Weston com sangue nos olhos!

— Desde que soube que Weston foi atacado desprevenidamente, ela virou a mais enfurecida das feras — disse o mago enquanto eu o curava. — Até agora, foi ela quem conseguiu matar o maior número de magas e minotauros. Preciso ir com ela para conjurar mais portais, pois há mais inocentes por aqui.

Ele me agradeceu por tê-lo curado e correu atrás dela.

Voltei para o caminho de pedras e vi um minotauro ferido, retirando a lança do corpo de um centauro morto. Pela primeira vez, senti algo estranho. Sem saber explicar, eu não queria matá-lo. Ao menos não esse em específico. Enquanto os outros lutavam impiedosamente, esse me parecia não querer estar ali, mas fora levado a acreditar nas mentiras que faz uma guerra ser necessária. Ergui meu arco e, relutantemente, atirei contra ele. Lembrando-se do que minha sombra me disse. Canaliciei minhas forças para a flecha que apenas o enfraqueceria dependendo do local atingido. Mirei em sua coxa e a soltei. Ele caiu ajoelhado e mugiu alto, como se fosse um berrante.

Um grupo de centauros e Terianos se aproximaram e eu ordenei que o tirassem dali, mas que não o machucassem. Eles seguiram minhas ordens, mesmo sem entender o porquê de eu querer poupá-lo.

Outro minotauro me notou e estava furioso por ter ordenado que meus homens levassem um dos seus.

— Da próxima vez, eu o mato, se preferir assim — eu disse com os olhos cerrados e as mãos iluminadas.

Ele mugiu alto e bufou, arrastando os pés no chão, vindo em minha direção com a cabeça inclinada para desferir-me um golpe mortal. Eu poderia ter facilmente o matado com as minhas flechas, mas quando percebi, estava correndo e rosnando de encontro a ele.

Segurei seu chifre para apartar seu golpe e imediatamente desviei girando sua cabeça, que foi de encontro com a parede de uma casa. Preso pelo chifre, ele retirou um machado das costas e começou a bufar. A criatura socou a parede formando rachaduras e ela começou a ruir até se desmoronar e cair em pedaços, mostrando a família que se escondia na casa, em pânico.

A família correu apressadamente pela brecha, enquanto o minotauro novamente ergueu seu machado e apontou seus chifres em minha direção. Ele estava convicto de que eu não poderia parar seu golpe novamente, ou se assim eu fizesse, sofreria um golpe de seu machado.

Ergui minha flecha até que fomos surpreendidos por um jato de água que uma das minhas magas direcionou. Ele parou e olhou-a por um segundo, depois começou a rir de sua falha tentativa de acertá-lo.

— Você quer me refrescar? — zombou ao girar o machado para acertá-la.

Então, uma magia de choque o pegou por trás, eletrocutando-o fortemente. Ele estremeceu por uns segundos enquanto seus olhos reviravam e sua boca espumava. A criatura logo largou o machado e caiu morto, mostrando Aidan em pé atrás dele, com o braço emanado da energia que acabara de arremessar.

Corremos um para o outro e nos abraçamos bruscamente.

— Kai está bem! — Assegurei e ele consentiu, enchendo os olhos de lágrimas.

— Síndel também está! — garantiu.

Abraçamo-nos novamente, dessa vez aliviados.



Capítulo 25

Paramos nosso abraço quando notamos um grupo de centauros cercado pelos minotauros, formando uma luta entre brutamontes.

Então, dos telhados das casas que não foram atacadas, Genevieve surgiu com seu grupo de arqueiros. Do lado oposto, em outro telhado, surgiu Windriel liderando um grupo de elfos, que cercaram os minotauros pelos telhados.

Tartus e Fandra perceberam o apoio e gritaram para os arqueiros que já miravam suas flechas.

— Atirem no dorso e em suas pernas! Faça-os sangrar! — Tartus gritou por já conhecer seus inimigos.

Aidan fechou os olhos com fúria e, quando os abriu novamente, eles estavam acinzentados como um céu em tempestade enquanto pequenos raios pareceram explodir dentro de seus olhos. Ele ergueu as mãos e caminhou de encontro ao grupo, lançando e controlando a intensidade de seus raios que os eletrocutam sem esforço. Aidan não queria matá-los ainda, apenas enfraquecê-los, facilitando os arqueiros de acertarem o alvo.

Os minotauros recebiam mais de uma flechada por vez e, aos poucos, eles foram caindo enfraquecidos, para depois serem mortos pelas lanças dos centauros. Eu ajudei a matá-los também e uma vez que todos estavam mortos, as harpias voltaram enfurecidas.

Elfos e arqueiros direcionaram suas flechas para o ar e muitas foram mortas com tiros certos na cabeça ou no peito. As que foram acertadas em pontos não vitais, logo foram mortas pelos centauros quando caíram.

Então outro grupo delas começou a aparecer por trás, erguendo-os novamente no ar e destroçando-os. Matei um grupo que erguia os elfos, mas não me atentei que não havia magos por perto. Muitos elfos e arqueiros morreram na queda, outros eu tive a chance de curar, enquanto os arqueiros e centauros me davam cobertura.

Chorei pelas mortes que causei, mas aprendi no mundo dos mortos a conviver com a culpa. Foi preciso, mas não ia repetir o mesmo erro duas vezes.

Quando os arqueiros cansaram e a maioria deles já haviam sido mortos ou feridos, as harpias sobrevoaram próxima a nós, pousando em seguida, dobrando os joelhos e tocando as mãos no solo. Espreguiçavam suas asas e tremiam as extremidades, rosnando em um semicírculo.

Aidan puxou-me para perto, soltou um grito de ódio e criou um escudo de energia em formato de bolha. Seus olhos estavam acinzentados e mais uma vez eu vi pequenos raios se formarem dentro deles enquanto o escudo pulsava crescendo até chegar nas harpias e matá-las eletrocutadas. Penas voaram e cobriram o chão como um tapete e seus corpos depenados estavam tostados, exalando um cheiro nauseante de carne queimada.

As magas de Christine voltaram a aparecer no exato momento em que Margreet, Tartus, Hoga e Fandra se juntaram a mim, alinhados horizontalmente. As magas sorriam maleficamente ao formar uma densa parede de fumaça. Nossas visões foram cessadas e começamos a tossir como se a fumaça nos intoxicasse.

Bayleigh surgiu liderando um grupo de magos e eles dissiparam a fumaça inimiga em uma ventania, entretanto, quando retomamos a visão por completo, nos deparamos com criaturas maiores que os Terianos. Eles colocaram-se em fila para nos atacar. Eram homens acinzentados e suas peles tinham uma textura estranha, como se fossem de pedra. Vestiam trapos e eram o triplo do tamanho de um teriano ou minotauro, com rostos desproporcionais e fortes. Muito fortes eu reconheci. O maior deles estava um passo à frente e parecia ser o líder.

Aidan apertou minha mão. Notei que minha presença trouxe um alívio tão grande que eles pareciam nem ter notado que eu acabara de retornar do mundo dos mortos. Fandra rosnou alto como se reconhecesse as criaturas e seu rosnado elevou a ira de Hoga e Tartus.

— Quem são eles? — perguntei para o primeiro que pudesse me responder, enquanto cerrei meus olhos e punhos.

— Trolls! — rosnou Fandra. Em minha mente, surgiram rápidos *flashes* de imagens das criaturas atacando covardemente sua antiga aldeia.

Eles começam a grunhir e as magas nos olhavam vitoriosas, enquanto o líder, lentamente se aproximava. O chão trepidava a cada passo e o barulho desconcertante do enorme tacape espinhento que ele arrastava, causou um certo receio nos meus aliados, mas eu me mantive firme. Então, ele finalmente ergueu a arma no ar e a desceu sobre nós, que nos esquivamos, saltando ou rolando para os lados. Ele tentou reaver a arma que ficara presa no chão pelos espinhos, enquanto os centauros e os Terianos que chegavam em um grupo numeroso tentavam saltar sobre ele para feri-lo.

Com o braço livre, o troll os golpeou em tapas, arremessando-os para longe. Todos caíram feridos, alguns até bateram bruscamente nas casas próximas, danificando as propriedades. Nessa hora, o pânico tomou a população por completo, porque até mesmo aqueles que se refugiaram em suas casas, saíram correndo com o estrondo dos aliados em seus telhados ou paredes. Nem mesmo Bravan, que surgiu em toda sua fúria, conseguiu encostá-lo. Ele parecia um mini gigante e não havia centauro ou teriano que conseguisse vencê-lo.

Os outros estavam enfileirados e não atacavam, mas se defendiam muito bem quando agredidos. Então muitos dos meus conseguiram matá-los, mas também foram mortos pelos trolls.

Dunkan saltou sobre as costas de um deles e cravou seus dentes na nuca do inimigo que, após rodopiar desajeitadamente com a fera em suas costas, alcançou-o pela pele da coluna e o arremessou para longe. Não vi onde Dunkan foi parar, mas sabia que ele voltaria e lutaria.

Eu notei que além da força brutal, eles eram burros como uma rocha, pois o líder ainda tentava retirar a arma do chão, mesmo sua força o tornando capaz de matar os inimigos com as próprias mãos. Corri e saltei sobre seus ombros, no exato momento em que ele retirou o tacape e quase caiu para trás. Ele poderia ter me esmagado, assim como meu povo, não sabia que isso agora seria impossível de acontecer, as raízes brotadas do chão por uma das minhas magas, saltaram e enroscaram em seus punhos, trazendo-lhe o equilíbrio de volta. Magos e arqueiros tentavam acertar-lhes magias e flechas, mas ele se desvencilhava, enquanto relutava em manter o equilíbrio.

Eu segurava em um trapo que passava por um de seus ombros, mas meu corpo pendia solto no ar. O tecido começou a querer romper e eu não conseguia montar nele de tanto que se mexia.

— Parem! — ordenou Aidan em desespero. — Irão acertá-la! — Referia-se a mim.

Então as magas começaram a enviar raízes que o prendiam, mas sua força era maior e ele acabava por arrancá-las do solo com facilidade. Outras congelaram o chão ao redor dele, e, mesmo assim, o troll ergueu um dos pés e rompeu em pedaços o gelo que chegava próximo aos seus joelhos.

Meu corpo todo sentiu as ondulações que feriam minha pele de dentro para fora, como se fossem me rasgar, e, em um ímpeto de fúria, peguei uma adaga em cada mão e finquei em suas costas, para poder escalá-lo até os ombros. Ele sequer sentiu dor, mas somente porque meu intuito era chegar perto de sua cabeça e não o matar. Apertei minhas pernas ao redor do seu enorme pescoço, não para enforcá-lo, mas para dar-me segurança. Então finalmente iluminei as duas adagas, fincando-as no topo de sua cabeça, enquanto retorci meus joelhos, quebrando o pescoço do enorme

monstro que perdeu o equilíbrio, já sem vida. Eu saltei, mas quando quase atingi o solo, ele e caiu sobre mim.

Os gritos se misturavam entre seus ex-seguidores, aqueles asnos que fugiram covardemente ao ver seu líder morto, como se não soubessem o que fazer sem ele por perto, e os de Aidan junto do meu povo em desespero por pensar que eu havia morrido com a queda. Eles se aproximaram para tentar levantar a criatura, quando se surpreenderam ao ver o enorme corpo sem vida se mexer e rolar para o lado com facilidade. Eu o escalei rapidamente e mais uma vez as ondulações voltaram. Minha maçã do rosto se mexia como se vários vermes andassem sob minha pele e eu estava tão perdida que não notei os olhares completamente confusos e assustados de Aidan e parte do meu povo.

— Kyara... O que está havendo com você? — Aidan franziu o olhar completamente abismado e meu povo em choque mal conseguia acreditar no que presenciava.

Eu toquei o meu rosto e as senti, mas acabei tendo uma visão nada agradável de Christine próxima ao castelo.

— Explicarei depois! Precisamos de um portal para as proximidades do castelo agora mesmo!

Aidan entendeu a urgência e mesmo abismado com o que havia presenciado, abriu um portal para as escadas, próximas as do salão do castelo.

Arturo e seus homens lutavam contra um largo grupo de minotauros.

— Corram para o castelo! — Arturo praticamente nos implorou, enquanto tentava insistentemente impedir que eles entrassem.

Eu matei grande parte deles com minhas flechas, enquanto Aidan fazia outro portal. Poucos sobreviveram, mas eram muito fortes. Eu precisava entrar no portal, mas, antes, precisei passar instruções para Arturo e seus homens.

— Golpeiem suas nuças para sangrar e o ligamento atrás do joelho para perderem o equilíbrio!

Arturo consentiu.

— Vocês ouviram! — ele gritou erguendo sua espada e seus homens urraram cercando os minotauros com golpes repetidamente.

Sangues jorravam enquanto eles mugiam de dor segundos antes de morrer.

Saímos dentro do salão. O chão estava coberto por cinzas e Christine gargalhava vitoriosa, com um cetro nas mãos. Em sua ponta, havia uma pedra, protegida por magia que acabara de desintegrar um dos meus arqueiros ao tentar acertá-la. A máscara de ouro que cobria parte de seu rosto, refletiu um brilho reluzente ao olhar para aquele que ela acabara de matar. Os olhos de Aidan e os meus se arregalam em pânico ao ver Drakenian em sua posse.

Gwen apareceu pelas escadas, liderando um grupo de arqueiros, e eu entrei em desespero. Christine ainda não havia me visto e essa era uma vantagem. Gwen ergueu uma flecha e quando Christine apontou o cetro em sua direção, gritei no mesmo instante que Aidan emanou uma energia roxa que jogou Gwen para o lado, desviando-a do golpe mortal. Surpreendentemente, o raio que Christine mandou não foi direcionado a Gwen e sim ao grupo atrás dela.

Os raios de Drakenian desintegraram mais da metade de seu grupo e Gwen, ainda no chão, olhava apavorada para Christine. Tristan apareceu em seguida com um outro grupo de guerreiros.

— Gwen!!! — ele gritou para irmã e Christine girou seu corpo.

Tristan e os seus homens desembainharam a espada para ela no mesmo instante em que Christine ameaçou matá-los com o cetro.

— Minha vingança não é contra vocês! — alertou-os.

— É contra meu pai? — Tristan indagou amargamente.

— Podem reinar comigo, como uma família! — ela prometeu. — Posso lhes dar tudo o que Arturo tirou de mim e de vocês! Nós temos direito há muito mais do que imaginam!

Tristan se recusou a ceder e ordenou seus homens a atacá-la, mas, ao verem o que o cetro em suas mãos era capaz de fazer, eles ficaram imóveis e amedrontados.

Christine então parou por um tempo e riu.

— Seus homens não são tolos como você, que ousa me enfrentar. — Ela zombou — Sabem que não há quem possa me impedir agora que tenho a pedra.

— Eu não contaria com isso, querida! — disse me aproximando com fúria.

Ela se espantou ao me ver.

— Como conseguiu sair? — questionou em choque.

Ela notou que ao me aproximar, a pedra brilhava mais forte. Christine então fincou o cetro no chão, formando um escudo de proteção com a força de Drakenian.

— Tragam-nas!!! — Christine ordenou para um grupo de magas que trazia Megan e Anika com agressividade.

— Se tentar algo contra mim, eu as mato agora mesmo! — apontou o cetro para as duas.

— Christine! Não!!! — Entrou Arturo em desespero, ferido e cansado pelas batalhas que enfrentara. Ele e os poucos sobreviventes ofegavam de cansaço, mas ainda mantinham a guarda.

— Eu permito que me mate, mas deixe meus filhos e netos fora de seus planos!

— Ora querido, essas duas aí nunca me serviriam de nada! Não tem meu sangue.

— Zombou. — Por que acha que eu as pouparia mesmo depois que acabar com você?

Gwen e Tristan gritam para o pai ir embora, mas ele se virou firme para ela.

— Não tenho medo de você nem da sua pedra! — ameaçou-a.

— Por que acha que usaria o poder da pedra contra você se posso facilmente te matar com uma arma? — Ela retirou uma adaga brilhante de seu cinturão. — Aliás, não somente você — ela ordenou que duas magas se aproximassem com Megan e Anika, que gritavam em desespero. — Essa daqui vai ser a primeira. — Apontou a adaga para o ventre de Megan, que se debateu em desespero. — Dois coelhos com uma cajadada só... Ou melhor dizendo, uma adaga.

Resolvi agir quando, para a minha surpresa, meu avô Báhlgor surgiu furioso.

— VOCÊ JÁ ESTÁ PASSANDO DOS LIMITES, MORTAL! — Sua voz ecoou no salão do castelo, fazendo as paredes estremecerem e Christine tremeu ao ver um Deus em fúria na sua frente.

Ela soube que não poderia lutar contra Báhlgor que, aliás, estava em sua forma de servo e que possuía o dobro de seu tamanho. Ele raspou sua enorme galhada no chão e empinou as patas dianteiras, causando um enorme tremor ao pousá-las.

Então, ela se viu forçada a cessar o escudo e se render. As magas soltaram Megan e Anika dando em seguida um passo para trás, mas suas rendições não eram o suficiente para que a ira do grande servo fosse embora e, sendo assim, ele cavalgou até ela em fúria.

Raios saíam de seus cascos e, tomada pelo medo, ela refez seu escudo o fortalecendo, contudo, Báhlgor não parou. Ele batia bruscamente no escudo fazendo-o trincar. Ele repetiu os golpes por mais algumas vezes e Christine começou a dar sinais de exaustão pela dificuldade em manter o escudo que finalmente se rompeu.

Imediatamente, Báhlgor fez surgir raízes tão graúdas que nem mesmo mil magas conseguiriam formar. Elas cobriram Christine por completo contorcendo-se para prende-la asfixiada. Ela havia sido finalmente derrotada!

Sem sua líder, as magas nos temiam, mas mantinham as meninas como reféns, em forma de segurança. Báhlgor então aproximou-se furioso das magas. Ouvimos um barulho vindo das raízes, que começaram a ressecar, quebrar e cair como pó. Christine enfim surgiu majestosamente.

— Para um Deus, é só isso que consegue fazer? — Ela o depreciou, fincando o cetro no chão.

Ela fez outro escudo para se proteger. E eu só conseguia pensar em como ela era covarde! Báhlgor então empinou novamente e Christine lhe atirou uma adaga brilhante.

Em desespero, tentei atirar uma flecha para desintegrar a arma, mas fui surpreendida pelo enorme lobo negro que saltou de um portal e se colocou à frente do servo, recebendo o golpe.

Ferido, Fílmor rosnou desintegrando o escudo que Christine não mais conseguiu manter. Mesmo enfraquecido, ele correu e saltou sobre ela que, rapidamente retomou a adaga com magia e bateu o cetro no chão, desaparecendo em seguida. Fílmor caiu já cambaleando de lado e grunhindo de dor.

— Irmão! — Báhlgor gritou desesperado. E enquanto corria até ele, a cada passo, ele voltava à sua forma original de elfo.

Todos estavam assustados e confusos, eu então corri junto a ele, me ajoelhando próximo ao corpo do enorme lobo.

— Vá buscar seu neto... — Fílmor pediu ao irmão com a voz enfraquecida.



Capítulo 26

Báhlgor o deixou e enquanto seu corpo estava fraco no chão, encarei as magas que seguravam minha família. Minhas flechas ultrapassaram Megan e Anika como espectros, mas foram mortais para as magas as quem eu realmente direcionei.

Meu arco ainda brilhava em fogo vermelho, cor de sangue, e Aidan parecia em choque pelo o que tinha visto. Eu então o guardei, corri para as duas e as abracei aliviada enquanto Tristan e Gwen se juntavam a nós. Toquei o ventre da minha amiga e me tranquilizei ao ver que o bebê estava bem. Arturo, apesar de tudo, demonstrava choque ao ver o lobo ferido à sua frente. Sem saber de quem se tratava, mas sabendo ser um Deus, ele então se ajoelhou próximo a fera. Fílmor o reconheceu e pareceu ter algo a lhe dizer, mas estava fraco demais.

Aidan assistia a tudo incrédulo e se aproximava de mim em busca de uma resposta.

— Kyara, o quê..?

— Pai!!! — nosso filho o interrompeu e o semblante de Aidan se tornou ainda mais incrédulo ao ver Kai surgindo de dentro de um mundo desconhecido.

Contudo, ele relevou tudo para enfim poder abraçá-lo.

Após alguns minutos de choros abafados e soluços, Báhlgor carinhosamente afastou pai e filho para levar o menino a Fílmor.

Kai então se ajoelhou em lágrimas próximo a ele.

— Desde que eu o vi pela primeira vez, eu soube que o seu destino era reinar o mundo dos mortos, não por carregar meu sangue, mas pelo talento que você tem.

Aidan e eu prendemos o fôlego, surpresos.

— Você sabe o que deve fazer, Kai...

O menino chorou, enquanto Fílmor aos poucos começou a desintegrar-se em uma névoa cinza e densa que se enroscou em nosso filho.

Todos ficaram em choque.

A névoa se dissipou e desapareceu, mostrando Kai adulto, enquanto as cinzas de Fílmor começavam a se erguer. Ele estava completamente transformado em cinzas, mas ainda mantendo a forma do grande lobo.

— Agora sim você está pronto para assumir a sua forma original e cumprir seu destino — Fílmor disse, depois uivou enquanto as cinzas se dissiparam sendo levadas com o vento.

Aidan perdeu o equilíbrio.

— E quanto a você, mãe? Quando estará pronta para assumir a sua? — ele me perguntou ansioso, com um belo sorriso no rosto.

Eu me aproximei e o abracei forte.

— Alguém pode me dizer o que está acontecendo? — Aidan praticamente implorou por uma resposta.

— Os dois morreram ao entrar no mundo dos mortos — explicou Báhlgor e Aidan ficou sem reação. — Os deuses traçaram seus destinos há muitos anos e agora chegou a vez de cumpri-los.

— Está dizendo que minha esposa e meu filho estão mortos? — franziu o semblante em pânico.

— Kyara, morta? — Arturo questionou chocado aos olhares e choros das meninas.

— São deuses agora. — Ele lhe explicou orgulhoso. — Mas ela não irá deixá-los por um bom tempo — assegurou-lhes.

— Pai. — Kai se aproximou e pegou em suas mãos. — Eu nasci para governar o mundo dos mortos e não Shadowfalls. Eu virei visitá-los — prometeu.

Aidan consentiu e ao mesmo tempo que tinha seu coração esmigalhado pela perda do filho, se orgulhava de ver quem Kai havia se tornado.

— Tenho orgulho de você, meu filho!

— E eu de você, pai! Mas preciso ir agora. Não é hoje que eu venho te buscar — ele brincou ao entrar no portal e sumir de nossas vistas.

— Tudo bem... — Aidan disse a si mesmo. — Vou precisar de um tempo para entender e aceitar tudo o que vi agora.

— Só você? — Arturo se juntou a nós e me abraçou apertado. — Como minha filha morre e não me avisa?

O momento de tensão foi tomado pelas risadas inevitáveis.

— Eu tentei, mas não tive tempo — brinquei. — Há uma guerra acontecendo lá fora! — retomei minha seriedade.

Arturo pediu a seus homens que levassem as meninas para o topo do castelo e as protegessem, mas Báhlgor, em sua forma original, o interrompeu de forma serena.

— Não vai precisar — disse Báhlgor. Seus pensamentos estavam no que ele previa acontecer e na adaga que matou seu irmão.

— A guerra acabou? — Arturo o questionou desentendido.
— Vai acabar em um instante. — Ele cerrou o olhar para mim.
— Precisamos levá-la até Christine! — Meu avô afirmou. — Não saiam daqui e estarão seguros.

Arturo consentiu ao abraçar a família e meu avô levou a mim e Aidan para o centro de Weston, onde Christine já havia desintegrado a maioria dos meus aliados. Os sobreviventes estavam com medo e erguiam as mãos em rendição, para que ela lhes poupasse a vida. A maioria eram mulheres e crianças que não conseguiram se esconder e que se misturam entre o exército de Arturo.

— Você de novo? — reclamou farta das minhas intromissões.
— Eu quem deveria fazer essa pergunta! — retruquei.
— Deveria conhecer melhor seus inimigos — zombou e Lana surgiu através de um portal.

Ela atirou uma energia contra mim, mas quando sua magia me encostou, logo se desfez em pequenas névoas que se desintegram. Eu a olhei com olhar de tédio e ela se surpreendeu por não conseguir me ferir.

— Todos esses anos em que treinou magia, você tenta me acertar com essa *fumacinha*? — zombei e ela se enfureceu.

Dei um alto rosnando e saltei para cima dela que, amedrontada, fez um portal. Ainda no ar, eu revirei os meus olhos, farta de seus portais e consegui atravessá-lo junto com ela. Eu caí em pé levemente, sem fazer barulho. Ela não havia notado que eu atravessara seu portal.

Lana tentou recuperar o fôlego, depois encarou suas mãos.

— Como foi que eu falhei? Não é possível!

— Lana? — chamei-a e ela virou-se assustada.

— Você! — Apontava o dedo enquanto andava para trás.

Caminhei majestosamente ao seu encontro. Eu teria finalmente o prazer de acabar com ela. Lana bateu contra o tronco de uma árvore e minhas mãos se iluminaram.

— Lana? — Ouvi uma voz familiar chamar por trás de mim. Então me dei conta de onde estávamos.

Era a floresta próxima ao lago de Shadowfalls e as sereias haviam pedido ajuda aos arqueiros por sentirem uma presença estranha. Senti alguém se aproximar.

— Owen! — Lana exclamou assustada ao ver o irmão. — Me ajuda! — implorou.

— Não há nada que eu possa fazer por você — ele disse decepcionado.

— Mas ela quer me matar!!!

Eu olhei para Owen, mas cessei minhas ações. Ele a amava. Não poderia matá-la diante de seus olhos, mesmo que eu ansiasse por aquele momento, mas então, as

visões dos deuses começaram a vir e eu sabia que não deveria interferir.

A árvore em que Lana se encostava era, na verdade, o tronco de um carvalho novo e uma jovem dríade surgiu dele, abraçando-a por trás. Seus longos dedos pontiagudos fincaram em sua pele e órgãos internos, rasgando-a e a fazendo sangrar até a morte.

Lana gritou e se engasgou no próprio sangue, depois caiu em espasmos até que a vida deixou seu corpo.

Foram segundos de silêncio. Owen olhava o corpo da irmã no chão, mas não esboçava muita reação.

— Você está bem? — Toquei seu ombro como forma de apoio.

— Ela teve o que merecia... — lamentou.

Eu precisava voltar e me concentrei no local onde vi Christine pela última vez, até que uma pequena luz azul e flutuante surgiu do nada.

Aquilo me tirou a concentração e antes que eu pudesse me perguntar do que se tratava, outros surgiram mais à frente, formando um caminho. Então, me dei conta de que eu também a via. Os sussurros da floresta que minha filha tanto falava, era real!

— Pelos deuses! — falei quase sem fôlego e corri por todo aquele caminho, ansiosa para ver quem estaria me aguardando.

Síndel se sentava e ria enquanto borboletas as rodeavam. Ela conversava com alguém, mas minha visão era tampada pela árvore à minha frente. Sem conseguir dar uma palavra, tamanho era o meu espanto, eu então me aproximei mais e vi a silhueta branca de uma mulher que flutuava próxima à minha filha.

Era feita de uma luz branca linda que quase cegava meus olhos e vestia um vestido de capa azul.

— Mamãe? — Síndel franziu aqueles olhos leitosos e eu só conseguia chorar ao esticar meus braços para que ela viesse.

Após correr na minha direção, ela me olhou e, mesmo feliz, parecia estranhar minha presença.

— Você está diferente, mamãe... — Ela me inspecionava.

— Diferente como? — perguntei entre soluços.

— Uma cor tão viva, mas parece estar contida. Ela pulsa forte querendo sair. Por que não a deixa sair?

— Por que eu não sei como...

Wallandra se aproximou com um brilho menos intenso.

— Desculpe-me — disse ao se comunicar por telepatia.

Sua voz terminava em ecos e era suave como uma carícia.

— Síndel gosta tanto quando eu vibro forte que me esqueci de cessá-lo quando te vi.

— Eu disse que ela era real! — gabou-se e eu não tive escolha a não ser consentir e me desculpar por não ter acreditado antes.

— Obrigada — falei humildemente à Wallandra, que mesmo sem rosto, parecia sorrir para mim.

Ela sabia o porquê de meu agradecimento. Retirar Síndel de Shadowfalls foi a melhor forma de mantê-la segura. E a única forma de me avisar, seria mandar seus filhos me guiarem até ela.



Capítulo 27

Consegui me teletransportar para o local onde Christine estava, mas me escondi. Precisava saber a hora certa de agir. Ela fez todos os rendidos se curvarem. Os soldados tremeram e as crianças choravam enquanto ela ditava as novas regras como rainha de Weston. Arturo e sua família foram capturados novamente e estavam enfileirados de joelhos, com as mãos e bocas atadas. Ela mentia dizendo o quanto Arturo a enganou e andava enganando a todos, mas claro que ninguém acreditou. Eles estavam em pânico e nada podiam fazer.

Os minotauros andavam impacientemente entre os humanos curvados no chão. Um homem tomou coragem e correu para atacar Christine desprevenidamente, mas foi pego por um dos minotauros, tendo seu pescoço quebrado ainda no ar. Ele em seguida jogou o corpo do homem no chão com brutalidade e todos gritaram aterrorizados.

Báhlgor e Ranfel então aparecem e a enfrentam, mas Christine ergueu a adaga em ameaça:

— Não sejam tolos! Lembrem-se que eu possuo uma arma capaz de matar os deuses. Já matei um — ela disse com um sorriso sarcástico e vitorioso. Báhlgor e Ranfel precisaram se render. — Convicta de sua vitória, ela faz sinal para dois minotauros.

— Eu pensei que só houvesse um único tolo capaz de me enfrentar — disse Christine apontando-lhe o cetro com a pedra.

Eles conduziram Arturo com grosseria, mas ele veio de cabeça erguida, recusando-se demonstrar medo ou derrota.

— E é claro que, para me tornar rainha, preciso matar o rei, uma vez que não preciso de ninguém reinando ao meu lado.

Ela apontou seu cetro, aos gritos desesperados de todos, mas antes que ela pudesse pensar em acertá-lo, caminhei saindo detrás da árvore.

— Christiel!

Ela cessou o raio e me olhou enfurecida.

— Christiel morreu! Pensei ter deixado isso claro!

— Você irá morrer independente do nome que diz carregar!

— Desista, Kyara! Eu tenho a pedra e posso matar todos em um segundo se você não se render.

— Por que eu me renderia para aquela que é a real culpada da morte da minha mãe?

Ela não entendeu o que eu disse e retrucou.

— Sua mãe morreu ao dar à luz a pior das criaturas!

— E ao seu pior pesadelo! Mas não é dela que estava falando e sim de Izobel!

— Só pode estar brincando! Não temos laços de sangue algum e se minha irmã tivesse realmente lhe dado à luz, eu teria matado as duas no instante em que você nasceu!

Calmamente, caminhei entre as pessoas ajoelhadas. Elas estavam aliviadas em me ver, mas temiam que Christine me matasse.

— O que está fazendo? Volte!

— Não faça isso, ela vai te matar!

Eles sussurram em desespero enquanto caminhava por eles, mas eu não parei.

Minha coragem lhe causou uma estranha insegurança.

— Eu avisei que mataria todos! — disse em ameaça.

— Você matou a sua própria irmã!

Ela me olhou sem nenhum remorso.

—E matou o meu tio também! — Eu retuquei com escárnio. — E agora ameaça minha família?

— Aquele pulgento? — Ela riu. — Não sabia que você tinha um tio peludo.

Minhas mãos se iluminam, Báhlgor e Ranfel ameaçaram a se juntar a mim.

— Não! — Eu lhes disse com autoridade. Retirei duas adagas, iluminando-as. A esquerda estava virada com a lâmina para frente, e a direita estava com lâmina para trás. — Essa luta é minha! — Cerrei meu olhar e rosnei, partindo para cima dela, que imediatamente apontou a Drakenian para mim, me acertando com seu raio.

O local foi tomado pelos gritos esganiçados de pavor.

No entanto, quando o raio me acertou, as ondulações aumentaram por todo meu corpo. Eu me inclinava contra a força daquele raio, me aproximando de Christine com dificuldade. Minha armadura então foi em partes se desintegrando, deixando minha pele exposta. Os raios que agora tocaram minha pele, também a desintegravam, formando rombos que se curavam com uma rapidez tremenda, entrando em um ciclo. Eu urrava de dor e fúria, lutando para manter as adagas em posição de ataque. Minha armadura já tinha sido praticamente dizimada e, ao contrário da pele, ela não reconstruía.

Christine se mostrava confusa e aterrorizada, fazendo um enorme esforço para manter o cetro firme. Acreditando que poderia me desintegrar de vez, ela intensificou o raio, quando eu finalmente cheguei a ela. Com a mão esquerda, parti o cetro no meio, cessando o raio por completo e, com a direita, girei meu corpo para lhe cortar a garganta. Ela jogou o corpo para trás, se desvencilhando do meu golpe e a adaga então pegou de raspão na máscara, derrubando-a também. Christine caiu na escada de entrada para o castelo.

O silêncio tomou o local por um segundo e Aidan se dirigiu a mim, retirando seu sobretudo para cobrir parte do meu corpo nu.

Sua máscara de ouro caiu, ressoando um barulho metálico e, nesse momento, todos exclamam quando seu rosto desfigurado ficou à mostra pela primeira vez. Seu lado direito já não tinha mais orelha e a maçã do rosto havia sumido. Era um buraco fundo, coberto pela pele, repleta de cicatrizes que pegava desde a bochecha até o maxilar.

As pessoas viraram o rosto em aflição. Constrangida e assustada, Christine tapou a parte deformada e eu aproveitei seu momento de distração para pegar a parte do cetro que segurava a pedra.

— Você errou, sua tola! — Ela manteve a mão no rosto, levantando-se em fúria da escada. Ela parecia mais enfurecida por eu ter-lhe derrubado a máscara do que ter sobrevivido ao seu ataque.

— A guerra acaba agora! — Ordenei com a posse de Drakenian em mãos, erguendo-a para mostrar aos inimigos. — Rendam-se e entreguem suas armas ou matarei todos vocês! — Os olhos de Christine quase saltaram de pavor.

Inimigos foram forçados a jogar as armas no chão e erguerem as mãos em rendição, enquanto os elfos, magos e centauros, se aproximavam deles em ameaças para não tentarem nada.

— E quanto a você, suas maldades finalmente acabam aqui — eu lhe disse, enquanto todos a fitavam ainda em choque.

— Vamos, acabe logo com isso! — Christine insistia impaciente, recusando-se a demonstrar derrota.

Um feixe de luz vermelha cortou o ar e dele abriu-se um portal, por onde meu filho em forma de lobo surgiu. As pessoas se curvaram em respeito, fazendo os inimigos se curvarem também. O portal então se fechou em seguida.

Kai olhou para Christine e eu soube que ele queria fazer algo. Ele então permitiu uma determinada visão para todos ali presentes. A exclamação coletiva e os berros de pavor foram inevitáveis.

— Você já fez sua parte, mãe. Agora sou eu o responsável por ela — ele disse respeitosamente e eu o olhei como se fizéssemos um acordo. Acordo este que teria inevitavelmente uma última ação minha.

Christine estava confusa pelo o que via. Ela olhou para mim em busca de uma resposta e eu a ignorei. Quando ela voltou seu olhar para ele, Kai já havia se transformado em humano e, pelo visto, gostara da ideia de seu tio avô, pois trazia a mesma foice consigo.

Apavorada, Christine criou um escudo com a mão livre e Kai o atravessou como se o escudo não existisse, fazendo-o cessar instantaneamente.

Ele a abraçou e ela o empurrou para longe.

— Quem é você? Como ousa me abraçar? — perguntou enojada, ainda mantendo a mão no rosto.

— Gosto de dar boas-vindas àqueles que chegam ao meu mundo — respondeu cordialmente.

Ela franziu o olhar, completamente confusa.

— Lembra de mim? — Ele se transformou em criança novamente e toda Weston e Shadowfalls exclamou impressionados ao verem Kai. — E daquele lugar? — Abriu um portal que levava direto ao labirinto. — Você se lembra? — perguntou amargamente.

Pela primeira vez, Christine se apavorou, e mesmo sabendo que não seria páreo para nós, ela tentou lutar para se defender. A energia verde começava a surgir em torno de sua mão livre e, com raiva, intensificou os raios mandados contra o meu filho. Os raios acertavam nele, resvalavam e voltavam contra ela, fazendo-a cair novamente, largando o rosto por um segundo.

— Você não pode me levar, imbecil! Eu sequer estou morta! — Se vangloriava ao se levantar rapidamente, insistindo em tapar o rosto.

Ele a olhou com sarcasmo e apontou com a cabeça para a escada onde ela caiu a primeira vez.

Christine se virou e exclamou aterrorizada quando viu seu corpo de garganta cortada. Sangue jorrava para os degraus, formando uma enorme e densa poça, enquanto seu corpo se retorcia em espasmos.

— Tecnicamente você não está totalmente morta, mas como sou um cavalheiro, aguardo pacientemente seu corpo dar o último espasmo antes de te levar.

— E depois a tola sou eu. — Olhei-a amargamente.

— Você não sabia que estava morta quando entrou no mundo dos mortos — Kai cerrou o olhar em brincadeira.

— Verdade — concordei em tom amargo.

Mais almas saíram do portal como espectros de sombras hostis e começam a querer cercá-la.

— Ainda não! — eu disse. — Preciso fazer algo antes.

Kai consentiu e as almas aguardaram enquanto eu me aproximava de Christine.

— Ajude-me, por favor — ela implorou em sussurro.

Eu me abaixei carinhosamente e acariciei seu rosto do lado esquerdo, o lado que não estava deformado. Meus movimentos suaves se tornam intensos quando eu finalmente posicionei a palma da minha mão em sua testa, pegando-a de surpresa. Então eu comecei a lhe transmitir toda a visão do mundo dos mortos, o que ela iria enfrentar, as dores que sentiria e os locais onde ela ficaria presa pela eternidade.

Quando eu calmamente retirei minha mão, Christine ficou tão paralisada pelo pânico que não conseguiu esboçar uma só palavra. As almas então se aproximaram e a cercaram novamente. Ela então começou a urrar de pavor, implorando para não ser levada.

O que eu propositalmente não lhe passei, foi que todas as almas que iam para o labirinto assumiam a forma original, o que estava longe de se assimilar com seu corpo físico. Feixes de luzes vermelhas abriram sua alma e quebraram-na como se fosse uma casca. No chão, ela gritava e se contorcia desesperadamente, enquanto sua alma assumia a forma original: Uma pele ressecada e esquelética. Seu rosto se deformou por completo e a força invisível começou a querer sugá-la para dentro.

Kai pediu que as almas não a tocassem e os espectros então abriram caminho.

Nossa última visão de Christine foi o pavor em seu rosto ao tocá-lo e perceber que não era mais o mesmo, assim como ela fez ao olhar seus braços e mãos, enquanto era sugada para dentro do labirinto. Ela enfim gritou pela última vez, aterrorizada como eu jamais imaginaria que ela pudesse ficar. Então as almas entraram, cercando-a dentro do labirinto e o portal bruscamente se fechou.

Eu ainda escutava seus gritos de dor eterna, sabendo que ela iria sentir.

Por um segundo houve alívio pela morte de Christine, sabendo que agora haveria paz em nossos lares. Nossos povos comemoram e agradeceram a mim e a Kai.

— Ainda estou me acostumando com o fato de ter um filho Deus, reinando seu próprio mundo — disse orgulhosa.

Aidan se aproximou e nós três nos abraçamos carinhosamente. Todos estavam confusos, mas se antes perguntavam se eu conseguira trazer Kai de volta, agora já sabiam da verdade. Para não haver dúvidas, consegui passar a todos um resumo em suas mentes, de tudo o que aconteceu no labirinto. As visões não só ajudaram a todos entender, como também fez bem à Aidan que ainda relutava em aceitar não poder ter o filho por perto. Ele agora entendia o real destino de Kai.

Todos estavam felizes e agradecidos, mas Kai parecia ainda ter assuntos pendentes.

— Eu ainda não acabei — disse deixando todos receosos.

Em silêncio, ele caminhou entre as pessoas e quando passava próximo aos inimigos, eles se contorciam caindo mortos. Porém, havia outros grupos de inimigos que não caíram diante de Kai.

Ele então se juntou a mim e a Aidan novamente e virou-se para todos.

— Os mortos serão levados, pois eu sei que eles jamais se arrependeriam. Mas vocês, os quais eu permiti permanecerem de pé, só estavam seguindo ordens.

Os inimigos estavam prestes a comemorar, mas Kai aguardou pacientemente que se calassem.

— Não comemorem tão cedo, pois estarei aguardando vocês quando a hora chegar. Basta apenas escolherem se querem sofrer eternamente como sua comandante ou se querem se juntar ao meu exército. Suas ações daqui para frente determinarão seu futuro pós morte.

— Nem tudo é um trabalho fácil, ser o deus da morte também pode ser doloroso pelas almas boas que preciso levar — lamentou. — Christine não foi a única que eu vim buscar.

Os olhares de Kai e Arturo se cruzaram e um silêncio quase mortal nos fez prender o fôlego. Aos poucos os soluços das lamúrias tomaram o local. Arturo consentiu em aceitar sua morte, mas seus filhos relutaram. Eles abraçaram o pai aos prantos e até eu fiquei surpresa, principalmente quando vi meu filho parar à sua frente e apertar seu ombro para lhes dar força.

— O abraço que vim te dar é apenas de saudades. Não chegou sua hora ainda... — ele disse e todos respiraram aliviados e surpresos, enquanto Arturo abraçou meu filho emocionado.

Kai continuou a caminhar e eu e Aidan nos entreolhamos e começamos a segui-lo. Não fomos os únicos. Uma multidão se formou atrás de nós, a fim de saber onde ele nos levaria. Tamanha foi nossa surpresa quando Kai passou perto dos corpos sem vida, fazendo os espíritos dos mortos se erguerem de seus corpos, caminhando então em direção a ele. Havia cinzas espalhadas no chão, daqueles incinerados por Christine e elas se juntaram novamente, trazendo de volta aqueles que morreram pela pedra.

Kai parou um momento e virou-se para as almas que estavam visivelmente confusas. Ele lhes disse algo, mas eu não consegui escutar, porque alguém se aproximou de mim.

— Quem diria, hein? Kai agora é o Deus do mundo dos mortos — ele disse andando ao meu lado.

— Olá, Odo — eu disse amigavelmente.

— Sempre duvidei da existência desse lugar.

— E eu que sequer sabia de sua existência... — disse enquanto continuamos caminhando.

— Você esteve lá, não é? — perguntou sereno.

— Infelizmente. — Suspirei.

Dois portais se abriram. Um mostrava o labirinto e os inimigos mortos que ainda estavam conosco, imediatamente eles foram sugados aos gritos, enquanto os aliados

seguiram estupefatos para dentro do outro portal onde ninguém vivo conseguiu enxergar o que tinha lá. Mas eu sim. Cada um vendo seus sonhos se materializando e chamando por eles.

Odo e eu olhamos atentamente enquanto os inimigos continuavam sendo sugados.

— Como deve ser o outro lado? O bom — ele perguntou e eu ergui o ombro até finalmente entender o que estava acontecendo.

— Odo... — falei com lágrimas nos olhos.

— Foi uma honra servi-la em meus últimos anos de vida, Kyara.

Não consegui evitar as lágrimas. Ele consentiu para mim em respeito antes de se virar para entrar no mundo em que sempre sonhou.

Emocionado, Aidan pegou em minha mão em apoio. Era duro ver alguém como ele partir, mas estava feliz por ele ser finalmente recompensado pelos anos de condições sub-humanas em Arnhem. O que esperava por ele, nem Shadowfalls poderia proporcionar. Odo se virou para nós pela última vez.

— Diga a Margreet que esperarei por ela.

Ele então se virou para o portal novamente e deu um último suspiro de felicidade, antes de dar o primeiro passo e desaparecer.

Já não havia mais nenhuma alma a ser levada, foi o que pensei, até notar que Kai continuava a caminhar entre nós, e o portal do lado bom que ainda estava aberto, parecia nos seguir. Dele, saiu um homem que vestia armadura antiga, tinha barba bem-feita e longos cabelos lisos presos em um rabo baixo. Seus olhos verdes brilhavam como uma joia rara, tamanha era sua ansiedade por vir buscar aquela alma que lhe fizera sentir saudades por tantos anos. Ele e Kai seguiram uma trilha mais afastada.

No final daquela trilha, havia duas criaturas que eu não queria ver. Meu coração apertou.

Margreet estava em sua forma humana e chorava copiosamente ao lado do corpo de Dunkan. Fraco, ele dava seus últimos suspiros.

O homem então se aproximou e abaixou perto dele, tocando seu rosto com afeto.

Emocionado, Dunkan arregalou os olhos e reuniu as forças em um sussurro final:

— Richard...

Em lágrimas, Richard curvou o corpo em sua direção, beijando-o nos lábios ainda feris.

O corpo de fera permaneceu ali, mas, de dentro dele, o espírito de Dunkan se ergueu em forma humana, sendo tomando pelas mãos daquele que o amava. Os dois tocaram as testas, enquanto choravam, emocionados pelo reencontro. A cena levou todos nós às lágrimas.

Duncan era tão bonito. Olhos e longos cabelos negros e uma barba grossa que lhe dava um charme especial. Ele nos olhou e havia dor em seus olhos pela partida, mas ao mesmo tempo, não poderia estar mais radiante por ter finalmente se reencontrado com o amor de sua vida.

— Está na hora — Richard encorajou com a voz falha.

Então, Duncan nos olhou sorrindo pela última vez e os dois começaram a andar de mãos dadas em direção ao portal.

— Não! — Margreet implorou.

Duncan virou-se para ela com carinho.

— O que vou fazer sem você? — Ela se debulhava em lágrimas. — Você foi o pai que nunca tive!

Duncan se emocionou com suas palavras.

— Leve-me junto, se for o caso, mas não tira meu pai de mim! — implorava a Kai e ele lamentou, sentindo sua dor.

— Lamento, Margreet. — Kai respondeu com o coração partido. — Sua hora ainda não chegou.

— Odo também morreu hoje. Se você for embora, eu ficarei sozinha. — Chorava enquanto Duncan a acolhia em seus braços.

— Você jamais estará sozinha... — ele disse afetuoso e ela então olhou para os dois enormes clãs de Terianos que passavam por nós e se alinhavam à sua frente.

— Sua astúcia e força a tornou alvo de admiração entre todos nós e, hoje, lutou com a bravura de uma fera adulta.

O clã então se curvou perante a ela e Duncan lhe deu o último abraço.

— Cuide de seu clã, como a líder que nasceu para ser. — Encorajou, depois pegou na mão de Richard novamente e os dois seguiram para o portal.

Eu puxei os gritos de comemoração e, entre lágrimas pelas perdas que tivemos, nossas conquistas nos deram a força para finalmente seguir em frente sem medo. Enfim, todas as mortes foram vingadas e a paz reinou finalmente entre os povos.

Weston estava esfumaçada e cercada de morte. Viúvas e órfãos choravam próximos aos corpos que ainda não haviam sido levados para a grande pilha. Arturo estava visivelmente arrasado pelo o que acabara de acontecer ao seu povo e pedia que todos se reunissem à noite para a cerimônia de cremação em homenagem aos bravos guerreiros que morreram defendendo suas famílias. Ele discursava lindas palavras, enquanto prometia mais melhorias e segurança para seu povo. Arturo era um homem bom, o melhor rei que Weston poderia ter. O povo de Shadowfalls ouvia seu discurso junto ao povo de Weston, em respeito e por nos mostrarmos solidários a cada sangue derramado.

Por fim, acabamos ajudando no que podíamos e eu fui levada a um grupo onde os gravemente feridos aguardavam minha cura, coisa que eu fiz em segundos, pois já

era imortal.

Não posso dizer que já estava acostumada com o fato de ter perdido minha mortalidade, porque tirando o fato de que eu poderia curar as pessoas mais rapidamente, não me sentia diferente. Eu ainda era rainha do meu povo e uma mãe que acabara de ter o filho afastado de si.

Aidan estava orgulhoso por Kai, mas passado o momento na calmaria do pós-guerra, ele sentiu a falta do filho novamente. Conversamos durante um bom tempo e me dispus a repassar em sua mente toda a verdade por quantas vezes ele achasse necessário, até que compreendesse a importância do destino de Kai. Se já era difícil para mim entender, imagina para um mortal. Mas Aidan acabou entendendo e se tranquilizou ainda mais quando eu prometi que não ia deixá-lo. Eu era esposa, rainha e mãe antes de tudo, e imortalidade alguma me faria abandonar minha família.



Capítulo 28

Os povos de Weston e Shadowfalls abriam caminho para Tartus e Bravan, enquanto traziam o rei dos minotauros aprisionado. Ele estava com as mãos amarradas para trás e inúmeros centauros tapavam sua retaguarda o ameaçando com lanças de pontas afiadas.

Eu estava ao lado de Thalana e Arturo. Ele tinha sangue nos olhos diante do prisioneiro, mas, estranhamente, Thalana estava calma diante de um inimigo. Um inimigo que ela sequer sabia que havia naquela espécie que por anos foram vizinhos.

Tartus bateu com o cabo da lança na parte posterior de sua pata, fazendo-o perder o equilíbrio e caindo de joelhos. Ele mugiu alto e se levantou em seguida.

— Um rei não se ajoelha! — protestou.

— Você está diante de um rei e duas rainhas! E uma delas é a nossa! — advertiu Bravan em ameaça.

— Não falarei ajoelhado! — O rei dos minotauros fitou-os de forma a não se sentir intimidado com suas palavras.

Devo admitir que sua coragem me fez respeitá-lo. Os centauros rosnaram em desaprovação diante de sua petulância, mas pararam quando Thalana lhes fez um gesto gentil para pedir silêncio.

— Eu respeito sua decisão, majestade — ela disse em tom respeitoso. — Mas queremos saber o motivo que fez seu povo nos atacar.

— Meu povo atacar? — Ele se enfureceu. — Vocês atacaram covardemente nossas crianças! — Defendeu-se com fervor.

Thalana, eu e Arturo prendemos o fôlego surpresos e os centauros rosnaram e protestaram por serem acusados injustamente de tamanha crueldade.

— Crianças? — perguntei.

— Sim, crianças que saíram das nossas cavernas pela primeira vez!

— Somos vizinhos há anos e nunca nossos povos se atacaram. Sequer cogitamos essa possibilidade.

— Ou sequer acreditamos que vocês fariam o mesmo! — disse Tartus apertando a lança em suas mãos, insistindo na ideia de que foram os minotauros quem começaram.

— Como explicam nossas crianças e batedores mortos? — falou amargamente.

Thalana não conseguia alcançar a deusa Shai para tirar-lhe a dúvida, mas eu sabia que ele, assim como os centauros, falava a verdade sobre não terem começado os ataques. O clima ficou tenso porque ambas as espécies estavam culpando umas às outras.

Um corvo negro segundos depois chegou e pousou no meu ombro.

— Pai? — perguntei e todos me olharam estranho.

— Você já sabe a verdade sobre os dois povos, mas precisa se concentrar e passar para eles aquilo que realmente aconteceu.

— Mas eu não consigo por vontade própria!

— Você conseguiu mostrar a todos o que houve com Kai.

— Foi diferente. Eu estava lá.

— Teria conseguido mesmo que não tivesse presenciado nada daquilo. Você tem esse dom agora, Kyara. Só precisa saber usá-lo. Concentre-se. — Encorajou-me e todos fizeram silêncio, inclusive o rei dos minotauros. Ele era o que mais parecia querer saber da verdade.

Eu me aproximei daquela criatura amarrada e ele, para o meu espanto, não demonstrou hostilidade.

— Qual é o seu nome? — perguntei de forma gentil.

— Míron — respondeu calmamente.

— Chamo-me Kyara.

Ele consentiu.

Toquei seu braço e sua respiração parecia tensa. Ele não me temia, mas estava ansioso em saber o que eu poderia fazer para descobrir o que de fato aconteceu.

Thalana tocou minhas costas e eu me concentrei. As imagens eram falhas, mas eu ouvia risadas de crianças e, ao me concentrar nelas, as imagens ficaram constantes. A verdade começou a passar como um filme em minha mente e eu mentalizei para que todos pudessem ver o mesmo.

Christine, Lana e outras magas abriam um portal onde seria a divisa de ambos os territórios.

— Se conseguirmos fazer com que os minotauros acreditem que os centauros lhes atacaram, eles lutarão ao nosso lado para se vingar! — dizia com orgulho de seu plano cruel e maquiavélico.

— Mas como vamos fazer isso? Eles são muito fortes! — Lana perguntou receosa.

— Ora, querida, se esqueceu com quem está lidando? — Ela ergueu a mão no ar e o cetro com Drakenian na ponta se materializou em suas mãos.

Lana riu e se exaltou empolgada.

— Você vai matar todos? — ela perguntou.

Havia um brilho em seu olhar, como se ansiasse por um massacre. Lana havia sido completamente corrompida pela maldade.

— Calma, querida! Precisamos começar aos poucos.

Lana ia falar algo, mas Christine pediu silêncio com o dedo indicador ao ouvir risadas de crianças. Christine então usou magia para que ficassem invisíveis.

— Ottha, onde você vai? — Uma criança minotauro surgiu, correndo atrás de outra que gargalhava, saltitando.

— Dágum, venha!!! — Ela o encorajava!

— Eles pediram para não nos afastarmos muito!

— Mas eles também disseram que os centauros não são inimigos!

— Não estou preocupado com os centauros — disfarçava a voz, escondendo temer outra coisa.

— Então o quê? — Ottha pôs as mãos na cintura, a fim de descobrir do que ele temia.

Dágum então baixou a cabeça.

— Está com medo de se perder? — Ela riu.

— Não!! Eu sei o caminho de casa, sua boba! — Defendeu-se enquanto a irmã o rodeava saltitando e rindo.

— Não seja bobo, Dágum! Eu sei voltar para casa e papai me garantiu que não há perigo algum!

Christine e Lana fixaram o olhar nas crianças de dentro da bolha.

— Crianças são tão irritantes! — Lana resmungou.

Christine pediu silêncio.

— Você ouviu isso? — Dágum se assustou.

— Não ouvi nada. — Ottha deu de ombros.

— Ottha, eu juro que ouvi algo. — Segurou nos braços da irmã.

— Você está ouvindo demais! Olha, não tem ninguém aqui além de nós!

Os arbustos se mexeram e dele, saiu uma jovem centauride. As crianças se assustam a princípio, mas depois se olharam curiosas.

— Oi... — A centauride disse timidamente.

— Oi! — respondeu Ottha com um sorriso. Dágum se escondeu atrás da irmã.

— Nunca vi crianças minotauros antes. — A centauride sorriu.

— E nós nunca vimos centauros. Nem adultos.

— Estão saindo da caverna pela primeira vez? Há mais crianças por lá? — perguntou curiosa.

— Sim. Há bastante crianças!

— Ottha! — Dágum advertiu e ela revirou os olhos.

— Esse é o meu irmão! O minotauro mais medroso que eu conheço. — Ela brincou. — Me chamo Ottha.

— Eu sou Shitra. — Ela finalmente se apresentou. — Não vou machucar vocês — garantiu e Dágum, aos poucos, saiu detrás da irmã.

Os três então se sentaram para conversar.

— É verdade que vocês moram em cavernas abaixo de grandes montanhas e há um enorme labirinto onde só vocês conseguem andar sem se perder? É verdade que guardam tesouros e que todos que tentam pegá-los se perdem e morrem no labirinto? — Shitra perguntava com os olhos brilhando. — Não se preocupem, centauros não ligam para tesouros.

Eles deram risada e Ottha confirmou.

— Como sabe tanto sobre nós? — Dágum perguntou surpreso.

— Meus pais sempre falaram dos minotauros e eu sempre quis conhecê-los, mas disseram que vocês não gostam muito de outras espécies.

— Meu pai sempre me disse que devemos ter cuidado, mas nunca nos falaram para temê-los.

— Por isso vocês quase não saem das cavernas?

Ottha confirmou com um gesto positivo de cabeça.

— Mas nosso pai nos deixou sair! — Dágum agora parecia feliz com a nova amiga.

— Então agora que saíram, podiam explicar a eles que não há perigo e, assim, poderíamos brincar mais vezes.

Os três conversaram e brincaram, mas o véu da deusa Yuim começou a querer cobrir o céu.

Eles precisavam voltar e Shitra então se despediu. Os três prometeram se encontrar no dia seguinte e todos voltaram para casa.

— Estamos há horas dentro dessa bolha ouvindo essas baboseiras. Diga-me que tem um plano que tenha valido a pena esse tempo perdido. — Lana fixou o olhar de ódio nas crianças que se afastaram.

— Viu, seu bobo, como eu disse que não tinha perigo? — Ottha brincou com o irmão que sorriu ao perceber que se assustou à toa.

Ele pegou fôlego para responder, mas sentiu um ardor na costela. Ele encarou-a e viu um raio verde o cortando. Um corte profundo e doloroso. O sangue jorrava, formando uma densa e grossa poça, enquanto ele cambaleava com as mãos próximas aos ferimentos.

— DÁGUM!!! — A irmã gritou em desespero, enquanto o irmão era cortado ao meio.

— Fuja... — ele disse em meio a dor aguda, antes de seu último suspiro, caindo morto em dois pedaços.

Ottha correu gritando por socorro, mas outro raio a atingiu pelas costas fazendo-a cair morta.

— Agora é só esperar. — Cristine se materializou com Lana.

As duas olhavam sem compaixão para os corpos das crianças. As magas apareciam em um largo grupo, mas eu reconheci uma delas. Sórum estava visivelmente afetada com a visão que acabara de ter. Ela lamentava, mas nada podia dizer.

— E agora? — Lana indagou impaciente, pois a morte de duas crianças não lhe eram suficientes. Ela ansiava sangue, muito mais do que acabara de ter.

— Tudo a seu tempo... — Cristine garantiu calmamente.

As duas caminharam para perto do território dos centauros e se esconderam atrás de uma rocha, ao perceberem um centauro voltando da caça. Ele fora covardemente morto por trás, sem nem desconfiar de quem o matou. O raio de Christine não deixou marcas no centauro. As magas então se aproximaram e pegaram sua lança.

Uma delas levou a arma para perto do corpo das crianças e, não satisfeita, Christine covardemente fincou-a nas costas do corpo sem vida de Ottha e a deixou lá. Lana enfim deu um sorriso satisfeito.

Em seguida escutaram uma voz chamar os nomes das crianças, ficando invisíveis novamente.

Míron apareceu com uns de seus homens e este caiu desconsertado próximo ao corpo da menina. Um outro minotauro encontrou o corpo de Dágum mais afastado e Míron gritou de pavor.

Ele então retirou a arma fincada nas costas de Ottha e a inspecionou. Ele bufou forte ao descobrir a quem aquela lança pertencia.

— Não pode ser! — resmungou espantado.

— Por que eles fariam isso? — Um dos minotauros perguntou incrédulo.

— Eu não sei, mas os centauros irão pagar muito caro pelo o que fizeram! — Míron prometeu rangendo os dentes.

Todos estavam chocados, pois nunca imaginaram que os centauros fossem capazes disso. Um deles então lembrou-se e mencionou o grupo de mulheres e crianças mortas pelos antigos homens de Weston, na primeira guerra. A notícia foi tão chocante na época que até os minotauros se sensibilizaram e, por isso, custaram a acreditar no motivo pelo qual os centauros cometeriam o mesmo ato tão impiedoso e cruel. Ainda mais com eles que nunca lhes fizeram mal.

Christine, contudo, não se deu por satisfeita.

Ela analisou toda aquela cena sem a mínima compaixão, em sua mente perversa ela já possuía um plano arquitetado. O grupo de minotauros voltou inconsolável para as cavernas, com os corpos das crianças em seus braços e, por meio de magia, os dois últimos foram pegos.

As magas os silenciaram e os ergueram no ar. Eles se debatiam tentando gritar e gesticulavam insistentemente de forma que os outros pudessem perceber e os ajudar, mas foi em vão.

— Vai quebrar os pescoços deles? — Uma das magas perguntou sem a mínima compaixão em tirar vidas inocentes.

— Não, querida. Eles precisam estar inteiros. — Virou o pescoço levemente na vertical, pensando em como matá-los.

— Irei sufocá-los! — ela disse calmamente enquanto eles relutavam e erguiam os braços por ajuda, ao receber os raios de Drakenian.

Os dois corpos ainda no ar pararam de se mexer, depois caíram bruscamente no chão, quando Christine cessou a magia sobre eles.

Ela encarou Drakenian no topo do cetro e sorriu com o que a pedra pôde fazer.

Em outra cena, surgiu Cristine, ela estava em posse das armas dos Minotauros que acabara de matar e fincou-as no corpo do centauro que voltava da caça. Arquitetando mais uma vez um ataque inimigo.

Os dias foram se passando, Shitra chorava sem entender as mortes dos centauros pela espécie que ela acreditava ter feito amizade, principalmente por um dos mortos ser seu pai. Christine e as magas matavam ambas as espécies com magia, depois faziam cortes nos corpos com as armas um dos outros, as jogando próximas aos corpos. E assim, todos acreditaram em uma briga entre as espécies, onde ambas as espécies foram mortas por um inimigo que jamais imaginariam.

— Isso era mesmo necessário? — comentou Sórum tentando disfarçar o quanto lamentava. — Você já tem a pedra!

— Ora, e por que não tentar facilitar ainda mais o nosso lado? Centauros são aliados das espécies que os minotauros mais odeiam. Humanos!

— Mas nós somos humanas também. O que te faz pensar que eles se aliariam a nós?

— Tudo vale a pena quando se tem sede de vingança, querida Sórum. Pensei que já soubesse disso. — Christine lhe deu um olhar ríspido e suspeito.

— Essa daí vai nos causar problemas — Lana sussurrou e Christine concordou.

Dias depois, Christine e Míron estavam frente a frente. Ela chorava com as mãos ao peito, fingindo estar abalada.

— Eu lamento que tenhamos chegado a esse ponto, mas a culpa é de Weston! O rei mentiu para todos e os centauros se aliaram a eles e não a vocês! — Fingiu estar perplexa. — Sei que somos rivais, mas até eu, uma HUMANA, seria incapaz de

fazer qualquer mal à suas crianças! — Jurava. — Mas os centauros? Quando foi que vocês se tornaram inimigos? Que motivo seria justificável para eles cometerem essa atrocidade? Ajude-me a lutar contra eles e eu os ajudarei a vingar cada responsável pela morte da sua espécie! — prometeu.

Míron relutou em se aliar, mas depois concordou, selando a aliança que ele jamais esperou fazer e pelo motivo que ele mais temia.

Pensei que as visões cessariam ali, mas depois vi Christine roubando os ovos das Harpias e culpando Weston por isso. Em desespero, aquelas mulheres metade humanas, metade pássaros se enfureceram e buscaram vingança. Christine dizia que o povo de Weston roubara os ovos para garantirem alimentos à sua família, uma vez que o rei os fazia passar fome.

Depois, ela prometeu riqueza aos trolls, mas percebeu que bastava apenas dizer que eles lutariam contra os centauros e aquelas criaturas logo aceitaram, mesmo que sem interesse monetário.

Um clarão de luz então estourou como um *flash*. Todos fizeram silêncio por um tempo. Estavam chocados e não conseguiram dar uma palavra sequer.

Então, Míron cortou o silêncio com suas lágrimas.

— Eram meus filhos — comentou com pesar.

Bravan gentilmente soltou suas mãos acorrentadas e Míron as levou para frente de sua visão, massageando seus punhos.

— Quatro das crianças mortas pelo antigo povo de Weston eram minhas filhas — ele disse ao apertar o ombro de Míron em solidariedade. — E minha esposa também morreu naquele dia.

Míron também tocou o ombro de Bravan e os dois consentiram em respeito à dor um do outro.

— Em nome do meu povo, lamento profundamente as mortes inocentes e peço desculpas ao mal-entendido que nos fez atacar vocês. — Tocou o peito com respeito e inclinou seu corpo levemente na direção de Thalana e centauros.

Todos o saudaram em respeito e se desculparam pelas mortes inocentes, principalmente das crianças.

— Está livre para voltar ao seu povo e contar a verdade a nosso respeito. Não quero minha espécie difamada por tamanhas mentiras — Thalana pediu polidamente.

— Garanto a vocês que todos saberão da verdade e não haverá ódio algum pelos centauros — ele garantiu.

— Como irão acreditar em você? — Tartus perguntou. — Não acreditarão que você apenas conseguiu fugir?

— Primeiramente, ninguém conseguiria escapar de vocês. Reconhecemos a bravura dos centauros, tanto quanto sua inteligência. Mas irão acreditar em mim,

porque eu sou o rei e nenhum rei minotauro foge ou mente para seu povo!

— Ele diz a verdade — falei, comprovando a veracidade de suas palavras.

Meu pai não é um mago, mas como Deus, ele abriu uma espécie de portal que dava para as proximidades de entrada de suas cavernas.

Os minotauros que estavam do outro lado se juntaram em defesa, prontos para atacar, mas relaxaram afrouxando suas armas quando viram seu rei, sem nenhum arranhão, pedir em um gesto que se acalmassem.

— Pode ir, majestade — eu disse humildemente. — E eu proponho uma aliança entre nossos povos.

Os minotauros se juntaram em grandes grupos do outro lado, aguardando uma resposta.

— E nós, minotauros, humildemente recusamos — disse de forma simples e objetiva.

O espanto foi geral, pois não esperávamos uma resposta assim.

— Não foi Shadowfalls quem lhe atacou. — O lembrei de forma gentil.

— Nem os centauros — Thalana afirmou no mesmo tom.

— Mas foram os humanos! — lembrou e, nessa hora, deu um rápido olhar a Arturo, que se ofendeu.

— Meu povo jamais lhe atacaria! — ele respondeu em defesa de Weston. — E pelo o que eu me lembre, vocês nos atacaram!

— Não sou mais humana. E mesmo quando ainda era mortal, era metade elfo.

— Reconheço. No entanto, uma aliança com os centauros implicaria em uma aliança com Shadowfalls e Weston, e há humanos lá. Meus filhos foram mortos covardemente pelas mãos dos humanos e eu não posso permitir que isso aconteça com outras famílias — ele respondeu de forma polida.

Houve um leve constrangimento em suas palavras e eu não consegui evitar me enraivecer pelo o que acabara de ouvir, contudo, como mãe, eu não podia discordar de tudo o que ele dizia. Ele era um rei que amava e prezava pela segurança de seu povo. Talvez, se eu estivesse em seu lugar, não faria diferente.

Tartus então rosnou para ele e eu segurei seu braço.

— Não temos problemas com vocês — Míron disse a Tartus. — Não podemos criar uma aliança, mas não significa que seremos inimigos.

— Espero que entenda que meu povo jamais lhe faria mal algum — eu disse em defesa de Shadowfalls e Arturo o mesmo quanto a Weston. Míron consentiu, mas não queria arriscar.

— Jamais lhe atacaremos — ele disse a todos. — São livres para andar por perto de nosso território se quiserem, mas não lutaremos a sua guerra se ela vier a acontecer — o rei advertiu.

— Adeus, Míron. — Eu consenti com a cabeça.

Ele retribui o gesto e entrou no portal, que se fechou após sua passagem enquanto seu povo o recebia feliz pelo seu bem-estar.

— Você está bem? — Thalana se mostrou preocupada.

— Estou... Não posso culpá-lo. Eu mesma não gostava de humanos quando ainda era metade deles. — Dei de ombros.

— Pois eu lamento — ela disse com pesar. — Ele é uma boa criatura, muito íntegro e respeitado pelo seu povo, seria benéfico para todos se pudéssemos nos unir.

— Concordo — lamentei.



Capítulo 29

Estávamos de volta a Shadowfalls e Margreet ainda estava tentando assimilar tudo o que vira. Ela se sentou próxima a pedra de Richard, o local onde por anos foi o favorito de Dunkan, que ia para matar as saudades do companheiro. A pedra se tornara o local onde ia para matar saudades daquele que foi como um pai para ela.

— Sei como se sente. — Apertei sua mão em apoio. — É assustador no início, mas você se acostuma.

— Não tenho medo de liderar, mas sim de fazer isso sozinha.

— Você não está sozinha, Margreet.

Ela limpou as lágrimas em silêncio.

— Fílmor, antigo Deus do reino dos mortos, me disse que as almas costumavam ser dizimadas quando alguém morria, mas agora, pessoas como Dunkan e Richard podem se encontrar e ficar juntos pela eternidade. Sei que é difícil deixar alguém ir.

— Minhas lembranças remeteram a Grand e as lágrimas surgiram. — Perdi pessoas que amei, mas ao menos sei que estão bem em um lugar longe daqui.

Ela suspirou e me olhou esperançosa.

— A perda de Dunkan, Odo e muitos outros serão sempre sentidas, mas ao menos temos como consolo que nenhum sangue inocente será derramado novamente. Estamos em paz agora.

— Não diria isso ainda. — Meu pai e avô surgiram em sua forma original e meu povo se juntou assustado para ouvi-los.

Eles garantiram que não haveria outra guerra, mas sim um assunto a ser resolvido com os dragões. Seguimos então os três para o conselho, onde meu avô mostrava urgência em chegar.

Ságron e os outros aguardavam saber o motivo desagradável de nossa visita, desagradável pelo semblante nem um pouco satisfeito de meu avô. Eu deveria saber do que se tratava, mas, talvez, pela minha imortalidade repentina, os deuses demorassem um pouco mais a falar comigo.

— Vocês foram traídos! — Meu avô disparou sem cautela.

O conselho, assim como eu ficaram chocados. Ságron logo se enfureceu ao ouvir suas palavras.

— Como ousa acusar meu povo de traição? — Fumaças densas saíram de suas narinas em ameaça, mas meu avô se manteve firme.

Os dragões se olhavam e Ocshantra comentou algo a Khoma que também parecia confuso.

— Responda-me! — ordenou aquele gigantesco Dragão negro. Ele estava tão enfurecido que suas escamas pareciam brilhar.

Apertei o braço do meu avô para que ele falasse e, então, ele pegou a adaga que matou seu irmão e a jogou no chão com grosseria.

Os olhos surpresos fitaram a arma que caiu e ressoou um som metálico.

Khadra levantou voo do topo de seu cristal e voou em direção a adaga para inspecioná-la de perto. Ela em seguida olhou para Ságron e consentiu.

— Há algo que você deve saber, Kyara — disse meu avô sem tirar os olhos de Ságron em acusação. — Os deuses e dragões têm os mesmos criadores. Fomos os primeiros a serem criados para manter a paz no mundo e, no entanto, podemos cobiçar aquilo que não temos direito e, com isso, colocaríamos em risco milhares de destinos já criados. Por isso, os deuses não conseguem se matar, ou muitos teriam sido mortos no passado. Mas os dragões foram criados para serem mais evoluídos e somente eles determinam a morte de um Deus se esse apresentar perigo. Ou seja, somente um dragão pode forjar uma arma capaz de matar um de nós. E meu irmão foi morto injustamente! — Ele esbravejou em acusação.

— NÓS NUNCA MATAMOS UM DEUS! — esbravejou Ságron em defesa, não somente do conselho, mas também de sua espécie.

— Nos foi dado o poder de forjar essas armas, mas recebemos isso como um fardo e não com orgulho. Por anos, nossos mais antigos mestres lamentaram ter de tomar tais atitudes e quando o primeiro Deus deu indícios de traição, surgiu a mais importante e respeitada regra entre nossa espécie — Ocshantra falou.

— Não podíamos matar um Deus! Uma vez que eles nos dão visões mais avançadas dos destinos que eles traçam e nos permitem passar adiante se necessário. Consideramos errado sermos capazes de tirar-lhes a vida — Khadra completou.

— E o que vocês fizeram com eles? — questionou meu avô.

— Uma vez que somos capazes de manipular diferentes dimensões, escolhemos uma em específico e os banimos para lá. Nenhum outro Deus sabe onde eles estão, sequer sabem que eles ainda vivem. Esse é um segredo que somente os dragões guardam e podemos lhe garantir que todos aqueles que um dia foram considerados perigosos por querer transformar o mundo em um pesadelo vivo, estão aprisionados

— Ságron garantiu e sua ira virou-se para o conselho. — Qual de vocês ousou matar um Deus desnecessariamente? — Ele cravava as unhas nos cristais e todos juraram lealdade ao conselho.

— Fílmor não era uma ameaça! — Ságron lamentou.

Foram tensos segundos de silêncio sem que Ságron conseguisse detectar alguma mentira, porque ninguém ali era capaz de tamanha traição. Ele pensou que talvez um deles não tivesse cometido o crime, mas que tivesse sido conivente. No entanto, todos ali eram inocentes angustiados em descobrir a verdade.

— O destino de Fílmor estava escrito — Khoma tomou a palavra como se tentasse amenizar a situação.

— Não é justificável! — Rosnou Ságron. — Um Deus não precisa morrer para que outro tome seu lugar.

— Mas ele sabia que ia morrer? — perguntei.

— Nenhum Deus pode prever a morte de outro, nem mesmo a sua própria. Somente nós podemos e eu não previ nenhuma morte hoje. Estou confuso e aflito pelo ocorrido.

E toda aquela ira havia ido embora, dado lugar a um constrangimento como eu nunca pensei que uma criatura tão poderosa quanto ele pudesse sentir. Ságron curvou seu pescoço humildemente.

— Prometo que irei descobrir o culpado e ele será punido com toda a ira do conselho. Não tolerarei isso. Somos dragões e não monstros — Ságron lamentou e eu senti sua genuinidade.

Ságron estava visivelmente abalado com a notícia e então fechou os olhos por um momento.

— Eu vejo a destruição sofrida pelo povo de Weston e, como forma de me redimir pela traição de um dos meus, prometo reconstruir Weston com a força da pedra que está em nossa posse.

Meu avô parecia agradecido, mas ainda relutava em aceitar que isso seria suficiente. Nada poderia vingar tão facilmente a morte de seu irmão. Eu também relutava em aceitar a morte de um Deus e tentei inúmeras vezes buscar em minhas visões, mas não tive sucesso, talvez por ainda estar aprendendo, mas sabia que eu conseguiria com o tempo e descobriria toda a verdade.

Ságron cumpriu a sua promessa. Ele foi a Weston e, com a pedra, aumentou o poder dos elfos em reconstruir as árvores, reergueu as casas destruídas e abençoou o solo e as águas para que, assim como Shadowfalls, as águas fossem sagradas e as futuras safras fossem fartas. Weston estava de pé novamente e a única energia ruim estava nas saudades daqueles que se foram.



Capítulo 30

Voltei a Shadowfalls após a tensa visita ao conselho dos dragões. Senti uma estranha dor no peito, um pressentimento ruim, como se algo muito grave estivesse acontecendo. Pensei nas palavras do minotauro e na promessa cumprida de Ságron, mas por que eu ficaria tão mal com uma aliança negada se isso não implicaria em perigos para meu povo? Minhas lembranças se voltaram ao final da última guerra e eu não me senti da mesma forma

Estranho... Eu deveria estar mais forte, ainda mais depois de perder minha imortalidade. Perguntava-me se isso estaria me causando um distúrbio emocional. Eu deveria me sentir melhor e revigorada por ser imortal. No entanto, estava enfraquecida e fragilizada.

Aidan conversou comigo por horas e não teve nada do que ele me dissesse que tenha surtido efeito contrário em mim. Eu não estava bem e não sabia o motivo. Tantas coisas poderiam ser. Talvez fosse a falta de Kai.

Eu o vira ser destinado a reinar seu próprio mundo e eu poderia estar começando a ser afetada pela saudade. Mas não era isso!

Eu sentia destruições de guerra, ouvia gritos de pavor, cheiro de sangue e suava em desespero, mas quando olhava ao redor, via paz e harmonia. Meu coração acelerava me causando uma enorme dor no peito. Tentei sair e passear pela floresta, mas nada me acalmava.

Sentei-me próxima a um pequeno córrego e observei os peixes. Não saberia explicar o motivo, mas eles me tranquilizaram. As sensações não cessaram, mas amenizaram bastante.

— Será mesmo que essa pessoa existirá? Ela poderá nos compreender?

Virei-me para trás e não havia ninguém. Estranhei...

— Sim! Ela vai existir e será nossa salvação! — A voz insistiu e eu percebi uma certa urgência para que eu a escutasse

— Por favor, nos ajude — sussurrou uma voz serena, apesar de tudo. — Precisa vir a nós... — A voz pareceu cansada, como se alguém de muita idade ou gravemente ferido fizesse esforço para se pronunciar.

Meu coração palpitou como se eu sentisse seu desespero e ela falou novamente.

— Ela vai nos compreender e vai saber que falamos com ela. Só assim ela virá.

— Que não seja tarde demais! — respondeu em um suspiro. — Ou tudo estará perdido...

Então eu percebi que as vozes vinham de dentro de mim. Eles continuavam sussurrando e não consegui compreender todas as palavras, pois eram muitas ao mesmo tempo. Havia uma pressa no que diziam e se mostravam claramente amedrontados, pondo suas esperanças em alguém que não estava lá. Levei minhas mãos aos ouvidos a fim de tapar os sons externos e apertei as minhas pálpebras para me concentrar, mas só consegui entender em meio a tantos sussurros, uma ou outra palavra sem conexão entre si.

Senti o desespero para que tal mensagem chegasse à pessoa certa, mas não fazia ideia de quem eles eram.

— Os sussurros de Drakenian!!! — afirmei alto e espantada. Ela continua a falar comigo! E eu entendia! Sim, pelos deuses, eu entendia!!! Mas a pedra estava longe, guardada em seu devido local. Eu só podia pensar que minha imortalidade abrisse caminho para que eu a pudesse ouvir, independentemente de estar perto.

Um corvo negro apareceu e pousou sobre a pedra do outro lado do córrego.

— Você precisa vir comigo — ele disse. — E pegue a pedra. Irá precisar dela.

Eu não consegui desvendar o que seus olhos expressavam. Havia uma mistura de preocupação e ao mesmo tempo a satisfação em me revelar algo. Mas o que poderia ser tão bom, se eu só sentia perturbações? E essa foi mais uma das perguntas que me fiz, sem ter a chance de respondê-la.

Busquei a pedra, ainda na ponta do cetro partido, uma vez que estava insegura de tocá-la. Depois, me juntei a eles e fomos para onde ele quis me levar. Tamanha foi minha surpresa ao perceber onde eu pisava.

Ocshantra, Khadra e Khoma me aguardavam no conselho. Ságron não estava presente, mas não estranhei sua ausência. Na verdade, eu estava anestesiada e não sabia qual seria minha reação ao que pudessem me dizer.

— Kyara... — Ocshantra falou em tom de súplica. — Há muito sobre nós que você não sabe.

Eu a fitei em silêncio. Não temia o que ela poderia me dizer. Era como se eu estivesse hipnotizada.

— Nós dragões não temos deuses, mas o primeiro conselho formado, há milênios, tiveram uma visão, onde o primeiro e único Deus dragão viria de uma

linhagem diferente. Ele nasceria em uma outra espécie para depois se tornar um de nós.

— E foi por isso que eles criaram as três pedras, destinadas a esta pessoa — explicou Khadra — No entanto, elas não lhes seriam entregues. Esse precisaria vir até elas, para não termos o poder de decidir se entregaríamos ou esconderíamos as pedras. Isso poderia mudar todo o destino! — acrescentou. — E ele se tornaria um Deus supremo, não só dos dragões, mas também de sua própria espécie.

— Ságron nunca aceitou que um dia os dragões se submetessem aos deuses. Como líder do conselho, ele é encarregado de guardar a pedra lapidada — Ocshantra mudou seu semblante, ficou visivelmente preocupada.

— Onde está Ságron? — perguntei com uma angústia repentina.

— Em busca da terceira pedra!

— Por que estão me contando isso? — Mantive o tom aflito.

— Porque não sabemos se você é ou não a escolhida, mas é a única que pode pará-lo no momento! Nós do conselho somos proibidos de nos intrometer nas decisões do nosso líder, mas não podemos acatar que ele vá contra o destino já traçado!

— Será uma destruição em massa de inúmeras espécies!!! — Khoma falou com urgência para que eu agisse no exato momento, eu cambaleei para o lado, com a mão no peito.

Meu pai me segurou e os dragões se assustaram. Um clarão de luz explodiu e me levou para outro lugar.

Eu andava dentro de um local escuro, que apesar do breu, eu conseguia enxergar. Toquei a parede rochosa, reconhecendo que se tratava do interior de uma caverna. Olhei para cima e o teto era bastante elevado. Seria o interior de uma montanha? Eu não estava sozinha e mesmo incerta de quem poderia estar ali, a sua presença me desagradava.

Escutei alguém ofegar em pânico pelo castigo prestes a receber. Ele vinha de um corredor ao lado e éramos separados por uma parede rochosa. Eu seguia seus passos do outro lado da parede. O corredor enfim terminou e nós dois entramos em um local aberto como se fosse uma enorme sala.

— Christine? — indaguei, franzindo minha testa e só não me preenchi em ódio pois sabia que ela já estava morta.

Ela olhou para o interior de uma outra passagem onde havia um enorme breu dentro. Um breu mais escuro do que o local onde estávamos.

— Christine! — A voz ecoou pela caverna escura e fria, ela vinha de dentro daquela passagem.

— Mestre! — ela suplicava ajoelhando.

Pelos deuses, era o meu pesadelo! Aquele que me assombrou por anos! Então era real! Eu sabia onde tudo isso levaria e tendo Kai em segurança, reinando o seu próprio mundo que lhe fora destinado, eu não me assustei. Perguntei-me qual a necessidade daquela visão. Então, dei um grito aterrorizada quando o vi surgir!

De dentro daquela escuridão seus passos fizeram o chão trepidar e Ságron saiu daquela caverna escura com fúria em seus olhos! Prendi o fôlego ao vê-lo e enfim percebi o motivo pelo qual eu não reconheci sua voz anteriormente. Ela estava modificada pelos ecos da caverna.

— Você falhou! — ameaçou com autoridade, prestes a dar o golpe final.

— Izobel morreu! — disse apavorada ao se curvar, cruzando os pulsos sobre a sua cabeça.

Ele então parou e bufou. Christine tremeu.

— Com ela morta fica mais fácil pegar a pedra. Há uma nova guardiã, mas será simples matá-la! — assegurou.

— A mesma que fez isso com o seu rosto? — ele zombou.

— Eu desconhecia os seus poderes, mas agora que os conheço, estarei pronta para ela. Dê-me mais tempo e outra chance! — suplicou. — Deixe-me provar que sou capaz, e poderemos ter tudo aquilo que merecemos!

Ele pensou e, mesmo contrariado, decidiu aceitar.

— Será a sua última chance. Se ousar falhar novamente...

— Não falharei! — garantiu!

— Assim espero, pois você sabe o que acontece com aqueles que falham comigo — ameaçou ao sair e entrar novamente na caverna de onde veio.

Então eu voltei à realidade. Senti novamente toda aquela histeria e que precisava voltar e proteger minhas irmãs, ou melhor, os meus irmãos! Os dragões não pareciam surpresos com o que viram.

Eu corri, sim, corri. Corri para onde senti que deveria ir. E então, meu instinto me transportou para uma ilha. Era uma ilha onde tudo ao redor era protegido pelos dragões, Nagárons e tritões, porém, havia corpos espalhados por todo o local.

Corpos de dragões jovens, tritões, sereias, até mesmo crianças! Eu via o que seriam os tais Nagárons que guardavam a outra pedra e em um susto repentino, um clarão de luz estourou em meus olhos novamente.

Eu via a ilha como era antes. A pedra sendo protegida e famílias inteiras de sereias e tritões, com crianças brincavam por lá. Dragões jovens e adultos dormiam pacificamente à beira do mar ou acima das rochas para pegar sol. As risadas das crianças sereias eram ouvidas quando os dragões jovens levantavam voo e o bater de suas asas, propositalmente criando ventos contra eles, que riam sentindo aquela brisa como uma carícia. Era o único local onde os tritões e Nagárons vinham a superfície. Era um local de paz e harmonia.

Dei-me conta de que todas aquelas perturbações e histerias que eu senti horas atrás vieram daquele cenário de destruição. Ságron sentiu que Christine falhou e, em uma última tentativa desesperada, traiu a todos ao tentar roubar a terceira pedra.

O clarão sumiu e o cenário de morte surgiu novamente. Eu ajoelhei em desespero e a deusa Mereen surgiu das águas.

Ela vinha de uma movimentação brusca que subiu e se formou em sua linda silhueta. Seria lindo de ver, se ela não estivesse tão atormentada.

— Filha! — Ela veio a mim apressadamente, pegando em minhas mãos em súplica.

— O que houve aqui?

— Nada que eu pudesse ter previsto!

— Ságron! — eu disse me enchendo de fúria.

— Nunca sequer pressenti que um ataque aconteceria, tampouco que viesse de cima ou por um dos dragões! Então não houve nada que eu pudesse ter feito. — Ela se desesperava e se culpava. — Feche os olhos — pediu. — Sinta-o, Kyara.

Assim o fiz e inspirei fundo algumas vezes para me concentrar. A minha mente me levava para um caminho a ser percorrido, como se alguém me guiasse, até que eu o encontrei. Ele estava de costas, olhando para algo. Eu então voltei a mim novamente.

Mesmo ainda assombrada com o que ela vira anteriormente, Mereen sorriu quando eu abri os olhos.

— Está começando, minha filha! — Ela tocou meu braço orgulhosa.

Eu a fitei com um olhar questionável e ela percebeu o que eu fui capaz de fazer.

— Ninguém te guiou, você fez tudo sozinha. Você o encontrou porque agora tem essa capacidade. Use-a novamente se necessário, mas vá imediatamente e encontre-o! — pedia com uma urgência severa.

Consenti e corri novamente, sendo transportada para perto dele. Ele carregava um enorme brasão antigo, pendurado por grossas correntes prateadas em seu pescoço.

Ele me encarou e, para minha surpresa, não foi hostil. Ságron voltou seu olhar novamente para baixo. Estávamos no topo de uma enorme montanha, e lá embaixo dragões jovens e adultos lutavam friamente até a morte. A fúria que os corroía era tanta, que matavam uns aos outros impiedosamente.

Eu consegui sentir a dor que o corroía internamente, mas indaguei suas ações ao notar seu olhar sereno enquanto os dragões lutavam.

— Não vai fazer nada? É seu povo! — exclamei angustiada.

Ele não respondeu.

— Precisa fazer alguma coisa! — insisti.

— Quem é você para me dar ordens? — ele perguntou amargamente.

— Quem é você para permitir tamanha atrocidade? — retruquei no mesmo tom.

— Não preciso de nenhum dragão que seja contra mim — ele respondeu amargamente pelas mortes que assistia.

Suas palavras eram ásperas, mas havia sofrimento em sua alma, sofrimento que ele acreditava poder esconder de mim.

Eu comecei a tremer em um misto de ódio e desespero. Questionava-me do porquê de ele permitir aquilo, sendo algo contra a sua vontade. Recusei-me a aceitar que aquilo prosseguisse e se ele nada fizesse a respeito, então eu o faria.

— Vejo que trouxe a pedra. Pretende devolvê-la a nós?

— Por que eu a devolveria?

— Qual outro motivo te faria trazê-la?

Não sabia responder sua pergunta ao certo. Dizer que a trouxera porque meu pai me pediu, soaria tolice de minha parte.

— Não posso deixar esse massacre ir adiante.

— Acha mesmo que irão acreditar em você? — perguntou educadamente, seguro de si.

— Shadowfalls tem um histórico de fidelidade com sua espécie e, no momento, eu pareço me importar muito mais com eles que o próprio líder. — Lancei um olhar acusador.

— Estou te avisando, Kyara. — Ele me ameaçou. — Se tentar me colocar contra a minha espécie, acabarei com você.

— Não vejo em você a vontade de me ferir — falei carinhosamente. — Assim como não acredito que esteja gostando do que vê.

Ele pela primeira vez suavizou o olhar.

— Eu sei o que você fez — referi-me a cruel carnificina que encontrara há pouco. — Tritões lhe foram fiéis por anos! Como teve coragem? E quanto aos Nagárons? E as crianças?

Ságron estufou o peito e inspirou forte para disfarçar. Sua alma se contorcia em remorso, mas ele estava decidido que suas ações foram extremamente necessárias.

— Eu gosto de você, Kyara — ele disse de forma serena. — Às vezes precisamos tomar medidas drásticas para um bem maior. Mesmo que isso me assombre por anos. Fique fora disso — pediu como uma leve súplica.

— Desculpe-me, Ságron. Não tenho intenção de viver eternamente carregando uma culpa dessa intensidade.

— Não irei permitir que bote meu povo contra mim! — ele ameaçou.

Eu o encarei séria por uns segundos, depois me concentrei, me teletransportando em direção aos dragões. Surgi erguendo a pedra para chamar-lhes atenção e fazendo com que cessassem a batalha.

Assustados, os dragões ficaram imóveis.

— Ságron traiu o conselho!

Acabei por causar um alvoroço, onde os protestos e dúvidas se tornaram tão intensos que eu me vi forçada a explicar o mais urgente possível, mas aproveitando o momento onde a maioria o defendia, Ságron levantou voo e se juntou a mim no chão.

Eles se curvam.

— Presumo que a sua gratidão pela minha ajuda tenha se perdido em meio à sua arrogância repentina.

— Ajuda? — questionei-o.

— E não fui eu quem ajudou a reconstruir Weston com poder da pedra que eu guardo, mesmo sabendo que você falhou em proteger a pedra que por anos confiamos estar segura? — ele retrucou e os dragões, como criaturas polidas, se mantiveram em silêncio por respeito ao seu líder.

— A troco de sangue inocente derramado? — perguntei amargamente. — Se ao menos eu desconfiasse que tudo não havia passado de um plano, eu teria recusado sua ajuda.

Os dragões começaram a comentar e os murmúrios começaram a elevar.

— Ela vem de longe para me caluniar! — Ságron gritou, contendo os comentários, levando os dragões ao silêncio novamente. — Que pena, Kyara... — disse decepcionado. — Preciso lembrar quem somos? — Ele olhou ao redor para todos. — De todas as espécies, somos as mais antigas! Nossas histórias são revividas e contadas através do tempo e nunca houve sequer um de nós com histórico de traição — gritou orgulhoso e os dragões em silêncio estufaram o peito.

— Você mente! — eu disse enojada e ele me lançou um olhar de advertência. O clima se tornou tenso.

— Eles sabem que eu jamais os trairia! Sabem o quanto eu amo minha espécie e prezo pela nossa paz — Ságron dizia de forma a estar ofendido com minha falsa acusação e, surpreendentemente, ele dizia a verdade, apesar de tudo. Eu sentia! Ele amava seu povo, mas mentia quanto à traição.

— Você nasceu para servir — ele disse, virando-se para mim. — Você nasceu humana!

— Olhe para mim agora, Ságron, e diga-me que eu nasci para servir — desafiei.

— Você pode ter esquecido, Kyara e, portanto, entendo o quanto se sente confiante como rainha ou imortal. Porém, não sou o único a me lembrar de você como escrava.

Havia sarcasmo em sua voz, mas em seguida seu semblante mudou e ele começou a lamentar.

— Estou vivo a milênios — disse como se fosse a maior perda de tempo da minha parte tentar argumentar contra ele. — Não há conhecimento que eu não possua. Presenciei acontecimentos históricos, muito mais do que eu esperaria ou,

para lhes ser sincero, muito mais do que eu gostaria de ter visto. Vi os segredos mais sombrios das mais diversas criaturas, mas, também vi coisas maravilhosas. Navegações que cruzaram os mares, descobertas de novas terras, surgimento de novas espécies, aliás, acompanhei milhões de gerações dos meus e dos teus — afirmou com um certo pesar. — Nós, dragões, somos evoluídos, somos fortes, mas também sensíveis. Ao menos eu sou e não suporto ver tamanhas desgraças.

— Não pareceu lamentar enquanto observava seu povo se matando lá de cima. — Cerrei o olhar enquanto falava amargamente.

Os dragões se entreolham e aguardavam uma resposta.

— Não, Kyara... — Ele suspirou. — Eu estava sofrendo com o que via.

— E por que não fez nada a respeito, afinal, não é você o líder do conselho? Não acha que eles iriam parar quando o visse? — Olhei fundo nos olhos de forma a desafiá-lo. — Acha que eles acreditariam que seu líder iria permitir tamanho sangue derramado por aqueles que ele diz amar?

Notei que os dragões ficaram confusos. Uns pensavam em minhas palavras e buscavam respostas em suas mentes, mas a maioria estava visivelmente ao lado de seu líder.

Ele balançou a cabeça lentamente.

— Ela, que agora é imortal, deveria entender cada palavra do que eu digo, mas ela insiste em me questionar.

Os dragões começaram a me encarar, julgando-me.

— Onde quer chegar, Ságron? — perguntei impaciente.

— Que de todas as espécies, a sua foi a que de longe evoluiu da forma mais precária que uma espécie poderia evoluir! — Ele mudou o tom para raiva. — Vocês foram dotados de inteligência, mas que resolveram usar todo o seu dom para o mal. Nunca vi tanto sangue inocente ser derramado, como vi pelas mãos dos humanos!

Os dragões estavam confusos. Eles estavam ao lado de seu líder, mas sabiam que meu povo lhe fora fiel há anos e que eu jamais usaria a pedra de forma indevida.

— Humanos são movidos pura e unicamente pela ganância e são os que mais matam por poder! — Ele acusou com escárnio

— Você trai o próprio conselho, permitindo que vários dos teus se matem e acusa a minha espécie de sede por poder? — perguntei incrédula.

— Como ousa me acusar de tamanha traição? — gritou ofendido. — Eu sou o líder do conselho e do meu povo!

— E quanto a pedra que você roubou? — Disparei-lhe um olhar acusador.

Os dragões exclamaram surpresos e um alvoroço começou.

— CALEM-SE! — Ele exigiu. — Você não tem conhecimento sobre as pedras e nossas leis... Então, o que está tentando provar?

— Que você roubou a pedra! — insisti. — Você poderia ter evitado inúmeras mortes, inclusive as dos mais novos, porque não há ódio que consuma um dragão suficientemente para que ele não pare a pedido de seu líder. Você sabe disso!

Ságron se viu severamente cobrado por explicações e o clima se tornou tenso.

Então, percebi que somente os dragões do conselho eram ainda mais evoluídos e os únicos com dom de ver o futuro. Nenhum outro dragão conseguiu alcançar tais visões, logo, eu não tinha como provar minhas palavras, uma vez que as palavras de um dragão do conselho jamais foram contestadas. Até aquele momento, nenhum dos líderes havia mentido para a sua espécie.

— A pedra foi sim roubada por uma humana, mas foi a mando de seu líder. — Apontei para Ságron com o queixo.

— Basta! Não vou perder mais o meu tempo com suas mentiras!!!! Mesmo sabendo da ameaça que você é, não sou como a sua espécie — ele lamentou. — Não quero te machucar, apenas pedir educadamente que você nos devolva sua pedra, deixe nosso território e nunca mais ponha os pés aqui. Prevejo um futuro bom para você — disse da forma mais cordial possível. — Ou serei obrigado a bani-la para uma outra dimensão.

Meu avô resolveu que era hora de interferir e mostrar a verdade. Um portal se abriu, e dele saiu Báhlgor, liderando os Nagárons e os tritões sobreviventes do ataque. E foram eles que fizeram Ságron estremecer, pois ele sabia que eles não estavam intencionados em manter suas mentiras. Os tritões possuíam uma cauda maior e uma musculatura extremamente forte. Conseguiram se erguer como se estivessem ajoelhados e se moverem pela terra, arrastando sua enorme cauda com os mesmos movimentos de uma serpente.

— Sabemos quem nos atacou — afirmou um dos Nagárons em acusação, ao olhar para Ságron. Ele fez força para falar e eu percebi que estava em sofrimento.

Os dragões ficaram confusos.

— Vocês acham que uma humana faria isso? — Ele se ergueu e mostrou o enorme corte na barriga em forma de garras gigantescas.

Instintivamente, toquei seu ferimento e o curei impressionando a todos.

— Ela sequer havia chegado quando você nos atacou desprevenidamente, Ságron — disse o Nagáron que eu curei.

Ele em seguida virou-se para mim agradecido.

— Há outros feridos. Você poderia curá-los? — pediu educadamente.

Consenti sem hesitar e os dragões começaram então a perceber a minha bondade e quem eu realmente era. Os tritões confirmaram cada palavra dita pelos outros Nagárons que contaram detalhes de como Ságron atacou impiedosamente crianças inocentes que sequer eram um perigo para ele. Nesse momento, os dragões se encheram de fúria contra seu líder.

Ocshantra, Khoma e Khadra apareceram e pousaram próximos a todos. Eles estavam visivelmente aborrecidos e todos ali presentes se curvaram.

— Não era para ser assim, Ságron — Ocshantra disse decepcionada.

Ele então percebeu o que ela estava para dizer e a interrompeu desesperadamente.

— Fiz o que achei necessário! Sim, cometi erros, mas foi para um bem maior para nós e toda nossa espécie!

— Não! — ela disse com veemência. — Você agiu por poder, por vaidade, pois nunca aceitou o real destino dos dragões!

— De sermos submetidos a um Deus? Logo nossa espécie? — Mostrou-se irredutível.

— Não se o Deus fosse você — Khadra disse amargamente e todos se espantaram.

— Ele tentou mudar o destino da forma mais cruel e egoísta possível — ela disse furiosa, com os olhos enrijecidos e fincados em Ságron. — Tinha planos de matar aquele que se tornaria nosso Deus, porque ele não aceitou ser submisso.

Um silêncio se fez no local e todos me encararam. Eu me espantei.

— Kyara — disse um dos Nagárons. — Vocês não possuíam o conhecimento da pedra que guardaram, mas nós sabíamos exatamente quem era aquele destinado a ela. Como líder do conselho, Ságron tinha o direito de guardar a outra pedra e, assim como eu, ele também sabia.

— Estão me dizendo, que...

— ELA NÃO É O NOSSO DEUS!!! — Ságron esbravejou se recusando a aceitar.

Nessa hora, fiquei do lado dele por um segundo.

— Impossível aceitar que nosso Deus viria de outra espécie senão a nossa! Como ele teria nossos conhecimentos? Ele não viveu o que vivemos, tampouco possui nossa astúcia para saber tomar as decisões corretas! Sei que a profecia foi feita, mas não é ela quem vai tomar o meu lugar! — Ele se exaltou.

— Você não pode interferir na profecia! — advertiu um Nagáron.

— Então está de acordo que uma humana seja nossa líder? — ele desafiou-o a contradizê-lo.

Eu ia pedir para que alguém me explicasse, mas Ocshantra se aproximou.

— Não sabíamos quem seria destinado a ser nosso Deus, mas sentimos a perturbações das mortes e deduzimos. Porque somente por esse motivo Ságron cometeria tamanha crueldade.

— E agora os Nagárons nos confirmaram — disse Khoma.

— Mas eu não posso ser a deusa dos Dragões! — Desesperei-me. — E quanto a Shadowfalls? E quanto a minha família? — Comecei a me angustiar, mas ela se manteve calma, firmando seu olhar no meu.

— A pedra jamais destruiria aquele que foi destinado a ela — Khoma explicou.
— Você é a escolhida dos Dragões, Kyara — disse orgulhoso. — Por isso Christine não conseguiu usá-la contra você. Nenhuma espécie conseguiria.

Segundos depois Ságron abriu o enorme brasão que pendia em seu pescoço pelas grossas correntes prateadas. Havia a pedra vermelha que ele guardava e a verde das águas, guardada pelos Nagárons. Ele então as apertou contra seus dedos.

— Não permitirei que uma espécie tão inferior como a sua, tenha domínio sobre mim! Você pode ser capaz de sobreviver a uma pedra, mas eu possuo duas e, juntas, seus poderes são ainda mais fortes! Não quero ter de usá-las contra você, Kyara.

As pedras começaram a brilhar e a remexer. Olhei para meu cetro e toquei, retirando-a com minha própria mão e erguendo-a em sua direção. As ondulações voltaram, esvoaçando meus cabelos para trás.

— Também não quero ter de machucá-lo.

Nossas desavenças eram grandes, mas o respeito entre nós parecia maior. Eu senti o quanto ele relutava, mas já estava decidido.

— Os humanos sempre mataram uns aos outros impiedosamente e por isso não me arrependo do que fiz e não irei permitir que um de vocês tome o meu lugar!

— Está falando sobre si mesmo? Pois acaba de se descrever! Matou milhões de inocentes sem remorso algum, deixou que os seus se matassem e sequer houve de sua parte a compaixão por aqueles que por anos lhes foram fiéis, guardando a pedra. O líder do conselho dos dragões é a criatura mais humana que já conheci!

Como deusa, eu lhes transmiti todas as visões e temores da guerra de Shadowfalls e inclusive das últimas ações de Ságron. Certifiquei-me de que todos os dragões e tritões pudessem ver também. Quando enfim terminei, todos se demonstraram em choque.

— Não adianta lutar, Ságron — Ocshantra disse calmamente enquanto as pedras começaram a vibrar mais forte. Ele as fitou, espantado. — Porque uma vez que a escolhida se aproxima, as outras irão até ela e não há forças que possam pará-las. Nem mesmo a sua.

As pedras começaram a se mover e Ságron falhou em querer segurá-las. Ele gritou em protesto quando as duas começaram a se atrair para mim feito um ímã.

— NÃO!!!! — Ele tentou impedi-las e, ao mesmo tempo, tentou puxar Drakenian para si, acreditando piamente que com a posse das três pedras, ele teria uma chance de me derrotar.

Agarrei-a contra meu peito e fui arrastada junto a ela em direção a Ságron. Então comecei a sentir a pedra diminuir enquanto eu a absorvia. Caí quando Ságron falhou ao segurar as duas pedras que vieram a mim em uma velocidade tamanha que me fez voar para longe ao me acertarem. Meu corpo começou a absorvê-las, as três ao mesmo tempo e eu não acreditava ser capaz de suportar seus poderes.

Então me senti ser arrastada para uma outra dimensão e me vi novamente naquele mesmo local etéreo onde fui transportada quando toquei Drakenian pela primeira vez.



Capítulo 31

Eu senti uma paz tremenda, como se minha alma fosse anestesiada e, aos poucos, espectros dos antigos anciões apareceram. Eu nunca os tinha visto antes, mas sabia quem eram. Foram os primeiros a criar as pedras, e depois tiveram ajuda de milhões de outros para que seus poderes fossem incomensuráveis.

Eles me receberam com respeito e entre eles havia um enorme dragão negro.

— A profecia finalmente se cumpriu — disse aliviado em uma linguagem antiga, então percebi que era a mesma língua que eu ouvia quando Drakenian falava comigo.

— Você foi a nossa escolhida, Kyara — um deles afirmou.

Um outro dragão verde-esmeralda tomou a palavra.

— Ságron, atual dragão líder do conselho, está querendo preservar a espécie dele, mas muitas espécies dizimaram outras com o mesmo intuito... Preservação. Ságron se preocupa com outras espécies tanto quanto se preocupa com a dele, mas sabíamos que futuramente o líder do conselho nos trairia por poder. Tememos pelas outras espécies ou por tudo de ruim que ele poderia fazer se tivesse posse das três pedras.

— Entendo. Ságron seria facilmente tomado pela ganância e ele perderia o controle, podendo inclusive dizimar os dragões para que ele fosse soberano — lamentei.

— Está aprendendo rápido a ter as visões futuras. — O grande dragão negro falou.

Ele estava satisfeito com minha habilidade de prever o futuro e poder entender a urgência que era eu virar sua deusa. Contudo, havia sofrimento em seus olhos, enquanto eu previa o que Ságron faria.

— Sinto uma dor enorme vinda de você, mas não sou capaz de prever o motivo — eu disse com um certo pesar e o dragão negro fechou os olhos, consentindo.

— Ságron é seu filho? — indaguei de forma amigável.

— Tataraneto — disse magoado. — A linhagem de dragões negros é conhecida como a mais benevolente das espécies e, por isso, temos orgulho em dizer que todos os líderes do conselho vêm sendo da minha linhagem. Saber que um dos meus, visto com respeito e admiração, seria capaz de nos trair, é a maior decepção para mim e os dragões negros que jamais aceitariam.

— Por isso os deuses só permitem que os dragões do conselho tenham as visões — afirmei e eles consentiram.

— E é por isso também que somente os líderes têm as visões mais além. Nenhum outro dragão poderia descobrir, ou interfeririam no destino.

— Não quero deixar minha família — disse repleta de mágoas. Eles sentiram a minha dor e lamentaram, mas nada podiam fazer.

— Mas por que eu? Eu nasci escrava, sou mistura de duas espécies inferiores às suas. O que eu tinha de especial para que me tornasse sua salvação, quando se há muitas criaturas honradas e mais fortes?

— Porque você seria a única capaz de enfrentá-lo e a única que faria Ságron lhe respeitar, como jamais respeitou outra espécie. Ele gosta de você e temeu que esse dia fosse chegar e não houve um dia sequer que ele não lamentasse ter de enfrentá-la.

— Kyara. — O dragão esmeralda tomou a palavra. — Nesse momento, seu corpo está se contorcendo sofrendo as últimas alterações para que se torne oficialmente nossa deusa. Por isso, nós a trouxemos aqui para que pudéssemos conversar, mas agora que sabe toda a verdade, precisa voltar e aceitar seu destino.

Ele então me fez uma última revelação que me deixou extremamente perplexa.

— Mas eu.... — Meu corpo foi levado de volta.

Senti as dores que meus órgãos sofreram pela transformação, mas eu mesma me curei instantaneamente. Ainda estava no chão aos olhares atentos de todos e calmamente me ergui. Então percebi que apesar de ter me tornado um dragão de luz, branco, minhas escamas emanavam uma linda energia branca, sem contar que acabei por dobrar de tamanho.

Tornei-me o maior dragão de todos e me senti incomensuravelmente forte e renovada. Todos os outros, incluindo Nagárons e tritões, estavam em choque por me ver, depois se curvaram completamente maravilhados.

Ságron relutou, mas se curvou em respeito, sem me encarar nos olhos. Ele se mostrou completamente derrotado, mas eu o olhei decepcionada.

— Como se sentiu ao ver tudo o que causou? — perguntei.

— Como nunca pensei me sentir, mas confesso que a sede de poder ainda me corrói. Se eu pudesse ser o Deus dos dragões, faria tudo novamente.

— Mas você nunca quis sangue inocente derramado — afirmei com um certo pesar.

—Assim como também não queria entregar-lhes as pedras. Eu deveria ter aprendido que não se muda um destino, muito menos uma profecia, mas precisava tentar — disse constrangido. — Sei de onde você acaba de vir.

— O que vou fazer com você se sei que não irá me servir? Se já era difícil para mim não poder curar totalmente os anciões que eram levados a Shadowfalls, imagina agora matar um dos meus?

— Há muitas dimensões que nós, dragões do conselho, controlamos; mas agora essa capacidade é só sua. Se pudesse, eu mesmo me baniria para longe, mas como já não posso mais, peço que você o faça.

Nessa hora, os dragões lamentaram fortemente. Eles sabiam que haviam sido traídos e que Ságron precisava partir, mas o amavam mesmo assim, portanto, houve uma profunda tristeza no pedido que ele me fez.

Busquei em minha mente todas as dimensões que passei a controlar, até achar uma onde havia paz e onde ele pudesse ficar. Não havia outras espécies ali e, pelo próprio bem dele, Ságron teria de ficar sozinho. Ele aceitou quando lhe mostrei em sua mente para onde seria banido.

— Obrigado, Kyara...

— Há mais coisas que você precisa falar antes de partir.

Ele aceitou e então virou-se para todos, desculpando-se, principalmente para a linhagem de dragões negros. Ságron pediu a todos que me obedecessem e fossem fiéis a mim, confessou também que sempre seria atormentado pelo o que fez, causando comoção em seus irmãos. Terminou dizendo que amava seu povo e estava feliz em poder partir por não mais ser uma ameaça, mas que sentiria saudades.

Emocionei-me com suas palavras. Ele realmente estava sendo genuíno, mas eu não poderia tê-lo ao meu lado como gostaria, ou ele me trairia. Eu podia ver isso, portanto, me foi demasiadamente doloroso ter de banir alguém que eu respeitava tanto, mas que era necessário para um bem maior.



Capítulo 32

“Nunca mais colocaria os pés em Ardhem novamente”, era a frase que vira e mexe passava na minha cabeça. Perdi as contas de quantas vezes repeti e me prometi isso, mas sempre voltava devido ao solstício de inverno. Daquela vez, seria para valer! Eu poderia captar toda e qualquer mentira que eles dissessem sem precisar respirar o mesmo ar e, de longe, mandaria meus homens para punir qualquer mentiroso ou qualquer um que agisse de forma que eu desaprovasse. Eu finalmente faria justiça por todos inocentes mortos pelas mãos deles!

Acabava de sair do reino dos Dragões e sobrevoava a aldeia. Era um dia onde a deusa Fyra se fizera presente. Ela estava feliz em me ver e era recíproco. Fyra esquentou minhas escamas e me manteve em uma temperatura agradável enquanto o vento da deusa Airya batia contra mim. Seu marido se juntou a ela e, juntos, correram de mãos dadas como dois espectros cinza e branco.

Airya pensou em deixar de se fazer presente quando o encontrasse, mas percebeu a importância que suas buscas causaram às espécies. A brisa em dias quentes, nas navegações, ou quando nos sentávamos à sombra das árvores. Eles agora sopravam juntos, moldando e controlando o vento para que eu pudesse voar confortavelmente. Os deuses se ajudavam constantemente e, pela primeira vez, eu vi o seu rosto.

Airya passou tão rápido que não consegui ver suas feições, mas eu via Fyra. Maravilhosa! Cabelos vermelhos que brilhavam como fogo e um par de olhos amendoados que pareciam ouro.

Os gritos alvoroçados, as comemorações e a excitação repentina me fizeram esquecer a delícia de ser imortal, porque só de vê-los eu já me enfurecia. Poderia me sentir vingada de certa forma, vendo tais tolos me venerando, quando sempre me maltrataram, mas nem isso eu consegui. Não gostava deles, nem mesmo quando demonstraram amor por mim.

Eu sobrevoei e dei voltas, o que os fez entrar em êxtase. Os dragões passavam pela aldeia, mas nenhum nunca sobrevoou em círculos. Eles não tinham meus

planos.

Pousei próxima a entrada e todos estavam extasiados com minha presença. Eles choravam, alguns desmaiaram e todos gritaram histericamente. Imbecis! Os mesmos que sempre me maltrataram, me deram olhares tortos, que me viram machucada e forçada a trabalhar carregando peso, sem nem ao menos tentar me ajudar. Eles nem ligariam se eu morresse e quando souberam que meu pai era um elfo, protestaram fervorosamente o porquê não poderem me encostar um dedo!

Naquele instante estavam na minha frente, suplicando por uma mísera atenção. Seria divertido!

Norár apareceu sendo carregado por um grupo de guerreiros. Eu o permiti que tivesse as visões do meu destino, mas só permiti a ele e pedi segredo. Ele sabia quem eu era e seus olhos brilhavam de alegria sincera em me ver. Norár não parecia se impressionar por eu ser um dragão e estava apenas feliz com minha presença.

Ao lado, vieram os outros sábios e aprendizes, que deram um passo à frente, ficando próximos a mim. Nenhum deles, além de Norár, sabia quem eu era e o que eu fazia ali. Todos faziam silêncio, aguardando o que aconteceria. Eu tentei me pronunciar, mas vi um rosto na multidão. Alyra estava feliz em me ver e depositava em mim a esperança de que eu pudesse conceder a ela um desejo antigo seu. Ela almejava ser feliz! Ela realmente não era feliz em Ardhem.

Quando mortal, eu tivera sido uma tola em achar que sua felicidade estava ligada apenas em encontrar o amor, mas naquele instante eu vi tudo como um filme em minha mente. As imagens do passado me vieram como se eu não as controlasse.

Eles se sentavam próximos a lareira. Havia acabado de retornar da praia. Pelos deuses, como ela era frágil! Alyra estava demasiadamente feliz pelo pedido de casamento, mas a imagem da sereia amarrada ainda a atormentava.

— Se eu fizesse ideia do quanto a imagem lhe seria perturbadora, jamais a teria levado de encontro a sereia. É que nunca vimos uma tão de perto sem poder temê-las.

Ele realmente lamentava por ter lhe causado essa dor.

— Eu sei — ela disse com um sorriso delicado, enquanto tocava suas mãos. Luke sorriu tranquilo.

— Se lembra quando éramos mais novos? — Luke perguntou, mudando o tom de voz para quebrar aquele clima. Alyra levantou o olhar para ele com um sorriso divertido.

— Lembro que você puxou meus cabelos e que me empurrou na lama. — Ela riu.

— E depois fugi aos prantos para casa, arrependido.

Os dois deram risada

— Sempre gostei de você, Alyra, e agora que irá se tornar minha esposa, prometo fazê-la muito feliz.

— Você sabe o que me faria imensamente feliz? — ela perguntou e ele já sabia a resposta.

— Quando voltarmos, eu a buscarei. Juntos sairemos daqui. Serão meses de viagem, mas encontraremos um local onde poderemos criar nossos filhos.

— Você deixaria Ardhem por mim? — Seus olhos brilharam.

— Faço qualquer coisa por você! Mas quero que faça algo por mim também.

— O que você quiser! — Ela sorriu, depois o beijou.

Luke realmente a amava, mas não conseguiria ser fiel a ela ou a qualquer outra mulher que ele pudesse se casar. Ele teria várias amantes, mesmo se tivesse casado com a filha da cozinheira. Luke teria magoado inúmeras mulheres e gerados vários filhos bastardos que sofreriam por não ter o pai por perto. As mães teriam seus corações partidos e as almas feridas pelo desrespeito que seriam tratadas. Sua morte foi mais do que merecida, foi necessária!

— Não pode me pedir isso! — Alyra implorou para que ele mudasse de ideia.

— Estou deixando Ardhem por você, então precisa fazer isso por mim também!

— Mas eu gosto da Kyara... — disse desamparada.

— Mas eu não! E nem ela gosta de mim — ele disse carinhosamente. — Eu jamais viria a gostar de alguém que desgostasse de você. Se seremos um casal, ambos teremos de concordar em ter as mesmas amizades.

Alyra chorou.

— Pense nisso. — Colocou suas mãos em seus ombros por trás. — Quando estivermos longe daqui, iremos conhecer pessoas bem melhores. Quem será ela para nós? Quem aqui será, uma vez que nunca mais voltaremos? — Ele tentava convencê-la e, mesmo relutante, ela aceitou o pedido de seu noivo.

Passou-se um tempo e os dois entram na casa de Alyra. Ela estava chateada.

— Podia ao menos ter me deixado dar um abraço de despedida.

— Para quê? — ele perguntou com desdém.

— Porque a Kyara vai embora — lamentou com pesar.

— E nós também, lembra? — A manipulava com tom de voz doce.

— Por que me pediu para ser tão fria? Não bastava eu apenas me manter distante?

— Sua gentileza seria um convite para ela se aproximar. Você precisava mostrar a ela que não quer isso.

Ela concordou. A contragosto, mas concordou.

A visão enfim cessou e eu voltei ao presente.

Pela primeira vez, senti vontade de chorar. Não era fácil vê-la ali, depositando em mim a sua última esperança de poder viver e ser feliz. E ela não fazia ideia de quem eu era. Alyra não sabia toda a verdade sobre mim ou Luke e, mesmo sabendo que

isso mudaria em alguns minutos, era inevitável me corroer de remorso pela mágoa que ela guardava de mim.

Seu rosto parecia se iluminar naquela multidão, como se fosse um ser de luz em um cenário escuro. Nós, deuses, tínhamos esse dom de ver a verdadeira alma das pessoas. Lembrei-me da minha filha e me perguntei se era assim que ela via o mundo.

Quando ela percebeu que meus olhos não deixavam os dela, ela suspirou espantada e eu delicadamente estiquei minha gigantesca pata em sua direção. Todos abriram caminho extasiados com o que viam e botei minha pata no chão com a palma para cima, em um convite para que ela subisse.

Ela prendeu o fôlego maravilhada e, incentivada por uns, subiu. Coloquei-a próxima aos Sábios e Norár se emocionou de uma forma que eu jamais pensei que pudesse vê-lo. Ele se sentia realizado em saber o meu real destino e mesmo que jamais esperasse algo do gênero, tudo o que Norár sempre quis foi apenas me ver feliz.

Todos ainda aguardavam algum pronunciamento meu, então achei que era a hora certa. Voltei à minha forma mortal e pensei que eles fariam um alvoroço incrédulo, mas, para a minha surpresa, eles se calaram. O choque estava estampado em seus rostos boquiabertos e braços paralisados no ar. Eles até haviam esquecido de respirar e sequer notaram o fato de eu estar despida.

Norár, mesmo enfraquecido, tomou Alyra pela mão e juntos vieram até mim. Ela relutou um pouco, mas como ele era o líder, ela obedeceu. Com a ajuda dela, Norár retirou seu manto e me cobriu. Virei-me para Alyra, com os olhos repletos de lágrimas, mas ela balançou a cabeça em um semblante nada amigável. Toquei seu rosto como uma carícia e lhe passei toda a verdade, desde o dia em que eu o matei, das coisas que ele me disse e inclusive da filha da cozinheira. Ela chorava copiosamente, mas depois mostrei Shadowfalls, o meu destino, e resolvi cumprir a promessa que Luke não foi capaz de cumprir. Ela entendeu e seu abraço foi o melhor presente que pude ter.

— Eu vim buscar vocês — disse aos dois, baixinho.

— Vou poder conhecer meus bisnetos! — Norár comemorou mesmo enfraquecido e Alyra o abraçou em apoio.

— Apenas sua bisneta no momento — eu disse em tom de brincadeira. — Seu bisneto virá a você, quando chegar a sua hora.

Ele franziu o olhar, mas depois sorriu novamente. Estava demasiadamente feliz em saber que eu estava aqui para buscá-lo.

— Com licença! — disse uma voz em um tom nada agradável, enquanto se aproximava.

Eu cerrei meu olhar para ele.

— O que você quer, Kenneth? — perguntei amargamente.

— A pergunta, é o que *você* quer — ele disse de forma seca. — Você pode ter virado um dragão e ser rainha do seu povo, mas não pertence mais a este lugar! Sequer estamos no solstício de inverno para você dar o ar de sua presença.

— Kenneth disse de forma a querer me expulsar dali e todos começam a concordar com ele.

Escutei protestos de xingamentos contidos, porque ainda havia o medo de que eu os destruísse, mas minha presença de fato não era bem-vinda e eles tentavam mostrar isso.

Norár pediu silêncio, mas não o escutaram. Então ele ergueu a mão e todos se calaram.

— Tem razão, eu não pertenço mais a este lugar.

— Então vá embora! — ordenou.

Eu não queria discutir. Peguei Norár e Alyra pelas mãos.

— O que está fazendo? — Kenneth perguntou surpreso.

— Estou indo embora desse inferno e os levarei comigo!

— Isso é um ultraje! — Vaugan se pronunciou. — Como ousa tirá-los de nós? Ele é nosso líder e ela é a nossa melhor alfaiate!

Minhas mãos se iluminam em alerta e todos se calaram recuando assustados.

— Ainda não aprenderam que nenhum de vocês, principalmente seu líder, não me dão ordens mais? — perguntei friamente.

Vaugan abriu a boca duas vezes para falar, mas não sabia o que dizer. Kenneth então se aproximou.

— Se querem ir com você, então leve-os daqui agora! — Virou-se para o povo de Ardhem. — Não precisamos daqueles que, após anos conosco, nos trocam por alguém que já foi um escravo! Lembrem-se que foi ela — apontou para mim com desprezo — quem nos proibiu de ter quem nos servisse!

Os cidadãos de Ardhem gritaram ao concordar com as palavras de Kenneth.

Vaugan então olhou para Norár com desprezo.

— E pensar que eu te respeitei por todos esses anos.

Norár abaixou a cabeça.

— Pelos deuses, Norár! — Kenneth tomou a palavra novamente ao ver que Norár estava realmente decidido em deixá-los. — Ela é filha de um elfo! — disse com escárnio.

Estranhamente, me mantive calma e sequer estranhei a mudança de opinião repentina vinda de Kenneth, uma vez que todos sabiam que com a morte ou a saída de um líder, o aprendiz tomaria seu lugar. E Norár era o líder supremo.

Era tudo o que Kenneth queria. Eu sentia a relutância de Vaugan, mas Kenneth tinha outros planos.

— Prestem todos a atenção! — Kenneth calou o alvoroço. — Sou eu quem dito as regras agora! E durante o meu reinado, eu digo que aquela que nos tirou nosso líder, não mais terá o poder de decisão sobre nada em nossa aldeia!

Eles urraram em comemoração.

— Eu digo que, sob a minha liderança, nós voltaremos a ter escravos! E ela não mais será bem-vinda!

Norár e Alyra me olharam espantados, aguardando uma reação minha, mas eu estava serena, ouvindo suas palavras.

— Se você agora é um dragão, então vá dar ordens a eles! Você não pertence mais a nós, não tem nenhum poder de decisão sobre nosso estilo de vida! Norár pode ter permitido isso, mas eu, não! Jamais!

Naquele momento, os cidadãos se mostraram extasiados o venerando como se ele fosse um Deus. Os sábios e o outros aprendizes facilmente aceitaram sua liderança, principalmente pelas promessas que ele fez. Sabiam que sem minha intervenção, Ardhem poderia se tornar desprezível novamente. Não que nunca tenha deixado de ser, mas, muitas coisas eu havia conseguido mudar.

No entanto, havia um outro rosto que me olhava e suplicava para que eu o levasse. Alguém que não queria estar ali e o meu coração partiu-se novamente. Jonsin estava quieto e fitava o chão, sabendo que ficaria. Eu via Grand nele e tudo o que eu queria era poder lhe fazer esse convite de vir comigo também.

Eu me virei de costas para todos, enquanto eles comemoravam minha partida. Delicadamente, devolvi o manto a Norár e comecei a transformação. Enquanto aumentava de tamanho e meu corpo sofria a transformação, eles vaiavam em desgosto por eu ter me tornado uma criatura que eles tanto veneravam.

Virei-me para eles e, convictos de que partiria, me atiraram pedras ou vasilhames que carregavam. Claro que nada me feriu e muitos sequer chegavam a mim, mas o povo estava demasiadamente inconformado com minha presença.

Em seguida, vendo que não me afligiam com suas atitudes, eles mudaram o foco e começaram a ameaçar ferir Norár e Alyra.

Rosnei e abri minhas asas ameaçando-os. Eles se mostraram assustados como gatinhos indefesos. Aproximei meu rosto de Kenneth. Ele me temeu, mas não deu o braço a torcer.

Eu o peguei com uma das minhas patas e ele se desesperou, todos então começaram a gritar para que eu o soltasse. Assim eu fiz, o colocando no chão próximo aos meus pés. Ele molhou suas calças e começou a tremer.

Então estufei o peito, pegando fôlego, e o matei incinerado na frente de todos. Poderia carbonizá-lo em um segundo, mas fiz questão de que cada poro de seu corpo queimasse e lhe trouxesse uma dor insuportável, dor que o fizesse implorar por sua própria morte. Seu corpo ficou em brasas por um segundo, depois as cinzas

começaram a se espalhar e se perder no vento. Os cidadãos de Ardhem mais uma vez ficaram em choque.

— Escutem-me! — eu disse com uma voz estrondosa e muitos até urinaram nas próprias calças. — Para vocês eu era uma escrava, mas para os Dragões eu sou uma deusa! A famosa lenda da pedra é real, mas não existe somente uma e sim três! E elas correm dentro de mim!

Passei a todos as minhas visões somente nos momentos em que eu as absorvi e eles estremeceram aterrorizados ao ver que eu quase derrotei o líder dos dragões.

— Minha real vontade é exterminar todos vocês, mas prevejo um futuro bom a Ardhem, porque finalmente essa aldeia terá o líder que merece. — Olhei para Jonsin que se espantou. — Você cumprirá seu destino como líder supremo e todos irão amá-lo e respeitá-lo, caso contrário, eu me encarregarei de puni-los. — Olhei para todos ameaçadoramente.

— Kyara... — ele disse desamparado. — Eu não quero ficar.

Meu coração estilhaçou. Eu o entendia perfeitamente, mas não podia ir contra o destino.

— Confie em mim, as coisas irão mudar. — Encorajei-o e ele, mesmo que ainda relutante, aceitou.

Vaugan estava visivelmente insatisfeito, porque ele se achava no direito de assumir a liderança com a partida de Norár, mas não cabia a ele essa decisão.

— Então acha que ainda pode mandar em nós? Qual finalidade sinistra de suas ordens? Matar todos que se opõe a você? — Vaugan perguntou pretensiosamente.

— E não era isso que vocês fizeram por anos? E o que me diz dos castigos severos que submeteram os escravos?

— Você nos acusa de sermos cruéis, mas não é muito diferente de nós.

— O bem e o mal habitam em todas as criaturas, mas sempre um se faz mais presente que o outro. Não ouse me comparar a vocês. — Eu o ameacei. — Não me importo com o julgamento de uma espécie tão inferior, mas é necessário lembrá-los que não preciso de sua permissão para voltar.

Eu bufei uma fumaça forte que fez tossirem e sufocar por um momento, mas logo a dissipei, pois acabei afetando Jonsin.

— Eu digo que Jonsin é seu novo líder e não falo como escrava ou dragão e sim como deusa e com todo poder que me é permitido traçar destinos! Ousem me contrariar e sofrerão a fúria de vários dos meus!

Então, após um momento de silêncio, ele se ajoelhou contrariado para Jonsin e todos o olharam. Vaugan voltou o olhar para o povo e, com um gesto de mão, pediu que fizessem o mesmo.

Grand era amado apesar de tudo, e pelo fato de Jonsin ter tomado o seu lugar ainda tão jovem, principalmente nas cerimônias do solstício de inverno, ele ganhara

o respeito de seus cidadãos. Eu senti que iriam respeitá-lo, mas parte deles ainda relutava em aceitar que Norár os abandonou.



Eu nos teletransportei para Shadowfalls. Norár estava fraco e eu não podia ir contra o destino traçado, mas curar parte de suas dores e lhe dar um pouco mais de forças para que ele vivesse melhor seus últimos dias, não mudaria nada. Afinal, ele merecia por tudo o que fez.

Todos se juntaram para nos receber. Eles comemoraram minha chegada sem nem mesmo saber que aquele dragão era eu e, ao mesmo tempo, se perguntaram quem eram as pessoas que eu trouxera. Eles desconheciam, mas confiavam nos dragões e até então nenhum havia trazido humanos consigo, então a curiosidade abriu espaço para uma festa de boas-vindas aos novos habitantes.

Pousei e os coloquei delicadamente no chão, aos sons dos gritos e aplausos. Transformei-me novamente na minha versão mortal, mas consegui voltar usando minha armadura. Houve então aquele momento onde todos ficaram em choque, sem conseguir acreditar no que viram. Aidan então furou a multidão, trazendo Síndel pela mão e, calmamente, a soltou boquiaberto. Síndel levou as mãos à boca igualmente chocada.

— Kyara? — ele perguntou pasmo.

Eu sorri para ele e consenti.

— KYAAAAARA!!!! — Batia no peito orgulhoso — MINHA ESPOSA!!!!

Meu povo então urrou em comemoração por saber que sua rainha, além de imortal, era um dragão e que eles jamais correriam perigos novamente. Ele e Síndel correram para me abraçar.

Alyra estava estupefata. Ela girava em torno de seu eixo admirada com a beleza de Shadowfalls e olhava para todos com lágrimas nos olhos. Nem mesmo quando eu a vi com o Luke, a percebi tão feliz. Ela estava, pela primeira vez, realizada.

Síndel reconheceu o bisavô pela sua luz e os olhos dele brilharam uma felicidade que nunca pensei em ver nele. Ela queria abraçá-lo, mas o momento foi impedido por alguém que cortou a multidão descontente.

— O que ele faz aqui? — perguntou Owen visivelmente aborrecido.

Norár não pareceu surpreso em vê-lo vivo, mas fez uma pausa, constrangido pelo tom de voz inamistoso. Durante minha vinda, tive outras revelações surpreendentes de Norár, mas antes que pudesse passar a verdade para Owen como estava me acostumando a fazer, achei melhor deixá-lo contar pessoalmente.

— Owen... — Seus olhos brilharam de felicidade por vê-lo bem.

Ele queria abraçá-lo, mas sentiu que não podia, porque Owen o olhava com raiva.

— Não se aproxime! — Owen ameaçou.

— Os deuses falaram comigo durante anos e me revelaram coisas que os outros sábios nunca poderiam ter conhecimento.

— E eles te revelaram que eu não tomei a água? — perguntou friamente.

— Eu precisei mentir. — Norár abaixou o olhar abatido.

— E me condenar à morte injustamente?

— Você não entende. Eu te salvei!

Owen franziu o olhar indignado, olhando para os lados.

— Você é louco!

— Talvez eu seja, por ter permitido muitas injustiças, mas era o destino que os deuses haviam reservado para cada um. No entanto, todos que pude salvar, eu falsamente bani ou decretei mortes porque era o único meio.

— Acredita mesmo em cada palavra que ele diz? — Owen me perguntou sem paciência e eu acenei com a cabeça positivamente.

— Eu tive uma visão das sereias te ajudando na hora que os dragões sobrevoaram a aldeia e então eu tive essa ideia. Eu precisava tirá-lo de Ardhem, porque lá não era o seu lugar e porque sua irmã estava se tornando uma pessoa que eu desaprovava. Não queria que ela te influenciasse.

— E quanto aos escravos que morreram pelas sereias? — perguntou ainda relutante em acreditar.

— Eles mereceram!

— Nenhum deles merecia! Como pode dizer que tentou me salvar se foi capaz de fazer algo tão cruel com eles?

— Você realmente não entende... — Norár disse com um certo pesar. — Quando Kyara nasceu, ela foi dada a um grupo de escravas que foram obrigadas a cuidar dela por uns anos. Mas elas tinham famílias que não aceitaram porque Kyara não era um membro da aldeia. Maltrataram a minha própria neta, um bebê de poucos meses, se negando a dar leite toda hora que ela tinha fome ou até mesmo a agredindo fisicamente.

Owen engoliu a própria saliva com dificuldade.

— No entanto, havia aqueles que se recusavam a deixar que um bebê sofresse maus tratos e, portanto, a pegaram para tomar conta. Kyara ficou bem nas mãos deles e eu torcia a cada segundo para que tomassem amor por ela. Infelizmente isso não ocorreu. A ida para Weston foi a oportunidade perfeita para punir e salvar todos aqueles que mereciam. As sereias saberiam, através da deusa Mereen quem deveria morrer e quem deveria ser salvo.

— E como os escravos nunca notaram as orelhas dela? — Cruzou seus braços de modo a pegá-lo na mentira

— Porque as pontas não eram tão evidentes. Elas começaram a tomar forma à medida que ela crescia, e foi quando Grand deu o gorro para que ela pudesse

escondê-las.

Eu passei toda a verdade não somente para ele, mas para todos, porque queria convencê-los de que Norár não estava mentindo.

Owen ficou convencido, mas senti um constrangimento de sua parte pela forma tão hostil que ele agira anteriormente.

—Eu lamento que me odeie, mas entendo que é difícil esquecer tudo o que te fiz passar, mesmo que eu fizesse pelo seu bem. — Fitou o chão, cabisbaixo. — Espero que um dia, de preferência antes de minha morte, você possa me perdoar.

Owen fitou o chão por um segundo. Era difícil esquecer o passado, mas impossível de não acreditar ou se sentir tocado com as palavras de Norár. Em silêncio, foi até e ele, abraçando-o em seguida.

Norár então se emocionou, sorrindo ao derramar as lágrimas.



Capítulo 33

Toda espécie que não possui asas, um dia se perguntou como seria poder voar. Eu aprendi e me tornei a deusa suprema dos dragões, mas, talvez, por ainda ser bem recente, não havia me acostumado. Trouxe Alyra e Norár para Shadowfalls e mais estranho do que ter de me acostumar em ser imortal, era acompanhar os últimos dias da vida de alguém.

Pousei próximo a um lago e o vi fraco, de corpo curvado. Minha enorme sombra o cobriu enquanto eu pousava e ele suspirou ao me reconhecer. Bati minhas asas o mais devagar possível e mesmo assim causei um vento que levou seus cabelos para frente. Ele sequer os ajeitou.

Voltei então à minha forma mortal. É estranho falar assim, porque foi ontem que tudo aconteceu e eu ainda relutava em aceitar que essa não era mais a minha forma original.

— Se lembra desse lugar? — perguntou com a voz rouca e fraca.

Em silêncio, fiz um gesto positivo com a cabeça e em vão lutei contra as lágrimas que escorriam pelo meu rosto.

— Nem parece que faz tantos anos — respondi chorando ao pegar sua mão.

Ele voltou seu olhar para mim. Seu rosto estava velho, suas mãos estão trêmulas, mas seu sorriso ainda me encantava.

— Não sou tão jovem como costumava ser — ele lamentou. — E nem tão atraente aos seus olhos.

— Você nunca mudou para mim. — Beije delicadamente seus lábios.

Aidan começou a se cansar e eu o segurei para que ele não caísse.

— Eu só queria olhar esse lugar pela última vez — ele suspirou.

Nós deuses podemos prever a morte dos mortais e eu acreditei ter me tornado mais forte quando meu filho escolheu ficar no mundo dos mortos, acreditei que minha imortalidade havia reforçado qualquer sentimento de fraqueza que eu tinha quando mortal. Mas acho que me equivoquei, porque imortalidade alguma me

impediria de sofrer com a despedida daquele que fora meu companheiro por décadas e o único quem eu realmente amei.

Então eu o tomei em meus braços e me sentei. Ele estava enfraquecido e eu chorava copiosamente. De repente, senti a luz de um portal se abrir atrás de mim e dele saiu Síndel e sua filha adolescente.

— Vovó! Vovô! — gritou Mayfred.

Ela correu e se sentou próximo a nós. Aidan sorriu quando a viu, mas ela chorava.

Síndel, que havia se tornado uma linda mulher, estava parada próxima a nós, com as mãos a boca e os olhos arregalados. O rei de Shadowfalls, se juntou a sua esposa e a abraçou em apoio.

— Algum dia pensou que poderia amar tanto alguém a ponto de ultrapassar o amor que tem pelos próprios filhos? — Aidan me perguntou maravilhado, ao fitar nossa linda neta.

Suas orelhas levemente pontudas e seus cabelos brancos me lembravam a mim quando jovem. Síndel casou-se um guerreiro elfo e toda vez que eu via minha neta, meu coração exaltava alegria, não por ela ser mestiça, tendo sangue élfico, e sim porque Mayfred nunca veio a sofrer o que eu sofri, por ser fruto de um amor entre espécies diferentes.

Síndel se juntou a nós, mas o rei se manteve de pé em respeito.

— Pai, a sua luz... — disse aos prantos. — Está se apagando...

Próximo a nós, um lobo negro surgiu e nos olhou com as orelhas baixas. Ele passou por trás de uma árvore e saiu da forma humana do outro lado. As lágrimas aumentaram no exato momento em que o vimos, porque era doloroso demais aceitar a partida de Aidan. Até mesmo para Kai.

— Meu filho.. — Aidan disse surpreso. — Você veio me buscar?

— Você é meu pai. É claro que eu viria — Kai respondeu com a voz falha.

Síndel se levantou quando Kai se aproximou e os dois se abraçaram. Ele lamentava a dor que estava causando à família por levar Aidan e lamentou não ter crescido junto com a irmã, mas gostava de governar o reino dos mortos.

Tudo na vida tem seu lado bom e ruim, e apesar de Kai ter sido forçado a aprender o peso de tais responsabilidades de uma hora para outra, ele aprendeu muito bem. Nós olhamos para nossos filhos com orgulho. Éramos pais de um Deus e uma rainha, que, antes de tudo, tinham almas boas.

— Virá me buscar também, quando chegar minha vez? — A irmã lhe perguntou e ele consentiu.

— Claro que sim. — Os olhos se encheram de lágrimas e, de forma brincalhona, ele afastou da irmã.

— Eu sou o Deus do reino dos mortos e vocês me fazem chorar? E a minha reputação, como fica? — Ele brincou, tentando se manter sério.

— Kai... — Ela segurou seu braço. — Sinto tanto sua falta.

— Penso em vocês o tempo todo — ele disse com a voz embargada, depois se vira para mim. — Está na hora.

Eu encarei Kai nos olhos e percebi toda a dor que ele carregava naquele momento, mas sabia que estava cumprindo seu dever.

Chorando, voltei meu olhar para Aidan que já estava morto em meus braços. A vida deixou seu corpo tão rapidamente que eu nem fui capaz de perceber.

Apertei-o contra mim e chorei minhas últimas lágrimas. Então notei alguém em pé à minha frente.

Levantei meu olhar para a pessoa e Aidan estava jovem novamente. Ele estava radiante e entendeu que precisava partir. Seu sorriso era um acalento para todos. Ele deu a última olhada para nós e os dois começaram a caminhar para longe.

— Pensa que não o ouvi dizendo que ama mais sua neta do que seus filhos? — brincou e Aidan riu.

— Está com ciúmes?

— Não esqueça que está falando com um Deus! — gabou-se de forma a querer se mostrar superior.

— E daí? Ainda sou seu pai.

— Deveria levá-lo para o labirinto por uns dias como punição, pelo o que eu ouvi. Mas como você é meu pai...

— É obrigado a me levar para o lado bom de seu mundo — brincou vitorioso.

— Até porque se eu não o fizer, conheço alguém que me daria uma bronca daquelas. — Riu.

Nessa hora, Kai parou um instante e indagamos do que ele estaria falando.

— No reino dos mortos, conheci uma mulher muito boazinha, mas muito mandona e teimosa, que insistiu em vir. — Ele nos olhou e se divertiu com a nossa dúvida.

O portal finalmente se abriu e vimos um lugar maravilhoso, como um lindo jardim. Mas quando notei a árvore de macieiras, me emocionei ainda mais por reconhecer de quem era aquele desejo.

Izobel apareceu e, emocionados, os dois correram na direção um ao outro. Eles se abraçaram em prantos e depois Aidan nos mostrou a ela.

Sua emoção atingiu o ápice quando ela enfim conheceu a neta e a bisneta. O portal então se fechou no exato momento em que nossos olhares brilharam ainda mais ao se cruzarem.

Ainda aos prantos, me levantei com o corpo sem vida de meu marido e Síndel conjurou um portal, que nos fez sair próximo ao lago central.

Síndel já havia sentido pela luz que seus dias estavam terminando, portanto, mandou preparar uma cama com flores e cristais, onde seu corpo se deitaria para ser cremado.

Todos abriam caminho para que passássemos e, em seus olhares, havia as lágrimas dolorosas da despedida do antigo rei. Abaixaram a cabeça em respeito e o momento que deveria ser silencioso, fora quebrado pelos soluços e lamúrias de todos aqueles que lamentavam sua partida.

Passei pela estátua de Izobel, depois pela minha e a de Aidan, construídas ao seu lado em homenagem aos antigos rei e rainha de Shadowfalls. Durante todos esses anos, ao olhar para as estátuas, me senti honrada, mas como aprendi com meu filho que deuses também podem ter senso de humor, nunca deixei de notar o nariz que botaram em mim. Como era grande! No entanto, um detalhe pequeno, comparado ao lindo gesto.

Eu sabia que os centauros e os elfos se fariam presentes, mas não deixei de me emocionar ao vê-la. Era a cara da mãe, e sua metade equina era cinza pela mistura das cores de seus pais.

Ela se aproximou em lágrimas, acariciando e beijando o rosto de seu tio em despedida.

— Que bom que veio, Fállan. — Sorri maternalmente para ela, que me devolveu um sorriso carinhoso.

— Não poderia deixar de me despedir — ela lamentou.

Fandra e Tartus já haviam partido há uns anos, e por mais que ela fosse amada pelos centauros, Aidan era seu último parente vivo.

Havia mais rostos conhecidos por lá. Megan nunca perdera a beleza com a idade. Ela ainda tinha o mesmo brilho nos olhos. Tristan havia se tornado igual ao pai, Anika era uma linda mulher, mãe de três filhos e Gael, aquele bebê que Megan esperava, já era um homem alto, forte, lindo e o futuro rei de Weston.

Ele era amado e respeitado e eu ficava feliz em saber que mais um reino teria um rei bondoso e que amaria seu povo como seus filhos. Gwen e Síndel se tornaram muito próximas e mesmo anos mais velha, Gwen estava lá, ao lado da minha filha naquele momento doloroso.

Um grupo de magos trouxe a cama que Síndel mandou fazer. E que belo trabalho!

Todos se fecharam em círculo por trás de nós, enquanto eu botava delicadamente o corpo de Aidan sob a cama. Fállan voltou a chorar, mas Síndel e Gwen se aproximaram dela.

— Você nunca estará sozinha — disse minha filha e ela consentiu.

— Agora sim.. — Ela suspirou em meio a lágrimas. — Adeus, meu pai. — Tocou seu corpo delicadamente, e por dentro da pele envelhecida de Aidan, pequenas

faíscas surgiram e dançaram, enquanto queimam seu corpo.

As chamas o consumiram de dentro para fora, até finalmente tomá-lo por inteiro.

Horas se passaram e Síndel agora carregava uma urna com as cinzas do pai a serem jogadas no lago central.

— Parte das cinzas ele desejava que fossem jogadas no rio próximo a Weston, onde nos conhecemos — informei carinhosamente, acariciando seu braço. Síndel consentiu em silêncio.

Ela entrou no lago, sem se preocupar em molhar o vestido. As sereias, tanto as noturnas quanto as outras, se afastaram para lhe dar passagem. Foi a única vez, em plena luz do dia, que eu as vi chorar de forma tão intensa. Aliás, nem mesmo em noites de lua cheia elas chegaram a chorar tanto. Síndel era tão amada por elas, que seu sofrimento as atingia, mais até que a dor da morte de Aidan.

Ela despejou metade das cinzas, que se espalharam e sumiram pelo enorme lago. Um redemoinho surgiu e a deusa Mereen mais uma vez se fez presente, afinal Síndel também era um ser das águas.

Mesmo triste, ela sorriu ao ver a deusa.

— Também veio para se despedir? — Síndel perguntou carinhosamente.

— Não exatamente — Mereen respondeu em um leve constrangimento e foi a primeira vez que eu a senti arrependida.

Síndel franziu o olhar para ela.

— Vim reparar um erro que deveria ter reparado há anos.

Todos se questionaram sobre o que ela dizia, mas eu preendi o fôlego emocionada, por saber o que ela iria fazer.

Mereen respirou fundo e abriu os braços para mover as águas. Elas se mexeram rodeando e subindo pelo corpo das sereias noturnas, cobrindo-as completamente. Da água, fumaças acinzentadas e densas saíram e dissiparam-se no ar, no exato momento em que as águas caíram, as sereias noturnas se viram livres da maldição.

Surpresas, elas olhavam suas mãos e tocavam seus rostos emocionadas, ainda incrédulas de que tiveram seus encantos devolvidos. As outras sereias as abraçam para comemorar e todos de Shadowfalls que antes choravam de saudades por Aidan, agora comemoram pelas sereias noturnas.

— Os deuses também cometem erros — ela disse. — Não cometa você também. — Aconselhou de forma maternal. — Muitas vezes o poder fala mais alto que a razão.

Então Kai apareceu. As poucas vezes que ele veio até nós, nunca tinha sido para buscar alguém, uma vez que ele buscava as almas já fora de seus corpos, invisíveis para os olhos dos humanos ou qualquer criatura mortal.

No entanto, sua presença causara dois tipos de reações, porque meu povo temeu que ele viesse buscar as almas dos enfermos.

— Alguém vai embora hoje — ele disse a todos e eles começaram a se questionar quem seria.

Como eu disse, havia muitos enfermos entre nós, mas ninguém queria partir.

— Relaxem. — Ele disse, brincalhão. — A partida não virá pelas minhas mãos. Na verdade, eu vim me despedir. — Ele me olhou.

Como Deus, ele sabia que o meu destino fora traçado e eu precisava cumprir meu dever.

— Eu preciso parar de contar as coisas para alguns que eu levo. — Kai riu. — Desde o dia em que busquei Arturo e contei sobre hoje, não tive um dia de paz sem que ele não me fizesse prometer estar presente.

— Então só veio porque ele pediu? — perguntei amargamente, cerrando meus olhos, mesmo que já soubesse da resposta. Depois nós dois rimos e nos abraçamos forte.

— Mãe? — Síndel perguntou com um leve tom de desespero. — O que ele está dizendo?

— Que está na minha hora de partir, meu amor... — A olhei emocionada.

— Perdi meu pai hoje... Agora você? — ela disse desamparada e meu coração estilhaçou.

Ela sempre seria aquela menina indefesa para mim e deixá-la seria ainda mais doloroso.

— Por que você tem de ir? — Síndel insistiu.

— Porque eu preciso me juntar aos dragões do conselho — expliquei.

Síndel ainda lamentava, mas pareceu entender.

— Por que me sinto como se estivesse perdendo a minha mãe? — Ela limpou as lágrimas e seu marido afagou seus ombros com força para consolá-la.

— Você jamais vai me perder — garanti. — Você cresceu, se tornou uma linda mulher, respeitada e amada pelo seu povo e sua família. Você já não precisava mais de mim há anos, mas seu pai estava velho e ele sim precisava. Como me recusei a abandoná-los, o acordo foi que, em seu último dia de vida, eu cumpriria com meu destino.

— Vai voltar para nos ver? — ela perguntou abatida e me partiu o coração saber que não poderei cumprir minha promessa.

Pela minha luz, ela já soube a resposta e, por mais que eu quisesse abraçá-la, percebi que devia me manter firme. Síndel podia ainda ser muito sensível, mas quando entendia a gravidade de uma situação, ela conseguia ser mais forte do que eu.

Ela consentiu. Sua filha então se juntou a ela.

— Kai? — Uma voz cortou a multidão e Drana apareceu.

Ela estava uma linda dríade adulta. Seu carvalho cresceu forte e ela ainda possuía a alma daquela pequena muda em desenvolvimento que brincava com meu filho quando criança.

Kai se virou e prendeu o folego por um segundo ao ver a velha amiga.

— Há dríades no mundo dos mortos? — perguntou com um sorriso brincalhão.

— Estão todas no lugar bom, mas você vai para o labirinto — respondeu sério.

Ela franziu o cenho para instigá-lo.

— Não é porque você é um Deus, que poderá me derrotar, me jogando na água.

Ele logo desfez o semblante sério e riu.

— Sinto saudades — disse e ela consentiu emocionada.

— Bom... — falei pegando fôlego. — Está na minha hora.

Meus filhos se juntaram a mim em um abraço apertado e, juntos, choramos mais um pouco. Minha neta em seguida correu e se juntou a nós também.

— Cuide da sua mãe e de Shadowfalls quando chegar a hora, está bem?

Ela consentiu em lágrimas.

Eu olhei para todos que se juntaram em uma multidão emocionada. Acho que eles estavam sofrendo mais do que eu com a minha partida. Fitei o lago central, repleto de sereias lindíssimas e tive uma rápida visão que confortou minha alma. Elas jamais deixariam Shadowfalls, que fora seu lar por anos.

Eu as via encontrando com suas famílias, mas também as via felizes, como sempre estiveram, assim como os tritões também. Mas a melhor notícia, aquela que me faz partir mais feliz em saber, surgiu majestosamente próxima à margem, perto de onde eu estava. A deusa Mereen não livrou somente as sereias noturnas de sua maldição.

A única sereia de cabelos negros e olhos verdes, também chorava com a minha partida. Se já era estarrecedor deixar minha família e meu antigo povo, imagina ter de deixá-la também? Maleena era minha melhor amiga e, mesmo amando minhas irmãs, ela era quem eu tinha uma maior ligação.

Não havia palavras para expressar o quanto era gratificante vê-la finalmente livre e talvez esse também fosse o motivo que faria minha partida ser tão dolorosa. Só de pensar nas conversas que deixaríamos de ter, os momentos que deixaríamos de dividir... Mas o destino também poderia ser cruel, inclusive para mim.

Beije-i-lhe a testa com força e, calmamente me distanciei dela. Eu queria dizer o quanto ela estava linda e poder ouvir sua voz.

— Durante todos esses anos sem poder falar... E agora que eu posso, me faltam palavras. — Ela encolheu os ombros, brincalhona.

— Acho que já falou o suficiente — disse feliz em tê-la ouvido.

Ela sorriu.

— Há algo que posso fazer por você — ela disse feliz com a ideia que acabara de ter.

— E o que seria? — perguntei com um enorme sorriso.

— Posso cantar para marcar sua partida.

— Mas aí eu não vou querer partir.

— Então fique um pouco antes de ir. Sempre quis cantar para você.

Nessa hora, todos os presentes aguardaram ansiosos pelo seu canto e nem mesmo as ex-sereias noturnas quiseram acompanhá-la. Poder voltar para suas famílias era demasiadamente mais importante que suas vozes, mas Maleena era solitária, mesmo rodeada de suas irmãs, elas também sentiam falta de poder ouvir a voz que sempre fora considerada a mais linda de todas. Eu sentia as perguntas internas de muitos que se questionavam se ela seria capaz de cantar, uma vez que ficou calada por anos, mas como deusa, eu sabia que Mereen levou embora a maldição e os danos que os anos causaram em suas cordas vocais pelo silêncio. Era como se ela nunca tivesse se calado.

Ela começou e logo Shadowfalls, inclusive os arredores, foram tomados por aquela voz tão incomparável a qualquer som que eu já ouvira antes. Seu canto foi um acalento para nossas almas, que há pouco sofreram com a partida de Aidan e que em breve sofreria com a minha.

Mereen me olhou satisfeita quando percebeu aquilo que eu acabara de tomar conhecimento. Sua voz era encarregada de algo que ia além de hipnotizar, ela curava as dores das almas em sofrimento e aquela voz que eu tanto temi ouvir, com medo de tornar minha partida ainda mais dolorosa, me encheu de forças e vontade de cumprir meu destino.

— Como está minha luz? — perguntei à minha filha em um tom emocionado.

— Mais linda do que nunca! — ela respondeu radiante, com um amplo sorriso.

Dei uma última olhada para todos, escutando os soluços e o pensamentos, me desejando coisas boas e agradecendo por tudo o que eu fiz. Eu me emocionei ainda mais. Agradecia mentalmente pelo fato das outras sereias não terem se juntado a ela, naquela melodia que eu amava ouvir até o final. Para eles, eu era muitas coisas: Uma eterna rainha, uma deusa, irmã, amiga, avó e mãe. Para mim, eu ainda era aquela escrava assustada de Ardhem, que se sentava à noite no meu quarto, com medo de ir embora.

Após a transformação, levantei voo e minha sombra refletiu pelas enormes montanhas que guardavam o cemitério dos dragões. Eu parei no ar um segundo, para contemplar no topo da montanha a gigantesca estátua de pedras brancas de um cervo, onde as águas da cachoeira corriam por entre suas patas. Seus olhos foram esculpidos de pedras marinhas e no topo de seu chifre, um corvo feito de pedras negras pousava imponentemente.

Meu pai e meu avô não estavam ali, mas estariam comigo em todos os momentos da minha vida dali em diante. Shadowfalls ia ficando para trás e sumindo entre as nuvens, à medida que eu voava mais alto.

Arturo esteve comigo desde o início, quando tive de partir de Ardhem pela primeira vez e quando Aidan me buscou no dia que precisei deixar Weston. Essa foi a minha primeira partida solitária e a mais dolorosa, porque não havia dor maior do que ter de deixar o meu verdadeiro lar.



Havia uma multidão quase infinita de dragões que me olhava do solo e faziam festa com minha chegada. Eu voei mais firme e reto, esticando e vibrando minhas asas por uns segundos. Isso me foi ensinado como um gesto de respeito que os líderes do conselho fazem quando voam.

Depois de percorrer por quase todo território dos dragões, pousei próxima aos portões do conselho, onde a multidão me dava passagem ao chegar para os lados e formar um corredor.

Os portões se abriram como feixes de luz e lá dentro eu vi meu pai, meu filho, meu avô, minha mãe Mereen, Shai e vários outros deuses pertencentes a outras culturas, desconhecidos por mim. Todos me olhavam satisfeitos e o caminho já estava aberto para que eu passasse.

Khoma, Khadra e Ocshantra também estavam no solo, deixando todos os cristais vazios.

— Você demorou — falou Khoma em um ar meio sério.

— Pensei que a vida de um humano passasse como um sopro se comparado ao tempo de vida de um dragão — questionei-o amigavelmente.

Olhei para o topo do meu cristal, onde Ságron liderou por tantas décadas e que agora era meu por direito. Levantei voo e pousei majestosamente, ao olhar atento do conselho e de outros deuses.

Inspirei fundo e minha vida passou como um *flash* diante de meus olhos. Eu havia terminado um ciclo, mas minha vida de verdade, estava apenas começando. Eles então aguardaram meu discurso.

— A imortalidade ainda não me afetou a ponto de eu reconhecer quem acabei me tornando, mas sei que esse dia está por vir e está próximo. No entanto, jamais deixarei de reconhecer a importância de cada um aqui presente e por isso o meu respeito por todos é tão grande quanto o que eu sinto vir de vocês. Que possamos trabalhar juntos a fim de mantermos a paz entre os mundos e os povos.

Eles aplaudiram e vibraram, e enquanto eu olhava aquela multidão alvoroçada com minha presença, mais uma vez eu me vi como aquela escrava de Ardhem. Meu olhar parou ao ver Kai na multidão. Ele sorria, gritando por ver a mãe assumindo

uma posição importante, mas como Deus, ele sabia que o orgulho que sentia por mim jamais poderia se comparar ao orgulho que ele me dava.

Fechei meus olhos e inspirei enquanto sentia os dragões do conselho tomar seus lugares, e quando abri os meus olhos e encarei a todos novamente, fui tomada por uma coragem repentina e uma urgência de cumprir o meu dever.

A imortalidade acabara de surtir o efeito sobre mim, efeito que deveria ter se feito presente logo de início, mas eu entendi o porquê da demora.

Shadowfalls ainda precisava de mim na época e se eu tomasse meu lugar, teria perdido minha filha crescer, minha neta nascer e não teria ficado ao lado de Aidan durante seus últimos dias. Nenhum Deus, seja qual for, deve ser afastado de sua família se o propósito o qual ele vai servir, está longe de acontecer.

Eu estou pronta para cumprir meu destino, mas não há forças que me façam esquecer Shadowfalls e tudo o que eu vivi por lá.



Capítulo 34

De todas as dimensões que conheci, a que eu estava era a minha favorita. Uma natureza diferente de todas que eu já havia visto. Vegetação que mudava de cor e tamanho quando os raios do sol ou luzes da lua refletiam sob sua vasta extensão, e era isso o que mais me encantava. Eu poderia caminhar ou voar sob elas e mesmo estando no mesmo lugar, sempre senti que voava por locais diferentes.

Pousei e parei diante da enorme rocha próxima à linda cachoeira. As águas pareciam produzir uma leve melodia ao cair e eu sorri ao ver a enorme silhueta negra se formando por trás da parede de água.

Ságron cortou a cachoeira e sacodi o corpo para se secar. Em seguida ele voou sob os raios de sol e pousou no solo de tapete de musgo.

— Ansiava pela sua vinda — ele disse respeitosamente.

— Por séculos eu vi esse lugar em minha mente e ansiei por vir.

— Pensei que quisesse me ver.

— Eu precisei esperar — respondi de forma polida.

— Pensei que estivesse viva tempo o suficiente para saber que eu não mudarei de ideia.

— Mas seus sentimentos mudaram. A solidão lhe fez bem.

Ele consentiu.

— E o que aguardou por todos esses anos para me dizer, Ságron?

— Você é ciente de meus sentimentos, Kyara. Logo, sabe quais são as minhas palavras.

— Se não me engano, ouvi-lo dizer que ansiava pela minha vinda. Não creio que ansiou por séculos para me ver e não dizer nada.

Ele inspirou, olhando para o horizonte.

— Obrigado, Kyara. Por não ter dito nada quando voltou do conselho com os espíritos.

— Eu achei que seria melhor não falar.

— Os dragões já estavam decepcionados demais — ele disse com um certo pesar.
— Eles jamais deixariam de amá-lo.
— Ainda me pergunto como isso é possível.
— Porque nossa espécie é a mais benevolente de todas. Eles não concordaram com seus atos, mas entenderam que atrás de toda essa ganância, havia amor por eles.

— Penso diferente. A profecia foi cumprida. Se eu tivesse conseguido estragar tudo, talvez eles me odiassem. Talvez nem existissem mais. Talvez eu seria diferente.

— Mas você é diferente agora.

— Sabe Kyara... — Ele inspirou fundo. — A solidão me fez bem, mas o ser ganancioso ainda habita dentro de mim. — Ele então se deitou.

Estava fraco e todo o esforço para manter sua voz polida começava a dar sinais de falha pela fraqueza. Eu vooi e pousei perto dele, me transformando na minha antiga forma mortal, como há séculos não fazia.

— Eu não faria nada diferente se pudesse ter voltado atrás no tempo ou se você tivesse me dado outra chance, enquanto eu ainda tinha vitalidade. — Ele tossiu algumas vezes e a minha mão se iluminou tocando seu enorme focinho como um acalento, livrando suas dores.

— Não vim aqui para isso. Mas como Fílmor costumava, dizer, a gente se apega na esperança de que a eternidade possa dar voltas e as criaturas mudem.

— Não perderia seu tempo, se estivesse em seu lugar.

— Seu tataravô me disse que os deuses não poderiam prever o sequestro de Kai, mas que todo conselho deveria saber. Você bloqueou isso de todos, fazendo-os acreditar em uma visão concedida apenas a você, pois só assim seu plano daria certo.

— Kai precisava ser sequestrado.

— Mas Fílmor não precisaria ter morrido — falei com um tom de saudade na voz e ele percebeu. — Kai teria governado o labirinto e Fílmor governaria o lado bom do mundo dos mortos. — Suspirei decepcionada.

— Esse foi meu único erro. Forjei uma arma que pudesse matar um Deus, pois eles poderiam facilmente derrotá-la. Uma arma fatal para eles seria o único meio de Christine vencê-los e concretizar meu plano. — Notei lágrimas de arrependimento formando-se em seu gigantesco olho.

— Você fez uma grande confusão. Isso sim — afirmei com o tom de voz mais sério.

— Ao menos a profecia foi cumprida, Kai está fazendo um excelente trabalho, governando os dois lados e você pelo que me permite enxergar, também está cumprindo seu dever. Melhor do que eu teria feito, devo admitir. Eu a vejo guiando

os anciões para morrer em Shadowfalls, vejo todas suas batalhas e todas as suas vitórias. Aliás, por que permite que eu veja certas coisas?

— Porque sei que você se importa — falei carinhosamente.

— Nunca deixei de respeitá-la, Kyara. E sim, eu me senti mal quando você me deu as visões de Kai indo buscar a irmã e a sobrinha.

— Não há eternidade que cure as dores deixadas pela morte da minha família. — Meus olhos encheram de lágrimas, mas eu me contive. — Síndel, quando se tornou uma deusa, resolveu ficar no mundo dos mortos, porque ela sabia que não poderíamos nos encontrar com a frequência que ela gostaria.

— Sua linhagem ainda vive.

— Eu não convivi com eles.

— Shadowfalls ainda tem a proteção dos nossos. Se é que ainda posso me considerar um.

— Shadowfalls sempre terá a proteção dos dragões e você sempre será um de nós. O único que cometeu um erro, mas, ainda assim, é um dragão que foi muito amado e respeitado.

— Por que não veio antes?

— Pensei que gostasse da solidão.

— Eu gosto. Por mais que aprecie sua companhia, vê-la me faz lembrar de quem eu fui e o que fiz. Arrependo-me amargamente, mas me é demasiadamente doloroso saber que não aprendi com meus erros, nem mesmo em meu último dia de vida.

— Não posso mudar nada que há dentro de você, a não ser suas dores físicas e me é doloroso saber que esse seu lado não mudou.

— Por que não me deixa morrer sozinho? — ele perguntou ciente de que não merecia minha compaixão.

— Não pude me despedir da minha filha ou neta, então não poderia deixar de me despedir de um velho amigo.

— Obrigado, Kyara. Por séculos acreditei que a solidão me fazia bem, mas devo admitir que sua companhia me agrada nesse momento. Desculpe-me pelos meus erros e por não conseguir mudar — disse decepcionado em seu último suspiro.

Vi sua pupila dilatar, enquanto seu olho revirava. Em lágrimas, fechei sua pálpebra como quem fecha uma cortina e deitei meu rosto em sua bochecha. Sim, eu chorei sua morte. Suas escamas negras ainda brilhavam como joias e mesmo sabendo que ficariam assim por um tempo, tive urgência em me afastar antes que elas ficassem opacas. Não precisava de uma visão mais triste do que ver seu gigantesco corpo sem vida à minha frente. De todos os dragões que eu ajudei com a partida, nunca um me fora tão doloroso como ele.

Caminhei lentamente sem olhar para trás, me aproximei do lago cristalino e inclinei meu corpo para enxergar meu reflexo levemente modificado pelas

ondulações da água. Vi meu rosto pela primeira vez em séculos e me lembrei daquela que um dia fui e decidi que esta seria a última vez que veria seu rosto.

Voltei meu olhar para o corpo de Ságron. Ele parecia adormecido ao invés de morto, pois finalmente descansou e eu suspirei com um certo pesar. Aquela criatura que eu respeitava, apesar de tudo o que fez, deixaria saudades, assim como todos que eu amei um dia. A imortalidade só era desejada por muitos, porque eles não sabiam a dor que era viver se despedindo de todos aqueles a quem amamos. Imortalidade te dá poderes que pesam e responsabilidades que nem sempre você esperou ou quis ter, porque foge do seu controle e dos teus reais desejos.

Minhas ações ainda iriam magoar milhões que aguardavam algo diferente de mim, porque nem sempre um Deus pode atender aqueles cujos pedidos diferem de seu destino já traçado. E lamentarei profundamente a dor do fardo que muitos irão carregar sem merecer, pois o destino é uma caixa de supressas, mesmo que muitas vezes desagradáveis.

Eu apenas inspirei fundo e segui adiante com o que me foi dado, pois não havia outra saída. Senti-me constantemente triste por não usar minha imortalidade para viver em Shadowfalls, onde sempre chamarei de lar, mas como disse, não temos controle do que nos é dado.

Meu reflexo nas águas se modificou e eu voltei à minha real forma.

— Adeus, Kyara — eu disse já completamente transformada. — Adeus, Ságron. — Olhei para o corpo do dragão que deixaria outro buraco em meu peito pela sua partida.

Levantei voo e abandonei mais do que o corpo de um dragão mas, sim, todas as lembranças do passado, pois sempre é preciso seguir em frente.

FIM



Nota da autora:

Levei cinco anos escrevendo sobre Kyara e mesmo que pareça loucura da minha parte dizer o que você está prestes a ler, saiba que sempre fui a primeira a levantar a mão para assumir que nunca fui muito normal.

Sofri e vibrei com Kyara, a cada linha que escrevi e a cada situação que descrevi ser vista pelos olhos dela, de tal forma que muitas vezes me perguntei se ela realmente não existe em uma outra dimensão e me escolheu como veículo para contar sua história.

Personagens que nem eram para existir, surgiram como uma força absurda, dando riqueza ao livro. Por muitas vezes sonhei que conversava com um deles ou sonhei com cenas que tomaram vida na minha escrita, abrindo portas para novos acontecimentos fora do meu esboço, e que mudaram caminhos já traçados de personagens em minha mente.

Por isso, me é demasiadamente doloroso terminar essa longa trajetória de cinco anos, mas, como tudo na vida, sempre precisamos de um fim.

E se minha loucura estiver correta, obrigada, Kyara, porque entre tantas mentes brilhantes nesse mundo dos trouxas, como somos chamados em Harry Potter, você escolheu essa maluca para contar sua história.

Por fim, obrigada novamente a você, meu leitor, a peça mais importante da minha trajetória. Espero que Kyara tenha tocado sua vida como tocou a minha.

Juliana Cherni.



Table of Contents

Kyara Morrigan e a Guerra de Shadowfalls: ((LIVRO1)).

Folha de rosto

Ficha técnica

Dedicatória

Mapa

Prologo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Kyara Morrigan e a Profecia dos Dragões: ((LIVRO-2)).

Folha Rosto

Ficha Técnica

Dedicatória

Capítulo 1

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Nota da Autora](#)